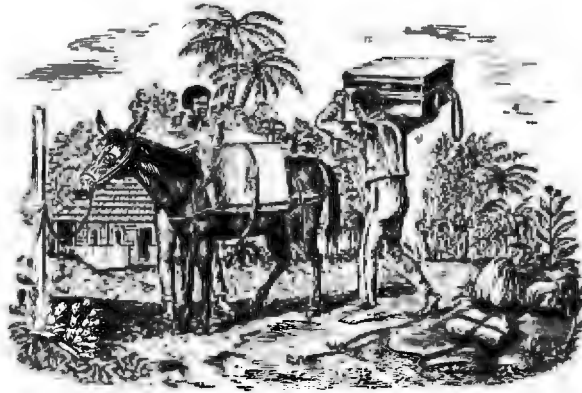


P. ANTONIO COLBACCHINI
& P. CESAR ALBISETTI

OS BORÓROS ORIENTAIS

Orarimogodógue do Planalto Oriental
de Mato Grosso



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

BRASILIANA

Série GRANDE FORMATO

Sob a direção de Fernando de Azevedo



A SÉRIE "BRASILIANA" que, lançada há pouco mais de dez anos, já completou a segunda centena de volumes, é a maior, mais vasta e mais completa biblioteca de estudos brasileiros. O êxito invulgar que devemos à simpatia com que o público acolheu essa iniciativa e ao apóio franco e generoso que nos trouxeram os aplausos de uns e a colaboração valiosa de outros, nos animou a alargar o plano primitivo, criando na série "BRASILIANA" uma seção especial de obras em grande formato.

A experiência nos havia mostrado a inconveniência de publicar, no formato regular dos livros dessa coletanea, certas obras que, pelo número e pela importância das gravuras, seriam sacrificadas em volumes de menores dimensões. As gravuras reduzidas em tamanho para reprodução em páginas dos volumes comuns perderiam, sem dúvida, com a nitidez, parte de seu interesse pitoresco ou de seu valor documentário. Daí a resolução que tomámos de publicar em volumes de formato maior essas obras, que exigem, pela sua natureza, melhor apresentação material, difícil e, em certos casos, impossível de se obter em volumes de proporções reduzidas.

Essa iniciativa representa, pois, mais um esforço para corresponder à confiança do público e facilitar a incorporação, na série "BRASILIANA", de obras do maior alcance e interesse que dela ficariam excluídas por uma dificuldade de ordem puramente material, fácil de ser removida, sem quebrar a unidade orgânica de concepção e de plano dessa coleção.

Volumes publicados na BRASILIANA Série Grande Formato

- Vol. 1 — *Mazimiliano* — Príncipe de Wied Neuwied: VIAGEM AO BRASIL — Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo — Refundida e anotada por Oliverio Pinto. Edição ilustrada.
- Vol. 2 — *Dr. Max Schmidt*: ESTUDOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA — Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. Tradução direta do alemão de Catarina Baratz Cannabrava. Ilustrado com 281 gravuras, 12 estampas e 1 mapa.
- Vol. 3 — *Karl von den Steinen* — O BRASIL CENTRAL — Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingú. — Tradução e notas de Catarina Baratz Cannabrava. — Edição ilustrada.
- Vol. 4 — *P. Antonio Colbacchini* e *P. Cesar Albizzati*: OS BORÓROS ORIENTAIS (Orarimogodógue) — Contribuição da Missão Salesiana de Mato Grosso aos estudos de Etnografia Brasileira. Edição profusamente ilustrada.



Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Estudos de Etnologia Brasileira

Peripécias de uma viagem
entre 1900 e 1901. Seus
resultados etnológicos.

Pelo DR. MAX SCHMIDT

Tradução direta do alemão de
CATARINA BARATZ CANNABRAVA

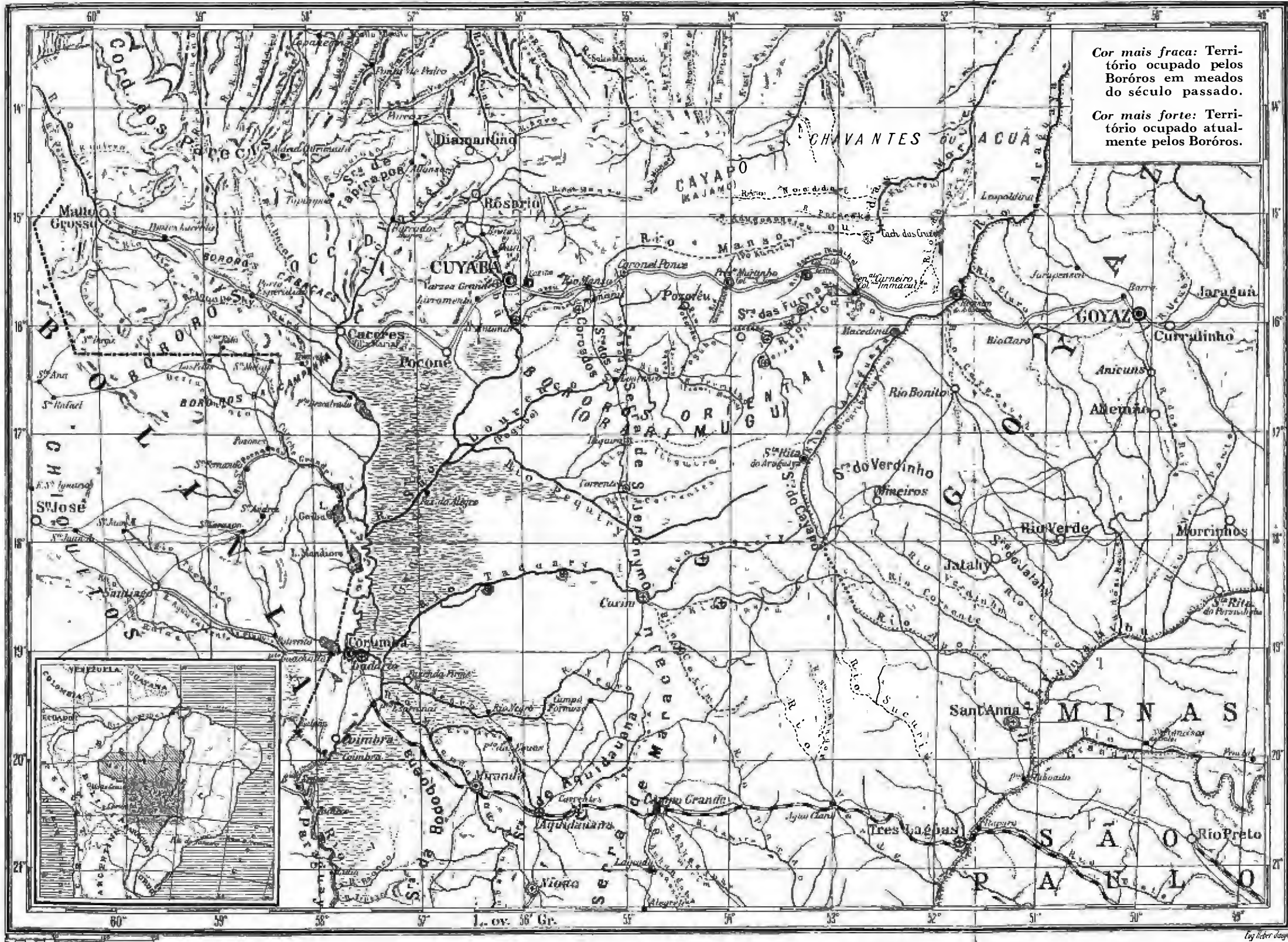


NA sua viagem de caráter científico empreendida com o objetivo de estudar populações primitivas do Brasil-central, Max Schmidt recolheu abundante material documentário e fez observações do mais alto interesse sobre algumas sociedades indígenas. A obra em que apresentou os resultados etnológicos de suas viagens ao centro da América do Sul, entre 1900 e 1901, apareceu, em alemão, sob o título "INDIANERSTUDIEN IN ZENTRAL-BRASILIEN" e não tardou em granjear, pela sua probidade e solidez, a consagração de um livro fundamental. A sua atenção e os seus esforços de investigação etnológica, Max Schmidt os concentrou sobretudo nas tribus dos índios *guatós*, que habitavam, como outrora, a grande região lacustre de Gaíba e Uberaba, desde as margens do alto Paraguai às do baixo rio São Lourenço. Nenhum estudo sobre essas tribus foi mais completo nem mais bem documentado nem mais penetrante do que esse, do etnólogo alemão. Mas essa obra não se recomenda apenas aos especialistas pelo seu alto valor científico. Não é somente uma contribuição notável ao estudo de culturas primitivas. É ainda uma narrativa pitoresca, verdadeiramente interessante, em toda a sua primeira parte, das peripécias da expedição de Max Schmidt ao Rio Novo, à região das cachoeiras do Rio Xingú e à vasta região habitada pelos *guatós*. A obra, traduzida do original alemão, com escrupulosa fidelidade, pela senhora Catarina Baratz Cannabrava, é ilustrada com 281 gravuras, 12 estampas e um mapa.

Vol. 2 da BRASILIANA
Série Grande Formato



Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO



Cor mais fraca: Território ocupado pelos Boróros em meados do século passado.

Cor mais forte: Território ocupado atualmente pelos Boróros.



A Severina 3157

"Companhia Editora Nacional",
com a maior estima e
simpatia, oferecem
os autores, desejando-lhe
toda sorte de felicidades
e triunfos.

S. Paulo, 12 de Setembro de 1942

Mesquita

Série 5.^a

BRASILIANA

(Grande formato)

Vol. 4

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

P. ANTONIO COLBACCHINI

e

P. CESAR ALBISETTI

Missionarios Salesianos

★

Os Boróros Orientais

Orarimogodogue do Planalto Oriental
de Mato Grosso

*Contribuição Científica da Missão
Salesiana de Mato Grosso aos Estudos
de Etnografia e Etimologia Brasileira.*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE

1942

AO EXMO. E REVMO. SR.
DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

ARCEBISPO DE CUIABÁ
DA
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
COMO
PREITO DE ESTIMA E GRATIDÃO
EVOCANDO
EM NOSTÁLGICA RECORDAÇÃO
O PASSADO QUE ÀS
CONQUISTAS DE CRISTO NAS SELVAS
DA
TERRA SEMPRE EM FLOR
NOS IRMANOU
ESTES MODESTOS APONTAMENTOS
ETNOGRÁFICOS
DA
TRIBU BORORO ORARI
DO
PLANALTO CENTRAL
EM
HOMENAGEM
RESPEITOSAMENTE OFERECEM
O
Pe. ANTONIO COLBACCHINI
E O
Pe. CESAR ALBISETTI
SALESIANOS

AO EXMO. SNR. GENERAL

DR. CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

M. D. PRESIDENTE HONORARIO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE
MATO GROSSO

ILUSTRE PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE
PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS

DEDICADO AMIGO E PROTETOR EXÍMIO DOS
FILHOS DAS SELVAS

QUE

À GRANDE PÁTRIA BRASILEIRA

UNIU PELO VÍNCULO DO

AMOR

ESTE ESTUDO ETNOGRÁFICO DOS ÍNDIOS

BORÓROS

RESPEITOSAMENTE OFERECEM

EM

HOMENAGEM

PELA MISSÃO SALESIANA DE

MATO GROSSO

O

Pc. ANTONIO COLBACCHINI

E O

Pc. CESAR ALBISETTI

SALESIANOS

AO EXMO. E REVMO. SR.

DOM JOSÉ SELVA
Bispo Titular de Metre

PRELADO DAS MISSÕES DO ARAGUAIA
QUE SEGUINDO INFATIGAVEL
O SULCO LUMINOSO
TRAÇADO PELO PRIMEIRO SUPERIOR E BISPO DO ARAGUAIA
EXMO. E REVMO. SNR. **DOM ANTONIO MALAN**
DE SAUDOSA MEMORIA
NOVA VIDA E VIGOR
INFUNDE
À OBRA SALESIANA NOS SERTÕES DO PLANALTO ORIENTAL

E AO REVMO. SNR. DR.

P. ERNESTO CARLETTI

DD. INSPETOR DOS SALESIANOS
DE MATO GROSSO E GOIAZ QUE
COM ATIVA E INTELIGENTE COOPERAÇÃO
INCENTIVA O LABOR MISSIONARIO
PARA AS PACÍFICAS CONQUISTAS DA FÉ E DO TRABALHO
ESTAS NOTAS ETNOGRÁFICAS
SOBRE OS ÍNDIOS BORÓROS
RESPEITOSAMENTE OFERECEM
OS AUTORES

PREFÁCIO

Do Exmo. Arcebispo de Cuiabá,
D. Francisco de Aquino Corrêa,
da Academia Brasileira de Letras

NÃO é a primeira vez que me pedem os missionários salesianos do Araguaia, apresente ao público livros da sua literatura indígena.

Há justamente 20 anos, cheguei mesmo a escrever algumas linhas, destinadas a prefaciá-las uma HISTÓRIA DO BRASIL EM LÍNGUA DOS BORÓROS. Não sei porque, não veio a lume obra tão interessante, mas as laudas então escritas, guardei-as, e são elas exatamente que me apraz hoje reproduzir aqui, nestas páginas de introdução, que novamente me solicitam, para trabalho científico de maior tomo, levado a bom termo por aqueles incansáveis pioneiros da fé e da civilização católica.

Naquele tempo vinha eu de visitar as suas colônias sertanejas, em época de grande florescência, e de lá trazia o vivo desejo de que se revelassem ao mundo, não só os progressos catequéticos daquelas missões, erectas havia pouco em Prelazia, senão também as conquistas que em várias províncias da ciência, representava essa avançada do Evangelho em meio aos clans duma nova tribo.

Assim foi que enfeixei as seguintes reminiscências, re floridas já hoje em outras tantas saudades.

“12 de Julho de 1915, em pleno vale do Araguaia. Das margens do Barreiro, tributário do Garças, que ainda vermelhavam, ao longe, em afloramentos de taguá, enfiáramos direito pelo norte magnético, rumo ao Rio das Mortes.

Éramos poucos. À frente, uma fila de índios Boróros, arcos em punho e carcazes de flexas às costas, batia o trilho, abrindo, de onde em onde, a picada, em meio a taquarais e tucunzais agressivos. Atrás, o arrieiro, tangendo no conhecido compasso monótono, a pequena ré-cova morosa, composta de três muares, cujas alcunhas ainda me ressoam aos ouvidos: «Pachola, Pacote e Pelintra». Lembra-me tam-

bem a minha montada, um morzelo de nome romântico : «Sonho». A meu lado, o Padre Colbacchini, jovem missionário, temperamento vibratil de artista e de véneto, em quem o atavismo aventureiro dos mareantes, que fizeram grande a sua gentilíssima terra, noiva do mar, parece-lhe repontar no espírito de bandeirante moderno, em pleno sertão matogrossense.

Ia-me ali a alma toda em uma das mais profundas emoções da viagem. Não era o legendário rio do Anhangüera, que assim me atraía e fascinava ; não eram as misteriosas minas dos "Martírios", nem o mal conhecido rio D. Marcos de Noronha, nem a ruína solitaria dos Araés, nem o *Be-rocañ* dos *Karajás* ; era a «*Terra dos Boróros*», como eles próprios antonomasticamente lhe chamam : *Boemóto*.

E com razão. Fora aquele rio o último reduto da tribo, que batida, do Araguaia ao Garças, lá se refugiara definitivamente. De lá, frementes de vingança, romperam as sortidas tremendas, que erçaram de cruzes fúnebres aquele risonho planalto oriental, de tão frescas águas límpidas e cantantes.

De lá partira também a investida guerreira, que devia arrasar a primeira barraca missionária, espalmada, de súbito, em uma bela tarde, como desmesurada garça, à beira do ribeirão dos Tachos. Nova horda de Átila, estacou, porem, diante da Cruz. Aqueles brancos ou *baráe*, rondados longamente por invisíveis espíões selvagens, denotaram-lhes, desde logo, algo de extranho.

Viram, ao depois, que eram diferentes dos demais, os verdadeiros *abarés* dos Tupís, expressivo termo indígena, que vale, por si só, a mais formosa apologia do catequista católico. Com eles firmaram amizade, aceitando até conviverem juntos sob o mesmo teto. Assim raiava, auspiciosamente, a cataquese salesiana em Mato-Grosso.

Refazíamos então o mesmo trilho daquelas marchas estratégicas, e os índios mais velhos diziam-nos os episódios das cautelosas retiradas, em que, para não deixarem traidores rastos, palmilhavam, longo tempo, o leito cascalhudo e escuso dos córregos. Eis-nos, enfim, à beira do rio das Mortes, o *Pocurirêu* (agua ou rio grande) dos Boróros. Ali, a barra do *Pó-ecurêu* (rio amarelo), a que os missionários apelidaram de S. Marcos ; mais a jusante, o *Bacogúma-bráddo* (ninho do gavião), o S. Luiz dos missionários.

Alem, a cachoeira grande da *Fumaça*...

Estávamos à sombra do mesmo arvoredo, rendilhado em flabelos de bunitis, que testemunhara, tantas vezes, ao manso luar do sertão, estrugindo monotonamente no *bai-managuegeu* (espécie de "salão de atos" das aldeias), bárbaras dansas e cantos, a preludiarem no rito vespereal, as grandes caças ao jaguar, ao tapir, aos porcos, ao civilizado... Que magnífico cenário para uma illada selvagem !

Quando voltei, homens e mulheres e crianças, todos interrogavam-me ansiosamente como eu achara a «*Terra dos Boróros*». *Boemóto pemegáre* ! (a terra dos *boróros* é linda !) respondia-lhes eu. E eles, arregalando amplamente os olhos rasos de ternura, e levantando

as sobranceiras escassas, pronunciavam o seu *uh!* (sim) profundo e demorado, num gesto significativo e típico da tribo.

Aquela excursão fora o epílogo de uma convivência de três meses com os *boróros*, e veio açular-me desejos de ver sempre mais conhecida a grande obra do missionário católico naquela imensa interlândia em flor da minha terra.

Eu já conhecia o seu maravilhoso plano catequético, todo pontilhado de abnegações, sacrifícios e heroísmos, na formação das novas gerações e no traçado das futuras cidades. Mas ao lado disto, quantas conquistas etnográficas, filológicas, científicas, votadas ao desconhecimento, ao desvalor, ao olvido!

Verdade é que, em 1908, dera a Missão Salesiana um primeiro passo com a publicação da *Gramática e Dicionário da língua dos boróros*. Foi muito, mas ainda pouco, e isto devido também à extrema urgência, que presidira àquele trabalho.

Hoje sei que a Missão, comemorando as suas bodas de prata, a par do Bi-centenário do Estado, fará publicar novos estudos sobre a etnografia daqueles caros índios, bem como *Noções de Catecismo em língua boróro*, e a presente *História do Brasil*, que, num gesto para mim muito expressivo de gentileza, quis dedicar ao Presidente do Estado.

Das mãos do Presidente, porem, passou desde logo o mimo para o coração do matogrossense e do Bispo salesiano.

Coincidiu oportunamente com esta floração da indianologia matogrossense, a publicação do *Vocabulário da língua dos boróros*, feita por Basílio de Magalhães, no tomo 83 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, belo trabalho, bem cuidado e esmerado, que tanto honra a capacidade de trabalho, erudição e paciência do autor, quanto a revista, que lhe deu guarida em suas páginas veneráveis.

Ao agradecer, pois, com este prefácio, a oferta de tão simpático e patriótico livrinho, fora meu desejo demonstrar o que ele, deveras, significa, isto é, um largo passo avante em a nossa interessante e ainda misteriosa filologia indígena. Sobre não parecer, porem, asado o presente ensejo, falecera-me, o que é mais, competência para discorrer sobre tão altas questões de linguística indiana, como se faria mister para analisar convenientemente, cotejando-o com outros, um opúsculo que vai representar, por certo, a mais fina flor da rude literatura dos *boróros*.

Não deixarei, entretanto, de resumir nestas laudas umas poucas das simples anotações do meu canhenho de viagem, concernentes ao idioma em que vai escrito este livrinho, algumas delas, talvez, ainda de todo inéditas.

A esta língua, como a tupí, que se encontram ambas em sua fase aglutinativa, faltam alguns dos fonemas vernáculos, quais os representados pelas letras *f*, *l*, *s* e *z*, sendo que o *j* e o *x* tem sempre o som de *dj* e *tx*.

Nem os *boróros*, portanto, escapariam à célebre sentença de quem disse que os aborígenes brasileiros, por não conhecerem as letras *f* e *l*, não tinham também nem *fé*, nem *lei*. A conclusão, com ser absurda, não deixa de nos parecer mnemônica, e como tal, aqui a registamos.

Quasi nenhuma semelhança léxica, entretanto, se nos deparou ainda entre o tupí e o *boróro*, a não ser o sufixo *pába* ou *pá*, em tupí-guaraní, e *pá* em *boróro*, que, um e outro, significam estância ou logar.

Assim os vocábulos *igarapaba* ou *igarapá*, em tupí-guaraní, e *ica-pá*, em *boróro*, designando ambos o "logar da canoa", o porto, oferecem não pequena afinidade,, até nos termos *igára* e *ica*, que dizem a mesma coisa, isto é, canoa, não obstante a grande divergência etimológica, sendo que *igára*, segundo Teodoro Sampaio, vem de *y*=água, em tupí, e *ica* vem de *i*=árvore, pau, em *boróro*.

Curioso é também o termo *tapíra*, que significando, em tupí, não somente o conhecido paquiderme (a quem forneceu até a designação científica de *tapirus americanus*), mas também o gado vacum, em geral, tem igualmente, em *boróro*, este último sentido.

De sorte que o nosso rio *Tapirapé*, nos limites com o Pará, quer dizer, em tupí, "caminho da anta", mas poderia significar também em *boróro*, "estrupe de gado". E os nomes *boróros báire*=pagé ou feiticeiro, e *japára*=foice, não lembram os correspondentes tupís *mbairá* (donde se origina também «pagé», segundo T. Sampaio) e *quicé-apára*?

Quem quer que disserte sobre a nossa "língua geral", não deixa de notar a paronomásia, que vai entre o termo indígena *so-ó*, animal, e o seu correspondente grego *zóon*.

Mais notáveis, entretanto, são talvez, no *boróro*, curiosidades que tais. Assim a palavra *Kéra*=mão lembra perfeitamente o seu equivalente em grego *keír-keirós*.

O verbo helénico *rhéo*=corro, aparece impressionantemente no *boróro re*, que figura nos compostos *pobô-re*=«água corre» cachoeira; *po-rê-ráca*=«água corre forte» (nome de um afluente da margem esquerda do rio das Mortes); *Po-rereu*, que vulgarmente se alterou para *Bo-rê-rêu*, e é a substantivação de *Pobôre* ou *Porê*, mediante o sufixo *reu*, isto é, «o correr d'água», designando a conhecida corredeira do *Tarigára* (ou *Perigára*), atual galho principal do S. Lourenço, etc.

Não menos interessante é o vocábulo *pôro* = orifício, abertura, como em *bai-pôro* = abertura da casa = porta; *viéja-pôro* = buraco do ouvido; *poróddo* = furar, etc. Pois, não será ele o mesmo termo grego-latino *poros* = porus, que passou para o português «pôro»?

Existem ainda os termos *ócu* = olho e *úro* = quente (donde *pô-úro* = «água quente» termas ou caldas), que facilmente rememoram os latinos, isto é, o substantivo *oculus* e o verbo *uro* = queimo.

Também a partícula interrogativa dos *boróros na?* (*uh* = sim, *uh-na?* sim?), não se prenderá ao *ne* latino?

Estudos mais profundos descobrirão certamente novas analogias. Para estímulo basta o que aí fica.

*Vejam agora os sábios, na Escritura,
Que segredos são estes da Natura.*

A língua dos boróros possui, como, aliás, o tupí, o luxo de duas formas para o adjetivo possessivo e o pronome pessoal da primeira pessoa do plural, conforme se queira compreender ou não, a pessoa ou pessoas, a quem se fala. No primeiro caso, dir-se-ia *págui* = nós ou simplesmente *pá*; no segundo, *xégui* ou *xê*, o que mal remediamos com a expressão *nós outros*.

Não existe, porem, no idioma dos boróros, como tão pouco no tupí, o verbo substantivo, que é suprido pela partícula *re*, como, por ex.: *Kigádo* = branco, *Kigadúre* = é branco. Daquí se deriva o interessante sufixo *rêu* = *re-u* = «o que é», ou, no plural, *rêugue* = *re-ugue* = «os que são», servindo para substantivar as palavras. Assim de *Kigádo*, *Kigadu-rêugue* = os que são brancos; de *cúri* = grande, *curi-reu* = o que é grande, de *pêga* = mau, *pegareu* = o mau; de *bi* = morrer, *birêu* = o que morreu = o morto, *bi-rêugue* = os mortos.

Quando não tem lugar o verbo ser, forma-se o substantivo, pospondo-se apenas o afixo *u* ou *ugue*, v. *gratia*: *bure-tada* = no pé, *bure-tadá-u* = «o que está no pé» = calçado; *Bocukége* = no campo, *Bocu-kege-ugue* = os que estão no campo; *meririco-paru-kege* = «no fim do fio telegráfico» = na estação, *meririco-paru-kegê-u* = «o que está na estação» = o telegrafista.

Concluirei estas ligeiras notas com algumas observações a respeito de dois vocábulos indígenas, ao que se me afigura, ainda pouco estudados.

São eles: *maerêboe* e o proprio termo *boróro*.

Acerca do primeiro, pensa Basílio de Magalhães que foi “criado pelos salesianos catequistas” (obra citada).

Não descabe aquí notar a nímia severidade, com que Basílio de Magalhães se refere aos trabalhos linguísticos dos salesianos. De fato aquela primeira obra de 1908 está eivada de incorreções, explicaveis, aliás, em grande parte, pela premência, com que fora ultimada, para figurar na Exposição Nacional daquele ano, no Rio de Janeiro. Assim, no vocábulo *Oqua* = lobinho, acrescenta ele: «Sal. dá como significado- sobrinho (!)». Ora, este ponto de admiração ou espanto não tem razão de ser, porquanto entre «lobinho» e «sobrinho», é facil de ver o cochilo tipográfico. Tão difficil é, ao contrário, evitar, de todo, esses deslises! O proprio B. de Magalhães dá *aredrôgo* «menino», quando é «menina» (*aredo-rogo* = *mulher* pequena). Para o citado vocábulo *oqua*, B. de Magalhães dá a tradução «lobinho (doença) parecendo assim que não signifique «lobinho (animal)». Entretanto, esta última significação posso garantí-la; quanto à primeira, não me

faltam dúvidas. Pedimos vênia para discordar. *Maeréboe* é antigo bellissimo termo da mitologia dos *boróros*. Compõe-se de *Máere* = sempre e *Bóe* = gente, coisa, ser ou ente, isto é, «o ente de sempre», o Eterno, o Jehová ou Jahvé dos Hebreus.

Os missionários salesianos já encontraram este nome, mas não quiseram adoptá-lo para significar o verdadeiro Deus, porque, apesar da sua formosa idéia etimológica, vinha naturalmente envolto nas grosseiras concepções antropomórficas do índio. Preferiam a princípio, quando ainda mal conheciam a língua, o termo infeliz *Pai-Grande* que os *boróros* adulteraram em *Pai-Grato*.

Mais tarde, porem, forjaram a expressão *Aróemigéra* = chefe, senhor dos espíritos, Espírito Supremo, unindo-a, todavia, ao termo português — *Deus*. *Deus aroe-migéra*, é como os *Boróros* da catequese salesiana invocam ao Senhor Deus dos cristãos.

Finalmente, o próprio vocabulo *boróro*, que muita gente ainda pronuncia *bororó*, mereceria estudo particular, que lhe pesquisasse a origem. Existe, é verdade, nesta língua, o vocábulo — *boróro*, que significa terreiro, pateo, praça, mas não sei que relação semântica possa ele ter com o nome da tribo.

E' preciso, pois, indagar alhures.

E, antes de tudo, convirá saber que os *boróros* não se chamam a si mesmos, originariamente, com este nome. Dão-se a denominação genérica de *Bóe*, em contraposição a *Bráe*, que são os civilizados. Distinguem-se depois as várias turmas com outros nomes tirados, por via de regra, das condições físicas das regiões que habitam. Assim, *Bocu-kegégue* (os que estão no campo) são os *loróros* do rio das Garças; *Orari-mogo-dóque* (os que moram com os pintados ou surubís) são propriamente os da Colônia Teresa Cristina; *Itura-tada-boe* (os que estão na mata) são os do Rio Vermelho; *Tori-tadá-boe* (os que estão nos morros) são os do Córrego-Grande, e assim por diante.

Foram, portanto, os civilizados que lhes impuseram o nome de *boróros*. Qual o *étimo* deste nome? Não sei.

Pode-se, contudo, conjecturar que venha do termo indígena *bóro* = não, que é a negativa tantas vezes repetida pelos índios.

Parece até natural que, de começo, nas primeiras aproximações, os silvícolas, nada entendendo do que lhes perguntavam os civilizados, quasi que se limitassem a responder-lhes *bóro*, não. E de *bóro* muitas vezes repetido, ter-se-ia plasmado o gentílico *boróro*.

Afinal, se as línguas clássicas da Provença se denominaram *langue d'oc* e *langue d'oïl*, precisamente pelo modo com que diziam sim, e o Dante designava a sua bela pátria, escrevendo simplesmente: *il bel paese là dove il si suona*; que muito que os nossos *boróros* fossem denominados, ao inverso, pelo vocábulo com que dizem não?

Esta origem etimológica viria confirmar a prosódia do vocábulo *boróro*, que, é aliás, como os próprios índios pronunciam, e não *bororó*. *Se non è vero....*

Já vai talvez longo demais este prólogo; sirva, entretanto, na sua mesma prolixidade, para mostrar quanto me penhorou o encargo de prefaciá-la obra como esta, por mim tão almejada, desde aquela encantadora excursão através da virgem terra dos *boróros*.

Cuiabá, 1.º de Dezembro de 1919.

✠ FRANCISCO, Bispo de Prusade,
Presidente do Instituto Histórico de
Mato Grosso.

* * *

Assim escrevíamos há quatro lustros atrás, e durante esse lapso de tempo, um fato culminante assomou no diagrama das contribuições científicas daquela Missão para o patrimônio cultural da humanidade.

Foi a publicação do livro: *I Boróros Orientali "Orarimogodogue" del Matto Grosso (Brasile)*, que me coube a mim mesmo o honroso e grato ensejo de apresentar, em 1927, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sessão solene daquele douto sodalício, com as seguintes palavras, em que procurei destacar o valor da obra e as benemerências da catequese, que a produzira: "Mas a Missão lá está: há já um quarto de século, que, ao termo de outras tentativas, ela se fixou definitivamente, no centro mais assolado pelas devastações da tribu revoltada.

A paz é completa. E à sombra da paz, protegida pelo símbolo da Religião e pela bandeira da Pátria, o gentio se catequiza, se educa, se regenera: é a civilização. A Santa Sé elevou aquelas Missões à alta categoria de Prelazia: foi a sagração da fé.

Faltava-lhes a consagração da ciência. Esta veio agora: é um alentado volume de 472 páginas, luxuosamente impresso na Europa, com mapas e gravuras interessantíssimas, em que o missionário Padre Antônio Colbacchini, o maior sabedor atual de coisas da tribu, reuniu em síntese monumental, os trabalhos científicos da Missão Salesiana em Mato-Grosso. É a obra publicada recentemente em italiano, sob o título: *I Boróros Orientali "Orarimogodogue" del Matto Grosso (Brasile)*, e da qual tenho a honra de oferecer um exemplar ao Instituto.

Este livro, que tem chamado a atenção do mundo científico, parece exgctar os assuntos concernentes à velha tribu, distribuindo-os em cinco partes: notícias etnográficas, mitos, gramática, textos e cantos religiosos.

Ao compulsar tão profundos estudos, tem-se a impressão de que a catequese salesiana, já digna de eternos prêmios diante de Deus, imortalizou-se também, nessas páginas, perante a ciência e a humanidade”.

Até aqui o comunicado feito, vai para 13 anos, ao Instituto Histórico.

Agora, após varios anos de trabalhos apostólicos e de novas pesquisas e observações, a Missão Salesiana vai editar outro livro, para o qual se me pede esta apresentação.

Estou certo de que tal obra há de ser também um trabalho científico do mais alto valor e um documentário ainda mais completo do que o anterior.

Para assim pensarmos, dão-nos sobejas garantias a competência e a heróica dedicação dos autores, assim como a fama já conquistada pelos primeiros luxuosos volumes publicados pela Companhia Editora Nacional, na sua coleção “Brasileira”, formato grande, em cuja esplêndida galeria vai justamente figurar esta obra.

Cuiabá, Abril de 1940.

† FRANCISCO

Arcebispo de Cuiabá

INTRODUÇÃO

COMO simples e desprezencioso tributo à ciência, apresentamos um estudo etnológico e etnográfico sobre os boróros orientais ou *orarimogodógue*, selvícolas cujo "habitat" é o vale do rio São Lourenço, desde suas cabeceiras na zona oriental do Planalto Central de Mato-Grosso, até à sua foz no rio Paraguai.

São notícias colhidas paciente e cuidadosamente no decorrer de longos anos de nessa convivência com esses aborígenes.

Pelos meados do século passado, esta tribu numerosa e forte dominava vastíssimo território.

Ocupavam os *boróros* todo o leste e sueste de Cuiabá, o vale do rio São Lourenço e afluentes, águas da bacia platina; todas as terras banhadas pelo alto curso do rio Araguaia, Rio das Mortes e seus tributários da vertente amazônica. Conseguiram transpor o Araguaia e dominar vasta zona do Estado de Goiaz. No sul alcançaram o rio Taquarí, Coxim, Aquidauana, Miranda e o alto da Serra de Maracajú, pondo-se em contacto com os índios Terenos.

Esta é também a opinião do ilustre etnólogo Herbert Baldus que, no seu livro "Ensaio de Etnologia Brasileira", escreve: supõe-se até agora que os *boróros* não tivessem chegado tanto ao sul, mas os Terenos que moram nos arredores de Miranda, contaram-me que, em tempos passados, frequentemente, as hordas dos *boróros* chegaram às suas aldeias, não lhes fazendo, por. m, guerra, porque, como dizia o velho chefe tereno Naliki, "*boróro* é muito selvagem e não fica".

Os limites geográficos do território antigamente ocupado pelos *boróros* orientais podem, pois, ser determinados, mais ou menos, entre 15° e 20° de latitude sul, e cerca de 51° e 57° de longitude oeste de Greenwich.

Por habitarem esses aborígenes tão vastíssima região, outrora pouco e mal conhecida, foram-lhes dados vários nomes, pois julgou-se pertencessem a tribus diferentes. Aos que ocupavam as margens do rio São Lourenço, do alto Araguaia e seus afluentes, deu-se-lhes o nome genérico de "*Coroados*".

São os que hoje chamamos *orarimogodógue*, *boróros* orientais ou simplesmente *boróros*.

Para evitar confusão, convem observar que os coroados de que tratamos, não tem relação etnológica alguma com os índios do mesmo nome de outros Estados. São completamente distintos.

E' provavel que assim fossem apelidados por cortarem os cabelos em forma de círculo e levarem desse modo, no centro da cabeça, uma espécie de coroa, que, nos dias de festa e nas dansas, enfeitam com plumas brancas e vermelhas.

Até os últimos anos do século passado, os índios espalhados pelo oeste matogrossense, região do alto Paraguai e fronteira com a Bolívia, e de leste, os *orarimogodóque* eram considerados pertencentes a tribus distintas. Ultimamente, porem, ficou esclarecido e provado que os chamados *boróros-coroados*, de leste de Cuiabá, formam uma só e mesma tribu com os do poente chamados *boróros* da campanha e *boróros* cabaçais. Os componentes do grupo "*boróros cabaçais*", habitam as margens do rio Cabaçal e Jaurú, afluentes do Paraguai, e os do segundo ramo, "*boróros da campanha*", vivem nas imensas planícies do alto Paraguai e dos arredores de São Luiz de Cáceres, até alem das fronteiras com a Bolívia.

O primeiro que supôs a identidade desses selvícolas, foi o geógrafo e sábio presidente de Mato-Grosso, Barão de Melgaço, em 1851. A exata identificação foi, porem, feita pela segunda expedição alemã ao rio Xingú (1887-1888), conforme importante relação deixada pelo dr. prof. Karl von den Steinen. Confirmou-a, ultimamente, o exmo. general dr. Cândido Mariano Rondon, cuja afirmação é de indiscutível valor. A este respeito o exmo. general escreve: "Ao poente existem outras duas tribus de índios mansos: a dos "*boróros da campanha*" que habitam a zona chamada Cebil e chegam até o Corixo Grande, e a dos "*boróros cabaçais*" que vivem nas regiões do Vau Seco até as margens do baixo Jaurú. A leste vivem os *boróros* do Rio das Garças e do alto Araguaia; ao sul os mesmos *boróros* que habitam o rio São Lourenço, de sua foz até às mais altas cabeceiras".

Pode-se concluir que a descoberta das jazidas auríferas de Cuiabá, dando motivo à entrada e permanência dos civilizados no território dos índios *boróros*, conhecidos pelos primeiros bandeirantes com nomes diversos, separou a tribu em duas partes, ocidental e oriental. Desde esse tempo ficaram sem relação alguma entre si.

Os ocidentais subdividiram-se, como foi dito; os outros, que se chamam a si mesmos *orarimogodóque*, são os *boróros* orientais, dos quais vamos tratar.

Disto resulta que o vocábulo *Orarimogodóque* é sinônimo de *Boróros Orientais*.

A palavra *Orarimogodóque* é demasiadamente longa; pode-se reduzir a *Orarimógo*, deixando o sufixo *-dogue-* do plural, ou tambem somente *Orári*, como já é costume.

Que tenham habitado, algum tempo, a margem esquerda do Rio das Mortes e penetrado pela mesopotâmia, entre o Rio das Mortes e o rio Koluene, é provado tambem pela toponomástica aceita pelos

mapas oficiais do Brasil. Os afluentes da margem esquerda do Rio das Mortes, cuja localização aproximadamente determinamos em nossas repetidas entradas por aqueles desconhecidos sertões, levam, indiscutivelmente, nomes da língua dos *orarimogodogue* e provam que os *boróros* passaram algum tempo por aquelas paragens. Assim: *Adugodogue-idu*, das onças morada; *Po-re-ráka*, água corre forte; *Noiddóri*, (rio do) morro das palmeiras. Antigamente, talvez, estendiam-se também ao sul pelo rio Paraguai, onde, parece, tinham entrado em relações com os *otunque* (tribu desaparecida da Bolívia). De Criquimontfort e Rivet encontraram semelhanças linguísticas entre elas. Desde uns cinquenta anos, o número dos *orarimógo* ficou notavelmente diminuído e reduzido também o grande território onde faziam suas correrias. Dois fatores constituem a causa principal: a pressão, do norte para o sul, de uma tribo inimiga que eles chamam de *kaiamo* (talvez *caiapós* ou *chavantes*) e do sul para o norte e de leste para oeste, da parte dos civilizados.

A causa da humanidade e da civilização, os princípios cristãos da fraternidade e da solidariedade social, impõem o dever de por um limite ao cerco, que ameaça sufocar esses selvícolas, agora inofensivos.

Seja-nos permitido dizer também algo sobre a pronúncia da palavra "*boróro*". Surgiu várias vezes a dúvida sobre a colocação da sílaba tônica desse vocábulo. Alguns pronunciam *bororó*. Para elucidar este ponto controvertido da etnografia indígena, não é fora de propósito dizer logo que os índios pronunciam "*boróro*", com acento no penúltimo "o", e não *bororó*.

Não há motivo para pronunciar o vocábulo em questão com acento na última sílaba. Tal pronúncia errônea vem de uma falsa interpretação de alguns civilizados, desconhecedores, como é natural, das particularidades das línguas indígenas. São frequentes, na boca dos *orarimogodogue*, os vocábulos *bakoróro* e *boróro*, que, nem sempre, tem a mesma acentuação.

Repetem nos cantos, amiudadas vezes, esses dois nomes.

Quando cantam, porem, eliminam a acentuação tônica própria das palavras e prevalece um acento único, que chamaríamos rítmico, incidindo sobre a última vogal. Assim, ao cantar, dizem: *bakororó*, *bororó*, *aróé*, *ituboré*, *iporé*, *adugó*, que no uso normal e legítimo, pronunciam: *bakoróro*, *boróro*, *aróé*, *itubóre*, *ipóre*, *adúgo*.

Os civilizados entenderam de colocar o acento sobre a última sílaba, por ouvirem repetir sempre, nos cantos, *bakororó* e *bororó* (duas palavras semelhantes ou iguais para os que não sabem a língua dos *orarimogodogue*). Cremos ser esta a razão por que apareceu o espantoso e malsoante *bororó*, com acento agudo no último "o", em vez da palavra paroxítona "*boróro*", que é a pronúncia exata.

E' necessário acrescentar ainda que *boróro* não indica a tribo; este apelido foi dado erradamente, talvez, pelos primeiros brancos que se puseram em contacto com esses selvícolas.

Boróro é nome de um herói dos tempos passados e significa também praça, pátio, largo da aldeia. Parece, como nos contaram velhos índios, que os primeiros civilizados, ao chegarem à aldeia, tentaram entrar nas malocas. Os aborígenes, não o querendo, colocaram-se à porta e, indicando o terreiro, pátio ou largo que existe sempre em seus acampamentos, gritaram: "*Ka ba. boe ba?... boróro... boróro*", o que quer dizer: "Que quereis?... na praça... ide lá, na praça".

Com a repetição da palavra *boróro*, os brancos entenderam ou interpretaram que os índios quisessem dizer que se chamavam assim. É, deste modo, ficou consignado o referido termo para indicar esse grupo de ameríndios que, realmente, se chamam "*boe*" ou "*orari*".

Bakoróro é nome de um personagem mitológico ou, melhor, de um antigo chefe e herói da tribo (1).

(1) Despertará, talvez, admiração a completa falta de "bibliografia" no texto do livro. Explica-se pelo fato que os Autores aproveitaram-se e exclusivamente da experiência de mais de trinta anos de convivência com os *Bo róros*. Assim puderam diretamente, pela amizade adquirida com os mesmos índios, chegar ao conhecimento da língua, usos e costumes sem recorrer a outras fontes.

Como sagrado dever de justiça, com os mais vivos sentimentos de gratidão, evocamos a memória saudosa do ilustrado e exímio prof. dr. Pe. Antônio Tonelli, salesiano, atribuindo a tão grande e humilde sábio todo o valor científico dos estudos etnológicos e etnográficos que estas páginas encerram.

Advertência

Para maior compreensão das palavras e das frases em língua *boróro*, indicamos os sinais gráficos de que faremos uso no presente trabalho, com a respectiva fonética.

Os sons das consoantes são :

K = corresponde ao *c* antes de *a - o - u*, como em : casa, coco, culto.

X - soa como em português *xácara*, *ximarrão* ; ou melhor como o *c* italiano antes de *e - i* : *cenáculo*, *cibório*.

G = antes de *e - i* corresponde ao som que tem em português, como : *gelo*, *gigante* ; antes de *a - o - u* corresponde ao som gutural *ga*, *go*, *gu*, como em : *garganta*, *gótico*, *gulodice*.
(*Gue*, *gui* soa como em português : *guerra*, *guizo*).

J = Antes de *a - o - u* soa como em português : *janeiro*, *joelho*, *júbilo*.

W = corresponde ao som *u-v*.

As vogais *a - e - i - o - u* soam como em português.

As consoantes *g - t - d - n - m - b*, quando se acham na última sílaba de uma palavra, quasi sempre são duplicadas : *gg - tt - dd - nn - mm - bb*, e se fazem ouvir na pronúncia.

Discurso do boróro Akirio Boróro Keggéu

E' costume dos Boróros, em chegando a noite, comunicarem nos aos outros, em altas vozes, os acontecimentos do dia, contar as lendas da tribo, dar avisos e transmitir impressões. Nesta página registramos um desses "discursos", feito pelo índio Akirio Boróro Keggéu, comumente apelidado Tiago Marques Aipoburéu, no qual se ufana de ter ele "ensinado (aos Missionarios) todas as cousas que sabia".

Este Boróro, desde os seus primeiros anos, por disposição do então Superior da Missão, D. Antonio Malan, recebeu esmerada educação no Colégio de Cuiabá, completando-a em demorada viagem pelas principais nações da Europa.

Assim teve ensejo de conhecer a civilização e ao mesmo tempo, voltando à sua tribo, no correr dos anos, compenetrar-se da mentalidade e da vida dos boróros tão profundamente que é hoje considerado como um dos melhores conhecedores e intérpretes da tradição boróra.

Inagowo, ivadaruwo oinno, ivo boeddo oinno rabodde, ia aivore ivo, ia géture ivu, ia bia pagare ivu, ure ia iedaga mague, imana mague, ia ituae mague, ia imuga mague ero ginno, ego ginno, evadaru ginno, ure eddo boe ginno, ure eddo tугue boiddo bugororoddo puddui, ure exebaddo boeruxe, bubutuxe, ure exebaddo quigori, baxe, tomugue, ure exebaeddo ixebae jameduxe; ekodda, etavara rema carega, eeda rema carega, ro pega care ei, aco pega care ei, bataru pega care ei; ikodda rema carega, itavara rema carega, ia rema carega, pemega care, birigoddu care, ro pemega care, aco pemega care, bataru pemega care, ró, aco, bataru ierigoddu care.

Mare ixare ivogai raboddu, itae raboddu, inno raboddu, icori caradega, itanagage caradega.

U! u! boe rugaddu, mare boe rugaddu carega, imire icodure jáo, mare imi caregá icodure jáo, imire icodure boi, mare ixare imire icudugodure, imagogodure, iguiagodure du quegere ixare oiogarire tudauge, bocudururure tudauge itaregoddu quege, inododdu quege, padui boe kagegeddu quege, icudugoddu quege, imagogoddu quege, iguiagoddu quege.

Eh! Aroddu caire! aredure aregodure, obodure, padure boe kagege, mare ixare boe tabo carega roino, acoino, battaru rinno, ure boe ginno; dure carega, dure carega, bapo rogu tabore areddu Tagúietoguiúddo roinno, acoino, bataru rinno, ure boe ginno, boe quimo rema boexe raboddu, boe inoddu bogai raboddu, du coddí ixare, lei, jugo, buke, bokodori,

appu, meá, cudobu, juco, pai, kuge, parigogo, kuo, metugu, rivoddo, enocuri, ocaru, red, imeduga; ocogue, araru, pobbu, orari, roko, jatugugo, meribaca, jétoro, tuborixeba, apuixeba paru motudure, pemegare, birigodure oinno.

Inagouwo, ivadaruwo, ivo boeddo oinno carega, mare ixare iro raca care, inago raca care, ivadaru raca care, iocu, itaora, iviaja raca care, ivadaru raca care, iocu getu butugu care, ivia getu butugu care, du coddí ixare iboguru aquedure boegi; du inoddu tabore ixare inagore tu oinno, ire boeddo tu oinno; mare paga carega, imire ixare tu oinno qu boe erogi, boe egogi, boe evadarugi, du coddire ixare inagooinno.

Inagouwo oinno augue etaire, ivadaruwo oinno augue etaire qu iquimegerague, padre dogue etaire, Ure eddo iorududou aivore ivu, geture ivu, iquimegera baru taddau Deus, ure eddo ioruduaddo giboe, inagoivado giboe, iquera coddu pemegaddo giboe ure tó xoxo iocutto, iviajatto, itaoratto du coiare ixare itamugodure oinno ieruduaddo au boe ero, boe ego, boe evadaru jameddu gitu dugi, boe jameddu carega ire kuo ire cogaddo, mare ioruduare tu giboe jamedure ixare ire oca bu rugaddu.

Ivia acurure kuri iquimegerague xodudogue evogai, au acaru meri-riarea acaru muguio padre João Balzola gire inagooinno, au Dom Malan gire inagooinno, augue eire inagooinno, ivadarurinno, ire boe ginno, Augue epigire boe eviagoddu moddu care tu rugaddu.

Iviere boe oqueaddu caia, joru bocaia, bopedogue bocaia, boe ere pagaia ure tu barutto rugaddu, boe eruduia tuiameddu tabo ei puguege, mare itaiddu care, iquiarire, itaidure boe eiameddu coduo toro evogai barutto, boe eimegera ae rugaddu.

Avuia getu quimore oinougue, nuru, amagaddu quimore rinno boc ebouge, eh! Deus! aquera barareddo ei, actto ei, ecoddu avaduddo, emeru, etamagaddu avaduddo, ia urugu, ia cavoru, ia geragudda, ia cuogo, ia iru, ia ixegu butuddo evuguege, inoaodure ebbo eroi xeidugi, egoi xeidugi, evadarui xeidugi, ei boeddo xeidugi, emaragodda paga caro. Ero, ego, evadaru jovo nonno joru jó magai itura, bocu, boe buttu curireu, merireboe cadoguru, rioguru, páro, toguio tódure xeiogui, ma xegui xegoduo egooinno givu, evadaru rinno givu avaragi; emague evudugugoduo tui xedaru ia xemearudaere givu, xerudaere givu ia xegodda ia xedavara pigi dugi. O innovo boere, boe xevo inagooinno.

Iragogei Sangradouro kejeddu kegere

Tiago Marques Akirio Bororo Keggeu inagooinno.



“... todas as cousas que eu sabia, lhes ensinei...”

(Tiago ensinando ao Miss'onário)

TRADUÇÃO

Era para que eu falasse, para que dissesse, para que fizesse assim ; foi um ser (Deus) que me olhava, que me escutava, que me dirigia. Ele fez que meus avós, meus irmãos, minhas mães (os missionarios) assim fizessem, assim dissessem, assim falassem ; ele (Deus) fez que padecessem a fome, fez que sofressem o calor, a chuva, fez que sofressem as morissocas, os pernalongos, os borrachudos, fez que sofressem tudo o que eu soffro.

Lá nas suas veredas não é assim, seus caminhos não são assim, nos seus lugares não é assim, não faz mal a eles, não diz mal deles, não fala mal deles ; a minha vereda, o meu caminho, o meu lugar não é bom, não é gentil, não faz bem, não fala bem, porque o seu fazer, seu dizer, seu falar não agrada tão facilmente.

Foram mandados para mim (os missionarios), mesmo para mim, para mim mesmo, não passavam longe de mim, não passavam. Sim! Sim! E' verdade, mas não é verdade. Eu cheguei por primeiro, mas não fui eu que cheguei por primeiro, eu cheguei por último, porem fui eu que primeiro gritei, falei quando assim que saiu vozeria e barulho quando gritei e quando falei.

Oh ! que cousa bonita não é ! (*aróddu cáire*). Uma mulher chegou, veio das florestas, mas não levava nada assim fazendo, assim dizendo, assim falando, assim chegou.

Mas não ! mas não ! Com o *bápo-rógu* (chocalho pequeno) a mulher *Tagúieto-guíúddo* chegou. Assim fez, assim disse, assim falou, assim chegou, com este (*bápo-rógu*) tinha um fim determinado.

Por isso é que o principio da caçada da anta, da queixada, do tamanduá-bandeira, do tatú-canastra, da paca, da cotia, do coatí, do macaco, do bugio, do mutum, do jacú, do jaó, da pomba, do nhambú, do tatú-bola, do peba, do tatú-liso, do tatú-bola maior ; e a pesca do doirado, do piraputanga, do pacú, do pintado, da papa-lama, da piaba-assú, da piaba, da piabinha e toda qualidade de lambaris, ficou solene e bonita com festas e cantos que dantes não tinha.

Não era para dizer, para falar, para fazer assim somente, mas em vão, eu não pude falar muito mais, porque meus olhos, minha cabeça, meus ouvidos não são fortes, meus olhos tremem muito, minhas orelhas mechem muito, por isso muitas cousas não pude alcançar.

Entretanto mesmo assim digo, falo e faço, mas o motivo é que assim falo e digo as cousas que faziam os *boróros*, que diziam os *boróros*, que falavam os *boróros*.

E por isso assim eu falei, E' para que eu dissesse assim a eles (aos missionários), assim falasse a eles, para os meus chefes os padres é que Aquele que os mandou para ensinar, Aquele que me olha, que me guia, o meu chefe do céu, o Deus, o que ele me fazia ensinar, falar, ficava logo gravado nos meus olhos, nos meus ouvidos, na minha cabeça e por isso fiquei descansado assim de ver que eu lhes mostrei tudo o que faziam e diziam os *boróros*.

Não todas as cousas pude dizer e mencionar, mas todas as cousas que sabia lhes ensinei. Lembrei logo os meus velhos chefes. Lembrei aquele bendito e bondoso padre João Bálzola, aquele Dom Antonio Malan, deles eu me lembrava. Destes, os *boróros* nunca se esquecerão. Eu desejaria que nada acontecesse, que não houvesse fogo (inferno), que não existissem os diabos, que a gente corresse só para o céu e assim todos veriam a eles novamente.

Mas eu não desejo, não quero cousas más, eu quero que todos vão lá com eles no céu onde está o nosso chefe (Deus).

E estes que ainda estão aqui, que ainda caminham, que ainda vivem com os *boróros* oh! Deus! protegei-os, guardai-os, encaminhai-os, fazei-os caminhar bem, fazei cair sobre eles cousa vermelha (a luz), cousa lampejante, cousa brilhante, cousa bonita como flor de para-tudo, porque tenho dó deles, do que estão fazendo, dizendo, falando para nós e para não trabalhar sem fruto.

E assim suas cousas, seus dizeres, suas palavras passem sobre nós como o fogo que queima a mata, o campo, o grande capim, o capim-navalha, o taquaral, o cipó-cascudo e nós os sigamos no caminho que nos ensinam e assim eles ficarão satisfeitos de ter-nos afastado do que nós pensávamos, do que nos entendíamos da nossa falsa vereda, do nosso falso caminho. Estarão satisfeitos de nos ter tirado de tudo isso. Assim seja, se faça o que digo - Disse eu, quando estava no Sangradouro.

Tiago Marques Akirto Borbro Keggéu.

19 de Dezembro de 1939.

PRIMEIRA PARTE

Noticias etnográficas

DIVISÃO DA TRIBU

A TRIBU dos *orarimogodogue* (1), desde tempos imemoriais, está dividida em duas partes: os *exerde* e os *tugaaregue*, tendo cada uma quasi o mesmo número de indivíduos: divisão antiquíssima, como prova a lenda do dilúvio.

E' difficil dizer que coisa signifiquem estas duas palavras. Poder-se-ia, porem, explicar assim a palavra *tugaaregue*: *tuga* = flecha; *are* = possuidor; *gue* = sufixo do plural, ou seja, os possuidores das flechas.

LENDA DO BUTOREAGADDU

A este propósito se conhece a seguinte lenda. Um homem do clan ou familia dos *Iwaguddudogue*, chamado *Butoreagaddu* (de *butore* — *acaddu*, ornamento feito com as unhas menores do porco do mato) foi à caça, quando viu adiante de si duas flechas. Contento exclamou: “Muito bem! servir-me-ão bastante”. Voltou incontinenti à aldeia para anunciar aos seus a descoberta feita. Narrou-a logo ao irmão *Baitogogo* (que significa: sempre fechado em casa) que era do clan dos *Aróroe*, o qual, por sua vez, a contou a *Aroia Curireu* (pano grande). Como chefe, ele comunicou o achado a todos e estabeleceram mandar o descobridor buscar as setas.

Tendo-as apanhado, *Baitogogo* disse: “Esta flecha maior (*imeddu* = = homem) será minha; para ti, *Aroia Curireu*, fica esta menor (*areddu* = senhora). Dada a grande utilidade das flechas, estes primeiros possuidores ensinaram-lhe o manejo a todos os outros clans, de modo que o seu uso tornou-se geral.

(1) Os termos bororos são geralmente graves, com o acento tônico na penúltima sílaba. Daquí por diante só acentuaremos as palavras que escapam a esta regra e algum caso mais difficil.

A lenda é perfeitamente conforme ao carater *boróro*, que em qualquer coisa faz questão do “meu e teu”, mas não parece explicar a origem do nome “*Tugaaregue*” anterior ao dilúvio, enquanto os personagens da mesma são posteriores.

A mesma lenda continua dizendo que as flechas não tinham as penas timoneiras e porisso não acertavam bem. Que fazer? *Baitogogo* resolveu o caso. Pegou um “*jacomea cujagureu*” (pano vermelho) e o pôs sobre os ombros; depois apanhou um “*jacomea ecureu*” (pano amarelo) e o colocou adiante, e se transformou em “*nabure*” ou seja um grande papagaio vermelho e amarelo, chamado Arara: assim tiveram as penas para as setas.

Da palavra *Exerae*, nem mesmo *Akirio Boróro Keggéu* sabe dar explicações, porem nega-lhe o sentido de “fraco e forte”, isto é: *Tugaaregue* = forte; *Exerae* = fraco.

Pelas lendas e pelos costumes, conclue-se que os *Exerae* são superiores aos *Tugaaregue*.

Seria interessante conhecer a lenda da origem dos dois partidos; mas não colhemos pormenores seguros, nem obtivemos explicações que satisfizessem à nossa curiosidade, embora tivéssemos interrogado insistentemente muitos índios e o mesmo chefe *Ukeiwaguúo*.

Soubemos somente, que, em tempos remotos, houve uma guerra entre as duas partes da tribu. Muitos pereceram naquelas lutas intestinas. Um dos chefes, denominado depois *Mamuianguereba*, “matador”, indignou-se porque seus súditos não o atendiam e continuavam lutando entre si. Armou-se de um arco ornado com tiras de pele de onça, seu ascendente mais remoto, e se pôs a flechar os índios que estavam em brigas, matando muitos de ambas as partes. Os restantes fizeram paz entre si e continuaram a viver amigavelmente no mesmo povoado.

Em uma das lendas, narra-se de uma inundação geral, da qual se salvou apenas um *orarimogcdogueddo*. Ele, porem, restabeleceu, entre os filhos, que teve de uma cerva, a divisão antiga e determinou que uns fossem *tugaaregue* e outros *exerae*.

SUBDIVISÕES EM CLANS

Cada secção está subdividida em quatro *wobe* ou *clans*, linhagens, estirpes, dinastias, tirando a própria origem de um animal (ou planta), considerado o ascendente mais remoto. Esse estípite é o *totem*, que ordinariamente dá ao *clan* o seu nome.

Extranha-se que os *boróros* tenham tal crença e se julguem descendentes de animais. A nós também isto nos preocupou e muitas vezes os interrogamos para compreender exatamente o que pensavam sobre tal assunto. Chamou-nos ainda a atenção o fato de matarem e comerem, sem escrúpulos, os animais que reconheciam como pais, avós e primogênitos. Do que conseguimos averiguar, podemos afir-

mar que eles não consideram o totem-animal de que dizem ter tido origem — como tronco de uma descendência genealógica: relaciona-se com eles como a semente com a planta. Tal foi a comparação que várias vezes nos fizeram quando indagados sobre a idéia que faziam do totem. Não deixa, todavia, de ser imprecisa e obscura.

Cada clan ou estirpe tem sua cabana, cuja localização depende de leis, que vigoram entre eles.

Os quatro clans dos *exerae* são :

1.º) *Baaddagebague zobuguiugue*; chama-se também *Akario bokodori*, que é apelido do primeiro chefe deste *wobe*. *Baaddageba* quer dizer chefe de aldeia. *Baaddagebague* são as famílias do chefe.

Distinguem-se em *zobuguiugue* “superiores”, porque habitam a parte mais alta do acampamento e olham para o levante, e *cebeguiugue*, “inferiores”, que ocupam o terreno mais baixo.

2.º) *Baaddagebague zebeguiugue*; este segundo clan chama-se também *bakorokudo*, nome do primeiro *baaddageba*, “chefe” da dinastia. Os primogênitos destes dois clans — *baaddagebague zobuguiugue* e *cebeguiugue*, são os chefes do povoado. O antepassado mais remoto destas duas subdivisões é o *adugo*, “jaguar”.

3.º) Chama-se *kie* o terceiro grupo; é derivado este nome de *ki*, “anta”, pois são as antas o totem deste *clan*.

4.º) *Bokodori exerae*. Este clan tem por totem o *bokodori*, tatú canastra.

Os quatro clans dos *tugaregue* são :

1.º) *Paiwoe*; estípite deste clan é a tartaruga.

2.º) *Aróroe*; o totem deste clan é o *aroro*, i. é, a larva de uma borboleta, pintada de vermelho, preto e amarelo, o maranduvá.

3.º) *Iwaguddugue*; *iwaguddu* é um pássaro.

4.º) *Apiburegue*, cujo totem é a palmeira acurí.

OS ANTEPASSADOS DE CADA CLAN

Parece que as estirpes consideram entre seus avoengos também outras plantas e outros animais, além dos supra-citados, e dos quais tiram o nome; por exemplo, os avós, como eles dizem, dos *baaddageba*, são o *adugo*, “onça”, o *pobbu*, “peixe pacú”, os *odogue*, “socós”.

Primogênitores dos *kie*, são, além do *ki*, “tapir”, o *aigo*, “puma” *pobogo*, “cervo”, *kuddoro*, “arara negro-azulada”, e *bai*, “um pássaro”.

Dos *bokodori exerae*, além dos já citados, há o *bataro*, “um pássaro”.

Dos *paiwoe* são, também o *akigo*, “algodão”, o *kiddoguru*, “planta resinosa, almécega (*pistacia lentiscus*)”, o *mé*, “fumo”, o *korao* e o

manopa, “dois papagaios”, o *kwiddo*, “arara amarela e azul”, o *buke*, “tamanduá bandeira”, o *apogo*, “tamanduá-mirim”, o *rie*, “lobo”; o *mea*, “cotia”, o *pai*, “bugio”, o *jukwo*, “macaco comum”, o *turubare*, “pato”, o *kugo*, o *kuno*, “papagaios”, *keakorogo*, *xuruk*, “pássaros”, *iwe*, “porco espinho”, *geriguigui*, “tartaruga”, etc.

Dos *aroroe*, há também: os *ippie*, “lontras”, o *jomo*, “outra variedade de lontra”, o *aije*, “hipopótamo”, o *jugo*, “caititú”, os *na-bure*, “arara vermelha”, o *tamigui*, “anhuma”, o *bakuguma*, “harpia”.

Pais dos *iwaguddudogue*, são o *mariddo*, “buriti”, o *karau* e o *dere*, “dois pássaros”, o *xuagge pobureu* e o *okiwa*, “capivara”, etc.

Dos *apiburegue*, o *adugo zoreu*, “onça preta”, o *kurugugua*, o *aroezeba*, “dois grandes pássaros rapaces”, o *baze cogúiu*, “tuicú”, o *cuie-mammo*, o *kuiege*, o *xugui*, o *akurara*, etc.

A sorte colocou-nos em mãos os elementos suficientes para poder-mos explicar o valor da lista de antepassados, ao menos da estirpe dos *baaddagebague*. Pelo mito sobre a origem do *Bakororo* e *Itubori*, que, parece, foram os primeiros *baaddagebague*, mostra-se como esses dois heróis foram verdadeiros filhos de *adugo*.

A LENDA DE IPAREXEBA

Os *baaddagebague* — famílias do chefe da aldeia — consideram os *odogue*, “socós”, seus antepassados, primogenitores como dizem.

Com a lenda de *Ipaxebeba* explicam aos filhos por que motivo assim pensam.

Uma vez, *Ipaxebeba*, um *baaddageba zobugutu*, foi à caça e viu por primeiro, os *odogue xoreugue* e os *odogue kujagureugue*, “socós pretos” (*phimosus infuscatus*) e vermelhos (*ibis rubra*) que emitiam suas vozes próprias (som explosivo, gutural e nasal que se obtém com a boca fechada: um, um, um!)

Como este é o grito das almas dos *oranimogodogue* mortos, apôs-se daqueles espíritos e os levou para casa. Considerou aquelas aves como portadoras das almas de seus antepassados; portanto, nelas passariam algum tempo, após a morte, também a alma dele e de seus pósteros.

Voltando à aldeia, contou que vira os seus antepassados e que não os daria a ninguém. Mas, um dia, o seu colega, o *baaddageba zebegutu*, viu o *o kujagureu*, “socó vermelho”, no pátio da aldeia e o furtou. Ao *Ipaxebeba* contou depois que tinha visto o *o kujagureu* e que dele se apoderara. Então lhe disse *Ipaxebeba*: “Restitue-me o *o kujagureu* para que seja meu e no mesmo possam encarnar-se depois da morte a minha alma e a dos meus descendentes; dar-te-ei o *o zoreu*”. E assim foi. Agora o *o kujagureu* está entre os maiores dos *baaddagebague zobuguiugue* e o *o zoreu* entre os avós dos *baaddagebague zebeguiugue*.

E' para crer que reconheçam dois gêneros de antepassados: os de que se julgam descendentes por geração (da descendencia são trôncos iniciais verdadeiros, que geralmente dão o seu nome à estirpe e são considerados o totem da mesma); e aqueles nos quais julgam que transmigram temporariamente as almas do clan depois da morte.

A lenda de *Aturuaroddo* explica porque o milho, o tabaco, o algodão, o *kiddoguro* e o urucú são progenitores dos *páiwoe*.

Os elencos dos antepassados de cada clan, acima apresentados, são evidentemente incompletos. O mito do *Rikubugu* coloca entre os avós do *baaddageba* também o sol e a lua.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES TOTÊMICAS

Em todas as manifestações sociais e religiosas reponta esta antiquíssima divisão da tribo. E' ela que regula as idéias religiosas, as leis matrimoniais, a caça, a pesca, as festas públicas e os ritos fúnebres.

Cada *clan* tem nomes especiais, cantos próprios, ornamentos particulares, penas de cores determinadas e de determinados pássaros, que não podem ser usados pelas outras dinastias. Os membros da estirpe usarão daquelas determinadas penas para fazer flechas, ornar os arcos, os instrumentos musicais, os adornos, a própria cabeça nas solenidades, o crâneo e os ossos mais alongados dos próprios mortos, o cesto que levará os ossos todos à derradeira morada. Todo *clan* tem, portanto, uma espécie de braço, e forma uma unidade mais estavel e mais íntegra do que a família, cujos laços entre eles são bastante frageis.

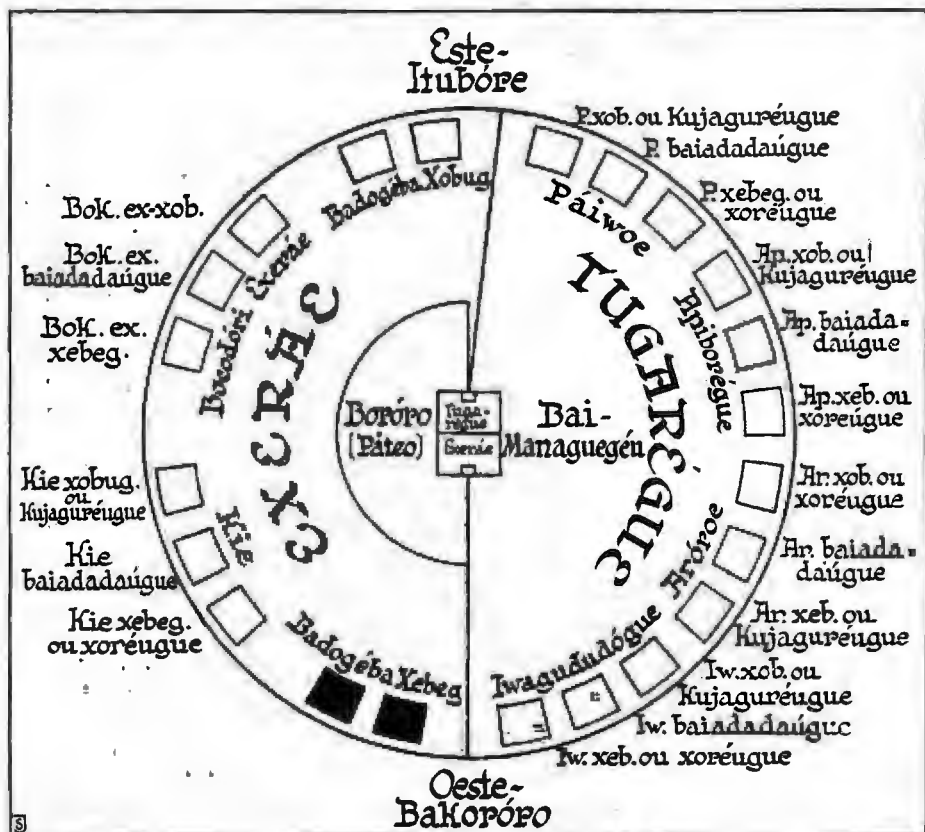
Mesmo vigorando o totemismo, nada obsta que numa tribo se mate o próprio totem, assim como o das outras. Todos o comem nas diferentes épocas do ano e sem quaisquer cerimônias especiais.

Sòmente o *ki* "anta" (totem de um clan) não pode ser comido senão depois dos exorcismos do *bari*, não por haver proibição totêmica, mas por acreditarem que este animal é alimento reservado ao *bari* e aos seus *maeréboe*. Homens e mulheres pertencem ao *clan* por nascimento e não pela iniciação da época da puberdade, iniciação que, nesta tribo, só é feita para o sexo masculino e parece não ter valor totêmico.

A A L D E I A

A aldeia é construída, preferivelmente, sobre um pendor, ligeiramente inclinado para o poente, na vizinhança de um rio e de uma floresta; tem a forma circular e é formada por vinte dois *baidogue*, "cabanas" (*bai*, cabana; *dogue* é o sufixo do plural), conforme desenho à página 34.

Aldeamento dos Oparimogodogue com os 8 clans e principais subdivisões



DISPOSIÇÃO DA ALDEIA

A eclíptica divide a aldeia em dois semicírculos: o da esquerda de quem olha o nascente, é composto de cabanas dos *exerae*, e o da direita é ocupado pelos *tugaregue*. Na extremidade do semicírculo dos *exerae* estão os *baaddagebaque*; a leste, o *baaddageba Akario bokodori*, que representa o herói *Itubore*; a oeste, o *baaddageba Bakorokuddu*, que representa o herói *Bakoróro*.

As vinte e duas cabanas limitam um grande espaço, quasi circular, o *boróro*, "pátio da aldeia". Surge no centro uma cabana bastante maior, de forma retangular, na direção leste-oeste: é o *baimannaguegeu*, lugar destinado para a reunião de homens que aí passam o dia preparando arcos, flechas e ornamentos; nesse mesmo lugar dormem os homens solteiros. E' também o lugar onde se realizam as festas, os bailes e a maior parte das manifestações religiosas. Há duas portas voltadas uma para leste e outra para oeste.

Algumas vezes os índios devem pernoitar fora do aldeamento. Quando chegam ao lugar onde pretendem dormir, mesmo que seja uma só noite, param, e as mulheres com as crianças se dispõem na mesma ordem que tem na aldeia. Limpam uma área circular, em cujo centro acendem o fogo. Os jovens e os homens preparam uma área de terreno no centro, improvisando um *baimannaguegeu*.

Em paus fincados no chão, apoiam longas folhas de palmeiras e assim constróem as improvisadas palhoças.

As mulheres e as crianças ficam sempre nas cabanas e é raro encontrarem-se nelas homens, os quais, quando estão na aldeia, passam quasi todo o tempo no *baimannaguegeu*.

CABANA E FAMILIA

Em cada cabana habitam tantas famílias da mesma descendência quantas são as mulheres casadas. Cada uma conserva um fogo aceso, do qual se utiliza para cozinhar. Quando o homem está em casa, faz o seu trabalho sentado sobre uma esteira colocada junto ao fogo de sua mulher. As mulheres querem ser livres em suas casas e não gostam que os irmãos e filhos vivam com elas depois da puberdade, época em que, com uma cerimônia social própria, são enumerados entre os homens. A isso se refere a lenda acerca da origem das doenças.

Sinal visível da nova família que se constitue, é o fogo que se acende na choupana quando uma jovem se casa. Chega, porem, o momento em que a maloca não pode conter novas famílias. Constrói-se então, para a jovem esposa, uma nova morada sobre o prolongamento do raio que passa pela palhoça do seu clan, ou melhor, um pouco ao lado, de modo que da nova morada se possa ver o *baimannaguegeu*.

Ukeiwaguúo afirmava que nos tempos de sua juventude, vira aldeamentos formados por cinco, seis e mais círculos de casas.



Uma choupana, "bai".

CONSTRUÇÃO DE CASAS

A cabana é construída grosseiramente no tempo da seca. É de forma cônica com base quase circular. O apoio principal é uma árvore central, onde se colocam paus inclinados: sobre estes, os índios estendem folhas de palmeiras que prendem com ligaduras que se desenrolam em espiral. Durante o período das chuvas, o acampamento é transportado das margens do rio para uma elevação do terreno, e as cabanas são construídas ordinariamente com maior cuidado e firmeza. Duas grossas forquilha, fixadas verticalmente no terreno, sustentam uma trave horizontal à qual se apoiam vigotes inclinados; nestes, em alturas várias, são amarradas fortes varas horizontais, cobertas de grandes folhas de palmeira. Resulta então uma cabana com um telhado de duas águas, o qual chega até ao chão, tendo sobre o terreno uma base elíptica ou exagonal alongada. Na extremidade, deixam, entre os paus, umas aberturas. Cobrem essas aberturas com folhas de palmeira amovíveis, algumas vezes lindamente entrelaçadas. São as portas da cabana (*baiporo*, literalmente: abertura da cabana).

Raramente a casa é pouco menos primitiva. Constróem paliçadas firmes, retangulares, que formam as paredes laterais da cabana. O teto é de duas águas, como o tipo precedente, mas se limita à altura



Interior de uma choupana.

da paliçada. Este tipo de choça foi introduzido entre eles, desde que tiveram contacto com os *barde* “brancos, civilizados”.

Quando a tribo transmigra, é o *baaddageba* que estabelece o lugar para construir o novo aldeamento. Os jovens constroem o *baiman-naguegeu*.

INTERIOR DA HABITAÇÃO

A cabana é um verdadeiro bazar. Sobre a linha central, encontram-se os fogos das várias famílias do clan, que ali reside. No fogo é colocada, ordinariamente, uma panela de barro com água, onde fervem pedaços de carne; ao redor, espetos com o churrasco que se está assando; aos lados, montões de frutas, panelas de vários tamanhos, ossos descarnados, conchas bivalves que lhes servem como tesoura e como colher, fuscas, fragmentos de *kogu*, de *koddobie* (elementos para enfeite das mulheres), pedras, esteiras e peles estendidas no chão, ao lado do fogo, etc. Assentada em uma esteira está uma mulher, rodeada pelos filhos; o menor ainda mama, enquanto que os outros brincam. Pouco se preocupa com os mesmos, pois está bastante ocupada em mastigar o milho que depois cospe numa panela cheia de água, com o fim de preparar uma bebida fermentada, o *kuiadda kuru*. Havendo um fogo vizinho, há uma outra mulher que é ou sua mãe, irmã, ou filha, a qual se ocupa igualmente em operações culinárias;

mas voltam-se as costas continuamente. Frequentes vezes, encontra-se, de um lado, o *kamoreu* "cama", feito com quatro paus fincados no chão, aparecendo 30 ou 40 cm., dispostos de modo a formarem os vértices de um retângulo; na extremidade dos dois vértices está fixada, com fortes cordas, uma vara resistente, formando um dos lados menores do retângulo; outro forte bastão, igualmente disposto, forma o segundo lado menor. Sobre esses, apoia-se um estrado feito dos fortes talos de folhas de burití; tal colchão duro e pouco liso, é coberto de esteiras ou de peles e serve de leito. Nas cabanas onde não se encontra o *kamoreu*, os índios deitam-se em esteiras, junto do fogo. Neste caso, chama-se *pa* o lugar onde dormem. Os *boróros* nunca se assentam sobre a terra nua; sempre usam uma folha de palmeira ou de qualquer outra planta. Em algumas cabanas há ainda o *kamo*, que é uma especie de grelha de forma quadrada; é feito com varas e suspenso sobre quatro paus com forquilha, fixos no chão. Ergue-se à altura de 80 a 100 cm., de modo que a chama não possa alcançar a madeira das travessas.

Com isto os índios chamuscam os peixes, seja para os cozinhar, seja para pô-los em estado de serem conservados, pois, algumas vezes, em pescarias felizes, acumulam quantidade de peixes superior à necessidade diária.

Dois paus na cabana, colocados em uma altura superior à de um homem, servem para colocar arcos, flechas, tacapes, etc... Dependurado do telhado que desce até o chão, há, para secar, pele de onça, de puma e de outras feras, troféus de caça do chefe da casa, caixinhas escavadas no pecíolo das folhas de burití, cestas, embrulhos contendo braceletes, brincos, colares, etc.

No alto, entre as duas partes opostas da cabana, com quatro cordas, está suspensa uma esteira chamada *paradda bettu*, "esteira que balança ou berço"; a pequena esteira é retangular e côncava e nela a mulher coloca o filhinho. Uma quinta corda presa lateralmente à esteira, permite à mãe balançar aquele berço suspenso, ao mesmo tempo que se ocupa em seus afazeres.

Não conhecem ordem e limpeza.

E' dever das mulheres, quando devem mudar de habitação, colocar numa cesta (*koddu*) tudo o de que falamos, exceto as armas. E' ainda officio da mulher transportar o referido fardo para o lugar da nova residência; o homem precede-a, levando as armas.

MATRIMONIO

Se uma certa indulgência não permitisse aos jovens os deploráveis excessos condenados pela tradição, este povo poderia dizer-se um dos mais severos no tocante aos costumes.

Excetuadas as relações familiares com as mulheres do próprio clan durante a estadia dos homens na cabana, o costume tradicional

desaprova, antes do matrimônio, qualquer relação entre homens e mulheres de secções diversas. As jovens, quando passam junto de um moço de outra secção, cobrem o rosto ou viram-no para o outro lado; como também a tradição desaprova qualquer íntima relação entre homens e mulheres da mesma secção. Deste modo as primeiras relações entre o homem e a mulher deveriam dar-se por ocasião do matrimônio. Assim deveria ser, mas os chefes desculpam e toleram, com tácita condescendência, as manifestas infrações que a juventude faz a esta tradição.

O PEDIDO DE CASAMENTO

Ordinariamente é a jovem que faz o primeiro presente ao mancebo a quem deseja desposar. Fá-lo com uma declaração simples e patriarcal, inspirada no respeito tradicional que veda toda relação entre homens e mulheres de clans diferentes. Já de madrugada se apressa em preparar um alimento abundante e apetitoso. Pelo meio dia, quando o jovem se acha em sua cabana, ela, acompanhada pela mãe, que leva uma panela com a comida, apresenta-se ao jovem. A mãe dá-lhe a comida e diz-lhe: "Meu genro, vim com minha filha que deseja viver contigo, porque te quer bem".

Raramente o jovem dá logo uma resposta negativa, recusando o alimento e dizendo à moça: "Não, não quero viver contigo". Isto só acontece quando o moço sente uma verdadeira antipatia para com a jovem. Geralmente, qualquer que seja a sua intenção, faz colocar no chão a panela e continúa com indiferença os seus afazeres, sem lançar um olhar para o alimento que lhe foi oferecido. Depois que a mãe e a filha partiram, toma uma decisão sobre o casamento proposto: se pretende aceitá-lo, come o alimento oferecido; deixa-o intacto no caso contrario. Encarrega a mãe, ou, se esta lhe falta, um parente próximo, de restituir o recipiente cheio ou vazio. Se a resposta é negativa, a portadora dirá à mãe da jovem: "Meu filho te restitue a panela e manda dizer que não quer viver com tua filha", e volta rapidamente à própria morada. Quando o jovem consente, ela se dirige à moça: "Minha nora, meu filho disse que te quer bem e te aceitará para sua esposa". Imediatamente as duas mães usam entre si os títulos do novo parentesco: "Teu filho será meu genro", ou "Tua filha será minha nora..."

Não é somente esta a parte que as duas velhas desempenham no matrimônio; mas, segundo a antipatia ou simpatia que experimentam para com o novo parente, unem-se aos outros da família para, com súplicas, conselhos e ameaças, incitar ou contrariar os noivos. Geralmente o moço ouve tudo e depois faz como entende. A moça é muitas vezes levada pelos pais a fazer um pedido de casamento: "Deves procurar um marido para que tenhas um homem com quem viver e não sejas raptada e deshonrada pelos jovens".

Não é menos frequente que a donzela vá, por si só, oferecer-se ao jovem a quem ama, levando-lhe a panela de rito e fazendo-lhe esta declaração: "Eu venho a ti para estar contigo, porque muito gosto de ti".

Quando já caiu a noite, o mancebo, com qualquer pretexto, abandona o *baimannaqueggeu* e vai à cabana da jovem onde pernoita. De madrugada volta ao *baimannaqueggeu*. Tudo isto procura fazer muito furtivamente, para que os outros de nada saibam.

Se julga conveniente que se realize logo o matrimônio, vai caçar ao amanhecer do mesmo dia; regularmente, porém, espera mais tempo e, só depois de quatro ou cinco dias, é que vai caçar. A presa que traz é levada à mãe que a coze e depois oferece à moça: com isto recebe ela a confirmação de ter sido aceita como esposa.

No mesmo dia, por intermédio da mãe, manda chamá-la, porque deseja presentear-lhe e embelezá-la, pintando-a.

Pacientemente pinta-lhe a face e o corpo com urucú, que é cuidadosamente espalmado sobre a pele com um pedaço de madeira. Cobre-lhe a cabeça com desenhos feitos de variegadas penas de arara e papagaio; os braços e as espáduas com alvas penas de pato selvagem. Orna-a com colares feitos com unhas de tatú, com dentes de macaco, de onça, animais por ele mortos. Finalmente prende-lhe ao pulso tiras de algodão, que são o sinal externo que as esposas ostentam (*i kera paru kageggeu*, isto que está em redor do princípio da mão). Quando a esposa volta à própria cabana, acende-se um novo fogo, ao redor do qual viverá a nova família, independente da que se agrupa em torno de sua mãe ou da irmã casada. Mais raramente acontece que o jovem seja o primeiro a fazer a proposta; quando isso se dá, ele vai, à noite, à casa da mulher que deseja ter por esposa e lhe diz: "Faze-me comida, pois te amo e desejo viver contigo". Casam-se se ela o aceita como esposo.

Note-se que a mulher, depois do casamento, continua a morar na cabana do seu *clan* e é o homem que vai habitar com ela, como já foi dito, pois os homens passam quasi todo o tempo no *baimannaqueggeu*. A mãe, a irmã, ou outra parente da esposa vai à cabana do do *clan* do novo marido, retira as armas e quanto ele possui, transporta tudo para a habitação da esposa que passará a ser casa do marido. Mas esta mudança de moradia se realiza muito tempo depois, quando ele já, como costumam dizer, perdeu a vergonha de ser considerado esposo.

A mãe é o centro da nova família e os filhos permanecem sob a sua vigilância até à puberdade, época em que encontram um modo de se emanciparem: os rapazes entram para a sociedade dos homens e as mulheres casam-se.

A mãe é considerada como a raiz da descendência, pois os filhos pertencem à secção e *clan* da mãe; extinguir-se-ia um *clan* se lhe faltasse a descendência feminina.

O pai não deixa de dar aos filhos sinais de afeto, algumas vezes ternos e tocantes. Ordinariamente, porém, se desinteressa deles.

LEIS MATRIMONIAIS

A escolha do marido ou da esposa não é inteiramente livre. Uma lei tradicional limita-a do modo seguinte: homens e mulheres *tugaregue* devem desposar mulheres e homens *exerae*. Este limite é o bastante nos agrupamentos; mas nas grandes povoações a lei tradicional manda que as mulheres de um determinado *clan* se casem com homens pertencentes a três ou quatro *clans* da secção oposta e com ordem de exclusão, isto é, preferivelmente com homens de um *clan* determinado. Há porem uma exceção a esta regra geral: uma família dos *Badagebaxobuguiugue* (*Eigoware badageba*) tem o privilegio de se unir em matrimonio com uma família dos *Bokodori exerae* (*Káigu bokodori*). (Vide desenho pag. 42). Faltando homens púberes no *clan* que tem a precedência, a escolha pode ser feita no segundo *clan* e assim por diante. Conhecemos jovens que não se haviam casado, porque os *clans* que lhes deviam fornecer as mulheres, não as tinham. E, talvez, é esta a causa por que se casam homens de 30 e 40 anos com meninas de 8 e 10 anos.

A consanguinidade não é impedimento para o matrimônio. A lei que manda que os matrimônios sejam entre mulheres *tugaregue* e homens *exerae*, e vice-versa, e a outra que estabelece pertencerem os filhos à secção e ao *clan* da mãe e não do pai, trazem consequências que é bom conhecer para se entenderem várias passagens dos textos que seguem.

CONSEQUENCIAS

Para nos exprimirmos mais claramente, usaremos esquemas genealógicos, supondo que haja apenas um filho e uma filha para cada geração: “*E*”, indica mulher *exeraeddo*, “*e*”, homem *exeraeddo*, “*T*”, mulher *tugaregueddo* e “*t*”, homem *tugaregueddo*; p. ex., do *clan* dos *kie*, “*tapires*”, será:

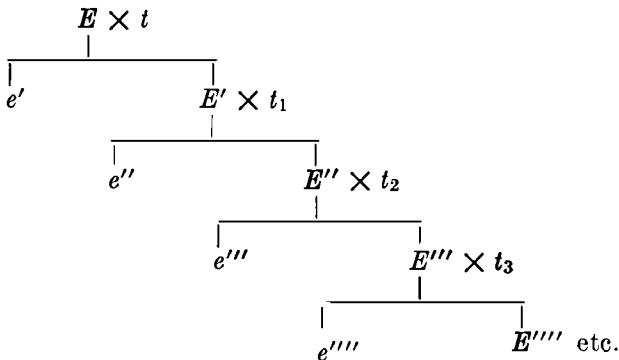
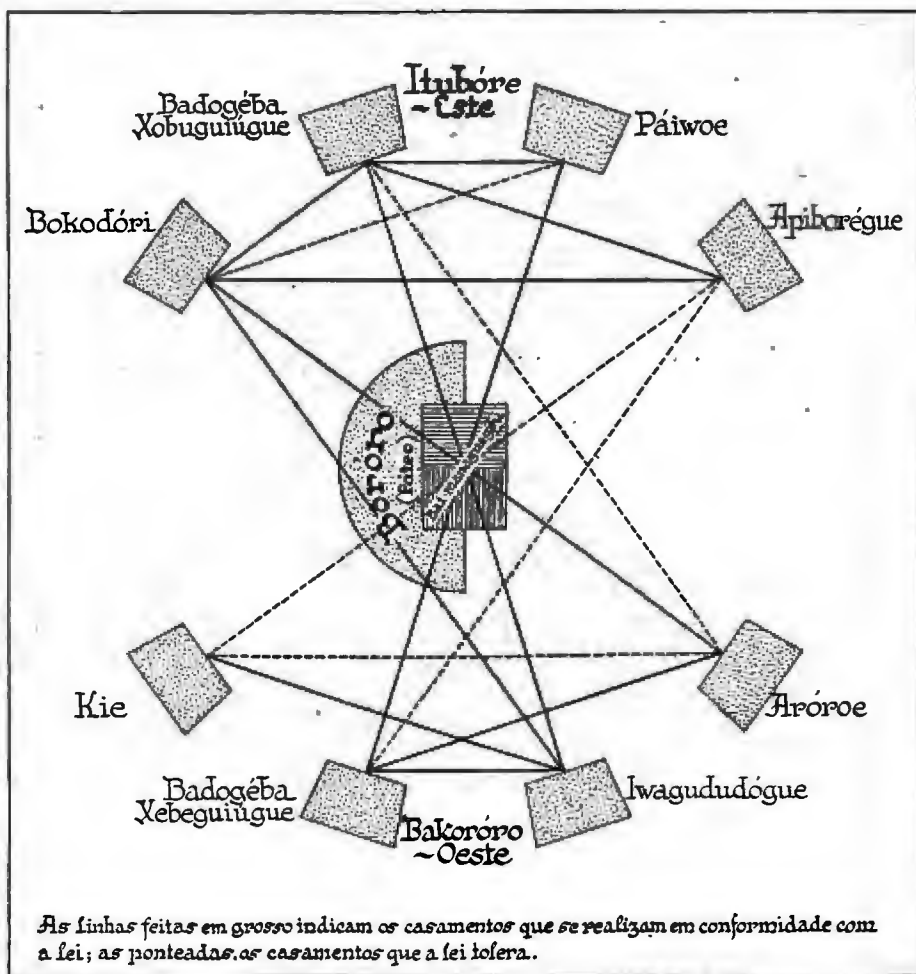


Gráfico explicativo da lei matrimonial entre os Boróros orientais



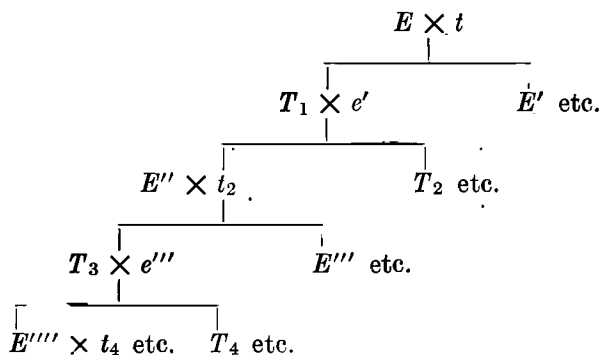
Observe-se que os descendentes de “E” são todos *exerae* e *kie*, mas os descendentes femininos (E', E'', E'''...) tem :

- a) entre si relação de parentes como mãe e filha ;
- b) filhos que são também *exerae* e *kie*.

Ao contrário os descendentes masculinos (e', e'', e'''...) tem :

- a) entre si uma relação de parentesco como a de tio materno e sobrinho ; e como vão desposar uma mulher dos *tugaregue*, terão :
- b) filhos *tugaregue* e do mesmo clan da mãe.

Considerando-se a descendência masculina de um homem, p. ex. *tugaregueddo* “t”, ter-se-á :



Observe-se que os descendentes são alternativamente *exerae* e *tugaregue* e que :

1.º Os descendentes *exerae* (por ex. e', e'') tem pai *tugaregue* (respectivamente t, t₂), e os descendentes *tugaregue* (por ex. t₂, t₄) tem pai *exerae* (respectivamente e', e''). Por isso, muitas vezes, os homens *exerae* chamam genericamente “pais” os homens *tugaregue* mais velhos (ou os seus antepassados *tugaregue*) e pelo mesmo motivo os homens *tugaregue* chamam “pais” os homens *exerae* (os seus antepassados *exerae*).

2.º Na descendência masculina de “t”, os descendentes *exerae* tem entre si uma relação de parentesco como a de avô paterno e neto (o avô materno é de secção oposta à do neto) : e' é avô de e''.

Diga-se o mesmo dos descendentes *tugaregue* : realmente “t” é avô de “t₂” que é o avô de “t₄”. E' por isso que os homens *exerae* chamam genericamente “avô” aos *exerae* mais velhos (ou os seus antepassados *exerae*). Semelhantemente os homens *tugaregue* chamam de avô aos *tugaregue* mais velhos (os seus antepassados *tugaregue*).

Por esta razão um *bari exeraeddo*, voltando-se para o sol que é *exeraeddo*, dirá *i eddoga*, “meu avô”, enquanto um *tugaregueddo* diz *i ogwa*, “meu pai”.

Quando supersticiosamente pretendem retardar o curso do sol, agitam-lhe na face um ramo de uma herva chamada *kuroe*, ou de uma cutra que chamam *meri jorubbo*. Os *exerae*, nessa ocasião, gritam ao sol: “*i eddoga, i eddoga, a meru buttuguddo, ak'aregoddo marigu kaba a wuddureu kae*”, meu avô, meu avô, tu caminha devagar, tu chega depressa não, à tua descida (ao poente). Os *tugaregue* dizem a mesma frase antepondo, porem, “*iogwa, iogwa*”, meu pai, meu pai.

O NASCIMENTO

Nas proximidades do parto, a mulher se afasta da cabana e se retira num bosque com uma ou outras duas mulheres e não é raro o caso em que vai também sozinha. Depois de ter dado à luz o filho, volta à morada e logo atende às suas ocupações ordinárias. A criança, apenas nascida, é pintada de vermelho com urucú.

O nascimento de uma criança é acompanhado de numerosas práticas supersticiosas.

Os pais, por um período de três a cinco dias (algumas vezes dez), conforme o estado de saúde, abstem-se da comida, da água fresca e do fumo. Fazendo isto crêem eles que os filhos serão sadios e fortes. Não põem a mão nos cabelos, porque pensam que, se assim fizessem, torná-los-iam brancos. Bebem somente água quente e mastigam folhas de determinadas plantas, cujo suco absorvem; crêem que, se tomassem alimento com as mãos e se o mastigassem, gastar-se-lhes-iam os dentes.

A mãe, durante algumas luas (em geral três), se abstem de comer carne: alimenta-se de frutas, mel, batatas várias que abundam na floresta, palmitos cozidos etc. Quando recomeça a comer carne, ainda se abstem por um pouco de tempo, de comer a de tatú canastra e de tartaruga. Rejeita o tatú canastra para que o filho não tenha tumores, e a tartaruga para que não cresça raquítico.

O pai, dois dias depois do nascimento do filho, procura o “*ixira*”, bastãozinho pontudo, ordinariamente uma lasca longitudinal da nervura da folha de palmeira, com cerca de meio metro. Torna-o agudo e flexível numa extremidade. Introduz-lo na boca pelo canal respiratório até o pulmão e comprime-o para ferir-se. Provoca uma abundante hemorragia pulmonar com o fim, dizem eles, de fortificar-se emitindo o sangue que o filho teria deixado nele.

Para executar esta bárbara superstição, senta-se no chão, em frente de um tronco ou de um mourão. Faz aos pés deste, no chão, uma pequena cavidade, apoia nele a testa e aí permanece, desde o arrebol até depois do meio dia, emitindo sangue que lança na cavidade para enchê-la. Antigamente todos os homens faziam assim. *Ukeiwaguu* lamentava-se de que atualmente bem poucos são capazes de tal ato e atribuía isso à decadência da raça. Também alguma mulher fazia o mesmo.

Terminada a sanguinosa operação, o pai retira o *ixira*, limpa-o com a mão direita que se acha ensanguentada; esfrega-o sobre o quadril, sobre as coxas, peito e braços.

Suspendem-se as relações conjugais entre os esposos, depois do parto, até que o filho comece a caminhar (até falar, dizem outros). Dorme então de um lado do fogo o marido e de outro a mulher com os filhos. Acreditam que fazendo o contrário seria prejudicial para ambos. A mãe ficaria sem leite ou este seria nocivo à criança; o pai tornar-se-ia fraco e incapaz de aguentar as fadigas das caçadas e pescas em longas jornadas, o mesmo acontecendo aos futuros filhos.

OUTRAS PRÁTICAS SUPERSTICIOSAS RELATIVAS AO MATRIMONIO

As mulheres facilmente procuram o aborto, assim como evitar a concepção. Para alcançar o primeiro fim, além das práticas mecânicas, utilizam-se de medicamentos supersticiosos, de que usam também para obter a esterilidade. Para este fim várias são as plantas cujas folhas ou raízes são usadas pelas mulheres índias. Chamam-nas: *boe ett-ore bok-aware tabo-u*, literalmente: “índios, os seus filhos impedem com aquela planta”, isto é, “aquela planta com que os índios impedem os seus filhos”; ou também: *boe ett-ore e wuddu bokware tabo-u*, “aquela planta com que os índios impedem que lhes nasçam filhos”; dizem também: *aremm'e kuri mugu bokware tabo-u*, “aquela planta com que as mulheres impedem o habitante de seu seio”.

Do modo de usar, conclue-se que são remédios supersticiosos, pois quasi todos os usam pulverizando o carvão obtido com a cremação da raiz; misturam a cinza com uma resina vegetal, *kiddoguru*, e espalmam este preparo sobre o ventre.

De um remédio asseguram a eficácia: é a herva dos feiticeiros que os índios chamam *bokodori jorubbo*, “remedio do tatú”. As decoções que preparam com folhas e raízes e que bebem ou de uma vez ou a intervalos de dias ou horas, são em geral muito amargas e adstringentes.

Costumam também as índias mastigar as folhas cujo suco engolem. Julgam lícito o uso destas práticas e, não raramente, são os maridos que lhes procuram aservas.

Outras mulheres, ao contrário, usam semelhantes remedios para ter filhos, para facilitar o parto, ou para evitar as doenças do puerpério.

O INFANTICIDIO

Reina entre esses índios um uso ainda mais bárbaro: o infanticidio. Quando, em época próxima ao parto, um dos dois esposos tem mau sonho, por ex., se sonha com assaltos por parte dos *kaiamodogue*,

tribu inimiga, ou dos *barae*, "brancos", com um índio mórvido por cobra, ou com a morte de qualquer índio, com epidemia, furacão, chuvas ou seca muito prolongada, demasiado frio ou calor, ou com qualquer mal que seja nocivo à tribu; os esposos tem obrigação moral, perante a tribu, de matar a criança apenas nascida. Deve-se notar que aos sonhos do pai, a tribu não dá senão uma importância muito relativa; o que não se dá com os sonhos da mãe. E' a mulher, a mãe, que dará à tribu o novo ser; os sonhos da mãe e não os do pai terão, portanto, perante a tribu, todo peso e consideração. Acreditam os *boróros* que os sonhos da mãe, particularmente na proximidade do parto, revelam se a vida do novo indivíduo será auspiciosa ou nefasta para a tribu. Esta é a razão pela qual, se o sonho for de mau augúrio, sacrificam a criança recém-nascida. Assim fazendo julgam livrar a tribu do mal que fatalmente viria, se deixassem a criança com vida. Não é sempre a mãe que executa tal officio bárbaro. Ordinariamente se encarrega uma velha do aldeamento, a qual estrangula a criaturinha, sepultando-a sem nenhuma cerimônia. Os pais e particularmente a mãe, porque o pai, pela mesma organização social que rege a tribu, deve conservar-se estranho a tudo isto, não deve dar sinal de dor, arrependimento ou aflicção alguma, pela perda do filho. Os sentimentos de amor materno devem desaparecer por completo. O bem geral é superior ao bem particular e tanto estão compenetrados desta idéia que muitas vezes, com a máxima indiferença e frieza, a mesma mãe sacrifica o próprio filho logo após tê-lo dado à luz.

Estão convencidos de que, se se conservasse viva a criança, o sonho se realizaria. Esta superstição é tão arraigada que, quando os pais querem que seus filhos vivam, no tempo próximo ao parto, se conservam acordados à noite para evitar sonhos nefastos que os obriguem, contra a sua vontade, a dar morte aos filhos.

Outras causas que autorizam a morte do recém-nascido perante a tribu, são:

1.º) A doença do pai ou da mãe durante os últimos meses da gravidez;

2.º) A desilusão da expectativa: os pais desejam um filho e nasce uma filha, ou vice-versa;

3.º) Um parto duplo ou múltiplo: um só dos gêmeos é criado; dizem que, matando um, o outro cresce mais vigoroso;

4.º) Algumas mulheres desnaturadas, parece-nos sejam poucas, mandam matar os filhos para evitar o incômodo de criá-los.

Quanto acabamos de afirmar não depõe muito em favor desses índios. Não se deve, porem, crer que o natural sentimento de amor materno falte ou tenha sido extinto naquelas mulheres. Se há desnaturadas, há também daquelas que se submetem a qualquer sacrificio, como se disse, para não se privarem do fruto do próprio seio.

FURO DO LÁBIO INFERIOR

Após o nascimento, depois de seis ou sete dias, um parente fura o lábio inferior da criança com o *baragara*, instrumento feito com um pedaço de pau ornado de penas variegadas e terminado em osso pontiagudo.

Um outro parente do recém-nascido, cobre-lhe todo o corpo de uma resina pegadiça, *kiddoguro*, e depois o envolve de brancas e leves penas de pato selvagem. Assemelha-se então a criança a um pássaro branco. Sòmente o rosto está descoberto. No furo praticado, intro-



“Baragára”, instrumentos usados para furar o labio inferior dos meninos recém-nascidos (1:12).

duz-se um osso, sendo mais larga a extremidade superior. Sobre a parte saliente dos lábios, colocam uma bolinha de cera para que o osso não seja absorvido. Naquele momento impõe-se o nome à criança e nunca poderá trocá-lo. Quando tiver praticado qualquer ato de bravura, poderá receber um sobrenome. O nome será pronunciado em alta voz, enquanto se ergue a criança na direção do sol nascente. Esta cerimônia é chamada *ipare enogua porododdo*, “furo dos lábios da criança”.

No mesmo dia, se a criança é o primeiro filho de sexo masculino, fura-se ao pai o septo nasal com o *baragara*. Falando sobre esta função, *Ukeiwaguúo* dizia assim: *E modde xenno poroddo, ett'ore-re du-kegge*, eles seu nariz furarão, quando (de) seu filho (furarem o lábio).



“Boe ekénno taddáu”, enfeite para o nariz.

A palavra *baragara* é oriunda de *barogo-ra* "de animal osso". Nesse furo, por ocasião de cerimônias religiosas, introduzem-se os ornamentos chamados *boeke'nno tadda-u*. O furo dos lóbulos auriculares praticase nos meninos e nas meninas quando atingem a idade de sete ou oito anos.

NOMEM

Creemos oportuno dar aqui um elenco de nomes e sobrenomes. Os sobrenomes serão marcados com uma +.

NOMES DE HOMEM

<i>toro-parcddo</i> "tanga que dança, que se agita"	+ <i>u-ke-unorino</i> "sua comida ccco"
<i>battaruudduia</i> "falador"	<i>aturua</i>
<i>exerae-enn-ogwa-tabó-u</i> "o que está com o <i>exerae-enn-ogwa</i> (um crnamento dcs labics)"	<i>tugure-eku-re-u</i> "frecha amarela"
<i>kwiddo</i> "arara amarelo-azulada"	<i>bakoro-paddu</i>
+ <i>kiogw-aguiri</i> "plumagem de pássaro"	<i>meokigui</i>
<i>kogoriga</i> "galinha"	+ <i>joku-meriri</i> "metal do olho"
+ <i>keago-rogu</i> "nome de um papagaio"	+ <i>u-voiga-xaru</i> "seu arco fragil"
+ <i>bapo-rogu-epa</i> "fabricador de bapo pequeno"	+ <i>bure-joddu-re-u</i> "pé torto"
+ <i>ge-meki-u</i> "o da face torta"	+ <i>bure-meriri</i> "pé metal".
<i>okiwa</i> "capivara"	+ <i>butao-kuri</i> "chuva grande"
+ <i>buttuie</i> "bambú fino (usado para fazer flecha)"	+ <i>lcanna-gori</i> "braço queimado"
<i>jure-xe-re-u</i> "sucuri preto"	<i>iroe-baru</i>
<i>adugo-xo-re-u</i> "cnça preta"	<i>jakome-ariddu-re-u</i>
<i>eigo-ware</i>	<i>i-kuie-mama-eku-re-u</i>
+ <i>bakure-ki-r-epa</i>	<i>kiog-aro-kurireu</i>
<i>taraito-u</i>	<i>kudu-ridu-re-u</i>
<i>poiddo-kuri</i>	+ <i>biri-koino</i>
<i>omakudda</i> "socó dado"	+ <i>batora-tadda-epa</i>
+ <i>bure-koibo-wo</i> "pé manco"	<i>meriri-kuadda</i> "machado de ferro"
+ <i>u-ke-gi-r-epa</i> "comida amarga"	<i>u-kuie-panna</i> "seu crnamento o panna"
<i>bakoro-eku-re-u</i> "bakoro amarelo"	+ <i>tube-kuri-wo</i>
<i>baku-getó-u</i> "caminho da praça"	+ <i>nonnogo-iao</i> "lugar do urucú"
<i>uwagu-ro-pe-u</i> "cobra catinga esteo aquele"	+ <i>u-kuie-powa-ri</i>
<i>akirovare</i> "plumagem de pássaro"	+ <i>meri-buttu</i> "por do sol"
+ <i>u-kuie-bokodori</i> "enfeite de tatú"	+ <i>kukaga</i> "lagartixa"
	<i>akirio bororo-kegge-u</i>
	<i>xibae-enn-ogwa</i> "bico de arara"
	+ <i>okwa-tugo</i> "pintura da boca"
	<i>kiogo-kaworu</i> "pássaro azul"
	<i>noa-kuri</i> "lambedor grande"
	<i>panna-kuri</i> "panna grande"
	+ <i>ruo-kuri-r-epa</i> "pescoço grande"

<i>toroa-xe-re-u</i>	+ <i>iera-pea-r-epa</i>
+ <i>bia-bokwa-re-u</i> "aquele que não tem ouvido (surdo)"	+ <i>kugge-kuri</i> "mutum grande"
<i>butoreagaddu</i>	<i>tabo-xe-re-u</i>
+ <i>meapio</i> "abelha"	+ <i>u-ke-mixori</i> "seu alimento o <i>mixori</i> " (<i>mixori</i> é uma planta)
<i>taiaga-kuri</i> " <i>taiaga</i> grande"	

NOMES DE MULHER

+ <i>iera-meriri-xe</i> "a que tem a mão de ferro"	<i>aturua</i>
+ <i>jugo-ra-ki</i> "do caitetú osso seco"	<i>jakome-ariddu-re-u-da</i>
<i>toro-tadda-go</i> "a que está dentro da tanga"	<i>i-kuie-mana-eku-re-u-da</i>
+ <i>jariru-tadda-u-xe</i> "a que está no meio do barulho"	<i>kiog-aro-kuri-re-u-da</i>
+ <i>kugibo-tadda-u-xe</i> "a que está no <i>kugibo</i> (rio Barreiro)"	<i>kudu-ridu-re-u-da</i>
+ <i>biri-kwogo-xe</i> "aquele que tem a pele (casca) do <i>kwogo</i> (uma árvore)"	<i>kugibo-eku-re-u-da</i>
<i>pari-kuri-re-u-da</i> "a que é uma grande"	+ <i>bure-kwogo-xe</i>
<i>baxegi</i> "mosquito, pernilongo"	+ <i>biri-kwogo-xe</i>
<i>jurexereuda</i> "sucuri preto"	<i>meriri-kwodda-go</i>
<i>adugo-xe-re-uda</i> "onça preta"	+ <i>u-ke-ri-exe</i> "a que tem a sua comida pedra"
<i>caetaro</i>	+ <i>oka-tugo-xe</i>
	<i>toroa-meru</i> "pássaro"
	+ <i>bia-bokwa-gge</i>
	<i>meri-bo</i> "rio"
	<i>mariddo-kwaddo-go</i>
	<i>tugamo</i>
	+ <i>u-ke-mixori-xe</i>
	<i>jure-eku-re-u-da</i> "sucuri amarelo"

E' necessário acrescentar que nunca é pronunciado entre os *boróros* o nome de um morto, pois crêem que se tal fizessem poderiam ocasionar desgraças e renovar-se a vida dos parentes do extinto. Pelo mesmo motivo, falando com os civilizados, os índios não lhes dizem o próprio nome. Quando alguém morre, recebe logo outro apelido. Como exemplo damos alguns nomes usados durante a vida e os mesmos depois da morte :

V I V O S

M O R T O S

<i>Jugo</i> (caitetú)	<i>Jureruco</i>
<i>Bokodori</i> (tatú).	<i>Utaboro</i>
<i>Geriquiquire</i> (tartaruga)	<i>Baturoro</i>
<i>Aipobureu</i> (jaguareté).	<i>Aitorireu</i>

NOTA. — Um rico elenco de nomes classificados conforme o *clan*, acha-se no fim do vocabulário.

V I V O S	M O R T O S
<i>Cuge</i> (mutum)	<i>Aiajairo</i>
<i>Uai</i> (jacaré)	<i>Acaxoio</i>
<i>Birikigadureu</i> (peixe piratininga)	<i>Baruboro</i>
<i>Torirepa</i> (pedra)	<i>Icaipo</i>
<i>Moto</i> (terra)	<i>Otowaia</i>

Cada *clan* tem para os seus membros certo número de nomes, e sòmente entre esses deve ser escolhido o que se vai dar à criança. Se os elencos de todas as dinastias fossem conhecidos, do nome do índio se poderia deduzir a que grupo pertence.

A mãe, desde os primeiros dias, cuida da futura estética e beleza física do filho: apenas nascido, comprime-lhe a fronte com a palma da mão para que a testa adquira uma forma achatada; isto se repete por muitos dias. Comprime-lhe também a ponta do nariz para cima, para que cresça curto e rombudo. Com o polegar aquecido na cinza quente fazem idêntica operação no queixo.

A fim de as crianças crescerem robustas, fortes, capazes de suportar fadigas e viagens penosas, usam, além das já citadas, outras superstições: um atilho apertado abaixo do joelho, *ra gagegeu*, "isto que está ao redor do osso", ou no peito do pé, *e-vure-parugagegeu*, "isto que está em volta do princípio do pé", colares de frutas ou de ossinhos de passarinhos, etc.

Com o mesmo fim, usam ainda várias plantas. A cortiça de *kurobo*, presa fortemente ao ante-braço, ao joelho ou ao tornozelo faz as crianças crescerem robustas; a do *jure jorubbo*, usada do mesmo modo, preserva-as da gagueice. O carvão da raiz do *metugo u ke jorubbo*, misturado com resina e aplicado sobre o cocix, fá-los crescer altos e esbeltos, etc.

POLIGAMIA — VIUVEZ — DIVORCIO — CELIBATO

Com respeito ao matrimônio, é necessário acrescentar que, entre os *orarimogodogue*, a poligamia não é muito apreciada. Dá-se, de ordinário, o caso de poligamia latente, quando um homem desposa uma mulher que tem uma filha moça, ou quando se casa com uma moçinha cuja mãe, viuva ou sem marido, é ainda jovem. Neste caso é fácil a bigamia, ainda que oculta, porque oficialmente o homem será marido da mãe ou da filha, e nunca de ambas ao mesmo tempo. O uso da bigamia é antiquíssimo, visto que pelas lendas sabe-se que vários heróis tinham duas mulheres.

Os viuvos raramente permanecem em estado de viuvez; ordinariamente passam a novas núpcias.

Sendo o matrimônio, entre os *boróros*, uma função privada que interessa sòmente os dois contraentes e não havendo por ocasião do

mesmo, manifestações sociais, resulta que pode dissolver-se com a mesma facilidade com que foi contraído. Assim, entre os *orarimogodogue*, no estado natural, é difícil encontrar-se um homem que tenha vivido sempre com a mesma mulher, ou uma mulher que tenha vivido sempre com o mesmo homem. O mais fútil motivo é causa suficiente para o divórcio. Em caso de divórcio, a mulher restitue ao homem os braceletes que recebeu por ocasião do matrimônio.

Os filhos ficam em companhia da mãe, e o marido irá habitar no *baimanaguegeu*, ou em casa da nova esposa.

O celibato entre estes índios não só não é praticado, mas nem sequer imaginado, porque nem admitem a sua possibilidade.

NOMES DE PARENTESCO

Para encerrar estas notícias sobre o matrimônio, vamos apresentar uma lista de nomes de parentesco :

<i>jauboe</i> "gente velha, antepassados"	<i>itt'oreddo</i> "meu marido"
<i>jaubue</i> "os velhos, antepassados"	<i>itt'oredduge</i> "minha mulher"
<i>mariguddu wugue</i> "maiores"	<i>i ogwa u manna</i> "meu tio paterno mais velho" (lit.: de meu pai seu irmão maior)
<i>i edoga</i> "meu avô, meu sogro"	<i>i ogwa u vie</i> "meu tio paterno mais moço" (lit.: de meu pai seu irmão menor)
<i>i marugo</i> "minha avó, minha sogra"	<i>i muga u vuri</i> "meu tio materno mais velho"
<i>i ogwa</i> "meu pai"	<i>i muga u vie</i> "meu tio materno mais novo"
<i>i muga</i> "minha mãe"	<i>i ogwa u tuie</i> "minha tia materna mais velha"
<i>it'oro</i> "meu filho"	<i>i ogwa u vie</i> "minha tia materna mais moça"
<i>it'onareguedo</i> "meu filho"	<i>i muga u tuie</i> "minha tia materna mais velha"
<i>it'oro imeddo</i> "meu filho"	<i>i waguado</i> "meu neto" (assim diz o avô, o tio e também um velho da mesma secção)
<i>it'onareguedo imedo</i> "meu filho"	<i>i rago</i> "minha neta"
<i>it'oro aredo</i> "minha filha"	<i>inn'odóu</i> "meu cunhado"
<i>it'onareguedo areddo</i> "minha filha"	<i>i waguado</i> "meu genro"
<i>i manna</i> "meu irmão maior" (assim dizem os irmãos menores aos maiores)	<i>i rago</i> "minha nora"
<i>i vuri</i> "meu irmão maior" (assim dizem as irmãs aos irmãos maiores)	<i>i ogwa pega</i> "meu avô, meu sogro"
<i>i tuie</i> "minha irmã maior" (assim dizem os irmãos às irmãs maiores)	<i>i muga pega</i> "minha sogra, minha avó"
<i>i vie</i> "meu irmão menor ou minha irmã menor" (assim diz um irmão ou uma irmã, aos irmãos gerados depois deles)	

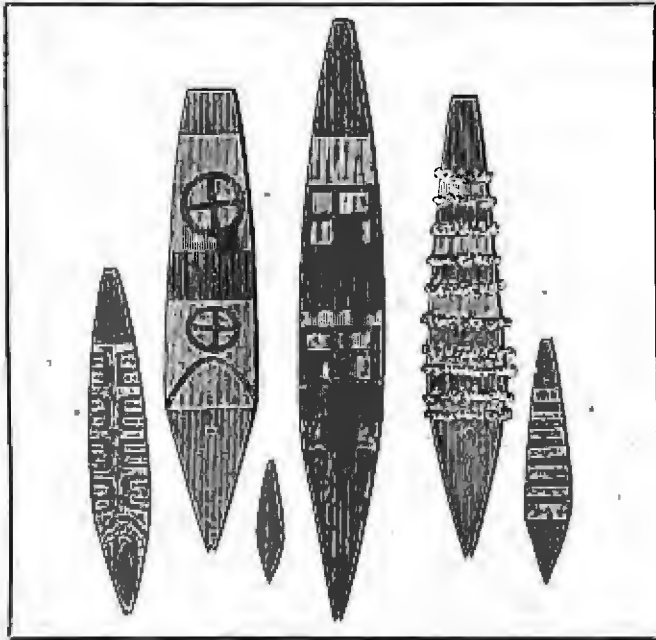
Parêce que falta, na língua desses índios, o nome correspondente a *primo*, talvez porque esse grau de parentesco não forma, entre eles, uma unidade bem definida. Realmente : os filhos de irmãs pertencem à mesma dinastia, enquanto os filhos de irmãos pertencem a *clans* diversos da mesma secção, e os filhos de um irmão e uma irmã pertencem, não só a *clans* diferentes, mas ainda uns são *exerae* e outros *tugaregue*; usam, porem, o termo correspondente a irmão e irmã.

VESTIDOS E ENFEITES

Os filhos até o período da puberdade andam nus. Os homens, em público, levam sempre uma pequena tira de folha de uaguassú, como para significar que desejam observar a continência. Chamam-na de *ba*. Esse ornamento é sinal de pudor, e nenhum homem se apresentaria sem ele em público, especialmente onde há mulheres. Recebe-o o jovem na época da puberdade, durante a festa de iniciação, na qual é posto ao corrente dos segredos que nunca são revelados às mulheres e às crianças. Uma vez declarado maior de idade, o moço poderá impunemente ver, durante os ritos fúnebres, o *aroe matwo*, um homem mascarado que representa uma alma, o *aige* (1), isto é, um homem enlameado que caminha de gatinhas, representa o hipopótamo, etc. Daquele dia em diante começa a ser contado entre os homens e se emancipa dos laços da família. Oferecem-lhe então numerosos *ba* especiais. Tal estojo peniano é feito de tal modo que do nó saem duas tiras : uma curta e a outra que se prolonga cerca de 15 cm, termina em forma de cauda de andorinha. Estes *ba* são importantes, porque com os *aige*, são uns dos poucos objetos que os boróros pintam de vermelho com urucú e de preto com uma resina chamada *berago*. São tidos em apreço porque as figuras pintadas representam, talvez, o *totem* do *clan* do doador.

NOTA 1. — *Aige* é um grande quadrúpede aquático que os índios representam durante os ritos fúnebres e descrevem-no como se fosse um hipopótamo. E' de notar-se que chamam de *aige* o hipopótamo que vem nas ilustrações dos livros de zoologia. Lembramos que um grupo de jovens boróros reconheceu imediatamente o *aige* num hipopótamo africano visto no jardim zoológico de Buenos Aires. Todos os índios afirmam a existência do grande mamífero que viveria nos maiores rios da região por eles habitada. Nunca nos foi possível vê-lo e não tivemos ocasião de verificar se se trata realmente de um hipopótamo. Como se sabe, não se encontrou ainda o hipopótamo em o novo continente; todavia a vasta região inexplorada do planalto de Mato-Grosso e Amazonas pode reservar surpresas, mesmo zoológicas. *Aige* significa também uma taboinha romboidal de madeira, tendo diferentes larguras, de 30 cm. a 1 m., que se prende com um cordão à extremidade de uma vara. Agitando-se circularmente e com velocidade a vara, obtém-se um som semelhante ao da serêia; o que indica a chegada do *aige* na aldeia. Estes pedaços de madeira são pintados de vermelho e preto. As várias dimensões, a cor e o desenho servem para figurar os diversos *aige*, o macho, a fêmea, os filhos, etc.

O homem quasi não anda sem uma cinta, chamada *kagegeu*, “que está ao redor”, a qual ordinariamente é feita de pequenos discos de conchas bivalves (2), polidas depois com paciente trabalho. Além disso, leva ordinariamente dois colares de fio de algodão chamados *akigo*: um em volta do pescoço e outro em volta do torax; ligam um ao outro na frente no centro do peito, e nas costas entre as espáduas. O *akigo* que colocam no pescoço em forma de colar são anéis grossos de ténues fios de algodão; ao contrário, o outro género de *akigo*

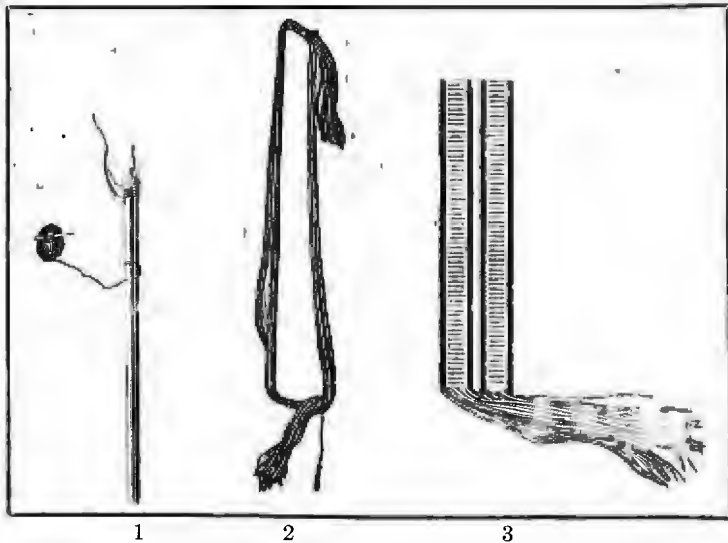


“Aíge”, taboinhas enfeitadas que simbolizam o “aíge” (hipopótamo).

faz-se com tecelagem especial, por meio de dois caniços ligados paralelamente, chamados *akigo ivori*. O fio a ser tecido é antes enrolado no cerne de uma madeira chamada *ao pori*.

NOTA 2. — Pertencem a duas espécies de lamelibrânquios da água doce (Anodonta). Os *boróros* chamam à maior *attu* e à menor *attu-rebo*. As mesmas conchas servem também como tesoura para cortar os cabelos, as penas e como colher. Para usar como tesoura tomam duas, uma em cada mão, fazendo correr a borda de uma sobre a da outra.

Para fazer o *kagegeu*, reduzem os *attu* a fragmentos que transformam em pequenos polígonos e depois os furam com uma espécie de broca. Enfileiram os polígonos em um barbante e põem-nos na concavidade de um pedaço de madeira. Há uma palmeira cujas folhas possuem um pecíolo com a cavidade própria para esse fim. Depois com seixo arenoso cortam as partes salientes e alisam o colar em todo o comprimento e repetem esta operação ao redor. O *kagegeu* pode ser feito também de pequenos discos dos ossos longos de animais pequenos e chama-se então *bareque-e-ra*, “dos animais seus ossos”.

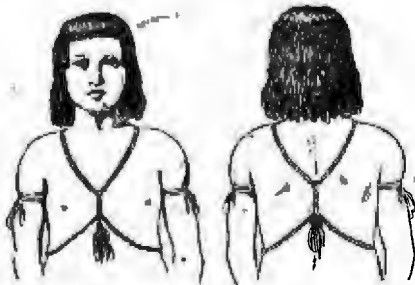


1. "Akigo iwóri", caniços para tecer cordões (1:7).
2. "Boe eiaddaddáu", cordões para enfeite (1:8).
3. "Kánna kagegéu", tecido para enfeitar o braço (1:3).

Esse tecido se obtém com laços que se fazem alternativamente sobrepor nos dois pauzinhos e assemelha-se à renda, de modo que, tirando-se o derradeiro fio antes que o fixem com um nó especial, todo o tecido se desfaz. Resulta, quando pronto, uma fita de fios paralelos entrelaçados nas duas extremidades, da largura de ambos

os bastõezinhos unidos. Tirada a fita, é esticada cuidadosamente e transforma-se num cordão quadrado que se chama *boe eiaddaddau*.

Amarra-se muitas vezes, ao braço, pouco abaixo da axila, um tecido de dois ou três cm. de largura, chamado *i kanna kagegeu*, "isto que está em volta do braço". Essa pequena faixa está tão apertada que entra profundamente nas carnes. Crêem que isso fortifique os músculos.



Como é usado o "boe-eiaddaddáu" e o "kánna kagegéu".

TECELAGEM

A tecelagem das faixas de algodão é feita pelos homens com um aparelho muito primitivo chamado *akigo epa*. Formam-no com dois paus bem lisos, fixos verticalmente no chão, variando a distância entre

ambos de acordo com o comprimento que se quer dar ao tecido. Unem-se as duas extremidades do primeiro fio, que é esticado ao redor dos dois paus; do mesmo modo e aderente ao primeiro,



"Iwóga", espátula para comprimir a trama para tecer (1:9).

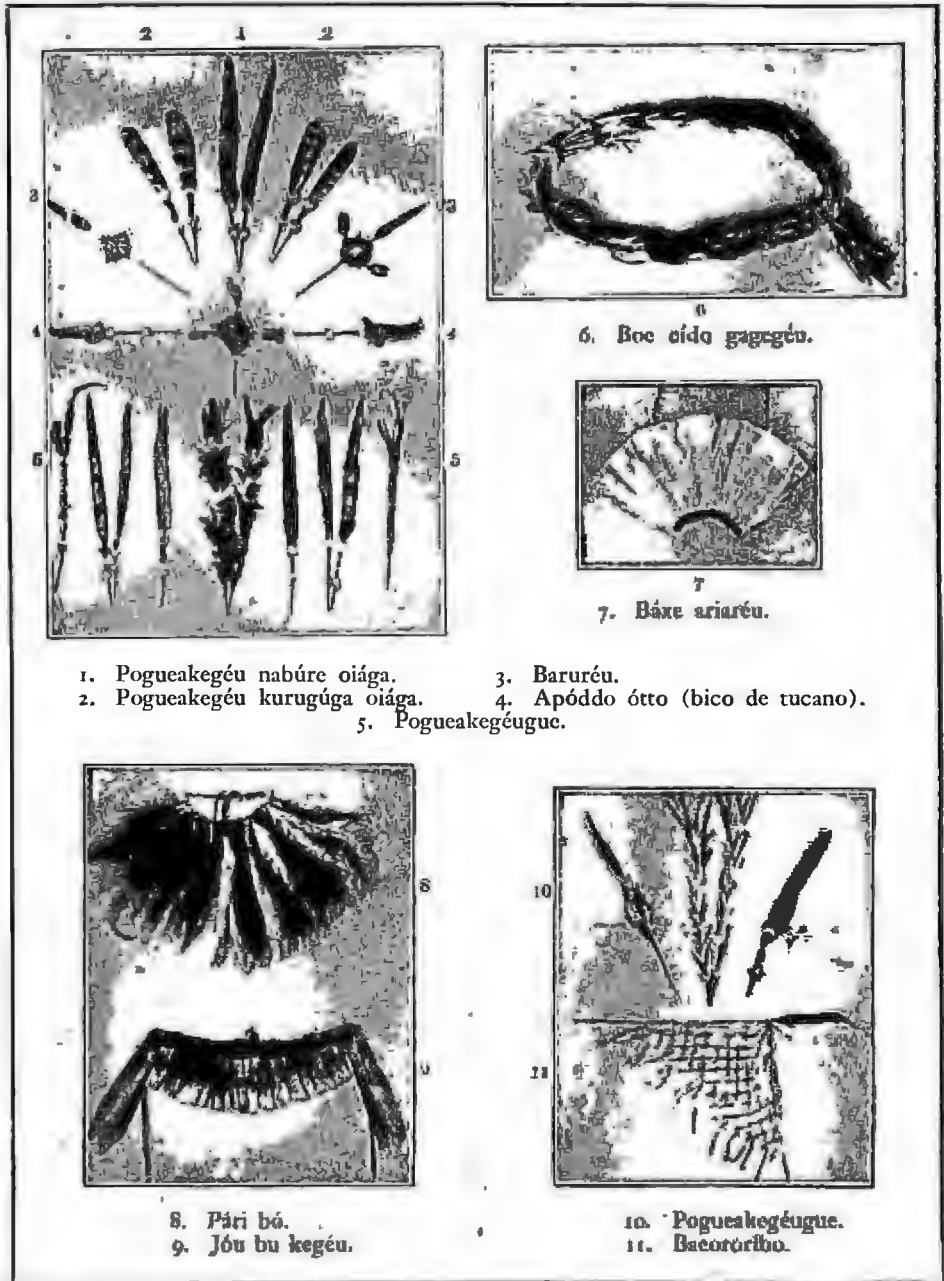
vem o segundo, depois o terceiro e assim muitos outros, tendo o conjunto deles a largura que se quer dar à faixa. A cada fio, prende-se um grande nó ou anel de fios de algodão, chamado *guiguddu rogo*. São separados com paciência os anéis dos 1.º, 3.º, 5.º etc. fios e reunidos na parte exterior do plano do lado do operario; os anéis presos aos 2.º, 4.º, 6.º, etc. fios, são unidos entre si na outra parte do mesmo plano. Assim o índio obtém a urdidura. Para tecer aparecem dois outros instrumentos: 1.º – uma espécie de lançadeira, *ixira* (uma lasca de bam-



Tecidos de algodão com desenhos (1:4).

bú cortada nas duas extremidades em forma de cauda de andorinha), sobre a qual se enrola em camadas sobrepostas o fio de algodão que fará a trama; 2.º – um pedaço muito liso de uma madeira dura, chamado *iwoga* ou também *akigotka*, tendo a forma de espátula com que fazem a compressão da trama. O índio trabalha da esquerda para a direita; um caniço de bambú, posto junto da vara da direita, separa os fios ímpares dos pares, para que o tecelão possa agir desembaraçadamente.

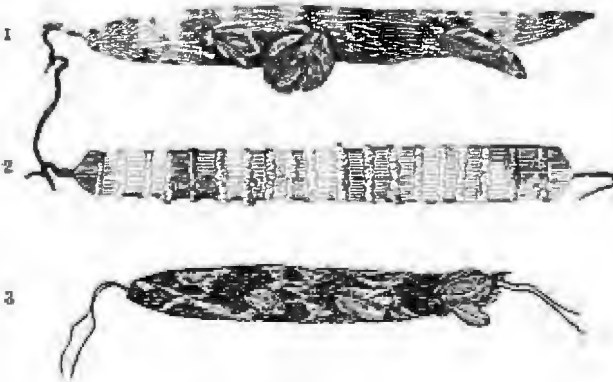
O tecer é operação simples: o índio que se assenta em terra, deante do tear, puxa para seu lado os *guiguddu rogo* ímpares, e, no vão, que surge entre os fios pares e ímpares, distende, com o *ixira*, o fio da trama, fazendo-o passar por cima e por baixo, e com um golpe ou dois da *iwoga*, comprime-o contra a teia já tecida. Abandonando os *guiguddu rogo* ímpares, o índio distende os fios pares, puxando-os para o outro lado e assim o fio da trama, esticado antes, torna-se sobreposto à urdidura, e o tear está pronto para receber outro fio.



Essas operações se repetem até que o tecido se complete. Se a urdidura é feita com fibras coloridas, o tecido apresenta desenhos de linhas paralelas. Modificando oportunamente a ordem dos *guiguddu rogo* se obtêm desenhos que variam de acordo com a fantasia e habilidade do tecelão. Dão preferência a fios vermelhos e ao tecido dessa mesma cor.

ORNAMENTOS DA CABEÇA — CABELEIRA

No furo dos lábios trazem quasi sempre algum enfeite : um pedaço de osso em forma de prego ou penduricalhos diversos, cuja forma e matéria variam de acordo com o uso do *clan*.



1. Pai ô, rabo de bugio. 8. Báera, folha de palmeira enfeitada.
3. Adúgo ô, rabo de onça pintada.

Nos furos dos lóbulos auriculares também trazem pendurada alguma coisa : brinecs que variam para cada dinastia, ou ramos floridos de uma planta que julgam ter propriedades extraordinárias. Desse modo pensam conservar perfeito o aparelho auditivo, evitar dores de ouvido, adquirir prodigiosa memória, etc.

Conservam bela, basta e longa a negra cabeleira. Cortam-na horizontalmente na frente até as têmporas, depois verticalmente alcançando o conduto auditivo ; deste, em linha horizontal até detrás da orelha, e daí caem os cabelos sobre os ombros.

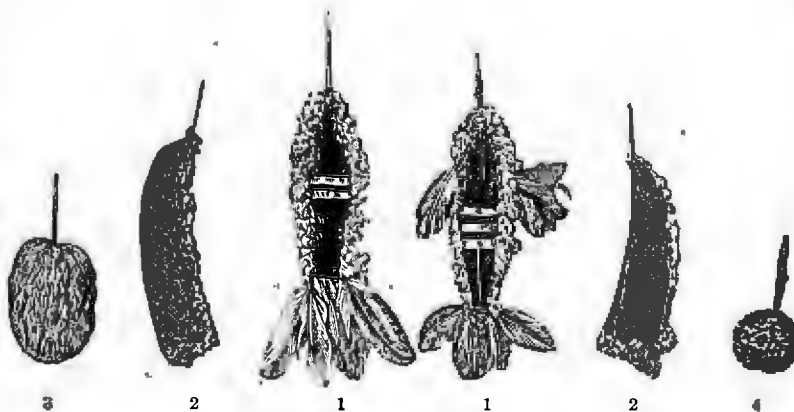
Penteiam acuradamente os cabelos com pentes feitos de lasquinhas de bambú, unidas com um belo tecido de fios de algodão. O tecido cobre grande parte do pente deixando livres os dentes deste, em ambas as extremidades ; na parte assim coberta há vários desenhos cuidadosamente traçados.



Barêgue einógui, unhas de onças e jaguatirica



"Boe ennogoddáu", enfeite do lábio para os homens (1:4).



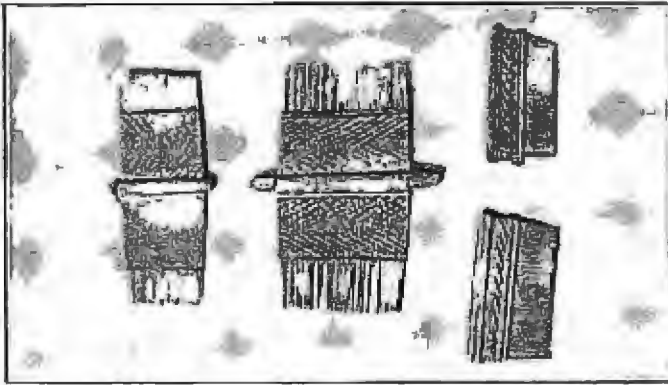
"Boe eviaddáu", enfeite pas orelhas (115).

1 Ató biadáu 2 Apóddo ótto 3 Apóddo bíri 4 Pári bá

As mulheres, enquanto se toucam reciprocamente, procuram e comem parasitas que proliferam em abundância naquelas espessas cabeleiras.

O resto do corpo é quasi desprovido de cabelos: a barba rala, as sobrelanceiras, os poucos cabelos do pubis e das axilas são arrancados. Antes de fazer tal operação esfragam cinza quente na pele.

Por ocasião da morte de algum parente pelam a cabeça, deixando depois crescer o cabelo naturalmente. Só após o luto é que o aparam, segundo o uso já descrito.



“Puddúga”, pentes.

Na cabeça levam muitas vezes uma fita disposta em espiral, como um turbante. De vários modos fazem esse enfeite: com uma corda simples ou com uma fita que é ornada com peles de passarinhos, de macacos ou de outro animal. Algumas vezes fazem-no de cabelos humanos.

Pintam a face com uma resina (*kiddoguro*) misturada com pó de carvão. Um dos desenhos mais usados é uma lista preta que corre no meio da testa até às fontes, descendo daí, simetricamente, à maçã do rosto, indo terminar no canto dos lábios. Nem sempre tal pintura tem fim ornamental: muitas vezes é usada como remédio, pois o carvão, de que se servem, é tido como medicinal.

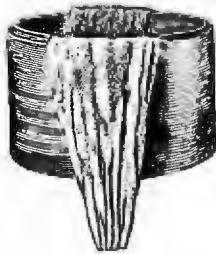
VESTIDO E ENFEITE DAS MULHERES

As mulheres levam o *kogu* (chamado também *i parere iwoi*), espécie de cinto de 12 – 15 ou mais cm., que apertam em torno do ventre tão estreitamente que os ossos ilíacos se salientam.

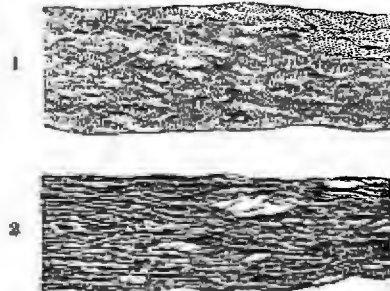
Para fazer o *kogu*, tiram longas tiras longitudinais da casca de uma planta, as quais são amassadas nágua suja e pútrida, tornando-se

escuras e duras. Cortada uma faixa larga e comprida, é adaptada ao redor da cintura; ligam as duas extremidades sobrepostas com uma tira de folha de palmeira ou com qualquer outra fibra resistente. Quando se alimentam fartamente, sentem necessidade de afrouxar o cinturão. É certo que para essas índias o *kogu* representa um elemento estético importante: é a moda indígena.

Outra parte essencial do vestuário feminino é o *kodobie*, formado também por uma tira flexível de embira branca que as mulheres mastigam em toda a extensão para lhe dar maior flexibilidade. A árvore é uma tiliácea (*Apeiba Cymbalária*) conhecida pelo nome de jangadeira, porque com a madeira constróem-se jangadas.



“Kógu” e “báxe iwói”.
vestuário das mulheres.



1 — Tira de “koddobie”.
2 — Tira de “okuamie”

As índias introduzem uma extremidade do *kodobie* entre o ventre e o cinturão, correspondendo o extremo do *kodobie* com a orla superior do cinto; é preso por compressão. Descendo, depois, a tira cobre as regiões púbica e perineal, e finalmente cobrindo a região coccígea e sacral, vai terminar na altura da cintura; esta extremidade é introduzida por cima entre o dorso e o *kogu*. Vêem-se, algumas vezes, meninas de três ou quatro anos vestidas desse modo. Também uma outra árvore, *baxei*, produz uma casca branca, flexível e tenaz que é usada pelas mulheres com o mesmo fim: chama-se então *baxeiwoi*.

No período de gravidez e durante o luto, o *kogu* é substituído por uma simples cinta, feita de um cordãozinho chamado *i waigu*. Nesse tempo o *kodobie* é substituído por uma tira de uma entrecasca preta, dobrada que, presa anteriormente ao *iwaigu*, cobre a região púbica, perineal e sacral e vai prender-se posteriormente ao *iwaigu* e se chama *okuamie*. Quando, depois de algumas luas, as mulheres tiram o *okuamie* para substituí-lo pelo *kogu* e *koddobie* ou pelo *baxeiwoi*, recomeçam a comer carne, de que se abstiveram desde o parto.

As mulheres, além deste vestido essencial, usam brincos e muitos colares, entre os quais são preferidos os que se fazem com dentes de

onça, macaco, etc. (os dentes mais usados são os caninos), ou com unhas de tatú, dispostos em forma de meia lua. Não deixam as ataduras do braço e o bracelete. A maior parte desses ornamentos os recebeu a mulher do esposo, por ocasião das núpcias, pois são os homens que fazem os tecidos, colares, brincos e outros enfeites de que temos falado.

ORNAMENTOS USADOS NOS RITOS, FESTAS E JOGOS

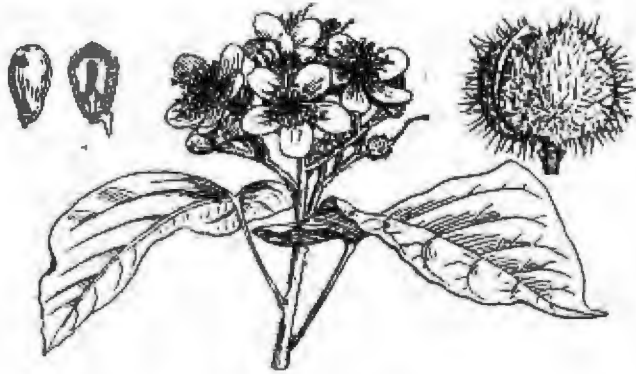
Deste modo é que se enfeitam os índios nos dias ordinários. Durante os jogos nacionais (*mariddo, manno*), durante os bailes religiosos, durante os ritos fúnebres que se prolongam por dois ou três dias, os homens, e somente eles, se ornamentam com um número infinito de enfeites.

A lenda de *Baitogogo* trata da origem desses atavios.

Dizem os *boróros* que, antes de *Baitogogo*, os *orarimogodogue* não furavam os lábios e nem traziam o *ba*; não conheciam os enfeites que usam atualmente, não se pintavam com urucú. Alguns ornamentos foram inventados e usados pelos dois heróis nacionais: *Bakororo* e *Itubori*. Mas *Baitogogo* e os índios que o seguiram ao país por ele descoberto, foram inventores da maior parte dos ornamentos que, por tradição, ainda são conservados em uso. Originariamente os inventores tiveram, no princípio, o privilégio de levar os atavios por eles forjados, mas alguns enfeites passaram depois para o uso geral. Outros permaneceram por muito tempo como privilégio do *clan* do inventor; eram porem dados de presente aos outros *clans*. Então o ornamento, se é feito com penas, leva as penas e as cores do *clan* que o oferece e este adquire o direito de fazer outros logo depois, mas com as cores de origem.

URUCU' E PENAS

O primeiro adorno é a cor vermelha, *nonnogo* "urucú" (Bixa Orellana). Utilizam a polpa corante que está em torno das sementes dessa planta. Depois de a extraírem a juntam à cera de abelha e temperam tudo com óleo e gordura. Com tal mistura cobrem pacientemente todo o corpo. A todos os selvícolas da América Equatorial que tem o mesmo costume, chamam de *gevaodogue* e *re pu gujaguddu koddí*; (eles se avermelham porque) "porque se avermelham". Os de raça branca são conhecidos por *baráe* e *virí kigaddu koddí* "deles pele branca (é) porque", e aos negros *tabae* e *virí xore koddí* (deles pele negra porque), "porque pele deles (é) negra".



Urucú (flor-cápsula-semente).

O urucú é uma das poucas plantas de que os índios, se não a cultivam, ao menos cuidam, estirpando as hervas que lhe crescem ao redor. Cuidam também do milho, do tabaco. Para procurar a semente do urucú organizavam antigamente expedições pelo território da tribo dos *kaiamodogue*. Sangrentas guerras de extermínio se originaram dessas correrias; disto surgiram numerosos contos, hoje tradicionais. Do exposto se conclue que dão grande importância aos adornos. Talvez tenham eles surgido da necessidade de se defenderem da importunação dos numerosos insetos sugadores de sangue humano. Nem sempre, porém, pintam-se inteiramente de vermelho; trazem o corpo decorado de acordo com o personagem que devem representar: de listas vermelhas e pretas (*Bakoróro*), vermelhas, pretas e brancas (*Itubore*), etc.

Um segundo modo de se enfeitarem consiste em cobrir o corpo com uma resina viscosa — *kiddoguro*. Sobre o *kiddoguro*, assim espalhado no corpo, aplicam penas de periquitos, de patos e de passarinhos.

As crianças, jovens e homens cobrem desse modo todo o corpo, exceto a face; outras vezes cobrem somente as partes simétricas, ou zonas tão pequenas que parecem manchas; muitas vezes emplumam só as espáduas, os quadrís e os braços. Talvez representem, assim enfeitados, uma alma, ou melhor, um antepassado.

ORNAMENTOS DA CABEÇA

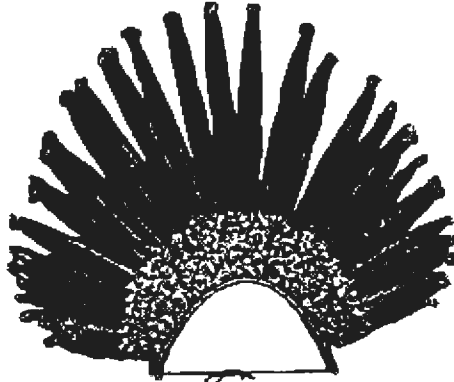
Uma terceira maneira de se enfeitarem consiste em usar vários objetos, para isso preparados com antecedência. Estes últimos enfeites, usados exclusivamente pelos homens, são em número grandíssimo: em cada festa aparecem novos. São todos feitos com

penas de variadas cores, ligadas a um suporte com o *kiddoguro*, com fics de algodão ou com outra fibra vegetal.

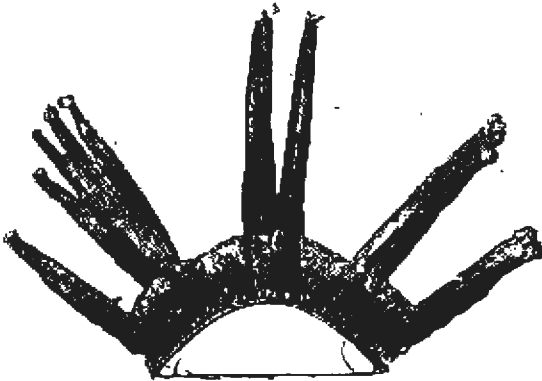
As diversas espécies de araras (*kwiddo*, *nabure*, *xibae*, *kud-doro*), os numerosos papagaios de cores vivas (*manopa*, *korau*, *kuritaga*, *kunno*, *keakorogo*); *aroexeba*, “harpia”, *kurugugwa*, “falcão”, *togogo*, “coruja”, etc., fornecem penas para a plumagem. Provavelmente o *kurugugwa* é o gavião pega-macaco, “*spizaetus tyramnus*”, como o *aroexeba* é provavelmente o gavião real (*Thrasaetus Harpyia*).

Nisto os *orarimogodogue* são excelentes e insuperáveis mestres. Na cabeça levam :

1.º O *pariko*, “espécie de abanico semi-circular de penas de arara”; é levado sobre a fronte.



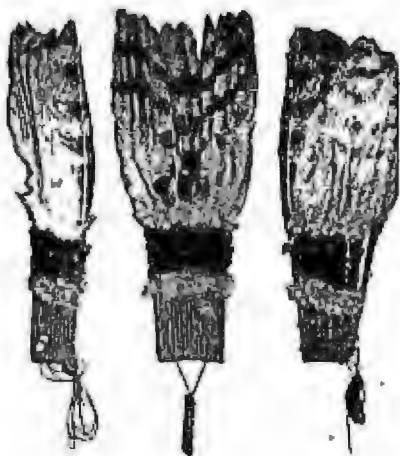
“Pariko”, enfeite da cabeça (1:8).



“Pariko ukigaréu” (1:7).

2.º *Kurugugwa*, ou *kurugugoe e iaga*, três arcos de madeira em que se prendem penas timoneiras do gavião : os três arcos se unem um ao outro, formando um cilindro de penas. Colocam-no verticalmente sobre a cabeça.

3.º Alfinetes ornados de penas de todas as dimensões e cores ; são feitos de madeira, tendo numa extremidade as penas e na outra uma ponta bem aguda, por onde se enfiam nos cabelos. Usam também ossos ornados de penas e grandes bicos de tucanos. Dividem o cabelo em duas ou três partes, formando *coques*, e enfiam neles os alfinetes.



“Kurugúgua”, enfeite de gavião para a cabeça (1:10).

4.º) Coroas feitas de um arco de madeira flexível, tão grande quanto a circunferência da cabeça e com cordões nas extremidades. Ao arco estão presos dentes ou garras de feras.

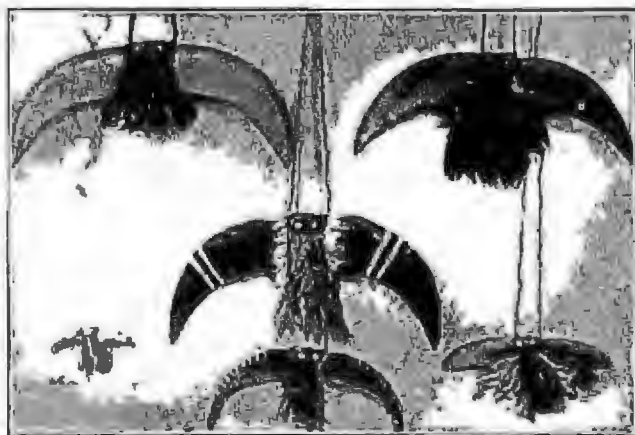
5.º) Turbante de que se falou acima.

6.º) No septo nasal enfiam um ornamento feito de duas hastes de madeira, uma das quais apresenta, numa extremidade, um furo cilíndrico, e a outra uma ponta tão fina que pode entrar no furo da primeira. Os dois pedaços de madeira são ornados de penas variegadas. Passando através do septo nasal, o prolongamento adelgado da uma das hastes, enfiada no furo da extremidade do outro : o ornamento toma a forma de dois grandes bigodes.

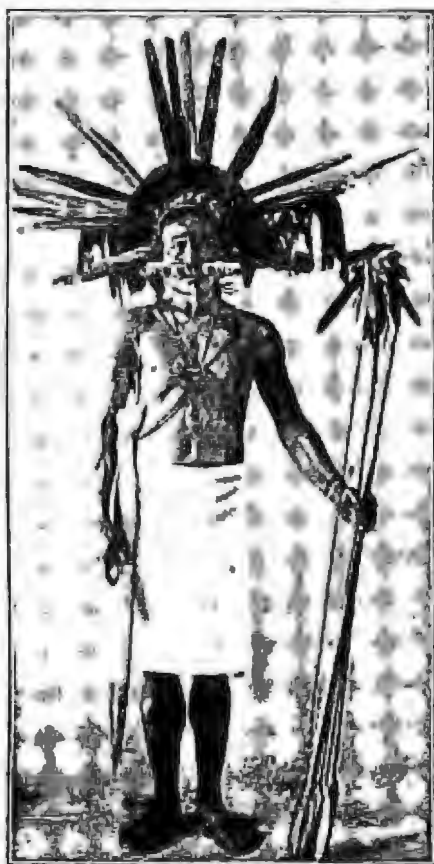
7.º) Penduricalhos no lábio inferior, de forma e matéria diversas.

8.º) Brincos. Diga-se o mesmo dos brincos, alguns dos quais são tão longos que chegam a apoiar-se sobre o peito.

9.º) Viseiras : espécie de abanicos de penas flexíveis, que unidas em redor da fronte, com penas dirigidas para cima ou para baixo, escondem parcialmente os olhos, como o *paribó*, feito com penas de *pari*, “ema” e o *jou bu kegeu*.



“Bokodóri inógui”, colares de unhas de tatú-canastra (1:5).



Boróro com enfeites e armas, de frente e de perfil.

10º) Máscaras que são colocadas no rosto de um homem que representa a alma de qualquer antepassado.

Outras vezes a cabeça não leva esses ornamentos, mas então, sobre os cabelos que foram breados de urucú, são presas, com paciente trabalho, penas coloridas com o *kiddoguru*, formando linhas de várias cores; as penas são de diversos pássaros, de acordo com o *clan* a que pertence o indivíduo.

Usam também colares; os mais comuns são feitos de grandes unhas de *bokodori*, "tatú-canastra", não raro ornadas com penas e fragmentos nacarados de uma concha muito pequena.

ALIMENTOS

A alimentação dos *orarimogo* consta de carne de animais, peixes, frutas, sementes, palmitos, tubérculos de várias plantas, mel, etc. Não fazem criação de animais domésticos para terem alimento, nem se dedicam à agricultura. Prevalece neste povo a vida nômade, facilitada pela riqueza da flora e pela fauna igualmente rica, tanto a terrestre, como a fluvial. É nômade, porque o sistemático e irrazoável desfrute dos dons naturais, esgota as fontes de alimentação na zona onde por algum tempo se estabeleceu uma aldeia. Esta é a principal causa que determina a mudança das povoações para outras regiões, além de serem impelidos a isso pelas estações. É provável que a lei do infanticídio tenha uma oculta razão no temor de que a densidade da população pudesse tornar insuficiente a natural reserva de alimento. É fato que a região ocupada por es-



“Aría”, panela de barro cozido (1:17).



“Kuiára”, espátula para mexer a comida (1:10).

tes aborígenes era vastíssima. Tinha porém seus limites determinados pelo valor das tribus inimigas. Acresce ainda que o indígena não só se aproveita da caça e dos frutos, mas por onde passa elimina os animais e ao apanhar os frutos destrói as árvores que lhes dão tais alimentos. Não é difícil admitir-se que um povo que não é agricultor nem pastor, que vive unicamente com os alimentos que lhe oferece a natureza, deve procurar evitar o excessivo aumento de população.

A comida é sempre preparada pela mulher. A carne de feras e pássaros é geralmente cozida nágua, dentro de panelas que eles chamam *aríá*. Para mexer o alimento usam o *kuiára*, taboinha em forma de espátula. Para tirar da panela a comida pronta, usam o *ivar'apa*, escumadeira que se assemelha a uma raqueta de tennis com a rede feita de cordõezinhos. Raramente tostem a carne com espetos colocados perto do fogo.

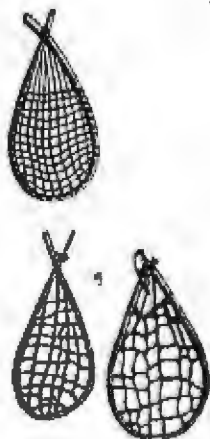
Os peixes grandes são cortados em pedaços e ferventados; se pequenos, são cozidos sobre o *kamo*, ou envolvidos em folhas vegetais para serem depois colocados na cinza quente.

Utilizam o milho de vários modos: comem-no crú ou assado; outras vezes, depois de o assarem, moem-no com um pilão de pedra para fazer farinha; com esta preparam uma espécie de pão, cozido

entre folhas, na cinza. Chamam a isto *kuiadda amireu*, se menores e redondos os pães; se grandes e compridos, são chamados *kuiadda toru*. A mesma farinha, cozida com maior ou menor quantidade de água, dá um mingau que eles denominam genericamente "*boe kugu*", coisa líquida.

O milho tostado, as sementes do *parori* "cumbarú", do *noíddo* "uaguassú" (*Attalea spectabilis*) e de outras, são mastigados pelas mulheres que depois os cospem num recipiente com água. Depois de fermentado e mexido, o líquido está pronto para ser bebido: a este preparado chamam *boe kugu*.

Cozinham na cinza o broto central do *oze* "ananás selvagem". Ferventam os tubérculos da batata (*tadare*), do cará (*Dioscorea spec.*) e da mandioca (*ju*). Do *motore* "bocaiuva" (*Acrocomia spec.*) cozinham a parte carnuda que envolve o caroço e comem crú o conteúdo deste; da palmeira *akó* tiram a semente, de cuja farinha fazem um pão chamado *akó toru*. Algumas frutas são cozidas para servirem de alimento, e outras são boas mesmo cruas, como a mangaba (*bato*) "*Hancornia speciosa*".



"Iwarápa", escumadeiras (1:12).



"Parikibótto", abanicos que servem também de bandejas (1:14).

Para que se não perca nenhuma das sementes, as mulheres enrolam o coco em palha de milho, quebrando-o depois com pedras.

Para tomarem caldo e outros alimentos não sólidos, usavam antigamente o *attu*, o *aturebo*, o *aturebo kigareu*, e hoje-em-dia imitam com barro cozido as nossas colheres.

Conservam a água fresca nos *pori*, moringas de barro cozido, não envernizadas. Gostam muito de um vinho de palmeira que obtém pela fermentação de um líquido açucarado retirado mediante um processo especial do *burití* (*mariddo*), *acurí* (*appido*) e do *akó*. Bebem os vários *boe kugu* de que falamos acima. Tomam ainda água misturada com terra branca, chamada *noa kuru*.

Quando tem alimento, comem continuamente. Um dia *Ukeiwaguúo* nos dizia :

— Vós, brancos, comeis quando o sol está lá, (com a mão indicava o levante), quando lá, (mostrava o zênite), quando lá, (apontava o poente); nós ao contrário, comemos quando está, alí, alí, alí, . . . — e com a mão determinava dez ou doze posições diferentes no céu.

Mas nem sempre é assim. Não raras vezes a caça e a pesca do homem são infrutuosas, como a colheita de frutas, da mulher. Suportam então entre bocejos e suspiros, filosoficamente, a fome, ficando cabisbaixos e melancólicos. Ao contrário quando tem muito alimento, estão alegres, cantam e dançam. Enquanto comem, os homens não se deixam ver das mulheres e viceversa. Marido e mulher usam do mesmo recipiente, porem virando de lado no ato de comer.

E' assim a refeição familiar; há, porem, as sociais. Nestas tomam parte somente os homens, no *baimannaqueégeu* ou no meio da praça; dão-lhe um significado religioso. As mulheres são encarregadas de preparar a comida e a bebida e cada panela que chega é recebida com entusiástico urro, *au!*, sem que alguém se volte a olhar. Contam os horóros que antigamente conheciam o arroz (*iro*), as bananas (*baco*), a cana (*tacu*), plantas que se perderam, mas conservaram o nome. O mesmo aconteceu com a mandioca que encontrada novamente, talvez com os civilizados, chamaram com o antigo nome de *jú*.



“Boe ra”, ossos de animais usados como enfeites da cabeça e como punhais (1:9).

ARMAS

As armas destes índios são apenas o arco, a flecha, uma espécie de espadão feito de madeira, o ferrão do peixe *meru* (arraia) e punhais (*boerá* e *baragara*).

ARCO

O arco, *boiga* (*boe e ika*) é a arma por excelência dos *boróros*. Costumam utilizá-lo dos seguintes modos: usam-no para atirar a flecha, como lança de ataque ou como arma de defesa.

Na posição normal, é direito ou levemente encurvado. Feito de madeira vermelha, *boroddut*, “arceira” (*Schinus therebinthifolius*) ou com o lenho preto da siriva (*avicennia*), tem de 1m50 a 1m80 de comprimento, sendo ponteadas as duas extremidades. A face externa do arco é quasi plana, enquanto que a interna é bem mais curva. Toma nas extremidades a forma de um triângulo cuja base se volta para o exterior do arco.

Para construí-lo usam facas com que golpeiam a madeira apoiada aos pés, e não há perigo que se firam, tal a firmeza com que trabalham.

Para polir a primeira vez usam a mesma faca, que, quando grande, pegam pela lâmina. Para esse trabalho colocam no peito a madeira, contra a qual, em direção ao corpo, dão golpes seguros e certos.

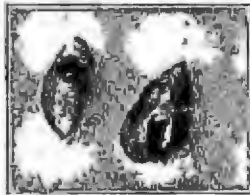


“Boíga”, diversas especies de arcos. — Da esquerda para a direita:
 1 — “O íka”; 2 — “Adúgo íka”; 3 — “Bakuráia íka”; 4 — “Ba íka”;
 5 — “Aroexéba íka”.

Quando não conheciam o ferro usavam conchas de um gasterópodo terrestre (*Bulinus*), conhecido por eles com o nome de *ruo*. Na extremidade da espiral do caramujo faziam um furo cujas orlas afiavam. Aplicam as orlas assim cortantes sobre o arco, fazendo correr a concha sobre a madeira.

Também usam o dente incisivo da capivara (*Hydrochoerus Capibara*), preso a um cabo que chamam *barozo ó*.

Com uma pedra gastam obliquamente o marfim posterior do dente, enquanto a orla anterior do esmalte é conservada cortante. Usa-se esse instrumento como um escalpelo, sendo os golpes dirigidos em direção ao corpo do operador. O segundo trabalho de polimento é feito com pedras granuladas, gradualmente mais finas, e finalmente com folhas de lixeira ou de embaúba que são próprias para alisar. A corda é feita com fibras da folha de uma palmeira chamada tucum (*Astrocaryum*) e resulta da união de duas cordinhas. Torcem esses cordões no joelho, primeiro separados, e depois juntos. Usam nessa operação a palma da mão direita, enquanto a esquerda conserva separadas as cordinhas.



“Rúo”, casco de caramujo
(1:7).



“Barógo ó”, dente de capivara
(1:8).

A corda que resulta tem um diâmetro de 3 ou 4 mm., afinando-se gradativamente, à medida que se aproxima da extremidade e é amarrada no arco de tal modo que o deixe sempre reto. A parte grossa é duas ou três vezes maior do que a de que se necessita para o arco, e a que sobra é conduzida até ao centro do mesmo; daí cuidadosamente enrolada até a extremidade; é a reserva, caso a corda rebente. Sempre que não estão caçando, conservam frouxa a corda para que o arco não se encurve.



“Taríga”, faca feita com aro de carro de boi, tirado aos civilizados (1:7).



“Páro tóri”, machados de pedra (1:7).

Quando devem usá-lo, firmam no chão a ponta na qual se acha a extremidade não livre da corda; com o joelho dobram o arco e facilmente desamarram a outra extremidade da corda, que enrolada no mesmo lugar com três ou quatro voltas se encurta e o arco fica mais curvo. Preparam arcos com adornos de penas multicores de aves, enfeitados com tiras de pele de onça, com os distintivos do *clan* da pessoa que os usa.



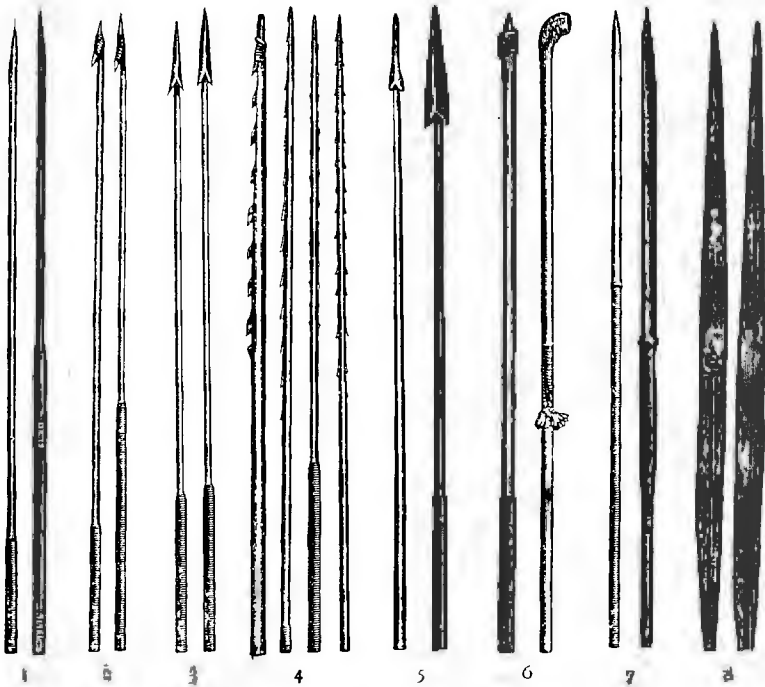
Boróro preparando flechas.

AS FLECHAS

As flechas que eles constróem medem de 1m20 a 1m80. Nelas os índios distinguem três partes: 1.º o *paru* "princípio", é a parte que leva as penas e orienta as flechas no vôo; tem cerca de um palmo de comprimento; 2.º o *bo-ia-dadda-u* "coisa do meio" e 3.º o *otto* "extremidade" que é a ponta da flecha. Nas flechas novas estas duas partes são quasi do mesmo comprimento. Segundo a matéria de que é formada cada uma das partes, as flechas se dividem em duas categorias: as comuns e as religiosas. As primeiras são feitas, nas duas secções inferiores, de um bambú chamado *buttuie*, com longos gomos, cuidadosamente indreitados no fogo, tendo na ponta uma haste direita e lisa, de madeira duríssima (aroeira, cambauva ou siriva). Esta haste, depois de afinada na parte inferior, é presa ao bambú; para firmá-la enrolam a extremidade, um palmo ou palmo e meio, com a cortiça da raiz aerea de *mizori* (uma aroidea epífita, *Philodendron*), curtida nágua e reduzida a fita estreita.

A PONTA DAS FLECHAS

As flechas comuns distinguem-se de acordo com as diversas pontas; são de várias espécies:



A ponta das flechas (1:7).

- | | | |
|---------------------|--------------------|---------------|
| 1. túgo pagaúgue | 4. túgo ra ottoréu | 7. butuieréu |
| 2. tugora ra páru | 5. páre ekeruréu | 8. tugueruréu |
| 3. túgo ótto taddáu | 6. tóddo bare | |

1.º) *Tugo-paga-u-gue* “flechas comuns”, são as mais usadas na caça de qualquer animal; são comuns a todos os *clans* e tem a ponta de madeira aguçada.

2.º) *Tugora-ra-paru* “flechas com osso no principio”: a ponta termina com um osso afilado e agudo, preso à extremidade, de modo a formar um gancho; serve também para a caça de qualquer animal.

3.º) *Tugo otto tadda-u* “flecha que tem ponta dentro (anexa)”; a extremidade da haste é engastada na parte inferior de um osso que termina numa ponta muito aguda. Todos os *clans* a constroem, mas sem o *mixori* na parte inferior. As fabricadas pelos *aróroe*, *baadagebague*, *ráiwoe* e *bokodori* usam o *mixori*. Os inventores foram os *aróroe* superiores, quando eram *baadagebague* (vide mito de *Baitogogo*), que as cederam juntamente com os poderes de capitania aos chefes atuais; deram-nas ainda aos *páiwoe* e aos *bokodori*; estes *clans* não as podem construir senão com a segunda atadura bem reduzida.

4.º) *Tugo-ra-otto-reu* “flechas que tem bicos”. A ponta tem dentes laterais dispostos em fila. É uma flecha dos *tugaregue*, os quais fazem

duas ou quatro filas de dentes, opostas, exceto os *apiburegue*, que as fazem com pontas em uma só parte. Os *tugaregue* a deram aos *exerae*, recompensando a vingança de um *aroe*, pela morte de uma fera; estes adquiriram o direito de construí-la, mas devem fazê-la com uma só fila de dentes.

5.º) *Pare ekerureu*, “labios de madeira dura”. A ponta tem forma de haste. Com estas flechas os maiores quadrúpedes, as grandes aves de rapina, os inimigos na guerra e os macacos, para que estes não possam extrair a flecha da ferida.

6.º) *Toddo bare*, “sua extremidade grossa”. As flechas desta qualidade são usadas para ferir os pássaros sem matá-los, com o fim de capturá-los vivos, domesticá-los e depená-los por ocasião das festas, ou mesmo para matá-los sem sujar de sangue as penas. Em vez de rematá-las com uma ponta, usam um engrossamento mais ou menos trabalhado.

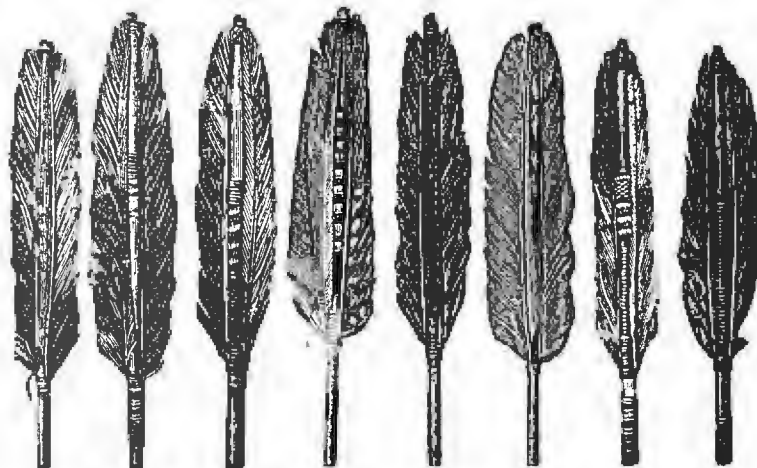
7.º) *Butuiercu* — serve para caça maior e guerra, como também

8.º) *Tuguerureu* — flecha mais poderosa para caça e guerra.

Distingue-se a *icuvia*, que tem a haste terminal não bem fixa ao bambú; aquela se une a este por meio de um cordão enrolado em espiral; serve para pescar e poderia chamar-se flecha-arpão.

A EXTREMIDADE INFERIOR DA FLECHA

Todas estas flechas apresentam, na parte inferior, um corte profundo, perto do qual estão presas as pontas de duas penas que formam as asas das flechas. Das duas penas cortam, com antecedência, quasi toda uma metade das barbas até ao tubo ou com um corte reto ou em zig-zague. As penas têm por termo de um palmo de comprimento e presas com dois fios de algodão (*akigo*); um em baixo, liga a extremidade das penas; outro os tubos, das mesmas; as partes médias estão soltas. As penas são colocadas sobre dois planos paralelos, distantes quanto a grossura da flecha. Cada *clan* usa certas penas de determinados pássaros; os *baaddageba bakorokuddu* usam uma pena da arara vermelha e outra da arara azul, escolhendo-as entre as mais coloridas e mais lustrosas; os *baaddageba akario bokodori* usam duas penas vermelhas de arara; os *kie* usam duas penas pretas; os *bokodori*, alguns usam duas penas de arara vermelha, outros duas penas amarelas de arara amarelo-azulada; os *paiwoe* usam uma pena da arara vermelha e uma da azul, mas escolhidas entre as menos coloridas; os *apiburegue* usam uma pena do gavião e outra de arara vermelha; os *iwaguddudogué* usam uma do gavião e outra de arara vermelha como os *aroroe*, mas enquanto uns usam as timoneiras, outros usam as rêmiges.



As asas das flechas (1:7).

AS FLECHAS RELIGIOSAS

As flechas que chamamos religiosas são feitas, com bambú nas extremidades e de madeira dura na parte média. A taquara inferior traz as penas; a superior pode apresentar duas formas diferentes, dando origem a dois gêneros de flechas.

1.º) *Tugueru* "flecha língua"; a extremidade é formada de um pedaço de bambú de dois ou três palmos de comprimento e três cm. de largura. No meio tem uma forma longamente lanceolada e termina com uma peça triangular na extremidade. É cortante nos bordos; a superfície interna é felpada ou lascada.

A ferida feita por essa flecha deve ser terrível.

2.º) *Butuie-re-u* "bambú *butuie*". Corta-se um bambú pouco abaixo do nó e engasta-se nessa parte a haste da flecha. A parte acima do nó é cortada lateralmente cerca de palmo ou palmo e meio em forma de canal, cujas margens são cortantes e a extremidade aguda.

Ambas essas flechas são usadas nas caças de grandes animais e contra os inimigos; são lançadas de perto. Como característico tem, além das duas penas, especiais ornamentos, que são os distintivos dos *clans*. São dadas, juntamente com um arco, a quem mata uma onça (*mori*) para um parente morto; tem portanto um significado religioso.

As setas desses índios são sempre feitas de duas madeiras diferentes: bambú e madeira dura, variando somente a disposição. O diâmetro da haste varia de 8 a 10 mm. O preparo da flecha custa

muito tempo e por isso procuram, depois de usadas, readquirí-las. Quando nas selvas se encontra alguma perdida, é levada à aldeia e entregue ao dono que é indicado com segurança, seja pelas penas que indicam o *clan*, seja pela técnica individual que cada um põe na fabricação da mesma.

MANEJO DO ARCO

Os *orarimogodogue*, quando estão parados, levam o arco e setas em um maço único que conservam verticalmente dirigidos para o solo, diante de si, segurando-o com ambas as mãos à altura do peito. Quando, em caminho na selva, levam o arco e a flecha em um feixe único que, seguro em uma das mãos, acompanha horizontalmente o movimento natural dos braços. Quando querem usar esta arma e flechar, seguram no meio do arco o maço de setas, com a mão esquerda, cujo índice endereça a flecha que deve partir. A corda é estirada com o médio e o anular direito, em quanto que o índice e o polegar seguram fortemente a extremidade da seta. Geralmente conservam o arco num plano vertical.

No manejo do arco os *orarimogodogue* demonstram habilidade extraordinária, graças aos contínuos exercícios que iniciam quando pequenos. As crianças usam verdadeiros arcos em tamanho minúsculo ou um ramo qualquer envergado por um cordel, e flechas de galhos finos ou de taquara.

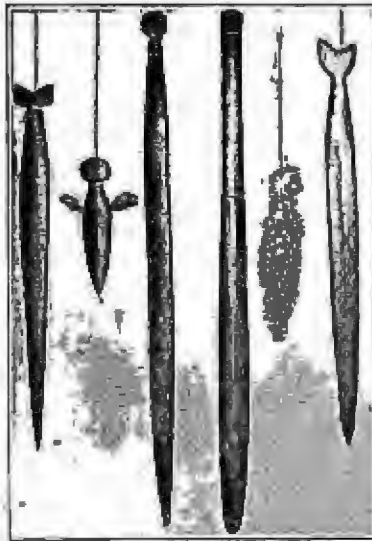
Fazem pontaria com os dois olhos abertos. Ao verem que os civilizados quando atiram fecham o olho, desaprovam tal modo dizendo que com dois vêem melhor que com um só olho. Os que chegaram a usar fuzis trocaram logo o modo de pensar e atiram admiravelmente.

A este propósito recordaremos um conto tradicional onde se narra que o sol deu arma de fogo aos *orarimogodogue* e aos *barae* (brancos). Vendo que os índios não acertavam a pontaria, tirou-lhes tal arma e disse-lhes que usassem o arco. Deixou-a aos *barae* "brancos civilizados" porque atiravam bem. Certamente esta lenda confusa acena as relações entre os índios e os primeiros civilizados na época do descobrimento da América.

Entre as várias provas de firmeza de tiro, parece-nos mais admirável a seguinte: faz o índio uma circunferência no chão, de cerca de 1 metro de diâmetro e coloca-se a um passo da mesma. Depois lança verticalmente 8 ou 10 flechas que caem no círculo. Nós, que víamos essa demonstração, tínhamos a impressão que cada seta lhe ia cair na cabeça; mas ele, seguro de sua perícia, permanecia firme em seu lugar.

A R A G O

Outra arma é o *arago*; uma espécie de espadão feito de pesadíssima e duríssima aroeira. É de forma longamente lanceolada, quasi em forma de peixe por causa de um afinamento vizinho à extremidade que serve de cabo, ao qual se segue um alargamento terminal, ordinariamente bífido ou em forma de cauda de andorinha. É mais grosso no eixo médio, e vai adelgçando-se até aos bordos. Tem pouco mais de um metro e na sua maior largura mede 12-15 cm. É levado nas



“Arágo”, espadões de madeira pesada; “arágo rógo” as menores (1:16).

guerras pendente, preso ao ombro esquerdo com uma corda. Usam também outros mais curtos, de vinte e cinco a trinta cm., mas com a mesma largura: a estes chamam *arago acurarareu*. Levam-no preso ao pescoço com uma corda e servem-se dele para matar o peixe ferido pela flecha, capturado numa rede, ou envenenado no charco. O primeiro foi prerrogativa dos *aroroe* e dos *badageba*, e destes o receberam os outros clans. Os *kie* e os *bokodori* podem levar o *arago* pequeno com penas na parte superior. Os outros clans usam-no sem elas. Tem também uma arma chamada *jotto*, do clan dos *badageba* e *aroroe*. É um longo bastão de madeira duríssima pontudo na parte superior em forma de lança.

FERRÃO DE PEIXES

Outros meios ofensivos são o *atamu*, ferrão do *atamu* e o *meru* ferrão do *meru*. O *atamu* e o *meru* são arraias que tem na espinha dorsal um aguilhão pungentíssimo de substância venenosa. Se o índio incautamente as pisa recebe uma forte ferocada que produz ferida muito dolorosa. O *meru* é maior e de cor mais escura. Quando os *boróros* capturam estes peixes, tiram-lhe a parte em que se acha o ferrão. Se tem intensão de brigar com alguém, colam pedaços do acúleo com o *berago* sobre as falangetas do médio e do anular. Depois se avizinham do adversário escondendo as mãos. Apresentando-se a ocasião, arremessam-se sobre o inimigo e com as mãos ferem as costas dos adversários. Quando a luta é precedida de desafio, põem ao redor do ante-braço uma tira de *atamu* ou de *meru*, obtida com a disposição de vários pedaços de couro um em seguida ao outro sobre uma corda, que depois é enrolada no braço, de modo a formar um bracelete com 10, 15 e mais cms. de altura; a mesma cousa fazem em torno do peito do pé. Para que o adversário não perceba, cobrem de penas o corpo, como de costume nos dias de festa. Lutando, abraçam o adversário e lhe descarnam as costas e as pernas, procurando derrubá-lo. Antigamente essa espécie de arma era uma prerrogativa dos *aroroe*, pois dizia-se que eram fortes e corajosos, e que nas caçadas matavam a onça pintada, a parda, a jaguatirica, etc.

Como sinal e recompensa de seu valor, recebiam de presente cordas com *atamu* e *meru*. Mais tarde, porém, outros praticaram os mesmos atos de valor e o instrumento se foi generalizando. Em tempos antigos, os levavam no braço direito quando iam caçar; mas, muitas vezes, involuntariamente se feriam espantando mosca ou mosquito, tropeçando e caindo. Por isso desapareceu o costume de levá-lo à caça.

A CAÇA

E' a ocupação preferida pelos homens. Há caça individual e há a social com significado religioso, há a excursão de caçadas chamadas *maguru*, que pode durar vários meses.

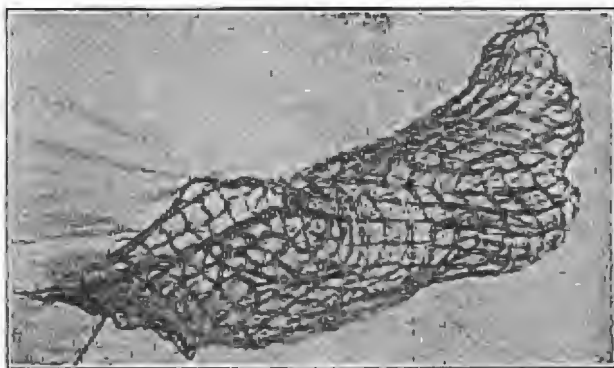
Aos primeiros clarões que tingem céus e matas de várias cores, marido e mulher vão pela floresta em busca de caça e frutas. Enquanto ele caça, ela faz colheita de frutas. Outras vezes o homem vai só ou com um companheiro. E' difícil que no seu giro pela selva não encontre um animal ou uma ave que lhe sirva de alimento; são numerosas as aves e os animais que se deixam avizinhar do homem. Além de outros, anta, queixada, paca, cotia, preá, macaco, etc. Caçam também o jacaré. Para capturar este anfíbio, procedem da seguinte forma:

Quando o animal está na praia aquecendo-se aos raios do sol, o índio aproxima-se cautelosamente por detrás. Improvisamente atira-

cima, impossibilitando-o de atacar o caçador. Leva-o longe da água, solta-o e o mata a bordoadas. Isto, porém, quando o jacaré é pequeno. se sobre o jacaré, abraça-o pelas costas e levanta-o com o ventre para

Também os grandes sucurís, mesmo os de 10 e mais metros de comprimento, são mortos a pauladas.

A paca (*apu*), grande roedor que mora em covas com várias saídas, é caçada com uma rede cônica feita com corda grossa (*apoxeéba*). Colocam a boca da rede numa das saídas, enquanto outros índios espantam o animal, com paus, nas outras aberturas ou põem fogo nas mesmas.



“Apoxeéba”, rede para pegar pacas (1:17).

Esperam muitos animais em lugares de passagem estreita ou no bebedouro. Costumam matar papagaios e araras nos sítios onde há terra argilosa de que estes se alimentam; estes lugares são chamados lambedores ou barreiros.

Flecham os papagaios com o *tu-oddo-bare*, para atordoá-los; assim os apanham vivos e os domesticam para tirar-lhes as penas, quando delas precisam para se enfeitarem.

A CAÇA DA ONÇA

Encontram-se muitas vezes com o *adugo*, a terrível onça pintada. Em frente ao terrível felino o índio não recua, mas lança-lhe logo uma seta procurando atingir-lhe o coração. Raramente o primeiro golpe é tão certo que faça cair o animal. Enfurecido pela dor, este avança contra o selvagem, que prontamente segura o arco com ambas as mãos e o põe horizontalmente diante dos olhos. Quando a fera se aproxima do caçador, levanta-se sobre as patas trazeiras, e assim erguida procura feri-lo com as dianteiras e estraçalhá-lo com os dentes. Apenas se ergue o felino, o índio adianta com os braços tesos o seu arco, sobre o qual se apoia a onça dando rugidos medonhos. E

alí firmes, com os músculos tesos, olhos nos olhos, o homem e a fera permanecem muito tempo, um procurando superar o outro, com a pressão muscular. Devem ser momentos inesquecíveis para toda a vida, se o selvagem alcançar a vitória. Finalmente o animal afrouxa a pressão e recua um passo para retomar a ofensiva; o homem com uma destreza prodigiosa coloca nova flecha no arco e fere a onça uma segunda vez. Com renovada ferocidade esta tenta pular sobre o índio que já está pronto, como antes, para impedir que ela realize o salto. E assim se prolonga a luta até que a fere ensanguentada, exangue, cai e o índio disso se aproveita para multiplicar as flechadas e matá-la. Pobre do caçador se hesita. Uma pesada taponna na testa ou nos ombros torná-lo-ia presa do jaguar; muitos índios assim morreram. Um índio tinha uma ferida purulenta no lábio superior, na base do nariz e tinha se tornado corcunda em um desses encontros; levava a pior, mas aproximaram-se em tempo outros companheiros que mataram a fera. Esta, porem, já havia feito uma lesão na coluna vertebral e no rosto do caçador, deixando-o giboso e desfigurado. Também *Ukeiwaguuo*, nas proximidades da aldeia, foi atacado por uma onça. Aos seus gritos acorreram outros índios que o ajudaram. Defendera-se porem valentemente.

Um dos mais importantes mitos, o de *Bakoróro* e *Itubore*, acena à luta corpo a corpo com a onça, assim descrita.

São de admirável auxílio ao selvagem que caça, a agudeza de vista, de ouvido, a grande agilidade, especialmente a prodigiosa resistência no caminhar e correr atrás da caça que, ferida ligeiramente, consegue fugir. Neste caso a presa pertence ao que a feriu por primeiro. Se os *boróros* enquanto estão trabalhando ou descansando, descobrem, ou vêem passar um animal, todos correm atrás da caça gritando e vociferando. Aos pássaros que voam mesmo bem alto, jogam pedras ou pedaços de madeira, soltando gritos de satisfação.

A CAÇA SOCIAL

A caça social é precedida de uma refeição em comum e de numerosos cantos, entre os quais o *kiegue baregue*, que duram quasi toda a noite. Antes de começar estes cantos, o *Aroetawaraare* se põe em comunicação com as almas que entrando nele perguntam qual o motivo da chamada. Então o *Aroetawaraare* avisa as almas da próxima caçada ou pesca e que por isso estejam prontas nos arcos, nas flechas ou nas redes de pescar. Logo após o chefe entoar os cantos. Ao primeiro alvorecer saem todos para a caçada ou pesca e chegando ao lugar determinado, reúnem-se novamente formando roda (*gipá*). Levam pela mão o *Aroetawaraare* no meio da roda para aí evocar os *Aroe* (almas) que predirão ou indicarão o lugar onde se acha a caça ou o peixe.

Nas caçadas com os *Aroe*, isto é, quando levam o *poari* (cabacinha, símbolo da alma do finado), o *bari* nenhuma função especial tem. Po-



Boróros regressando de uma caçada feliz.

rem se não estiver presente o *Aroettawaraare*, no segundo *gipá* será substituído pelo *bari* que não evocará os *Aroe*, mas sim os *Maereboe*. No caso que os dois estivessem presentes, o *Aroettawaraare* terá preferência. Nas caçadas sociais sem *Aroe*, será exclusivamente do *bari* tal função.

Quando nas caçadas com ou sem *Aroe* não há *Aroettawaraare* nem *bari*, recorrem a um expediente que chamam *Aroe motto boddu*. Consiste nisso: um *boróro* qualquer, prático da cerimônia, põe a fumaça do cigarro em um pequeno buraco feito no chão. Cobre depois o buraco com folhas e terra e deixa passar alguns minutos, durante os quais fuma o mesmo cigarro, que não deve ter sido feito por ele, dizendo: *Aroe motto boddu, aroe kirogo, aroe jura ware, aroe muguio, aroe kiddo matta atugareguei, akorei, awaguei*; desta forma evoca estes diversos espíritos para que sejam propícios na caçada ou na pesca. Depois destas evocações, descobre lentamente o buraco até encherger a fumaça. Se der logo um grito agudo, quer dizer que a caça está muito perto; se demorar em gritar, indica haver dificuldade para encontrar a caça. O grito é repetido por todos os presentes.

E' tanta a fé dos índios nos dois feiticeiros que, se no lugar indicado não encontram a caça predita, eles não dizem: o *bari* enganou-se, mas sim: havia certamente a caça predita pelo *bari*; fomos nós que não a vimos, pois pela nossa ruindade não merecíamos vê-la. Isto porém se dá raramente, porque nas selvas a caça é abundante e o *bari* indica os lugares preferidos pelos animais.

Esta caça comúm se realiza em várias ocasiões, mas infalivelmente no dia depois da morte de um índio. O sentido religioso que dão a este ato é explicado de modo vário pelos índios. Alguns dizem que matam as feras para vingar a morte do índio. Outros afirmam: se o índio morre, o que é por causa de um *bope*, este deve dar ao parente do morto uma fera como reparação da falta cometida (*mori*); por isso o *bope* envia a si mesmo debaixo das apparencias de uma fera ao encontro do selvagem. A segunda explicação corresponde mais aos fatos observados; por exemplo: o *mori* significa "o que se dá como reparação a uma offensa".

O encargo de matar o animal mandado pelo *bope* como *mori* é dado pelos parentes do morto a um bom caçador, o qual lhes traz o animal morto e recebe como recompensa um arco e um maço de flechas (*tugueru* e *butuieru*) e outros objetos que trazem o distintivo do *clan*. Se matam a onça pintada ou a parda, fazem cerimônias especiais, acompanhadas do canto (*adugo keggeu*) "o canto sobre o adugo". Igual cerimônia usam quando matam um inimigo branco (*baraeddo*).

PRÁTICAS SUPERSTICIOSAS DURANTE A CAÇA

Vamos descrever algumas práticas supersticiosas usadas durante a caça. Crêem que as folhas de certo arbusto tenham virtudes excepcionais; colocadas em forma de brinco no furo do lóbulo auricular, ou presas ao braço, ou jogadas ao longo dos trilhos da mata, tem o poder de fazer-lhes encontrar a caça ou dela se aproximar sem serem presentidos.

Estas plantas produzem idêntico efeito quando os índios sujam o rosto e o corpo com carvão obtido com a cremação delas. Quando partem para a caça, têm a face e o corpo pintados de grandes manchas pretas.

Para encontrar com certeza a anta, usam a planta *jowe* e *erubbo* "dos *jowe* o remédio" (*jowe* é uma abelha). Prendem-na ao arco do primeiro da fila dos caçadores (na mata andam sempre em fila indiana). Servem-se também das grandes folhas rugosas de um arbusto chamado *kie peguru quiguirireu* "aquella folha rugosa como intestino da anta"; para isto basta que o primeiro caçador a esfregue no ventre. Mastigam a folha de uma planta chamada *kiegue ett'arureu* "dos passarinhos as folhas", para que, ao encontrarem a onça, esta se torne menos forte e seja vencida.

Se querem acertar infalivelmente no alvo, esfregam na flecha a folha do arbusto *tugo epa* "dá flechá instrumento".

Aquele que mata uma onça parda como *mori* pela alma de um morto, pinta o rosto de negro com o carvão da raiz do *aigodogue e erubbo* “dos pumas o remédio”; assim fazem para que o espírito que se encontra na selva não o reconheça e não se vingue. A raiz daquela planta tem a forma e as dimensões da cabeça da onça parda.

INTERESSANTES PARTICULARIDADES ETNOGRÁFICAS DOS BOROROS ORARI

I.º - NA CAÇA

Quando um *boróro* mata um tamanduá-bandeira ou um porco do mato, se estiver presente um cunhado, será este que carregará o bicho para casa e o esquartejará. Ficarão para ele os quadrís sem as pernas; o couro sem o da cabeça. Todo o resto pertencerá ao matador. Aquele que carregou tem a obrigação de repartir os pedaços recebidos entre o pai, a mãe e os cunhados. O matador tem a mesma obrigação para com os cunhados, dando os pedaços melhores aos parentes da sua mulher. O que sobrar fica para os outros parentes e amigos.

COMO SE ESQUARTEJAM ESSES DOIS ANIMAIS. — A cabeça e o pescoço do porco partem-se em cinco partes, a saber: o “*eru-koddo*” i. é, a língua com um pedaço de carne do pescoço; o “*ora*” i. é, as duas mandíbulas; o “*itoru-koddo*” i. é, a carne do pescoço; o “*óra-ra*”, i. é, o craneo sem o couro; o “*eru-baru*”, i. é, todo o couro da cabeça. Os pedaços da perna dianteira são: o “*ixoru*” i. é, a pá, repartida em dois pedaços; o “*itovuia*” i. é, a coxa, repartida em dois pedaços; o “*otagara*” i. é, o chambião, que não tendo muita carne fica todo inteiro. — Pedaços das pernas trazeiras: “*bopona*” i. é, a coxa em dois pedaços; o “*uttori*” repartido em dois pedaços, pois tem mais carne. — O espinhaço racha-se no meio, e corta-se em três ou quatro pedaços com o nome genérico de “*morora*”. — As costelas dividem-se duas a duas; o “*utaboia*” i. é, o osso da cadeira divide-se em dois pedaços. — O “*aki*” é a carne da cadeira que se divide em duas partes: o “*aki-koddo*” do lado do cocix; o “*uta-ena*” que fica por cima. O couro divide-se também em duas partes: o “*okea-biri*” a parte inferior e o “*o-biri*” a parte superior. — O esquartejamento do tamanduá é o mesmo; só tem a mais um pedaço que se chama “*utugo-koddo*” que fica debaixo da pá; tem também um pedaço chamado “*upoga*”, que se encontra entre as pernas trazeiras. — O estomago forma também um pedaço à parte. — O esquartejamento dos bichos de tamanho menor, como a paca, o tatú, o tamanduá-mirim, etc., diferencia-se de pouco.

Mais importante é o esquartejamento da anta.

Começa-se por dividi-la em seis pedaços, a saber: o “*ki-bora*” i. é. os dois quartos trazeiros; o “*ki-ao*” i. é. a cabeça com o espinhaço

inteiro ; o “*ki-jura*” i. é. as duas costelas ; o “*ki-itto*” i. é. as pernas dianteiras ; — “*ki-upoga*” i. é. a carne que fica entre as pernas trazeiras ; o “*ki-mobiri*” i. é. a parte anterior do peito.

Matando a anta com os “*aroe*”, o matador entrega o coração e os pulmões ao pai cujo filho finado ele representa. Depois do esquarteramento entrega-lhe também a cabeça e o “*ki-bora*” da anta. — O pai escolhe um dos parentes de sua mulher dizendo : “Aí está a cabeça”, e este é obrigado a carregá-la até a aldeia. — Em seguida escolhe outros dois parentes próximos da sua mulher e diz : “Aqui está o “*ki-bora*”, e o primeiro escolhido seguido pelo outro carregam isso. — Se alguém não aguentar o peso, pode ser auxiliado por um qualquer, que receberá em recompensa um pedaço de carne. — Quem carrega o “*ki-jura*” é quem a matou. — Se o matador leva dois “*poare*”, representando assim dois finados, guardará o “*upoga*” para a mãe do segundo finado, entregando-o porem ao pai deste segundo que o passará para o carregar a um dos seus filhos ou a um parente qualquer presente. — As pernas dianteiras e o “*mobiri*”, qualquer um as pode carregar. — Com o caldo destes pedaços, as mulheres preparam um mingau para os homens tomarem no “*bae-managueggeu*”. — O “*ki-ao*” é sempre excluído, a não ser que o “*bari*” seja o pai de um finado, do qual foi levado na caçada o *poari* (*aroe*).

REPARTIÇÃO DA CARNE DA ANTA. — Os quartos trazeiros com as pernas, dividem-se em cinco partes : dois pedaços inteiros para o matador ; a coxa é dividida em três partes, duas das quais tem o osso rachado no meio e a terceira, com o osso inteiro, vai para o matador juntamente com metade do coração.

O ceremonial continua pormenorizado na repartição e depois na distribuição dos pedaços. — Convem lembrar que o “*ki-ao*” é a parte reservada ao “*bari*” que depois de feita a sua função dará alguns pedaços ao matador, distribuindo o restante entre os parentes de sua mulher.

Esse mesmo ceremonial é observado com relação à pesca e às frutas silvestres recolhidas pelas mulheres.

II. — NAS RECÍPROCAS RETRIBUIÇÕES, CHAMADAS

“ M O R I ”

Entre os *boróros* não existe verdadeiramente o que os civilizados chamam de lembranças, presentes, etc. ; mas tudo se reduz a uma troca ou permuta. As coisas que se compram ou trocam são chamadas com o nome de “*akiró*”. — Por exemplo : “*Imodde akiroddo toriga bogai*” quer dizer “eu comprarei uma faca”. — Quando não é uma troca de objetos feita à vista, então esta retribuição chama-se “*mori*”, que nunca deverá faltar.

Às vezes o “*mori*” é “ad libitum”; outras é regido por leis ou costumes, que não os obrigam para com os civilizados, por possuírem estes

muitas coisas, até superfluas, que os dispensam de lhas retribuir com o "mori". — Assim pensam os *boróros*. — Uns exemplos esclarecerão o assunto. — Um *boróro* precisa de uma esteira ou "beta". — Um colega de boa vontade lha dará advertindo-o que não precisa de retribuição, "mori". Quem recebeu este favor não pode, nem deve tomar a serio as palavras que o colega lhe disse por delicadeza, mas cumprirá com o seu dever de lhe dar o "mori". Acontece ás vezes que um cachorro morde um índio. — Este não deve zangar logo, mas esperar que o dono do cachorro lhe dê o "mori" pelas dentadas que recebeu, consistindo este em pintá-lo de *urucú*.

Quando na briga uma criança bate ou machuca a outra, o pai da primeira deve dar o "mori". Se ambos se ferirem, não haverá "mori", porque já se vingaram, "*ere tu moriddo-pui*".

Estragando-se, ou perdendo um objeto de outrem, será preciso dar o "mori".

Se acontecer uma desgraça como : cair de uma árvore, ser mordido por uma cobra, machucar-se, etc., os pais ou parente mais próximos darão o "mori", que consiste em tingi-lo de *urucú* e enfeitá-lo de penas.

Aconteceu tambem que *boróros* regressassem a uma aldeia depois de longo tempo de forçosa convivencia com os civilizados. Neste caso os *boróros* que os recebiam lhe davam o "mori" deste modo : à chegada cantavam o "*roia kurireu*" i. é. o canto para os mortos, significando que a sua estadia entre os civilizados os tinha quasi colocado entre os falecidos. — No dia seguinte os tingiam de *urucú* e de "*kiddoguru*" (tinta preta composta de resina e carvão), como para indicar que novamente reviviam entre eles.

Na caçada ou na pesca com os "*aroe*", acontecendo alguma desgraça, as mulheres ou parentes dos finados dos quais foi levado o "*poare*" "*e modde toriga tugu puddui xeu imeddu kegge*" i. é. "devem-se recortar o corpo, chorando, sobre aquele homem que soffreu a desgraça".

Quando este sarar, deverá restituir o "mori" tingindo de *urucú* e de "*kidduguru*" e ornando de penas o corpo daqueles que sobre ele se recortaram. — Tambem quem está de luto não pode recusar este "mori"

A P E S C A

A pesca é tambem uma das occupações preferidas por este povo, que se chama a si mesmo com o nome do peixe *orari* "peixe pintado".

Nada diremos sobre o significado religioso da pesca, pois teríamos de repetir o que já explanamos quando tratamos da caça.

Descreveremos como pescam. Usam rede, anzol, flechas, veneno e o *kago*, que se parece com o parí, muito usado pelos civilizados.

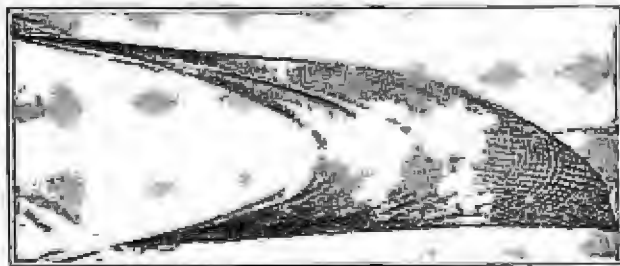
A rede ordinária de pesca chamam *búke*, que preparam muito habilmente com fibra tirada da folha do tucum. Usam esta rede da seguinte forma :

Ao amanhecer entram pela fóz de um rio afluente de um cutro maior. Onde as águas tem, mais ou menos, um metro de altura, os índics abrem contra a corrente as redes que, feitas em forma de cone, ocupam quasi toda a largura do rio. Outros que já tinham ido rio acima, descem espantando os peixes que incautamente entram nas redes.

Antigamente os anzóis eram feitos com madeira *buoroddui* (*Schinus terebinthifolius*); agora usam anzóis de ferro que obtem dos brancos. Pescam ainda com o arco. Quando se avizinham cautelosamente das águas claras de um rio e vêem um peixe à flôr d'água, flecham-no com firmeza levando em conta o desvio que a seta sofre passando do ar à água. Ferido, o peixe foge mas a flecha que traz no corpo impede-o de mergulhar e diminui a velocidade. O índio então abandona o arco e a flecha e levando na mão direita um *arago*, ou uma faca, lança-se na água e persegue o peixe ferido nadando com a mão esquerda; aproximando-se do peixe, fere-o novamente ou mata-o logo com golpes de *arago*.



Boróro com rede para pescar.



"Búke", rede para pescar 1:32).

Um outro modo é o uso do fruto venenoso chamado *timbó*, ou de cipós e raízes; isto só se usa n'água estagnada ou pouco corrente. Os frutos, cipós ou raízes, depois de um pouco de tempo envenenam a água e os peixes boiam; cai então o índio n'água com o *arago rogu*, mata-os e os leva para a terra. A lenda sobre a origem das dcenças fala de uma pesca semelhante.



Boróro pescando com flecha.

CRENÇAS RELIGIOSAS

Estes índios, como numerosas tribus indígenas da América do Sul, são agnósticos sobre a origem do mundo e de todos os seres que o habitam; não se preocupam com isso, e portanto não tem idéia de um Deus Criador do mundo e Juiz das ações livres dos homens (conforme início da lenda de *Baitogogo*).

Em compensação tem numerosas crenças religiosas relativas à alma, que chamam *aroe*, nome que é ao mesmo tempo coletivo e individual; outras crenças são relativas ao *maereboe* que são os *bairé* mortos.

METEMPSICOSE E ESPIRITUALIDADE
DA ALMA

O *aroe* é, segundo a primitiva concepção deles, um espírito imortal que pode viver isolado de todo o corpo ou encarnar-se nos animais, depois de um tempo mais ou menos longo, quando deseja alimentar-se de frutas, caça, pesca ou de qualquer alimento preferido.

Crêem que, depois da morte, a alma vai habitar uma das duas aldeias de mortos, uma no extremo ocidente, presidida por *Bakororo* e outra no oriente, onde domina *Ituborê*. Mas como as almas se aborrecem de ficar lá, transmigram para o corpo dos animais.



“Wái”, jacaré (cabeça).

As almas encarnam-se em gaviões *kurugugua*, *aroxeba*, *nabure*, *kuído*, *kuddoro*, em araras, tuiuiús e outras aves, em *ipie* (lontra), em *adugo*, *aigo* (onça) e em várias espécies de peixes, como *okogue*, *pobu*, *orari*, etc. Os velhos se encarnam no jacaré, ipopótamo, caitetú, sapo, *wai*, *aige*, *jugoru*.

Bem depressa a alma se cansa da nova vida, de modo que deseja se livrar ou com a morte do animal ou saindo espontaneamente. Quando livre vai para as montanhas onde se encarna nas araras, papagaios e outros pássaros. Por este motivo os índios gostam de ter as araras e papagaios domesticados, pois assim as almas dos antepassados estão perto e não sofrem fome. Não estão de acordo os índios nas explicações que dão do *aroe*; sobre algumas particularidades eles não tem uma crença constante. Tem idéia muito material da espiritualidade da alma: o *aroe* sofre frio, sede, calor, fome, etc.

EVOCAÇÃO DAS ALMAS

As almas podem comunicar-se com os vivos por meio do *aroettawaraare*, ao qual aparecem dizendo-lhe o que deve transmitir aos índios. O *aroettawaraare* é portanto uma espécie de médium. Aparecem-lhe realmente as almas? Ele diz que sim e os índios crêem firmemente. É certo que quando diz estar em comunicação com as almas, tem movimentos convulsos em todo o corpo e nós músculos tensos, um contínuo frêmito: parece um possesso. Manifesta então aos índios o que a alma disse; depois bebe uma grande quantidade de água barrenta (bebida das almas). Quando aparece ao *croettawaraare*, o *aroe* se mostra com aparência de um índio com todos os ornamentos usados pelos *orarimogodogue* nas grandes solenidades: vermelho da cabeça aos pés pela tinta de urucú, cu coberto em parte de uma plumagem (*kiogwaquiri*); na cabeça tem as grandes penas do *kurugwa*, o *pariko*, as corças das unhas de fera, os distintivos do *clan* a que pertencia quando vivo; nas orelhas e nos lábios os ornamentos próprios dos seus *totens*, os *kanna-kagegeu* nos braços; ao pescoço os inúmeros colares, o *akigo*, o *adugo o*, o *aigo o* (de jaguar dente, de puma dente): são os colares feitos com os caninos e os molares dessas feras; os *bokodori inogui*, etc. Se são mulheres aparecem com o *kogu* e com o *koddobte*. A alma emite um som explosivo gutural e nasal, feito com a boca fechada: o “um, um” de que já falamos. Há *aroe* que nunca foram homens, mas existiram unicamente como espíritos, como os *aroe jakome*. A máxima parte viveu entre os *orarimogodogue*. Os *aroe* de alguns heróis da tribo são representados nas solenidades religiosas por alguns homens; os que os representam se pintam como os representa a lenda.

INICIAÇÃO DOS AROETTAWARAARE

O índio escolhido pelas almas para ser *aroettawaraare*, vê fenômenos estranhos quando vai caçar sozinho, vê um minúsculo pássaro que esvoaça ao alcance da mão, mas desaparece se o caminhante tenta pegá-lo; bandos enormes de papagaios ou de araras voam sobre ele, caem subitamente como se fossem fulminados e desaparecem, e assim outras cousas semelhantes. Voltando à aldeia sente-se mal; tendo frio, põe-se junto ao fogo, domina-o um tremor convulso, superior à sua vontade, e murmura palavras ininteligíveis entre a admiração e o terror dos assistentes. Enquanto se acha nesse estado, sente um cheiro de carnes em decomposição sair de uma lageta, unido ao cheiro do urucú misturado com gordura, como o usado para tingir os ossos dos mortos. Uma rajada de vento impetuoso fustiga-o tão violentamente que o faz cambalear. São as almas que vem e entram-

lhe no corpo. Então fala, mas não é ele que fala; são as almas que falam por ele e se comunicam com os índios. E' *aroettawaraare* desde aquele momento. Os *boróros* então reúnem-se e iniciam o canto de *Roia kurireu* sobre o neo *aroettawaraare* e o *Aroe* que nele entrou. Terminado o canto, o *aroettawaraare*, que até então ficou como morto, volta a si e o *Aroe* manifesta o proprio nome. Dão-lhe a beber água doce e lhe oferecem cigarros.

REPRESENTAÇÃO DÓS AROE

Tem relação com o culto das almas dos mortos as representações dos *aroe*, como bailes, festas, jogos atléticos, refeições comuns, etc. São precedidas, acompanhadas e seguidas de cantos. São feitas por ocasião dos funerais, mas também noutras ocasiões, pelos índios que se adornam como os heróis representados.

São numerosíssimas; eis o nome de algumas:

<i>Aroeguboro</i>	<i>Aroe kuddu aregoddui mariddo</i>
<i>Aroedogue</i>	<i>kaeddu</i>
<i>Aroexebadogue</i> - aguias	<i>Bakororodogue</i>
<i>Bokodori</i> - tatú-canastra	<i>Parabara dogue</i>
<i>Bokodori-zoreugue</i> - tatú negro	<i>Manno.</i>
<i>Bokomudogue</i>	<i>Manno-akurarareu</i>
<i>Bôkuagebadogue</i>	<i>Meridogue</i> - sóis
<i>Boeru-kiari-dogue</i>	<i>Okwadogue</i> - lobos
<i>Buregoddureugue</i>	<i>Okogue-bakororodogue</i> peixe doirado
<i>Buturori</i> - jogo da pedra	<i>Odogue</i> - socós
<i>Kadoraireu</i> - jogo da taquara	<i>Paikudogue</i>
<i>Kaiwo</i>	<i>Pare</i> - ema
<i>Kuiáddoe</i> - pássaros	<i>Tamigui</i> - anhuma
<i>Kúgoe</i> - pássaros	<i>Toro</i> - jogo da folha de babassú
<i>Kugedogue</i> - mutum	<i>Tubore</i> - jogo do lambarí
<i>Kurugúgoc</i> - gaviões	<i>Túddoe</i> - um pássaro
<i>Ituboredogue</i>	<i>Tugo girie</i> - jogo da flecha
<i>Iwoddu</i> - jogo das folhas	<i>Tugoparadogue</i>
<i>Jakomeadogue</i>	<i>Motto boddu dogue</i>
<i>Jowaredogue</i>	
<i>Girie</i>	

Como se vê, muitas dessas representações tomam o nome dos *totens* e dos antepassados de cada *clan*, como *Bakororo*, *Itubore*, etc.

Julgamos útil e interessante apresentar a descrição pormenorizada de duas das mais solenes destas representações ou evocações dos *Aroe* (almas), chamadas uma "*Aroe ennuagueddoddu*" (dar de comer às almas) e a outra "*Aroe kuddu aregoddui mariddo kaeddu*" (dansa do *Aroe* com a rca).

AROE ENNOGUAGUEDDODDU

Nestas representações os *boróros* entendem convidar as almas a se unirem a eles para a comum comezaina que fazem com festas e cantos. Convem lembrar que estes indígenas acreditam que as almas, na vida de alem-túmulo, se acham, mais ou menos, em condições semelhantes às em que se achavam entre os vivos: sentem calor e frio, precisam de comida e bebida; excepto a morte, pela qual já passaram, sofrem como sofriam neste mundo.

Como já foi dito, desta idéa derivou nos *Orari* a crença de que os mortos, para aliviar os próprios sofrimentos e alimentar-se de algumas frutas ou carnes, que não encontram no reino do alem, onde se acham, podem à vontade, por quanto tempo quiserem, transformar-se ou encarnar-se em pássaros ou outros animais, para procurarem o que apeteçam. Ainda há outra causa desta quasi metempsicose: dá-se, por ex., quando adocece e morre um boróro por ter comido carnes reservadas ao espírito de *Bope* ou de *Maereboe*, sem haver previamente recorrido ao *bari* para pedir permissão, ou, por assim dizer, para exorcizá-las. Então, contra o espírito que o perseguiu e matou, lança um desafio, e se alimenta com essas mesmas carnes proibidas. Se for a carne de veado que, não tendo passado pelas mãos do *bari*, deu causa à morte do *boróro*, a alma deste, para vingar-se, desafiará a ira dos espíritos, zombando ao ver que não lhe podem estes fazer mal depois da morte. E, tomando a forma de uma onça, vagará por toda a parte, até conseguir assaltar e matar um veado e comer-lhe com prazer as carnes, afrontando o espírito que o castigara.

Se alguém tiver deixado o mundo por ter comido um peixe proibido, encarnar-se-á em outro peixe ou animal que coma o peixe proibido. Destarte transformada, a alma devorará o maldito peixe que foi causa da sua morte e também humilhará assim todos os espíritos irados.

Acreditam que as metempsicoses são frequentes e julgam haver sempre necessidade delas. Daí lhes veio a idéa e o ato piedoso de proporcionar às almas alimentos e cigarros, que certamente não acham no seu novo mundo. E isso fazem evocando as almas dos seus parentes: é uma satisfação que presumem dar-lhes e que também sentem, por proporcionarem verdadeiro bem às pobres almas dos defuntos. Esta é a simples e pia crença das mulheres: ao contrario, os homens, talvez com fim egoístico, crêem que saciando-se e estando bem eles, as almas também terão alívio.

Este ato é chamado *Aroe ennoquagueddoddu*, isto é: dar de comer às almas.

Depois de vários dias de caça, sentindo-se cansados, reúnem-se os *boróros* no *bae managuegeu*, e lá se occupam em preparar arcos e flechas.

Mas, se o corpo requer este repouso, o mesmo não acontece ao estômago que certamente sentirá o estímulo do apetite, e por isso dão início ao *Aroe ennoaguueddoddu*.

Ao escurecer, enviam um dos moços à casa do *Baadageba* (o mais velho dos caciques). O rapaz, pousando-lhe a mão na cabeça, lhe dirá: “Dê-se de comer às almas, pão e sopa de milho!”

Enquanto o joven leva tal embaixada ao *Baadageba*, os outros, reunidos no *bae managuegeu*, lançam um grito forte: *uoh!*

Passam-se poucos instantes e outro moço toma o *bapo* e o entrega a um dos caciques para que comece o canto e se convidem as almas ao ágape fraterno do dia seguinte. O canto os entreterá por algumas horas, e depois vão todos descansar.

No dia seguinte, antes de surgir o sol, um dos moços toma novamente o *bapo* e o leva a outro cacique, se mais algum houver na aldeia; se não, o levará ao mesmo da tarde precedente: aqui começa o canto que cessa ao nascer do sol.

Durante o dia continuam a estar juntos no *bae managuegeu*, discursando e narrando-se reciprocamente as próprias aventuras, e continuam a trabalhar no preparo dos arcos e flechas.

Pelas nove horas, mais ou menos, para se distrairem do tédio, soltam outro grito: *káe*, significando a chegada do *Aroe* no *bae managuegeu*, e entregam outra vez o *bapo* ao cacique e cantam ainda cerca de uma hora.

Enquanto isso fazem os homens no *bae managuegeu*, as mulheres nas cabanas preparam as iguarias para os que naquela reunião representam as almas dos seus parentes mortos.

Aquí também observam a distinção das dinastias; isto é, as mulheres *tugaregue* preparam o alimento para os *exerae*, e vice-versa.

Preparadas as iguarias, cada mulher avisará ao marido que prontamente toma o recipiente para levá-lo ao *bae managuegeu*. Chegando, para na soleira e um de dentro adeanta-se para recebê-lo. Nesse momento todos os outros dão o grito: *káe!* que se repete cada vez que chega um recipiente à soleira da porta trazendo comida ao representante de cada *aroe*, que sem cerimônias se põe a comer. Assim fazem sucessivamente todos os homens reunidos, conforme a chegada dos alimentos preparados.

Note-se: quem apresenta as comidas na porta não toma parte no ágape das almas, embora pertença à família das almas para a qual foram preparadas e oferecidas as iguarias.

Cada vez que algum acaba de comer, entrega o recipiente à mesma pessoa que o trouxe. Quando todos os representantes das almas estão satisfeitos, soltam o grito de saída, semelhante ao ribombo do trovão: *Brrrrrr!* e terminam com outro grito: *wá!*

Assim acaba o *Aroe ennoaguueddoddu*.

AROE KUDDU AREGODÚI MÀRIDDO KAEDDU

(Dansa do Aroe com a roda)

Algum tempo antes do dia destinado a este divertimento, os homens avisam-se uns aos outros para iniciarem os preparativos. Tudo fazem em segredo, para que as mulheres nada saibam.

Feitos os preparativos, anunciam o *Aroe kuddu aregoddu*, motivo propício para afastar da aldeia a maior parte das mulheres que, devendo dar de comer às almas, irão logo à floresta em procura de frutas.

Reunidos no *bae managuegeu*, os homens da família dos *Iwagudu dogue* aproximam-se dos caciques (*boeimigera*) e, tomando-os pela mão, fazem-nos sentar-se no centro da cabana sobre peles de onça preparadas de antemão.

Depois conduzem pela mão um moço e um velho da família dos *Bokodori exerae xobuguiugue*; em seguida mais outros dous da família de grau inferior a esta, como dos *Paiwoe*, dos *Apiboregue*, dos *Aroroe* e os fazem sentar todos perto do cacique. O de maior graduação entre eles toma a palavra e diz: "Ainda que se preparem para o divertimento denominado *Aroe kuddu aregoddu*, ao representar os *Aroe*, lembrem-se que não são tais e que fazem isso impelidos pela tradição, pois os seus antepassados faziam assim".

A esta exortação, segue-se como sinal de aprovação, um *Uh!* prolongado, escapado do peito de todos os presentes.

Um por um, saem do *bae managuegeu* para não levantarem suspeitas, e vão procurar penas de araras, papagaios, urucú, resina e *poari*. Antes que as mulheres voltem do mato, reentram no *bae managuegeu*, com todas as precauções para que fique oculto o seu intento.

Pelas nove da manhã, dous ou três *Bokodori exerae xobuguiugue* saem do *bae managuegeu* e vão ao oriente, e dous ou três dos *xebuguiugue* vão ao ocidente. Tanto os primeiros como os segundos, saindo a breve intervalo, são seguidos dos outros.

Dirigem-se a poucos quilômetros da aldeia e preparam duas rodas de talos de palmas de burití cortados em pedacinhos. Preparadas as rodas, os que saíram depois vão soprando no *pana* e no *poari*, e dando gritos abafados dirigem-se para a aldeia. O último, porém, deixa cair penas brancas aqui e acolá, entre a relva, sobre uma árvore, nas folhas, em qualquer arbusto, como sinal da sua passagem por aqueles logares. Ao verem isso, as mulheres crêem serem pegadas deixadas pelas almas; restos dos ornamentos do *Aroe*.

Chegados às proximidades da aldeia, assobiam mais fortemente, e também mais altos serão os gritos. Avisados da próxima chegada deles, os que ficaram na aldeia dão início a um canto, fingindo preparar-se para ir à caça da anta, dos porcos e à pescaria.

Durante este tempo, os que representam o *Aroe* no *Mariddô*, chegando primeiro os que partiram para o ocidente e logo depois os outros, param a pequena distancia da aldeia; de lá observam e escutam o que ali se passa.

Pensam que a diferença da chegada dos dous grupos é causada pelas águas dos rios, que, segundo a crença, correm do oriente para occidente, e portanto os que chegam do oriente tem o curso da agua a seu favor, enquanto os que vem do occidente, devendo remar contra a corrente, devem por força chegar com algum atrazo.

Vão assim até ao escurecer. Os que haviam ficado no *bae managuegeu* continuam na fúria do canto que precede à caça.

Chegando a noite, os que vem do oriente soltam um grito agudo que possa ser ouvido em toda a aldeia. As mulheres, já de volta em casa, vindas da floresta, são as primeiras a ouvi-lo e respondem com outro grito; isso fazem para que no *bae managuegeu* se interrompa o canto, pelo respeito devido ao *Aroe* do *Mariddo* que chega.

Interrompido o canto, e toda a aldeia entregue ao silêncio da noite, ouve-se outro grito. A este faz eco o pranto de todas as mulheres e de alguns homens; enquanto uns poucos recnetam o canto interrompido.

Os homens, enquanto esperam, preparam cigarros para oferecerem uns aos outros; as mulheres arranjam terra argilosa (*noacuru*). Isso feito, saem do *bae managuegeu* os homens ao encontro do *Aroe*, ou para fazerem de *Aroe* tambem eles, levando o *ika*, o *pana* e algum *poari*. Encontrando o *Aroe*, conduzem-no à aldeia.

Quando chegam perto das primeiras cabanas, o andar deles é singular, isto é, dão alguns passos para a frente, voltam repentinamente atrás e, desta forma, entram na aldeia, onde reina profundo silêncio. Para que a escuridão seja completa, antecipadamente apagam todos os fogos nas cabanas. Ai de quem fizer qualquer bulha! ai da criança que chorar! o *Aroe* amedrontado voltará para trás, e só depois de feito o silencio, prosseguirá. Mas, se se fizer algum barulho forte, os *Aroe* pararão onde se acham, fingindo terem desaparecido de medo, e assim ficam até voltar a calma.

Chegam finalmente à praça da aldeia, deante do *bae managuegeu*. E' a hora do pandemonio. As mulheres choram, umas gritam, outras berram: gritos estidentes de meninos tansidos de medo aqui; uivos tristissimos e latidos enraivecidos como de cães ácolá; gritos dos *Aroe*, vozes confusas imitando rugidos, grunhidos, rinchos, sibilos agudos, o som confuso do *pana*, o estridente do *ika*, do *poari*, o bater cadenciado do *bapo*. . . A um sinal do cacique tudo cessa, e escutam se chegam os do ocidente. No caso afirmativo, repetem o mesmo cerimonial do encontro e da chegada. Reunidos os dous grupos na praça, renova-se o pandemonio, aumenta a confusão. Os dous grupos lançam gritos, rugidos, grunhidos, etc. alternativamente. Dizem ser o momento da convenção de todos os *Aroe*; e as mulheres, moços, moças,

rapazinhos, meninas, procuram esconder-se o melhor que podem, porque aí deles se ousassem relancear o olhar por aquela cena.

Depois de breve descanso, fazem os *Aroe* um giro pela praça da aldeia e, chegados novamente em frente ao *bae managuegeu*, oferecem para beber o *noacuru*, chamando pelo nome os defuntos representados em cada *Aroe*.

Os maiores caciques sopram então o *ika* convocando todos ao canto do *Buretawodo* e do *Aroe nogari*, enquanto os *Aroe* ficam pacientemente sepultados debaixo de montões de palha. Cessa o canto, e os dous grupos separadamente preparam-se para o giro pela praça da aldeia, e entram todos no *bae managuegeu*. Tocam, assobiam, gritam ao entrar.

Jovens e velhos neste momento saem do *bae managuegeu* e dispersam-se pelas casas, convidando todos ao canto na grande cabana; os *tugaregue* vão às casas dos *exerae* e vice-versa. E' muito simples o convite dirigido a cada individuo: "Meu avô, minha avó, meu irmão, minha irmã, vinde cantar".

E todos indistintamente acedem ao convite.

Chegados ao *bae managuegeu*, cantam o *Roia mugureu*, o *Marenaruio*, o *Tugaregue*, e o canto das onças por eles matadas; e assim vão até ao romper do dia. As mulheres pela manhã saem a preparar os alimentos variados para as almas, e os jovens vão às fontes em procura de talos secos de burití para aumentarem as duas rodas trazidas na noite antecedente pelos dous grupos de *Aroe*.

Neste interim, os que ficaram no *bae managuegeu*, para não permanecerem desocupados, entregam-se ao divertimento do *poari*, que consiste em dous homens tocarem-no alternativamente: e, quando param, soltam todos um grito prolongado: uh! uh! uh! A este segue-se o *Icaiaro*, o *Bakororo*, o *Xurogoe*. Voltam os moços com os talos e cortam-nos em pedaços de cerca de 30 cm.

Acabados os divertimentos supracitados, dá-se o banho aos homens que tomaram parte no divertimento: saem estes da cabana grande e se dispõem em fileira, um atrás de outro, sentados sobre os calcanhares; outros tomam recipientes já preparados com agua que lhe derramam em cima da cabeça escorrendo-lhes pelo corpo.

Voltam ao *bae managuegeu* onde grudam com *kidoguru* penas de araras, gaivotas, etc., nas mãos e na face dos que procurarão, juntos, levantar a roda, pô-la sobre a cabeça e dansar com ela.

Assim ornados, cedem o *ika* e o *pana* ao cacique, e ao som deles, um atrás de outro, dão varias voltas no *bae managuegeu*. Diante da porta, desde a manhã, fora preparado um recinto circular fechado com esteiras e peles, bem tapado para que as mulheres não vejam o que os *Aroe* fazem lá com os *Mariddo*.

Ainda um atrás de outro, saem da grande cabana ao som do *ika*, do *pana*, dos *poari*, dos *iworeboe* para entrarem no recinto, onde se repete o mesmo pandemonio já descrito.

Lá se acham preparadas duas grandes rodas, uma com o diâmetro de 1,50 m., a que denominam *mariddo imedo* (masculino) e outra de um metro, chamada *aredu* (feminina). No recinto passam todos sucessivamente a voltear as duras rodas. Entram de novo no *bae manaquegeu*, apresentam os instrumentos musicais ao cacique e, ao som deles, saem os que estavam dentro, e vindo ao recinto reúnem-se aos primeiros, que também dançarão com a roda.

Depois, os vindos do oriente agrupam-se ao redor de uma roda ; e os vindos do ocidente ao redor de outra. Assim agrupados, fal-a-ão dançar, observando porem que os primeiros vão em sentido contrario aos segundos.

Finda esta parte do programa, escolhem uma pessoa da família dos *Kie* e a conduzem perto da roda *imedu* ; outra pessoa da família do *Badageba xebeguiu* é levada perto da roda *aredo*, e ao canto do *Burataiwodo* fazem todos movimentos de dança.

Logo depois do canto, os homens dos dous grupos, levantam as rodas e as colocam na cabeça dos dous escolhidos, e todos, unidos aos dois carregadores das rodas, dançam ao som cadenciado do *bapo*. As rodas vão passando sucessivamente nas cabeças de todos os presentes, repetindo-se cada vez a dança. Então descansam, e dá-se a todos o banho restaurador, pois muito suaram !

Os do primeiro grupo colocam-se, sempre um atrás de outro, e dão varias voltas por aquele recinto, até que entram de novo no *bae manaquegeu*. Igual cerimonia é repetida pelos do segundo grupo. Quando todos se acham dentro, são escolhidos três, entre os que tem pulmões mais fortes, para lançarem gritos prolongados. Colocam-se um ao oriente, outro ao ocidente e o terceiro no centro, todos dentro da mesma grande cabana.

O grito é singular, agudo, penetrante, o mais prolongado possível, e acaba com um tremular de voz. O primeiro é emitido pelo que se acha ao oriente, o segundo pelo do ocidente e por último pelo do meio. A cada grito segue o gemido — uh! uh! uh! e a gritaria de todos unidos, indicando o desaparecimento das almas.

E assim acaba o "*Aroe kuddu aregoddu*" ou o "*Aroe kuddu aregodui mariddo kaeddu*".

Os indios tem um misterioso temor da alma que abandona o corpo. As mulheres e as crianças não podem ver o homem mascarado que durante o rito representa a alma do defunto ; se o vêem, é crença que morrerão.

Acrescentaremos que todos os cantos contêm invocação e recordação quasi contínua do *Aroe*.

Os nossos conhecimentos sobre as almas dos autênticos heróis *boróros* são muito incompletos ; se fossem perfeitos, poderíamos elucidar bem o vastíssimo e complicado sistema religioso mitológico que seguem. Contudo, alguma contribuição para um conhecimento, ainda que imperfeito e fragmentário, se pode ter no conjunto de mitos

que publicamos. A dificuldade de conhecê-los, consiste em que devem ser desconhecidos às mulhêres, crianças e principalmente aos forasteiros e extranhos à tribo e aos homens é proibido contá-los. A boa fortuna deparou-nos *Ukeiwaguuo*, que pela amizade que nos tinha, decidiu-se a satisfazer o nosso desejo. Apenas chegava algum índio, interrompia a narração. Queria que ouvíssemos a narração, mas não permitia que escrevêssemos e interrompia se nos via de pena na mão. Muitas vezes era assaltado de remorsos por haver revelado os arcanos da tribo. Durante um violento temporal, com fortíssimos trovões, relâmpagos e raios, supersticioso como era, dizia: "Talvez veio este temporal e estes raios por haver eu falado demais". Para contar o mito do *Bakororo* e *Itubore*, só se decidiu depois de muitas instâncias e rogos. Fechou a janela e a porta e com muito mistério deu início à narração.

O BARI

Os *Orarimogodogue* tem também um complexo de crenças supersticiosas, relativas ao *bari* e às suas doutrinas, que são perfeitamente independentes das supracitadas.

O *bari* (plural *baire*) é o feiticeiro da aldeia. Quando o *bari* morre, a sua alma, segundo a crença indígena, não tem a mesma sorte das outras, mas vai ou para o céu, ou fica vagando pela terra, ou afunda debaixo da terra.

Parece que ao conjunto das almas dos *baire* mortos foi dado o nome de *maeréboe*; realmente, *Ukeiwaguúo* nos disse: *Bireu. baire maeréboe doguere emague* (os *maeréboe* são os *baire* mortos). São todos espíritos mais ou menos maus de que os índios tem medo.

OS MAEREBOE E OS FENÔMENOS ASTRONÔMICOS E METEOROLÓGICOS

Os *maeréboe* propriamente ditos que habitam no céu, tem, no dizer dos *baire*, duas pernas, dois braços, cabelos fortíssimos, costas cabeludas, cabeças esburacadas. Quando fumam, a fumaça sai pelos buracos. São os que tornam vermelhas as pedras. Note-se que: todas as pedras da região são vermelhas, pois são riquíssimas de óxidos de ferro (laterite) acumuladas por causa da desagregação meteórica das rochas.

Eles comem o *ki* "anta", *okiva* "capivara", *wai* "jacaré", *pobogo* "veado mateiro", *atubo* "cervo", *orogo* "veado campeiro", *beo* "siriena", *pári* "êma", *kiddokia* "um peixe", *poru* "jaú", *otto* "cará", *batlo* "mangaba" (*Hancornia speciosa*), *jatugo* "cajá", *kuiadda* "milho", *ekó*, *boko*, *oko*, três frutas, etc.

Pertencem aos *maeréboe* os *rulke* “moscas”, *tobare* “mutuca”, *kigo-ridogue* “mosquitos”, *miguimiguidogue* “mosquitos pólvora”, *pobureu* “urubú”, *makao* etc.

São eles os que presidem aos fenômenos celestes, levam o sol em seu curso diário, cu melhor, são os *baire* mesmos (cu *maeréboe*) que levando um metal incandescente na cabeça (*aro-meriurugo*) aquecem com este os homens ao olhar a terra. Quando os *baire* tem o ferro bem quente, aquecem mais os homens. Por isso os índios, quando o sol é muito quente, dizem: *boe-eru-re-i* “as coisas queimam-me”.

MOVIMENTO DIURNO DO SOL

Eis como os *baire* explicam o movimento do sol.

Os *baire* que constituem o sol, de manhã bem cedo, se põem em movimento começando do oriente, e caminham pelo alto dos céus para o pcente. Alegres, principalmente, vão gracejando até às 9 ou 10 horas; depois, por causa do caminho íngreme e penoso, tornam-se tristes e cansados até às 15 ou 16 horas, quando, facilitado o caminho pela descida, tornam-se novamente joviais e alegres. Continuam assim seu caminho, chegando ao pcente no fim da tarde.

A alegria e a tristeza dos *baire* se comunicam também aos mortais desta terra.

Chegados ao pcente param à beira d'água (pois os índios crêem que debaixo do horizonte ha água, talvez por causa de confusa lembrança do oceano) e virando à direita, sempre costeando a água, voltam ao nascente passando pelo norte. Nesta viagem terrestre empregam toda a noite e de madrugada se acham no levante para recommençar o caminho celeste. Atribuem o eclípsse do sol aos *maeréboe* irados contra os homens, aos quais escondem as faces; disso se compreende o angustioso terror que este fenômeno lhes inspira.

FASES E MOVIMENTOS DA LUA

O clarão da lua é causado pelos *maeréboe* que estão nela. Quando a lua é cheia, *ari joku kurireu* “da lua seu olho grande”, os *baire* tem os olhos bem abertos. As fases da lua são causadas pelos *baire* que vão gradadamente abrindo cu fechado os olhos. Para indicar a lua nova, dizem: *ari joku biegaré* “da lua seu olho pequeno”. Os *baire* da lua vão de leste para o oeste e depois voltam pelo céu. Na lua nova a noite os surpreende quando estão chegando ao fim da viagem e no plenilúnio ela os alcança quando estão no princípio. Também o eclípsse da lua é sinal de ira dos *maeréboe*.

COMO DIVIDEM E INDICAM O TEMPO

O que acabamos de dizer nos dá ocasião para referir como indicam o tempo.

Céu = *baru* ou *kaworu-re-u* "o azul".

Dia = *merige, meri* "sol".

Aurora = *baru kujago* "o céu vermelho" = *baru kigaddu* "céu branco" = *barogakododdu tabo* (talvez de *barogo akododdu tabo* "quando o animal começa a cantar"); levantar do sol, levante = *meriruttu* "o sol surge"; meio-dia = *meri barae etaia-dadda* "o sol sobre a cabeça dos civilizados"; queda do sol, poente = *meri buttu* "o sol desce, cai".

Tarde = *meri rekoddu* "o sol foge".

Noite = *boe xogge, boe xo* "coisa negra, coisa escura".

Meia noite = *boe xo oia* "da noite centro".

Para indicar as horas do dia mostram com o dedo uma região do zodíaco dizendo uma das frases: *meri koddu kuri nonna du-tabo* "tendo o sol caminhado até lá"; *meri gettu woi du-tabo* "estando o sol ali"; *meri giogoddo tabo* "sol declinando".

A estação da seca, que abrange seis meses, a chamam: *joru buttu* "o calor (lit. fogo) desce"; *joru buttu-re-u* "descida do calor".

A estação das chuvas (outra metade do ano) assim a denominam: *boe buttu* "a coisa (a chuva) cai".

Medem o tempo em *meri* "sóis" (dias), e em *ari* "luas" (meses).

VENTO, CHUVA, BÓLIDOS

O vento e a chuva são devidos aos *butaudoque*, que são *maeréboe*: tem as unhas muito grandes e moram no ar. Dos olhos, do nariz, dos cabelos, das unhas, deixam cair a chuva. São eles que produzem os ventos.

São também os *maeréboe* ou *báire* mortos, habitantes do céu, que produzem as estrelas cadentes e a queda de bólidos (*aroe koddu* "as almas voam"); a explosão é chamada *aroe buttu* (as almas caem), fenômeno que na zona equatorial é bastante frequente. Eis como a esse respeito se exprime *Ukeiwagúto*:

Maeréboe bireu báire ere boe kodudda; ere aroe kodduda, ennoio-
Os *maeréboe*, (que são) os mortos *báire*, as cousas voar fazem; eles almas fazem *gwarire* "ao, ao" *ere boe e vido dukege; ere boe vuddudda tori-tto; ere boe to*
voar. Eles gritam: "ao, ao", eles os índios eles matam quando. Eles as cousas *geriguigatótokege ere boe e voddudda tori parakujago joki; ei goiare ere*
cair fazem na colina, eles na floresta, no pau sobre, eles as coisas eles cair fazem pe-

boe etaru e iwogu nure boe ennoroege, xare ere boe koddudda, ere aroe kod-
dra vermelha sobre; causa eles (são que) os índios morrem eles roubam certamente,
duda.

dos índios a deles coisa, então eles a coisa voar fazem, eles as almas voar fazem.

Deste texto conclue-se que os *Orárimogodogie* julgam que os bóldos sejam devidos às coisas roubadas pelos *maeréboe* e depois lançadas sobre a terra transformadas em *aroe* (espírito) para matar os selvagens. Fazendo isto, põem-se a tocar o *pana* (instrumento musical) em sinal de alegria.

Quando os *maeréboe* aparecem e se encarnam nos *báire*, manifestam-se sob várias formas que tomam os nomes seguintes: *gere-koibo, ao-koibo, bure-koibo*. Note-se *ge*, “rosto”, *ao* “cabeleira, cabeça” *bure* “pé”.

Interrogado *Ukeiwaguu* porque lhes chamam *maeréboe*, respondeu :

Maeréboe okwagüere boe jamedugi koddí, lope okwague kare pega-
Os *maeréboe* comem coisa toda porque. Os *bope* comem não a má coisa. Os *báire*
re boegi. Báire e goe, boeremau bope rakoge kare baru tadda: motto
eles dizem, coisa essa (coisa certa), que os *bope* estão não no céu dentro : terra
kegge, motto kudda rakogere.
em cima, terra em baixo estão.

OS BOPE E OS WAICURU

Os *bope*, como se deduz do texto acima, moram na terra, ou de-
baixo da terra.

Eis como os definia *Ukeiwaguu*: “Os *maeréboe* da terra tem uma só perna, ventre grande, o peito e as costas peludos como o morcego, e os cabelos muito grandes; habitam no tronco oco da aroeira. São *báire* também, mas são *bope*; são *maeréboe* também, mas são *bope*, são *báire* ainda vivos (talvez quisesse dizer ainda sobre a terra). Não comem o que é alimento dos que moram no céu; não comem *boko, eko*, mas comem *oko, jatugo, kuiadda* “milho”, *jowe*. Não vão ao céu, porque comem muitos animais”.

Sendo muito maus, mandam as doenças e a morte aos índios e por isso são muito temidos. Os índios lhes tem tanto medo que quando estão sós nas selvas, esfregam no rosto a folha de uma árvore chamada *manna-i*, para não serem vistos pelos maus espíritos. Os *waiguru* ou *uwaiguru* dos quais não sabemos dizer senão que são almas dos *báire* e muito temidos, porque tidos como eminentemente ruins, tem a aparência de índios.

A principal prerrogativa dos *bari* é a de se porem em relação com os *maeréboe*, com os *bope* e com os *waiguru* os quais se encarnam neles temporariamente. Para isto sobem com os pés sobre as costas penetrando depois verticalmente neles. Em cada *bari* se encarna um

determinado grupo de *maeréboe*, que ele chama *iwaere*. É evidente que essas coisas só o *bari* as vê e as relata aos outros.

Quando o *bari* deseja por-se em relação com seus *iwaere*, chama-os em altas vozes.

Quando diz que o espírito se apossa dele, toda a sua pessoa se agita em tremores convulsos impressionantes. Curva o corpo para traz voltando-se para o sol, ao qual grita com todas as forças, de braços estendidos ou com as mãos na boca em forma de porta-voz, talvez para que sua voz chegue aos *maeréboe* que estão no sol.

Quando o *bari* está nesse estado anormal, exerce o maior número de suas atribuições que consistem em :

- 1.º) exorcizar as carnes de animais e as frutas reservadas aos *maeréboe* ;
- 2.º) predizer onde se deve encontrar a caça e a pesca ;
- 3.º) predizer as calamidades e as doenças ;
- 4.º) curar as doenças e repelir os males atribuídos aos maus espíritos ;
- 5.º) predizer a morte do índio ;
- 6.º) afastar os males que poderiam cair sobre os índios por ocasião da queda dos bólidos, eclipses do sol e da lua ;
- 7.º) rogar pragas aos inimigos.

OS EXORCISMOS DO BARI

Todos estes espíritos de *báire* mortos possuem notável número de animais e frutas que lhe servem de alimento, e as listas acima citadas, certamente não são completas. Isso tem uma grande importância prática para os índios. Julgam que não lhes seja lícito comer os animais e vegetais reservados a esse espírito, sem primeiro levá-los ao *bari* da aldeia. Este os exorciza para que não façam mal a quem os come e reserva para si uma parte destinada aos *maeréboe* ou *bope*, que nele se encarnam. Assim fazem os índios para não sofrerem castigos da parte dos citados espíritos maus.

Se os índios na caça matam um animal reservado aos *maeréboe*, devem apresentar-se ao *bari* que muitas vezes está com eles ; faz logo um breve exorcismo que termina abrindo a boca do animal e cuspidno-lhe dentro. Quando o animal é levado à aldeia, o faz no meio de uma gritaria ensurdecidora e depois faz cozinhar a carne, enquanto continua a gritar, a contorcer-se e a tremer, até que entrem nele os *maeréboe*. Cospe então nas mãos e esfrega-as, com a direita esfrega a tonsura da cabeça, o pescoço, o peito, os quadrís, as coxas, bate nas nádegas com as duas mãos e finalmente fuma. Chegado a este ponto, pergunta se a carne já está cozida ; manda levá-la, reduzida a pedaços sobre uma esteira juntamente com uma grande panela de água.

Torce-se novamente e em altas vozes faz a oferta aos *maeréboe* com uma velocidade espantosa.

Começa a dar duas ou três mordidas na cabeça, na língua, no pescoço da anta, gritando *aó-aó* e dizendo: "é mesmo a cabeça da anta, é mesmo a língua da anta, é mesmo o pescoço da anta". Bate os pés e dobra a cabeça lateralmente para a direita e para a esquerda a cada mordida; e assim faz passando todas as partes da anta. Depois de haver mastigado um pedaço de carne em todas as suas partes, passa-o à mulher que viera assentar-se em uma esteira. Também ela dá as mordidas de rito, coloca na esteira o pedaço e espera outro. Depois grita, cospe ainda, com a saliva esfrega várias partes do corpo. Oferece aos *maeréboe* o líquido que bebe em grande quantidade, solta muitos *aó, aó*, e passa o recipiente à mulher. Esta bebe igualmente. Novamente cospe, novamente se esfrega, sempre acomelhado de tremor dos membros; novamente grita, em tom mais alto e com grande velocidade, acabando assim. Terminado tudo isto, vem uma mulher com um grande *pori* água e derrama sobre ele, que fica de cocora, todo o conteúdo.

Das palavras da oferta, que o *bari* faz aos *maeréboe*, da anta apenas morta e do exorcismo que faz sobre a carne cozida do mesmo animal, deduz-se bem claramente que o *bari* convida os *báire* pretos, vermelhos, brancos, etc., os *maeréboe*, em suma, a descer sobre o alimento a eles reservado. Uma vez descidos os espíritos, enumera as partes que lhes tocam e dá de comer a cada um. Em fim suplica que mandem os males para as matas, sobre as árvores, pedras, etc., mas não sobre as casas e as estradas dos índios.

Quando em uma aldeia, acaso, não há *bari*, então os *boróros*, para afastar os males que pederiam vir por terem comido o alimento reservado aos *maeréboe* e aos *bope*, pintam o resto com um carvão de uma planta chamada *pari-kiogoddo iorubbo aru kurireu* "da perdiz remédio (da) folha grande". Acrescentaremos que as folhas da mesma planta são jogadas pelos homens às próprias mulheres, quando se zangam e não as querem mais, intendem com isto fazê-las adoecer e morrer. O *bari* repete o rito descrito também no cumprimento de outras atribuições, variando as palavras e alguns gestos.

Outro ofício do *bari* é predizer as calamidades que possam ferir a tribo, a aldeia ou os indivíduos. As palavras que diz quando está em função, são consideradas como verdade infalível, da qual não é possível duvidar. Verificaram-se casos de singular previsão que se realizaram de modo surpreendente, sem que fosse possível admitir um truque.

DOENÇAS

Os *báire* dizem — e os índios crêem — que as doenças são devidas a corpos colocados pelos *maeréboe* na parte do organismo doente. Muitas vezes dizem que é um inseto, uma pedra, um dente, uma unha,

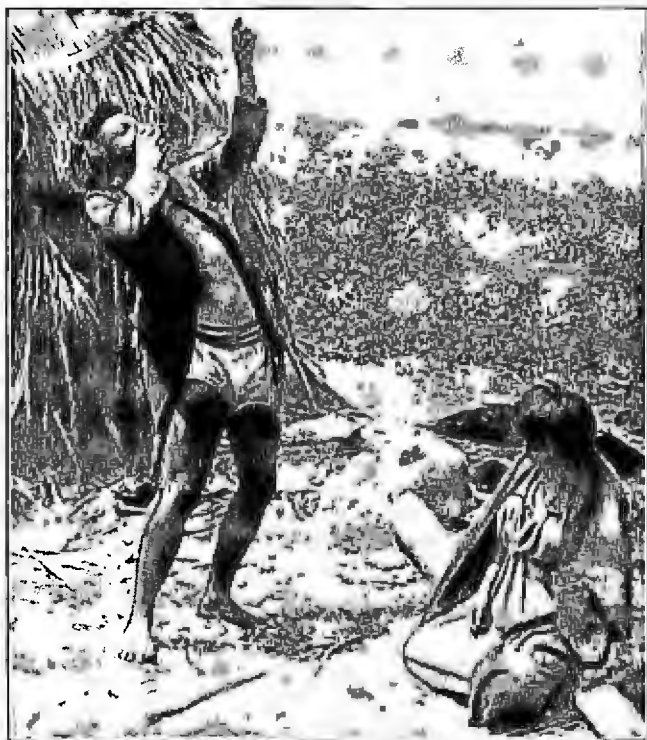


“Bári”, feiticeiro, curando uma mulher.

etc. E' preciso, pois, recorrer ao *bari* que tem relação com os *maeréboe* para poder curar o mal. O índio ao sentir-se doente procura o *bari*; este com gritos, imprecações e tremores já descritos convida o *maeréboe* a entrar nele. Então, se prevê a cura, depois de haver escondido na boca uma pedrinha, um coleoptero, ou cousa semelhante, cola os lábios na parte deente do paciente e põe-se a chupá-la. Diz que o mal, a doença, o objeto, que a produz lhe chega à garganta; então com um tossido forte passa-o à boca, tira-o com a mão e mostra-o ao doente, dizendo-lhe: “so sega porque o mal *-jorubbo-* está tirado”. Se o incomodo perdura é, no dizer do *bari*, porque o doente tinha no corpo muitos objetos maléficos; extraído um, ficaram outros. Certas doenças são atribuídas a espiritos malignos de natureza indefinivel ou a malefícios dos companheiros.

Tambem os *arottoawaraare* tem o poder de curar as doenças e o fazem do modo usado pelos *baire*.

A cura é recompensada generosamente e pode ser feita de longe e a muita distância por um *bari* de muita reputação, quando lh'o pedem.



"Bári", feiticeiro, curando uma mulher.

REMEDIOS

Costumam também curar várias doenças com remédios na máxima parte supersticiosos; parece que estes tenham sido introduzidos no uso comum pela prática individual, sem a intervenção do *bári*. Também a esses remédios chamam *jorubbo* e são vegetais, quasi todos. A parte da planta mais usada é a raiz que é constituída, quasi sempre, naservas perenes e nos arbustos pequenos das savanas Mato-grossenses, de um longo e grosso eixo quasi sem irradiações. Também o uso dos remédios é quasi sempre supersticioso. De algumas plantas mastigam a folha, a raiz e enrolem o suco resultante. Outros medicamentos ou são amarrados, ou esfregados na parte doente, ou são postos no furo das orelhas. A maior parte das vezes a raiz é queimada de modo a se obter o carvão que é triturado e feito pó. Com este pó negro sozinho ou misturado com o *kiddoguru*, resina pegadiça, de que já falamos, cobrem diretamente a parte dolorida ou fazem desenhos no rosto. Nos casos em que a doença não é localiza-

da, mas sim em todo o corpo, então costumam fazer manchas com o carvão e resina no peito, nas costas, nas pernas, etc., e se a doença é grave, sobre a resina colocam penas de passarinho. Os desenhos no rosto e sobre as várias partes do corpo são curativos, preventivos ou também servem de enfeite. A resina "*kidoguru*" - almécega - parece tenha realmente eficácia curativa, particularmente em certos casos, como dor de cabeça, dor de dente, nevralgias ou reumatismo.

São os *boróros* predispostos aos mil perigos da sua vida selvagem, e pagam bem caro tributo à sua inata paixão à caça. Não se vê um só que não tenha o estigma das suas aventuras: feridas, torções, contusões, mordeduras, efeito complexo de quanto insidiosamente ocultam a floresta e os rios nos três reinos da natureza.

Um valente cacique, correndo no mato para alcançar alguns porcos selvagens que fugiam, no ardor da caçada penetrou em um intrincado labirinto de cipós, espinhos e taquaras. Procurando impetuosamente abrir passagem, um espinho ou um raminho seco entrou-lhe no olho esquerdo e o vasou. Outro, lutando corpo a corpo com um tigre, teve as carnes horrivelmente dilaceradas e quasi foi vitimado. Veiu um índio quasi morto, dessangrado por uma horrível dentada de animal selvagem; a outro um tamanduá rasgou a barriga da perna, cortando-lhe os musculos. Perseguido um animal na caçada, um pobre selvagem precipitou-se em profundo fosso e lá ficou semi-morto.

São comuns essas desgraças porque são inerentes à vida do selvagem.

O que eles muito temem é a picada das cobras venenosas. Nas imensas florestas, nas vastas planícies, nos montes, em toda parte são numerosíssimos tais ofídios: bruscamente assaltam a quem inadvertidamente os pise, e insidiosamente assaltam, investem, às vezes, a quem apenas deles se aproxima.

Entre tantas serpes venenosas há uma que eles identificam e personificam como espírito maligno: é o terrível *Crotalus horridus*, a *cascavel*, pelos *boróros* denominado *ewo*. Tem essa serpente 1m. a 1m. e meio de comprimento. Sua mordedura pode ocasionar a morte em poucas horas ou mesmo em poucos minutos, quando é já adulta.

Contra esse veneno não conhece o selvagem antídoto algum eficaz: quando mordido, resigna-se a esperar a morte, que não tarda em libertá-lo de horríveis sofrimentos causados pela peçonha. Contra o veneno das outras cobras usam remedios de eficacia mais ou menos relativa; todos esses antídotos são vegetais.

Conhecem uma raiz especial que, apenas picados, mastigam engulindo o suco. Todavia, mesmo quando escapam da morte, sofrem muito, e, apesar de todos os remedios que conhecem, ficam-lhes às vezes aleijões e desarranjos do organismo que os acompanham por toda a vida.

Ninguém certamente observa tão bem a natureza como o indígena: no seio dela, nas suas infinitas belezas e grandezas, nasce, cres-

ce, vive e morre. Da benéfica natura tira, extrai, o que precisa para a sua vida : a nutrição, as armas e os remedios. De par com o conhecimento da floresta onde vive e morre, conhece o selvagem a natureza da qual é filho legítimo.

Conhece e sabe dizer o nome, a ação, a virtude das plantas, herbas, flores, frutos e sementes. Uma folha, uma casca, uma raiz, tem para ele virtude especial. Aprendeu e sabe de cor uma farmacopéia formada pelo estudo e experiencia da vida selvagem. Se adoecer, se sofre não recorrerá sinão à floresta, onde julga encontrar sempre o que lhe é preciso.

Ignora-se até que ponto e grau chegue o poder terapêutico de tudo quanto conhecem estes indígenas, contra os seus males; se muitas das suas mezinhas tem verdadeiro poder medicinal, ou se apenas são superstições : como em toda parte, nestes selvagens muito vale e pode a idéia sugerida, a convicção, a fé no poder e na virtude do meio empregado para aquele fim.

Demos alguns exemplos da ciência farmacológica destes selvagens, que servirá para se formar uma idéia como em tudo o que a natureza lhes offerece encontram uma virtude ainda que fantástica, que, ao menos ideal e quiméricamente, lhes é de conforto, auxilio e alivio nas necessidades da vida, nas dores e nos males que os afligem.

Curugue erubo. As tolhas infusas na água dão uma bebida contra a tosse.

Piodudo erubo. Esfregam as folhas na cabeça contra a dor de cabeça.

Boe'et'aura cori epa. — Como acima.

Pari kiogodo iorubo. Esfregam-se as folhas nos olhos e na testa contra o sono.

Barequekeru reu. Folhas, ramos e raizes que as mulheres usam na cintura para evitarem a concepção; a casca misturada com as raizes carbonizadas e com o *kidoguro* serve para qualquer incomodo, applicando-se nas partes doentes.

Jorubo. Casca ligada fortemente às articulações dos meninos serve para robustecê-los e fazê-los crescer fortes

Xúroe. As folhas e ramos agitados contra o sol servem para afastar os males produzidos pela insolação.

Jugo dogue etu bureu. A raiz carbonizada é remedio contra os furdnculos.

Jorubo. As folhas e cascas fervidas, são usadas para esfregarem as partes do corpo com o fim de curar e evitar as molestias.

Parigogo jorubo. Esfregam os olhos com as folhas. Carbonizada a casca e misturada com o *kidoguru* é applicada contra as molestias dos olhos.

Árer'erubo. A casca com as raizes carbonizadas e com o *kidoguru* servem para qualquer incômodo applicando se às partes doentes.

Baxe enodóreu. Mastigam as cascas e as raizes para terem boa memoria e lembrarem-se das suas cousas.

Baxe jorubo. Põem um raminho nas orelhas, e, com a raiz carbonizada e misturada ao *kidoguru* tingem o rosto, o peito e as costas para não serem vistos nem ouvidos pelo animal que querem matar.

Boe'ó rarureu. Mastigam a casca e a flor contra a dor de dentes. As raizes carbonizadas são usadas para as doenças dos olhos.

Jorubo racaguragareu. Folhas e raizes carbonizadas são esfregadas no corpo contra toda a especie de molestia.

Kiege et'arureu. Esfregam as folhas no corpo dos que não podem ver espiritos e mortos. Os homens mastigam as folhas na caçada e assim amansam a onça.

Tugo epa. Esfregam na corda do arco para acertarem na pontaria.

Reco ierubo. Esfregam-se com as folhas, e as raizes carbonizadas são applicadas contra qualquer mal.

- Baigabe ierubo.** Passam no corpo a casca e a raiz queimada para não serem vistos pelo trovão nem fulminados pelo raio.
- Bacaigo ierubo.** As raízes esmigalhadas e misturadas ao *kidoguru* cozido, são aplicadas às luxações e contusões.
- Codobo eru.** As folhas esfregadas e as raízes queimadas são aplicadas para evitar a mordedura das cobras.
- Raru reu.** As folhas e cinzas da raiz são aplicadas contra as picadas das cobras.
- Joruboe.** Com a água das folhas infusas lavam-se para evitar e curar as mordeduras de cobra. O mesmo uso fazem das raízes carbonizadas.
- Gea eruboe.** Para todas as mordeduras de cobra e insetos venenosos; aplicam-na com a precedente.
- Kiegue et aru.** Chupam as folhas e cospem nos companheiros para torná-los fracos; fazem o mesmo às onças na caçada afim de amansá-las e vencê-las.
- Jorubo.** Raiz carbonizada com *kidoguru* aplica-se nas articulações contra o reumatismo.
- Geporu.** A raiz carbonizada e com *kidoguru* é aplicada nas fraturas e contusões.
- Kie emagurureu.** Bebem a maceração da casca desta raiz para purificar o sangue.
- Jorubo bo ecu pega.** Aplicam as folhas aquecidas para doenças de olhos.
- Orego'erubo.** As folhas verdes são metidas no cinturão para facilitar o parto.
- Marugod'uke jarubo.** Mastigam as folhas nas indisposições de estômago, dor de cabeça ou qualquer outro mal.
- Metug'uke ierubo.** Aplicam o carvão das raízes no cocix das crianças para crescerem.
- Arore erubo.** Põem as folhas na cintura para evitarem os perigos do parto.
- Roiá e ppa.** O carvão da raiz com *kidoguru* é aplicado junto às orelhas contra a dor de ouvidos.
- Kidoguro jawwereu.** O carvão das raízes é aplicado contra os furúnculos.
- Amo erubo.** Esfregam com o seu carvão o rosto para evitar qualquer mal.
- Mariguído.** As moças que querem ter filhos põem as folhas sobre o *cogu* (cinturão).
- Akigoreu.** Fervem as raízes e as folhas e se lavam contra as febres e as molestias.
- Boecori epae.** A raiz carbonizada é aplicada para dor de ventre.
- Acoreu.** Põem a raiz e as folhas na água com *kidoguru* para lavar a cabeça. Colocam também um raminho nas orelhas para evitarem as molestias.
- Nuiaru rarureu.** Carbonizada a raiz e junta a *kidoguru* é aplicada nas fraturas e contusões.
- Rimae.** A casca do tronco amarrada no peito do pé serve contra a mordedura das cobras.
- Nabure eke ierubo.** Mastigam as folhas para poderem cantar bem e forte.
- Rea dogue erubo.** As raízes com *kidoguro* são aplicadas às inflamações das glandulas inguinais.
- Iomo erubo.** Esfregam-se com as folhas para nadarem com força e resistencia.
- Atugue curizigoreu.** As raízes carbonizadas com *kidoguro* são usadas sobre os tumores.
- Jugo dogu ei nigera o ierubo.** Carbonizam a raiz com *kidoguro* e com a infusão das folhas lavam a cabeça contra qualquer mal.
- Aru bararu curireboe.** As raízes são usadas comumente em qualquer molestia. As folhas esmigalhadas com *kidoguru* são postas na cabeça para todas as molestias. São também usadas as folhas na caçada da anta esfregadas no arco e no corpo.
- Boeel'o reu.** Decoção das folhas, usado na cabeça contra qualquer molestia. As raízes aquecidas são aplicadas aos olhos contra as molestias da vista.
- Aroe erubo.** As raízes carbonizadas com *kidoguru* são esfregadas no rosto contra qualquer molestia. A decoção das folhas é derramado na cabeça.
- Uia raru reu.** Carbonizam a raiz com *kidoguro* e aplicam nas fraturas e contusões. Fazem também uma decoção com as rasuras da raiz e lavam a parte doente.
- Meru ierubo.** Aplica-se a raiz carbonizada contra qualquer mal.
- Kiogo rogo o joruboreu.** Aplica-se a raiz carbonizada com *kidoguro* ao rosto e a varias partes do corpo, afim, de não acontecer nenhum mal.
- Aigo dogue erubo.** Tem uma raiz grossa que carbonizada com *kidoguro* é esfregada no rosto quando matam a

onça, para que o espírito maligno não os reconheça e os faça adoecer.

Miaue borireq'uerubo. Acendem um raminho dela para fazerem fumaça nas colmeias das abelhas selvagens, afastá-las e poderem tirar o mel.

Ocuá o iorubo. Com os raminhos desta planta batem nas pernas para suportarem as suas longas jornadas.

Boe jorubo. Folhas que mastigam e engolem para provocar o vômito.

Bo'ecu pega epa. As folhas aquecidas ao fogo são aplicadas aos olhos doentes.

Reze o jorubo. A raiz carbonizada com *kidoguru* é esfregada no rosto e corpo contra todo o mal. A decoção das folhas é derramada sobre a cabeça com o mesmo fim.

Boet aura cori epa. A raiz carbonizada com *kidoguru* é esfregada no rosto contra a dor de cabeça.

Orogoe erubo. Remedio especial para os mancebos: mastigam as folhas engulindo o suco, para tornarem-se ageis na corrida.

Boe cori padui kagege epa. Raiz que, um pouco aberta e aquecida ao fogo, é aplicada nas partes doentes.

Uiaru. O carvão da raiz com *kidoguru* esfregado sobre a parte doente e na face, cura e é preservativo de qualquer moléstia. E' a folha na qual envolveram os *Boróros* o tabaco encontrado no ventre do peixe.

Jocu cuie tai. Comem o fruto. As folhas são aplicadas aquecidas ao fogo contra o enfartamento das glândulas inguinais. O remedio é dominado *Boe enogego epa.*

Bie tudu curu. Esfregam a casca do fruto maduro sobre os furúnculos.

Ge poro. As raízes carbonizadas com *kidoguru* contra todas as moléstias. Penduram as folhas deante da porta da cabana para que não entre a doença.

Betaga iorubo e Bo'edao pega epa. As raízes carbonizadas com *kidoguru* são usadas contra as molestias dos rins.

Como se vê, são todos vegetais e aplicam-se de modo bastante original e singular.

1) Um raminho na orelha, um pedacinho de uma folhinha introduzida à guisa de brinco, etc.

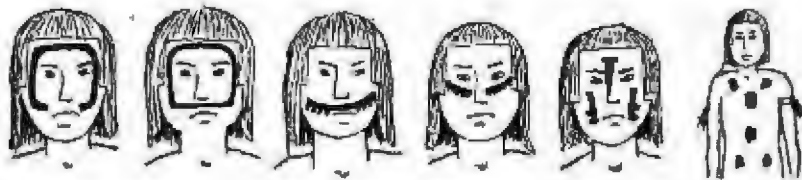
2) Das raízes e da madeira fazem carvão que reduzem a pó bem fino, juntam com o mencionado *kidoguru*, que é uma resina aromática, e aplicam-no traçando linhas verticais e horizontais sobre o rosto, testa e partes doentes. Note-se, porém, que estes sinais não são sempre como remédio, mas, como adorno; especialmente nas festas, costumam e gostam de tingir o rosto em listras, riscos pretos e vermelhos, em qualquer parte e direção, o que às vezes fá-los parecer monstros de fealdade a nós, mas, como tudo neste mundo é relativo, para eles tornam-se assim modelos de beleza e estética.

3) Usam mastigar as raízes, folhas, etc. e depois cuspir ou humedecer com a saliva a parte doente. Assim fazem v. g. nas dores de cabeça; mastigam a raiz ou folha e cospem na mão esfregando as fontes: assim nos furúnculos, glândulas enfartadas, etc.

4) Conhecem também o uso das massagens e as aplicam nas dores reumáticas, nevrálgicas etc.

5) Infusões para uso externo raramente usam.

6) Muitos remedios são absolutamente gerais, paliativos para qualquer dor ou doença.



Desenhos feitos no rosto e no corpo para fins curativos.

As feridas são lavadas com infusão de uma planta chamada por eles *bie-i*, isto é, o genipapeiro (*Genipa americana*), da família das rubiaceas: espalham o pó da casca torrada desta planta nas chagas, e parece que diminua o ardor, a inflamação e a infecção que é consequência ordinária das feridas desprezadas.

Não conhecem nenhum regime profilático para as moléstias. A higiene é abandonada, e tudo corre mais ou menos como a vida deles: sem cuidado, sem resguardo, sem atenção. Fogem da doença, detestam-na, imprecam contra a dor que os atormenta, e ao mesmo tempo sofrem estoicamente, resignados ao destino.

Indício do prognóstico do mal para eles é o maior ou menor apetite do doente. Se come, se deseja comer, se pede aos parentes que lhes procurem isto ou aquilo, com quanto seja grave a moléstia, não a consideram tal; as esperanças de próxima cura são vivas, e não se fala nem se pensa o contrario. Não há perigo se o doente come e deseja alimentos. Oferecem-lhos, dão-lhos, querem que coma, e embora combatido, febricitante sobre a esteira, terá à sua cabeceira, bem dispostas, várias qualidades de alimentos, carne, peixe, fruta, tubérculos, etc. Tudo o que possa desejar e apetecer, tudo lhe põem à disposição; e algumas vezes, queira ou não queira, há de engulir, mesmo à força, o que lhe apresentam dizendo-lhe: "Come que te restabelecerás". E não falta motivo para tais arrazoados: o Boróro vive para comer. Nas iguarias põe as suas delícias, e come sempre o mais que pode:



Mulher com os cabelos cobertos de urucú e enfeitada de penas (sinal de festa). A criança tem o rosto pintado de "kiddo-guru" e carvão e o corpo coberto de penas com fim curativo.

quando não quer comer, deve-se pensar seriamente que está doente, gravemente doente.

O dia em que nas dores do seu mal se recusa a alimentar-se, é dia muito triste para os parentes todos. As esperanças desvanecem. O pensamento da morte próxima, se apresenta. “Já não come... — dizem — ai! morrerá”...

Assim é: todo o seu bem estar, seja na saúde ou na moléstia, consiste em contentar a sua gula e saciar o seu estômago, e no fugir a todo sofrimento, a todo incomodo, a toda dor. Não suportando o calor, as chamas da febre que o devoram, atira-se na água fria para se refrescar; sai da cabana e se expõe ao vento, à chuva: só lhe importa aquele momento de alívio que às mais das vezes tem más consequências, agravando-lhe o mal, e não raro levando-o a acabar os dias mais rapidamente.

Difícilmente se sujeitam aos cuidados que amorosamente lhes oferecemos; desejam os nossos remédios, mas não a dieta e os resguardos recomendados.

PRINCIPAIS DOENÇAS

As principais doenças que afligem os índios, são as seguintes:

A febre palustre, muitas vezes mortal.

Dor de olhos, devido a complicações descuidadas e facilitadas pela falta de limpeza e pelo estirpamento das pestanas e sobrancelhas.

Pode esta doença causar o opacamento da córnea e produzir cegueira. A infecção dos ganglios linfáticos, especialmente os inguinais, causa dores fortíssimas. Não é improvável que esta infecção seja causada pelas picadas dos parasitas, ou que provenha de infecção de pequenas feridas nos pés ou nas pernas.

Dores articulares e reumáticas provavelmente devidas à diferença de temperatura entre o dia e a noite.

Infecção no aparelho respiratório, resfriados, bronquites, pneumonias, pleurites, etc., e recentemente a tuberculose pulmonar, que chamam *kojari-re-boe* “tosse”, por causa do sintoma característico da moléstia.

Furúnculos.

Comuníssimas indigestões.

Não menos comuns — dado o gênero de vida dos selvagens — são as feridas traumáticas, fraturas, luxações, contusões, que deixam sarar naturalmente e muitas vezes com deformações permanentes.

Creemos que em um só caso usam um sistema de desinfecção: quando as mulheres e os homens se cortam o próprio corpo sobre o cadáver de um parente durante o rito fúnebre, até escorrer sangue so-

bre o morto. Depois disso espalmam o corpo com a polpa do fruto do genipapo; cremos que aquela massa, além de estancar o sangue, serve de verdadeiro desinfetante.

Também não são raros os casos de mordidas de cobras venenosas, que não poucas vezes causam a morte em breve tempo.

O BARI E A MORTE DO ÍNDIO

Se a doença se agrava é chamado o *bari*. Junto ao doente deitado em uma esteira colocada no chão ou no *pa*, espécie de cama, o feiticeiro, predirá se o paciente deve ou não morrer. No primeiro caso diz: "Estás muito mal; nada posso fazer por ti".

Prediz, também, mas nem sempre, dentro de quantos dias morrerá. Desde aquele momento os parentes não dão mais alimento ao enfermo. Se depois não expira no tempo predido pelo *bari*, este ou um parente se encarrega de tornar verdadeira a profecia. Isto seria incrível, se não fosse atestado por testemunhas oculares, dignas de fé. Desejamos que nossa afirmação seja corroborada também com o testemunho de Karl von den Steinen, que conta o seguinte:

"Havia 24 horas que agonizava uma criança de 2 anos. Foi levada deante da cabana (*bae mannaquegeu*). O *bari* havia predito a morte para aquele dia.

A mãe trazia a criança ao colo; ao redor achavam-se o feiticeiro e os parentes em lamentos. Atrás da mulher, acocorado, o pai. Este permaneceu imóvel por algum tempo; mas depois, enquanto um dos parentes fazia fogo para acender o cachimbo, ele passou uma corda no pescoço do pequeno, e, rapidamente, executou a profecia do *bari*".

Nos primeiros dias após nossa chegada entre os *boróros*, um *bari*, depois de ter coberto uma moribunda com uma pequena esteira ou *baku*, estendeu sob esta um braço e fechada a boca da doente com a mão, sufocou-a.

CONJUIROS E ENSINAMENTOS DO BARI

Quando havia perigo de assalto da parte dos *kaiamodogue* (tribu de inimigos ferozes) ou da parte dos *barae* (civilizados), os *báire* da aldeia pediam aos *maeréboe*, neles encarnados, que mandassem males e mortes ao inimigo. Pediam também auxílios e instruções.

Evidentemente os *báire* de várias aldeias (algumas vezes são dois ou mais numa só aldeia) dão instruções relativas às temíveis e malignas almas dos *báire* mortos e do complicado sistema supersticioso que lhes é anexo. Isto fazem à tarde, no pátio da aldeia.

Destas reuniões vespertinas e dos discursos então proferidos trataremos depois. Aquí lembraremos que o *bari* toma a palavra para recordar o elenco dos animais e das frutas cujo décimo lhe cabe. Descreve os *maeréboe*, os *waiguru* e o furor-deles, especialmente contra os que não obedecem a essa lei. Descreve os céus onde estão os *maeréboe* propriamente ditos e ensina que há dez céus: 1.º - *Baru kigaddureu* "Céu branco", 2.º - *Baru xoreu* "Céu preto", 3.º - *Baru kawarureu* "Céu azul", 4.º - *Baru bekurureu* "Céu resinoso", 5.º - *Baru kujagureu* "Céu vermelho", 6.º - *Baru kagorireu*, "Céu violeta", 7.º - *Baru otto-urugureu* "Céu que tem a extremidade luminosa", 8.º - *Baru pobbo-berereu* "Céu com água fervendo", 9.º - *Baru ikajareu* "Céu canoa boca que tem", 10.º - *Baru pegareu* "Céu mau".

QUEM ESCOLHE O BARI

O ofício de *bari* não é hereditário. Todo indivíduo, homem, caso raro também mulher, pode ser *bari*. É uma vocação que se manifesta aos iniciados por meio de extravagâncias nos sonhos, nas visões de coisas estranhas, nas comunicações com um ser que não sabem definir e que chamam "*Waire*" espírito.

O indivíduo, chamado ou iniciado por esta forma, será efetiva e definitivamente *bari*, se der o consentimento e a palavra de servir e de se submeter ao espírito que o chama.

É uma especie de contrato com o espírito ao qual deve jurar fidelidade.

Isto tudo deve se fazer no maior segredo. Se um dia o índio receber, em sonho, o aviso de ir caçar, ele irá sozinho. No mais fechado e escuro da floresta lhe aparecerá o espírito, debaixo do semblante ou aparência de um animal, de um macaco, de uma anta, de uma capivara, de um gavião, etc. e começará a chamá-lo pelo nome ou assobiando. O índio, sabendo que está sozinho, que ninguém pode chamá-lo assim, naquele momento, a não ser o espírito, responde ao chamado com outro assobio. Logo se lhe apresenta à vista o animal que lhe fala, perguntando se realmente lhe quer pertencer. O índio, então, com grande agitação e perturbação, declara a sua submissão e obediência, entregando ao animal que lhe fala o arco e as flechas. Entregar as armas é sempre o ato que indica a plena submissão... com a entrega do seu arco e das suas flechas o índio entrega sua pessoa, a sua alma e renuncia à sua liberdade.

Desde aquele momento o índio será servo e escravo do espírito a quem chamará de "*Iwaire*" (meu espírito, ou melhor, espírito que me possui). Dizem os *bari* que, no momento da entrega, tudo desaparece da vista; mil cores luminosas brilham diante de seus olhos, mas o animal, o arco e as flechas desaparecem e pouco depois ele se acha sozinho no silêncio da floresta.

Na tribu dos *boróros*, o *bari* não é um só; são muitos. Onde há *boróros*, há também *bari*, embora sejam pouco numerosos os indivíduos ou famílias. Dá-se o caso de se encontrarem, no mesmo aldeamento, dois e até três *baire*. Havendo assim vários *baire*, não dependem todos do mesmo espírito *bope*, ou *waire*. Cada um tem o próprio espírito de quem depende e a quem obedece, de forma que nem todos os *baire* são igualmente poderosos, porque os espíritos aos quais servem, não possuem todos o mesmo poder. O prestígio de que os *baire* gozam e a fé que todos lhes prestam são indiscutíveis e ilimitados. A principal prerrogativa do *bari* é a de se por em relação com o espírito que o chamou e de curar as doenças pela influência do mesmo.

INFLUENCIA DO BARI

Os *báire*, fora das suas funções, são simples índios e não tem autoridade política.

Num povo primitivo e supersticioso como os *orarimogodogue*, tem uma grandíssima influência e são o maior obstáculo à sua civilização.

Faremos notar ainda que o sistema de crenças religiosas que se baseia nos *báire* é completamente independente da constituição totemica e do sistema mitológico-religioso do *aroe*. Afirma-se isso porque, nos cantos e mitos que são antiquíssimos, não se nomeiam os *báire*, nem seus *maeréboe*, *bope* e *waiquru*. Demais, alguns ensinamentos dados pelo *bari* sobre a natureza do sol, da lua, sobre a causa das chuvas e do vento, sobre a origem das doenças, etc., contrastam evidentemente com os antiquíssimos contos mitológicos da tribu. Disto, parece-nos, pode-se deduzir que a instituição do *bari* com todas as superstições anexas, é coisa relativamente recente, porque não pode penetrar no sistema das crenças religiosas transmitidas pela tradição. Provavelmente ou foi influência de outra tribu ou surgiu espontaneamente favorecida pela crença em espíritos misteriosos e amedrontadores, como pela necessidade de colocar um intermediário entre tais espíritos e a tribu. Segundo o nosso parecer, a primeira hipótese é mais provável.

E' certo que os *báire* são muito astutos e os índios crédulos. São, todavia, numerosas as relações de fatos desconhecidos e as predições do futuro. De alguns, nós mesmos fomos testemunhas.

Nos primeiros dias depois da vinda dos Missionários a estas plagas, quando ainda estes selvícolas não sabiam como se decidirem, se a favor ou contra nós, pediram ao *bari* invocasse o seu *Waire* e lhe perguntasse se deviam confiar em nós, se éramos bons ou maus, se deviam deixar os filhos conosco ou considerar-nos inimigos.

À noite, invocou o *bari* o espírito em entre muita grita, convulsões, tremores e esforços inauditos, o que admirou e aterrou a todos, disse :

“Eu não queria falar, mas *sou forçado a dizer* que podeis vos fiar nestes que agora vem, porque são bons e não vos farão mal; mas não abandonéis as vossas tradições, não me deixeis para servi-los : se me abandonardes, eu vos castigarei”.

Falou o *bari* e não mais nos hostilizaram. Quando, alguns anos mais tarde, em contacto com os civilizados, apareceram os primeiros casos de tuberculose e viram sucumbir os mais robustos, recordaram-se das palavras do *bari*.

Um dia, em uma caçada geral, afastou-se um deles atacado por molestia recente, e perdeu-se no mato. Em vão procuraram-no por três dias. Note-se que ninguém melhor conhece a floresta e o campo do que o selvagem.

Temendo que tivesse morrido, para certificarem-se recorreram ao *bari*. Este, depois do costumado cerimonial : gritos, urros, gesticulações, convulsões, palavras ininteligíveis, interrogando seus *wairé*, disse não ter morrido o indivíduo procurado, mas achar-se em tal lugar, determinando-o claramente, já meio morto de fome; que fossem os companheiros levar-lhe alimentos e reconduzi-lo.

Na manhã seguinte, certos da palavra do *bari*, foram diretamente ao lugar indicado; acharam o companheiro e o reconduziram à casa.

Outra vez caiu um grande aerolito ou bólido. Em toda a aldeia foi um berreiro, um choro, e imprecações contra os espíritos que eram assim anunciados, para levarem algum deles. O *bari* põe-se em função. A hora é solene.

Grande a ansiedade para saberem o que queriam com eles os espíritos. Todos ao redor do *bari* olhavam e escutavam em silêncio profundo e religioso. O *bari* invoca, suplica em lamentáveis gritos afim de que o seu espírito protetor venha, fale, informe. A gritaria do *bari* torna-se cada vez mais aguda e prolongada; parece que o espírito não o atende, e se poderia bem dizer : “Grita mais forte, porque a tua voz ainda não chegou a ele”.

Subitamente um calafrio e um tremor geral o assalta e ele exclama anunciando o advento do espírito:

— «Veiu; dai-me tabaco, cigarros: quer fumar...»

De repente, os homens que estavam perto, tomam alguns cigarros, formam um massinho, acendem-nos e dão ao *bari* que, em obsessão completa, não pode ver os cigarros: apressadamente introduzem-lh’os na boca, do lado da brasa, e ele nervosamente aspira o fumo daquele lado.

Ficam todos atônitos e aterrados. As convulsões não cessam, as palavras se sucedem, mas ninguém compreende. Finalmente o *bari* transmite a palavra do espírito, pronuncia o oráculo, a sentença e diz:

— Veiu o meu *Wairé*, está comigo; disse ser ele o espírito *Bure-coibo*... Convosco, mesmo convosco é que está irritado! Não vale-ram as minhas súplicas para aplacá-lo... virá e carregará dous de

vós... Um mora deste lado — e indicou a parte norte da aldeia; — e o outro ali — e indicou a parte sul.

O espanto foi geral; na fisionomia de todos se lia a triste impressão, o temor, o medo. Disse o *bari* ainda muitas outras cousas e depois, gritando e gesticulando como quem quer agarrar alguma cousa que lhe foge, exclama:

— Basta, acabou: o espírito foi-se.

Não havia a lua passado por todas as suas fases, quando duas pessoas, habitando exatamente nas duas partes da aldeia indicadas pela mão estendida e trêmula do *bari*, foram barbaramente assassinadas pelos ferozes selvagens limítrofes — os *kaiamo*, inimigos acérrimos dos *boróros*.

Outro fato: Havia muitos mescs não tínhamos noticias do nosso Superior que estava na Europa a serviço da Missão.

Uma tarde, conversando eu num grupo, no qual estava o *bari*, disse:

— Estou triste porque nada sei de D. Malan há muito tempo; ignoro se se acha para lá das aguas sem fim (*po maereu*), o oceano, ou se já as terá passado e se acha nesta parte.

Tagarelou-se sobre diversas cousas, dei-lhes a boa noite e retirei-me.

De noite ouví o *bari* gritar como um possesso. Disse de mim para mim:

— Que terá este *bari* que tanto grita? Quem sabe o que quere-rá com o seu diabo!

Não se fez muito caso, pensando que estivesse a tirar a doença de algum pobre enfermo.

Pela manhã já não pensava mais no caso, quando aproxima-se de mim com toda a solenidade o *bari* dizendo:

— Vem cá. Queres saber noticias do *Pagui Migera* (nosso superior) Monsenhor Malan?

Respondí:

— Certamente, mas não posso tê-las; não ouviste o que disse ontem à noite?

— Ouví e por isso vim dar-te a noticia que desejas.

— Mas, se eu nada sei, como podes tu saber?

— Escuta: não queres crer, mas assim é. Não sabes, mas eu sei: Monsenhor Malan *ure pó maereu pagada maigodo*, ele passou há pouco o oceano e virá dentro de poucos dias, ele e outros companheiros; mas antes de duas luas, cá não chegará, não estará entre nós.

Só então compreendí a cousa e disse rindo:

— Vai, vai; sonhaste com ele e chamaste teus diabos para virem contar-me uma patranha qualquer.

— Sim — acrescentou o *bari* — o espírito me disse, interroguei-o para dar-te um prazer, tendo visto que desejavas saber.

— Bem. Obrigado, mas não me dêes mais destes prazeres, porque eu não quero ter nada de comum com o teu diabo.

E puz-me a rir ; tambem se riu ele, e assim acabou a conversa. Tomei a cousa mais ou menos entre o serio e o ridículo ; um pouco mais por este lado, pensando :

«E' um fanfarrão matriculado que, para extorquir-me um pedaço de tabaco, vem contar-me tal patranha».

Passou aquele dia e mais outro, quando me chega um telegrama. Abro. Era o nosso superior que me telegrafava do Rio de Janeiro dizendo que chegaram bem, ele e os novos Missionarios, e que só por tal tempo poder-se-ia encontrar entre nós. Quando li o telegrama, para dizer com franqueza, fiquei impressionado e pensei :

— Ora, veja, exatamente como o *bari* me disse . . .

Quem teria podido dar a noticia ao *bari* naquela noite? Ninguém veio, o telegrama trazia a data da véspera, isto é, do dia seguinte ao da noticia dada pelo *bari* . . . Tive de dar a noticia oficialmente a todos, e o *bari* com um sorriso sardônico disse :

— Não querias crer ! . . .

Os índios contam coisas maravilhosas do *bari*. Dizem que quando pela primeira vez oferece carne a *bope*, pode triturar com os dentes os ossos da anta como se fossem biscoitos, sem gastá-los; pode conservar a mão na água fervendo, pode beber caldo muito quente, sem magoar as mãos ou a boca. Dizem ainda que o *bari* pode transformar-se numa fera quando caça sozinho, e pode fazer morrer os inimigos. Se, porem, comete um erro durante os ritos, *bope* o castiga com uma doença incuravel, etc.

MALEFÍCIOS

A par de todas estas crenças religiosas, vigoram tambem os malefícios, assás comuns no viver quotidiano destes índios.

Dizem os índios que há quem conheça plantas malélicas chamadas *jurubbo-doddo* — planta que causa doença, as quais, colocadas debaixo da esteira que serve de leito, na soleira da porta ou sobre a cabana do índio, podem causar a estas doenças graves e até a morte. Quem quer usar da bruxaria recorre ao conhecedor de tal herva e sob indicação dele vai procurá-la. Antes de usá-la coloca-a, para experimentar seu poder, ao pé de um arbusto com o fim de fazê-lo secar. Dizem que realmente a planta seca e então o índio está seguro de conseguir o seu intento. Esta crença põe os índios em recíproca suspeita e várias mortes atribuem-se a isso.

Não raro, misturando fumo com a casca de uma planta ou outra coisa, fazem cigarros que oferecem ao índio que odeiam, com o fim de causar-lhe doença ou morte.

As almas dos *baire* mortos deram o nome genérico de "*maeréboe*" e são os *maeréboe* que presidem aos fenômenos astronômicos e meteorológicos.

A estas idéias religiosas dos *boróros*, ao cultó dos mortos, à existência e ao terror dos espíritos une-se uma terceira, que é o conjunto das práticas supersticiosas que têm por fim causar um mal a uma determinada pessoa.

Os *boróros* pensam e acreditam na existência de espíritos vários e de potências diversas, que animam todos os seres da natureza, especialmente os vegetais. Este poder ou virtude, conforme o uso que se fizer da planta, produzirá o bem ou mal, influirá fatalmente na vida do homem.

E' uma idéia religiosa, não só eminentemente individual, mas rigidamente secreta; tudo nela se esconde no mais absoluto mistério. A esta espécie de *animismo os boróros* prestam todo crédito. E' uma folha, uma flor, um galhozinho, uma raizinha, um talinho qualquer que nada tem em si de nocivo, mas que se transforma, nas mãos de quem quer, numa força maligna contra a qual ninguém pode se defender e que traz as peiores consequências. Estas plantas, inócuas em si, mas que possuem o princípio do mal, a alma maléfica, são chamadas "*jurubbo*" ou "*jurubododdo*" (causa do mal ou plantas que produzem o mal). Opera-se com estas plantas por contato externo, raras vezes por uso interno.

Quando um índio tem um inimigo e lhe quer causar algum mal, coloca, mui secretamente, uma dessas folhas ou plantas maléficas no caminho por onde o indivíduo deve passar ou, senão também vai à casa dele e põe a planta misteriosa na soleira ou debaixo da esteira onde se deitará para descansar ou dormir. Isso é suficiente. O efeito é infalível. Os *boróros* tem a mais profunda convicção que o mau espírito, que animava aquela planta ou aquela folha, causará infalivelmente a doença ou a morte. Disto provem que os *boróros* se temem reciprocamente, porque todos podem aprender secretamente a conhecer essas plantas. Os *boróros* estão cientes de que todos as conhecem, mas não sabem como chegam a tal ciência; pois o modo de adquiri-la é um segredo individual e inviolável. A verdade de tudo isto está encoberta pelo véu do mistério.

Estamos diante de uma incógnita. Vemos, constatamos, mas não sabemos explicar. E' certo que o malefício existe, que é usado e produz os seus tristes e penosos efeitos. E' uma arma terrível que o *boróro* tem à mão.

Tivemos ocasião, várias vezes, de assistir a fatos que nos convenceram plenamente da realidade e da influência, certamente diabólica, destes malefícios.

Eu estava um dia falando disso com um cacique da tribu, conhecedor prático e exacto de tudo o que se refere ao "*jurubbo*" e ele procurou explicar-me e convencer-me, quanto à realidade desse poder maléfico.

Eu mostrava acreditar pouco no efeito do bruxedo e ele me disse:

— Não acreditas? Vem comigo e eu te mostrarei e então acreditarás que tudo aquilo que te digo é verdade e que os *boróros* sabem e podem usar o “*gorubbo*”.

Um pouco para anuir e um pouco por curiosidade, afim de ver o que o índio ia fazer, o acompanhei. Caminhamos uns 200 metros e chegamos ao pé de uma grande planta isolada no meio da plantação de mandioca, que estava perto da Colonia, e me disse :

— Espera aqui um instante ; vou aquí perto e volto logo.

De fato, voltou pouco depois trazendo na mão um raminho, porém sem folhas ; trazia-o pegando-o com dois dedos como cousa muito delicada. Mostrou-m’o dizendo :

— Vês? Olha bem : é um pequeno ramo, é o “*gorubbo*” que eu quero collocar aos pés desta planta para secá-la... Verás que daqui a uns dias as folhas dela hão de murchar, cairão, e toda a planta secará.

Eu me pus a rir, e ele :

— Não rias... Olha... E assim dizendo collocou aquele raminho ao pé da arvore, de modo que houve verdadeiro contacto, e depois cobriu com pouca terra.

— Vamos, disse ele, está feito... Amanhã ou depois verás.

Em casa contei o acontecido e não pensei mais naquilo.

Dois dias depois, um nosso irmão me chamou e vi-o um pouco impressionado.

— Que há? perguntei-lhe.

— Venha, venha ver. Aquela árvore está secando.

— Possivel?

Era verdade!

As folhas murchas já estavam caindo. Poucos dias depois a árvore estava seca. Destes exemplos, quantos poderíamos citar!...

A T A V I S M O

Recordamos um fato que bem demonstra o poder desta crença entre os índios. Em uma das penetrações pelos desconhecidos sertões do Rio das Mortes — vai para um quarto de século — ao penetrar pouco a pouco naqueles lugares ermos e bravios que encerram o mistério dos séculos, tendo-se esgotado os recursos e os víveres, ficamos nas mãos da Providência. Em nossa companhia iam quatro *boróros*, valentes, bem dispostos e da maior confiança. Podíamos contar com eles em qualquer emergencia ; não tínhamos o mínimo receio de entrar pelo mato a dentro somente em companhia de índios. Já desde alguns dias vivíamos como índios ; umas caças mal assadas, sem sal, algumas frutas, palmitos, mel silvestre e outros alimentos que a natureza não recusa ao índio, formavam o nosso sustento. Havia dias de fartura e outros de... fome. Num destes dias em que tudo quanto podia servir para acalmar as exigências do estômago, pa-

recia ter desaparecido de nossa vista, embrenhados por entre matagais, brejos e bambuais medonhos, passamos uma das piores, das mais tristes e fadigasas jornadas. Cansados e exaustos íamos rompendo uma mata espessa e interminável para chegar ainda com dia à beira do Rio das Mortes, que não devia estar muito longe. Nossa animação e sustento na fadiga era a esperança de que lá, no rio, havia muitos peixes: pescar não era difícil; tínhamos, logo, algo que comer.

Chegamos, finalmente. Ante os nossos olhos estava uma bela praia e o rio majestoso. Deitamos cansadíssimos sobre aquela branca e fofa areia e repousamos um pouco... O sol estava para se por... Precisávamos pensar na lenha para o fogo noturno... Era fácil que alguma onça nos quisesse fazer uma visita indesejada: o fogo nos teria protegido e nos teria dado as brasas para assar o peixe. Dissemos aos índios que tratassem logo da pesca: nisso eles eram mestres; nós iríamos à procura de lenha... Assim se fez: a nossa tarefa foi muito fácil: lenha é que não falta no mato; empilhamos bastante e depois ficamos observando os índios com suas linhadas, atiradas nas águas verde-escuras do rio... Pelo movimento das linhadas, bem seguras nas mãos dos índios, via-se perfeitamente que os peixes eram abundantes e que beliscavam constantemente. Naqueles momentos a superatensão dos selvícolas era admirável... De repente, uma linhada se estica; o índio atento dá o arranço de mestre; o peixe está preso no anzol. O selvagem faz uma força herculea para vencer a resistência que o peixe opõe ao ser trazido à tona. Todos nós, curiosos, estávamos esperando o último arranço que pusesse o peixe a seco... No instante em que a cabeça-chata do peixe aflorou a poucos metros da praia, o índio, improvisamente, larga a linhada, dá um pulo para trás, vira as costas ao rio, corre poucos passos pela praia a dentro e fica imóvel tapando-se o rosto com as mãos... A cena foi tão rápida que, quando a vimos, tudo já estava feito: o peixe tinha ido embora com a linhada toda. Os outros índios recolheram os seus anzóis que tinham na mão, e, sem dizer palavra, foram deitar-se à beira do fogo. Contrariados, mais ainda impressionados pelo que tínhamos presenciado, perguntamos o porquê de tão grande e prejudicial extravagância. Após alguns momentos, como para não parecerem malcriados, responderam bem baixinho, apenas para serem ouvidos: "*bope* (espírito do mal) *Kidokia*, pirarara, (peixe de couro liso da espécie dos jaús). Estas duas palavras foram suficientes para explicar tudo e não indagamos mais. *Kidokia* é um peixe interdito, é a comida reservada a *bope*, o mais vingativo dos espíritos maus e o chefe de todos. Ai do *boróro*... que tivesse ousado arrancar das águas tal peixe! O espírito do mal... que teria castigado com doenças e morte. Por quanto insistíssemos em... que tentassem nova pesca, não foi possível convencê-los: ficaram com fome e nem quiseram mais beber água; tanto foi o terror que se apoderou deles. Nós, porém, não deixamos de matar ao menos a sede; quanto ao resto, tivemos que nos resignar à má sorte. Dei-

tamo-nos ao lado do fogo, perto dos índios, esperando melhor fortuna para o dia seguinte.

Os segredos e *tabús* ocultos desta e de outras tribus indígenas não serão tão facilmente desvendados. Gozando da maior confiança, amizade e rara intimidade com os *Orarimogodogue*, tentamos, por várias vezes, arrancar-lhes certos mistérios; mas pouco ou nada conseguimos conhecer. E' como querer explorar um terreno desconhecido na maior e mais espessa escuridão. Podemos, porem, afirmar que a nossa longa convivência com o índio nos deu, várias vezes, ocasião de verificar que os que tentavam libertar-se destas tradicionais imposições, não só incorriam na desaprovação de todos e nas exprobrações severas dos chefes, mas, na maioria dos casos, eram realmente acometidos, pouco tempo depois, por doenças estranhas. E não poucas vezes, vimos moços robustos e sadios definharem e irem rapidamente à sepultura.

OS DOIS DIVERSOS SISTEMAS DE CRENÇAS RELIGIOSAS DOS INDIOS BORÓROS

Para tornar mais facilmente inteligível o que segue neste capítulo, é necessário resumir brevemente as idéias religiosas dos *boróros* orientais ou *Orari*.

Os índios *boróros* tem dois sistemas de crenças religiosas. O primeiro é constituído pelo conjunto das crenças relativas aos espíritos maus, que nunca foram homens sobre a terra e que habitam de ordinário nas estradas, em choupanas ou em cavernas dos 10 céus, mas que podem descer à terra por vários motivos. Conforme o caso, tomam os nomes genéricos de *maeréboe*, *bope*, *waikuru*; são chamados *bope* quando descem à terra. *Bope* é um nome coletivo usado às vezes no singular e outras no plural; o mesmo *bari*, dirigindo-se ao *bope* diz: *i oga* "meu pai", e outras vezes usa o pronome *ta* "vós, vosso"; por isso mesmo quando é usado no singular deve-se pensar em uma coletividade de espíritos.

Estes espíritos produzem os bólidos e as estrelas cadentes, causam as doenças e as podem curar, conhecem o futuro e o podem predizer; sua prerrogativa, porem, que economicamente tem maior importância para os índios, é que se alimentam exclusivamente de alguns animais e vegetais da terra, sobre os quais reservam para si — sob pena de doença e de morte — um direito de primazia, que exercem por intermédio de um índio feiticeiro chamado *bari* (plural *báire*).

O modo é simplicíssimo: o *bope* encarna-se no *bari*; então, segundo as idéias dos índios, há uma reunião de pessoas em um só corpo, prevalecendo a do *bope*, o qual considera todo o corpo do *bari* (até os cabelos e as unhas) como sua propriedade pessoal. A pessoa do *bari* quasi fica eclipsada e só aparece nas frases de oferta: *ixá, i oga*.

“eis aqui, meu pai”. Porisso, durante a permanência do *bope* no *bari* quem fala é quasi sempre o *bope*, o qual nesse estado consome as primícias oferecidas pelos índios.

- Outro modo de comunicação entre os *báire* e os *bope* é o sonho, pelo qual os *bope* manifestam o futuro aos *báire*; são sempre profetas de desventuras, excetuando quando predizem o lugar onde a caça será mais copiosa.

De grande interesse etnográfico é o fato de ter esse incubo pavoresco só influência sobre o regime alimentar dos índios: tem somente o fim de impor um tributo. Os *bope* e os *maeréboe* (e portanto os *báire*) não se intrometem na vida familiar, social e política da tribo, e são completamente alheios ao sistema totêmico que nela vigora, não entram como elemento importante em nenhuma lenda e não são lembrados nos cantos religiosos.

O segundo sistema de crenças religiosas é aquele que se refere ao culto dos *aroe* “almas dos mortos, almas dos antepassados”. *Aroe*, que é imortal, pode incarnar-se temporaneamente em vários animais, e viver livre no reino do além em aldeias construídas da mesma forma das aldeias indígenas. No reino das almas há o mesmo sistema totêmico existente entre os índios.

Aos *aroe* é prestado um verdadeiro culto, manifestado com a observância exata dos costumes tradicionais introduzidos pelos antepassados, quer com a celebração de festas constituídas por numerosas e complicadas cerimônias e cantos religiosos nos momentos mais solenes da vida, como furar o lábio inferior da criança de sexo masculino poucos dias depois do nascimento, impor o nome, a iniciação do jovem na puberdade, os funerais, a investidura dos *boe eimegera* “chefes”, as representações de famosos *aroe* para conservar viva a lembrança dos heróis antigos, o início da caça e da pesca social, a morte de uma fera, os períodos de calamidade social e de guerra contra tribus inimigas, etc.

Os numerosos cantos usados nessas circunstâncias contem invocações dos *aroe* ou recordam seus feitos ou complicadas metempsicoses.

O *aroe* de cada morto tem duas representações materiais:

1.º) o *aroe maíwo* “alma recente, último morto”; é um índio que - enfeitado segundo os costumes totêmicos da tribo do defunto - representa-o nas cerimônias fúnebres;

2.º) o *poari aroe* “apito-a'ma”; é um instrumento musical de sopro, constituído por uma cabacinha, na se introduz um canudinho de bambú, com um corte transversal na embocadura, e enfeitado com os distintivos totêmicos da tribo. E' guardado pela tribo para lembrar o morto e apresenta uma analogia notavel com as pranchetas dos antepassados entre os Chineses.

Os ossos do defunto são sepultados na água (lugar dos *aroe*) com os adornos característicos da tribo: com os mesmos adornos mostram-se as almas quando aparecem nos sonhos e nas evocações.

As almas dos antepassados, além disso, vão à aldeia para comer, beber e dançar; podem predizer o futuro, indicar os melhores lugares para a caça, produzir e afastar doenças.

Segue-se, então, que o sistema totêmico da divisão da tribo, o poder político dos dois *boe eimegera* "chefes", a caça, a pesca, a vida doméstica, social e política dos índios *boróros*, estão em íntima relação com o culto dos *aroe*, os quais, quando vivos, introduziram estes costumes.

As relações entre os *aroe* e os índios se realizam por meio de uma espécie de *medium*, ao qual eles chamam de *aroettawaraare* "possuidor do caminho das almas" e que os *aroe* chamam de *aroe eimegera* "chefe das almas".

Os *aroe* manifestam-se-lhe como surgindo das águas e de duas maneiras: ou pelos sonhos, ou mediante uma cerimônia de evocação, durante a qual muitos *aroe* chefiados por um deles, que toma a palavra em nome dos outros, encarnam-se no corpo do *aroettawaraare*, e por meio desse podem comer, beber, fumar e falar aos índios.

Esses dois sistemas de crenças religiosas tão disparatados coexistem e tem entre si muitas correlações de antagonismo: "o *bope* guarda sempre ódio aos *aroe*".

E' frequente entre os povos primitivos uma concepção semelhante àquela dos *báire* "representantes de espíritos maus"; talvez poderá existir entre as tribus uma instituição semelhante àquela dos *aroettawaraare* "portavozes dos antepassados", mas não se conhecem outros exemplos de coexistência das duas instituições. Como explicar essa coexistência?

Por outro lado, o *bari*, alheio à vida política e social, não dá nenhuma utilidade prática à tribo que não possa ser obtida por intermédio do *aroettawaraare*, o qual pode curar, em virtude dos *aroe*, as doenças dos índios, predizer o futuro, afastar os males da tribo, como o *bari*. O *aroettawaraare* tem o mesmo poder que o *bari*. Como explicar, pois, esse *bis in idem* de duas categorias de feiticeiros inimigos que tem quasi os mesmos poderes? Além disso é certo que as cerimônias usadas pelos dois feiticeiros são quasi copiadas umas das outras.

OS CASTIGOS EM QUE INCORRE O BARI

No exercício de suas funções, o *bari* deve observar com escrupulo o cerimonial estabelecido e coitado dele se cometer algum erro mesmo leve e involuntário contra este! pois o seu poder sobre as doenças logo diminui e além disso recebe outro castigo que consiste em um mal incurável ou até a morte.

Tudo o que pertence ao *bari* pertence ao *bope* e porisso o *bari* recebe um castigo se por descuido perde uma flecha, se quebra o próprio arco, se despedaça um seu caldeirão; deve conservar com cui-

dado todas as suas cousas, mesmo as mais velhas; deve guardar até as unhas e os cabelos que corta! pois cada cousa pertence também ao *bope*. Pode-se verdadeiramente dizer que é possuído pelo espírito!

FATOS PRODIGIOSOS OPERADOS PELO BARI

O *bope*, porem, dá ao *bari* proteção e virtude sobreumanas. Quando o *bari* está sôzinho na caça, recebe do *bope* um poder especial, pelo qual pode caçar com facilidade.

Os índios dizem que pode transformar-se temporaneamente em uma fera, como o jaguar, a onça, ou em uma serpente venenosa, para poder mais facilmente alcançar ou insidiar a anta e os outros animais. Uma vez matada a presa, ele volta à figura de homem, atravessa-a com uma flecha, para que os índios não percebam o modo extraordinário com que foi morta. Nenhum índio jamais viu esta transformação, porque opera-se unicamente quando o *bari* está sôzinho.

Desde o momento da iniciação, nem todos os *báire* tem igual poder; podem depois perder parte de seu valor ou aumentá-lo. Disso resulta a diferente fama que possuem os diversos *báire*.

O MALEFICIO DO BARI

Os índios acreditam com firmeza que o *bari* possa fazer adoecer e morrer, mediante o malefício, um índio que lhe tenha sido hostil ou como quer que seja o tenha ofendido.

O malefício cumprir-se-ia deste modo: quando o *bari* quer vingar-se de um índio, sonha estar comendo um animal com o aspecto humano, antes com o rosto do índio que quer fazer morrer. Com efeito esse adocece e dentro em breve morre. Se o *bari* for chamado para prestar sua obra de feiticeiro-médico, finge curá-lo, mas na realidade não faz uso de seu poder curativo e o deixa morrer. Quando os índios pensam que alguém tenha morrido por este motivo, dizem que foi comido pelo *bari*: *bari okwague-re gi* "o *bari* o comeu".

Esta crença muito enraizada faz com que o *bari* seja temido por todos os índios, de modo que ninguém ousa opor a mínima resistência, nem lhe fazer qualquer afronta; não é, porem, a melhor para inspirar acatamento à sua pessoa.

PODERES MÁGICOS DO BARI

O *bari* tira seu poder do *bope* e serve-se dele não só para sua vantagem, mas também em favor dos índios e da tribu.

Se, porem, o *bari* deseja a própria vantagem, não faz invocações públicas ao *bope*, porque sendo *bari* é já *bope*, isto é, o *bope* está sem-

pre nele. No sonho aparece-lhe o *bope* mostrando o que irá acontecer, se haverá uma epidemia, se sobrevirá um ataque por parte da tribo inimiga, quem deverá morrer, etc.

O índio que pretende gozar dos favores do *bope* deve recorrer ao *bari* oferecendo-lhe um charuto. Então o *bari* chama o *bope* gritando para o alto, conservando a mão esquerda ao redor da boca e a direita estendida para o ceu ; gritando diz :

— As estradas, as choupanas, as cavernas do *bope* !

Cita, isto é. os lugares onde se acham os espíritos afim de os chamar. Depois chama os *bope*. Então uma determinada e numerosa categoria de *bope* — aos quais o *bari* chama *i wáere* “os meus *báire*” — chefiados provavelmente por um deles, que toma a palavra em nome de todos (como já foi dito acima), encarna-se no *bari*, o qual adquire o poder de cumprir suas funções.

CURA DAS DOENÇAS

Um dos trabalhos mais importantes exercido pelo *bari* nesse estado, é o de julgar se a doença do índio é mortal ou não, e então curá-la. Quando um índio é atacado pela febre, um parente — geralmente o pai ou a mãe — faz um charuto e vai chamar o *bari* para que o cure. Então o *bari* vai ter com o doente e principia o tratamento : senta-se perto dele e, conservando a mão esquerda diante da boca, diz : “*ooo, ooo, ooo*” e depois “*u, u*”, em tom alto chama o espírito ; este desce nele. Logo o *bari* pede o charuto e fuma ; então o espírito que está no *bari* pede por intermédio deste :

— Que há, pois o *bari* está chamando o espírito ?

Um dos presentes responde :

— E’ porque fulano está doente : dói-lhe fortemente, por exemplo, a barriga.

Então o *bari* sopra repetidas vezes sobre a parte doente e chupa por um instante no lugar certo onde há mais dor ; levanta depois a boca e cospe na mão juntamente com a saliva também o inseto que representa o mal. Tudo isso ele repete quantas vezes julga necessário. O chupamento é tão forte que a pele, antes vermelha, depois se torna lívida.

As principais enfermidades que o *bari* — chupando — tira do corpo dos doentes são :

1.º *geri-guira-re-u* “aquele do rosto cornudo”, cfr. *geri* “rosto, seu rosto”, *kiga* “chifre” ; esta doença ataca o coração e o *bari* diz que causa a morte.

2.º *boreu* ; chama-se assim um inseto coleóptero que rói o milho ; este mal, se não for curado logo, produz também a morte.

3.º) *peguigo* (um inseto); esta e as duas que seguem não são enfermidades mortais e podem ser curadas com maior ou menor facilidade.

4.º) *ore*, um inseto.

5.º) *jurubbo*.

Quando o *bari* julga que a doença é mortal, não diz claramente que o enfermo morrerá, mas diz aos parentes :

— *I ro raka moddu kare gi* “eu não poderei fazer muito por ele”, isto é “eu não o poderei curar”.

Poderá falar mais claro na sua família. Se pelo contrário a doença for leve e não mortal, cala ou então diz :

— *Boe moddu kare ia puddu-i* “a doença não é grave para ele”. Porisso poderá curá-la e o índio não morrerá. Mas se o doente morrer, os índios dizem que o *bari* é mentiroso e perde a estima; se o doente sarar, os índios louvam a habilidade e o poder do *bari*, que adquire a fama de ser habil no expulsar as enfermidades dos corpos dos doentes.

Há doenças que o *bari* não deve curar, sob pena de perder parte de seu poder mágico. Por exemplo, não deve curar as mulheres que sofrem dores ou doenças causadas pelo parto. Se o *bari* for chamado para que vá soprar e curar uma mulher gravemente enferma ou até em perigo de morte pelas dores do parto ou em consequência deste, ele deve recusar fazer o tratamento; não deve tão pouco fingir curá-la: o simples fato de se ter prestado a isso, é suficiente para que seja diminuído seu poder curativo. Se o *bari* nesses casos recusa curar, não sofre diminuição no poder, mas fica diminuída sua estima perante os que o chamaram.

Há também outras doenças das mulheres que o *bari* não deve curar.

OFERTA DA CARNE DE ANTA AOS BOPE

A função mais importante dos *bari*, e que só ele pode cumprir, é a de oferecer e fazer comer “*okwague-ddo*” aos *bope* as primícias dos frutos (milho, mangaba, etc.) e algumas partes especiais da carne dos animais (anta, veado, capivara, etc.) reservados a eles.

Daremos aqui uma descrição desta cerimônia de muito interesse etnográfico.

A noite que precede a caça social à anta, o *aroettawaraare* canta invocando os *aroe* para que em um determinado lugar os caçadores possam no dia seguinte encontrar uma anta. Todos os índios — repetindo frase por frase — acompanham o canto, que é improvisado no momento pelo *aroettawaraare*, mas que os índios dizem ser inspirado pelos *aroe*.

Durante a noite sucedem-se outros numerosos cantos tradicionais para a caça.



“Bari” oferecendo aos “bope”, espíritos, a carne reservada a eles.

Às vezes acontece que de manhã, antes de partir para a caça, os índios ofereçam ao *bari* alguns charutos para se certificarem se a anta se encontrará realmente no lugar indicado pelo *aroettawaraare*. Então o *bari*, depois de ter invocado o *bope*, se vir no lugar indicado uma anta, muitas vezes ordena ao espírito que acrescente outra no mesmo lugar, ou então ordena-lhe — por ciúme e ódio contra os *aroe* — que tire a anta do lugar designado pelo *aroettawaraare* e a leve a outro lugar que ele indica aos caçadores.

Se a caça for feliz, os caçadores esquartejam a anta morta, mas reservam e entregam ao *bari* a cabeça, a parte anterior do lombo próximo à coluna vertebral e uma parte do coração, dizendo-lhe :

— *A ke ki ao-re-u* “o teu alimento da anta a cabeça (é) este”.

A isso o *bari* responde com o grito “*ooo-ú*”.

A mulher nisso prepara o fogo, o caldeirão e a água e o *bari*, antes de começar a picar a carne, vira o rosto para o céu e, levantando a faca, diz :

— *A toriga-re-u, a toriga-re-u, tábo-re inn'agoínno ta-wo toriga bu ki joku bukegge...* “a tua faca (é) esta, a tua faca (é) esta, com (ela) eu digo assim, para que vós coloquês a faca no olho da anta, no ouvido da anta, na lingua da anta... etc.”. E segue a enumeração de todas as partes que devem ser cortadas. O tom da voz vai sempre aumentando e acaba com um grito “ú-ú” fortíssimo e altíssimo.

Então corta com cuidado em pedaços a parte dorsal da anta — mas não ainda a cabeça — seguindo regras sempre constantes, as quais deve observar escrupulosamente, e logo coloca os pedaços a cozinhar no caldeirão. Quando a carne está cozida, grita, para o céu “óóó, o-ú, o-ú”; depois tira os pedaços de carne do caldeirão e os depõe sobre uma esteira e, enquanto se esfriam, recorta a cabeça segundo as regras rituais e picando-a coloca os pedaços a ferver no caldeirão; depois se assenta e diz:

— *óóó, ixá, i oga* “eis aquí, meu pai”.

E depois acrescenta logo:

— *gi gi gi gi gi...*

E começa a enumerar os nomes dos vários pedaços em que foi dividido o dorso e que são oferecidos aos espíritos; e logo depois cita os nomes dos *bope*: *báire zoréugue* “báire pretos”, *báire kujaguréugue* “vermelhos”, *báire kigadduréugue* “brancos”, *báire kaworuréugue* “azues”, para que desçam a comer os pedaços de carne já cozida. Então os *bope* (os quais aquí tomam o nome de *báire*) entram no corpo do *bari*, o qual recebe da mulher um charuto aceso e grita: “oó-ú”; e antes de fumar diz:

— *ixá, i oga* “eis aquí, meu pai”.

E acrescenta em tom muito mais elevado e forte:

— *mé-riga remma-u, uá-o-ó* “do tabaco o cigarro ele mesmo (é) este”.

E começa a fumar gritando “o-ú o-ú, o-ú” e contemporaneamente balança o dorso com movimentos rápidos.

Quando acabar de fumar os *bope* do interior do *bari* e por boca do mesmo, perguntam à mulher do *bari* que está sentada perto:

— Que há que o *bari* nos está chamando?

E a mulher responde:

— O *bari* vos chamou para que a parte dorsal da anta (e enumera por ordem todas as partes, *utabora otlogiu...* etc...) já está cozida; é para isso que o *bari* vos chamou; chamou-vos para que coloquês a vossa saliva sobre os pedaços de carne.

O *bari*, isto é o *bope*, a cada frase da mulher responde sempre:

— *u, u* “sim, sim”.

Depois o *bari*, isto é, o *bope*, repete as mesmas frases que disse a mulher, isto é:

— O *bari* nos chamou para que a parte dorsal da anta seja cozida.

E a mulher :

— *u, u*, “sim, sim”.

O *bari* continua enumerando os nomes de cada pedaço de carne e a mulher responde sempre afirmando.

O *bari* agarra logo o primeiro pedaço de carne, aquele chamado *utabora ottogiu*, porque os pedaços devem ser oferecidos com uma determinada ordem, e diz :

— *ixá, i oga, gigigigigi, utabora ottogiu remma-u, uá-ó-ó, uá-ó-ó* “eis aqui, meu pai, o *utabora ottogiu* ele mesmo (é) este”. A palavra *remma-u* é gritada em um tom muito mais alto.

E enquanto vai comendo grita a cada dentada “*o-ú, o-ú, o-ú*”.

Esta é a parte essencial da oferta, porque os índios acreditam que seja realmente o *bope* que come a carne. As mesmas frases e o mesmo cerimonial é usado para cada um dos outros pedaços de carne, trocando só o nome.

Quando está acabada a oferta da carne do dorso, o *bari* anuncia à sua mulher que os *bope* já acabaram de comer a parte dorsal da anta, e (o *bope*) profetiza alguns acontecimentos, e em seguida diz :

— *urugaddu ! i ttuwo poguegge* “basta ! eu me vou embora de novo”.

Então o *bari* grita :

— *ixá, gi gi gi gi gi, uá-ó-ó, uá-ó-ó, o-ú, o-ú*.

Enquanto isso, os pedaços de carne da cabeça da anta estavam fervendo ; se no caldeirão, sobre o caldo, se juntou muita gordura essa é tirada com uma tijela e posta de lado. Quando a carne estiver bem cozida, o *bari*, tirando o caldeirão do fogo, coloca os melhores pedaços da carne sobre uma esteira, e estes são os preferidos pelo *bope*.

Então acende o charuto, sopra nó próprio corpo esfregando-se fortemente com as mãos e chama novamente os *bope* para que venham comer a carne da cabeça da anta, repetindo o mesmo cerimonial já descrito : única diferença é o nome diverso dos pedaços de carne.

Acabado tudo, o *bari* grita ainda “*oo-ú, oo-ú*” e manda levar embora os pedaços de carne, nenhum dos quais foi comido completamente pelo *bari* ; ele não deu senão quatro ou cinco dentadas em cada pedaço.

Invoca e chama ainda para dentro de si outros *bope* de menor importância divididos em *báire xoréugue, báire kujaguréugue, báire kigaduréugue, báire kaworuréugue, báire uruoboréugue, báire utaduréugue, báire utaduroboréugue* ; chama estes para que venham beber o caldo e comer os restos da carne da anta ; grita “*oo-ú, oo-ú*” e depois bebe parte do caldo e dá o resto à mulher. Assim acaba a oferta da carne da anta aos *bope*.

O *bári* em seguida leva os melhores pedaços sobrados a quem lhe trouxe a anta ; só agora o índio pode comer a carne da anta matada. Os outros pedaços são distribuídos pelo *bári* entre os membros da família excetuando-se um, que é reservado para ele e nenhum outro pode comer.

Nesta fria descrição é omitida a dramática e concitada mímica daquele homem, que, possuído e dominado por uma idéia ultramundana, não percebe mais o que o rodeia. Toda a cerimônia é acompanhada por muitas gesticulações dos braços, por fortes esfregamentos sobre o peito, nas coxas e nádegas, por tremores convulsos de todos os músculos, especialmente das pernas, por dobraduras rítmicas do dorso com movimentos rápidos dos joelhos. Acrescentam-se os gritos altíssimos e dilacerantes e ter-se-á uma verdadeira cena de energúmeno, impressionante e inesquecível ! Este aparato mímico e fonético é um elemento muito importante para produzir impressão sobre a massa.

PODERES MÁGICOS DOS AROETTAWARAARE . .

Os poderes mágicos do *aroettawaraare* são muito semelhantes àquelles do *bári* ; com efeito o *aroettawaraare* pode curar as doenças, predizer o futuro, indica o lugar onde será encontrada abundante caça, etc. ; contudo o seu poder mágico provem do poder dos *aroe* e suas funções são exercidas com um cerimonial diferente, pois entre suas atribuições não há a oferta aos *bope* da carne dos animais reservados a estes espíritos.

No exercício de suas funções o *aroettawaraare* deve procurar não cometer algum erro nem violar os ritos de seu cargo, pois as almas poderiam castigá-lo com alguma doença a qual, porém, pode ser curada por outro *aroettawaraare*. Entre as leis, ás quais está sujeito, uma proíbe-lhe comer alguns animais e peixes que o *bári* pode comer.

Se o *aroettawaraare* deseja dos *aroe* alguma cousa em seu proveito, não precisa chamar os *aroe*, porque ele já é *aroe*, isto é, está sempre com os *aroe*, os quais em sonho manifestam-lhe o que ele deseja conhecer. Ao invés evoca os *aroe* com um rito especial quando um índio quer obter algum favor.

RITO USADO PARA EVOCAR OS AROE

Então o índio, que pede ao *aroettawaraare* a obra de intermediário com os *aroe*, deve oferecer-lhe alguns charutos, água limpida, água suja e um *boe kuru* "cousa líquida" ou "cangica".

Então o *aroettawaraare* chama os *aroe* para que venham fumar e beber ; ele chama um *aroe* determinado, o qual não vem sozinho,

mas é acompanhado por muitos outros, os quais dependem dele. Para chamar os *aroe* o *aroettawaraare*, conservando a cabeça baixa, com os olhos no chão, começa a falar dos mortos, das almas dos mortos, dos chefes das almas, isto é, de *Aige*, de *Bakororo*, de *Itubore*, de *Ukigaio*, etc. e lembra a terra e o rio onde é o lugar das almas; depois diz estas palavras:

— *mea-renno, mea-renno, mea-renno, mea-renno, mea-renno* “charutos (são) estes, charutos (são) estes” etc.

Depois acrescenta:

— *pobbo tábo-re innago, akiró tábore innago inno* “com água eu digo assim, com um presente eu digo assim (chamo-vos, invoco-vos)”.

O *akiró* “presente” é sempre uma cangica de milho ou de arroz ou de acurí palmeira. Logo após estas palavras e outras, os *aroe* entram no seu corpo (como os *bope* no *bari*) chefiados por um deles, o qual depois toma a palavra e diz por meio do *aroettawaraare*:

— *e-mu, e-mu, e-mu ee-é, ee-é akiró bogai, pobbo bogai, mé bogai, noa bogai, Itubore pigi, Panaiare pigi, Ukigaio pigi, Meriruttu pigi, etc., e-mu, e-mu, e-mu, ié, ié!* (exclamação de dor) “em procura do presente, em procura da água, em procura dos charutos, em procura do lodo, do *Itubore*; do *Panaiare*, do *Ukigaio*, do *Meri-ruttu* “levante”, etc. (nomes das aldeias dos *aroe*) nós viemos”.

Depois o *aroettawaraare* se cala por um momento até que o *aroe*-chefe diz o seu nome. Note-se que os *aroe* tem o mesmo nome que tinham quando eram índios nesta terra, porem agora possuem mais um. Se em vida um índio chamava-se *jakomea kiogo*, depois da morte o seu *aroe* chamar-se-á, por exemplo, *jakomea kiogo kwogoreu*.

Enquanto os *aroe* bebem, por meio do *aroettawaraare*, as bebidas que lhes foram oferecidas, o *aroe* pergunta:

— Que há que o *aroe eimtgera* está chamando as almas no *Itubore*, no *Panaiare*, no *Ukigaio*, no *Meri-ruttu*, etc.? Por causa da sua chamada nós viemos ver. Que há? Que está acontecendo? Por que nos está chamando?

METODO USADO PELO AROETTAWARAARE PARA CURAR OS DOENTES

Os presentes — geralmente são os que mandaram fazer a evocação — respondem sempre afirmativamente “u, u “sim, sim” a cada pergunta e frase feitas pelos *aroe* e depois um dos presentes responde indicando qual é o motivo da chamada. Por exemplo dirá:

— Há um índio que tem uma dor no peito; o *aroettawaraare* vos chamou para que venhais curá-lo; é por isto que ele vos chamou.

Agora é o *aroettawaraare* (isto é o *aroe*) que responde afirmativamente a cada frase dita pelo índio (geralmente um parente do doente).

Depois disso começa a cura; o *aroettawaraare* sopra a fumaça do cigarro sobre todo o corpo do doente, em seguida chupa no lugar onde há a dor e depois sopra, tosse e cospe, pondo o cuspo na mão, e novamente sopra, chupa e cospe na mão muitas outras vezes; depois disso o *aroettawaraare* (isto é o *aroe*) diz:

— *urugaddu!* “basta”, nós nos vamos levar embora o cheiro do *Manno*, do *Keo*, do *Aige*, do *Noa* e assim o cheiro irá (longe de ti) e tu ficarás em paz e sem dor.

E depois acrescenta:

— *i kuddu-wo poguegge* “eu bebo de novo”.

Com efeito o *aroettawaraare* bebe novamente e imita o grito das almas “*e-mu, e-mu, e-mu*”, e termina a cura do doente.

O juízo que o *aroettawaraare* dá sobre a doença pode ser bom ou mau, conforme a natureza do mal; se a doença é grave diz:

— Eu não posso fazer nada por ti; contudo me esforçarei juntamente com os *aroe* para afastar o mal.

Quando acaba a cura do doente, a qual sempre é feita nas primeiras horas da noite, ele vai dormir, e no sonho verá o doente e os *aroe*. Na manhã seguinte ele dirá aos parentes:

— Eu tive um sonho bom a respeito do doente; ele sarará.

Ou então dirá:

— Tive um sonho mau a respeito do doente, mas, quem sabe, talvez poderá sarar.

Por esta descrição do método de cura usado pelo *aroettawaraare* chega-se a conhecer que estes feiticeiros atribuem as doenças a uma emanação fétida dos *aroe* *Manno*, *Keo*, *Aige*, *Kaiworo*, *Noa*, etc.

INICIAÇÃO DO AROETTAWARAARE

A escolha do *aroettawaraare* é feita pelos *aroe*; ele é iniciado de um modo parecido com o do *bari*: sonha acontecimentos futuros que se realizam; também ele deve conservar o segredo sobre os sonhos. Em um dos primeiros sonhos é apresentado ao *Aige*, que é um monstro muito grande, o qual tem a forma de hipopótamo com a pele manchada. Se o índio beija o monstro, adquirirá grande poder mágico tanto em curar as doenças, como em predizer o futuro e em afastar as desgraças individuais e sociais; se pelo contrário o medo ou o nojo o retém no cumprir esse ato de obséquio, seu poder mágico será menor.

TRANSFORMAÇÕES DO AROETTAWARAARE DURANTE A CAÇA

Tambem o *aroettawaraare* pode transformar-se — durante a caça — em varios animais, e suas transformações têm um duplo fim. Transforma-se em arara para alcançar facilmente os frutos das árvores, em *aroexeba* (grande ave de rapina) para pegar facilmente os peixes e as aves que depois traspassa com a flecha, afim de simular tê-los caçado no modo de costume.

Mas quando os índios estão caçando a anta, ele pode transformar-se em uma anta ; os caçadores descobrem e perseguem a anta, que outra cousa não é senão o *aroettawaraare* transformado naquele animal para favorecer os caçadores ! Eles, porem, não sabendo isso alcançam, flecham e matam a anta, não matam contudo o *aroettawaraare*, o qual já voltou à forma humana. Embora haja esta escapatória, poucos *aroettawaraare* operam esta transformação benéfica, porque aqueles que experimentaram uma vez a emoção de ter sido antas perseguidas e flechadas, dizem ter sentido a dor das flechadas e com tanta veemência que não se atrevem fazer nova prova.

O “AROETAWARAARE” E AS CORES DOS TECIDOS

Ainda poucos anos atraz, notava-se, especialmente entre as mulheres, uma certa preocupação na escolha da cor dos vestidos ou dos tecidos. — Atribuia-se isto ao capricho ou ao gosto. — Soubemos depois que tambem nisto entrava a ideia religiosa, e propriamente as almas com o “*aroetawaraare*”. — Diziam estes que os panos riscados de várias cores ou floreados, eram coisas proprias das moradas das almas e por isso havia interdição até o ponto de não receber tais tecidos nem de graça ; ou aceitando-os os usavam somente para enfeitar o “*uiaddo*”, representante da alma do defunto nos funerais ; ou era oferecido ao “*aroetawaraare*” como recompensa da evocação das almas. — Ele podia usar destes panos contanto que avisasse as almas.

A cor preta e vermelha era proibida porque é a cor propria do “*aige*” preto ou vermelhõ. Tendo alguma dúvida sobre o uso de alguma cor, consultavam o “*aroetawaraare*”, o qual evocando as almas resolvia o caso. — Afinal os *boróros* podiam usar sómente tecidos de uma cor só e clara.

QUEM PODE SER AROETTAWARAARE

Não só os homens, mas tambem as mulheres podem ser *aroettawaraare* ; alem disso o *aroettawaraare* pode ser tambem o *bari*, mas segundo que opera como representante dos *bope* e dos *maerêboe* ou como

porta-voz dos *aroe*, procede diversamente e usa, conforme os casos, um ou outro dos métodos descritos acima.

Essa dupla função na mesma pessoa vai contra a crença dos índios que entre o reino do *bope* e aquele do *aroe* haja ódio e ciúme, porisso parece mais certo que a acumulação dos dois cargos tenha tido origem em alguma aldeia onde não havia o *bari*, de modo que os índios não poderiam ter comido a anta, o veado, a capivara, etc. e isso com prejuizo do regime alimentício indígena; a semelhança dos ritos pode permitir ao *aroettawaraare* substituir facilmente o *bari*.

Verdade é que em uma lista de plantas, consideradas pelos índios como medicinais e por eles usadas supersticiosamente, há a planta *ipare e pogorareu* "dos jovens a coxa (é) esta (planta)" a qual tem a a virtude de livrar das moléstias e dos castigos do *bope* os índios que tivessem comido o milho antes de o oferecer ao *bope* por intermédio do *bari*. Para obter o efeito é preciso carbonizar a raiz e reduzir em pó o carvão; o pó é misturado a uma resina vegetal pegadiça de modo a formar um pez preto, com o qual os transgressores da lei do *bope* pintam linhas pretas sobre o rosto. Parece até que os índios usem também outraservas semelhantes.

E' certo, porem, que os índios no estado selvagem não gostavam de ficar muito tempo sem ter o *bari* à própria disposição na aldeia.

Do que foi dito podem-se estabelecer numerosas semelhanças entre as atividades dos dois feiticeiros e entre os ritos por eles usados, tanto no chamar os seres invisíveis, como no curar os doentes; as principais são as seguintes:

1.º) o modo semelhante de iniciação por meio de sonhos de acontecimentos futuros e a obrigação do silêncio sobre eles;

2.º) as transformações em animais durante a caça afim de matar facilmente a presa;

3.º) a necessidade de uma oferta ao feiticeiro para que inicie a função médico-religiosa;

4.º) modo igual de chamar os seres invisíveis nomeando-os e depois elencando os lugares onde eles residem;

5.º) modo igual de encarnação de um grupo de seres invisíveis no corpo do feiticeiro;

6.º) modo igual usado pelos seres invisíveis para falar do interior do feiticeiro e modo igual no responder dos presentes; não é o feiticeiro que responde;

7.º) método igual de cura (sopro, chupamento do mal, emissão do mesmo pelo cuspo);

8.º) modo igual de acabar as cerimônias: *i-ttu-wo poguegge* "eu parto novamente". O paralelismo entre os dois cerimoniais é evidente e justifica a persuasão que um tenha sido copiado do outro.

Há também algumas diferenças :

1.º) a doença que fere o *aroettawaraare* por causa da transgressão dos ritos dos *aroe* é curável, enquanto a que fere o *bari* é incurável ;

2.º) o *aroettawaraare* não pode comer algumas espécies de peixes e mamíferos ;

3.º) o *bari* transforma-se em grandes felinos ou em serpente, o *aroettawaraare* em lontra ou em aves ;

4.º) o *aroettawaraare* pode também transformar-se em anta para fornecer presa aos índios ;

5.º) para praticar seus ritos o *bari* pede só charutos, o *aroettawaraare* pede charutos, água límpida, água lodosa e uma cangica ;

6.º) é diferente entre os dois feiticeiros o conceito da doença ;

7.º) há antagonismo e luta nos casos em que os dois ritos interferem ;

8.º) é diferente o aparato do rito : o *aroettawaraare* opera de noite, quasi em silêncio e com cerimônias compostas ; o *bari* funciona à luz do sol (mas também de noite em ocasiões de eclipses ou de queda de bólidos) com um cerimonial clamoroso e dramático.

Mas além dessas e outras diferenças cerimoniais há aquela essencial de que os dois ritos tem origem de dois diversos sistemas de crenças religiosas : um do sistema *aroe* "almas dos antepassados", que entra na vida individual e social dos índios e vela pela perpetuação dos costumes tradicionais ; o outro do sistema *bope* "espírito", que impõe simplesmente um imposto aos índios.

Para acabar diremos que também diversa é a sorte das almas dos feiticeiros após a morte : a alma do *aroettawaraare* segue a sorte das almas dos demais índios e vai entre os *aroe*, ao invés a alma do *bari* parece ir para o céu entre os *bope*, tornando-se da mesma *bope* ; porisso haveria duas qualidades de *bope* : 1.º) espíritos que nunca estiveram sobre a terra e são os verdadeiros *wope* ou *bope* primitivos ; 2.º) as almas dos *báere*.

COMO SE SUBSTITUE O BARI E O AROETTAWARAARE

Para conhecer algo do futuro, faltando o *bari* e o *aroettaawaare*, usam este meio. Um dos mais velhos dos boróros queima algumas folhas secas de acurí e põe a cinza por cima de uma pequena pedra. Tranca-se dentro da sua casa e a alta noite estando já a cinza fria, passa por cima uma palha acesa e fumando um cigarro evoca o espírito *joru* (fogo) repetidas vezes e cala-se com os olhos fitos sobre a cinza enquanto acaba o fogo da palha. Deste fogo e do imediato calor da pedra conhecerá o futuro.

ORDEM SOCIAL E POLÍTICA

Sobre a ordem social desta tribo já se falou, tratando da sua divisão totêmica, da caça e da pesca, e dos alimentos tomados em comum, etc. Agora discorreremos sobre as manifestações da vida social na aldeia.

A mulher fica na cabana e sai somente para ir à floresta em busca de frutas, ou ao rio para trazer água: a casa é o seu reino. O esposo e os irmãos, se ainda não estão casados, não fazem, sinão rápidas visitas, e aí ficam só durante as refeições. Assim fazem também os filhos púberes ainda não casados. À noite dormem na cabana somente as mulheres, os maridos e os meninos impúberes. As mulheres não gostam que os homens permaneçam muito tempo em casa, e tanto menos que aí durmam durante a noite. Os homens passam quasi todo o tempo no *baimannaguegeu*, o qual pode chamar-se “casa dos homens”; ocupam um lugar correspondente ao da cabana do próprio clan. Lá trabalham, fumam, conversam, descansam; lá realizam muitas cousas e executam cantos religiosos. As mulheres entram nessa casa somente em determinadas circunstâncias por ocasião dos ritos fúnebres. De toda aquela vida religioso-social que se desenvolve dentro da enorme casa central, as mulheres não vivem senão um pálido reflexo.

Este uso leva os homens a formarem quasi uma casta compacta e misteriosa, pois das funções religiosas são quasi completamente excluidas as mulheres e há ritos e objetos que não podem ser vistos nem tocados por elas. Parece que os homens conservam entre si os segredos tradicionais da tribo.

DISCURSOS NOTURNOS

À tarde, ao escurecer, as mulheres acendem o fogo diante da própria cabana e em volta do mesmo cuidam dos próprios afazeres. Os homens abandonam o *baimannaguegeu*, acendem uma grande fogueira no meio do pátio, e, deitados ou sentados em volta do mesmo tomam lugar. Usa, então, da palavra o chefe da aldeia e traz ao conhecimento de todos — homens e mulheres — as notícias vindas de outras povoações e os fatos do dia com oportunos comentários de louvor ou de reprovação. Estabelece o que devem fazer no dia seguinte, sempre com modos de um governo paterno e familiar; determina, pois, o que nós diríamos a ordem do dia. Depois dos chefes, o *bari*, ou outros índios que foram caçar durante o dia, tomam a palavra para contar o que lhes aconteceu. Muitas vezes os que melhor apreenderam as lendas e tradições históricas da tribo, contam-

nas ao auditório. Deste belo uso familiar aproveitam-se os caciques para instruir nas avoengas tradições os índios, para aconselhar, reprovare e repreender qualquer falta ou abuso.

Quando se exprimem em público, nesta ou noutras circunstâncias, usam um modo especial de falar : pronunciam rapidamente as palavras, na mesma tonalidade, com cadência variada. A variação está de acordo com o período interrogativo, ou com a final que pode ser uma palavra suave ou pode ter acento forte na última sílaba, como *akoé* ou *akoré*, “disse”. Entre um período e outro param na conjunção *mare* “então”, ou *xar'ure* “então ele”, como para pensar no que devem dizer ainda. Estimam quem sabe falar de modo persuasivo, com velocidade e com agradável modulação de voz. E' também considerado por eles quem sabe repetir fielmente os mitos e as narrações históricas das guerras com os povos vizinhos, pois esta tribo segue escrupulosamente os costumes transmitidos pela tradição. Estes foram surgindo vez por vez, como se deduz de algumas lendas.

LEIS

Os costumes dos antepassados são as leis da tribo. Não há entre eles nem juiz, nem penas ; a única sanção é a reprovação pública feita pelos chefes da aldeia. A maior ignomínia é ser estigmatizado com esta frase : “*poguro bokwareugue e roinno*”, “os sem-vergonha fazem assim”. Os que transgridem os usos tradicionais são desse modo publicamente repreendidos e votados ao desprezo público. O desprezo como máxima pena social, é muito temido, e em várias lendas encontram-se passagens que mostram o grande medo que os índios têm de tal castigo chegando até a mudar-se para outra aldeia.

Gozam estes selvagens de uma completa liberdade e submetem-se voluntariamente aos costumes da tribo.

E' singular que este povo que não tem outras leis senão os costumes dos velhos, sem tribunal e sem penas, possa conservar-se sem cair na completa anarquia. Pelo contrário, dá um admiravel exemplo de uma sociedade que conserva com escrupulo suas tradições.

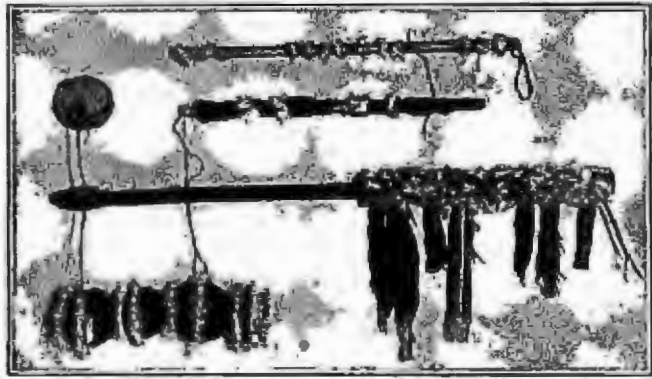
Para conseguir este resultado concorrem certamente vários fatores ; o sentimento religioso, que consiste no culto das almas dos maiores, fundadores dos costumes, com a relativa mitologia em grande parte ética ; a educação das crianças, às quais ensinam desde a primeira infância o respeito às tradições,

Tudo faz crer que, quando tiverem abandonado as superstições e tiverem juntamente com a moral cristã adquirido o uso da civilização moderna, tornar-se-ão ótimos cidadãos, observantes das leis e bons elementos para o progresso da grande Nação Brasileira.

OS CHEFES BOE EIMIGERA

Quem zela pela conservação dos costumes tradicionais são os *boe cimigera*, “dos índios chefes”.

Toda aldeia tem dois chefes que são hereditários. Um é o primogênito do *clan Bakorokuddu* ou *baaddageba zebeguúu*: é o representante do herói *Bakoróro* e possui o *ika* (1) como um dos principais distintivos do seu cargo. O outro é o primogênito do *clan Akario bokodori* ou *baaddageba zobuguúu*; possui o *panna* como distintivo e representa o herói *Itubore*.



1. “paríra” — 2. “ika” — 3. “pánna”

São esses dois que levam o nome de *baaddageba* (plural *baaddagebage*), o qual depois se estende ao *clan* inteiro do qual provém. Por isso agora os dois chefes são *exerae*, mas antigamente eram *tugaregue* e pertenciam aos dois *clans aróroe* e *apiburegue*. O chefe *aroroeddo* representava *Bakororo* e o *apiburequeddo* *Itubore*.

Visto como a descendência de um *clan* é feita em linha reta feminina (e não masculina), resulta :

1.º os chefes *baaddageba* são todos *exerae*, porque são *exerae* as suas mães ;

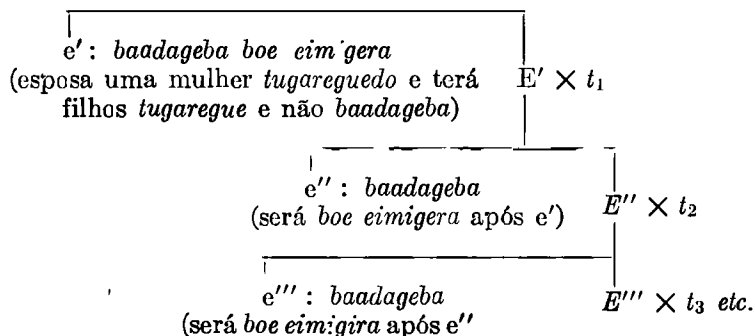
2.º os pais dos dois *baaddageba* atuais não tiveram poder, nem o terão os filhos destes, porque pertencem a outro *clan*.

(1) NOTA. — *Ika* é um instrumento que produz um som triste com que acompanham alguns ritos religiosos e algumas ações fúnebres. É feito de um tubo de madeira, uma extremidade da qual tem um furo lateral em que se assopra, produzindo um som semelhante ao da laringe ; na outra extremidade se introduz um tubo de diâmetro maior. Tem mais de um metro de comprimento.

Panna é também instrumento de sopro feito de três ou quatro cabaças furadas nas extremidades e ligadas entre si com uma resina preta chamada *berago*.

3.º) as relações de parentesco que há entre o atual chefe e seu sucessor são iguais ao do tio materno para com o sobrinho, como se deduz da árvore genealógica de uma mulher: “E” *baaddageba* (1) é portanto *exeracedo*:

“E” mulher dos *baadageba* une-se em matrimônio com *t*, homem *tugaregado*.



Os dois tem igual poder: porem *Bakororo* interessa-se pelos funerais e dansas; *Itubore*, pelas caçadas e pescas.

ATRIBUIÇÕES DOS CHEFES

Tem os chefes numerosas atribuições; notamos as seguintes:

1.º) São eles que estabelecem quando e para onde deve ser transportada a aldeia, o lugar da maloca de cada clan, para que se conservem os antigos costumes.

2.º) São eles que durante os ritos fúnebres impõem o *ba* aos jovens púberes, os quais com esta cerimônia são tirados do número dos meninos, libertados da tutela da mãe, e introduzidos no convívio dos homens, podendo caçar, pescar, tomar parte ativa nos bailes e ritos religiosos, ver o *aige*, etc.

3.º) Com frases de rito, o *xobuguiu* dá permissão, ou melhor, dá ordem para que se faça a caça ou pesca coletivas, enquanto o *xebeguiu* ordena o preparo da refeição que deve preceder a ambas. Todavia é o *aroettawaraare* quem preside o canto *kie paru* ou *kiegue baregue*, que é cantado na noite antes da caça.

(1) NOTA. — Parece que *baaddageba* vem de *baa* “aldeia”; *baadda* “fazer construir aldeia”; *baaddageba* “aquele que faz construir a aldeia”. Outros supõem que, pelas atribuições citadas no número 2.º, venha de *baadda* “por o *ba* (aos jovens), donde *baaddageba* “operador na imposição do *ba*” (estojo peniano).

4.º Dirigem as cerimônias religiosas por ocasião da morte de um índio ; o *bari* não intervem oficialmente como *bari* nas cerimônias fúnebres.

5.º Estabelecem as representações cênicas dos *aroe* e as dansas nacionais em várias circunstâncias.

6.º Levam à guerra os seus súditos.

7.º Providenciam para que se conservem as tradições da tribu e repreendem os que as violam.

8.º Governam paternalmente comunicando, em público, todas as noites, o que se deve fazer no dia seguinte.

9.º Recebem e mandam mensageiros a outras aldeias, procurando notícias que interessem aos súditos.

10.º Regulam as relações entre os índios e os homens brancos, ainda que de passagem.

Baseados nas crenças e mitos, adquiriram uma grandíssima ascendência e supremacia sobre os outros. Por isso as suas ordens são obedecidas e as proibições observadas. E' inútil convidar um *orarimogo* a fazer uma coisa que lhe foi proibida pelo chefe. A autoridade, porém, do *boe eimigera* é puramente moral ; não usam nenhum meio coercitivo ; o único meio é a palavra.

Quando nascem os futuros *baaddageba*, são executados o cantos especiais : o *e-ke roia*, e o *ure ieddog'aku*. Os seus nomes são tirados sucessivamente de um elenco. Enquanto jovens exercitam-se nos vários cargos de atribuições dos chefes.

Sòmente depois do matrimônio se farão festas especiais de investidura, em ocasião da morte de um índio e nunca em outro tempo. Quando em uma aldeia faltar os *baaddageba*, no lugar de chefe fica um *bokodori exerae xobuguiu*.

Além dos *baaddageba*, há outros *boe eimigera*, os quais — por quanto pudemos compreender — pelas qualidades físicas e morais que possuem, como — força, agilidade, habilidade nos trabalhos e no manejo das armas, conhecimento das tradições e dos cantos, generosidade, etc., conquistaram notavel ascendente sobre um número mais ou menos, grande de companheiros. Estes os seguem em suas imigrações de aldeia em aldeia e nas excursões de caça ou *maguru*.

QUALIDADES DO *BOE EIMIGERA* (CACIQUE)

O *Boe eimigera* ou Cacique não deve ser um leviano, um palrador e menos ainda um que goste de brigar. Deve ser moderado no beber e ficar sempre num nível superior aos outros se quiser ser respeitado e obedecido. Sobretudo não deve ser um fanfarrão e um soberbo, porque "*ure tareddo tumedduia bukagegeu, poguru modde ; ure*

turoddo duku tumettuia kuddau rema, gire ixare boe modde toiaddo" i. é. : "Aquele que se levanta sobre o seu companheiro será envergonhado ; aquele que se colocar debaixo do seu companheiro, este será exaltado".

Em caso contrario será destituído.

TRATO FAMILIAR E SOCIAL ENTRE OS BORÓROS

Quanto foi dito relativo ao *Boe eimigera*, e o que segue sobre o trato familiar e social, foi escrito pelo boróro *Tiago Akirio Boróro Keggeu*, na forma esquematica seguinte :

NA FAMÍLIA :

- 1.º — Uma mulher desde menina, não deve olhar para o rosto de um homem enquanto está comendo ; assim também a mulher para com o seu marido.
- 2.º — Deve-se mastigar bem o alimento, com boca fechada, e quando se engole, não se deve fazer nenhum barulho, como também no beber.
- 3.º — Não deve cuspir demasiado enquanto tem outra pessoa em casa para a não envergonhar.
- 4.º — O homem não deve dizer "*i-ke boire-i*" i. é. "estou com fome" para a sua mulher, nem esta para o seu marido, porque seria uma ofensa recíproca.
- 5.º — A mulher não deve dizer "*inawóo!*" i. é. "coitada de mim" coçando a cabeça na presença do marido.
- 6.º — A mulher deve estar em casa quando está o marido evitando sair, até para as próprias necessidades.

NA SOCIEDADE :

- 1.º — No "*bai-managueggeu*", os moços não devem beber ou comer até pretender exgotar a última porção, porque então as pestanas e as sobrancelhas ficarão duras para se arrancar e tornar-se-ão brancas antes do tempo.
- 2.º — O moço deve sair da casa do pai ou do cunhado antes que escoreça e retirar-se no "*bai-managueggeu*".
- 3.º — Um moço ou uma moça encontrando-se com pessoas desconhecidas ou que não seja da própria dinastia, devem olhar os próprios pés e não para a pessoa com que se encontra.
- 4.º — A mulher deve ceder o passo ao homem ao encontrá-lo ou se for por ele alcançada, porque o homem nos dias de festa representa o "*aroe*".

- 5.º Os mais moços devem ceder o lugar aos mais velhos, respeitá-los e não fazer zombaria deles.
- 6.º Quando oferecerem algum objeto, dará sinal de agradecimento apertando entre as suas mãos o objeto e a mão do outro dizendo : “*No, no, u u u*”.
- 7.º — Deve-se assoprar a comida ou bebida quente antes de tomá-las, para se evitar qualquer mal.
- 8.º — Não se deve dar o cigarro com a parte acesa dirigida para baixo, pois seria um rogar pragas. Peior seria recusá-lo ou passá-lo logo a outra pessoa.

O *Tiago Akirio Boróro Keggeu*, ao terminar estas informações, escreveu : Tendo sido eu *boróro* civilizado que escreví estas informações, alguém poderia pensar que foram escritas debaixo da impressão das coisas vistas e ouvidas entre os civilizados ; mas não é assim. Nos meus dizeres nada foi alterado dos tradicionais costumes dos *boróros*.

INVESTIDURA E JOGO DOS PARABARADOGUE

Um parente do interessado à tarde pede ao *baaddageba* em função que se faça a investidura ; este dá as providências necessárias para que tal se faça. Na mesma noite executam cantos muito longos e pela manhã homens e mulheres vão à floresta cortar varas de bambú, que são rachadas verticalmente na parte mais alta, variando o comprimento de 30 a 50 cm. As duas partes rachadas, agitadas no ar se chocam produzindo um som cuja altura varia de acordo com a extensão do talho. Chama-se *parabara* tal instrumento, do nome de um herói da tribo o qual foi talvez o inventor. Chegadas a casa, pelas 10 horas começam outros cantos ; depois principiam uma pitoresca representação de antigos heróis. Esta primeira parte chama-se *parabara*, e é representada pelo *baaddageba* que vai receber a investidura, depois de se ter sujado de barro branco, da cabeça aos pés.

Outros heróis figuram nesta representação :

1.º) *Bakoróro*, representado pelo *baaddageba xoboguiu* em exercício. Este cobre o corpo de largas listas pretas e vermelhas (*kiddoguru*, carvão e urucum) ; as mãos e a metade do antebraço é pintado de preto, assim como os pés e a metade da perna ; traçam um triângulo, também negro, com a base nas espaldas e o vértice no esterno, e um outro igual das espaldas à metade da coluna vertebral ; da mesma cor pintam a face, dos lábios superiores para baixo ; uma lista negra corre no meio da testa descendo pela maçã do rosto. O resto da face é vermelho. Na cabeça traz penas de pássaros enfiadas em dois topetes, firmadas nos cabelos fortemente enrolados em forma de dois chifres. Tem brincos nas orelhas, e nas mãos o *ika*. Dizem que quando *Bakororo* era vivo, tinha a pele assim pintada.

2.º) *Itubore*, representado pelo *baaddageba zoboguïu* em função: é pintado e ornado como *bakoróro*. Diferencia-se em serem as listas mais numerosas, tendo as manchas negras como as tiras e as orlas enfeitadas com plumagem branca de passarinhos; leva na mão o *panna*.

3.º) *Bokwogeba*; é completamente preto. Representa-o um jovem do clan dos *aroroe*.

4.º) *Bureikaibeio*; faz-lhe as vezes um moço que traz o rosto completamente escuro e um triângulo preto sobre o peito e sobre as costas; da mesma cor é pintado o rosto e as mãos até metade do antebraço, os pés até metade da perna. O resto do corpo é vermelho.

5.º) *Aroe* é representado por dois jovens pintados e ornados como *Bakororo*, mas sem o *ika*.

6.º) *Buturori* é representado por duas grandes pedras ornadas de penas e dispostas ao redor da sepultura temporária do morto, que se acha no meio do pátio da aldeia: uma pedra é colocada sobre a mesma sepultura. São pintadas uma de vermelho e outra de preto.

Na parte oeste da aldeia se organiza o cortejo de todos esses personagens que se dirigem para a sepultura. Em último lugar vem *Parabara*, o novo *baaddageba*, que após algumas voltas em torno da sepultura assenta-se sobre a mesma. Os outros assentam-se sobre as outras pedras. Ao redor formam um círculo, mulheres e homens com as *parabara* (tacuara rachada). Então o *Parabara* canta “U! O! boróro imire, itt’aregoddure, itt’ore, iwague” — “U! O! boróro (sou eu mesmo) eu cheguei, eu cheguei, meus filhos e netos”. Todos sacodem o *parabara*. Depois todos depõem os instrumentos sobre a sepultura e começam o canto *kobiaddoddu*, canto dos *apiburegue*, ao qual seguem outros cantos. Finalmente todos os jovens que tomaram parte ativa na função se agacham dobrando os joelhos; aproximam-se então as mulheres que trazem recipientes cheios de água, que despejam sobre a cabeça dos moços.

Nestas festas os *tugaregue* dão ao novo chefe numerosos ornamentos, entre os quais a *parabara*.

BOE EIMIGERA MAIWO

Quando um chefe se torna indigno do seu officio, então é deposto. No lugar dele escolhem um outro que tenha dado prova de valentia e de bondade. Preparam-se os enfeites e o *bapo rogo*, às escondidas; o eleito nada deve saber. Em ocasião de uma caçada oficial com os *Aroe*, um dos Boróros aproxima-se ao escolhido, depois de um canto entoado pelo *Aroettowaraare*, com o *bapo*, o pega pela mão e lh’o oferece. Recusa-se a princípio o escolhido, mas a insistencias dos companheiros, aceita o *bapo* e fica sendo o novo chefe.

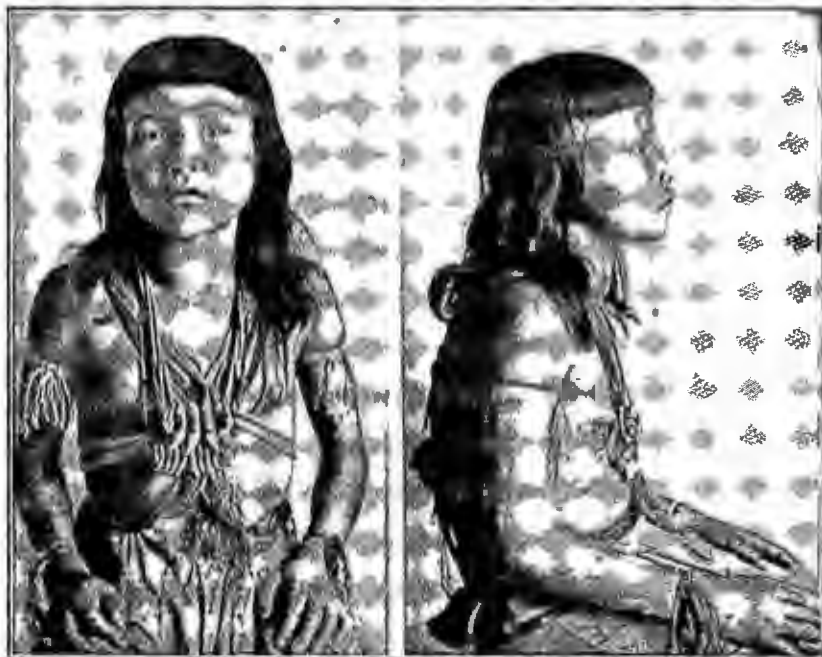


Moço boróro de frente e de perfil.

QUALIDADES FÍSICAS E MORAIS

Os homens *orarimogodogue* são de estatura na média de 1m75; os baixos são raríssimos; a maior parte conserva a estatura média, havendo porem alguns até de 1m95. Não há gordos; são ágeis, bem proporcionados, elegantes, esteticamente belos. As mulheres, notavelmente menores, na média de 1m60, são mais corpulentas, máxime em algumas tabas; seus contornos são muito menos graciosos que os dos homens. Esbeltos, porem, todos são de constituição robustíssima e de grande resistência, especialmente nas excursões pelas selvas.

Os olhos são superficiais, quasi salientes, com linhas ligeiramente inclinadas e convergentes para baixo. A esclerótica deixa aparecer um pouco do abundante pigmento corante da coróide que, não é



Moça boróra de frente e de perfil.

branca, mas apresenta uma ligeira cor azul (talvez por isso dizem terem os índios olhos azues). O iris é tão negro que dificilmente se distingue da pupila. Tem a córnea, ao menos em muitos indivíduos, uma convexidade quasi igual àquela da esclerótica; a luz do dia, na parte superior dos olhos dá um reflexo e um brilho muito característico e saliente.

O nariz é curto e achatado desde a raiz; as ventas amplas, lábios largos e grossos, dentes naturalmente muito bons e muito alvos. Os que tiveram contacto com os civilizados, talvez pela mastigação da cana de açúcar ou doces, que muito apreciam, pelo uso do sal, ficam com os dentes cariados. Nos adultos a coroa dos molares é em parte gasta pelo continuo mastigar de milho, amêndoas, cocos e outros frutos duros. Nos velhos observamos várias vezes que os últimos molares estão gastos até ao colo, fato este comum nas raças indígenas americanas.

Os cabelos são grossos, intensamente negros, lúcidos, lisos e escuridos. Encontramos um só índio com cabelo crespo. Se não os arrancassem, cresceriam até à frente e às têmporas, reduzindo muito a região frontal.

O queixo quasi completamente glabro e os raros pelos que nascem são diligentemente arrancados.

Tem pelos sob as axilas e na região púbica, que alguns arrancam apenas nascidos, como também arrancam as pestanas e sobrancelhas, que já seriam escassas. Conservam a ambição de ter o corpo liso, exceto a cabeça, onde a basta e longa cabeleira é uma importante defesa contra o sol equatorial.

Para arrancar os pelos usam esfregar a parte cabeluda com cinza quente e assim sem dor arrancam os pelos um a um. Não conhecem a calvície e seus cabelos ficam brancos somente em idade muito avançada; os cabelos de um ancião com mais de 70 anos, principiavam apenas a pintar.

Tem os zigomas bastante salientes, face ovoide, nariz curto e chato, olhos mongólicos e brilhantes. São esses os traços mais salientes que na juventude de ambos os sexos podem apresentar formas clássicas de verdadeiras belezas satisfazendo, até ao mais apurado gosto civilizado.

Os meninos com sua vivacidade e esperteza, superior à dos civilizados da mesma idade, não somente se apresentam belos, mas até graciosos, asseverando esse juízo a fresca elegância das formas do corpo.

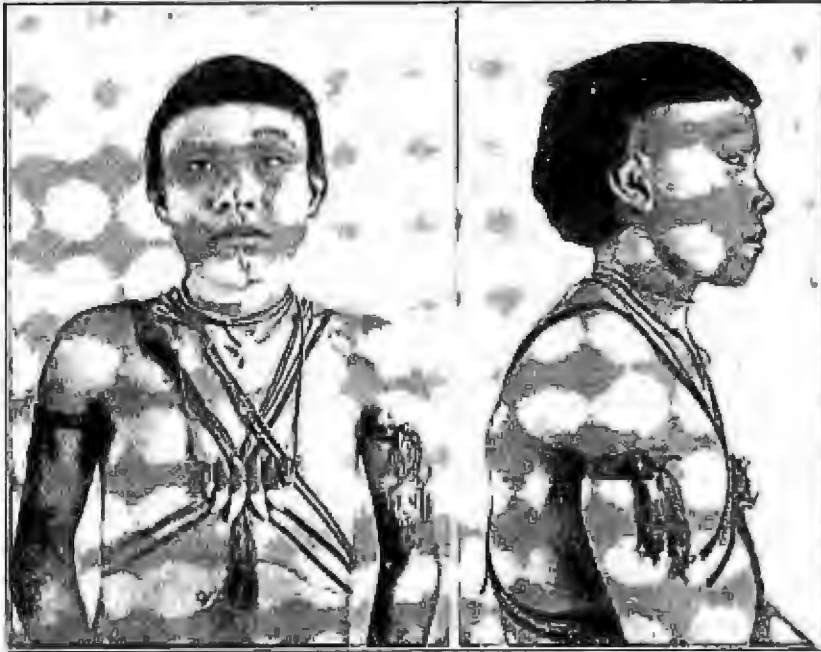
As mãos e os pés são pequenos e os dedos lisos. O polegar do pé é longo e amestrado, pois, os índios apanham do chão muitos objetos, prendendo-os entre o polegar e a planta dos pés que levam à mão, mediante a flexão do joelho: servem-se também do polegar para retesar o fio, quando tecem a rede de pesca ou de caça.

A cor da pele é bronzeada e uniforme em todo o corpo. Caracterizam e distinguem nossa raça chamando-nos: *Kigadüreuque*, Brancos.

VISTA E OUVIDO

Os sentidos da vista e ouvido são nos *boróros* muito perfeitos; são para eles os melhores auxiliares para descobrir as caças e armar ou evitar emboscadas. Possuem, inato, o espírito de observação. Seus ouvidos não deixam escapar o mínimo rumor, sua vista examina com atenção qualquer ramo que não esteja na posição natural, qualquer fio de herva que indique a possibilidade de ter sido pisado. Todo rasto, de homem ou animal, é estudado, meditado, seguido ou evitado. Quando caminham em grupo pela selva, seguem sempre em fila indiana, pondo todos os pés no rasto deixado pelo primeiro. Desse modo se algum lhes descobre as pegadas, não pode ter idéia certa de seu número.

Os nossos índios não somente são observadores minuciosos, mas têm uma vista tão aguda que a enorme distância percebem nitidamente objetos. Divisam Venus em pleno dia, apontam peixes em águas profundíssimas, onde pessoas de vista normal, não conseguem ver.



Moço boróro de frente e de perfil.

CORES

Conhecem muito bem as cores, até nas mínimas variantes; possuem porem seis nomes sòmente : *kigaddo*, “branco”, *kujagu*, “vermelho”, *xo*, “preto”, *kagori*, “roxo”, *kaworu* “azul celeste”, *eku*, “amarelo”. Note-se que não tem substantivo simples para indicar o verde, cor que em seu ambiente mais domina. E’ singular o fato de chamarem-no *kaworu-ekure*, ou *kaworu ekureddure tugé* = “azul amarelo” ou “azul amarelado”, cor de laranja. Sabe-se que em pintura o verde obtem-se mesclando as duas cores azul e amarelo. Assim tambem a cor clássica chamada “terra de Sena”, que é laranja-escuro, é chamada pelos boróros de *kujagu ekuregudure tugé*: vermelho misturado com amarelo, vermelho amarelado escuro. O roxo, que se pode obter com o vermelho e azul, não é chamado azul avermelhado, mas *kagori*, que quer dizer : cor variante.

ASSOBIO ARTICULADO

Outra propriedade singular desses índios é a de poder articular a palavra, de tal modo que falam por assobio. Além de conversar de



“Attu”, conchas usadas como tesoura.

longe, não espantam com o assobio os animais quando nas caçadas querem se comunicar, avisar, ou chamar, como sempre precisam.

ESTÉTICA

Entre os *Orarimogo* o sentido estético desenvolveu-se muito, mostrando perfeição e fineza, seja porfiando por se apresentarem belos, como nos adornos que apreciam e fabricam com muito esmero e arte.

Souberam aproveitar-se maravilhosamente de tudo o que a natureza lhes ofereceu, máxime das penas de variegadas cores.

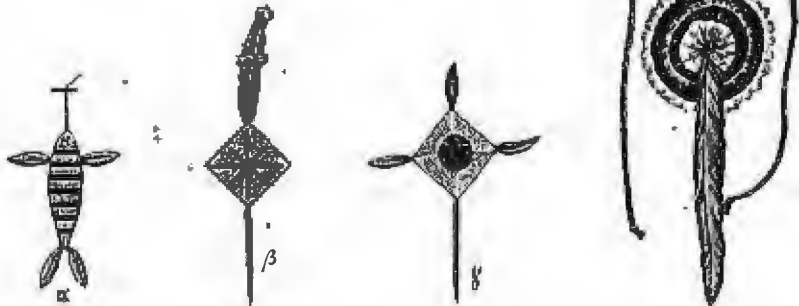
Utilizam também peles, unhas, dentes, ossos de animais selvagens, casca de ovo de ema, espinhos de porco, conchas de madrepérola, frutas, sementes, folhas, lenho e todos os objetos luzentes, presenteados pelos “*baráe*” (civilizados). Trabalham com o *ruo*, concha usada como garlopa, os *attu*, concha usada como tesoura, o *okiwa*, dente de capivara, escalpelo.

Para ligar as partes do ornamento usam o *kiddoguro*, “resina vegetal”, o *berago*, “pez vegetal”, o *akigo*, “fio de algodão” e fibras de vegetais. Fabricam objetos que, minuciosamente observados, causam admiração.

DESENHO

Não excluem de seus adornos, desenhos, embora muito simples, tecidos com penas de vários matizes. Os trançados podem ser :

- a) retilíneos e paralelos entre si.
- b) retilíneos convergentes em ângulos.
- c) circulares.



Enfeites com desenhos:
 α “attó biaddáu”, brinco;
 β e γ “ba-ruréu”, enfeites da cabeça.

“Ari”, lua, enfeite de penas com desenhos, para a cabeça.



“Mixígu”, duas cestinhas flexíveis, com desenhos.

Como já dissemos, somente os *aige* e o *ba* são pintados, e os desenhos vermelhos desses últimos são interessantes, já pela variedade das figuras geométricas, já pela representação do jaguar e dos dois ramos, únicos desenhos espontâneos de seres naturais que conhecemos. Para esses desenhos, usam-se o vermelho, urucú e o preto, pó de carvão misturado com *kiddoguro*.

TECIDO DA ESTEIRA

Para tecerem a *beta*, “esteira” e a *koddo*, “alcofa”, onde as mulheres levam os pesos, entrelaçam em palha amarela, com embira, enegrecidas em lama ferruginosa. Tecem a esteira com a metade da folha de acuri, ou babassú cortada verticalmente.

Desse modo fazem a porta de suas cabanas, o *bakureu*, “abanico” para abanar o fogo e serve também de bandeja para levar comida sólida no *baimannaguegeu*. As folhas tenras de palmeira servem para improvisar nas selvas, elegantes jacás onde prendem animais vivos, capturados durante a caça.

CERÂMICA

Nos vasos de barro de várias formas e dimensões, não usam desenhos os nossos índios. Eis sua breve apresentação :

1.º) Botijas,oringas, chamadas *pori*, *porero*, *porigabo*, segundo o tamanho, tem a abertura pequena, sem pescoço. O fundo é esférico e é colocado numa cavidade correspondente do terreno.



“Póri”, vasilhas de barro
(de 1:10 a 1:15).



Mulher trabalhando no fabrico de panelas de barro.

2.º) Panelas (*aria*, panela grande, *ruobo*, panelinha), tem a forma hemisférica.

3.º) Pratos, (*ruobo kurireu*, vasilha larga e pouco profunda) usam-n'os depois do contacto com os *barae*.

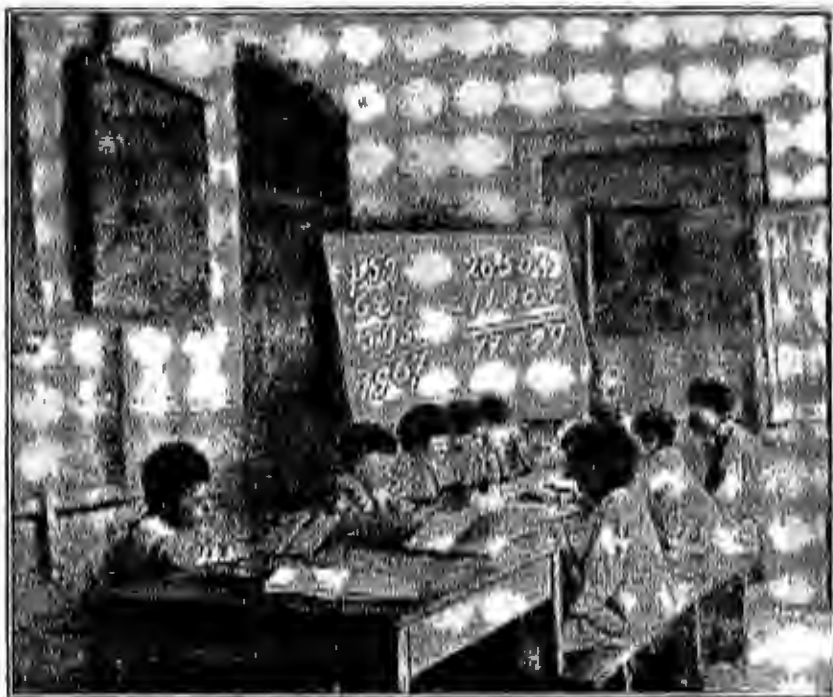
4.º) Colheres, ou tijelas pequenas, com ou sem cabo, (*boe ett'addu oreu rogu*, i. é, colher com cabo curto, dos índios).

5.º) Chávenas; imitaram até as nossas chécaras, cuja asa chamam *bia*, "orelha".

A cerâmica é trabalho das mulheres, que usam de uma argila preta, chamada *rotu*.



Outros recipientes de barro: o primeiro à esquerda: "ruóbo kuriréu"; o ultimo à direita: "aria".



Meninos boróros na escola.

MEMORIA E INTELICENCIA

Tem prodigiosa memória, guardando lendas mitológicas e especialmente cantos que são longos e cheios de repetições.

Cultivadas suas inteligências, mostram-se aptos para aprender as artes e ofícios e prestar qualquer serviço.

CRUELDADE COM OS INIMIGOS

Quem julgasse a tribo dos *Orarimogo* apenas pela longa e triste série de estragos, tropelias e sangrentas lutas, que tornaram inhabitável para os civilizados a vasta zona do seu *habitat*, e a considerasse composta de indivíduos deshumanos, ferozes e sem coração, andaria errado. Nutrem afeto e gratidão para quem os ama, mas são realmente vingativos e sem o mínimo sentimento de pena e compaixão para aqueles que lhes fizeram mal. Particularmente irreconciliáveis se mostram com os inimigos número um: os *kaiamodogue* e os *barae* - índios limítrofes e civilizados.

OS KAIAMODOGUE

Os *kaiamodogue* são uma tribo cuja língua os bororos ignoram, (*boe e mearudu kare enn'ogwa battarugi*, "os índios eles não entendem dos deles lábios a palavra).

Habitam a margem esquerda do Rio-das-Mortes e provavelmente correspondem aos Chavantes ou Acuá; talvez pertencem à grande família Caiapós. Entre as duas tribus há ódio inextinguível. Em tempos remotíssimos se guerrearam e até hoje os bororos temem seus ataques. Por vezes numerosas turmas atravessam o Rio das Mortes, invadem o território dos *Orarimogodogue*, matando e destruindo tudo o que se lhes antolha na passagem.

Atualmente os *Orari* não estão em contacto com outras tribus de índios; mas pela tradição sabem que os antepassados remotos conheciam outras tribus indígenas como: os *Raruidogue* e os *Barugiraddudogue*, os quais viviam em cavernas ou antros de pedra. Os *boróros* apelidam esses primevos de: *Toritaddaúgue* (os que moram dentro da pedra), trogloditas.

OS BARAE, CIVILIZADOS

Outro capital inimigo do *boróro* é o *Barae*, civilizado. A penetração do branco pelos sertões habitados pelos índios foi sempre acompanhada de violências e barbaridades. O índio nasce com o sentimento de ódio e vingança contra o branco que o privou da sua liberdade, do seu território, que lhe destruiu a família, que o considerava uma fera da selva. Deste espírito de ódio e vingança foram escritas páginas de lágrimas e de sangue. A guerra entre índio e civilizado era sempre aberta e levava um e outro aos mais horríveis excessos de ódio e morte. Os *boróros* levavam em forma de colar como troféu de vitória os dentes dos civilizados mortos por eles. Alguns se gloriavam de levar penduradas ao pescoço as mandíbulas dos homens e mulheres civilizados que tinham matado. Adorno precioso que o homem oferecia à sua esposa, com que o moço mimoseava sua preferida. Karl Von den Steinen atesta ter visto no pescoço de algumas mulheres este macabro troféu de guerra. Quanto Von den Steinen atesta posso afirmá-lo por ter eu mesmo visto ao pescoço de uma mulher um colar formado pelos vários dentes de um ou mais civilizados, que o próprio marido, grande cacique da tribo, tinha vitimado.

GENEROSIDADE RECÍPROCA

A tradição da tribo impõe-lhe ótimos dotes morais, como: evitar o furto e as rusgas, respeitar as mulheres e usar de generosidade. Esta última deve ser a principal propriedade de um *orarimogo*, que se acha disposto a ceder qualquer coisa que desejarem seus amigos.

Sobre a integridade de costumes, já dissemos que usam deplo-
ráveis indulgências para com os jovens solteiros.

Sòmente no trato recíproco existem essas obrigações, às quais,
porém, sentem-se obrigados quando julgam ser vistos ou temem ser
descobertos. Do contrário não há escrúpulos; para eles uma ação
má é reprovável só quando descoberta. Se é verdade que um índio
deve dar a outro o que lhe pede, é mais certo que esse por obrigação
moral deve dar ao doador alguma compensação; se isso não fizer, o do-
ador lançar-lhe-á em rosto a falta. O que se dá para retribuir um pre-
sente chama-se *mori*. A muitos presentes a tradição determina o *mori*.

A palavra *mori* significa o que se dá como paga por um traba-
lho ou por um serviço ou também o que se deve dar por reparação
de um erro cometido ou de um prejuízo causado. Se entre esses ín-
dios qualquer favor prestado deve ser premiado, qualquer dano cau-
sado deve ser indenizado. Se um índio, embora sem o querer, prejudica
a outro, deve dar-lhe o *mori*.

E' tão grande a força do *mori*, que os índios julgam que até os
bope sentem-se a ele vinculados. De fato, como já dissemos, o *bope*
que foi causa da morte de um índio, tem obrigação de dar aos pa-
rentes do morto uma fera qual *mori*, em reparação do prejuízo causa-
do, enviando-a de encontro ao caçador. O *mori* de um morto é sem-
pre representado pela onça, a pele será oferecida aos parentes.

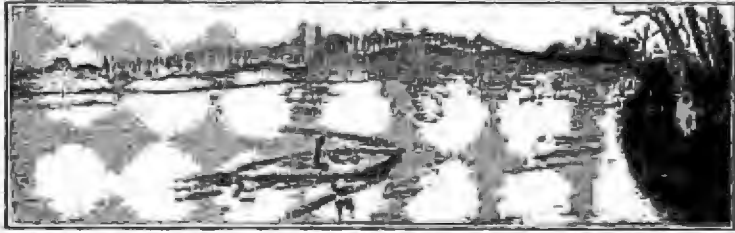
SUPERSTIÇÃO

Para traçar uma figura moral mais completa, acrescentaremos que
eles são por natureza sumamente desconfiados e supersticiosos. Em
qualquer objeto desconhecido, e cuja serventia ignoram, descobrem
maquinações e até a morte. Se realmente alguém morre, atribuem isso
ao novo e pavoroso objeto.

Uma planta esfregada no corpo e trazida na testa como coroa,
defende-os contra os projectis das armas do *barae*. Um ramo agitado
no ar e esfregado no corpo, protege-os dos raios e afasta o terror cau-
sado pelo trovão. Surrando a perna com um galho especial, podem
fazer sem cansaço longas caminhadas. Conhecem outra planta que,
esfregada nas mãos, dá forças para nadar muito e velozmente; por
isso chamam-na *jomoe e erubbo*, "das lontras seu remédio". Quando
querem adquirir velocidade na corrida, usam uma planta e o fazem
de dois modos: prendendo pedaços de raiz no polegar, ou mastigan-
do-os e engulindo o suco, que é ótimo produtor de vômito. Cha-
ma-se *beo jorubbo*, "remedio do avestruz". Outra planta usada igual-
mente com o mesmo fim, chama-se *orogoe e erubbo*, "remédio dos
antílopes". Também as plantas *aigo u ke* "da onça parda seu ali-
mento" e *meadogue e erubbo*, tem a mesma virtude. Antes de o usarem,
os índios fazem dois ou três dias de jejum, o que se não deve admirar,

pois eles sabem que o jejum fortifica o corpo. Terminado, sujeitam-se a um descanso, bebendo depois a infusão amaríssima, que provoca o vômito até lançar sangue. Descansam em seguida por uma semana, durante a qual masticam as folhas dos sobreditos vegetais, ligam-nas aos pés e com elas esfregam as pernas. Desse modo dizem que se tornam tão ágeis que alcançam o avestruz. Uma planta amuleto é o *ge poro*, "face furada" (às folhas estão sempre esburacadas por insetos). Um raminho na entrada da casa, veda a passagem à mcléstia.

Quando viram que os meninos batizados aprendiam com presteza o português, julgaram que isso fosse devido ao batismo. E pensavam que a água batismal amolecera o crânio, desenvolvesse a memória e a inteligência.



Desenho espontaneo de um menino boróro.

JOVIALIDADE E ALEGRIA

Diremos por fim que são de índole jovial. Basta dirigir-lhes a palavra para fazerem rosto alegre, ou bater-lhes com a mão nas costas para logo rirem: *ió ió ió*. Estão porém sujeitos a frequentes depressões de melancolia; bastando recordação de um morto, a previsão, em sonho, de uma desgraça ao marido na caça, para arrancar um pranto prolongado, clamoroso, retumbante por toda a aldeia. Não raro é ouvirem-se nêfias procedentes das malocas. O índio que abandona suas matas nãtivas e vive longe um pouco de tempo, sente saudade da natureza livre e torna-se pensativo, mudo e carrancudo.

VIVACIDADE DOS MENINOS :

Os meninos tem uma vivacidade desafogada, expansiva e barulhenta, que lhes faz amar a vida despreocupada dos campos e das selvas. Seu divertimento favorito é a caça. Para esse fim fabricam pequenos arcos, com o primeiro galho que encontram, e com este caçam lagartixas, pequenos mamíferos, passarinhos.

Há um colorido folklorístico no modo de eles prenderem o *buttuiari*, “pirilampo ou vagalume” (*pyrophorus noctilucus*), o grande coleóptero elatéríde das regiões equatoriais, que carrega ao lado da couraça duas máquinas elétricas, fosforescentes.

Quando os meninos vêem vagar pela escuridão da noite a luz de um vagalume tomam de um tição aceso, giram-no no ar e gritam: *buttuiari, buttuiari, matto, matto a ke noa javu kae*, “pirilampo, pirilampo, (vem) cá, (vem) cá, tua comida de fruto de palma casca”, (vem comer a casca do fruto de palma, que é o teu manjãr preferido). E de fato os coleópteros endereçam subitamente o vôo de encontro ao tição; quando estão ao alcance do braço, são derrubados com um golpe de mão. Os meninos recolhem-nos e com eles se divertem.

Enquanto que nos adultos qualquer objeto novo é recebido com mudo e supersticioso espanto, nos meninos arranca uma bulhenta admiração.

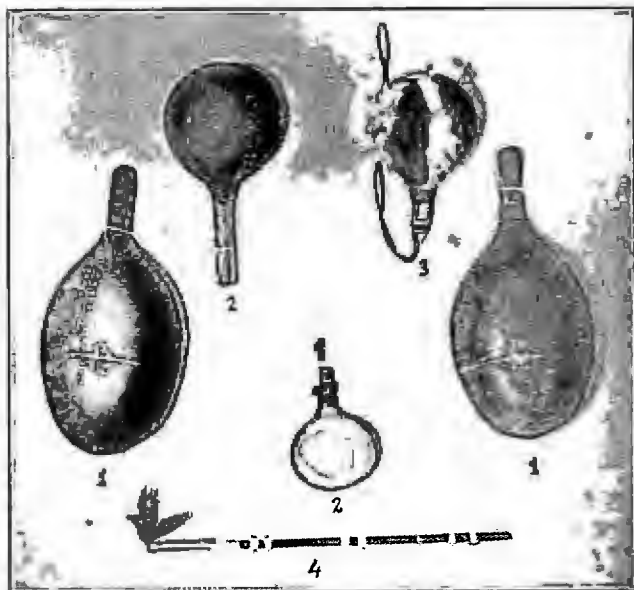
Outra manifestação da jovialidade dos meninos encontra-se na facilidade e gosto que eles têm de trocar por brincadeira expressões e palavras de línguas a eles desconhecidas, na própria língua.

MORTE E FUNERAIS

Quando um *boróro* já não se alimenta e, agravando-se o seu estado, o *bari* já sentenciou próxima a morte, os parentes lhe untam de urucú todo o corpo, o enfeitam com penas e plumas como nos dias de grande festa. Entrando o doente em agonia, os presentes iniciam um canto em tom baixo, quasi recitativo e os parentes vão, um por um, à cabeceira do agonizante e lhe põem a mão sobre a fronte, repetindo em baixa voz as palavras do canto: *Pobo mugúia manno tadda*. . . Depois dos parentes passa, colocando a mão sobre a testa do moribundo, toda a qualquer pessoa que deseja manifestar amor, estima e dor para com a pessoa querida que está para morrer.

O por a mão sobre a fronte parece indicar o ato de fechar os olhos ao moribundo às cousas todas deste mundo, das quais está para separar-se para sempre. Apenas morto, é coberto, porque não deve ser visto pelas mulheres e crianças. Então os gritos e os lamentos se elevam altíssimos e são ouvidos em toda a aldeia. Os parentes cortam-se impietosamente o corpo, com uma concha afiada. São tão profundos os cortes que o sangue brota em profusão e escorre sobre o cadaver. É uma cena impressionante, a que se não pode assistir sem horror e, no curso do funeral, é repetida diversas vezes.

Entremêntes na maloca começa um monótono e lento canto fúnebre, à cadência do *bapo*. *Bapo* é uma cabaça elíptica vazia na qual colocam algumas sementes duras. Tem um cabo de madeira. O ba-



1. "bápo kuriréu" — 2. "bápo rógo" — 3. "arigáo"
4. vareta enfeitada de penas para tocar o tambor.

ruído produzido pelas sementes é bastante intenso e serve para marcar o compasso dos cantos e dansas. Quem dirige o canto empunha dois *bapos*; o da mão direita é sacudido com maior velocidade e marca as sílabas do canto, o da esquerda dá-lhe o ritmo.

No entanto o morto é envolto e amarrado numa esteira. Os seus objetos pessoais de certa importância, como ornamentos e arco e flecha, são colocados em cima da esteira para ser queimados pelo fim dos ritos fúnebres.

Muitas vezes o homem quebra o próprio arco sobre o fêretro da mulher e dos filhos.

Ao por do sol, o cadáver é transportado para o *bororo* (pateo), onde começam os fúnebres ritos oficiais. Os chefes da aldeia, ornados de *pariko*, virados para o sol poente, tocam o *bapo*, entoam o *roia kurireu*, "grande canto", igual para todos os clans, salvo ligeiras modificações.

Depois as diversas dinastias fazem seguir ininterruptamente os cantos próprios até amanhecer; assim a noite toda é transcorrida num incessante e monótono vozear, acompanhado pelo surdo ritmo do *bapo*. Após breve repouso, de manhã, os incansáveis carpideiros continuam sua canção, apenas reaparece o sol, e não param senão ao descambar.



Mulheres de luto.

À direita: começam a crescer os cabelos que tinham sido arrancados pela morte de um parente.

SEPULTURA TEMPORÁRIA — LUTO

No dia seguinte cedo, enquanto alguns jovens preparam na praça da aldeia, junto ao *baimannagweggeu*, uma cova de trinta a quarenta cms. de profundidade, os parentes agrupam-se em redor do morto e em altos lamentos, retalham-se novamente encurvados sobre o cadáver espargindo-o de vivo sangue. Então o morto é levado ao lugar preparado e temporariamente sepultado à flor da terra. Todos os dias irão os parentes ao por do sol regar a sepultura com abundante água, afim de apressar a putrefação e o espolpamento dos ossos.

Entretanto começa o luto dos parentes. Os mais próximos arrancam os cabelos; alguns os cortam. Os cabelos são guardados e servirão mais tarde para fazer uma trança chamada *ae*. Enquanto perdura o luto, os cabelos crescidos não são cortados nem na frente, nem atrás. Não se tingem com urucú e as mulheres tiram o *kogu* e o *koddobie*, que são respectivamente substituídos pelo *uaiço* e *okuamie*.

A duração do luto dura meses, um ano ou mais e cessa quando os parentes pegam o enlutado, cortam-lhe os cabelos horizontalmente sobre a frente à altura das orelhas; pintam-no depois completamente com urucú e ornam-lhe a cabeça com as penas multicores de uso.

As mulheres colocam de novo o *koqu* e o *koddobie*. Estas operações são feitas de surpresa e por vezes contra a vontade. E' digno de nota o uso de certa violência com a qual costumam obrigar os mesmos parentes a deixar o luto.

A CAÇA NO RITO FÚNEBRE

Depois de dois ou três dias do enterro, um *aroettawaraare* invoca a alma, para saber onde se encontra a caça. Segue-se um canto em casa do morto, repetido até ao amanhecer, quando os índios partem para a caçada em sua honra. O resultado da caçada será dado aos parentes do morto e consumido em comum; o fim principal, porem, é matar a fera *mori*.

Por esse motivo um parente do morto dá o *poari* a um caçador, que toma o nome de *Uiaddoé*, da seção oposta, escolhido entre os mais sagazes no flechar, e os cabelos que arrancou, já trançados formando um cordão (*ae*). O *uiaddo* é, em todas as cerimonias fúnebres, a parte mais importante porque representa a alma do finado.

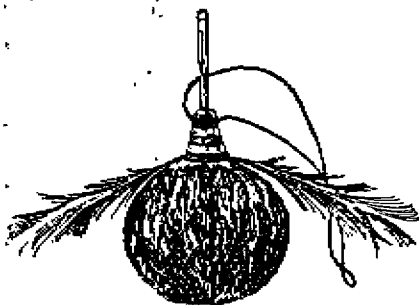
O *poari* é uma cabacinha em forma de frasco, furada no fundo e na extremidade, onde é introduzido um canudo no qual, com um corte longitudinal obtem-se uma palheta flexivel. Soprando-se dentro, produz-se um som mais ou menos agudo, que é o canto do *aroe*. Ao *poari* foram coladas penas multicores, seguindo vários desenhos, que são feitos de acordo com o clan do defunto. Mediante um cordão pode ser preso ao pescoço à guisa de colar que cai sobre os ombros.

Com aquela entrega o caçador tem o dever de matar uma fera, jaguar, jaguatirica, como reparação ou *mori*, dada pelo mau espírito, *bope*, aos parentes do morto. Segundo outros, é uma vingança contra *bope*, como já foi dito.

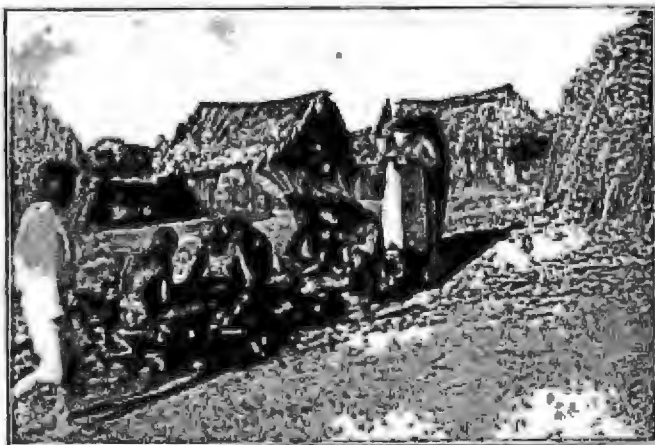
O *poari* e o caçador tornam-se duas representações da alma, *aroe*, do morto. O primeiro recorda-a materialmente e chama-se *aroe*, *ukuie poari*; o segundo representa-a ao vivo em todas as cerimônias fúnebres e denomina-se por isso *aroe maiwo*, "alma nova ou recente".

Durante a caçada, o *uiaddo* representa o morto e amarra o *ae* no braço esquerdo, com o qual sustem o arco.

Não se creia que o caçador *uiaddo*, nesta primeira caçada social, encontre a fera, *mori*; ao contrário, raramente isto acontece; ele, porem, não se esquece da obrigação, até que a sorte lhe dê ocasião para satisfazê-la. Se por



"Poári", cabacinha que lembra o "aróc", alma.



Uma cena durante os funerais.

acaso viesse a morrer, um outro seria eleito em seu lugar, com uma cerimônia chamada *aroe tougeddo*, “criar um *aroe*, eleger um *aroe*”, para que não venha a faltar o *mori* do morto.

Quando o *uiaddo* matar a fera, toca longamente o seu *poari*, amarrando-o em seguida no animal morto. Por meio de um seu amigo, mandará a fera, o *poari aroe* e o *ae* aos parentes do morto, que, depois de uma cerimônia de dor, recebem tudo. A pele da fera será seca e conservada. O *poari aroe* será conservado como recordação do morto. Os parentes do morto devem dar um *mori* “recompensa” ao *uiaddo*: A tradição requer que se dê outro *poari*, chamado *barogo mori poari* e um *koe*, “colar feito com discos de conchas e cascas do fruto de uma palmeira”, um arco e flechas. Todos esses objetos levam o distintivo do clan.

A caça social pode ser repetida por diversos dias. No período de duas semanas não há outra manifestação pública de dor. Nas tardes se ouvem chorosas nênias e lamentações que partem das cabanas dos parentes do morto.

ONÇA “ADUGO MORI”.

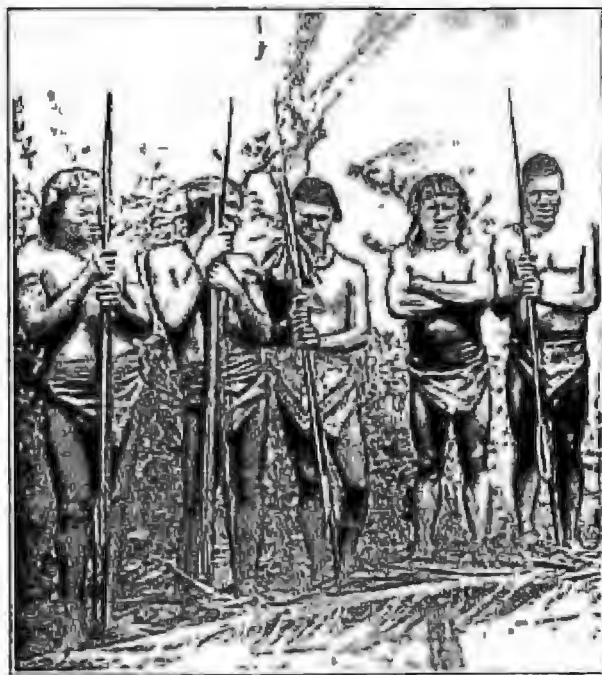
Transcrevemos aqui, deixando-o na sua forma original, o que o *boróro* Akirio Boróro Keggeu (Tiago Aipobureu) escreveu em português relativamente ao Adugo-mori, isto é, às cerimônias que usam quando matam uma onça em vingança — *mori* — do finado e em recompensa, chamada também *mori*, que lhe deve oferecer aquele que recebe o couro da onça *mori*. O texto original manuscrito e mais outros documentos escritos pelo *boróro* Akirio Boróro Keggeu (Tiago) conserva-se no arquivo da Missão.

QUANDO SE MATA UMA ONÇA "MORI"

Quando um índio mata onça para um finado, ele faz assim : leva o couro até ao meio da praça da aldeia e o deixa lá e depois vai buscar o irmão daquele tal finado que por seu *mori* ele matou a onça. Pega a mão do individuo e leva até lá onde se acha o couro e deixa-o aí. Depois pega o couro da onça e rodeia correndo em torno daquele homem com o couro gritando : *kae, kae kae ; kae, kae, kae*, e entrega o couro ao parente do finado e diz : *emareo, emareo, emareo, a vie racuddu, a manna racuddu, a tuie racuddu mori ; akudau, a kuiu, a kao gagegeu adugo reno*, que quer dizer : está aquí a onça, o *mori* de teu irmão menor, de teu irmão mais velho, ou de tua irmã e pronuncia o nome proprio da pessoa. Depois este homem balança um pouco o couro da fera e, se for um *Bokodori exeraeddo*, cantará assim : *ui, ui, ui, iwororo meriribo bororo, iwororo iwororo Okoguebo boróro, iwororo Xi-baibo bororo, Akirio bororo, iwororo iwororo iwororo poremoddu boróro, pore Kuri bororo, uibo bororo, Araruga bororo, iwororo Cado u Cadogubororo, iwororo, iwororo iwororo Coibo bororo barubo bororo*. Esta palavra significam : ui, ui, ui, meu pateo o pateo de metal : meu pateo meu pateo o pateo do doirado ; meu pateo o pateo das araras vermelhas : o pateo da penugem ; meu pateo, meu pateo, o pateo da cachoeira que se desaparece no chão : o pateo da grande cachoeira ; o pateo de um peixe preto, do arariga ; meu pateo o pateo do *Cadou Cadogubo* ; meu pateo, meu pateo, meo pateo o pateo do *Coibo* e o pateo do campo limpo.

Continua repetindo sempre o nome daqueles pateos mais devagar, até que todos gritam : *Wo!* Então ele continua : *iwororo, iwororo iwororo Meriribo bororo aiduia, itugaregue enouo ikudau, ikuie itao gagegeu ai o*. E sempre repetindo estas mesmas palavras, continua o canto, trocando só o nome dos pateos. Eis a tradução : meu pateo, meu pateo, meu pateo o pateo de metal em que os meus súditos trouxeram o couro meu, o dente meu, o meu enfeite da cabeça. Neste ponto pronuncia o nome do finado : *iaboereu rakudu, iaboereddo aé taúge mato*, — ó fulano ou fulana, mostra-te por cá, *ixare aiaddumague, ixare ao mague, ere ake oka, ere ake rie, ere ake kurubeguru, ere kireru but-tuddo auguege toro, reodoguere are etarego mato, jugodoguere etarego mato, jorubore are barigu toro*. Acabadas estas palavras todos gritam : *Wo!* Eis agora a tradução : Agora os teus pais fizeram a tua comida o lobinho, fizeram tua comida o lobo, fizeram tua comida a raposa, fizeram verter para vós o seu sangue, fazei chegar peixes, fazei chegar porcos, e lançaí a doença longe.

Depois o pai ou um cunhado do finado leva o couro para sua casa. Logo vem cantar com o *bapo kurireu* aquele que estava cantando lá no meio sobre o couro da onça o canto que começa : *bakororo ika but-tore etc*. Depois entoam alguns cantos do *roia guigudu* e *roia umareu*.



Boróros prontos para iniciar a caça.

Apenas acabado o canto, a mãe ou irmã do finado vai chamar os seus irmãos velhos e moços para ver quem vai possuir o couro e as garras da onça. O dente já se sabe mais ou menos que é a mãe ou a irmã do finado quem recebe. Escolhido o possuidor do couro e das garras, tornam outra vez às próprias cabanas e aquele que recebeu o couro ao escurecer grita aos seus cunhados para bem cedo esticarem o couro da onça e diz mais aos chefes, moços e moças, meninos e meninas, velhos e velhas que estejam prontos para cantar e dançar sobre o couro da onça. Todos aplaudem com gritos e assobios.

Depois uns rapazes buscam os *bapodogue*, os *parikodogue* e entregam um *bapo* ao chefe que vai entoar o canto do *xibaetawaddu*. Assim começam os cantos e a dança que durará até o amanhecer.

O MORI DA ONÇA PINTADA OU PARDA

O homem que recebeu o couro da onça é obrigado a fazer arco e flechas e enfeites vários do próprio clan para a pessoa que matou a onça. Depois que se fizeram quinze ou dezoito flechas por entre os irmãos de quem vai receber o couro da onça, então se começam a fazer outros enfeites, isso é, os *poguekegeugue* e mais outras cousas.

Na véspera do dia em que vai ser entregue o *mori*, quem receberá o couro, dará aviso para todos e assim todos tomarão parte nesta festa. Avisa também a uns cunhados para enfeitarem o arco do matador e fazerem um *poari*. Avisa também o matador que deverá banhar-se na hora próxima do *mori* e também que furará e arrumará os dentes da onça. Avisará a mãe ou parente próxima para preparar abundante bebida de *iworo* (vinho da palmeira *acuri*) ou grande quantidade de bebidas de *kuiadda kuru* etc. A todos recomenda tomarem parte nesta festa.

À noite há alguns cantos sobre o couro da onça. No dia seguinte se enfeitam o arco e o *poari*, enquanto as mulheres preparam as bebidas. À tarde se juntam os parentes daquele que receberá o couro, na casa da mãe ou da parente do finado, pelo qual foi morta a onça. Então um toma o bapo *kurireu* e entoia o : *Bakororo ika butore*, sobre o couro, as flechas, os enfeites e *poari*. No intervalo do canto, vão buscar o matador da onça, que está em casa da mãe ou parente, onde se acham reunidos todos os parentes do matador. Tomam-no pela mão e o levam para a casa, onde estão reunidos cantando os parentes do finado. Ao sair de uma cabana e ao entrar na outra, é saudado com um forte grito : *Wo!*

Uma parente do matador pega o couro da onça e sai correndo para lá onde estão reunidos os parentes do matador e aí colocam nas beiradas do couro algumas penas de arara e outros pássaros. Se o matador estivesse de luto, nesse momento cortam-lhe os cabelos na frente, tingem-no de urucú bem espesso da cabeça aos pés, enquanto cantam o *Atugododdu*. A este canto segue o *Marenaruie*, o mesmo canto que foi feito na hora em que estava agonizando o finado, para o qual matou a onça. Nesse canto as mulheres que sabem dançar, dansam pegando a mão do matador que vai receber o *mori*.

Acabada a dança, se toma o arco enfeitado de penas, as flechas e se dá uma corrida em roda do matador gritando : *kae kae kae, kae kae, kae, emareu emareu emareu, avoiga reno, atugo reno*, isto é : eis aqui, aqui está teu arco e tua flecha. Ao entregarem-lhe o arco dizem solenemente : Você matou a onça para ganhar estas cousas assim tão feias ; para você ganhar estas coisas tão feias, suportaste a fome, a sede, o calor e frio ; você se fez bater com seu corpo nas pedras, nos paus, se fez arranhar o corpo com espinhos e sair sangue. Guarde-os não me o volte mais para trás, ninguém lhe falará nada, porque fui eu que fiz.

Entregam-lhe em seguida o *poari* e depois de apitarem dependuram-lho ao pescoço. Põem-lhe os enfeites do lábio, os enfeites de pena sobre a cabeça. Apenas se acabou de enfeitá-lo, a mãe ou a parente do finado dá-lhe de baber água doce, sendo o que sobra retirado por uma parente do matador. O cunhado ou o pai do matador segurando as flechas e enfeites, pegam pela mão o matador e o levam para casa.

As parentes tódas daquele para o qual foi matada a onça, levam as bebidas preparadas lá no meio da praça. Se elas são *tugaregue*, então os *tugaregue* por primeiros levarão estas bebidas e depois seguirão os *cxerae*; se são *cxerae*, estas levarão por primeiro.

Levadas todas as cousas na praça, a mãe ou a parente do finado para o qual foi matada a onça, vai pegar pela mão o matador da onça e assim também as demais mulheres vão pegar pela mão os homens, moços e até às mulheres que já mataram onças *mori* e os levam a sentar-se para dar início ao banquete.

Por última cerimônia o matador da onça vai buscar o couro, os dentes e as garras da onça e põe no meio do pátio e depois se dirige a um chefe maior, o pega pela mão e o leva perto do couro e pendura-lhe o couro na frente juntamente com os dentes e as garras (dispostas em semi-círculo, como uma coroa) põe-lhas na cabeça. O homem com o couro assim pendurado, voltando-se para o poente diz, batendo com os pés no couro: "*Ui, ui, ui, ui.*" Voltando-se para o nascente repete as mesmas palavras e depois outra vez para o poente, diz: "*Ui, ui, ui, akare bakororo, akare bakororo, kuddu, akare kare imi* (agora bem de pressa) *ui, ui, akare bakororo, akare akare iparexeba* etc. dizendo alguns nomes dos *badogeba xebeguiugue*. Continuando diz: "*O* (aqui todos juntos gritam também: "*O*) *O bakororo, o bakororo Oroaribo aiduia itugaregue enouo ikudau, ikuie etaugagegeu ai. o, o Kugarubo Kugarubo padarobo aiduia itugaregue enouo ikudau, ikuie etaugagegeu ai o, o.* — Continua o canto que é muito comprido enquanto os outros comem. Quando acabam, todos gritam: *Wo!*

O matador da onça recebe novamente os dentes, as garras e o couro da onça e entrega o couro àquele a quem já era destinado; os dentes para a mãe ou para uma parente do finado, e as garras para um rapaz parente do finado. E assim está acabado o *mori* da onça.

Até aqui *Akirio Boróro Keggeu* (*Tiago Aipobureu*).

O MARIDDO

Cerca de quinze dias depois da sepultura, quando os ossos se estão espalhando, na hora do crepúsculo, recomeçam os cantos até ao amanhecer do seguinte dia. Pelo meio dia, os jovens começam o jogo do *mariddo*.

Mariddo, consoante a lenda, era um índio de tamanha força, que dansava horas a fio, sustendo com os braços à cabeça um enorme e pesado feixe de pauzinhos compridos cerca de meio metro. Até hoje em sua memória, os índios fazem um feixe cilíndrico, com talos de folhas de palmeira, medindo cerca 1½ m. de diâmetro e 0,50 de grossura (vide clichê à pág. 392).

Os jovens, dispostos em círculo, levantam-no com dificuldade e nessa posição procuram dansar cadenciando o passo ao ritmo do *bapo*.

Poucos conseguem dar algum passo e o enorme feixe cai no meio da hilaridade vivíssima dos espectadores. E' um jogo tradicional que não acompanha a seriedade e tristeza dos demais ritos fúnebres.

O AÍGE E O AROE MAÍWO

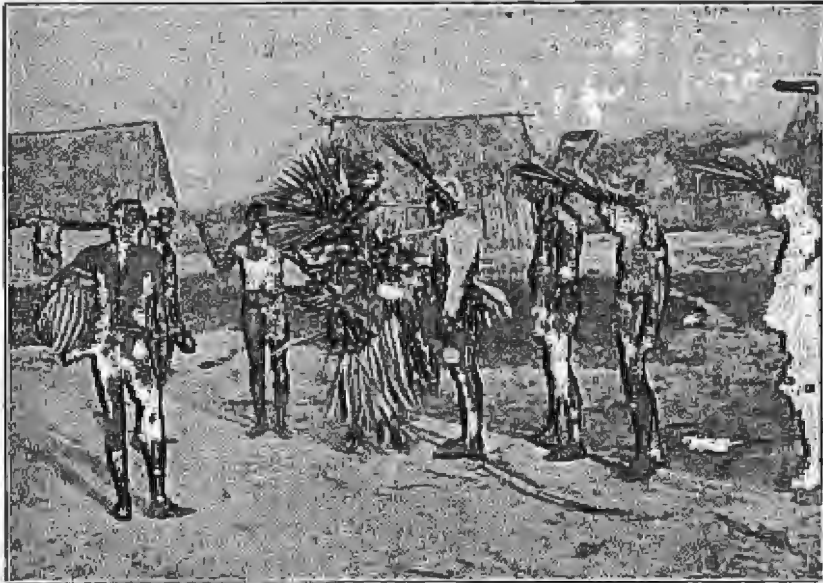
Ouve-se o *aige*, "hipopótamo", quando se aproxima da aldeia. Naquela tarde e na manhã seguinte e enquanto os ossos do morto estão na aldeia, as táboas de madeira lanceoladas, que representam o *aige*, são penduradas na extremidade de compridos paus, que girados, circularmente produzem um rumor igual ao da sereia.



Cenas do "aróe maíwo" (o mascarado de folhas) durante os funerais.

Na mesma manhã o *aroe maiwo*, durante o canto de longuíssimas nênias, é coberto de raminhos em todo o corpo. No peito do pé amarram-lhe o *buttore* ou corda com unhas de caitetú; enrolada à cintura, carrega entre outros ornamentos uma grande tanga, "toro" de folhas de palmeira. Na cabeça o canitar, feito de *pariko* e *kurugugua*, "penas de arara e gavião" e diante do rosto um tecido de malhas largas, que não embaraça a vista. E' um conjunto de folhas de onde saim penas de várias cores. Mulheres e crianças que vissem essa representação da alma morreriam.

Durante a vestição o *aroe maiwo* não tem parte do corpo que esteja firme, agitando-se continuamente na cadência do *bapo*. Sai do *baimannaguegeu* guiado pela mão de um parente e seguido por outros de vários adornos. Um índio caminhando de costas precede a fila e com o *bapo* marca a dança característica seguida de movimentos bastante elegantes.



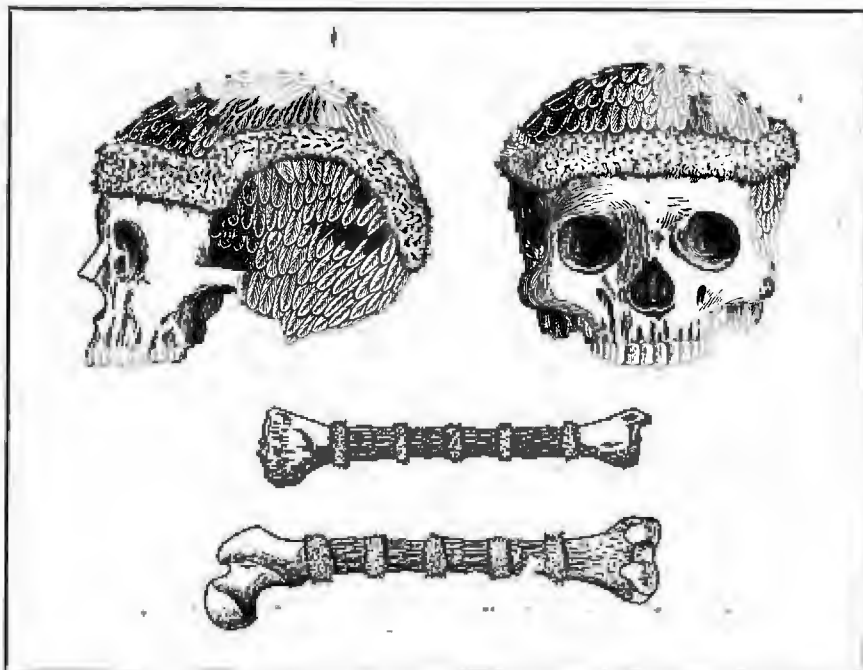
Cenas do “aróe maiwo” (o mascarado de folhas) durante os funerais.

Desse modo o *aroe maiwo* é conduzido ao lugar onde se encontra o *aige*. Alguns jovens nus, cobertos de lama dos pés à cabeça, representam o misterioso animal caminhando de gatinhas. Vão de encontro ao *aroe maiwo*, acariciam-no, fazem-lhé festas, depois voltam-se aos meninos que eventualmente devessem ser iniciados nos mistérios dos homens, assustam-nos com gritos, empurram-nos, jogam-lhes lama, no meio de risadas gerais; nessa hora é-lhes mostrada pela primeira vez a taboazinha que representa o *aige*.

EXUMAÇÃO DO CADAVER E RITOS FÚNEBRES

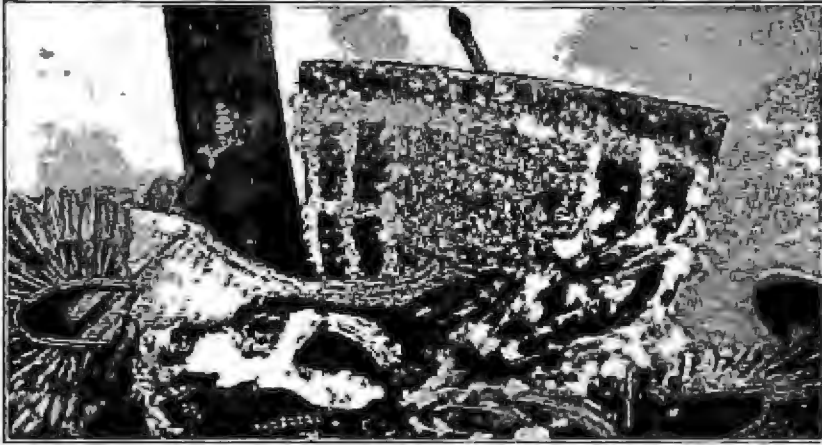
À hora do crepúsculo recomeçam os prantos, que duram outra vez a noite inteira, sem interrupção. Não é sem motivo que os *oraimcogodogue* procuram plantas medicinais para tirar o sono e dar força para esses longos cantos noturnos!

Ao amanhecer, ao canto do *kiegue baregue*, “pássaros e feras”, é desenterrada e aberta a esteira que contem o cadaver e é levada ao próximo rio ou lagoa. No meio daquela decomposição, os ossos são extraídos e lavados pelos jovens que cumprem a macabra função com indiferença. Lavados os ossos e colocados em uma cesta, levam-nos ao *baimannaquegeu*, onde já estão todos esperando. Logo que chegam os os-



Como os boróros enfeitam de penas o crâneo e os ossos antes de sepultá-los.

sos, iniciam o canto *Roia kurireu*. Acabado o canto, as mulheres saem para ir preparar a comida dos *Aroe* e os homens continuam cantar em voz baixa. As mulheres levam a comida preparada até à porta, mas não entram. Os homens comem silenciosamente. Enquanto comem, tiram da cesta o crâneo, o pintam de *urucú* e o escondem debaixo de penas para as mulheres não o verem. Neste momento entram no *boemanaguegeu* as mulheres e começam o canto *Roia mugureu*, durante o qual o *viaddo* enfeita diligentemente de penas o crâneo e os parentes enfeitam o *koddo* (cesta). Em um determinado ponto do canto retalham-se o corpo. Concluido o canto, entra o *Aroettawaraare* que chama o *Aroe maiwo* para-lhe dar a comida das almas; ele mesmo come e põe algo da mesma sobre o crâneo do finado. Entoa-se logo o canto *Xibae ettawaddo* ao qual segue a parte final do *Roia mugureu*, iniciando ato continuo o canto *Roia kurireu*. Durante estes cantos por detrás de uma esteira, para não serem vistos das mulheres, pintam com *urucú* todos os ossos e com penas enfeitam os maiores: cúbitos e rádios, fêmures e tíbias. Assim preparados encerram os ossos na cesta. Esta cesta fica na casa dos parentes dois ou três dias, até que a mãe ou parente mais próxima, em uma tarde, põe o cesto às costas e a passo lento, seguida por todos os habitantes da



Os ossos do defunto e o cesto, no qual serão colocados, prontos para a sepultura definitiva na água).

aldeia, leva-a à cabana do defunto e aí é pendurada a um pau enterado para este fim. Entretanto um *boe eimigera* canta o *marenaruie* e depois o *jure dogue*.

SEPULTURA NA ÁGUA

Uma manhã, o que faz a parte de *viado*, juntamente com os parentes do morto, pega a cesta dos ossos, vai a um rio vizinho, ou lagoa já determinada. Lá, onde as águas são mais profundas, descem a cesta e fincam-na ao fundo com um pau que sai fora d'água. Essa lagoa é o *akoe iao*, "morada das almas". Durante o tempo dos funerais, muitos índios se adornam, pintando-se completamente de vermelho ou adaptando ao corpo, especialmente à cabeça, ornatos preparados anteriormente.

Muitos outros prendem diretamente ao corpo penas multicores com a resina chamada *kiddoguru*: as penas ficam tão seguras que se desprendem somente depois de muitos dias. Por esse motivo, semanas depois dos funerais, vêem-se homens e mulheres com resíduos de enfeites. A qualidade de penas usadas e a sua disposição varia de acordo com o clan ao qual pertencem.

Este é um brevíssimo resumo do complicadíssimo cerimonial usado nos ritos fúnebres, o que é suficiente para provar que a idéia religiosa destes índios está no culto das almas, *aroe*. Sirva isso de complemento a quanto já se disse com relação à sua religião.

C H O R O

Os *boróros* tem um "choro" que poderia se chamar oficial ou social, feito por uma ou mais pessoas, homem ou mulher. É impressionante o que é feito por ocasião de mortes, ou em momentos de grande saudade de um parente ou pessoa querida finada. Fazem-no também por ocasião da matança da onça "*mori*"; nas festas com os "*aroe*" e sociais; na chegada de parentes ou amigos, etc., etc.

Neste choro pronunciam palavras de saudade, de dor, de luto; as vezes tecem quasi toda a vida do finado ou da pessoa que occasiona o choro. Em ocasião de chegada de parentes ou de pessoas queridas, ao choro acrescentam um canto, um daqueles que cantam nos funerais, mas com ritmo mais alegre.

Neste choro usam não só as palavras da língua falada, mas também muitas outras, proprias da circunstancia. Por exemplo: em vez de "*bu-buttu*" (chuva), usam "*enoddo guru buttu*"; em vez de "*poba*" (água), "*koroddo*"; em vez de "*boe eimigera*" (cacique), "*akarú muguío*"; em vez de "*iuai*" (casa), "*ikia muguío*"; em vez de "*ionaregueddo*" (meu filho), "*inno kuroddo*". Usam até palavras que não sabem explicar, como: "*varana*".

Este choro não consiste tanto em lágrimas, mas em pronunciar rapidamente as palavras em tom alto e triste de nênia, interrompida frequentemente de agudos gritos.

POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER ENTRE OS BOROROS ORIENTAIS

Pelas leis que regem socialmente os *boróros*, a mulher ocupa uma posição eminentemente privilegiada. O matriarcado lhe dá o direito de precedência, tanto que a descendência é computada em linha direta materna.

Pela lei do matriarcado, toda a criança que nasce, pertence ao clan da mãe. O verdadeiro estípite da família é a mulher e não o homem. Se se extinguirem, pois, as mulheres de determinado clan, extinguir-se-á também o clan, como já tem acontecido.

No campo matrimonial a mulher goza de indiscutível precedência: a proposta e pedido de casamento parte sempre da mulher. A casa em que habitam é propriedade da mulher; o homem tem obrigação de construí-la. Toda a descendência do sexo feminino tem o direito de habitar na casa materna, não só antes, mas também depois do matrimônio; a do sexo masculino perde esse direito logo que chega à puberdade.

O predomínio social da mulher na vida dos *boróros* é um fato essencial pelo qual, logicamente se formou um verdadeiro dualismo se-



Mulher de luto.

Mulher sem luto.

xual : a sociedade dos homens com direitos e poderes, para os quais as mulheres estão excluídas. Para a sociedade dos homens se requer uma iniciação, à qual devem sujeitar-se os meninos ao chegarem à puberdade, isto é, pelos doze ou quatorze anos de idade.

O fato de os jovens iniciados abandonarem a casa da mãe, a convivência com as mulheres, e passarem a habitar oficialmente a casa central (*baemannaguegeu*), reservada aos homens, e por outro lado o fato de as mulheres não poderem entrar nesta casa senão em determinadas circunstâncias, demonstra claramente a rivalidade que há entre os dois sexos e a tentativa que fazem os homens de restaurarem seus direitos sobre os das mulheres, que os colocaram em evidente inferioridade social.

Apesar, porém, destas pretensões masculinas, a mulher na vida familiar conserva sempre a sua preeminência. A mulher, esposa ou mãe, não é a serva e muito menos a escrava, como aparentemente parece alguma vez, mas sim a *Domina*, a senhora do homem a quem se uniu em força de um único fator : o amor ; pois entre os *boróros*, nenhuma outra razão existe para uma mulher dar-se a um homem. Quem observa superficialmente, e pior ainda, quem com a própria mentalidade, encara o índio *boróro* nas várias manifestações de sua vida, encontra por vezes fatos que aparentemente parecem colocar a mulher numa inferioridade de condição em relação ao homem. Nas via-

gens, por exemplo, e durante as longas marchas, por entre escuras florestas e interminas campinas, anda a mulher curvada pela fadiga debaixo da carga pesada que leva, de tudo o que pertence à família. Não raras vezes segurando ao peito a criança recém-nascida, traz outra maiorzinha cavalgando-lhe o pescoço, agarrada aos seus cabelos... Enquanto isso, o homem caminha à vanguarda levando apenas o seu arco e as suas flechas!

Entretanto esse fato que à primeira vista parece um sinal de inferioridade da mulher e da sua triste sorte de escrava, não o é absolutamente. Pelo contrário, explica-se pelas contingências da vida que obrigam a mulher à dura tarefa de carregar com todo o peso dos trastes familiares e dos filhinhos, ao transferir-se de um lugar para outro.

A constituição social dos *boróros* não conhece nem admite diversidade de classes. Não existem pobres e ricos, os destinados a servir ou mandar, não há proletários e patrões. Os *boróros*, embora tenham e respeitem seus chefes, se consideram todavia todos iguais; formam uma só e grande família, da qual fazem parte integrante com os mesmos direitos e iguais deveres: todos para um e um para todos.

Pois bem, como na coletividade, assim na família; a mulher e o homem, a mãe e o pai, são um para o outro, a lutar pela existência, contra as dificuldades da vida. O *boróro*, para conservar a soberania do seu vasto território e gozar dos recursos que a natureza lhe oferece para garantir sua existência, deve andar sempre atento e prevenido contra três mortais inimigos; as feras, os *kaiamodogue* (tribu inimiga) e os civilizados.

A família *boróro* que por qualquer motivo se transfere de um lugar para outro, está sujeita, a todo momento, a uma surpresa desagradável, por parte destes seus inimigos. O perigo é sempre iminente, de forma que o homem, a quem compete a proteção da mulher e da família, vai adiante, livre de todo impecilho, com as armas em punho, sempre vigilante e pronto para defesa dos seres que lhe pertencem, e não somente a ele mas à tribu. Assim, a mulher, embora sujeita às penas e fadigas exigidas pela vida e pelas vicissitudes da jornada, no conceito do *boróro*, é sempre a senhora e nunca a escrava; ocupará sempre um lugar de preeminência e nunca de sujeição. Para compreender bem esta posição de preeminência da mulher na sociedade dos *boróros*, é preciso penetrar na psicologia e na mentalidade do selvícola, ver e observar com os olhos deles mesmos e não com os nossos a sua vida e o seu ambiente. Se não for assim, em muitos casos a mulher aparecerá como escrava e oprimida pela tirania do homem.

Outra manifestação da posição social superior da mulher entre os *boróros*, a temos no costume de matar as crianças recém-nascidas, em dadas circunstâncias.

O infanticídio não vigora somente entre os *boróros*; outras tribus indígenas do Brasil o praticam. A origem deste bárbaro costume deve-se procurar antes nas exigências da vida dos selvícolas do que na sua

degradação moral. A luta pela existência e portanto a economia social, é a causa principal deste fenômeno. Um povo que vive exclusivamente do que a natureza lhe oferece, exige um número de habitantes de acordo com a extensão do território que ocupam. Se o número dos indivíduos for maior do que o permitem as riquezas naturais do território em que vivem e do qual dependem em absoluto, daí virá a impossibilidade de manutenção e a fome.

Assim se explica a inimidade mortal, a luta constante das tribus entre si. E' a necessidade de maior espaço e maiores recursos que explica também o infanticídio. Uma tribu selvagem não pode ser numericamente grande. Os recursos que a natureza, conquanto sobremaneira rica e exuberante, lhe oferece, são sempre limitados.

Este equilíbrio forçado leva a tribu a maiores males e à sua mesma extinção, como a história nos prova. Os que nascem por último não devem servir, no conceito dos *boróros*, de impedimento à vida dos que nasceram anteriormente. Do contrário, os direitos da coletividade ficariam prejudicados; o indivíduo prevaleceria sobre a comunidade.

As tribus selvagens praticam assim legalmente o infanticídio, não certamente em força do raciocínio exposto, mas como por instinto de conservação coletiva, imposta tradicionalmente por crenças supersticiosas e aberrações religiosas profundamente arraigadas no indígena.

Julgãm existir uma íntima conexão entre a criança que nasce e as aventuras da tribu.

Se a mulher próxima a ser mãe vê em sonho qualquer desgraça que pode afligir a tribu, como sejam: mortes, epidemias, ciladas dos inimigos, picadas de cobras, incêndios, inundações, raios, fenômenos perniciosos, etc.; o sonho será prognóstico nefasto, e a criança esperada é considerada como portadora da desgraça entrevista no sonho e portanto destinada a ser sacrificada logo ao nascer.

O bem coletivo exige o sacrifício da vítima e a mãe ou outra mulher, embora constrangida e com coração despedaçado, cumprirá friamente o dever que a tribu reclama e dará a morte à pobre recém-nascida. Neste fato particularmente nota-se ainda que a posição social da mulher é superior à do homem. Não é tanto aos sonhos do homem, autor da nova vida, a que dão valor e importância, mas aos da mulher.

A mulher portanto e não o homem é considerado "principium vitae". Cabe a ela, e não ao homem, caso seja exigido, sacrificar a nova vida para salvar e preservar de todo mal a tribu, cuja força coesiva ela representa.

Na contingência de sacrificar uma criança recém-nascida, somente as mulheres, a mesma mãe, ou parenta, é que tomarão parte ativa, nunca os homens. Estes permanecerão passivos e o mesmo pai fingirá, com a máxima indiferença, ignorar o fato, guardando-se de manifestar o mínimo desgosto ou pesar pelo sacrifício do filho: seria fraqueza sentimental que a tribu reprova e não admite, pois o bem coletivo deve sempre ser preferido ao bem individual.

Outra particularidade que caracteriza a importância social da mulher é o fato dela ir sempre ao encontro do marido quando volta da caça, particularmente se esta tiver sido coletiva. O homem não entra na aldeia ou em casa carregando o fruto da caça ou da pesca.

A mulher é que vai ao encontro e recebe dele, embora à porta da casa, quanto o marido traz da sua fadiga venatória. Leva-o para casa e o prepara conforme achar melhor. Também é a mulher, esposa, filha ou mãe, que levará à casa dos parentes a parte da caça destinada a eles. A mulher é sempre a dona da casa, que lhe pertence exclusivamente; o marido como tal, ali entrou porque ela quis. Este ato de sua vontade ou de sua superioridade aparece sempre em tudo que diz respeito à família. O ato de receber a caça e de levá-la para casa não é de uma simples cortesia, é a verdadeira superioridade da mulher sobre o homem e o da posição secundária do marido em relação à esposa que o aceita em casa porque ela quer. De fato, uma mulher desgostosa de seu marido, quando entende manifestar-lhe seu descontentamento e fazer-lhe uma desfeita, não sai a encontrá-lo; ao voltar da caçada, não recebe o que ele traz nem se apresenta à porta da casa. Neste caso o marido assim desfeitoado, ao chegar à porta antes de entrar, joga brutalmente no chão a caça que talvez trazia de bem longe e com grande fadiga, entra em casa, sem dizer palavra, põe o arco e a flechas no lugar de costume e sem dar um olhar à mulher que aí está muda e carrancuda, sentada ao lado do fogo, sai apressadamente e vai recolher-se à casa dos homens (*bae manzguegeu*), acabrunhado, curtindo sua mágua.

O ato da mulher é mais do que suficiente para lhe fazer entender que já não é mais pessoa grata e que as relações estão cortadas. A mulher portanto entre os boróros será sempre a "celula mater", o elemento básico essencial da sociedade familiar.

O SEXO ENTRE OS BORÓROS ORIENTAIS

1. Sexo masculino

A vida íntima entre os Boróros Orientais depende de sua organização social.

As crianças de ambos os sexos andam completamente nuas, numa simples e ingenua promiscuidade, até os 8 ou 10 anos. Nessa idade, já se nota entre elas maior reserva: é difícil encontrar meninos e meninas juntos no banho ou a brincarem. As meninas ficam em casa com as mulheres ou no terreiro brincando entre si, ajudando a mãe ou as irmãs, nos afazeres domésticos. Os meninos se reúnem em alegre sociedade, perseguindo pequenos animais, caçando com um pequeno arco e flecha feito pelo pai ou por eles próprios. Eles, porém, continuam a fazer parte da sociedade das mulheres; excluídos da dos homens e

proibidos de assistirem a certas cerimônias e ritos e entrar na casa dos homens (*baemanaguegeu*), como é proibido também às mulheres. Aos doze anos mais ou menos, o chefe, que será sempre do *clan* dos *baadagebague*, os convidará a tomar parte na sociedade dos homens. Este fato saliente na vida do *boróro*, pelo qual o jovem passa a ser considerado como adulto, separando-se das mulheres, é precedido de uma cerimônia toda particular: um rito solene e público, que marca realmente o início da vida entre os homens.

Nos dias anteriores à cerimônia, os pais preparam o menino ensinando-lhe religiosamente as tradições da tribo, a responsabilidade que vai assumir de conservá-la forte e vigorosa.

O jovem aprende tudo respeitosa e ao entrar na sociedade dos homens se acha educado e preparado para a vida conjugal e social.

O rito da iniciação reveste-se de toda solenidade. Os parentes próximos de sexo masculino, ao por do sol do dia anterior à cerimônia, o levam à casa dos homens, apresentam-no à pessoa por eles escolhida que lhe deverá servir de "*iorubadare*", espécie de padrinho. Este deve ser da dinastia dos *exerac*, se mo moço for da dos *tugaregue*, ou vice-versa. Fazem passar ao moço toda a noite em cantos e dansas junto do *iorubadare*.

E' difícil dizer uma palavra definitiva sobre essa cerimônia, porque os *boróros* são muito reservados e particularmente nestas funções da iniciação guardam o maior segredo. Durante a noite toda, não deixarão dormir o rapaz um só instante, com medo que os maus sonhos lhe tornem funesta a nova vida que vai iniciar. Logo ao nascer do sol, o jovem é enfeitado de urucum e penas de muitas cores, como costumam os *boróros* em dias de grandes festas.

Pela tarde após cantos e dansas, quando já o sol está para se por, um homem do *clan* dos *baadageba* amarra-lhe na cabeça o *pariko* (leque de penas de arara), vira-o para o lado do sol poente e manda que nele fixe os olhos; ao mesmo tempo, falando apressadamente algumas palavras, segura com a mão direita e ergue ao alto os *bá*; corre em roda do pateo e parando do lado do oriente olha para o poente e fala: *akaru paddure* (três vczes) *Bakororo bu kegeu*; *akaru paddure oroaribo òka bu kegeu* etc. Passa depois pelo lado do poente e olhando para oriente diz: *akaru paddure* (três vczes) *Itubore oka bu kegeu*; *akaru paddure pannaiare oka bu kegeu* etc. Depois disto o *bari* entrega o *baxoreu* e evoca o *maereboe* sobre o iniciado. Aproxima-se então o "*iorubadare*" (o padrinho) e termina o ato, colocando definitivamente o *bá*, enquanto continua o moço imóvel na posição de antes, fixando o sol. Com este ato termina a parte essencial do rito da iniciação; o jovem pertence desde então ao número dos homens, termina a meninice e entra na virilidade.

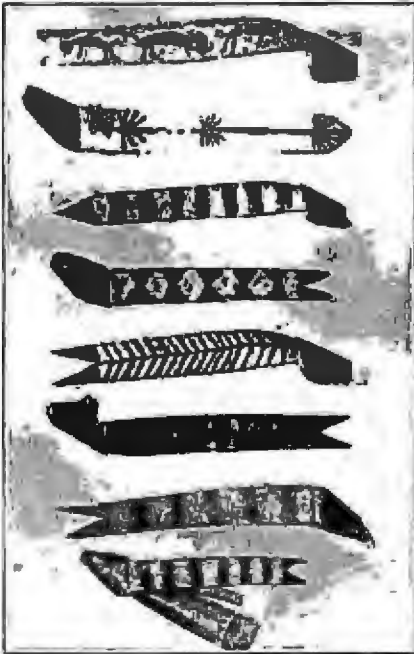
Por si mesmo tira então o *pariko* que lhe enfeita a cabeça e, pela mão do *iorubadare*, é acompanhado à casa da mãe, irmã ou tia, que o espera com parentes do seu *clan*. Ao chegar, a mãe, as irmãs e

as mulheres todas o recebem chorando amargamente com gritos e lamentos, como na morte de um ente querido. Choram porque desde aquele momento o menino, já emancipado, destaca-se da sociedade das mulheres e entra na dos homens. Deste dia em diante levará o jovem *boróro* durante toda a sua vida o *bá*, estojo peniano, que para o *boróro* é o único indispensável e insubstituível sinal de pudor. Nunca um homem se apresentará em público sem o *bá*: seria a maior falta de decência e honestidade. O *bá*, estojo peniano (expressão aliás usada por outros em estudos de etnografia indígena), é uma tira de folha da palmeira babassú ou uaguassú, à qual dão a forma de uma argola cônica.

No dia em que o jovem recebeu o *bá*, os chefes lhe comunicam os segredos reservados aos homens. Fazem-lhe ver as figuras dos animais sagrados *Aige*, os *Aroe*, etc., ensinam-lhe os ritos e cantos próprios e o admitem a todas cerimônias das caçadas e pescas. Enfim é considerado em tudo e por tudo como homem e desde já lhe será permitido escolher a sua futura esposa.

Devem-se notar diversas circunstâncias de alto valor etnográfico.

1.º São as mulheres que no dia anterior à iniciação vão à floresta em procura das folhas de babassú para o *bá*, que os moços deverão receber. São as mulheres que o preparam, os homens o entregam: é sempre a preeminência da mulher sobre o homem.



Vários "bá" com desenhos (1:5)

2.º A importância, também neste momento da vida do *boróro*, atribuída aos sonhos.

3.º A eleição de um homem de oposta dinastia, como determina a lei matrimonial da escolha da esposa, para servir de padrinho na cerimônia da iniciação e representar a esposa perante o moço.

4.º O dever olhar para o alto encarando o sol enquanto perdura a cerimônia da colocação do *bá*.

Liga-se este ato de olhar para o sol, com a cerimônia da imposição do nome aos recém-nascidos. Quando o sol desponta no horizonte, apresentam-lhe a criança, como para lhe consagrar as primícias da sua fecundidade.

5.º O pranto, os lamentos e as lágrimas da mãe e das mulheres.

6.º) Se o moço pertencer à secção dos *tugaregue*, serão os homens *exerae* que lhe ofertarão vários *bá*; se o moço pertence aos *exerae*, serão os homens *tugaregue* que lhe darão de presente estojos penianos com desenhos e cores relativos ao clan de origem.

IMPOSIÇÃO DO *BÁ* AOS RAPAZES

Akirio Boróro Keggeu (Tiago) assim descreveu esta cerimônia:

Ipare enno-ba-doddu

Boe modde tugerago aroc-gi tu-ddu
 Os Indios tomarão (a ocasião de) um *aroe* antes da sua partida;
ottodai-re; ia ipareddu u mannamaque-re, u icddogama-
 dum jovem os seus irmãos mais velhos (e) os seus avós
gue-re tumæruddæddo au tu vie-gi, tu-wo o-ba-ddu. Ixare
 eles pensam a este seu irmão menor, (de) a ele impor o *ba*. Então
exeu meri rekoddu tábo-re, ere tugeragu exeu tu vie-gi,
 daquele sol (dia) ao por-se, eles tomam aquele seu irmão menor
e-re reko baa oiadda, e-re bureddo tu-gé.
 (eles o) levam da aldeia no centro, eles (o) fazem parar ali mesmo.
Du pigi-re ixare e regoddu-re ia tu modde iorubaddare-ddo
 Depois então eles vão procurar um que se faça de *iorubaddare*
emma-u boga-i. (Tugarequeddu kegge-re e modde tugerago
 ele mesmo. Quando o jovem é *tugarequeddu* eles tomam
ia exeraeddu-gi, exeraeddu kegge-re e modde tugerago ia tugare-
 um *exeraeddu*, quando (é) *exeraeddu* eles tomarão um *tuga-re*
queddu-gi), u modde ba tugu ai-wu, boga-i, e-re
queddu), o qual o bá colocará a (ele), (eles vão) procurar, eles
bureddo tu ge. Du kege-re ixare e-re tugeragu exeu ipareddu-gi,
 (o) fazem parar ali mesmo. Depois eles tomarão aquele rapaz,
ixare e-re bureaguruddu gi, e go-re: kae, kae,
 então eles fazem dar voltas em roda do *iorubaddare* a ele, eles dizem *kae, kae,*
kae, — kae, kae, kae. e go-re: emma-reu, emma-re-u,
kae, — kae, kae kae. (Depois) eles dizem: isso mesmo (eis aqui), isso mesmo (eis
emma-re-u, ak'oredduge-re-u. Ixare e-re
 aqui), isso mesmo, (eis aqui) a tua mulher este aqui. Então eles (o) dão,
exeu ipareddu maku exeu imeddu ai. Ixare exeu imeddure
 aquele rapaz dão a aquele homem (ao *iorubaddare*). Então aquele homem
tugeragu exeu ipareddu iera-gi, ixare u-ttu-re apo tu muga
 toma aquele rapaz pela mão, então ele vai com (ele) à sua casa
kae, ixare wobe ett' araguddu-re exeu
 (choupana), então aqueles do clan (os parentes) eles choram sobre aquele
ipareddu joki. Ixare boexó dutábo-re, ixare exeu ipareddu u
 rapaz. E com a noite, então aquele rapaz ele não

nuddu kare, u nuiao pega modde puddu-i koddì ;
 dorme, porque o seu sonho mau (seria) a ele ;

ixare okwaakore panna-gi u-räre-ugue e ku-geagui barogo-ako doddu
 então toca o panna aos cantores a eles atraz até a aurora.

kae. Barogo-ako -doddu kegge-re ixare (exeu ipareddu oroe
 De manhã então daquele (rapaz os ornamentos

kurIxigo-re gi) exeu ipareddu u mannamage-re tugueragu
 muitíssimos são a ele) daquele rapaz os seus irmãos mais velhos tomam

exeu ipareddu-gi puguegge, e-re rakogeddu tu gé. Du pigi-re
 aquele rapaz novamente, eles (o) fazem levantar logo. Depois

ixare e regoddu exeu imeddu baga-i puguegge, ixare e-re
 eles correm aquele homem (jorubaddare) procurar novamente, e eles

arego ; ixare (e-re) bureaguruddu
 (o) fazem vir ; então aquele rapaz (eles) fazem girar.

gi puguegge, exeu t'ago magaddu-re puguegge.
 a ele novamente, aquilo eles dizendo como (antes) de novo.

Dukegge-re ixare e-re pariko tugu baaddageba xebequiu ao-tto ;

Depois eles o pariko põem o baaddageba inferior na testa
ixare koddu kuri oinno gexe meri buttu jaogai, ika tabo
 então (ele) vae logo assim (ornado) lá ao poente, com o "ika",

jameddu dukegge-re e-re exeu iparedduddo t'o koguddo
 também. Depois eles daquilo iniciando ao redor do seu membro amarram

ia ba-aera kagegge, tuguddu modde ai-wo ba, du tábo-re exeu
 um ba-aera porque seja posto a (ele) o ba então aquele

ipareddu-re tu ie toubo baru-tto, aiwo kare e ro-i
 rapaz a sua face levanta no céu, (para) não ver o que eles fazem

puddu-i dugi.

a ele.

Ixare baaddageba-re xiemagu, ako-re: um, um. - um, um, tu

Então o baadageba dançando diz : (a voz das almas) a sua
tareddo, tareddo baru toddu tabo ; ixare u-re t'ogwa

face levantando, levantando (dirigindo) ao céu ; então ele os seus la-
tugu ika-tto, u-re ika akoddo ; to, to, to, totototototo, to, to,
 bios põe no ika, ele o ika toca ;

ixare xiemagu gi exeu ipareddu ae, u-re tuguirimmi pigiure tu ioddo
 então dansando com aquele rapaz ele volta e aproxima,

tuvuguegge ae, ixare tuguerago xeu ipareddu o kogu-re kageggeu
 então toma daquele rapaz o ba ligado em volta

ba-gi, ixare u-re tugu biaga tu ge
 então ele (o) põe (apertá) pouco somente

Ixare exeu baaddageba-re pariko ta t' ao pigì, ixare e-re

Então o baaddageba o pariko tira da sua cabeça. Então eles

tugu u iorubaddare-r'emma-u ao-tto, ixare

(os Indios) (põem) o pariko do seu jorubaddare mesmo na cabeça, então ele

ro-re nonno exeu baaddageba ro-re: au koia-re u-re
 faz como aquele baaddageba fez : deste (jorubaddare) causa . ele

exeu ipareddu o ba tuguddo-r'emma-u-ddo. Ixare u-re
daquele rapaz o ba é colocado (estreito) completamente. Então ele o
pariko ta t'ao pigi, ixare u-re tugueragu exeu ipareddu iera-gi
pariko tira da sua cabeça, então ele toma daquele rapaz a mão,
ixare u-re úture apo tu muga kae, ixare u raguddu-re joki,
então ele vae com (ele) a sua casa, então ele chora sobre
mare wobe ett'araguddu-re joki jameddu.
(ele) e também os do clan eles choram sobre ele.
Akeddu kegge-re ixare, exeu ipareddu u-ttu-re tu muga-r'
Depois ter terminado, aquele rapaz ele vae a sua casa
emma-u kae, ixare u-xe araguddu-re joki jameddu.
mesma, então também sua mãe chora sobre (ele).

O SEXO ENTRE OS BOROROS ORIENTAIS

2. Sexo feminino

Para o sexo feminino não há iniciação. Nenhuma cerimônia solene e pública marca a passagem da menina para a puberdade. Chegada, porém, à idade de 10 ou 12 anos, quando as formas do corpo se caracterizam e particularmente quando se apresenta pela primeira vez o fenômeno próprio do sexo, a mãe e as parentes próximas, a enfeitam graciosamente com urucú, e penas multicores. Assim enfeitada recebe o chamado *kogu*, que é um cinturão largo de 12 a 13 centímetros, tirado da entre-casca de uma determinada planta chamada *kogu-í*, e preparado pelas mulheres. Ao *kogu* se une como parte integrante o *kodobie*, que é a entre-casca da planta conhecida pelo nome *kodobie-í* ou embirussú, preparado também pelas mulheres que a mastigam tornando-a flexível e suave como uma tira de pano. Passam o *kodobie* entre as pernas e o prendem nas extremidades da parte superior do *kogu*. É o único vestuário que usa a mulher. No estado de gravidez ou de luto, substituem o *kogu* por um simples cordão amarrado em redor do ventre, e no qual se prende o *kodobie*. A mulher ou a moça nunca aparecerá em público sem o *kodobie*, que, como nos homens o *bá*, é para a mulher o sinal necessário e suficiente do pudor. Nas épocas de menstruação e de gestação substitue-se o *kodobie* pelo *okuamie*; Tem o mesmo feitio do *kodobie*, mas de proporções maiores e é usado do mesmo modo.

Não é raro caso que a menina ponha o *kogu* e o *kodobie* quando ainda criança, aos cinco ou seis anos; mas então será somente como um enfeite com que a mãe quer amimar ou embelezar sua filha, excluída qualquer outra finalidade. Não o levará definitivamente se não quando chegar à idade conveniente. A cerimônia de perfurar o lóbulo das orelhas, não tem nenhum significado sexual. Não é verdade o que escreve no seu relatório sobre os *boróros* Karl von den

Stein, que os lóbulos das orelhas das meninas são perfurados pelo futuro marido dela ou pelo pai do rapaz que a pretende; esta cerimônia nada absolutamente tem que ver com o matrimônio. Deve-se somente notar uma circunstância: são sempre os homens que praticam o furo do lóbulo auricular das meninas e nunca as mulheres. Será o cacique, o pai ou irmão da menina ou uma pessoa amiga, sempre porem do sexo masculino. Muitas vezes os *boróros* escolhem o dia da iniciação dos moços para o ato de perfurar as orelhas das meninas. Preferem, porem, cumprir esta cerimonia no dia que furam o labio à criança. E' sempre uma cerimonia festiva, porem nada tem uma cousa com a outra.

O certo é que a menina, não é mais criança após a cerimonia em que lhe furaram os lóbulos auriculares e após ter recebido o *kogu* e o *kodobie*; depois de ter apparecido em público enfeitada com os adornos todos de costume, considera-se moça, com a faceirice de sua idade e sexo.

Para se tornar simpática, usa de todas as artes e astúcias. Entre os rapazes escolhe aquele que mais lhe agrada e lhe desperta a simpatia. Nem deixará tambem de lhe fazer conhecer os palpites do seu coração. Isto é sempre a mesma coisa em todos os tempos e lugares. A diferença está apenas na forma exterior que depende das circunstâncias do ambiente e da mentalidade.

Embora procure ocultar suas preferencias, tudo será logo notado, pois à sutil perspicácia dos boróros, nada escapa. Começam então a dizer que são *gerebari*, namorados. Os dois que assim se querem com recíproca simpatia, julgam-se já unidos, embora sem a intimidade do matrimônio. Em prova deste estado psicológico e como para cimentar a intenção mútua de se pertencerem e constituírem nova família, a moça, ao perceber a aproximação do incômodo mensal, avisará o moço. Este, descjando ser escolhido definitivamente como esposo, procurará dar à moça uma prova do seu amor, dando tambem ele um tributo de sangue.

Ao receber a notícia de que a moça passa pelo incômodo mensal, o moço se recolherá à casa da mãe ou irmã; assentar-se-à no chão, encostará o dorso ao esteio central da casa e ficando com o tronco ereto, introduzirá pela boca e traquéia até os pulmões um paozinho flexível, chamado *ixira* com o fim de provocar uma abundante hemorragia.

O rito tão penoso de provocar hemorragias é causa, muitas vezes, de consequências assás dolorosas, devido às infecções internas que não raras vezes produz. Os *boróros* já o temem e atualmente quasi não é mais praticado. Os velhos se queixam lamentando que a tribu perdeu seu valor; enfraquecida e pobre perecerá pela cobardia dos moços em não seguirem mais as tradições avoengas.

Do matrimônio, do que o precede e o acompanha, já foi dito no curso do livro. Assim tambem das práticas supersticiosas relativas ao mesmo, à gravidez, nascimento, infanticídio e divórcio.

PSICOLOGIA DA SEXUALIDADE

Os velhos da tribo contam que os antigos boróros eram fortes, robustos, de alta estatura, corpulentos, de extraordinária resistência à fadiga. Nas caçadas perseguiram os animais, horas e horas sem cansar. Enfrentavam, corajosos, as feras, travando luta corpo a corpo com a onça, agarrando com força as mandíbulas e partindo-as. Não temiam os inimigos; nos combates eram sempre vitoriosos e nunca vencidos.

Não era a fome ou a sede, o calor ou o frio, o sol ou a chuva que os prostravam; embora velhos, os *boróros* eram sempre fortes, vigorosos, incansáveis. Longevos, viam os filhos dos filhos e as gerações multiplicar-se; ficavam tão velhos que se lhes consumiam os dentes antes de lhe sobrevir a morte.

Esta expressão dos boróros corresponde à realidade. Naqueles antigos tempos os *Orarimogo* não sofriam dor de dentes, que se conservavam sempre sãos e fortes; somente pelo contínuo uso e pela mastigação de cousas duras e resistentes, pouco a pouco iam-se consumindo de forma que, pelos dentes mais ou menos gastos, se conhecia a maior ou menor idade do indivíduo. É de notar que os dentes, no dizer dos *boróros*, começavam a se gastar quando os cabelos iniciavam a embranquecer... e pelo que parece, nos *Orarimogo* os cabelos começam a embranquecer lá pelos 80 anos! Com esta base pode-se imaginar a avançada idade a que chegava um *boróro* para ter os dentes todos consumidos! Estes privilégios, os *boróros* afirmam que se devem atribuir ao fato de antigamente haver maior respeito às leis da tribo e maior morigeração. Os índios, os jovens de um e de outro sexo sabiam-se conter e as mesmas relações conjugais eram reguladas, não pelo prazer, mas pelo dever.

Tinham medo da luxúria, porque lhe teria feito perder a robustez, o vigor do corpo e a alegria da alma.

Os velhos *boróros* de agora lamentam amargamente que as novas gerações não sejam, como as antigas. Os homens e os moços de hoje, não são já fortes, resistentes e corajosos como os antepassados, porque atualmente os homens e os moços se dão sem medida aos prazeres sensuais. Estão profundamente convencidos de que os abusos da sexualidade debilitam física e moralmente. O corpo perde sua agilidade, graça e robustez.

A mente e a vontade perdem a sua força; a memória enfraquece, o brio e o valor desaparecem. Domina a moleza e o medo; e mais do que tudo, o coração deixa arrefecer o amor fiel e constante.

Afirmam que os antigos, para atenuar os estímulos da sensualidade usavam de algum vegetal como seja resina ou breu do jatobá (*Himenaëa*) e de outras plantas. Mastigavam e enguliam o sumo das

folhas e cascas de certas plantas ou bebiam infusões das mesmas. Por quanto foi possível averiguar, essas plantas, raízes e resinas, possuem alta porcentagem de matérias adstringentes, tanino ou cousa semelhante.

FINALIDADE ESPIRITUAL DO MATRIMONIO

Quanto mais nos aprofundamos no estudo deste povo primitivo e selvagem, tanto mais se destaca o brilho daquela luz com a qual Deus ilumina a mente do homem e os princípios da lei natural gravados por ele na alma humana. Na mentalidade do *boróro*, o matrimônio se elevam acima da materialidade e se coloca na esfera da espiritualidade perante a imortalidade da alma. Firmemente convencidos de que a finalidade da nossa vida não é o tempo, mas sim a eternidade, não põem a mínima dúvida em afirmar que após esta vida, novamente se encontrarão em uma outra que não será mais passageira, mas eterna; nesta nova vida continuarão aquela mesma união que deixaram e como a deixaram e não será mais somente para satisfazer o corpo, mas sim o espírito.

Pensam, portanto, que depois da morte, se reunirão, tal como foram separados pela morte. O primeiro dos dois que passar para o mundo dos *aroe* (espíritos) espera pelo outro. E na hora em que o companheiro ou companheira estiver também para deixar este mundo, o outro virá aguardá-lo nas proximidades do lugar da agonia. Logo que a alma se separa do corpo, irá ao seu encontro, e este encontro será sempre "um em frente do outro". Tal, pois, deve ser o recíproco encontro depois da morte, como foram as recíprocas relações durante a vida, isto é, uma eterna e inseparável união.

A este conceito espiritual da finalidade e do matrimônio, gravado na alma do *boróro* e conservado pelas leis tradicionais que regem a tribo, deve-se dar toda importância. O valor etnográfico destas idéias e conceitos é indiscutível, mas não menor é o valor moral das mesmas. A' luz que surge das escuras e ignotas florestas em que este povo selvagem perpetuou sua existência e conservou íntegra sua legislação social, claramente se vê que a alma humana, de qualquer cultura e raça, traz, gravado pelo dedo de Deus, o plano divino na união dos dois sexos.

Para melhor confirmar quanto foi dito no precedente capítulo sobre a posição social da mulher entre os *boróros*, transcrevemos parte de uma conferencia que o ilustre etnógrafo Dr. Pe. Antônio Tonelli, Salesiano, pronunciou na quinta sessão da "Semaine Internationale d'Ethnologie Religieuse", realizada em Luxemburgo, de 16 a 22 de setembro de 1929.

A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

“Entre estes índios, os direitos do matriarcado dão à mulher uma notável independência social e um absoluto domínio doméstico: ela pode escolher o esposo; pode a seu gosto livrar-se dele pelo divórcio expulsando-o de casa; durante o matrimônio não depende dele, que não é o “esposo”, no sentido que lhe damos nós, mas o simples excitador de prazer e da prole: é a dona da cabana. É também tida em alta consideração moral e intelectual. Nas lendas os conselhos mais prudentes e astutos muitas vezes são dados por mulheres velhas.

Todavia parece que a sociedade dos homens tenha, — com o correr do tempo — imposto ao predomínio mulhêr notáveis reduções; entre as outras coisas a mulher não soube conservar-se livre dos trabalhos pesados, que — como em outras tribus regidas pelo matriarcado — são feitos pelos homens. Por exemplo, entre os *Carajás*, os fatigosos trabalhos da lavoura, do transporte e da colheita para a cabana são feitos pelo marido. A canoa é propriedade da mulher; mas nas viagens ela fica sossegadamente assentada no fundo da embarcação, enquanto o marido rema. Por isto os moços diferem o mais que podem o matrimônio para não perder a sua liberdade e não serem constrangidos a trabalhar pelas mulheres.

Não é assim entes os *boróros*. Todos os trabalhos que se referem à flora e à cabana — domínio da mulher — devem ser feitos pelas mulheres, também quando pesados. Portanto elas devem carregar todos os utensílios domésticos nas migrações de uma aldeia para outra ou nos passeios de caça; e é uma trouxa grossa e pesada! Devem carregar os longuíssimos feixes de folhas e de palmeira com a qual os índios fazem o telhado da cabana. Tendo-se introduzido a agricultura, pertence às mulheres semear e colher.

Concluindo, a posição social da mulher pôde-se dizer preeminente: intelectualmente é tida em grande honra, tem muita influência e prestígio como centro e trâmite da descendência; goza de muita liberdade porque é independente dos homens e em certos campos (doméstico, matrimonial, econômico-vegetal) exerce um domínio indiscutível. Tem, porém, a seu cargo todos os trabalhos pesados que se referem à casa e ao material de origem vegetal.

RELAÇÕES ÍNTIMAS E CONTINENCIA

Pelo conjunto dos costumes acima descritos, a família não encontra mais lugar na sociedade. O matriarcado e o totemismo fizeram desaparecer o seu conceito.

O índio vê, de fato, aquele ajuntamento social elementar, formado pela mesma natureza e cimentado pelos vínculos do sangue e do amor

que nós chamamos “família”, mas não considera esta associação como ente social, isto é, não lhe dá nenhum valor e nenhuma função na sociedade.

A mãe, o pai e os filhos são considerados entidades separadas; como elementos dos respectivos clans. Perante a tribo, a *mãe* é considerada não como elemento familiar, mas como origem do *clan*.

Ela no matrimonio adquire a função social de esposa, ou melhor de *genitrix*; o *pai* é considerado unicamente como *membro da sociedade dos homens*, o qual, unindo-se a uma *genitrix*, assume (temporariamente porque pode divorciar-se) a função social de marido ou, melhor, de *genitor*; os filhos são logo considerados como membros do *clan*; todavia são entregues ao cuidado direto — até à puberdade — pela nutrição e pela primeira educação geral, à mãe e — *pro tempore* — ao pai atual. Se ele divorcia, os sucessivos esposos da mãe assumirão esta função social com relação aos filhos, que como membros do *clan* materno, ficam com a mãe. Mas, repito, estes membros da família na mente do índio existem separadamente e não são considerados como uma entidade socialmente reconhecida. Uma confirmação disto? Ei-la: o seu vocabulário não tem a palavra que indique “*família*”!

Várias causas contribuíram a destruir o valor da família. As principais são de natureza religiosa. E’ evidente que a família foi suprimida pelo *clan*; no contraste, a família areligiosa deveu ceder perante o *clan* religioso. Mais ainda. Necessariamente o *clan* é uma reunião de todas aquelas famílias que tem por mãe as mulheres que se originam do mesmo tótem; não é, porem, a reunião de todas estas famílias *íntegras*, mas de todas estas famílias *mutiladas* porque delas, para formar o *clan*, é preciso tirar os pais que são de outro *clan*. De fato o pai em todos os atos da vida religiosa e social deve unir-se ao seu *clan* e separar-se da mulher e dos filhos, que seguem o próprio *clan*. Perante a tribo é membro do seu *clan*; a *sociedade ignora que ele seja marido e pai*. Mas, pode haver o conceito de família excluindo o pai? As causas mais profundas que tiraram todo o valor à família foram: 1.º) o constituir-se do *clan*, importantíssima associação social e religiosa; 2.º) o pertencer o pai a um *clan* diferente do da esposa e dos filhos, por uma lei da exogamia.

Deve-se notar que entre os nossos índios falta a idéa de paternidade na família, talvez porque esta idéa falta como conceito religioso. Em 1.º lugar, nenhum dos três sistemas religiosos admite a existência de um Deus criador, remunerador e *pai*; mas nem sequer o culto dos antepassados (sua principal religião) dá valor à paternidade, que se oporia e destruiria o matriarcado. O elemento principal do culto dos antepassados não é tanto o totem do qual derivam, mas a ininterrupta descendência dele, sempre em linha feminina. O pior mal religioso de um *clan* é extinguirem-se as suas mulheres: ele cessa de subsistir. Portanto no seu sistema religioso social, tem importância a *maternidade*, mas não a *paternidade*.

Mas também o matriarcado serviu para destruir a família, dando à mulher uma grande independência dos homens em geral e do marido em particular. Além disto o matriarcado e o totemismo tem enfraquecido as relações de afeto e amor conjugal, que não é mantido e alimentado como entre nós pela natural atração dos sexos, e muito mais pela conformidade de idéias, de aspirações e de interesses ; mas, ao invés, nesta tribo a mulher e o homem, que se unem em matrimônio, não se esquecem que uma pertence à sociedade das mulheres e outro à sociedade dos homens, que estão entre si em contínuo contraste e em profunda divisão até mesmo na divisão do domínio das matérias alimentares naturais no campo econômico (a flora às mulheres, a fauna aos homens). Ainda mais : a vergonha de aparecer esposo e pai testifica que o homem, em todas as suas manifestações sexuais e especialmente no matrimônio, experimenta um obscuro sentimento quasi de culpa e de inferioridade, que certamente perturba as relações de afeto entre marido e mulher. Por estas causas, e talvez também por outras, o amor conjugal entre estes índios apresenta elementos psicológicos muito diferentes daqueles que regulam as relações conjugais das nossas famílias. Evidentemente prevalece o fator sexual : os outros fatores exercem sobre o amor mais uma ação dissolvente do que de união.

OS FILHOS

De muitos indícios depreende-se que as mulheres em geral não gostam de ter muitos filhos. Amiúde usam vegetais que são julgadas aptas para impedir a concepção ou para causar a esterilidade ou para produzir aborto. Para isto usam também práticas mecânicas.

O filho — recém-nascido — corre risco de ser eliminado. A tribo ou manda ou admite como lícitas todas estas práticas inumanas e contrárias à natureza, sancionando monstruosos desvios do senso moral.

Junto aos nossos índios não existem casos de ilegitimidade de prole : todos tem os mesmos direitos e deveres conforme o *clan* a que pertencem. A sociedade não vai em busca da *paternidade*. Tem direito à *cidadania boróro todo o nascido de mulher boróro*.

Também disto se vê que a paternidade tem pouca importância junto deste povo.

Com a festa da imposição do nome e, se o filho é do sexo masculino, da operação de furar o lábio inferior, a tribo reconhece o menino como *boróro* e o confia ao próprio *clan*, obrigando *in solido* os pais, ou, na ausência deles, os outros membros do *clan* materno, a defendê-lo, ampará-lo, educá-lo e criá-lo até a puberdade. Por isto a mãe amamenta os filhos por longo tempo ; o pai e a mãe procuram a comida para toda a família.



Como as mulheres boróras carregam seus filhos.

O infanticídio — sobretudo se praticado para se livrar da prole — não é um documento de amor dos pais para com os filhos; todavia não se deve crer que todas as mulheres façam assim. Os filhos e os meninos em geral são ternamente amados, não só pelos pais, mas por todos. Os pais usam manifestações externas do seu afeto para com os filhos, como as carícias e os beijos.

Os filhos retribuem em igual medida o afeto dos pais. Faltando, porem, o conceito da família, o amor recíproco entre pais e filhos não é alimentado pelo mesmo número e pela mesma qualidade de sentimentos que o alimentam no seio de nossas famílias. O filho, que — chegando a uma certa idade — sabe ser membro do *clan*, julga-se vinculado aos pais muito superficialmente: escuta seus conselhos e depois faz como quer! Ordinariamente o filho não falta de respeito aos pais; também quando desobedece ou não quer seguir o parecer deles, não o faz por despeito, mas muito naturalmente. A falta de respeito, não só aos pais, mas a todos os anciãos é muito censurada e é o tema preferido das exortações das mães e das instruções sociais às quais assistem também os meninos. A educação dos rapazes é obra social de toda a tribo e individual das mulheres do *clan* e em particular da mãe,

mas também do pai. O pai, porém, para a educação tem um vínculo menor, seja porque os filhos não púberes estão sempre com a mãe (com o *clan*), seja porque a sua obrigação, divorciando, é temporânea. A educação individual é dada com o ensino direto do que deve saber, fazer e evitar um *boróro*; por isto os pais servem-se de mitos, apólogos e especialmente de admoestações, quando percebem que o menino transgrediu alguns destes costumes tradicionais. No admoestar, os pais usam a persuasão e evitam os castigos corporais.

Um outro importantíssimo e efficacíssimo meio de educação — educação social — consiste nos discursos, que os chefes e os anciãos fazem à noite. A educação dos rapazes servem também todas as numerosas festas não secretas do culto dos antepassados que se efetuam na aldeia.

Da educação das meninas interessam-se muito as mães. Ao chegar à puberdade, a jovem se casa; o jovem, com um rito religioso de iniciação, entra na sociedade dos homens e já deve prover ao seu sustento.

CONSERVAÇÃO DE ALGUNS USOS FAMILIARES

Embora a família não exista legalmente, vem-se, porém, alguns usos acentuadamente familiares, que se conservaram por tradição e demonstram que no começo existia a família no sentido comum desta palavra. Eis os mais característicos usos familiares:

1.º) O andar pela floresta e pelo campo, em procura do que precisa para a vida, juntos marido e mulher, embora cada um vá em busca da sua especialidade.

2.º) A mulher vai ao encontro do esposo que vem da caça e pesca e o auxilia a carregar a caça, pentea-o e lhe faz outros serviços; atos que testificam uma certa dependência da mulher, não obstante a absoluta independência do marido em todos os outros campos.

3.º) A obrigação *in solido* da alimentação dos filhos: marido e mulher põem em comum os produtos das próprias atividades para alimentar a inteira família — pai, mãe e filhos.

4.º) A coabitação da família até que dura o matrimônio, numa única cabana; note-se que a coabitação perdura também durante o período após o parto, no qual estão suspensas as relações conjugais.

5.º) *O fogo é o sinal mais claro e mais visível da família.* Numa cabana há tantos fogos quantas são as famílias que nela habitam. Eis como isto se dá: quando uma moça é aceita como esposa por um jovem, ela acende um fogo novo na cabana e — virando as costas à mãe ou à irmã maior, já casada, que trabalha ao redor de outros fogos — põe-se a cosinhar as comidas para si e para seu marido. E note-se que poucos antes ela estava ao redor do fogo de sua mãe! Ao

redor do fogo, que a jovem mulher acendeu, desenvolver-se-á toda a atividade da nova família e dela só! A nova família ignora de propósito as atividades e os acontecimentos domésticos das outras famílias que coabitam na mesma cabana! Durante a noite o marido dorme de um lado do fogo e a mulher de outro com os filhos.

Esta é a "família" reunida ao redor do mesmo fogo. Só falta o reconhecimento oficial!

6.º) As abstinências e as outras superstições praticadas pelo pai e pela mãe após o nascimento do filho, com o fim de procurar saúde e força.

Portanto o *animismo* — religião antiquíssima — reúne o pai e a mãe a praticar atos de renúncia, até a emissão do sangue, isto é: *reúne os membros da família — como tal — com vínculos religiosos ainda agora praticados.*

Estes costumes demonstram que o matriarcado e o totimismo não são instituições sociais primitivas neste povo; introduziram-se na tribo só com o tempo e dissolveram a união da família, da qual deixaram subsistir uns elementos, conservados pelo costume e julgados uteis, apesar das novas idéias".

Até aqui o ilustre etnógrafo Padre Dr. Antonio Tonelli.

SEGUNDA PARTE

Mitos dos Orarimogodogue

INTRODUÇÃO

AS lendas que seguem foram recolhidas da boca do cacique *Ukeiwaguúo* e, mais recentemente, outras nos foram reveladas por *Akirio Boróro Keggeu*.

UKEIWAGUUO

Era um ancião valente, musculoso e rijo, não obstante sua avançada idade. Os cabelos começavam apenas a branquear. Era cego de um olho, perdido numa caça em acalorada perseguição a um caeteté; havia no outro um reflexo de bondade, em completo contraste com a fama de sanguinário que adquirira na luta contra os *barae*, brancos.

Face morena, malares salientes, nariz achatado, sem o exagero dos caracteres faciais da raça, tinha sempre nos lábios um sorriso bondoso, leal e protetor.

Inteligente, audaz, astuto e prudentíssimo, conduziu bravamente os seus na luta contra os brancos no período de 1875-1900 e gozava de toda confiança. Era o homem mais indicado para ajudar-nos no trabalho de linguística e etnologia.

Tinha perfeito conhecimento da língua e dos costumes da tribo e era dotado de fenomenal memória. Recordava na versão mais autêntica todos os contos tradicionais, apontando-nos as modificações introduzidas pelo tempo. Era indigitado por todos como o mais genuíno conservador das pátrias tradições, que vinha de ensinar à juventude de inúmeras gerações. Sabia ainda de cor todos os cantos patricios, com infandas



O cacique :
"Ukeiwaguúo".

modulações de voz e variações de ritmo e com as complicadas repetições de frases.

Paciente ao extremo, sinal de sua bondade e afeto para conosco, passava horas a fio, ditando lentamente e repetindo diversas vezes a mesma frase.

E' interessante transcrever uma apreciação que o *Akirio Boróro Keggeu* — Tiago — escreveu relativa ao antigo chefe dos *boróros Ukeiwaguu* nestes textuais termos: *Ukeiwaguu* não era da família do *Badogebague* nem de outras *Exerae*. Ele pertencia apenas à família dos *Paiwoe* que é a mais pobre dos *Orarimogodogue*. Era apenas um *tugaboegare*, isto é, era um valente. Era ele humilde e quieto; todas as cousas que se lhe pediam, ele dava sem palavras e com gestos agradáveis e mansos; enfim era bom e generoso. Porisso todos lhe obedeciam e o respeitavam.

ALGUMAS PARTICULARIDADES NAS FÁBULAS . INDÍGENAS

Apresentando agora algumas particularidades e observações sobre as fábulas indígenas, teremos uma idéa do modo de se expressar dos nossos aborígenes. Lendo os textos, que mais adiante apresentamos em língua indígena, poder-se-ão revelar outras e mais importantes particularidades ao nosso estudo etnográfico. Da leitura e do estudo das lendas destes índios, aparece claramente que na mentalidade do *boróro*, pela idéa de sua origem totêmica, o nome do animal (totem) torna-se sinônimo do nome do indivíduo. Por exemplo, dizendo: *Orari e meru* = os *Orari* vão caçar, intendem dizer que os *boróros* vão caçar. *Orari* é nome de peixe com o qual os *boróros* apelidam a si mesmos. Dizendo, portanto, os *Orari* vão caçar não é entendido o peixe mas sim a gente. Este modo de se exprimir é para os *boróros* mais lógico e natural do que para nós recordar a mitologia antiga; e por isto encontra-se grande dificuldade e perplexidade na intuição do pensamento do aborígene que surge de uma mentalidade bem diversa, se não oposta à nossa.

Em diversos casos não usam os índios a palavra própria indicando uma ação determinada, mas substituem-na de vários modos. Usam de um gesto que descreve a ação, acompanhado por um som imitativo, pela partícula *inno*, "assim", ou pela frase *ro inno*, "fez assim".

O conto é calmo, sem ornatos de imagens coloridas; tem uma notável eficácia que deriva da ingenuidade e simplicidade; é minucioso, prolixo e cheio de repetições.

Quando a história pede repetições de circunstâncias quasi iguais, é a narração repetida por inteiro com as mesmas palavras de antes, introduzindo-se porem as poucas variantes occorrentes.

Por vezes há lacunas de pensamento ; então o narrador deixa o cuidado de preenchê-las à imaginação de quem escuta.

Todas as lendas são tradicionais e confiadas à memória dos índios, que as transmitem de geração em geração. Os jovens prestam toda a atenção à narrativa dos velhos e se esforçam para aprender corretamente as frases ordenadas e completas dos mitos, porque é tido em muita consideração entre eles aquele que conhece toda a história em todos os seus pormenores e que sabe expô-la fielmente.

Usam de certos remédios supersticiosos para desenvolver a memória e reter com facilidade as lendas e cantos. Mastigam, v. g., a raiz e a casca de um arbusto chamado *baxe enno-ddoreu* "bico de garça".

Para obter o desembaraço na descrição, esfregam os lábios com folhas de algumas plantas ; uma delas chama-se *makao u ke jorubbo* "remédio (que é) comida do *makao*, uma ave" ; outra é chamada *toware kurireu o jorubbo*.

Dado o interesse em conservar a tradição, a história sai quasi com idênticas palavras da boca de narradores diversos.

Evidentemente o tempo produziu variantes, que, felizmente, não alteram a essência da lenda.

INCONGRUENCIA E ANACRONISMO

São evidentes a incongruência e ilogicidade de algumas passagens descritas. A mentalidade primitiva, que escogitou e formulou os mitos, em muitos deles está diametralmente oposta ao conhecido princípio lógico : "nil volitum quin praecognitum". Uma fábula, p. ex., conta de um índio que antes de existirem peixes, teve vontade de pescar e jogou nágua ramos de diversas árvores, mandando que cada ramo se transformasse em uma espécie de peixe. Outra lenda conta que um macaco para assar o peixe, inventa o modo de acender o fogo, esfregando um pau no outro. Nenhum índio viu isso e, no entanto, afirmam que foi naquela época e daquele modo que aprenderam a acender o fogo. Poder-se-iam multiplicar os exemplos. Este é caso natural e comum entre outros povos primitivos.

Frequentes e enormes são os anacronismos que não permitem estabelecer uma idade relativa aos fatos mitológicos descritos. Eis um anacronismo típico : a lenda de *Baitogogo* diz que realmente esse herói criou a água que depois se povoou de peixes por mérito de *Baiporo* (cfr. lenda de *Baiporo*). Ao contrário o mito de *Bakororo* e *Itubore* supõe que já existissem os rios e os peixes ; e até uma de suas empresas foi a de matar os peixes que devoravam os homens. Entretanto a era de *Baitogogo* é evidentemente posterior à dos dois irmãos *Bakororo* e *Itubore*, porque esses na lenda de *Baitogogo* são lembrados como antiqüíssimos heróis.

RIQUEZA DA SUA MITOLOGIA

Os mitos são numerosíssimos. Como já foi dito, sobre cada um dos antepassados dos diversos clans, há uma lenda que conta a origem do clan. Cada objeto de seu uso, todos os seus costumes, cada um dos seres e fenômenos naturais excitaram a fantasia fecunda desse povo que formulou outras tantas lendas para explicar a origem e existência dos seres e do mundo que os circunda. Algumas lendas estão contadas só em língua portuguesa com alguma frase característica, escrita em língua indígena. Outras que foram copiadas em língua *boróro* sob paciente ditado, estão acompanhadas de tradução interlinear.

Nesta segunda parte, estão os contos em português, quer para unificar as lendas já notórias, como para tornar mais fácil e corrente a leitura, pois, para a construção do período da língua *orarimogo*, a tradução literal torna-se informe, difícil e nem sempre clara.

A MORAL DOS MITOS

Quasi todas essas lendas tem o escopo de estabelecer a origem antiquíssima de suas usanças e costumes e de inculcar nos índios o respeito à tradição e aos chefes que a fazem respeitar.

Aquí se percebe o fim de evitar as más ações, pois quem as comete é punido com a morte, com várias peripécias, no mínimo com o remorso da consciência. O cuidado para encobrir a culpa, prova a hipócrita moral, que os índios demonstram muito bem ter aprendido de seus maiores.

Para dar um juízo seguro sobre a moralidade de seu mitológico repertório, necessitaríamos ter um conhecimento mais perfeito, tanto mais que as lendas fazem pressupor outras com fundo prevalentemente ético. Observamos, no entanto, que em certo m'to, morre uma mulher porque disse uma palavra irreverente contra sua avó, e outra jovem, porque se riu de um gracejo dito pela sogra!...

O totemismo que rege e governa a vida social e religiosa dos *Orarimogo* os obriga a acreditar sua origem de animais e vegetais.

Alem do totemismo, para tornar entre eles quasi natural a relação entre os animais e o homem, concorre tambem a credence de poder um animal albergar o espírito de um índio. Dado, pois, o primitivo estado da sua mentalidade, usam uma linguagem grosseira e banal.

LENDA DE KUOGORIPIGÍU

Kuogoripig'ú era um índio do clan dos *paiwoe*. Agora é um espírito, *aroe*. Habita no poente perto de *Bakororo*, em cabanas feitas com penas timoneiras dos *xibae*, "araras amarelas-vermelhas". Um

são feitas de penas resplandecentes e é habitada pelos irmãos mais velhos ; outras com penas menos resplandecentes vermelhas e amarelas.

Quando as cabanas principiam a se estragar, as almas que as habitam, comendo e conversando, dizem : E' preciso tirar as penas do rabo dos *xibae exerae*, para consertar as nossas cabanas.

Então espalham milho pelo chão, a-fim-de que sirva de alimento aos *xibae*. Quando no pátio diante das cabanas, estão reunidos os *xibae*, as almas pegam varas compridas e, avizinhandose com precaução, apertam-lhes o rabo contra o chão. Então com grandes brados espantam as aves que fogem, deixando no chão as penas da cauda.

Com elas *Kuogoripigtu* conserta as suas cabanas.

BAKORORO E ITUBORE

Bakororo e Itubore são dois heróis *orarimogodogue*, representados, em muitas dansas religiosas, por jovens índios. Eram dois gêmeos e desde o nascimento não tiveram a pele de uma cor só, mas de duas cores, listada transversalmente.

Bakororo é alto de estatura e negro da planta dos pés à metade da perna ; tem listas transversais pretas e vermelhas alternadas daí até ao esterno onde terminam. Um losango negro vai-lhe das costas ao peito, abrangendo também a cabeça e o rosto, que é vermelho somente da testa ao lábio superior, desenhando uma semioval ; o resto do peito e das costas é vermelho. Os braços também são listrados de vermelho e preto alternativamente, terminando na metade do antebraço, preto até à extremidade dos dedos. Os cabelos negros prendem-se em dois topetes sobre a cabeça onde se enterram grampos envoltos pelo *kiogwaro* e por tufo de penas de arara.

Como insígnia própria carregam o *ika*, instrumento musical, sem ornatos e inteiramente preto.

Itubore é menor que *Bakororo*. A pele tem a mesma cor e o mesmo desenho do irmão, mas a zona alternada vermelha e preta é entremeadada por linha branca. Leva outro instrumento musical como insígnia, o *panna*, feito com quatro cabaças, tendo cada uma dois furos diametralmente opostos e ligadas com uma substância resinosa chamada *berago*. As cabaças, amarelas, são ornadas com linhas transversais de penas finíssimas de periquito.

OS DOIS IRMÃOS E OS AROE DOS ORARIMOGODOGUE

Hoje os dois irmãos habitam : *Bakororo* o poente e *Itubore* o oriente. São os caciques dos dois lugares onde, segundo a tradição, vão morar as almas dos *boróros* depois da morte. Os índios imaginam que,

depois da morte, a alma encontra-se com o *aroe* de um parente ou amigo e com ele faz uma visita a todas as cabanas das almas, tendo plena liberdade de escolher a que mais lhe agrada. Nessa viagem a alma emprega cerca de vinte dias, ou seja, o tempo que duram os ritos fúnebres, de tal modo que alcança o destino final, quando os ossos do seu corpo são sepultados na água.

Interrogado um índio sobre a origem dos dois gêmeos, antes nada quis dizer; porém, depois de muita insistência, disse que os índios nunca jamais os conheceram como homens, mas como espíritos somente.

Ukeiwaguuo foi também interrogado a respeito da história desses dois irmãos heróis. Depois de inúmeras insistências, um dia, ante a nossa palavra de nada revelarmos a nenhum índio, ciente de que ninguém nos ouvia, fechou com sumo cuidado a porta e contou-nos:

A LENDA DE BAKORORO E ITUBORE

Dizem nossos maiores que, em remotíssimos tempos, o *adugo*, “jaguar”, sobrenome de *Aroia kurireu*, gerou os dois irmãos *Bakororo* e *Itubore*. Segundo eles a história foi assim:

Certo índio foi a uma gameleira, *koddu i*, com urucú, *nonogo*, para o amolecer com o leite da árvore. Foi surpreendido nesse momento por uma onça, *adugo*, que avançou e travou com o índio uma luta que demorou desde o nascer do sol, até quando o sol chegou bem no alto, à metade do seu caminho.

O índio, exausto de forças, prestes a ser vencido, disse: *Adugo*, *adugo*, deixa-me, não posso mais; deixa-me livre. — O *adugo* respondeu:

— Sim, deixo-te livre, se me deres tua filha por esposa.

Tendo-lhe o índio prometido, acrescentou:

— Dize então a tua filha que eu moro nesta direção, mas muito longe, na última caverna. Para chegar lá, primeiro achará a cova da irara, *ipoxereu*, que é preta em todo o corpo, parda no focinho e branca no peito; depois encontrará o gato do mato, *aimeareu*, que tem a pele com listas negras transversais; depois o lobinho, *okwa*, cuja cauda é fina; depois o lobo, *rie*, com as quatro patas pretas; depois a jaguatirica, *aipobureu*, que tem a pele manchada de preto; depois o puma, *aigo*, com a pele parda, e finalmente achará a minha habitação.

O índio renovou-lhe a promessa de dar-lhe a filha como esposa e, depois de breve descanso, voltou à aldeia.

Apenas chegou, suas primeiras palavras foram:

— O *adugo* venceu-me. — E chamando a filha, disse:

— Minha filha, minha filha, o *adugo* venceu-me, mas deixou-me livre com uma condição: somente quando lhe prometi que tu serás

sua esposa. Portanto, vai e sê a esposa do *adugo*. Ele está nesta direção, na última caverna que se acha no caminho.

Encontrarás o *ipoxereu*, preto em todo o corpo, pardo no focinho e branco no peito; não é ele, vai adiante; depois encontrarás o *aimeareu* que tem a pele com listas negras transversais; não é também ele; depois o *okwa*, cuja cauda é fina; não é ainda ele; depois o *rie* com as quatro patas pretas; também não é ele; depois o *aigo* com a pele parda; não é ele, vai adiante.

Finalmente encontrarás o *adugo* de pelo fulvo, manchado de preto. Vai, portanto, e recorda-te de quanto eu disse.

A moça então tomou a direção indicada pelo pai, e depois de longa jornada, ao crepúsculo, foi-lhe ao encontro um animal que lhe perguntou:

— Onde vais?

— Vou procurar o *adugo*.

— Vem, vem, pois sou eu o *adugo*; vê, minhas patas e minhas costas, manchadas de negro.

Dizia isso, aproveitando do escuro, e a conduziu na própria caverna onde ela passou a noite. Ao amanhecer o *ipoxereu*, que outro ele não era, disse à jovem:

— Não te afastes: vou caçar, para trazer-te comida e dentro em pouco voltarei. E partiu.

A jovem tendo-o observado bem, enquanto saía, disse consigo:

— E's o *ipoxereu*, porque tens o corpo negro, pardo o focinho e o peito branco: não ficarei contigo, mas partirei logo. —

E continuou o caminho. À noite, veio-lhe ao encontro o *aimeareu*, que lhe disse:

— À procura de quem vais? —

— Vou procurar o *adugo* para ser sua esposa. —

— Bem, bem, vem cá: sou eu o *adugo*; vê minhas presas, minha cara, meu pelo que é como o do *adugo*. —

Podia dizer assim, porque estava escuro e a jovem não o distinguia. Conduziu-a então à sua toca, onde ela passou a noite. De manhã, disse o *aimeareu*.

— Espera-me que vou à caça e volto. —

A jovem fixou-o enquanto partia e disse entre si:

— E's o *aimeareu* porque tens a pele rajada. — E continuou o caminho à procura do *adugo*.

Ao cair da noite, encontrou o *okwa*, que lhe disse:

— Onde vais? —

— À procura do *adugo*. —

— O *adugo* sou eu: não vês que sou todo como ele? — E levou-a à sua cova, onde ela passou a noite. Amanhecendo disse o *okwa*:

— Não te afastes, vou procurar comida e volto. —

A jovem olhou-o enquanto saía da cova e disse para si:

— E's o *okwa*, porque tens o rabo fino, não fico contigo. —

Continuou sua marcha à procura do *adugo*. Caminhou o dia todo, encontrou à noite o *rie*, que lhe perguntou :

— Onde vais ?

— À procura do *adugo*.

— Mas sou eu o *adugo* : olha minhas unhas, minha cara, minha pele, que é igual àquela do *adugo*. —

E a jovem parou aquela noite na toca do *rie*. Ao amanhecer, disse o *rie* :

— Fica, que vou caçar e volto. —

Mas ela observou-o enquanto saía e disse de si para si :

— Não ! Tu és o *rie*, porque tens patas negras ; porisso não ficarei contigo. —

E pôs-se a caminho em busca do *adugo*.

Caminhou todo o dia, e ao anoitecer encontrou o *aipobureu*, que lhe perguntou :

— Eh ! Onde vais ? —

— Procuro o *adugo*. —

— Sou eu o *adugo*, — não vês que tenho as presas, a cara, o pelo como o *adugo* ?

E a jovem ficou aquela noite na sua toca. Amanhecendo, disse-lhe o *aipobureu* :

— Fica que vou em busca de comida e voltarei. —

A jovem olhou-o atentamente quando saía da toca e pensou :

— Não ! Tu és o *aipobureu*, porque tens o pelo branco manchado de preto. —

Em seguida pôs-se a caminho à procura do *adugo*. Tendo caminhado todo o dia, chegando à noite encontrou o *aigo*, que lhe perguntou :

— Mas onde vais ? —

— Vou à procura do *adugo*. —

— Sou eu o *adugo* ; vê minhas garras, a cara, a pele, que são como as do *adugo*. —

— E conduziu a jovem para a sua gruta, onde ela passou a noite.

Amanhecendo disse o *aigo* :

— Não te afastes, vou procurar comida e volto.

A jovem olhou-o atentamente, enquanto partia para a caça e disse consigo mesma :

— Não ! Tu és o *aigo*, porque tens o pelo fulvo. Não ficarei contigo. —

E continuou a jornada, em busca do *adugo*. Viajou o dia todo e, posto o sol, encontrou o *adugo*, que lhe disse.

— Onde vais ? —

— Vou à procura do *adugo* para ser sua esposa.

— Sou eu ! Vem comigo. —

E levou-a para a gruta onde ela passou a noite. Amanhecendo, disse-lhe o *adugo* :

— Não te afastes : vou caçar para trazer alimento para mim e para ti ; voltarei logo. —

A jovem, observando-o quando saía da caverna, pensou :

— E's verdadeiramente o *adugo*, pois meu pai disse-me que tinhas o pelo fulvo com manchas negras ; fico portanto contigo. —

E casaram-se. Tempos depois, estando ela próxima ao parto, disse-lhe o *adugo*. —

— Vou caçar. Mas não te rias, porque correrás perigo.

Tendo-se afastado o *adugo*, de repente ouviu uma voz feia e ridícula que fazia a gente rir. A jovem esposa procurou conter o riso, mas em dado momento não o pôde conter e sorriu um pouquinho. Imediatamente foi atacada por dores atrozes e caiu morta. Era um *marugoddo bakororo* (larva grande) que isto fazia de propósito.

Quando o *adugo* voltou e achou a mulher morta, rasgou-lhe o ventre e tirou dois gêmeos, aos quais pôs o nome de *Bakororo* e *Itubore*, e os fechou dentro de uma cabaça, *marabari*. Fechou-os bem e foi-se.

Passados alguns dias, foi olhar os filhos, e viu que se estavam desenvolvendo bem. *Bakororo* tinha a pele listada transversalmente de vermelho e preto sucessivamente, com os pés e as mães negros, até à metade da barriga da perna e antebraço. Os dois triângulos negros, desciam um sobre o peito e sobre as costas o outro ; o queixo e os lábios também eram negros, tendo uma lista vermelha que em forma de arco, ia da fronte quasi ao nariz. *Itubore* tinha a pele como a do irmão, mas as listas transversais eram mais estreitas e mais apertadas. Fechou-os novamente na *marabari*. Passados outros tantos dias, voltou a vê-los, e julgando-os já bastante grandes, fê-los sair e deulhes de comer. Comeram e perguntaram :

— Nosso pai, nosso pai, onde está nossa mãe ? —

— Vossa mãe morreu porque riu quando ouviu a voz do *marugoddo*.

Ouvindo isso, os dois irmãos resolveram matar o *marugoddo*.

Acenderam enorme fogueira, nela jogaram o *marugoddo* para que fosse queimado : e fugiram para a casa junto com o pai.

De improviso, sentiram então um forte ruído. Eram os ossos do *marugoddo* que estalavam no fogo. *Bakororo* curioso para saber o que tinha acontecido, disse :

— Meu pai, meu pai, quero ver o que acontece.

— Meu filho, meu filho, não clhes. —

Mas era tanta a curiosidade que se deixou vencer e, metendo a cabeça fora, começou a olhar. Nesse instante houve outro estampido fortíssimo e *Bakororo* recebeu tal golpe na face com os fragmentos dos ossos da avó, que ficou cego no mesmo momento. Seu pai gritou :

— Para a água, para a água. Atira-te nágua.

Então *Bakororo* atirou-se nágua e saiu com lindo rosto e olhos pretos.

Itubore com inveja dos lindos olhos do irmão disse :

— Meu pai, meu pai, também eu quero ver. —

E disse-lhe o pai :

— Meu filho, meu filho, não olhes. —

Mas não o escutou e, metendo a cabeça fora foi também atingido pelos pedaços de ossos do *marugoddo* que arrebentavam no fogo.

Também a ele que se tornara cego, gritou o pai :

— Para água, para água. Lança-te água.

Itubore atirou-se água e saiu com o rosto lindo e os olhos pretos como o irmão.

Queimado completamente o *marugoddo*, começaram a viver alegremente.

Viram, porém, animais que devoravam homens e determinaram obrigá-los a comer outra cousa. Até lhes disse o *adugo* :

— O *aroexeba* (gavião real, harpia) devora os homens. Se conseguirdes vencer essa ave feroz, sereis donos do mundo e tereis um grande povo sujeito a vós.

Então disse o mais velho a *Itubore* :

— Meu irmão, meu irmão, vai a nosso pai e dize-lhe que nos faça um *akigo boareu*, “corda para ser amarrada em volta da cabeça a-gui-sa-de turbante”.

Itubore pediu a seu pai que lhes fizesse um *akigo boareu*.

Disse novamente *Bakororo* a *Itubore* :

— Meu irmão, meu irmão, dize a nosso pai que nos faça um *arago*, “pesado espadão de madeira” e uma *baragara*, “pequena hasta de taquara, terminada com um osso pontudo”. E *Itubore* disse a seu pai :

— Meu pai, meu pai, faze-nos um *arago* e uma *baragara*. —

E o *adugo* fez-lhes o *arago* e o *baragara*. Então *Bakororo* cingiu a cabeça de *Itubore* com o *akigo boareu* e experimentou furar-lho com o *baragara*, dizendo-lhe :

— Quando doer, grita.

O irmão sentiu logo dor e gritou. Então os dois irmãos pediram ao pai que lhes fizesse um *akigo boareu* muito mais comprido.

O pai fez e *Bakororo* cingiu outra vez a cabeça do irmão ; experimentou com o *baragara* e não sentiu dor alguma. Então juntos foram à árvore habitada pela ave feroz. O chão estava cheio de ossadas humanas.

Então disse *Bakororo* ao irmão :

— Eu escondo-me aqui ; tu sacodes a árvore e quando o *aroexeba* te agarrar pela cabeça, abraça-te à planta e grita. —

Itubore sacudiu a árvore e o *aroexeba* caiu sobre ele, segurou com as garras o *akigo boareu* e estava já para levá-lo pelo ar, quando *Itubore* atracou-se à árvore e gritou. Então *Bakororo* surgiu rapidamente e deu um golpe de *arago* na cabeça do gavião ; com tanta força que o deitou por terra moribundo. Enquanto expirava, disse-lhe *Bakororo* :

— *Okwague-re boe-ei boe aki karega ; aroexeba aki-re-u ; a ke juko* (Que) come os homens tu não sejas ; *aroexeba* tu (és), será tua comida o macaco,

pai, kuddobo, okiwa, apogo, pobogo, kugge, parigogo, kuo-gi-re, ak'og-
o bugio, o coatí, a capivara, o tamanduá-mirim, o cervo, o mutum, a jacutinga, a jáé
wague-re.

tu comerás.

Assim realmente aconteceu ; daquele dia em diante, o *aroezeba* não devorou mais homens.

Uniram-se depois contra o *baxe koguiu* "o tuiuíú" (*mycteria americana*), ou jaburú.

Os dois irmãos quiseram matá-lo porque naquela época devorava homens. Mas não conseguiram porque com seus passos longos era mais veloz e escapava-lhes à perseguição. Então pensaram em fazer valos profundos e cheios de cipós na estrada percorrida por ele, mas a ave conseguia saltá-los por mais intrincados que fossem. Os dois irmãos pensaram então em fazer uma barreira de *poddoja*, "cipó espinhoso", não em um buraco, mas em terreno plano para embargar-lhe o caminho. Então, quando *baxe koguiu* se internou naquele monte de abrolhos, ficou preso, e os dois irmãos avançaram e mataram-no a golpes de *arago*. Ao expirar a ave, disseram-lhe :

Okwáguere boe eiboe aki karega ; baxe koguiu aki reu. Aké uto,

(Que) come gente tu não ; tuiuíú tu (és). Tua comida o *uto*,

aké areao, aké innorubo, aké reko, gire akoguague modde.

o *areao*, o *innorubo*, o *reko*, estes (peixes) tu comerás.

O que vem a ser :

— Não devorarás homens, porem alimentar-te-ás de peixes. Desse tempo em diante o *baxe koguiu* não devorou mais homens.

Naquela época também os *kiddoe* "periquitos" devoravam os homens. Então *Bakororo* disse ao seu irmão menor :

— Meu irmão, meu irmão, dize ao nosso pai que nos faça flechas *tu oddo bare*. (São frechas que terminam com ponta rombuda, usadas até hoje na caça dos papagaios, com o fim de atordoá-los, prendê-los vivos ou ao menos sem sujar de sangue as penas. O fim da caça dos papagaios é conseguir penas para enfeites. Naturalmente o leitor terá observado que os achados geniais para matar as aves devoradoras de homens, são devidos a *Bakororo* e este pede as armas ao pai por meio de *Itubore*, como se fosse este último o benjamim do pai).

Então o *adugo*, a pedido de *Itubore*, fez-lhes as flechas com ponta rombuda para matar os *kiddoe*. De fato os dois irmãos mataram grande número de um bando que passava e disseram-lhes :

Okwáguere boe-ei boe tagui karega ; kiddoe taguireu, ta gue okoddot

(Que) comem os homens animais vós não (sejais) papagaios vós (sois), a vossa comida *oko, tudure-boe, oku- re boe-gi, tagoguáguere.*
(frutos) florida coisa vós comereis.

E daquele tempo deixaram de comer carne humana, e só se alimentam de coco, raízes, frutas e flores.

Depois foram contra os peixes *paiwoe*, que devoravam todos os homens que entravam nágua. Mataram-nos usando de um estratagemas.

Envolvidos numa esteira, atiraram-se nágua; logo os *paiwoe* avançaram sobre eles e morderam a esteira ficando com os dentes presos na mesma. Quando as esteiras estavam repletas de peixes, os dois saíram dágua e mataram-nos. Isso fizeram inúmeras vezes e finalmente disseram-lhes:

Okwague-re boe-ei boe tagui karega; paiwoe tagui-reugue. Ta guè pearegue, okoguexeba, tuborexeba, apuia, rokoreu-gi tagogudguere. “Não comereis mais homens de hoje em diante. Vosso alimento será peixe; comereis: *pearegue, okoguexeba, tuborexeba, apuia, rokoreu*”.

Depois foram contra as seguintes serpentes, que devoravam os homens: *aiqe, pogoddo, kaddogwareu, ewo, bo, uaragarareu, jure, ixedogue*.

Matando-os repetiram o que já haviam dito ao *aroxeba* e demais animais já mortos:

— *Okwague-re boe-ei boe tagui karega*, — e determinaram a cada um aquilo de que se devia alimentar.

Depois de terem matado a serpente *xemirega*, improvisaram um canto, que hoje faz parte do canto *roia kiguddu* dos *baaddageba*.

MITO DE RIKUBUGU

QUE EXPLICA PORQUE MERI, SOL, E ARI, LUA, SÃO EXÊRAE E DO CLAN DOS BAADDAGEBA

Ukeiwaguuo, interrogado se antigamente o sol habitasse a terra, respondeu:

— *I media*, “um meu igual” disse que viu antigamente *Meri*, “o sol”. — E continuou contando o seguinte mito:

Dizem os índios que em épocas remotíssimas, *Rikubugu*, um *paiwoeddo*, foi à caça, longe, bem longe, e viu pegadas das almas, que resplandeciam de vermelho. Entrou então naquela estrada e caminhou muito, mas, à medida que avançava, sentia aumentar o calor; até que se sentiu desfalecer, devido à alta temperatura e suor; então repousou um pouco e pôs-se a escutar para saber se existia alguém naquela região. Ouviu duas vozes idênticas àquela da garça: uma forte e outra mais debil. Eram as vozes dos dois irmãos, o maior, *Meri*, “sol”; e o menor, *Ari*, “lua”.

Avizinhando-se mais, viu-os, porém teve medo e fugiu. Voltando à aldeia, correu e contou a seu pai *Bakorokuddu* que era *Baaddageba* e disse-lhe:

— Meu pai, meu pai. —

— Que há? —

— Meu pai, meu pai, achei o caminho das almas, internei-me nele e vi *Meri* e seu irmão menor *Ari*, e tomei-os para mim (isto é: serão meus e do meu clan).

Mas o pai respondeu :

— Não serão teus, mas meus; por esse motivo de hoje em diante chamar-me-ei também *Merikuri*, “grande sol” e tu chamar-te-ás *Meri* “*etawara*”, de *Meri* a sua estrada”, por causa de teu avô que se chamava *Meri*.

Alguns dias depois, disse *Bakorokuddu* ao filho :

— Meu filho, meu filho, vamos ver o caminho das almas. —

Caminharam muito tempo, até que acharam as pegadas vermelho-brilhantes no caminho das almas. O filho disse ao pai :

— Meu pai, meu pai, eis o caminho das almas *Meri*, *Ari*; eu as ganhei. Serão minhas. — O pai respondeu, porém :

— Meu filho, *Meri* não será teu, mas meu: pois com *Meri* e *Ari* estava o *boróro* (*boróro* significa também: páteo da aldeia). —

Será teu o *boróro* de *Meri* e de *Ari*, meu será o caminho fulgurante do sol e chamar-me-ei também *Meri t'awara*, “do sol o seu caminho”, isto é “caminho do sol”. —

O filho concedeu que o pai tomasse o nome de *Meri* e de seu caminho. Desde esse tempo as almas ou espíritos *Meri* e *Ari* tornaram-se *exerae*, porque *Bakorokuddo* era *exeraeddo*.

Por esse motivo os *exerae* consideram-no como seu avô e assim o chamam, enquanto os *tugaregue* o consideram e chamam “pai”.

Andaram ainda um pouco mais adiante, e depois pararam, porque sentiam-se queimar e voltaram à aldeia, mas nada disseram do que haviam visto.

Neste ponto acrescentou *Ukeiwaguuo* sorrindo :

— *Tugaregue* (*iwaguddudoguere*) e *kuddugoddu-re Meri apo Ari apo*, isto é, os *iwaguddudogue* beberam com *Meri* e *Ari*.

LENDA DE ATURUARODDO

Lenda sobre a origem de um “*mé*”, ‘tabaco’, de “*kuiadda*”, ‘milho’, do “*kiddoguru*”, ‘uma resina’, do “*akigo*”, ‘algodão’ e do “*nonnogo*”, ‘*urucú*’.

O princípio desta lenda indica o costume que tem os nossos índios quando voltam de uma caçada feliz e chegam às proximidades da aldeia, de assobiar chamando. Então as mulheres vão ao encontro dos maridos para ajudá-los a levar em casa a caça.

Eis a lenda :

Antigamente uma mulher, chamada *Aturuaroddo*, foi ao encontro do marido que voltava da caça com um *jure*, “serpente anaconda

ou sucurí" e colocou sobre as costas um grande pedaço ensanguentado da serpente para levá-lo à casa, mas colocou-o tão mal que o sangue escorrendo-lhe pelo corpo entrou nela.

Andando pelas selvas à procura de frutas com aquele sangue no corpo, chegou aos pés de um majestoso *bie i*, "genipapeiro". Vendo as frutas maduras disse :

— Quem colherá as frutas que serão meu alimento? —



Mulher que, tendo ido ao encontro dos caçadores, volta carregando um pedaço de "ki", anta.

Então o gerado pelo sangue, respondeu de dentro :

— Minha mãe, eu subirei para colher o teu alimento: —

Então o sangue saiu da mulher em forma de sucurí e subiu à árvore. A mulher, assustada, porque seu filho não era de espécie humana, quiz fugir da serpente, mas não o conseguiu, porque a sucurí desceu da árvore e voltou na mulher novamente. Chegando à aldeia, encontrou seus irmãos maiores :

— Meus irmãos, gerei um filho que não é da espécie humana, mas é um *aroe*, "um espírito". —

Seus irmãos disseram-lhe que voltasse à árvore, e ela voltou acompanhada por eles. Chegando em baixo, disse :

— Quem colherá as frutas que serão meu alimento? —

A serpente que lhe estava dentro, disse :

— Minha mãe, eu subirei na árvore e apanharei tuas frutas. —

Então saiu da mulher e subiu na árvore e colheu as frutas duras ; e vendo que a mulher fugia, desceu para voltar nela mas não conseguiu, porque os irmãos da mulher mataram-na a pauladas.

Recolheram lenha, acenderam um fogo e jogaram nele a serpente morta, para que fosse queimada, e regressaram à aldeia. Voltaram depois ao lugar onde fora queimada a serpente e viram que, de sua cinza, nascera o urucuzeiro (*nonogo*), a resina (*kiddoguru*), o fumo (*mé*) o milho (*kuiadda*) e o algodão (*akigo*).

E' por esse motivo que hoje os índios usam *kiddoguru* e *nonogo* para embelezarem-se e fumam o tabaco, comem do milho e fazem seus colares com o algodão.

Quando os antepassados viram o *nonogo*, abriram o fruto, tiraram-lhe as sementes, misturaram com água e cera de abelhas (*miawe*), acrescentaram gordura e obtiveram uma pasta vermelha de que se servem para pintar o corpo.

Quando os antigos viram o algodão, disseram :

— Que faremos disso? — Fabricaremos fios que servirão para prender as penas na extremidade de nossas flechas e fazer pulseiras para o braço e ante-braço. E' por isso que os *orarimogodogue* fazem de algodão suas ligaduras.

Quando viram o fumo (*mé*), tiraram-lhe as folhas, secaram-nas, enrolaram em forma de cigarro ; acenderam depois a ponta no fogo e começaram a fumar ; quando o fumo era forte diziam : “este é forte ! este é bom !” Mas quando não era forte, diziam : “é mau ! Não é picante !”

Vendo o milho, cortaram-no ; depois tiveram medo de comê-lo ; porem não foi todo milho que lhes incutiu medo ; temeram apenas o milho negro, que deram aos *bairé* para que o comessem e oferecessem aos *bope* e aos *maeréboe*.

Quando viram a árvore da resina, almécega, *kiddoguru*, disseram : — Eis a árvore da resina ; a resina está sobre ela, extraí-la-emos para nos ornar. —

Por esse motivo é hoje o *kiddoguru* usado como ornamento.

Aquí terminou *Ukeiwaguo* sua história.

* * *

Acrescentaremos, porem, que conservam essa resina dentro de cabaças e quando adoece algum membro da família, a mãe ou qualquer outro parente esquenta a resina e mistura com pó de carvão de alguma planta medicinal e applica-a em forma de listas pela face ou de manchas

pelõ corpo. Com ela esfregam tambem utensílios (arcos, flechas, instrumentos musicais e demais ornamentos) e as partes do corpo (inclusive os ossos dos mortos), que ornã com penas, coladas fortemente ao objeto e ao corpo; portanto, o *kiddoguro* é uma resina aromática que tem dois fins, um medicinal e outro ornamental.

Convem lembrar que sendo *Aturuaroddo* do clan dos *paiwoe*, estes julgam que o sucurí, o urucú, o algodão, o fumo, o milho, e o *kiddoguro* i, são seus antepassados. Os *boróros* tem medo de ficar com restos de *kiddoguro* e penas de que se serviram para enfeitar os ossos do defunto e por isso os queimam.

LENDA DE JOKURUGWA OU MERIRIPORO

LENDA DA INUNDAÇÃO GERAL

Em remotíssimas épocas, os índios fizeram no rio, um parí, *kago*, e um homem, um tal *Jokurugwa* (esplendor dos olhos), foi ver se na rede havia muitos peixes. Qual não foi, porem, a sua surpresa ao encontrar o espírito *jakomea* amarelo (pois há três espécies de espíritos *jakomea*: um amarelo, vermelho outro, e negro o terceiro). Aproximou-se em ponta de pé e frechou-o. Então *jakomea*, para castigá-lo, mandou crescer as águas. A água fazia "pof" e inundava a terra. Então aquele homem começou a fugir; correu à procura dos índios e começou a gritar-lhes:

— Fugí, fugí; a água vem contra nós. —

• Sempre fugindo, chegou à aldeia e começou a gritar:

• — Fugí, fugí, porque a água se aproxima. —

Correu à sua cabana, tomou de um tição aceso e com ele fugiu adiante das águas, subiu num primeiro morro até ao cume, e escalou um segundo e o cume de um terceiro.

Os índios não lhe deram crédito e quiseram ficar onde estavam; quando a água estava para alcançá-los, começaram a fugir, mas foram cobertos por ela e pereceram, e suas aldeias foram destruídas. A água matou tambem os pássaros, as feras e todos os seres.

Somente *Jokurugwa* vivia ainda, porque se tinha refugiado no cume do monte onde sentou num pequeno espaço, o único que ficara enxuto.

Então olhou em volta e viu que as águas tinham coberto as selvas, as savanas e chegava até o monte; e subiam ainda; chegaram até o lugar onde ele se assentava e aí pararam. Então pegou uma pedra, abrasou-a no fogo que consigo trouxera e, tirando-a do fogo, arremessou água que fez "xiú" e começou a diminuir; aqueceu outras e atirou-as de cá e de lá e a água cada vez mais descia, até tornar descoberta a planície. Então desceu do monte, dirigiu-se para a aldeia e assobiou, chamando os índios, mas ninguém respondeu ao seu assobio; eie disse:

— Pobrê de mim! não acharei mais os meus companheiros; com certeza a água destruiu-lhes a aldeia. —

Procurou e olhou, todavia, muito tempo em derredor e, finalmente, encontrou um pequeno rasto de um *pobogo*, "veado". Então assobiou novamente e o *pobogo* respondeu ao seu assobio.

Dirigiu-se para aquele lugar e ao pé de uma palmeira encontrou uma cervo encolhida no chão e dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

— Certamente foste tu que respondeste ao meu assobio. —

Ela respondeu:

— Sim, sim, fui eu que respondi, usando da palavra dos índios. —

Então o índio desposou-a e teve muitos filhos e filhas: primeiro teve um filho que tinha a cara e as patas de cervo; depois teve uma filha com rosto humano, mas com pelo em todo o corpo; depois teve um filho cujas mãos, pés, e cabeça eram, como as nossas mãos, os nossos pés e a nossa cabeça, mas com manchas de pelo curto; depois nasceu uma filha com um pouco de pelo no peito e nas costas; depois um filho com apenas alguns pelos na espinha dorsal. Os demais filhos e filhas nasceram todos sem pelo algum. Então dividiu seus filhos em duas secções: a alguns considerou *exerae*, aos outros *tugareque*, e estabeleceu que homens e mulheres *exerae* esposassem os *tugareque* e os *tugareque* aos *exerae*. E' por isso que, até hoje, os índios fazem assim:

* * *

Esta lenda é muito importante porque acena à divisão da tribo nas duas secções dos *tugareque* e dos *exerae* e à prática daquela rigorosa exogamia entre duas secções que até hoje está em uso. Não se deve acreditar porém que esta lenda conte o primeiro nascer das duas secções, porque *Jokurugwa* não fez sinão restabelecer as duas secções desaparecidas por causa do cataclisma. Assim também a instituição dos 8 clans e do matriarcado que lhes está anexo, são muito anteriores; por esse motivo *Jokurugwa* pôs suas filhas e seus filhos *tugareque* e *exerae*, primeiros estípetes dos clans novamente restabelecidos.

LENDA DE BAITOGOGO (1)

Sobre a origem da água e do uso dos ornamentos

Para se entender esta lenda em todo o seu significado, etno-ó-gico, convem considerar que em, remotíssimas épocas, os dois caciques hereditários da aldeia, *baaddageba*, eram os primogênitos dos dois clans *aroroe* e *apibureque*. O *baaddageba* dos *aroroe*, representava *Bakororo* e mandava mais.

(1) *Baitogogo* é um apelido; seu verdadeiro nome é *Birimoddo*.

No tempo da lenda os dois chefes da vila eram *Akario Borogo* dos *Apiburegue* e *Baitogogo* dos *aroroe*.

Ukeiwaguuo acenou a esta lenda dizendo que antigamente os índios eram como os brancos ; não furavam o lábio e as orêlhas, não traziam o *bá*, como fazem hoje. Foi no tempo antigo que os *aroroe* e os *apiburegue* ensinaram a fazer essas coisas.

Depois, porem, mais tarde, interrogado quem, segundo a crença do índio, tinha criado o céu, a terra, as árvores, as águas, os animais e os homens, respondeu com esta inesperada lenda :

A LENDA

Os índios não sabem quem criou o mundo e a natureza, nem quem os criou. Os nossos antepassados disseram que o cipó, *ikureddu*, saiu espontaneamente do terreno, que depois apareceu o jatobá, *bokwadd'i* que por este motivo é uma árvore tão grande e majestosa. Em seguida saiu do terreno o *okoddu i*, a vegetação dos lugares paludosos, devido à água nascente.

Contam os índios que *Baitogogo*, um *aroroeddo*, o chefe de maior autoridade, fez surgir a água que antes dele não existia... A coisa aconteceu assim : a mulher de *Baitogogo*, que era dos *Bokodori exerae*, foi com outras buscar fruta na selva. O filho, chorando, disse-lhe :

— Minha mãe, eu vou com a senhora. —

— Não venhas comigo.

Mas o filho, sem ser visto, seguiu a mãe que ao pé de um *parorí*, foi violada por um índio dos *kie* ; (esta era uma culpa gravíssima, não só pelo adultério, mas também pela infração da rigorosa lei da exogamia, pois o índio dos *kie* e a mulher dos *Bokodori* eram ambos *exerae*).

Quando o filho viu isso, voltou à aldeia e contou ao pai o sucedido. O pai pegou seu arco e disse :

— Vamos lá, quero ver eu também. —

Quando lá chegou, lançou muitas frechas contra o homem, dizendo :

— Toma uma ferida no ombro, mas não morrerás, — e frechou-o no ombro. —

— Toma uma ferida no braço, mas não morrerás, — e frechou-o no braço. —

— Toma uma ferida na coxa, mas não morrerás, — e frechou-o na coxa. —

— Toma uma ferida na nádega, mas não morrerás, — e frechou-o na nádega. —

— Toma uma ferida na perna, mas não morrerás, — e frechou-o na perna. —

— Toma uma ferida na cara, mas não morrerás, — e frechou-o na cara. —

— Toma uma ferida nas costas e morrerás, — e frechou-o nas costas e morreu. —

Então *Baitogogo* pegou sua mulher e a conduziu à aldeia. Durante a noite, enquanto ela dormia, a enforcou com a corda do arco; depois chamou quatro espécies de tatús: o *bokodori*, o *gerego*, o *enokuri* e o *okwaru*, e fê-los cavar no mesmo lugar onde a mulher dormia e nesse buraco a sepultou. Em seguida arrumou bem a terra e ocultou-a com uma esteira, para que os índios não descobrissem sua má ação. —

De manhã, perguntou o filho:

— Meu pai, meu pai, onde está minha mãe?

O pai respondeu:

— Tua mãe foi verter água. —

O filho andou pelos arredores à procura de sua mãe e voltou dizendo ao pai:

— Não a achei; aonde foi? —

E seu pai:

— Foi para suas necessidades naquela direção. —

Procurou novamente por muito tempo e voltou chorando:

— Não a achei.

Seu pai disse:

— Tua mãe foi procurar lenha, frutos de palma, fruta de *parorí*. —

Então o menino foi chorando nos bosques de *parorí* e de palmeiras, e, não achando sua mãe, voltou a seu pai e disse:

— Meu pai, meu pai, não achei minha mãe; ela morreu. Pobre de mim, pobre de mim! —

O menino sentiu imensamente, não comia mais, emagrecia a vista dolhos e chorava, enquanto caminhava por todos os lugares procurando sua mãe.

Baitogogo, que tinha duas mulheres, um dia se achava sentado fora da cabana com a que não tinha matado, quando o filho se transformou em um pássaro e começou a cantar: “e, e, e, e”, e saiu voando em procura de sua mãe, mas voando deixou cair um pouco de esterco nos ombros de *Baitogogo*, que disse à sua mulher:

— Olha o que caiu no meu ombro. —

A mulher olhou e disse:

— Alguem te jogou esterco. —

O marido disse:

— Tira e lava. —

Ela lavou, mas o esterco não saiu e o marido disse: Lava de novo.

Ela inutilmente lavou, porque não saía a sujeira.

— Lava com mais força. —

Mas o esterco em vez de desaparecer, começou a crescer nos seus ombros e cresceu tanto que ficou um *bokuadd'i*, “jatobá” (uma das maiores árvores da floresta).

Cheio de vergonha, *Baitogogo* disse a um outro *baaddageba Akaruo Borogo*:

: — Manda tu agora aos nossos súditos e expulsa-me; tenho vergonha de ficar entre os índics, com uma árvore sobre os ombros. —

Saiu da aldeia e caminhou muito; quando estava cansado, assentou-se e foi então que gerou a água, pois, no lugar onde se assentou, surgiu uma lagoa e quando se levantou e caminhou mais adiante, naquela mesma direção, correu um rio; onde ele estendia o braço, aí surgia um lago, onde apontava, corria um rio. E' por esse motivo que hoje há tanta água. Mas enquanto a água corria, formando lagos e rios, a árvore do ombro diminuía, gradativamente, até desaparecer. E visto que o lugar era bellissimo, lá colocou sua morada. Então achou o necessário para fabricar o *ika* de *Bakororo* e muitos ornamentos. Sentiu o desejo de voltar à aldeia que abandonara e seguiu para lá. Quando chegou nas proximidades da vila, começou a tocar o *ika* assim: *pupupupU*, *pupupupU*, *pupupupU*, *pU*, *pU*, *PU*, *pU*, *pU*. (1)

Parecia mesmo *Bakororo*, tinha seus ornamentos, carregava e tocava o *ika*. Então os índics que o estavam escutando, aproximaram-se dele. *Baitogogo*, porem desejou voltar à sua morada, pois era mais bela e disse ao seu colega *baaddageba Akaruio Borogo*: — Tu governarás nossos súditos; voltarei para minha cabana e não mais virei à aldeia. Então disse *Akaruio Borogo*:

— Eu irei contigo. —

Más respondeu *Baitogogo*:

— Não venhas. —

Akaruio Borogo perguntou-lhe:

— Tua morada é bela? —

Baitogogo respondeu:

— A minha morada é bellissima e é só minha. —

Então *Akaruio Borogo* quis segui-lo e seguiram-no também numerosos outros índics. Porque o lugar era longe demais, empregaram nessa viagem muitas noites.

Antes porem de partir, deixaram o poder a seus dois pais: *Baitogogo* a seu pai *Bakorokuddu* e *Akaruio Borogo* a seu pai *Akaruio Bokodori*, dois homens *exerae*, pertencentes aos dois clans que ainda hoje conservam o cargo de *baaddageba*.

Baitogogo, *Akaruio Borogo* e os índics que foram com eles, moraram muito tempo em a nova região e lá fizeram numerosos ornamentos que antes não tinham. Depois de muito tempo voltaram à antiga aldeia para levar aos companheiros todos os ornamentos que aprenderam a fabricar.

Quando *Bakorokuddu*, dentro da própria cabana os viu chegar ornados, correu ao seu colega *Akaruio Bokodori* e disse-lhe:

— Teus filhos aproximam-se.

(1) A letra maiúscula, não inicial, em uma palavra indígena, é para significar que o som é prolongado.

Akaruio não respondeu; então *Bakorokuddu* se pôs de novo a observar e voltou dizendo:

— *Eh Akaruio Bokodori!* Chegam os teus filhos. —

Então *Akaruio Bokodori* levantou-se e fôï àquêle lado e vendo-os ornados com penas, ficou com medo e estava para se esconder na sua cabana, quando *Bakorokuddu* disse:

— Fica aquí, não fujas. —

De fato ficou para recebê-los e quando chegaram disse:

— *Bakororo* chegou? —

Depois os interrogu, dizendo:

— Quem sois vós? —

Eles responderam a seus pais:

— Nós somos os *Bakororo* e os *Itubore*. —

Então *Akaruio Bokodori* cantou assim:

O! O! buremodudogue, o! o! buremodudogue tagaio butuddu puwuguege: ik'aiago u mugu kare: i vororo arua bororo bukorire.

O! O! iedaga, o! o! iedaga inago upae inno aiadugodoguezeba bakororo ovoque eigoia aregoduia avuguegge....

O! O! u manna, o! o! u manna inago upaxe inno baraexeba bakororo ovxgue eigoia aregoduia avuguegge.....

Acabado o canto *Akaruio Bokodori* quis lhe entregassem todos os ornatos que traziam: não matou os que trouxeram muitos, mas sim os que tinham trazido poucos.

* * *

Desse tempo — segundo a tradição — os índios costumam ornar o próprio corpo e os ossos dos defuntos, cantar e dançar nas cerimônias fúnebres e nas festas sociais. Nessa época também entrou o uso de furar o lóbulo auricular, o septo nasal e também o lábio inferior.

Esta lenda é muito importante também porque explica o motivo e o modo pelos quais o cargo de *baaddageba*, *boe cimigera*, antes hereditário entre os primogênitos masculinos dos *aroroe* e



Boróro com "pariko" na cabeça, e "boe ekénno taddáu" no nariz.

apiburegue, dois clans dos *tugaregue*, passou à descendência masculina de *Akaruio Bokodori* e de *Bakorokuddu*, pertencentes a dois clans *exerae*.

Ukeiwaguuu nos explicava de-fato que isto aconteceu quando *Baitogogo* e *Akaruio Borogo*, os dois *baaddageba* de então, abandonaram a aldeia, como se viu na lenda. Eles passaram o poder não aos sobrinhos homens, como pedia a tradição (talvez não tinham? Eram muito pequenos? Foram com eles?) mas aos próprios pais que eram de secção oposta, portanto *exerae*. *Baitogogo* deixou o poder a seu pai *Bakorokuddu*, ao qual entregou *oika*, ornamento simbólico, instrumento desse antiquíssimo herói; *Akaruio Borogo* deixou seu poder ao próprio pai, *Akaruio Bokodori*, do clan dos *Bokodori exerae* e entregou-lhe o *panna*, instrumento de *Itubore*, e demais ornatos característicos dele.

Quando *Baitogogo* e *Akaruio Borogo*, voltaram à aldeia, seus pais não lhes cederam o poder recebido, mas conservaram-no e transmitiram-no aos seus sobrinhos.

Assim o poder de dois clans dos *tugaregue*, moradores em cabanas contíguas, passou a dois clans dos *exerae*, habitantes do lado oposto da aldeia, sobre o curso do sol.

Desta lenda se deduz que *Baitogogo* tinha duas mulheres; portanto a bigamia é antiquíssima. Também *Bakorokuddu*, pai de *Baitogogo*, tinha duas mulheres, uma *aroroeddo* e outra *païwoeddo*. Da primeira teve *Baitogogo* e da segunda *Rikubugu*.

GUERRA COM OS KAIAMODOGUE

Os *Kaiamodogue* são os índios que habitam a margem esquerda do Rio das Mortes e o vasto *hinterland* entre esse rio e o Koluene, com os quais os nossos *Orarimogodogue* tiveram sempre brigas e lutas sangrentas que perduram até hoje. Eis um conto de uma guerra antiga entre as duas tribus.

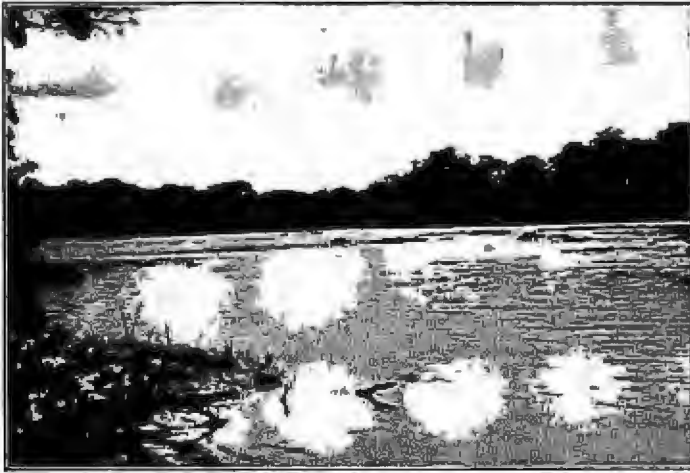
Os índios, por tradição, contam que o chefe *baaddageba*, *Birimoddo*, "pele bonita" (1), um *aroroedo*, quis fazer com alguns jovens companheiros uma expedição, para procurar urucú. Por isso cantou o canto tradicional, o que sempre fazem antes das caçadas ou incursões coletivas, e disse a outro *baaddageba* que se chamava *Aroia Kurireu*, "páno grande": —

— *Aroia Kurireu! pa-ddu-wo, kaiamodogue nonnogo kae,*
aróia kurireu! nós vamos dos kaiamodogue ao urucú.

Aroia Kurireu, disse:

— Não vamos. —

(1) *Birimoddo* é o nome verdadeiro de *Baitogogo*, sendo este apenas um apelido.



Rio das Mortes, em cuja margem esquerda habitam os "Kaiamodogue", Chavantes.

Mas *Birimoddo* :

— Vamos, eu digo. —

E *Aroia Kurireu* :

— Não vamos, eu disse. —

Depois de pouco tempo disse *Birimoddo* :

— *Aroia Kurireu, inn'ago-re pa-ddu-iago kaiamodogue nonnogo kae* eu digo que nós vamos dos *kaiamodogue* ao urucú.

— Sim — respondeu *Aroia Kurireu* — vamos. —

Falou aos jovens e disse :

— Jovens, preparai vossas cestas que iremos roubar urucú dos *Kaiamodogue*.

Quando estavam prontos, partiu com eles. Viajaram alguns dias e algumas noites, até que encontraram um bando de queixadas e prepararam-se para frechá-los; quando estavam prestes a lançar a frecha, os caitetés desapareceram. Sòmente *Aroia Kurireu* conseguiu matar um; por isso, impressionado com o acontecido, disse ao colega :

— *Birimoddo, Birimoddo*, não vamos apanhar urucú, porque os *Kaiamo* nos matarão. —

Birimoddo respondeu :

— Deixa dé caçoada, não tenhas medo; os *Kaiamodogue* nada nos farão. Continuaram a viagem por muitos dias e muitas noites e finalmente chegaram onde estava o urucú; *Birimoddo* disse :

— *Iparè, ta eddu rugaddu, 'woe: itt'aiwo-wo Kaiamodogue e immò nonnogo-gi tag'ai*

jovens, vós ficariais, pois, aqui: eu vou observar dos *Kaiamos* urucú para vós.

Foi até à vila, mas não viu os *Kaiamodogue*; a aldeia estava deserta. Voltou e disse:

— *Ta ro rakadda nonnogo tabo: nonnogo bi nure, pu gugeagui bottu kurixiga*

Vós fazei depressa com o urucú: o urucú (é) morto (seco), agora, ele mesmo nas cápsulas (está) crescido muito.

Então colheram urucú em grande quantidade e colocaram-no nas cestas. *Aroia Kurireu* disse:

— Voltemos, os *Kaiamodogue* virão matar-nos.

E *Birimoddo*:

— Deixa de brincadeira, eles não farão mal algum. —

Avançaram mais e acharam outro urucuzeiro cujo fruto colheram em parte e arrancaram com galhos os outros. Depois avançaram ainda e acharam outro urucuzeiro, bem cultivado, sinal de vizinhança de uma aldeia dos *Kaiamodogue*.

Birimoddo e *Aroia Kurireu* precederam-nos para espionar o lugar e observá-los. Então *Aroia Kurireu* viu um fogo e disse:

— *Birimoddo, Birimoddo, vêz lá o fogo dos Kaiamodogue?* Eles nos surpreenderão e nos matarão. —

— Deixa de bobagens; já te disse que eles não nos vencerão. —

E chamando os companheiros que esperavam longe, *Birimoddo* disse-lhes que recolhessem urucú e se mostrassem valerosos em qualquer emergência. Enquanto estavam devastando as cultivações de urucú, vieram os *Kaiamodogue* e cercaram-nos. Então os *Orarimogodogue* procuraram abrir caminho para a floresta, mas também lá, muitíssimos eram os inimigos; então, se bem que em número muito inferior, fizeram-lhes frente, flechando-os e procurando esquivar-se das setas inimigas. Por um pouco, conseguiram defender-se e fugir das flechas; mas depois, um após outro, todos os jovens *Orarimogodogue* tombaram valorosamente. Mas os dois *baaddageba Birimoddo* e *Aroia Kurireu*, estavam ainda quasi ilesos, dada a sua habilidade em se desviar dos golpes e entretanto eram os únicos *Orarimogodogue*, ainda em pé; assistiram com o coração despedaçado à morte de todos os seus súditos e o grito de vitória dos *Kaiamodogue*.

Aroia Kurireu disse:

— *Birimoddo, Birimoddo*, evitemos bem os golpes, senão estamos perdidos!

E eis que todos os *Kaiamodogue* divididos em duas partes, cada uma ao comando de um capitão, dirigiram-se uma contra *Aroia Kurireu*, e outra contra *Birimoddo*. Quando os alcançaram, agarraram-nos: um pelo torax, outro pelos braços, quem pela perna, quem pelo pescoço, para não fugirem mais às flechadas. Então, diante de *Birimoddo*, pôs-se um cacique inimigo e disse-lhe em voz alta:

— Far-te-ei ver que não deixamos roubar impunemente as nossas coisas. Pagarás bem caro o nosso urucú (1). Dizendo isso, usando da ponta da flecha como de um punhal, lançou-se sobre *Birimoddo* para o sangrar. Mas *Birimoddo* deu um solavanco tão forte que não só conseguiu livrar-se da flecha, que apenas lhe roçou o peito, mas também escapou das mãos dos *Kaiamo* e fugiu pelas selvas, deixando seus inimigos confusos.

Contemporaneamente, acontecia a mesma cena com *Aroia Kurireu*, que da mesma maneira conseguiu fugir das mãos dos *Kaiamo*. *Birimoddo* e *Aroia Kurireu*, encontraram-se depois na selva e disseram reciprocamente :

— Quasi que os *Kaiamodogue* nos tiraram a pele.

E encaminharam-se para a aldeia. Chegaram depois de muitos dias de viagem, cansadíssimos, mais mortos do que vivos. A notícia da morte de todos os seus companheiros, deixou a aldeia em desânimo e pranto que durou mais de uma lua.

Os dois *bor cimigera* estavam esgotados pela fadiga e pelas feridas, de tal modo que não podiam ficar em pé; por esse motivo, suas mulheres fizeram em casa uma espécie de leito ou cama com paus fincados na terra, com fortes fibras tiradas da casca de uma planta e ligadas transversalmente em forma de rede. Ali se deitaram; quasi não davam sinal de vida, nem ao menos se moviam para as suas necessidades fisiológicas.

Passadas, porem, algumas luas, os *Orarimogodogue*, que nesse tempo tinham trabalhado intensamente fazendo flechas, viram com grata surpresa que os dois chefes, certa manhã, desceram do leito e de quatro pés saíram para as suas necessidades. No dia seguinte, pelo mesmo fim e da mesma maneira, foram um pouco mais longe. Na terceira manhã, saíram caminhando em pé, mas apoiados num bastão e chegaram apenas fora da porta. Na quarta manhã, foram um pouco mais longe. No quinto dia, foram até o rio onde se restauraram com um banho. Na manhã seguinte, já foram ao rio sem bastão. Daquele dia melhoraram rapidamente, até que afinal, puderam ir à caça com arco e com flecha. A caça uma daquelas saídas, os homens davam, as primeiras vezes, poucas e ligeiras exclamações de alegre maravilha e depois, eram gritos de contentamento vendo os dois chefes restabelecidos. Quando *Birimoddo* e *Aroia Kurireu* se sentiram completamente fortes e com toda a saúde e energia dos tempos passados, convidaram *Kaboreu* e todos os índios para unir-se a eles e vingar a morte dos parentes, levando o extermínio aos *Kaiamodogue*. Todos os homens aptos secundaram o apelo e, tomando as armas, marcharam contra o inimigo. Seguindo pelo mesmo caminho da precedente e desgraçada expedição, *Birimoddo* e *Aroia Kurireu*, mostraram-lhes o lugar da

(1) Os boróros não conhecem a língua dos *Kaiamo*, e no entanto contam um seu discurso; é um dos ilogismos, tão frequentes nos contos dos povos primitivos.

primeira e segunda colheita de urucú e depois o campo do extermínio e aí descreveram ao vivo a batalha, a valorosa morte dos jovens, as próprias proezas e a venturosa fuga.

Visto que a vila estava abandonada, continuaram a marcha, mas com muita cautela. O exército ficava sob as ordens de *Kaboreu*, ao passo que *Birimoddo* e *Aroia Kurireu* exploravam o terreno, percorrendo um semi-círculo à direita e outro à esquerda, encontrando-se depois no meio; só então *Kaboreu* procedia com o exército até o ponto explorado. No primeiro dia de marcha, partindo do lugar do combate, encontraram-se num lugar de acampamento dos *Kaiamo* e ali acharam um pedaço de cinturão de mulher; no segundo dia acharam um arco quebrado e penas ornamentais dos *Kaiamo*; por outros seis dias de caminho, não acharam rasto de índio.

No terceiro dia viajaram num terreno coberto de árvores, com herva muito alta; no quarto acharam a herva um pouco mais baixa; no quinto mais baixa ainda; no sexto ainda mais baixa, no sétimo acharam um caminho de ervas ainda mais baixas; no oitavo continuaram o caminho num campo sem árvores; em o nono acharam fogos extintos dos *Kaiamo*; no décimo acharam fogo ainda fumegante; nesse ponto disseram:

— Eis, eis o seu fogo, estão perto; doravante atenção! Pernoitaram naquele lugar, no máximo silêncio. Ao amanhecer *Birimoddo* e *Aroia Kurireu* aproximaram-se e chegaram à colina que se lhes defrontava: deitados por terra, observaram e viram longe a aldeia dos inimigos e os *Kaiamo* que iam e vinham. Estudaram quais os melhores caminhos para lá chegarem, a disposição das cabanas da aldeia e quantos eram seus habitantes. Depois de visto e considerado tudo, voltaram com muita circunspeção para avisar seus súditos e disseram:

— Vimos os *Kaiamo*; a sua aldeia está além daquele monte.

À noite disseram:

— Vamos, dormiremos naquele morro e ao arrebol cairemos sobre eles, e exterminá-los-emos. —

Assim fizeram e ao amanhecer, antes da aurora, se avizinharam da aldeia, sem fazer rumor. *Birimoddo* dividiu as forças em seis círculos envolvendo a aldeia, a determinada distância um do outro; mandou *Aroia Kurireu* com um grupo de índios ao poente sobre uma estrada perto das cabanas da aldeia, para impedir a fuga dos inimigos por aquele caminho; e mandou *Kaboreu* ao levante com os jovens mais fortes, armados de *arago*, com ordem de precipitar-se no *baimannáquegeu* ao primeiro debandar dos mesmos. Ele, com alguns índios, entrou na aldeia e se postou junto à saída do *baimannáquegeu*. E todos ficaram esperando no máximo silêncio. Ao clarear, o chefe mais velho dos *Kaiamo* levantou-se e saiu de sua casa, para verter água. Então *Birimoddo* o frechou e derrubou-o ferido. Ao seus gritos levantou-se toda a aldeia, mas aquele era o sinal de avançar dos *Orarimogo*. *Kaboreu* com os seus, correu logo à cabana e com o *arago* fez uma

chacina nos homens, que colhidos improvisamente no sono e na escuridão não tiveram tempo de se reaverem e organizar qualquer defesa.

Contemporaneamente, os outros *Orarimogo* invadiram as cabanas e massacraram todos os homens, mulheres e crianças que encontraram.

Daquela aldeia, não escapou da morte um só *Kaiamo*.

* * *

Contam os índios que sob, o comando dos mesmos dois capitães, assaltaram com o mesmo êxito outra aldeia dos *Kaiamo*, mas dessa vez fugiram ao massacre um homem e uma mulher, por meio dos quais se refez a tribu.

Já contamos alhures que a hostilidade entre os *Kaiamo* e *Orarimogo* persiste até hoje.

LENDA DE BAIPORO

Sobre a origem dos peixes, em continuação da lenda de Baitogogo

Havia água, mas não existiam peixes. De fato, um homem, um certo *Baiporo* do clan dos *páiwoc*, foi às regiões ribeirinhas dum rio à procura de peixes, mas a água não os tinha, porque os peixes ainda não existiam. Então aquele homem ficou muito triste e foi em busca de flores de *kwogoi*, de *emmat*, de *irui*, de *ixegui*. Voltou ao rio com ramos floridos daquelas plantas e sentou-se à margem. Tomou daquelles ramos e atirou-os sucessivamente n'água dizendo:

— Apareça o peixe *okogue*, enquanto jogava o ramo de *kwogoi*; — apareça o peixe *araru*, enquanto jogava o ramo de *emmat*; — apareça o peixe *tuborexeba*, enquanto jogava o ramo de *irui*; — apareça o peixe *reko* e *getoboe*, enquanto jogava o ramo de *ixegui*. Feito isso, *Baiporo* olhou atentamente n'água e viu os peixes *okogue*, *araru*, *tuborexeba*, *reko* e *getoboe*, que realmente nadavam no rio. E' por esse motivo que hoje existem os peixes dentro d'água. Foi assim que os índios produziram os peixes.

Parece que *Baiporo* foi um contemporâneo de *Baitogogo*.

LENDA DO PEIXE "KUDDOGO"

Sobre a origem de um "mé", isto é, de uma folha que os índios fumam.

Baitogogo foi a causa que aparecesse um *mé* (fumo) para os seus súditos, mas por não saberem fumar, foram transformados em lontras.

- Seus dependentes foram com eles pescar e, tendo pescado muitos peixes, acenderam o fogo para assá-los e comer. Um homem, *paiwoeddo* sentando-se em redor do fogo, com a faca, abriu o ventre de um peixe *kuddogo* e viu dentro folhas de tabaco das almas. Então enterrou a faca no ventre do peixe (isto é, abriu mais amplamente o ventre), olhou e disse para si:

— Oh! Um maço de fôlhãs de fumo no ventre do peixe! —

Mas não extraíu. Antes ccultou o peixe para que os companheiros não percebessem a sua descobertã. Chegando a ncite, deitaram-se e dormiram. Então ele sentou-se, tircu o peixe do esconderijo, extraíu uma folha de *mé*, enrolou-a, fez um cigarro e acendeu no fogo; depois começou a fumar, enquanto seus amigos jaziam imersos no sono: Faziam assim: “*ppppp, pF*”, aspirando e soltando a fumaça e o cheiro do fumo espalhava-se sobre os seus companheiros. Eles acordaram e disseram:

— Aquí há cheiro de fumo! Aquí há cheiro de fumo! —

E procuraram atentamente para descobrir de onde vinha; porem o homem que tinha fumado, deitou-se e fingiu dormir. Então seus companheiros puzeram-se novamente a dormir. Ele sentou-se, reacendeu o cigarro e continuou a fumar fazendo: “*ppppp, pF*”, e espalhando a fumaça sobre os seus companheiros, cujo nariz sentiu novamente o cheiro do fumo e por isso acordaram e cada um dizia:

— Aquí há cheiro de fumo, aquí há cheiro de fumo; quero fumar também eu, quero fumar também eu. Então aquele homem falou-lhes e disse: Sou eu que encontrei o fumo no ventre do *kuddogo*. Então enrolou folhas de *mé* e fez cigarros que distribuiu aos companheiros que se puzeram a fumar tranquilamente. Mas eles não soltavam a fumaça. Antes que fumassem o cigarro, passou um vampiro por cima deles e disse: Não fumeis assim atoa, mas antes dizei: “*puff*... meu avô, recebei aí a fumaça, afastai de mim todo mal!” Assim fazendo, nada vos acontecerá; do contrário, tereis um grande castigo, porque este fumo é meu. E desapareceu. Mas eles não fizeram como o *maereboe*, que se tinha apresentado sob a forma de um vampiro, lhes tinha falado e então ao amanhecer acharam-se quasi cegos e transformados em *ippie* (ariranhas).

E' por isso que as ariranhas tem olhos muito pequenos.

Fumar é ato religioso e costume de todos os homens. O *aroetta-waraare* fuma quando invoca os espíritos; o *bari*, quando exorciza frutas e carnes de animais reservados ao *maereboe*. Há também em especiais circunstâncias, por exemplo: quando o *bope* faz o esconjuro pela queda de um bólido ou pelo eclipse do sol ou da lua, leva na boca um maço de cigarros.

ALGUNS TABACOS DOS ORARIMOGODÓGUÊ

Os *Orarimogodogue* fumam muitas folhas: eis o nome de três *ia boe e ke, mé reu* = alguns tabacos fumados pelos índios; lit. algum dos índios seu alimento tabaco.

1.º) *Mé ri taddau*, “fumo que está na pedra”; este acharam-no os *iwaguddudogue*. Talvez é a folha do verdadeiro tabaco.

2.º) *Kuddogo pigiu mé*, “fumo procedente do *kuddogo*”; é dos *paiwoe* e é o da lenda precedente. É a folha de um arbusto chamado *ui-arú*. É também uma planta considerada medicinal e serve para evitar e curar qualquer doença.

3.º) *Aroe urubá pigiu mé*; é dos *paiwoe*, porque a mulher de onde tirou a origem era *paiwoeddo*.

Da sua origem trata a lenda de *Aturuaroddo*, que já foi narrada. Fumam as três qualidades de folhas sobreditas e talvez outras, mas preferem as qualidades do fumo forte dos *barae*. Fazem cigarros finos e compridos de 15 a 20 cms., envolvendo o fumo em folhas diversas; as mais usadas são as palhas de milho. É cortesia depois de ter fumado um pouco, oferecer o cigarro aos amigos.

Quando vão à caça ou à pesca, levam o fumo em bolsas presas em barbantes à-guisa-de cclar. Um índio para esse fim usava o papo de *irú*, “*sinimbú*” (iguana tuberculosa).

MITO DOS IWAGUDDUDOGUE

Sobre a origem das quatro variedades de kuiadda (milho)

Os *Orarimogodogue* conheciam muitas variedades de milho. Uma delas não pode ser comida pelos índios, se antes não for dada ao *bari* uma parte, para que ele a coma e ofereça aos *maeréboe*.

A origem de uma variedade de milho vem descrita na lenda de *Aturuaroddo*, que já foi contada noutra parte. Quatro outras variedades tiveram a origem seguinte: Dizem que um dia, os *iwaguddudogue* acenderam um enorme fogo. Então os jovens desafiaram-se reciprocamente para ver quem saltava a fogueira, persuadidos de que se conseguissem saltar de outro lado do fogo e se durante o salto pronunciassem o nome de uma qualidade do milho, essa nasceria da cinza que ficasse. Puseram-se, portanto, em fila e começou o primeiro que saltou do outro lado do fogo, dizendo:

— *Kuiadda kigaddu-re-u imi-re-u*
milho branco eu;

“tambem o segundo saltou dizendo :

— *Kuiadda eku-re-u*
o milho amarelo eu ;

“o terceiro saltou dizendo :

— *Kuiadda kuddoboe ett'au-re-u immi-re-u*
o milho dos *kuddoboe* a sua cabeça eu

“tambem o quarto saltou dizendo :

— *Kuiadda geriguigo eimoddo-re-u immi-re-u*
o milho tartaruga semelhante eu ;

“o quinto fez o salto, dizendo :

— *Kuiadda ra-tu-goddo tabo-re-u immi-re-u*
o milho osso sua carne com sou eu.

O primeiro saltou bem e transformou-se em *nabure*, “arara vermelha”; o segundo saltou tambem otimamente e se transformou em *Kurugugwa*, “falcão”; no mesmo modo conseguiram saltar o terceiro e o quarto jovens que tambem se transformaram em aves diversas. O quinto formou a corrida para saltar, mas o sexto na impaciência de saltar tambem, correu atrás a breve distância e pisou-lhe no calcanhar : então, o quinto caindo no fogo, disse : “e, e, e” e transformou-se em arara azul e amarela. E’ por isso que hoje o *kwiddo* tem o peito e o ventre amarelo por causa da queimadura do fogo e seu grito é assim : “e, e”.

Assim cresceram da cinza as quatro qualidades do milho : a quinta não, porque o jovem não conseguiu saltar do outro lado do fogo.

MITO DO PAPAGAIO QUE FAZ “KRA, KRA, KRA”

O papagaio que faz “*kra, kra, kra*” antigamente foi um menino muito guloso. Tinha o costume de engulir a comida sem mastigá-la.

Uma vez sua mãe achou frutos de *bato-i*, “mangabeira” e assou-os na cinza. O filho comeu tirando-os diretamente do fogo. São frutos cuja polpa viscosa se mantem calidíssima por muito tempo. Comendo-os tão quentes sapecaram-lhe a garganta e o menino começou a fazer : “*kra, kra, kra*”, esforçando-se por vomitar os frutos comidos. Cresceram-lhes as azas e as penas ; e tornou-se um papagaio que até hoje continua a fazer : “*kra, kra, kra*”.

* * *

Este mito é evidentemente didascálico, e ensina aos meninos a moderação no comer, as vantagens de uma boa mastigação e os danos de uma apressada deglutição.

O JUKO, O KURUGO E O ADUGO

OU SEJA A LENDA SOBRE A ORIGEM DO FOGO

Antigamente os índios viram o *juko*, “macaco”, acendendo o fogo e por isso aprenderam a fazer do mesmo modo. Antigamente o *juko* era igual aos homens; não tinha pelo, andava de canoa, comia milho e dormia na rede. Os índios dizem que certa vez, naqueles tempos tão distantes, o *juko* andava de barca em companhia do *kurugo*, “preá”, que se pôs a roer avidamente o milho que estava no fundo da barca. Então disse-lhe o *juko*;

— *Kurugo, kurugo*, não faças assim, senão furarás a barca, entrará água e tu com certeza não te poderás salvar. Se inundar o barco terás que atirar-te água e os *okogue*, “dourados”, certamente devorarte-ão. O *kurugo* não se importou e continuou a roer. O fundo da barca foi furado e inundado pela água, desaparecendo nela a barca. Então o *kurugo* começou a nadar, mas os *okogue* cercaram-no, morderam-no devorando-o. O *juko* sabia nadar habilmente e quando os *okogue* cercaram-no, colocou a mão entre as brânqueas de um, fazendo-a varar pela boca e carregando assim o peixe, saíu da água para a praia.

Errou então pela floresta, carregando sempre o peixe com o braço enfiado nas guelras, até que encontrou o *adugo* (jaguar) que lhe disse:

— Oh! Meu companheiro, meu companheiro, certamente mataste o peixe para que fosse nosso alimento. O *juko* respondeu:

— Sim, meu companheiro, eu matei o peixe para que seja nosso alimento. —

Então disse o *adugo*:

— Tu certamente mataste o peixe, mas onde está o fogo para cozê-lo? —

O *juko* mostrou ao *adugo* o sol que se estava pondo e disse:

— Meu amigo, meu amigo, corre em procura do fogo para assar o peixe. —

O sol naquele momento iluminava com sua umbela vermelha a margem da floresta.

O *adugo* disse:

— Onde está o fogo? — E o *juko*:

— Olha, ele resplandece lá mui vermelho; vai buscá-lo.

O *adugo* foi muito longe em procura do fogo, mas depois voltou e disse:

— Meu companheiro, meu companheiro, eu não encontrei a chama. — E o *juko* respondeu:

— Mas olha como resplandece vermelho e chamejante! Corre, corre novamente, mas vê se chegas verdadeiramente até ao fogo para que possamos cozer nosso peixe; corre, corre. —

Voltou então o *adugo* à procura da chama. Foi naquela ocasião que o *juko* atritou com as mãos um galho com outro e obteve luz e chama.

Nele queimou lenha e no fogo resultante assou o peixe e depois o comeu. Tendo colocado os ossos ao pé do fogo, trepou numa árvore, alguns dizem no *bokowadd'i*, e ficou em cima dela. Justamente naquele instante chegou o *adugo* que foi logo ao lugar onde o *juko* tinha acendido o fogo; observou com muito cuidado, e percebendo ter sido enganado disse:

— Mas vê o que fez aquele perverso! Vê aquilo que fez o perverso! Agora matá-lo-ei a dente! Onde foi aquele mau? —

Entretanto comeu os ossos do *okogue*, depois começou a procurar o rasto do *juko*, procurando as pegadas para perseguí-lo, mas não as achou.

Então o *juko* assobiou e o *adugo* olhou atentamente cá e acolá e não viu o *juko* que novamente assobiou. Então o *adugo* olhou para a árvore, viu o *juko* e disse:

— Meu amigo, meu amigo, desce daí. —

Mas ele não quis descer. — E o *adugo*:

Meu companheiro, digo-te que desças daí. —

Mas ele não desceu e disse:

— Não descerei, porque se descer tu me matas. —

— Não, eu não te matarei. —

Mas o *juko* não quis descer. Então o *adugo* para que o *juko* descesse fez chegar um fortíssimo vento que aproximando-se fazia assim: *ppppp, ppppp, ppppp*. O vento sacudindo a árvore, balançou de um para outro lado o *juko*, a quem faltaram as forças e gritou:

— Ai! ai! ai! Meu amigo, não tenho mais forças nos braços; socorre-me porque não tenho mais forças nos braços. — E de fato, primeiro a mão esquerda, depois os pés destacaram-se do galho, de modo que somente a mão direita tinha ficado presa a ele. Então gritou:

— Meu amigo, abre a boca para mim, porque minha mão está para se destacar.

Então, com a violência do vento, também a mão direita largou o galho. Novamente disse o *juko*:

— Meu companheiro, abre logo a tua boca para mim. —

O *adugo* escancarou a boca para o *juko* que se jogou violentamente nas fauces e escorregou para o ventre do companheiro, enquanto este debalde lambia os lábios procurando saborear o gosto da presa. Então o *adugo* partiu fazendo “*grS*” na selva, tendo seu companheiro no ventre. Mas o negócio não ia bem, porque o *juko*, que estava vivo e ileso, agitava-se no interior do seu companheiro e caminhava no ventre para cima e para baixo. Então disse o *adugo*:

— Meu amigo, meu amigo; mexe-te e vira-te devagar, digo-te move-te devagar. — Inutilmente; pelo contrário o *juko* brandiu sua facinha e a enterrou no ventre do *adugo*, afim de abrí-lo e sair. O *adugo* caiu moribundo, e o *juko* saiu do ventre. Então tirou o couro do *adugo* e com ele fez tiras que usou como enfeite, amarrando-as em redor dos cabelos. Depois foi caçar muito longe. Veiu-lhe ao encontro outro *adugo* que o observou atentamente e disse:

— Malvado, agora matar-te-ei. — O *juko* gritou altivamente:

— Sim? desafio-te que me mates; talvez que me poderias matar? Não, não conseguirás; olhá aqui um *adugo*. —

Mostrou-lhe então o couro do *adugo*, em volta da própria fronte como troféu. O *adugo* tremeu e não atacou o *juko*, mas fugiu.

* * *

Os índios trazem a faca ao pescoço, presa à-guisa-de colar; antigamente era de pedra, agora de ferro. São lâminas de canivete presas a um barbante e pendentos do pescoço.

Nesta lenda os índios narram que também o *juko* naqueles remotos tempos tinha o mesmo hábito e trazia uma faca certamente de pedra.

MODO DE ACENDER O FOGO

O método para acender o fogo, que os índios dizem ter aprendido do macaco, consiste nisso: os índios procuram dois pauzinhos de madeira tenra. Para este fim serve ottimamente qualquer pedacinho de madeira seca e mole; depois de aplainado num pequeno trecho, com uma faca,



“Riru”, pausinhos para produzir o fogo.

segura-se horizontalmente no chão. Apoia-se verticalmente sobre a parte aplainada outro pauzinho roliço e imprime-se-lhe com as mãos um rápido movimento rotatório de vai-vem. Os dois madeiros esfregados formam um pó lenhoso assás quente, no começo castanho e depois negro. No horizontal formá-se uma cavidade esférica, cuja parede é cortada levemente num dos lados com um canivete. Continuando o atrito, a miudíssima serragem que se forma, sai da fenda e produz ao seu lado um montículo de ótimo combustível. Chega o momento em que o calor do atrito é tal que torna incandescente o pó, que comunica a incandescência ao montículo de combustível então transformado em brasa.

O índio percebe pela fumaça que sai da madeira. Colocá então, em derredor da brasa folhas secas e assopra até que nasça a chama, que depois é alimentada com gravetes.

ORIGEM DAS ESTRELAS (1)

Antigamente as mulheres foram em busca de milho, mas acharam pouquíssimo, somente algumas espigas cada uma. Levaram depois um menino e desta vez foram mais afortunadas, porque acharam uma grande quantidade de milho e no mesmo lugar o socaram para fazer pão e bolo para os homens que tinham ido à caça.

O menino conseguiu subtrair grande quantidade de milho em grão e para esconder o furto às mulheres, encheu umas taquaras que preparou de propósito em grande quantidade.

Voltou à sua cabana; tirou o milho e o entregou à avó, dizendo: Nossas mães lá no bosque fazem pão de milho: fazo um para mim, porque quero comê-lo com meus amigos.

A avó o satisfez. Quando o pão estava pronto, ele e seus amigos comeram; depois cortaram os braços e a língua à avó para que não manifestasse o furto cometido e não se opuzesse a quanto tinham determinado fazer. Para o mesmo fim, cortaram a língua de um belo papagaio doméstico, e puzeram em liberdade todos os pássaros criados na aldeia.

Tinham resolvido fugir para o céu, temendo a ira de seus pais e mães. Dirigiram-se para a floresta chamaram o *piodduddu*, "colibrí"; e colocaram-lhe no bico a ponta de uma compridíssima corda dizendo-lhe:

— Pega, vóa e amarra a ponta sobre este cipó e a outra extremidade que amarraremos na perna, prenderás lá em cima, no céu. Procura prendê-la solidamente numa árvore grossa de lá.

O colibrí fez como lhe foi dito. Então os meninos, um depois do outro foram subindo, primeiro pelo cipó, servindo-se dos nós que ele naturalmente possui, como de escada; depois se penduraram na corda, que o pássaro tinha colocado na extremidade do cipó.

Então as mães voltaram e não achando os filhos, perguntaram á velha e ao papagaio:

— Onde estão os nossos filhos? — Onde estão nossos filhos? Mas nem a velha, nem o papagaio deram-lhes respostas. Uma delas saindo ao aberto, viu uma corda que chegava até as nuvens, e agarrada na mesma uma longa fila de meninos que escalava o céu.

Ela avisou as outras mulheres e todas correram para a mata e começaram a chamar os meninos afetuosamente, para que descessem, mas eles não lhes deram ouvido e continuaram a subir. Então as mães começaram a chorar e a esconjurar que descessem e voltassem a habitar com elas. Mas os meninos não só se fizeram de surdos aos pedidos de suas mães, mas até se apressaram em subir.

(1) Vide a lenda: origem do nome de algumas estrelas, pag. 253.

Então aquelas mulheres, vendo que inúteis eram seus rogos, começaram também a subir pelo cipó e terminada tal ascensão, treparam pela corda, com o fim de alcançar seus filhos.

O menino que tinha roubado o milho, se colocou último da fila, e foi portanto o último a chegar ao céu; quando chegou, viu que na corda, uma depois da outra, estavam agarradas todas as mulheres; então cortou a corda e todas aquelas mulheres caíram desajeitadamente em terra, onde se mudaram em animais e feras.

Esses meninos desnaturados, como castigo da sua monstruosa maldade e ingratidão, foram condenados a olhar todas as noites fixamente a terra, para ver o que aconteceu às suas mães. Seus olhos são as estrelas.

* * *

Nossos índios habitam a cerca de 16° lat. sul, e em tal latitude quasi todo o céu, nas sucessivas noites do ano, se mostra aos seus olhos de observadores atentos. Somente a Estrela Polar e uma pequena calota que lhe está em redor é invisível aos seus olhos. Dado o grande poder visual dos índios e a profunda escuridão noturna, que não tem quasi crepúsculo, o céu se povoa, à vista finíssima dos índios, de grandíssimo número de estrelas, que eles chamam *kuiegge*.

Do seu movimento aparente, calculam as várias horas da noite, e as estações do ano, mas não se preocupam de conhecer qual a causa de seu movimento.

AS CONSTELAÇÕES

Os índios agrupam as estrelas em constelações que algumas vezes correspondem às nossas.

Eis algumas correspondentes :

Constelação das Plêiadas . . .	<i>akiridogue</i> , "penugem branca".
„ do Corvo . . .	<i>geriquigui</i> , "tartaruga terrestre".
„ Cruzeiro do Sul . . .	<i>pari búrea</i> , "pé de avestruz".
„ dos Argonautas . . .	<i>wai</i> , "jacaré ou crocodilo".
„ do Pavão (uma parte)	<i>kuddoro</i> , "arara azul".
„ Orion, As três Marias	<i>baze iwararegue</i> , "vareta branca".
„ Escorpião (quatro pequenas estrelas e a estrela Antares) . . .	<i>upe</i> , "tartaruga".
<i>Kuiegge dogue eruguddo</i> . . .	cinza das estrelas (Via láctea).
<i>Aroe koddo</i>	estrelas cadentes.

ORIGEM DAS DOENÇAS

Antigamente os índios não sofriam doenças, mas viviam felizes isentos de qualquer sofrimento. Aconteceu que um jovem do clan dos *bokodori exerae* não ia passar alegremente as tardes e as noites no *baimannaqueggeu*, mas deitando-se perto do fogo, dormia na cabana do seu clan.

Sua avó costumava dormir sôzinha na cabana, do outro lado do fogo. Como não visse de bons olhos o que o neto fazia, uma noite se levantou e pé ante pé foi perto do jovem, e começou perturbar-lhe o sono, fazendo certos rumores que produzem mau cheiro; perto do nariz do jovem que dormia. Assim continuou a fazer todas as noites. O jovem ouvia rumores e sentia o mau cheiro durante o sono, mas não se incomodava. Como porem seus companheiros observassem que ele emagrecia e definhava a olhos vistos, recebeu fosse isso devido ao rumor e mau cheiro que sentia durante o sono. Resolveu então ficar atento, para descobrir de onde isso provinha.

Na noite seguinte, enquanto roncava, fingindo dormir, a avó se levantou, chegou-se-lhe perto e fez como em as noites anteriores. O moço abriu os olhos, e viu a avó que tornava a deitar.

Disse então para si :

— Ah ! E's tu, minha avó? Pois bem, não farás mais assim impunemente.

E continuou a dormir. No dia seguinte, levantou-se como se nada tivesse acontecido e começou a consertar as suas flechas, e ainda fez mais uma com ponta triangular chamada *raparoga*. Chegada a noite escondeu-a debaixo da esteira e deitando-se fingiu dormir. Bruxuleando o fogo, portanto bastante escuro, tirou a flecha e preparou-se para o golpe.

Então a velha que já dormira o primeiro sono, levantou-se e com muito vagar aproximou-se do neto. Quando se abaixava para fazer como de costume, foi atravessada com a flecha de ponta triangular do moço com tamanha violencia que lhe saíram os intestinos e ela morreu.

Então, o neto chamou o *okwaru*, o *enno kuri*, o *gerego* e o *bokodori*, para que estas quatro espécies diferentes de tatu cavassem uma grande cova na cabana, no mesmo lugar onde a velha dormia. Feito pelos animais o buraco, ele enterrou a avó e sobre a sepultura pôz a esteira para que nada aparecesse, temendo a desaprovação dos outros índios.

Durante esse tempo os selvagens foram à pesca e jogaram na água pedaços de ramos de planta venenosa. Voltaram à própria casa. Depois de um pouco de tempo regressaram ao rio e acharam muitos peixes à toia. Pegaram-nos levaram para casa e lá os comeram. Isso aconteceu no dia que precedeu a noite em que o jovem matou sua avó.

No outro as mulheres foram ao lugar da pesca para recolher mais peixes mortos. Então a neta da velha assassinada desejou ir, mas querendo que seu filho ficasse com a avó, gritou de fora da cabana :

— Vovó, vovó, minha avó! mas como não cuvia resposta gritou mais vezes :

— Vovó, vovó! — zangada porque a vovó não respondia, xingou a avó e se foi levando o filho, seguindo as companheiras. Perto do lugar da pescaria deixou o filho sobre um galho para que aguardasse seu regresso. Porém o menino transformou-se em um *koiwobari*, “ninho de formigas”, comumente chamado : casa de cupim.

Tendo a mulher chegado ao rio e vendo boiar muitos peixes, não fez como as demais, que sem comer carregavam os peixes e voltavam à aldeia ; ela pelo contrário comeu muitos peixes com voracidade. Eis que subitamente começou a crescer-lhe o ventre e a atormentá-la uma fortíssima dor.

Então pôz-se a gemer ; e com o gemido, saiu-lhe doença de todo o corpo. Dirigiu-se logo para casa, sempre gemendo e sempre espalhando por todos os lugares de sua passagem doenças de todas as qualidades. Chegando à aldeia, por causa dos gemidos e males que dela promanavam, foi causa de doenças e da morte de muitos *Orarimogo*, motivo pelo qual dela fugiam os índics. Eis porque hoje existem tantas doenças.

Todos, indignados contra esta mulher, queriam matá-la, mas ninguém tinha coragem de se aproximar dela. Então seus dois irmãos chamados *Birimoddo* e *Kaboreu* prepararam dois *arago* e avançaram contra a própria irinã, que também chamava-se *Birimoddo*, sendo este nome usado para homem e para mulher. Um cortou-lhe a cabeça e jogou-a ao oriente, onde havia uma lagoa e disse : *u u u, u u u, oh oh oh, au bo, oh au bo* e fincou o seu *arago* no chão. Outro irmão cortou as pernas e as jogou para o ocidente em uma lagoa e disse : *u u u, u u u, oh oh borabo, oh borabo* e fincou o seu *aragô* no chão.

LENDA DE GERIGUIGUIATUGO OU TORIBUGÔ

SOBRE A ORIGEM DO VENTO E DA CHUVA

Para melhor compreender este mito, é bom saber o que segue em relação à configuração geológica da zona habitada pelos *Orarimogo*.

LÁTERITA

Quasi todas as rochas da região equatorial do Brasil são sujeitas a uma rápida e profunda alteração por parte de agentes atmosféricos: o anidrido carbônico, a sucessão de períodos de chuvas torrenciais e desapiedadas secas, a temperatura elevada, os grandiosos fenômenos elétricos que acompanham os temporais, etc.



Aspectos da erosão da laterita.

Os produtos da decomposição são varios, sendo os mais abundantes a cal e sais de ferro. A cal é lavada quasi toda, enquanto que os sais de ferro que se formam em grande quantidade, penetram na rocha alterada que se torna permeavel e af se transformam em óxido de ferro, cimentando muitas vezes os resíduos sólidos da decomposição. Resulta uma rocha secundária vermelha ou parda pelo muito ferro que contem, chamada — laterita.

A SAVANA

Este terrenó descalcificado, muito rico em ferro, é impróprio para a vegetação de árvores de caule alto. E' ao contrário rico de arbustos pequenos e plantas pouco desenvolvidas, com evidentes fenômenos de tropofilia, pelo alternar-se constante dos períodos de seca e de chuva, e de hervas xerofitas que se desenvolvem abundantemente na estação das chuvas, mantendo-se vivas nos fustes subterrâneos e nas raizes tuberosas durante a seca.

Esta é a típica vegetação que impera no planalto de Mato-Grosso e ao qual chamamos "savana", cerrado ou caatinga.



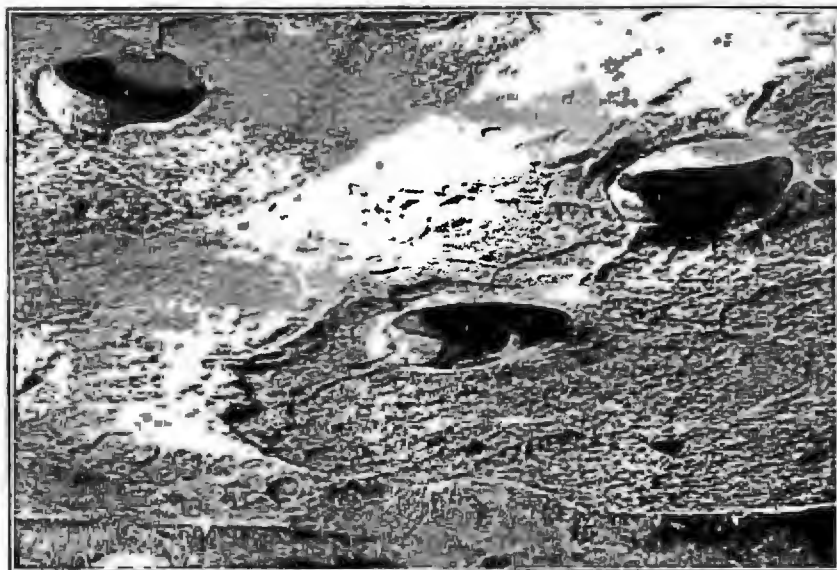
Aspetos da erosão da laterita.

EROSÃO DA LATERITA

Os produtos sólidos da decomposição da rocha primitiva são levados em grande parte pela violência das chuvas e das enxurradas, resultando uma rápida erosão superficial da laterita, que raramente se tornam uniforme sobre toda a superfície; formam-se sobre ela relevos típicos separados por uma rede de canais entrelaçados. Outras vezes, núcleos salientes de rochas resistem mais intensamente à alteração. Disso resultam relevos com forma de planaltos, de dentes, de torrões com paredes verticais chamados "Paredões", que com elevação as vezes consideravel sobre as planícies, estão a testemunhar quão profundo e rápido foi o processo da erosão da rocha.

CAVAS OU PANEAS DOS GIGANTES

Ao pé dos relevos nas planícies são frequentes as "panelas" de forma regularíssima, como se observa perto do rio no lugar chamado Tachos, onde uma altíssima saliência do planalto de onde caíam as águas, foi pela erosão retirada de algumas centenas de metros. As panelas estão cheias de terra; único terreno que vegeta sobre a rocha nua. Durante a estação da chuva dão a impressão de vasos naturais, ou tachos.



Cavas ou "panelas" produzidas pela erosão da laterita.

O XIBAE E IARI — ARARAS SEU NINHO

O *xibae* e *iari* de que trata o mito seguinte, é precisamente um dos relevos rochosos de laterita, tão frequentes em Mato Grosso, que se tornam salientes por causa de uma menor erosão da rocha. Quasi sempre cam a pique sobre a planície. Devido às paredes verticais, receberam o nome de *paredões*.

Nas paredes laterais há fendas e cavas que muitas vezes penetram profundamente na rocha. Tais cavidades de difícil acesso, são escolhidas pelo *xibae*, "araras verdes e amarelas", que nelas fazem seus ninhos. As paredes rochosas habitadas pelos *xibae*, são chamadas *xibae* e *iari* "dos *xibae* seu ninho". Também os *nabure*, "araras vermelho-verdes", fazem seus ninhos nos mesmos buracos. Quando há falta de escações, as mesmas araras fazem o buraco necessário para o ninho. Os índios costumam prender os filhotes dessas aves, para domesticá-los. Quando descobrem um ninho procuram chegar até ele de qualquer modo. Um está indicado no mito.

Um índio sobe por um longo pau colocado verticalmente sobre a rocha e sustentado por muitos dos seus amigos. Chegando ao ninho com um longo pau, o remexe, e puxa para si os filhotes que são presos e eriados. Domesticam-se facilmente. As araras domésticas tornam-se

um membro da família e os índios não as cedem aos *bracae*, nem mesmo mediante grandes recompensas. Como já foi dito, pensam que nelas se encarnam temporariamente as almas dos antepassados, depois das várias peregrinações.

A LENDA

Os antepassados antigamente estavam preparando um *bá*, para a iniciação de um jovem. Uma mulher chamada *Korogo* foi com as outras mulheres à mata, para buscar folhas de palmeira para preparar os "bá", estojos penianos. Seu filho, chamado *Geriguiguitugo*, viu-a e usou violência com ela.

A mulher voltou à cabana. O marido que se chamava *Bokwadorireu*, viu presas ao seu cinturão penas de pássaros que serviam de ornamento aos jovens *orarimcogodogue* e suspeitou. Então mandou que os índios ali presentes dansassem e ordenou o baile *iparereu* (dos moços) para descobrir o ofensor da sua mulher. Pensou que seria culpado aquele jovem que se apresentasse no baile ornado com a fina e branca pena dos pássaros. Foi feito o baile por alguns jovens enfeitados com ornamentos à sua escolha.

Durante o baile, *Bokwadorireu* observou atentamente os bailarinos para ver qual trazia penas de ave no braço. Para sua desdita somente seu filho tinha os braços ornados de penas. Não podia acreditar e por isso disse aos índios que dansassem novamente. Houve de fato novo baile. Olhou novamente os ornamentos dos bailarinos para saber qual deles tinha o braço ornado. Somente seu filho estava emplumado nos braços. Então o pai irou-se e mandou ao filho que fosse ao *Aroe e iau*, "morada das almas", para roubar-lhes o *bapo* (1).

Então o jovem correu logo à sua avó e disse :

— Vovó, vovó, papai quer que eu vá ao *Aroe e iau* para roubar o *bapo* dos *Aroe*, que ele deseja.

A avó disse :

— Tu sozinho não sairás vivo da arriscada empresa.

Disse isso mesmo, mas depois acrescentou :

— Vei ao *pioduddu*, colibrí, e com ele irás buscar o *bapo*.

(1) O *bapo* é um instrumento musical muito rumoroso com o qual os índios cadenciam os cantos e os bailes. É feito de uma cabaça esvasiada, dentro da qual são introduzidas sementes duras ou fragmentos de concha. Um pedaço de pau cilíndrico, saindo da cabaça, e unido a ela, com uma cola vegetal, serve de cabo. O *bapo rogo*, recordado mais adiante, difere por ser menor.

O *buttoe* que será citado mais adiante é uma corda que traz presas unhas de queixada ou caitetú. É ligado ao redor do tornozelo e produz um forte rumor característico.

O pai quer que o filho roube às almas objetos muito barulhentos; para que elas possam perceber o furto e portanto matem o invasor de seu reino.

Então o jovem foi ao *pioduddu* e disse :

— *Pioduddu, pioduddu*, vamos ao *Aroe e iau* buscar um *bapo*.

E foi com o *pioduddu* até a morada dos *Aroe*, onde estava o *bapo*. Como o *Aroe e iau* está nágua, o jovem sentou-se perto dela esperando o *pioduddu*, que voou no *Aroe e wari*, cortou a corda que sustentava o *bapo*; este caindo nágua fez “*jo*”. Os *Aroe* perceberam a violação de sua morada e disseram : “*um! um! um! um!*” (som gutural e nasal que se obtém com a boca fechada : é a voz das almas) e frecharam-no, mas ele voou rapidamente e os *Aroe* não o conseguiram ferir.

O *pioduddu* cortou duas vezes a corda, voltou ao jovem com o *bapo*, entregou-lho e depois voou. O moço apresentou-se ao pai e disse :

— Meu pai, eis o teu *bapo*.

A intenção do pai ao dar-lhe aquela ordem, era matá-lo por meio dos *Aroe*. Sua avó sabia porem muitas cousas e o instruiu.

Então o seu pai lhe mandou que fosse buscar o *bapo* pequeno dos *Aroe* com a certeza de que esta vez os *Aroe* o matassem.

O jovem então correu logo à avó e disse :

— Vovó, vovó, papai quer que eu volte ao *Aroe e wari* buscar o *bapo* pequeno.

E a avó disse :

— Tu só não conseguirás essa difficil empresa, mas vai ao *metugo*, juriti, e com ele irás buscar o *bapo* pequeno. — O moço foi ao *metugo* e disse :

— *Metugo, metugo*, vamos ao *Aroe e iau* buscar o *bapo* pequeno dos *Aroe*. —

Então foram juntos à margem dos *Aroe* e o jovem sentou-se lá esperando a volta do *metugo*, que voou até o *bapo* pequeno e cortou-lhe a corda. O *bapo* caindo nágua fez “*jo*” e os *Aroe* disseram : “*um, um! um! um!*” e frecharam-no. Porem o *metugo* voou com muita rapidez e porisso não ficou ferido ; entregou o *bapo* pequeno ao jovem, que, por sua vez, o apresentou ao pai dizendo :

— Meu pai, meu pai, eis o *bapo* pequeno. — Então o pai disse de novo ao filho que fosse ao *Aroe e iau* e trouxesse o *buttore* dos *Aroe*. O jovem correu logo à avó e disse :

— Vovó, vovó, meu pai mandou-me de novo ao *Aroe e iau* para trazer-lhe o *buttore* dos *Aroe*.

A avó respondeu :

— Vai ao *mammori* (grande gafanhoto) e com ele vai buscar o *buttore* dos *Aroe*.

O jovem foi ao *mammori* e lhe disse :

— *Mammori, mammori*, meu pai disse-me que fôssemos buscar o *buttore* dos *Aroe*.

Então foram juntos buscar o *buttore* dos *Aroe*, e o jovem parou à beira do *Aroe e iau* à espera do gafanhoto, que voou ao *buttore* e cortou-lhe a corda. O *buttore* caindo nágua fez “*jo*” e os *Aroe* “*um! um!*”

um! um!'" e frecharam o gafanhoto, cujo vôo era calmo e acértaram muitas vezes no peito, mas não morreu e levou o *buttore* ao jovem, que voltando ao pai, entregou-lh'o dizendo:

— Meu pai, eis o *buttore*. — Seu pai vendo-o de volta lançou-lhe uma imprecação e acrescentou:

— Oh! homem! Oh! homem! vames juntos ao *xibae e iari* (ninho de araras vermelhas e amarelas). —

O jovem correu logo à sua avó e disse:

— Vovó, papai disse que quer ir comigo aos ninhos dos *xibae*.

A avó não sabia como afastar o novo perigo onde o queria por o progenitor. Por esse motivo o jovem começou a impacientar-se. Depois sua avó entregou-lhe seu bastão e disse: (1).

— Fincá-lo-ás prontamente no ninho dos *xibae*. —

O jovem recebendo o bastão foi com seu pai ao pé da rocha onde estava o ninho. Aí chegado o seu pai procurou um compridíssimo pau que colocou contra a parede verticalmente na rocha e sobre ela mandou subir o filho. Quando chegou à altura da cavidade da rocha, onde estava o ninho das araras, largou o pau com o fim de derrubar o filho e matá-lo.

Porem o rapaz enfiou prontamente o bastão da avó na abertura da rocha e ficou seguro nele balançando-se e pedindo socorro, enquanto seu pai voltava à aldeia.

Decorridos uns instantes o mcço, olhando para o alto, viu que pendia da parede um grosso cipó ao alcance de sua mão. Agarrou-se a ele e com o auxílio dos braços, chegou à extremidade do dente rochoso.

Acalmando-se um pouco do susto e do esforço feito, sentiu fome. Com galhos dos pequenos arbustos que cresciam na rocha, fez um arco e muitas flechas e começou a caçar lagartixas que aí eram numerosíssimas. Depois de comer algumas, as outras muitas que tinha matado, prendeu-as à cintura e às ligaduras que os *Orarimogo* trazem nas espaduas e no tornozelo e carregava-as consigo. Apodreceram e começaram a feder tanto, que o mau cheiro tirou-lhe os sentidos caindo desmaiado por terra.

Então bandos de urubús e de outras aves que de carniça se alimentam voaram-lhe em cima e devoraram as lagartixas, atacaram-lhe as carnes da nadega. Então ele com uma grande correia os espantou.

Mas depois voltaram e continuaram a bicar-lhe atrás, até descomar completamente a região glutea. Depois o agarraram com o bico pela cintura e pelas ataduras dos braços e das pernas, levanta-



"Buttore",
enfeite de unhas
de porco do
mato.

(1) Era um bastão mágico chamado *pemo*.

ram-no, sustentando-o sempre com o bico. Voaram muito; finalmente o depositaram em terra, ao pé do alto e íngreme *xibae e iari*.

Voltou a si como se acordasse de um longo sono. Sentia fome e começou a comer das abundantíssimas frutas que existiam por aquelas paragens. Porem apercebeu-se que tudo quanto engulia imediatamente evacuava, porque as aves tinham-lhe devorado até o reto. Felizmente se recordou de uma lenda que ouvira da avó, onde se contava de um que se achou no seu mesmo caso e tinha sarado modelando-se a parte que faltava com *pogodori* (uma batata). Assim fez tambem ele; com *pogodori*, plasmou as partes gluteas que lhe faltavam. Depois começou novamente a comer, para ver se as funções se cumpriam devidamente. Vendo que sim, encaminhou-se para a aldeia. Mas não a achou no lugar onde antes estava, porque os índios tinham mudado de residência.

Andou vagando muitos dias, sempre em procura do caminho que conduzisse à nova aldeia dos *Orarimogo* e por muito tempo o procurou debalde. Finalmente viu por terra vestígios de um bastão e pegadas humanas que ele imediatamente reconheceu serem da avó e do seu irmãozinho menor. Então sentiu grande desejo de se achar logo perto de sua avó. Porem ele não quis deixar-se ver logo por sua avó. Quiz brincar um pouco com ela. Transformou-se em lagartixa e passou entre ela e seu irmãozinho. Então a avó perguntou ao netinho: Que passou por aí? e o netinho reparando disse: *ia boigareu rojure koddure kuri gexe* = uma lagartixa passou por aqui. Depois passou uma *kukaga* (outra lagartixa) e a velha perguntou: Que passou por aí? Respondeu o netinho: *ia kukagare koddure kuri gexe* = uma lagartixa do pao passou agora por aí. Passaram assim outros bichos, até que já chegando perto da aldeia, se deixou ver. Não foi, porem, com ela à aldeia; ficou lá fora em forma de bicho. Antes de se separar da avó lhe disse que ela lá na aldeia ficasse um pouco afastada dos outros.

VINGANÇA DE GERIGUIQUIATUGO

Quando *Geriguiguiatugo* chegou à aldeia dos *boróros*, com a avó e o irmãozinho, desabou um furioso temporal; choveu grande parte da noite, tanto que todos os fogos dos índios se apagaram.

Ao amanhecer era um rumoroso vai-vem dos que procuravam fogo, mas ninguem o tinha, à exceção da avó de *Geriguiguiatugo*. Todos iam lá para se fornecerem; tambem *Kiareware*, esposa de *Bokadorireu*, foi à casa da velha e assim viu o filho de *Bokadorireu* e de *Borogo*, outra mulher sua. Tendo-o recebido, voltou para a sua casa, onde avisou o marido da presença de *Geriguiguiatugo*, que ele procurara fazer desaparecer a todo custo.

O homem, como se nada acontecera, tomou o seu *bapo* (cabaça com sementes para acompanhar o canto) e partiu ao encontro do filho com as cerimônias de costume.

Geriguiguiatugo, porém, não esquecera o mal que lhe fizera o pai e ruminava o modo de vingar-se. Com este pensamento andou um dia pela floresta, com o irmãozinho, à procura de uma forquilha resistente, que, colocada sobre a cabeça, imitasse os chifres de um veado. Procurou por longo tempo, e finalmente uma planta, chamada *apí*, forneceu-lhe o que buscava.

Voltando à casa, disse ao irmãozinho: “Vai ao nosso pai e diz-lhe que mande os *boróros* à caça de veados”. O menino fez a embaixada e o pai enviou os *boróros* à caça. Foi também *Geriguiguiatugo* com o irmão.

Quando todos estavam no seu lugar, pois haviam cercado um trecho da floresta, *Geriguiguiatugo* disse ao irmão: “Vai ver onde se acha nosso pai”. Tendo-se transformado em *mea* (pequeno quadrúpede), seu irmãozinho cumpriu a ordem, de modo que, ao retornar, soube dar a posição em que seu pai se encontrava.

Então *Geriguiguiatugo*, tomada a forquilha, que preparara, pô-la sobre a cabeça e perguntou ao menino: “Não parecem mesmo os chifres de um veado?” — “Sim”, respondeu, “e muito bem”.

Transformou-se então em cervo e correu imediatamente em direção do pai, com tanta velocidade e violência que *Bokadorireu* não teve tempo nem de defender-se, nem de fugir.

O veado investiu contra ele ferozmente, suspendeu-o nos ares com os robustos chifres; correu a uma lagoa vizinha e o submergiu na água. Os aroe *buiógoe*, ou sejam os espíritos *buiogoe*, peixes voracíssimos — piranhas — cairam-lhe em cima e em pouco tempo não restaram que ossos descarnados. Vieram à tona somente os pulmões que se transformaram em uma herva cujas folhas, semelhantes a um pulmão, crescem à flor d'água.

Voltado à aldeia, vingou-se também das duas esposas de *Bokadorireu* e assim termina a lenda que deu origem a um longo canto chamado *Xobogeu* do clan dos *Paiwoe*, ao qual *Geriguiguiatugo* pertencia.

OUTRAS CRENÇAS SOBRE A CHUVA E O VENTO

Os *Orarimogo* crêem que divagam pelo céu numerosos espíritos chamados *Bulaudogue*, os quais geram a chuva distilando água das longuíssimas unhas, dos olhos, da solta e longa cabeleira e produzem o vento soprando pela boca.

A respeito dos *Bulaudogue* existem lendas ou mitos que explicam porque também eles atormentam os índios com o frio, com o vento e com a chuva.

Eis uma delas: uma parte dos *Bokodori exerae* não foram bem tratados pelas mulheres suas parentes; então desgostosos e aborrecidos pelo mau trato se transformaram em *xinadatau* (galinha de bugre) e desapareceram nos ares, deixando só o irmão mais novo que os parentes conseguiram deter. Então os *xinadatau* disseram-lhe: quando estiveres com sede ou com calor grita assim: *toká, toká, toká, toká-ká ká* (imitação do grito deste pássaro) e nós saberemos então que precisas de água. De modo que quando o menino dava o grito convencional, logo aparecia uma nuvem deixando cair uma chuva mansa e quieta. Estas chuvas calmas são chamadas *Butaudoque*, mas as tempestades com vento, trovão, relâmpago, raios e chuvas as chamam *Badogebague* que são *maereboe*, conhecidos somente pelos *Baire*.

* * *

CRENÇAS SOBRE OS "AROE"

Não é nos limites de um capítulo que se podem apresentar as idéias e crenças espiritualistas dos *Orarimogo*. São idéias e conceitos que informam toda a sua vida do nascimento à morte. Deve-se recordar que toda organização social e religiosa dos *boróros* tem a sua base na firme convicção da imortalidade da alma. Os atos todos da vida dos *boróros* são um culto aos antepassados que chamam *Aroe*; palavra que nós traduzimos por "alma". A morte é no conceito dos *boróros* a separação da alma do corpo. Pela morte o individuo se torna um *Aroe* e entra em um novo modo de vida imaterial. Os mortos (*Aroe*) são espíritos desligados da matéria, embora possam voltar à matéria temporariamente. É difícil, porém, poder traduzir integralmente o pensamento do *boróro* nestas suas idéias e crenças. A sua mentalidade é bem diversa da nossa. Além disto o índio exprime sempre suas idéias e conceitos abstratos e suas convicções espiritualistas, materializando-as. Vemos isto muito claramente nas suas lendas. Assim acontece também na crença dos *Aroe* que sabem serem verdadeiros espíritos, mas que entretanto fazem passar pelas vicissitudes todas da vida material.

Para dar maior valor e clareza a estas nossas palavras, transcrevemos aqui textualmente algumas idéias e conceitos sobre os *Aroe* que o índio *Akirio Boróro Keggeu* quis comunicar-nos escrevendo de seu punho quanto segue: A morada das almas, *Aroe-eiao*, é um lugar ideal, porque as almas não tem mais o corpo. Por exemplo, o *Bakororo* é um lugar das almas e se pode dizer assim também *Aroe-eiao Bakororo* que foi a primeira alma ou *Aroe* que esteve no poente. Os *boróros* acreditam também que as almas moram nas grandes pedras, nos paredões que se chamariam de *aróeri*, *aroe eiari tori*; mas estes são nomes usados pelos *Aroe* e pelos *Aroetewaraaregue*. Com isso eles entendem que não há um lugar fixo e material para as almas, mas só ideal.

Quasi todos os *Aroctawaraáregue* dizem que há um lugar para algumas almas, para ir ao qual basta acertar o princípio do caminho que é muito apertado no começo, mas depois vai alargando-se até chegar ao lugar. Dizem que estas almas vivem lá naquele lugar como viviam aqui nesta terra; tem caçadas, pescas, banhos, etc.

Mas a isso os índios não dão grande fé, pois que não entra nada dessas cousas na sua política!

MITO OU LENDA DO MAMUIAUGUEXEBÁ

Já foi contado; só acrescentarei que era um *Baaddageba xobuguiu*, é que por causa das matanças feitas foi ainda chamado *Eviddoreba* "de morte ele causa" (vide pág. 30).

MITO DE KAIGO

Antigamente, morreu um ótimo jovem *exeraçdo* dos *bokodori* chamado *Kaigo*.

Os índios puseram seus ossos em uma cesta e quando terminaram de cantar, chamaram a avó, que foi ao *baimannaguegeu* para buscar a cesta contendo os ossos. Carregou-a sobre as costas, sustentando-a com a cabeça mediante o *koddobie*. Saída que foi da cabana central, levou a cesta em redor da praça da aldeia e improvisou o canto *roia-umannareu* que referiremos mais adiante.

Em lembrança de *Kaigo* até hoje, por ocasião da morte de um índio, terminados os ritos fúnebres, uma mulher leva em volta da aldeia a cesta contendo os ossos do morto, como já foi referido.

UMA LENDA SOBRE O FOGO

Lenda de *Meri*, sol, *Ari*, lua e *Ippie*, lontra.

Certa vez em tempos idos, as lontras acenderam o fogo. Quando estava aceso, foram ao rio. Então *Meri* e seu irmão menor *Ari* foram lá, quando os *Ippie* tinham partido. Verteram água no fogo dos *Ippie*, apagaram-no e fugiram para o mato:

Quando as lontras saíram da água e vieram ao fogo, porque tinham frio, viram que estava apagado. — Alguem apagou nosso fogo, disseram. Quem terá feito assim? Quem será? Onde foi aquele mau que fez morrer nosso fogo?

Então puseram-se a procurar e disseram:

— Vamos em busca daquele canalha e matemo-lo. Procuraram em todo lugar e a todos os animais que encontravam perguntavam:

— Foste tu, que nos apagaste o fogo? —

E cada um dos animais respondia :

— Eu não, eu não —

Quando viram um sapinho, disseram :

— Certamente tu nos apagaste o fogo ! Vem cá. E' ele : matemo-lo ! —

O sapinho respondeu :

— Não me mateis, mas calcai vosso pé sobre minha cabeça. Então elles collocaram-lhe o pé sobre a cabeça e apertaram e o sapinho abriu a boca aparecendo nela logo uma brasa acesa. Os *Ippie* disseram :

— Ele certamente nos apagou o fogo.

O sapo respondeu :

— Não, eu não, eu não apaguei vosso fogo, mas alguém viera cá e apagou. Então eu procurei diligentemente um carvão que não estivesse apagado e encontrando-o, guardei-o logo na boca para vo-lo conservar. —

Os *Ippie* disseram :

— Nós não te mataremos ; pois até guardaste o nosso fogo para no-lo conservar — E não o mataram.

Esta e outras lendas que seguem, explicam que os índios, desde remotíssimos tempos, tinham o fogo em grande consideração.

LENDAS SOBRE O SOL E A LUA, MERI E ARI (1)

Meri veio a um rio e se estabeleceu de um lado com seu irmão *Ari* ; na outra margem habitavam os índios.

Meri por vingança mandou vento e chuva sobre os índios e o fogo deles se apagou ; por esse motivo morriam de frio. Os índios então pediram fogo a *Meri* para se esquentarem. *Meri* respondeu :

— Vinde buscá-lo e levai-o convosco.

Mas os índios tinham medo e disseram :

— Joga-o para cá —

Então *Meri* pegou um tição e o jogou, mas sendo *Meri* fraco, o tição caiu n'água e se apagou.

Então muitos índios se atiraram ao rio para buscar o fogo de *Meri*. Chegados à praia, *Meri* deu-lhes tições acesos e, para que não se apagassem durante o trajeto, amarrou-os na cabeça. Aos bons ligou levemente, mas aos maus prendeu bastante bem.

Feito isso, os índios atiraram-se à água para voltar à aldeia e nadavam conservando a cabeça com os tições acesos, fora d'água. Então *Meri* mandou um fortíssimo vento, que acendeu mais os tições e as penas da cabeça começaram a queimar. Os índios, sentindo queimar

(1) O início desta lenda só ultimamente veio ao nosso conhecimento. Acha-se à pag. 248.

a cabeça começaram a desamarrar os tições ; os bons conseguiram logo e tiveram só poucas penas sapecadas. Pelo contrário os maus, tendo os tições fortemente amarrados, não puderam livrar-se logo e queimaram-se-lhes todas as penas da cabeça e do pescoço, entre a hilaridade dos dois irmãos *Meri* e *Ari*, que à beira do rio gozavam do espetáculo.

E' por isso que agora os condores, abutres, urubús e tuiuiús tem a cabeça pelada.

Os índios bons ficaram com penas na cabeça.

Parece que desta lenda se possa deduzir que os índios crêem que descendem das aves. Conforme outros, porem, os índios entendiam dizer que aquelas aves eram animadas por *Aroe* encarnados nelas. A primeira hipótese é mais conforme ao texto.

A PRIMEIRA MORTE DE ARI

Um dia, tendo os índios ido à pesca, pegaram muitos peixes e fizeram uma fogueira . Colocaram os peixes sobre as brasas dentro da cinza, para assá-los. Enquanto isso, foram a cutra pesca no rio vizinho.

Então *Meri* e seu irmão menor *Ari* chegaram improvisamente ao fogo, urinaram nele e fugiram sem ser observados. O fogo apagou-se. O sapo que naquele tempo era como gente, viu o que *Meri* e *Ari* fizeram, e indo procurar na fogueira achou ainda uma brazinha e guardou-a na bocca.

Voltando os índios e vendo o fogo apagado, zangaram-se dizendo :

— Alguem apagou o nosso fogo. Procuremos o malvado, vamos matá-lo. —

Então pu eram-se a procurar por toda parte e a cada animal que encontravam, perguntavam :

— Feste tu que nos apagaste o fogo? Foste tu que tal nos fizestes?

Todos respondiam :

— Eu não, eu não. —

Viram então o sapinho e perguntaram-lhe.

— Feste tu que nos apagaste o fogo? Vem cá, vamos matar-te.

O sapo respondeu :

— Não me matem, mas ponham o pé sobre a minha cabeça.

Então puzeram o pé sobre ele, que abrindo a bocca, soltou uma brasa. Os índios disseram :

— Foi certamente ele que nos apagou o fogo ; matemo-lo !

O sapinho respondeu :

— Não, eu não, eu não, eu não apaguei o vosso fogo, mas *Meri* e seu irmão menor *Ari* ; vendo isso procurei uma brasa que conservei na boca para vo-la entregar acesa.

Os índios então disseram :

— Não o mataremos, porque até guardou o nosso fogo para que se não apagasse (note-se a igualdade deste conto com o anterior de *Meri*, *Ari* e *Ippie*; talvez aquele é incompleto, e chegado a este ponto a lenda toma outra direção).

E não o mataram, mas determinaram liquidar com *Meri* e *Ari* que lhe tinham apagado o fogo.

Então fizeram o seguinte :

Foram e reuniram todas as aves e todos os animais; e chamaram a ema, a seriema, a perdiz e outras aves velozes. Armaram-lhe em maço as penas da cabeça e, em cada molho, prenderam um tição aceso. Depois os fizeram correr em duas fileiras convergentes, procurando cercar tudo em volta da região ocupada por *Meri* e *Ari*, para que morressem os dois irmãos que lhes tinham apagado o fogo.

As aves correndo acenderam a herva seca desenhando uma grande circunferência tal, que *Meri* e *Ari*, não sabendo mais por onde fugir, porque cercados pelo fogo, subiram em duas árvores. *Meri* subiu no *tara i*, grande árvore de madeirã forte. E *Ari* num *kwogo i*, árvore baixa e de madeira fraca.

As chamas avançaram rapidamente e chegadas ao *kwogo*, queimaram o tronco, que tombou no fogo, caindo com ele também *Ari*, que ficou queimado, não restando do pobre sinão ossos carbonizados.

As chamas também cercaram o tronco do *tara i*, sobre o qual se achava *Meri*, mas como o lenho da árvore era muito forte, não o queimaram de modo a derrubá-lo, e continuaram pelo bosque até se apagarem.

Extinto o fogo, *Meri* desceu em terra e caminhou sozinho sem o irmão *Ari*, que fora queimado.

Desejando muito ver o irmão, foi em sua procura, se bem o soubesse morto. — Chegando ao lugar onde morrera, viu somente os ossos queimados do irmão. Olhou-os mudamente, reuniu-os em monte sobre a mesma cinza e foi-se novamente.

Voltou depois de pouco tempo, e não achando os ossos, disse :

— *U! kae ba ro ino gi u?*

Oh! onde (está) aquele que fez assim a ele?

Depois de ter dado novo olhar às cinzas, partiu de novo e ouviu uma voz muito longe; para ela encaminhou-se apressadamente.

Quando estava perto, ouviu outra vez a voz que dizia :

Au, au, ire ike ari kori ko; ire ike ari kori ko — que quer dizer: eu comí a lua queimada. O sol então chegou perto para ver quem falava e viu que era um *ókua*, lobinho. O sol lhe perguntou: *Iwaguedo, iwaguedo ino ba akagore?* Meu neto, meu neto, que dizes? *Inagoka! Inagore au, au ire ike ruxea kori ko, ainore inagore.* Eu não falei. Disse que comí o caranguejo queimado, assim falei. O sol não

perguntou mais, porque já tinha bem entendido as palavras do *ókwa*. Então o sol lhe propôs fazer uma corrida com ele. Mas lhe disse : para correr bem precisa de uma boa cinta. Queres esta corda para tua cinta ?

O *ókwa* respondeu :

— Sim.

Então *Meri* tirou-a da cintura, dizendo que a amarrasse ao ventre. Assim fez o *ókwa*. Tendo-a amarrado fracamente, *Meri* lhe disse :

— Amarra-a com mais força, senão perdê-la-ás.

Então o *ókwa* amarrou-a bem e logo se lhe inchou a barriga de modo extraordinário. Então *Meri* disse :

— Agora te pego : foge que eu corro atrás.

O *ókwa* começou a correr, mas logo se cansou, dando aso a *Meri* para pisar-lhe os calcanhares diversas vezes.

Finalmente o *ókwa* tropeçou, caiu por terra, e pelo golpe recebido rebentou e morreu.

Meri olhou dentro dos intestinos de *ókwa* para ver se encontrava os ossos do irmão, mas só achou poucos fragmentos. Recolheu-os cuidadosamente, e querendo chamar à vida seu irmão, pegou um pau grosso, dois menores e dois ainda menores e colocou-os no chão ; o primeiro como se fosse tronco do corpo de seu irmão e os outros par a par, como pernas e braços. Por cabeça colocou um ninho de termitas dos pequenos pretos, feitos como cabeça e finalmente sobre a madeira mais grossa pôz os fragmentos dos ossos tirados do ventre do *ókwa*.

Depois foi à procura de ervas medicinais e com elas fez um cozido que jogou juntamente com as ervas sobre aquela espécie de esqueleto lenhoso do seu irmão. Colocou ainda outras folhas para que o esqueleto ficasse bem coberto e partiu.

Voltando no dia seguinte, tirou as folhas e viu que o ninho de termitas tinha se tornado cabeça, e as madeiras pernas, e o tronco braços, segundo a disposição dada. Era mesmo seu irmão menor *Ari* ; mas parecia morto, pois não dava sinal de vida.

Então *Meri* disse :

— *Bope koddû akai ; aduço, aipobureu, aigo, awago, ewo . . . Kaiamodogue : a rego* —

Espíritos chegam a ti ; jaguar, jaguatirica, onça, cobra, cascavel, inimigo *kaiamo* : foge depressa.

Seu irmão menor respondeu.

— *U, i nudu nure* (sim, eu durmo).

Então sentou-se e depois se levantou.

Meri disse :

— Agora eu te chamei de novo à vida, vamos novamente caçar.

SEGUNDA MORTE DE ARI E SUA NOVA
RESSURREIÇÃO

Meri e seu irmão menor *Ari* foram caçar; encontraram-se com um bando de *adugo* (jaguares), que os perseguiu. *Meri* e *Ari*, tomados de medo, subiram em duas árvores: *Meri* num *tara i*, muito longe, porque corria bastante; *Ari* num *bie i*, genipapeiro, bastante perto, porque não corria muito.

Os *adugo*, chegando ao pé do *bie i* subiram na árvore, derrubaram *Ari* e o devoraram. Mas, quando chegaram ao *tara i*, onde estava abrigado *Meri*, não o puderam escalar, porque a árvore era altíssima e o cimo inacessível; por isso se afastaram.

Quando *Meri* viu que os *adugo* se tinham retirado, desceu em procura de seu irmão e disse entre si:

Os *adugo* mataram-te, mas eu te farei novamente. Então chamou a si *reguguriugue*, *peguraregue*, que são formigas, e os *miawe* abelhas, e mandou-lhes que recolhessem os pedacinhos que restaram e o sangue de seu irmão *Ari*. Eles recolheram o sangue e os pedaços reuniram-nos em um montículo.

Meri então dispensou-os e cortando um pau grosso e dois mais finos ainda, dispô-los em terra; o primeiro como tronco de seu irmão e os outros dois par a par lateralmente, como os braços e as pernas. A guisa de cabeça arrumou um pequeno ninho de termitas e colocou finalmente sobre o tronco o montículo de sangue coalhado, recolhido pelas formigas e abelhas. Depois foi à procura de ervas medicinais e com elas fez um cozido que derramou junto com as folhas medicinais sobre aqueles pedaços de madeira. Cobriu tudo com folhas e galhos.

Feito isso partiu.

Voltando no dia seguinte, tirou as folhas e viu que o ninho e os pedaços de pau se tinham transformado em cabeça, tronco e membros do seu irmão, que entretanto não dava sinal de vida.

Pô:-se então o sol a gritar:

— *Ari! Ari!* vem contra ti o jaguar, uma jaguatirica, cobras venencasas *awago*, *ewo*, *ikuru*, *eworireu*, os *kaiamodogue*, as almas dos mortos; foge, foge, levanta-te.

Ari respondeu:

— Sim, eu durmo. —

Então sentou-se e depois levantou.

O sol lhe disse:

— Agora eu te fiz novamente, ressuscitaste mais uma vez. Vamos caçar.

TERCEIRA MORTE DE ARI E SUA
RESSURREIÇÃO

Um dia, *Meri* e seu irmão *Ari* se divertiam flexando-se com flechas de ponta rombuda, aquelas que os índios chamam *toddo-bare*, e feriram-se diversas vezes.

Aconteceu que *Meri* atirou com muita violência uma flecha que acertou em pleno rosto do irmão. *Ari* caiu por terra desmaiado e pouco depois morreu. *Meri* que não percebeu a morte do irmão e nem a imaginava, não se aproximou dele, mas afastou-se e foi caçar muito longe, certo de que o irmão, vendo-o afastar-se, levantar-se-ia em sua procura até alcançá-lo. Mas debalde. *Meri* não vendo comparecer o irmão, foi ao lugar onde se tinham flechado, para ver o que sucedera e encontrou-o morto, estirado por terra.

Então tomou das folhas medicinais, molhou-as nágua e depois espremeu sobre o corpo do irmão. Assim fez duas ou três vezes, cobriu com ramos o corpo e partiu. Decorrido um pouco de tempo voltou, descobrindo o irmão e vendo que não se movia, tornou a cobri-lo. Voltando depois de alguns dias e tirando as folhas viu que se achava o peito respirando. Então para levantá-lo assustou-o dizendo :

— Vem contra ti *bope*, jaguar, puma, jaguatirica, cobras venenosas, *avago*, *evo*, *ikuru*, *eworireu*, *kaiamodogue*, as almas do outro mundo; foge, foge, levanta-te.

E *Ari* respondeu :

— Sim, eu durmo. —

O sol fez levantar o irmão e deixando ambos aquele lugar, foram à caça.

MERI E ARI SOBEM AO CÉU

Antigamente, *Meri* habitava a terra com seu irmão menor *Ari*, mas tendo quebrado uma talha, foi expulso e impellido com seu irmão para o céu, onde hoje se encontraram os dois. Eis como sucedeu :

Meri e seu irmão *Ari* um dia tiveram sede e por isso foram à cabana dos *Karawoe*, que são grandes pássaros aquáticos do clan dos *iwaguddudogue* pedir água. Os potes eram muito grandes, cheios de água e portanto muito pesados.

Meri para beber quis levantá-lo e os *iwaguddudogue* disseram :

— *i ogwa*, *i ogwa*, a ro *kaba inno* ; a *mode zebori bo*.

Meu pai, meu pai, tu não faças assim, tu o pote quebrarás.

— *Boro*, *i moddu karè bo*.

Não, eu não o quebrarei.

Nem tinha acabado de falar que o possante vaso lhe escorregou das mãos e caiu por terra multiplicando-se em cacos.

Os *Karawoe* zangaram-se e repreenderam-no dizendo :

— Nós te havíamos dito que certamente quebrarias a talha !

Meri e *Ari*, porem, apenas viram-na em pedaços e ouviram as repreensões dos *Karawoe* fugiram. Os *Karawoe* porem correram-lhes em perseguição e tendo-os pegado conduziram-nos de novo à cabana, onde chegados, disseram a *Meri* :

— Meu pai, meu pai, senta-te aqui.

Mandaram sentar perto dele seu irmão menor *Ari* e os mesmos *Karawoe* agruparam-se em de-redor. Os mais velhos começaram a fazer vento com o abanico *baku* e *Meri* disse :

— Não façam vento assim. —

Mas eles responderam :

Tu produzes muito calor. —

Então todos os *Karawoe* começaram a fazer vento com o abanico e o fizeram com tanta força que *Meri* e *Ari* começaram a subir ao céu levados pelo vento.

Os *Karawoe* continuaram a abanar e enquanto os dois irmãos subiam disseram :

— *rakoge mottu kegge boe aki karega: meri ari tagi-reu, baru.*
estar terra sobre como gente tu não ; sol, lua vós sereis.

tadda-re ta rakoge-re: okiwa, atubo, pobogo, orogo, pari, beo, etc.
no céu dentro vós estareis : capivara, cervo, veado, ema, seriema. etc.

tagonague modde.
comereis.

Estas serão vossas comidas, que comereis somente pela boca de certos homens. Estes homens são os Bari e os animais e vegetais sobre-ditos são reservados aos Bari.

Por isso os *iwaguddudogue* chamam-se *Meri tu kuri*, Sol ele grande, e também *Meri barigudu*, o Sol feito subir.

* * *

As lendas que aqui seguem foram colhidas dos lábios do *boróro Akirio Boróro Keggeu*. São de grande interesse etnográfico em si e dão ensejo a estudos sobre o misterioso passado. Embora todas tenham origem de uma só tradição, rígida e religiosamente conservada entre os *boróros* como coisa sagrada, contudo se apresentam nos labios de um e outro com pequenas divergências. Diferenças quasi exclusivamente na forma narrativa, mas que entretanto indicam o influxo de fatores intelectuais, e mais ainda a progressiva, embora lenta, mudança de cultura que, devido ao rápido avançar da civilização, já se nota entre as jovens gerações da tribo dos *boróros*.

·LENDAS DOS ORARIMOGODOGUE

Sòmente a transmissão oral trouxe até aos atuais *boróros*, com a fradição, as mais antigas lendas, não possuindo estes nem escrita, nem desenho, nem outro meio qualquer de conservação das mesmas. As lendas são reflexo da sua alma, do seu modo de pensar ; elas mostram o *boróro* tal como é, intelectual e espiritualmente ; nelas se vê o seu grau de cultura, os seus usos e costumes, os seus mitos e seus heróis.. Daquí a grande importância das lendas, não pelo seu conteúdo, que é quasi sempre sem verdadeiro interesse e extravagante, mas pela revelação que fazem da alma borora. Algumas, porem, encerram algum belo ensinamento moral ; e até, em alguns raros casos, causam admiração.

IPARE EREGODDU

Merece especial atenção o que costumavam fazer antigamente, afim-de-que um môço crescesse são, forte, valoroso e desfrutasse uma longa vida. Para obter estas boas qualidades os jovens eram submetidos a uma dura e longa prova, chamada *ipare eregoddu*, isto é, "corrida dos jovens". Mas que corrida e que exercicios ! duravam um ano !

Antes que um jovem pudesse fazer parte da sociedade dos *boróros*, devia, com outros colegas seus, afastar-se da vila, por várias dezenas de quilómetros, acompanhado por alguns anciãos (*iorubadare*), que chamaríamos de "padrinhos".

Apartam-se da vila, e para que vão bem longe, mandam-lhes atrás o "*Aige*", pavorosa representação que os jovens não devem enxergar sob pena de morte. Assim, longe de todos, vivem caçando e pescando em meio a perigos, privações de toda sorte, expostos a todas as intempéries.

Debaixo da vigilância e direção dos "*iorubadare*", devem fazer exercicios de natação, de corrida forçada através das florestas, subindo colinas, escalando escarpas alcantiladas. Por força deve o corpo exercitar-se, mortificar-se, adextrar-se. Bem sabiam que não é na moleza e no vício que se enrobustecem os corpos.

Não são, porem, esquecidos em suas tabas ; lá os parentes preparam ornamentos para as festas do retorno.

Passado mais ou menos um ano nessa vida de dura prova, são convidados a voltarem à aldeia. Antes, porem, de entrarem, são recobertos de ramos e folhas de palmeira, de tal modo que não possam ser reconhecidos, nem mesmo pelos seus parentes. Assim camuflados, entram no aldeamento e se dispõem em fila, no "*boróro*", ou seja na praça contígua ao "*bai managuegeu*". Assim colocados, avizinham-

-se, uma por uma, as mães dos jovens; cada qual, procurando conhecer o filho, toma um pela mão para conduzi-lo à casa.

E' um momento de ânsia para as pobres mães e para todos, porque seria de mau agoiro errar na escolha.

Quando as mães tem pela mão os seus caros filhos, são libertados da-quele montão de folhas e conduzidos à casa, onde sobre eles choram longamente.

Depois de um ano de vida errante nas florestas, vê-se a necessidade de um pouco de "toilette". A isto pensam as mães; depois de cessado o pranto, arrancam-lhes sobrancelhas e pestanas, o cabelo das têmporas e todo o pelo do corpo. Cortam, conforme o costume, os cabelos que tinham crescido longos e incultos.

Feita a cerimonia da iniciação, pela qual o jovem fará parte da vida social dos *boróros*, há a prova de... fogo.

Os jovens são dispostos ao redor de uma grande fogueira que devem saltar. As mães procuram reparar os filhos com esteiras, mas são impedidas pelos "*iorubadare*", que assistem e dirigem a prova, a qual cessa sómente por ordem deles. Então vão ao rio a fim-de se refrescarem com um bom banho.

Em seguida recebem por vários dias, no "*bai managuegeu*", lições sobre os usos e costumes do bom *boróro* e lhes são contadas também as lendas da tribo.

Colocamos antes das lendas a descrição da prova "*ipare eregoddu*", porque os *boróros* lhe dão grande importância para a formação de seus heróis, como se verá na seguinte lenda.

* * *

VITORIA SOBRE BUTORIKU, UM DRAGÃO

O herói da lenda chamava-se *Bokadorireu*, dos *Baadageba Xebeguiugue* e a mesma faz ressaltar que era homem valente e forte, porque havia superado brilhantemente a prova "*ipare eregoddu*", acima descrita.

Aroe Butoriku era um dragão que vivia devorando gente. Junto à sua caverna era um branquejar sinistro de ossadas humanas. Era tal a voracidade do monstro, que grande zona ao redor da sua gruta macabra, estava despovoada, seja porque muitos foram devorados, seja porque outros fugiam para se porem em salvo. Ninguém ousava nem mesmo armar ciladas ao dragão.

Conhecida a situação, um tal *Bokadorireu* se ofereceu para combater o monstro e de feito se preparou. E como? Preparou-se com jejum, coisa singularíssima para este povo, verdadeiro devorador.

Bokadorireu quando se sentiu pronto para a empresa arriscada, procurou um que o acompanhasse à caverna. Muito custou achar

companheiro, porque ninguém tinha a coragem de aceitar o convite. Finalmente encontrou um com o qual se avizinhou cautelosamente à caverna de *Aroe Butoriku*.

- Mal chegaram, disse *Bokadorireu* ao companheiro: "Sobe tu àquela rocha, até lá em cima, à entrada da caverna, e quando estiveres lá, bate fortemente com os pés, até que o dragão saia". O pobrezinho balbuciou algumas palavras; depois, todo trêmulo, obedeceu.

Quando chegou ao lugar indicado, *Bokadorireu* se postou a poucos passos da caverna, mas bem no meio e fez sinal ao companheiro que batesse.

Não tardou em aparecer o animalaço que, vindo lá no meio aquele corajoso, deu um forte sibilo e voou-lhe ao encontro para devorá-lo. *Bokadorireu* porem agil, poz-se a correr vertiginosamente, procurando de propósito os lugares mais intrincados possíveis, estreitos, turtuosos, por montes, rochas, vales, pântanos, sempre correndo sem parar. E o dragão sempre atrás; mas as suas forças diminuíam; já não podia mais.

A certo ponto, numa grande floresta, o valente *boróro* viu um enorme tronco abatido. Para lá se dirigiu, e de gatinhas, passou agilmente por um vão existente entre o chão e o pau. Foi-lhe ao encalço o dragão, que, furioso, enfiou-se pela estreita passagem, ficando prisioneiro naquela como armadilha. Tentou todos os modos para livrar-se, mas as forças eram insuficientes.

Bokadorireu deixou-o a debater-se furiosamente por um bom pedaço, e quando o viu mais morto que vivo, caiu-lhe em cima com o seu "arago", cacete, e o matou com fortes pancadas na cabeça. Cortou-lhe o pescoço e voltou à sua aldeia, onde grandes foram os festejos em comemoração da sua vitória.

MAMUIAUGUEXEBÁ

Depois do dilúvio, povoou-se novamente a terra; antes, a população crescia de tal forma que excitava o temor de *Meri*, o sol, que chegou a excogitar um meio para diminuí-la. E eis o que fez.

Reuniu os *boróros*, provavelmente duma aldeia, e fê-los atravessar um grande rio, o *Merito*, sobre o qual preparara, de propósito, uma pinguela com um tronco de *koat*, madeira assás fragil.

Às ordens de *Meri*, encaminham-se os *boróros* e a pinguela é ocupada de uma ponta à outra. Rompe-se de improviso o lenho; todos caem na água vertiginosa e ninguém se salva, ou melhor, salva-se um certo *Acaruio Bokodori*, que, sendo defeituoso de pernas, não pode acompanhar os outros e chegou ao rio quando todos tinham já sido vítimas da trama urdida pelo malvado *Meri*.

Das vítimas do *Meribo*, aqueles que morreram nos vórtices, foram encontrados com os cabelos ondulados ou anelados; aqueles que pe-

receram na correnteza calma, foram encontrados com os cabelos bem lisos e macios. Dizem que assim ressuscitarão ao canto de *Akaruio Bokodori*.

O único supérstite retornou à aldeia deserta e triste; estava sentado na praça denominada "*Arua Boróro*", pensando nos seus e na desgraça que os tinha atingido. A certo momento se levanta, entra na cabana e, apanhando o seu "*caia ocoquereu*" — tambor —, levou-o ao *Arua Boróro* e sentando-se-lhe perto, tocava-o acompanhando um canto que dizia assim: "*Oh Buremoddogue*, ao som do meu tambor vinde todos aqui na *Arua Boróro*".

De fato, eis que aparece um grande número de gente que ele pôs no lugar daqueles que a malvadez de *Meri* fizera perecer.

Continuando o canto, ao som do tambor, chamou os *Rarudogue*, os *Bitodudogue*, os *Pugaguegeugue*, os *Rokudddogue*, os *Codogue* e enfim os *Boiugue*, que eram os seus prediletos. Mas também este *Akaruio Bokodori* se mostrou cruel. Do povo que ele chamou, aceitou somente aqueles que vieram com um presente agradável; todos os outros ele os matou, o que lhe valeu o nome de "*Mamuiaguxeba*" ou "*Evidoxeba*".

JOCORAMODOGUEDDU

Na lenda precedente, *Akaruio Bokodori* faz aparecer muita gente, mas não aparecem os brancos. A sua aparição é narrada nesta lenda de "*Jocoramodogueddu*", que não era outra coisa senão um... macaco do totem dos *Paiwoe*.

Houve um tempo em que existiu no mundo só "*Jocoramodogueddu*", com três animais, isto é: um "*riko*" — papagaio; um "*awagu*" — serpente; e um "*kurugo*" — espécie de pequeno coelho. Na terra não havia vegetação; era desolada e morta.

Mas *Jocoramodogueddu* possuía um "*pemo*", isto é, uma vara mágica. Um dia, cansado de viver tão isoladamente, tomou a varinha mágica e, batendo-a na terra, disse: "*Itugaregue barae*", ou seja: "Oh! meus súditos civilizados, vinde". E logo apareceram os civilizados de cor branca. Bateu uma segunda vez, dizendo: "*Ituraregue boadogue*" e apareceram civilizados, mas com o rosto bem vermelho. Bateu uma terceira vez, dizendo: "*Itugaregue paixarudogue — itugaregue paicanadogue*" — e apareceram outros civilizados de fisionomia e caráter assás maus. Bateu ainda uma vez dizendo: "*Itugaregue tabae*" — e apareceram os negros.

O bom *Jocoramodogueddu* teve compaixão de tanta gente que não tinha nem sequer uma... sombra para reparar-se dos abrasadores raios do sol, e com a sua vara prodigiosa pensou em fazer surgir as plantas. De fato bateu o seu "*pemo*" na terra e subitamente apareceu o "*managuri*" (uma grande árvore da floresta, como também as que seguem). Bateu pela segunda vez e apareceu o "*imocoddupareui*".

Continuou a bater e surgiram as madeiras mais duras como o “*burudu*” e as mais colossais, como o “*bokadot*” e o “*akari*”. Assim tiveram a sombra e lenha para construir suas casas.

A lenda nota que o “*kuiadda*” pertence aos *Paiwoe*, por ser do clan dos *Paiwoe*.

Entre tantos e tão diferentes súditos, não durou muito a paz. Eram frequentes as rixas, antes, verdadeiras batalhas, que davam que fazer ao pobre *Jocoramodogueddu*. Por isso ele mandou construir barcos de toda sorte e tamanho, e depois de embarcá-los num grande rio, mandou-os em busca de outras terras... E eles foram; mas não voltaram mais, talvez porque encontraram, em verdade, terras deshabitadas e mais belas... Assim *boróros* e civilizados não se reuniram mais.

ARIGAO BORORÓ — PRAÇA DOS CÃES

Seguem algumas lendas de viagens assás importantes, porque dizem quais as terras ocupadas antigamente pelos *Boróros*.

Um homem dos “*Ivaguddudogue*” fez uma exploração ao “*Kugibo Paru*”, ou seja, à foz do rio “*Kugibo*” ou “*Kogipó*” — água do peixe *kogi*, chamado pelos civilizados *Coxipó*, que desemboca no rio Cuiabá, junto à cidade omônima. O monte Toroari, de que se fala na lenda do dilúvio, é bastante próximo á foz do dito *Coxipó*, nome que facilmente se nota ser a palavra “*kogibo*” um pouco alterada. Também o nome do rio Cuiabá parece ser de origem *boróro*.

Aquele homem, portanto, chegando à foz do *Coxipó* viu a pista de um animal, e era manchada de preto. A pouca distância notou outros rastos de novo animal que eram manchados de cor de folha seca; e o animal tinha saído do rio. Examinando melhor concluiu serem pegadas de dois “*arigao*”, isto é, “cães”.

Voltou imediatamente à taba para narrar a coisa a um seu irmão mais velho que era o chefe dos “*Ivaguddudogue*”. Os dois fizeram juntos uma investigação e, acompanhando as pisadas dos dois cachorros, chegaram a um *boróro*, isto é, a um largo, porem não muito limpo, onde não foi mais possível distinguir vestígio algum.

O chefe então disse: “Eis aquí o *Arigao boróro*, quer dizer a praça dos cães; neste lugar faremos uma grande aldeia e convidaremos todos os *Orarimogodogue* a virem habitá-la.”

Regressando ao aldeamento, com grande solenidade anunciaram a todos a descoberta e a determinação tomada. Todos aprovaram e foram enviados convites afim-de-que todos os *boróros* viessem habitar o *Arigao boróro*.

De todas as partes afluíram os *Orarimogodogue*, e não muito longe da embocadura do *Kugibo*, surgiu um importante centro da tribo. De início tudo corria às mil maravilhas. Com abundância de

pesca e de caça, tinham tempo para fazer muitas festas; antes, muitas delas datam daquela época, como outrossim muitos jogos e cantos.

Mas não tardaram a começar as discórdias e as rixas, que em pouco tempo ameaçaram por tudo em sossobro. Isso motivou um verdadeiro êxodo, pois que todos os chefes lá se foram com os seus sequazes à cata de outras terras, e mais que tudo de tranquilidade e paz.

Com esta e outras dispersões se explica a ocupação de imensos territórios; não resta dúvida, esta tribo habitava grande parte do estado de Mato Grosso e penetrava também no de Goiaz.

UMA GRANDE VIAGEM DE EXPLORAÇÃO

Uma grande viagem de exploração empreenderam os *Bokodori Exerae* juntamente com os *Aroroe*. Entoando cantos partiram do *boróro* de uma aldeia rumo ao norte; além do Rio das Mortes, e dobrando depois em direção a leste e daí para o sul, reentraram no ponto de partida do lado de Oeste, descrevendo assim um imenso círculo. E nesta viagem devem ter empregado bastante tempo, andando, como iam, em pequenas etapas, caçando e pescando e fazendo longas paradas nos lugares mais propícios. Coisa digna de nota que primeiro encontraram foi um grande rio. A um aceno do chefe se reuniram e, entoando um cântico, impuseram-lhe um nome. Cantaram assim: "*Exeraie, xedagaru rekoduia oroaribo*", que se traduz: "*O' Exerae, o vosso nome chegou ao Oroaribo*"; e assim o rio se chamou *Oroaribo*. Note-se que dizem "*Exeraie*" e não "*Exerae*", porque é canto, e o canto tem forma própria.

Os rios que se chamam *Oroaribo* são vários. Entre estes está o grande *Araguaia*.

Entre cantos e pescas continuaram alegremente a viagem, durante a qual impuseram o nome a outro rio. Cantaram: "*Exeraie xedagaru rekoduia Kugarubo*", ou seja: "*O' Exerae, o vosso nome chegou ao Kugarubo*". Mais além deram a outro rio o nome de "*Padarobo*", porque suas águas eram calmas e recobertas de branca espuma. E deste modo, entre cantos e festas, continuaram a dar nome às suas descobertas.

Mas também entre eles devia entrar a discórdia para estragar tudo. Chegados aos pés de um monte de forma singular, os *Bokodori* disseram: "*Eis que atingimos o Kudorori (monte das araras azul-escuras) e será nosso*". Os *Aroroe* responderam: "*Não, mas será nosso*". Daquí veio uma questão que os *Aroroe* interromperam, porque entoaram o canto e se apoderaram do monte.

O canto próprio dos *Aroroe* tomou o nome de *Kidoguru Paro* e os *Bokodori exerae* não o possuem até hoje, e, querendo cantá-lo, devem pedí-lo emprestado aos vizinhos de cima, *Badageba Xobuguiu*, ou dos vizinhos de baixo, ou sejam os *Kie*. Os *Bokodori* não suportaram

a ofensa ; mandaram embora os pobres *Aroroe*, que se dispersaram naquelas terras recém-exploradas.

A lenda diz que se transformaram em *jugo e jut* (duas espécies de porcos selvagens) e em *kudobu* (coati).

Assim os *Bokodori* sozinhos continuaram a viagem e, pelo lado do ocidente, retornaram ao ponto de partida.

Imaginem-se as festas e o acolhimento feitos. Os heróis não só cantaram as suas vicissitudes e descobertas, mas fizeram-nas tema de um longo canto.

VIAGEM DE UABOREU NA ZONA DO POXEREU

Poxereu é o nome de um importante curso d'água que forma o *Pogubo*, tributário do S. Lourenço, que por meio do Cuiabá entra no Paraguai. Agora este nome, um pouco alterado, indica um dos maiores centros diamantíferos de Mato Grosso.

Um *boróro* chamado *Uaboreu*, caçando e pescando, descia as águas deste *Poxereu*. Era um cacique assás influente ; era amado e respeitado pelos seus que voluntariamente o acompanhavam nas suas viagens, usando-lhe cuidados e atenções especiais.

De fato quando parava para tomar um pouco de repouso, estavam prontos para estender as esteiras e peles para que ele se assentasse em cima ; ofereciam-lhe alimento, levavam-lhe de beber ; com leques mitigavam-lhe o calor, espantando também vespas e mosquitos.

De etapa em etapa chegaram à barra do rio *Porubi*, onde encontraram uma grande comitiva de *Orarimogodogue* que vinham em sentido contrário guiados pelo seu cacique, também chamado *Uaboreu*.

Estes *boróros* da família dos *Apiboregue*, chamavam-se "*Kadomagaregue*" e viviam separados dos seus irmãos, no sul de Mato Grosso. Não tinham nenhum contacto com os outros e assim, tanto nos usos como nos costumes e até na lingua, eram já um pouco diferentes.

Até hoje um grupo de *boróros* vivem no curso inferior do rio S. Lourenço e são chamados pelos *boróros* do planalto "*Tugu kurireugue*" isto é, aqueles das flechas grandes, porque as usam longas e mal feitas.

Os *boróros* que desciam o *Poxereu* levavam os ossos de um certo *Kaigu*, dos *Bokodori exerae*, e o chefe disse aos irmãos que vinham do sul, que cantassem o "*roia kurireu*" — o canto grande, como e usa fazer sobre os ossos de um morto. Aceitaram o convite e cantaram religiosamente, assistidos pelos outros que notaram algumas variações.

Ficaram juntos por algum tempo em grandes caçadas e pescarias de dia, e cantos e dansas à noite. Um dia os dois *Uaboreu* decretaram uma pesca oficial em comum.

Todos foram procurar varas flexíveis e resistentes para pôrem redes. Os "*Kadomagaregue*" cortaram pequenas varas de bambú, os outros, uma vara bastante própria, chamada "*boko iwo* — *ari*

iwo — *boko daga iwo*". Diferente foi também o procedimento dos dois caciques. O dos *Orarimogodogue*. tinha a rede, mas estava à margem do rio, sem pescar, enquanto o outro estava na água, junto com os seus, como um deles. Quando todos haviam apanhado peixes suficientes, o chefe dos *Orarimogo* se pôs diante de todos e, posta a ponta da rede na água, deu o sinal de sair, e todos obedeceram. Os seus súditos imediatamente cortaram folhas de palmeira, estenderam-nas por terra e colocaram-lhes por cima a pele de jaguar que levaram consigo de propósito e convidaram o cacique a sentar-se.

Os outros, ao invés, quasi nada fizeram de tudo isto; o chefe acendeu o seu fogo por si mesmo e se poz ao trabalho para assar os seus peixes. *Uaboreu* dos *Orari*, assentado, repousava, dava ordens com autoridade. Os seus subordinados, tendo escolhido os melhores peixes, assaram-nos bem e pondo-os sobre belas folhas, à guisa de pratos, ofereceram-nos ao chefe, que gentilmente chamou o outro, fazendo-o sentar-se perto de si, e juntos puseram-se a comer. Acabado, o chefe dos *Orari* deu ao outro uma verdadeira lição de como comportar-se e governar o seu povo. Disse-lhe: "O *Uaboreu*, ó *Uaboreu*: vi como fazem contigo os teus súditos; e tu terás visto como fazem comigo os meus. Terás notado como não me deixam sentar sem antes preparar tudo convenientemente. Terás visto que não me sujei para preparar o meu alimento, e nem me chamusquei o rosto com o fogo. Tudo isto os meus o fizeram, e de boa mente. Viste?" Ensinou também quais varas se devem usar para a pesca; não o bambú que é fragil e se rompe, deixando escapar os peixes. E a lição foi longa; um falando e o outro escutando, intercalando os "u, u, u", — sim, sim, sim — mas sem interromper, porque o interromper um que fala é sinal de má educação.

E como para confirmar quanto dizia, eis que chegaram alguns jovens carregando água numa folha preparada "*ad hoc*" para que o seu chefe bebesse e lavasse as mãos; e este mandou que fizessem o mesmo com o amigo.

A lenda termina dizendo que passaram muito tempo juntos e que os *Kadamogaregue* e o seu chefe *Uaboreu* muito aprenderam dos *Orari*.

VIAGEM DE PARI AO

Pari ao, chamado também *Pari jura*, era um jovem *boróro*, que empreendeu uma grande viagem afim-de procurar os seus pais que, abandonando a aldeia, tinham-se afastado, não deixando mais sinal de si. *Pari ao* visitou várias tribus de *Maregue*, isto é, de seres que eram índios ao mesmo tempo que animais. Encontrou-se entre os *Juremaregue* (*jure* é uma enorme serpente); entre os *Ixemaregue* e *Pogoddomaregue* (duas espécies de jibóia) e entre outras tribus ainda, mas sem encontrar os seus pais. Por fim chegou entre os *Karorema-*

regue (libélulas) e entre estes encontrou os seus progenitores que o receberam com cantos acompanhados do “*bapo*”. Acabadas as cerimônias da recepção, lhe ofereceram comida, que não pode saborear, porque não era conforme os costumes *boróros*. No dia seguinte os *Karoremaregue*, querendo festejar o hóspede, fizeram uma pesca em comum. Antes de partir comeram a acostumada *kagika*, ou seja uma papa de milho. O nosso *boróro* notou que antes faziam todos um sinal, justamente como o sinal da Cruz: sômente não pronunciavam palavra alguma.

Maravilhou a narração do informador que então disse: “Não é este um aumento feito por mim; era assim que contava o nosso cacique, o querido *Ukeiwaguáio* e assim o escutei de outros”. De resto ainda hoje os *boróros* fazem uma coisa semelhante, antes de comer o “*apogo ewuregoddo*” — uma batata muito semelhante às patas dianteiras do tamanduá-mirim — exatamente como o sinal da Cruz, sem entretanto pronunciar nenhuma palavra. E isto para evitar o soluço que a batata lhes produziria se não o fizessem.

Voltemos à lenda dos *Karoremaregue*, os quais, comida a tal *kagika*, partiram para a pesca e voltaram só à tarde, bem carregados. Mas *Pari ao* observou que não eram peixes, mas um ser imaginário, “*aige dogue*” — espantoso, semelhante ao hipopótamo e que só os homens podem ver. Tinham também “*ixedogue*” e “*pogoddo dogue*” (espécie de jibóia). Imediatamente disse consigo mesmo: *I modducare nou baregue cóuge* — isto é: “Não comerei desses animais; eles são espíritos”.

Voltou também o pai de *Pari ao*, carregado com estes animais medonhos, antes, espíritos, para o pobre jovem, que com a fome que tinha, previa que não teria podido comer nada. Seus pais lhe prepararam justamente daquela carne, apresentaram-lha, convidando-o amorosamente a comê-la. Mas ele nada tocou e se contentou com algumas frutas que ele mesmo tinha procurado. No dia seguinte os *Karoremaregue* foram de novo à pesca e *Pari ao* quis ir ver.

Chegados ao rio, alguns se lançaram nas gargantas mais profundas para apanhar os “*aige dogue*”; porem outros entraram nas lagoas da ribanceira para pegar os “*ixedogue*” e os “*pogoddodogue*”. Depois que viu o modo com que apanhavam estes seres, afastou-se deles, e, escolhido um lugar adaptado, pôs-se de prontidão com arco e flecha. Eis que chegou um “*okogue*” e depois um “*pobu*” (dois peixes) e ele os flechou a ambos, e depois de apanhá-los, foi-se embora contente, dizendo: “Estas são as coisas que se comem; isto é que é petisco”.

Os pais não estavam em casa e ele então, sozinho, assou os peixes, segundo o costume *boróro*. Quando chegaram os progenitores, logo lhes ofereceu um belo pedaço de peixe. Fizeram mil dificuldades, mas *Pari ao* tanto insistiu que também eles comeram e com muito gosto. Pouco mais tarde abandonaram não só os alimentos dos “*Karoremaregue*”, mas outrossim a sua aldeia e com filho voltaram aos *Orarimogodogue*.

MERI E ARI — O SOL E A LUA — NAS LENDAS
BOROROS

Muitas são as lendas que tem por principais atores *Meri* — o sol e *Ari* — a lua, que eram irmãos. As mais das vezes as suas emprezas eram audazes e são representados como dois rapazes travessos. No tempo das fábulas, estes dois irmãos viviam nesta terra.

MORTE DE MERI

Um dia *Meri* convidou o irmão menor *Ari* a fazer um pouco de exercício com arco e flecha para ver qual dos dois atirava melhor. *Ari* aceitou e se puseram a exercitar flechando um ao outro. *Meri*, como era mais prático e forte, caçoava do irmão mais fraco e atirador pouco feliz. *Ari* ao invés tomou a coisa a sério, e quis mostrar que era um bom atirador e assim chegou a ferir *Meri* em lugar mortal. *Ari* usou-lhe todos os cuidados; contudo o irmão morreu. Ainda depois da morte continuou a assisti-lo, esperando que ressuscitasse, mas debalde; então se afastou chorando pela floresta a fora.

Chegou a uma aldeia de... passarinhos e pediu hospitalidade. Foi, porem, pessimamente acolhido. Não só não se preocuparam com ele, mas lançaram-lhe às costas ossos, pedras e pedaços de lenha. Porem havia quem com mais juizo dizia: "Eh! atenção que deve ser um *Aroe*, um espírito", e usaram-lhe um pouco mais de delicadeza.

Ari no entanto havia construido uma pequena cabana e, triste, passava seus dias pensando no irmão. Um dia viu passar um bando de "*kuido*" (araras) e lhes dirigiu a palavra pedindo noticias do seu irmão *Meri*. Responderam que vinha atrás. Chegou tambem um bando de outras araras "*nabure*" e, pedindo informações do seu irmão, recebeu a mesma resposta.

Finalmente passou um bando de "*kuddoro*" e com eles chegou *Meri*, ressuscitado quem sabe como. Separando-se dos companheiros de viagem, transformou-se logo em homem, e, sem se fazer conhecer, entrou na cabana de *Ari*. Vendo-o assim sofredor e pálido, perguntou-lhe o porque; e o irmão o informou do mau tratamento que recebia daqueles da aldeia. Sabendo que tinha fome lhe disse que tomasse o arco e a flecha, e juntos foram ao rio. Chegados, disse a *Ari*: "Põe-te aquí e fica bem atento para ver se passa algum peixe para flechá-lo; eu vou um pouco mais abaixo". E se transformou no peixe "*okogue*". *Ari* obedeceu; e não deveu esperar muito, porque quasi na mesma hora viu chegar devagar, devagar um belo *okogue*. Flechou-o prontamente e, enquanto o tirava da água, chega *Meri*, que lhe pergunta: "Mataste o bonito peixe que chegou?" — "Sim" — respondeu *Ari*, "ei-lo aquí" — e juntos voltaram para casa.

Ari estava tão pobre que não possuía nem sequer uma faca para abrir o peixe. Então *Meri* lhe disse: "Vai ao teu avô *Baxecogúio* (tuiuíú ou jaburú) e pede-lhe a sua faca". *Ari* tinha medo, mas por fim obedeceu. E não errara, pois foi recebido assás mal, e o velho lhe atirou a faca entre resmungos e ameaças. Quando *Ari* saía, lhe disse: "Traga-a depressa, junto com a gordura e a cabeça do peixe".

Quando voltou para casa narrou a *Meri* o mau modo do avô, *Baxecogúio*: Mas depois *Ari* tinha medo de levar a faca para o velho. Quem sabe que faria ou diria ele.

Meri o encorajou e lhe disse que jogasse lá, por terra, aquele instrumento, como o avô fizera. Assim fez, mas o avô *Baxecogúio* se enfureceu e correu atrás do pobre *Ari*, que depressa se refugiou em casa. Saiu *Meri* e se colocou, ereto, na porta e, ao chegar o velho, disse: "Muito bem, jogue pois a faca contra *Ari*; vejamos se é capaz." Parou *Baxecogúio* imediatamente, e procurando mudar de fisionomia e com a voz mais suave que tinha, respondeu: "O' *Meri*, eu em verdade não estou nada zangado com *Ari*, e nem mesmo, por sinal, quis fazer-lhe mal". E todo confundido se retirou. Então *Meri* ergueu a voz contra todos aqueles que tinham maltratado o irmão. Terminou dizendo: "Sois tão maus que eu não quero estabelecer-me aqui convosco; com o meu irmão irei habitar na outra margem do rio".

De fato *Meri* e *Ari* construíram sua cabana no outro lado do rio. A continuação acha-se à pag. 232.

MERI E O BICO DOS PASSARINHOS

Reza uma lenda que um dia foram os passarinhos se queixar a *Meri* porque os seus bicos eram pouco resistentes e não podiam quebrar os cocos duríssimos das palmeiras para comê-los. *Meri* respondeu que se reunissem no largo *Koiguru boróro*. Quando todos se ajuntaram, compareceu *Meri* que começou a distribuir novos bicos. Apresentou-se por primeiro o *nabure* (arara vermelha) ao qual *Meri* substituiu o antigo bico por um novo, feito de uma pedra branca, muito dura. Quis o papagaio prová-lo logo, e vendo que era bom, foi-se embora contente. Veiu depois o "*kuiddo*" (arara amarela) ao qual pôs um bico de pedra preta, muito forte. Provou-o e foi-se satisfeito. Aproximou-se o "*kuddoro*" (arara azul-escuro) e também a ele colocou um bico novo, feito de uma pedra nigérrima, e tão resistente que rompe os mais duros cocos de palmeira. Passaram depois todos os outros aos quais *Meri* pacientemente fez a substituição, e se foram alegres. Assim é explicada a cor dos bicos dos papagaios acima nomeados.

MERI E O PASSARINHO “O”

Um dia *Meri* encontrou dois filhotes de um passarinho chamado “O” (ibis rubra, ou socó). Ao vê-los exclamou : “*iogoddubá ore bao*”? que quer dizer : de quem serão estes dois filhotes? Não vendo a ninguém, pegou-os pelo bico e abrindo-os desmesuradamente, os matou. Pouco depois chegou o pai dos pobrezinhos e achando-os mortos, pôs-se à procura do malvado, que os estrangulara ; mas em vão. Sendo ele o senhor da noite, disse : “Pois bem, farei descer logo a noite e quem sabe se poderei assim descobrir quem matou os meus filhos”.

De fato fez-se escuro e para logo se ouviu, pouco longe, um gemido. Acorreu “o” e encontrou *Meri* que gemia. Perguntou-lhe : “O meu avô, sabes quem matou os meus filhotes?” — “Eu não fui” — respondeu *Meri*, “e nem sequer sei quem possa ter sido”. Então “o” fez com que a noite se tornasse ainda mais escura. E eis novos gemidos de *Meri*, ao qual volta novamente perguntando-lhe outra vez se tinha matado os seus filhos. *Meri* negou pela segunda vez, mas juntou : “Eu ressuscitarei os teus filhos se me deres o poder sobre a noite”. O passarinho aceitou a proposta e juntos foram aonde estavam os dois filhotes mortos. *Meri* tomou-os nas mãos e passou-lhes nas feridas um pouco de resina de *kiddoguru* misturada com carvão. Dissolveu na água um outro remedio e com ele lavou a ferida e os dois mortos voltaram à vida.

O pai, fiel à palavra dada, cedeu a noite a *Meri* ; porem lhe pediu o favor de apressar o dia quando ele cantasse : “*oó, oó, oó*, e *Meri* prometeu que o faria.

Daquela época em diante, “o” teve aos lados do bico duas linhas negras devidas à resina com carvão que *Meri* lhe passara.

MERI E OS PASSARINHOS ENARE

(pica-pau)

Errando *Meri* por uma floresta, ouviu golpes de machado. Foi ver o que era, e viu pica-paus que cortavam uma árvore para tirar mel ; usavam um machado de ferro resplandecente. *Meri* se afastou e, preparado um machado de pedra, voltou dizendo : “*Ivague, ivague, pawo pabaro maku pui bagui*”, isto é : “o’ meu neto, troquemos os machados”. Os *Enare* responderam : “*iedaga, iedaga, aparu rugaddu aparu, xebaro rugaddu xebaro*”, ou seja : “Fica tu com o teu machado e nós com o nosso”. Resposta justa, mas que não agradou a *Meri*, o qual arrancou aos *Enare*, à força, o machado dizendo : “Vós não precisais de machado para tirar o mel das plantas ; para isso tendes o bico : usai-o”. E’ por isto que os pica-paus tiram o mel das árvores com o bico.

MERI E O KADAGARE

(martim-pescador)

Andando ao longo de um rio, *Meri* viu um bellissimo *kadagare* que com arco e flecha esperava que os peixes passassem para matá-los. O arco era aquele que a família dos *Bokodori exerae* chama *bakaraia ika*. Tendo feito com toda a pressa um pequeno arco, *Meri* se avizinhou ao *kadagare* e disse: “*iwagueddu, iwagueddu, pawo, iga macu pu ai*”, isto é: “Troquemos o arco”, e lhe mostrava o seu mal feito e sem ornamentos.

Kadagare respondeu: “*iedaga, iedaga, i modducare iwoiga macu*” — “Meu avô, meu avô, eu não te darei o meu arco”. *Meri* insistiu e vendo que o outro não queria cedê-lo, tirou-lho à força e lhe disse: “Tu não precisas de arco e flechas para pescar; tens o teu bico, e basta”.

O pobre *kadagare*, daquele tempo em diante, deve voar para baixo e para cima dos rios, para pegar os peixes com o bico.

MERI E O PASSARINHO AOGA

Aoga era um passarinho recoberto de bela plumagem vermelha. A lenda chama-o vestido de *Jacomea*.

O invejoso e prepotente *Meri* quis apossar-se daquelas penas e para isto preparou o mais de pressa possível um outro *Jacomea*, e foi propor a troca. À repetida recusa de *aoga*, *Meri* recorreu à força e pegou o vestido de um lado, pôs-se a tirá-lo; chegando ao pescoço, se rasgou. Cheio de raiva, *Meri* lhe disse: “Que fazes tu com um vestido tão belo, tu que estás sempre aquí na floresta?”

Eis o motivo porque *aoga* tem as penas vermelhas só na cabeça, enquanto o resto do corpo é coberto de penas escuras.

PORQUE AS CANAS DAS FLECHAS TEM OS NÓS

Ordinariamente as flechas dos *Orari* são feitas de uma cana ou de um bambú especial em que vem encaixado o *otto* ou seja a parte que tem a ponta.

Dizem que antigamente estas canas eram desprovidas de nós, e, se agora os tem, é devido ao seguinte caso:

Um dia os “pássaros” de uma aldeia estabeleceram ir à procura destas canas, especialmente para dar a caça a um “*aroexeba*”, (espécie de águia) que andava por aquelas regiões. Foram; na taba ficou um certo *tagogo* (pássaro noturno) que estava doente dos olhos:

Depois de voltarem com boa provisão de canas, no “*bai mannaguegeu*” (grande cabana que surge no meio da vila para a reunião de homens) se puzeram a fabricar flechas. O pobre “*tagogo*”, não tendo canas, contentou-se com reunir os pedaços que os outros jogavam fora, e unindo-os, como melhor podia, fabricava também ele as suas setas. Assim se formaram os nós das canas.

Mas *tagogo*, além de preparar as flechas, fez também uma espécie de viseira, dita “*jobukegeu*”, feita com as penas timoneiras, de uma bela cor amarela, do pássaro “*xivaboè*” (japuirá). Com esta viseira foi ele com os outros, à caça do “*arozeba*”, ao qual todos atiravam, mas ninguém acertava.

Tagogo, com a viseira, avizinhou-se devagar, devagar à grande ave de rapina; flechou, e a ave caiu morta entre a maravilha de todos. Sendo *tagogo* do clan dos *Paiwoe*, a esse pertence o “*tugo*”, ou seja à cana ao redor da qual eles podem dispor, como distintivo, uma ligadura feita com a casca de um cipó chamado “*mixori*”. Também aquela viseira, “*jobukegeu*”, pertence ao mesmo clã.

BUKE GIU BAKARU

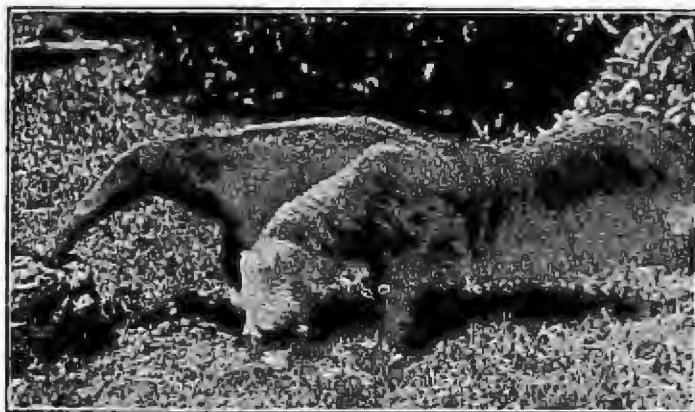
(lenda do tamanduá)

Um dia o “*Buke*” — tamanduá — estava fazendo flechas, e perto dele se divertia um “*adugo*” jaguar — como se fosse um gato. O tamanduá, sério, recomendou-lhe ficar um pouco mais quieto, para não estragar as flechas novas, e precisamente aquelas chamadas “*kudora*”, do clan dos *Paiwoe* ao qual pertence.

Mas o *adugo*, impertinente, continuou a divertir-se e a saltar distraidamente, pisando nas setas que *Buke* fazia tão pacientemente. Perdeu, por fim, a costumiada tranquilidade e saltou sobre o *adugo*. Com as suas duas unhas furou-lhe os olhos e fugiu, para se esconder numa caverna.

Assim, sem olhos, o pobre jaguar fazia dó e se recomendava a todos afim-de-que lhe restituissem a vista. O bom “*kuo*” pensou um pouco e depois foi à floresta, a procurar resina de “*bokaddi*”, que é uma árvore colossal e que dá uma resina de cor amarelo-claro, mas transparente como o vidro. Tendo-a achado, preparou-a bem e depois pô-la nas órbitas vazias do *adugo* que imediatamente recuperou a vista. O *adugo*, conquanto fosse feroz como um... jaguar, mostrou-se reconhecido para com o “*kuo*” e por isso lhe disse: “Escuta bem; quando andares pela floresta, à noite, canta assim: “*oka kuo; oka kuo*, e assim não te feirei com os meus pés.”. E é por isso que *kuo* canta quando é alta noite e que o jaguar tem os olhos da cor de resina de *bokaddi*.

Recuperada a vista, o *adugo* pensou em vingar-se do *buke* e para isso andou e andou tanto até que encontrou seus rastos, guiado pelos



“Buke”, tamanduá-bandeira.

quais chegou até ele, que se refugiara em um vão estreitíssimo, entre duas pedras, de maneira que só se lhe viam as patas posteriores. Aproximou-se o *adugo* e tendo-o visto, tentou todos os modos para arrastá-lo daí, mas debalde; só lhe pode descarnar os dois pés não protegidos.

Isto explica a diferença dos pés anteriores que são armados de longas unhas com os quais agarra e segura a presa, e das patas posteriores, assás semelhantes aos pés de uma criança.

ORIGEM DO NOME DE ALGUMAS ESTRELAS

Um *boróro*, acompanhado pelo seu filhinho, estava caçando na floresta, quando, da margem de um rio, viu no fundo do mesmo um “*meru*” (arraia), que é um peixe armado de pungentíssimos ferrões, e matou-o com uma flechada. O menino que devia ter muita fome, pediu ao pai que o assasse logo. De má vontade condescendeu, porque queria continuar a pesca. Acendeu o fogo e enquanto se formava um pouco de brasa recolheu algumas folhas grandes com as quais embrulhou o *meru* e o pôs debaixo da cinza para assá-lo, e voltou logo ao rio, deixando o menino junto do fogo. Passado um pouco de tempo, a criança gritou: “Papai, papai, vem; o peixe já deve estar cozido”. Mas o pai, amolado, respondeu: “Espera, espera; há pouco que o colocamos no fogo e não pode setar cozido”. Então ele calou por pouco, mas depois começou a chamar o pai que disse com impaciência: “*Inagore kajóie*”, isto é: “Já disse de esperar”. Mas o pequeno devia ter bastante fome, se tornou a importunar o pai, que, por fim tirou o “*meru*” do fogo. Abrindo as folhas que o enrolavam, viu que não estava bem assado, e por isto jogou-o ao rosto do filho e se foi embora.

O menino chamuscado e meio cego pela cinza, começou a gritar. Mas eis uma coisa singular e misteriosa: aos gritos do menino responderam na floresta outros gritos e estranhos rumores. O pai, espavorido, foge, deixando só o filho, que redobra os gritos. Não sabendo o que fazer, corre para agarrar-se a uma muda de *bokaddí* e disse: “*iedaga, bokaddí, arijodduddo itabo*” — que quer dizer: “ó meu avô *bokaddí*, sobe comigo”. E de fato eis que a plantinha se faz grande e grossa com o menino em seus abundantes ramos. No entanto o misterioso rumor da floresta aumentara e fizera-se mais terrível ao redor da árvore sobre a qual estava o menino. Eram os *Aroe Kogae kogaedogue*, ou seja os espíritos *Kogae*, que de dia e de noite não se afastavam do *bokaddí* em cima do qual estava empoleirada a pobre criança. Lá de cima ele observava e escutava tudo e notou que de noite, ao despontar de cada estrela ou constelação, os *Kogae*, assobiando, segundo o uso *boróro* que também podem falar... assobiando, diziam-lhe o nome, que o menino retinha na memória.

Os *Kogae* disseram pois... assobiando: “*Bika jocu rutu*” — de *bika* o seu olho surge”, “*Akiri dogue erudu*” — surge a constelação *Akiri*”. “*Vaxe iwararegue erudu*” — nascem as pequenas garças”. “*Kuddoru rutu*” — irrompe a arara azul-escura”. “*Upe rutu*” — surge a tartaruga de água (parte do escorpião). “*Pari burea dogue erudu*” — nascem os rastos da ema” — (cruzeiro do sul). “*Jeriguigui rutu*” — aparece *jeriguigui* (tartaruga da terra). “*Je curireu rutu*” — ergue-se a estrela chamada *je curireu* (rosto grande).

Assim se soube o nome de todas essas estrelas e constelações que antes não se conheciam.

Um belo momento porem, em que os *kogae* deixaram a vigilância, o menino disse à árvore: “*iedaga bokaddí, akeno joddo itabo*”, que literalmente significa: “avô *bokaddí*, abaixa o teu nariz comigo”. E a grande árvore se fez pequena até que o menino deu um pulo e com toda a pressa fugiu.

Os *Badagebague zebeguigue* tem por totem os *Kogae kogaedogue*.

MERU GIU BAKARU

Lenda do *meru* (arraia)

Um grupo de meninos estava no *bai mannaqueggeu* divertindo-se, enquanto o pai de um deles, estirado sobre uma esteira, dormia. Quando se levantou para sair, eis que fugiu debaixo dela um ratinho. Imagine-se a alegria dos meninos. Deram-lhe caça e, matando-o, assaram-no e o deram de comer ao filho daquele que lá estava deitado. Quando o tinha comido, começaram a zombar dele, horrivelmente. Então ele se queixou com o pai, que, zangado, abandonou a aldeia. Porem, a

pouca distância, disse ao filho: "Sobe nesta árvore e observa bem; quando estiver para chegar alguém, canta assim: *ka, ka, ka*".

O menino obedeceu e apenas subido à árvore, ficou transformado em *makao* (pássaro de mau agouro). Por sua vez o homem se converteu em *meru* (arraia), e se escondeu dentro da terra de maneira a deixar fora, livre, somente o rabo com os pungentes ferrões. Ao aproximar-se de alguém, o *makao* dava o sinal, e assim o *meru* se preparava, e quando passava, fincava-lhe nos pés os espinhos com tanta força e raiva, que dava a morte. A coisa fez alarme e mandou-se procurar quantos animais possíveis para ver se algum deles podia matar aquele terrível *meru*. Muitos foram experimentados, mas em vão. Chegou por fim um pássaro chamado "*kituireu*" que, armado de um bastão bem pontudo, avizinhou-se como se nada houvesse acontecido. O *meru* tentou feri-lo, mas não o conseguiu, porque *kituireu* deu um pulo; depois, voltando-se, transpassou-o com o bastão e arrancando-o da terra, jogou-o em um fogo que ardia ali perto, dizendo: "Tu não deves comer gente; teu alimento é lama no fundo do rio; tua comida são os peixes. Ferroarás ainda, mas a dor durará pouco tempo, e não chegará até o por do sol".

E' por isso que quando o *makao* canta diz: "*ka, ka, ka*", e é sinal de qualquer desventura ou de morte.

De fato não se pode imaginar o medo supersticioso que sentem quando canta o *makao*.

ORIGEM DO AÍGE

O *atge* é um animal lendário e medonho. Quando o revocam nas suas festas e jogos, mulheres e meninos não o podem ver. No entanto o identificam com o hipopótamo, não obstante não se saber nada da existência de semelhante animal nestas terras.

A lenda diz que um tal *Rubugu*, do clan dos *Paiwoe*, achou um animalzinho bastante pequeno e curioso, que, levado para sua casa, foi colocado num recipiente cheio de água, para criá-lo, e, à medida que crescia, punha-o em um vaso proporcionado, até que cresceu tanto que não havia coisa que o pudesse conter.

Rubugu então o mostrou a vários amigos do clan dos *Aroroe*, e estes, com a desculpa de que os *Paiwoe* não tinham ornamentos e cantos para honrar a "*atge*", tomaram-lho e se tornaram seus possuidores.

Levaram-no a uma lagoa, cercada de pântanos, lugares intransitáveis pela abundante e intrincadíssima vegetação e lhe disseram que ficasse lá, porque aqueles lugares eram próprios para ele.

Os *Aroroe* pensaram e pensaram nos cantos e ornamentos do "*atge*" e prepararam coisas espetaculosas.

ORIGEM DO NOME: BOKODORI EXERAE

Um grupo de *Orari* foram pescar e com suas redes, mergulhavam no mais profundo das águas. Lá, no fundo do rio, um viú, agarrado a uma rocha, um *aroe*, espírito, de cor branca. No primeiro momento teve medo e voltou à flor d'água. Repousou um pouco pensando no que tinha visto; depois, sem nada dizer, mergulhou outra vez, com a sua rede.

Tendo-se aproximado do *aroe*, jogou-lhe por cima a rede e à força o arrancou da rocha. Vindo à tona, logo gritou: "*Aroe butu buke to*", ou seja: "um espírito caiu na rede". Todos acorreram e o ajuram a sair da água, e sobre a vasta praia arenosa, observaram o que havia na rede.

Lá estava o *Aroe Bokodori*. Os *Exerae* que ali se achavam, tomaram-no para si e para os seus. Assim cada um se deu um nome e por isso se chamaram: "*Bokodori kurireu*, *bokodori* grande; *Bokodori kujagu* — *bok.* vermelho; *Bokodori xereu*, *bok.* negro; *Bokodori baru*", etc., etc.

Os *Bokodori baru* levaram depois o *aroe* à floresta e lá o deixaram, dizendo: "Tu não deves ficar na água. Tu és *bokodori* (o maior dos tatús) por isso tua casa será aos pés das grandes árvores, na floresta; lá ficarás bem escondido e só sairás à noite".

Assim foi; e por este motivo o tatú vive em enormes buracos que ele excava com as próprias unhas, e só sai alta noite.

O clan dos *Bokodori* tomou o nome genérico de *Exerae*, mas cada um tem o seu próprio apelido, notando-se que os nomes *Bokodori baru* e *Bokodori akiri* são para o homem de maior autoridade entre os *Bokodori*.

ORIGEM DO POARI

O *poari* é uma aboborinha ou cabacinha furada tanto no fundo como no colo. Neste último buraco é fixada uma canazinha, em que, com um corte longitudinal, se forma uma lingueta. Soprando nela obtem-se um som mais ou menos agudo, que é dito pelos *boróros* o canto do *aroe* — canto das almas.

O *poari* em uma habitação de *boróro* é uma coisa sagrada, um *aroe*, porque representa a alma do defunto.

Narra a lenda que antigamente os *Orari* nada tinham que lhes representasse ou lembrasse seus finados; nem sequer o *poari*. Quem tirou este inconveniente, foi um certo *Jakome Kuadda*.

Estando ele para morrer, disse aos parentes que desejava que sua lembrança ficasse viva e permanente também após a morte. Por isso disse: "Fareis um charuto e preparareis água com argila (bebida

própria das almas) e a dareis ao meu “*iorubadare*”, padrinho, *Okogue ekureu*, da família dos *Bokodori exerae*, e ele somente poderá fumar aquele charuto e beber aquela água. Fareis também um *poari* que ficará como lembrança na casa materna”.

Fizeram como mandara e assim teve início o uso do *poari*.

PORQUE AS FOLHAS DAS ARVORES SÃO DE VARIAS CORES

Os *Iwaguddogue* indo pela floresta, encontraram um grande número de *adugo*, onça jaguar, de várias cores e espécies. Uns claros, outros mais escuros; uns pequenos, outros maiores; uns magros, outros gordos... de toda qualidade.

Aqueles corajosos, após tê-los reunido em manada, tocavam-nos para a frente como um rebanho. Chegando ao rio *Meribo*, as feras entraram nele com grande ímpeto, e salpicaram as folhas das árvores da beira. Por este salpico é que as folhas ficaram variegadas; umas de um belo verde-claro, outras mais escuras, outras amareladas, outras secas.

Tendo saído na outra margem, continuaram a viagem até a cabana de *Akaruio bokodori*, que repartiu os *adugo* aos *boróros*. Naturalmente tomou o melhor para si: *adugo meri*, deu-os aos *Apiboregue*; *adugo bakororo* aos *Badageba xebeguiugue*; *adugo xereu* aos *Iwaguddogue* e assim a todos.

Ainda hoje na festa dos *adugo dogue*, o chefe é da família dos *Akaruio bokodori*.

MERI DOGU'EI TORI DOGUE ETOUGEDU

Dizem os *Orari* que o sol e companheiros do céu empreenderam uma viagem de ocidente para oriente, marcando com montes os lugares pelos quais passavam, formando assim aquela cadeia de alturas, que vão na direção da sua viagem, durante a qual criaram também não poucos animais, como *ki*, tapir, *jui*, porco do matc e outros.

Observando pois como a gente não tinha boa linha para fazer corda para pescar, eles fizeram surgir da terra o *rito*, pequena palmeira, de cujas folhas se pudesse tirar uma fibra muito resistente usada pelos *boróros* para pescar e fazer redes.

A certo momento soltaram um forte e prolongado grito, que espantou os jacarés, que estavam na beira do rio. Então os *meri* disseram: O *aroe* jacaré espantou-se ao ouvir os gritos do *aroe meri* à passagem do rio.

O mesmo disseram quando com seus gritos espantaram o *aroe pai*, o macaco.

Como se vê, com lendas e fábulas; às vezes pueris e monótonas, procuram explicar a origem das coisas criadas, de seus costumes, de seus enfeites, de tudo, também dos fenômenos naturais.

Seguem-se algumas lendas que se poderiam classificar como jogos.

ADUGO MARE CONNORIGUI

O jaguar e a cigarra.

A cigarra desafiou o jaguar para ver quem teria resistido mais à fome. O *adugo* aceitou e acocorou-se aos pés da árvore na qual estava a cigarra, e muito perto dela.

Passaram os dias, e a cigarra sempre imóvel; e também o *adugo* sempre lá observando. Mas afinal perdeu a paciência; não aguentava mais a fome. Deu uma patada na cigarra: e só então percebeu que havia somente a pele dela.

ADUGO MARE BOIGAREU

O jaguar e o lagarto

Um jaguar não sabia como alcançar a presa; havia dias que não podia comer e era magro. A causa era que fazia muito barulho e todos tinham tempo para fugir. Tendo observado que o lagarto podia avizinhar-se muito bem da presa, dirigiu-se a ele para ter instruções e mesmo para receber dele tal poder.

O lagarto o satisfaz dando ao *adugo* uma agilidade e flexibilidade tal que podia caminhar nos lugares mais difíceis sem se fazer perceber. E desde então, quantas vítimas!

O *adugo* em sinal de gratidão deu um pouco de beleza ao pobre lagarto, pintando-lhe a pele dos dois lados.

BAKARU JUKO RO

A lenda do macaco

O *adugo* e o *juko* fizeram sociedade e foram juntos à floresta para caçar, afim de passar um pouco de tempo. De fato fizeram muita caça; mas o *adugo* queria matar também o seu companheiro.

Pregar porem esta peça ao *juko*, era difícil; ninguém o tinha conseguido. Uma noite estavam juntos numa choupana; o *adugo* deitado no chão e o *juko* na sua *kuga*, rede. Contrariamente ao seu costume, *adugo* não dormia e *juko* estava preocupado com isto; fingia dormir, mas estava alerta.

Em dado momento, *adugo* se levantou e avizinhou-se cautamente para ver se dormia e parecendo-lhe que dormisse profundamente (roncava a mais não poder), levantou-se sobre as patas e estava para estrangulá-lo.

Mas o *juko*, num piscar de olhos, pulou fora da rede e, trepando pelos paus da choupana, fugiu dizendo: "Ah *iaddu*, meu amigo, o *juko* não se pega tão facilmente".

Então o *adugo*, com a cara mais ingênua possível e voz suave, convenceu o amigo que se enganara e o convidou a descer e ficar tranquilo.

Agora os papéis se invertem; é o *juko* que trama ciladas. Um dia que o *adugo*, após uma boa refeição, dormia saborosamente, pegou de um machado e matou o *adugo* dando-lhe uns golpes nas fontes.

Tirado o couro, assou a carne e foi-se. Chegando à casa de *adugo*, entregou a carne a *adugoreddo*, jaguar femea, dizendo-lhe: "Eis o que o meu companheiro te manda; ele chegará mais tarde".

Adugoreddo, que estava com fome, cozinhou melhor a carne, e começou a comê-la. Mas o pequeno *adugo*, que tinha o faro fino, notou logo na carne alguma coisa de particular, e o disse à mãe que não fez caso e continuou a comer.

Como tivessem acabado, eis o *juko* a caçoar deles porque tinham comido *adugo*. *Adugoreddo* tornou-se furiosa e usou de todos os meios para vingar-se, mas em vão.

Afinal pediu o auxílio de certos animais chamados *maregue* e disse-lhes que fizessem barulho como se caçassem alguma fera; assim, pensava, virá também o *juko* e eu farei o resto.

Ao vozerio, correu o *juko*, mas levou consigo o machado e dando golpes em todos os sentidos, dizia: "*Kaibá, kaibá*; onde está, onde esta?" Tendo visto à flor da terra os dentes de *adugoreddo*, que nela se tinha escondido, deixando fora só os dentes, deu-lhe uns golpes de machado que quebrou não só os dentes, mas também a cabeça.

AREME ETUI KARE ETTAEDDU

A pesca das mulheres

Por muitos dias a fio, os homens foram pescar sem êxito nenhum e à tarde voltavam de mãos vazias à aldeia tristes, também pela feia figura e má recepção que lhes faziam as mulheres, que chegaram a ponto de desafiar os homens para ver quem pescaria mais.

De fato numa manhã todas juntas foram ao rio, onde com grandes gritos chamaram as *ipie*, lontras. Atenderam logo, e conhecido o desejo das mulheres, mergulharam na água e pescaram abundantemente. Voltaram à aldeia sobrecarregadas, entre a admiração e a vergonha dos homens, que no dia seguinte pensaram em tirar desforra. Mas não pescaram nada e voltaram de mãos vazias, entre os escárneos.

dás mulheres, as quais no dia seguinte, com o auxílio das lontras, fizeram uma nova pesca abundantíssima.

A coisa era bem original e os homens começaram a suspeitar alguma cilada, e o *kituireu* (uma ave) assumiu o encargo de esclarecer a coisa.

Ele prudentemente seguiu as mulheres na pesca e viu o que acontecia. Feita a descoberta, voltou à aldeia, reuniu os homens e estabeleceram o que era preciso fazer: cada um devia preparar um *bokigo bekureu*, corda com visgo, e ficar pronto para o dia seguinte.

À volta das mulheres, ficaram todos mudos e indiferentes, tanto que as mulheres se queixaram.

Na manhã seguinte foram os homens pescar. Levando o *bokigo bekureu*, foram ao rio e, ensinados pelo *kituireu*, chamaram as lontras, que, como de costume, saíram da água pensando que fossem as pescadoras de costume.

Quando estiveram bem perto, os homens lhes pularam em cima e jogaram o *bokigo* ao pescoço e estrangularam-nas: uma só fugiu.

Tendo saído tão bem a empresa, voltaram à aldeia satisfeitos, combinados de não falar às mulheres, que mais uma vez caçoaram dos homens, os quais porém no seu coração riam a bom rir. No dia seguinte fizeram outro tanto às mulheres, quando voltaram do rio quasi sem nada. Tinham, sim, chamado as lontras, mas veio só uma delas. Cheias de raiva por ter sido descobertas, meditaram logo uma vingança. Prepararam uma bebida de uma fruta chamada *eko* (piquí), mas sem tirar os numerosíssimos e pequenos espinhós que, debaixo da carne, rodeiam a semente. Os homens beberam, mas sufocando por causa dos espinhos que se fincaram na garganta, começaram a fazer *ú, ú, ú, ú*, para libertar-se deles; e ficaram transformados em porcos, que fazem mesmo *ú, ú, ú, ú*.

A VIDA DO HOMEM

Discutiam entre si um dia o *tori* (pedra) e o *kaddo* (taquara) acerca disto: a quem dos dois mais se assemelhava a vida do homem sobre esta terra. Eis o diálogo:

Tori: A vida do homem deve ser semelhante a mim; terá assim uma vida longa como a minha.

Kaddo: Não, não; a vida do homem deve ser como a minha. Eu morro, mas volto logo à vida.

Tori: Não pode ser assim; eu não dobro ao soprar dos ventos e à força das chuvas; o calor não me prejudica; a minha vida é longa; antes, não tem fim, e ainda mais, não tem dor e preocupação.

Kaddo: Não. Como a minha há de ser a vida do homem. Infelizmente morrerrei, mas hei de ressurgir nos meus filhos. Eu não

faço assim? Observa ao meu redor. E como os meus filhos, também os deles terão uma pele mole e branca.

Tori não soube o que responder e zangado foi-se embora. Assim a vida do homem ficou sendo semelhante ao *kaddo*.

AS DUAS POMBAS

Vivia sozinha uma mulher chamada *Birimoddo* (nome que se dá também ao homem), de forma que não tinha ninguém que lhe preparasse um pouco de comida, para quando voltava cansada da floresta, e a auxiliasse em seus misteres domésticos.

Um dia, porem, voltando da mata, teve a feliz surpresa de achar sua *aria* (panela de barro cozido) cheia de *kuiadda kuru* (iguaria feita de farinha de milho).

“*Wo*, exclamou, *iogudubá coia ba ure i ke rogo pemegaddo tu iwogai?*” isto é: “Oh! Quem terá preparado a comida para mim?” Com a fome que tinha, não perdeu tempo em procurar, mas pôs-se logo a comer. Em seguida encontrou outras vezes a sua *kuiadda kuru* e estava desejava de saber quem lhe fazia tal favor. Dos outros só soubera que durante suas ausências, em sua casa ouvia-se barulho e sonoras gargalhadas. Quem podia ser, se com ela na cabana só havia duas pombas, das quais cuidava com todo o carinho?

Grande era o desejo de poder explicar a cousa, mas não conseguia. Finalmente veio-lhe à mente fingir que ia à mata em busca de frutas. Tomou o seu *koddo* (cesta de folhas de palmeira), e saiu.

Voltou muito mais cedo do que costumava, e quando chegou perto da cabana ia vagarosamente, parando de vez em quando para escutar. Deveras que alguém devia estar na cabana; ouvia-se o conversar de duas vozinhas suaves e depois gargalhadas sonoras, que era um gosto ouvi-las.

Abriu imediatamente a porta e viu duas meninas ocupadas em preparar a *kuiadda kuru*. Procuraram compor-se logo em seu estado natural, mas não tiveram tempo, porque *Birimoddo* lho impediu e disse: “*ta gaba ta begadda; itorewo tagui*”, “não vos transformeis, sereis minhas filhas”. E tomou-as amoravelmente sobre os joelhos, abraçando-as e acariciando-as.

Compreendera tudo perfeitamente; as duas pombas transformavam-se em meninas e lhe preparavam a comida.

NOTAS

NOTA I — Lenda do Dilúvio.

Meriri Poro, antes de descer do monte, onde se salvara da inundação, enviou primeiro a pomba e depois o corvo, que não regressaram. Mandou por fim o papagaio *kunno*, que voltou com um ramo verde no bico.

NOTA II — *Bae mannaqueggeu* (que aparece no livro com as variantes *baimanaqueggeu*, *baemanaquegeu* e outras) significa: *bae*, casa; *manna* (= *boróro*), praça, pateo; *kegge*, sobre, na; *u*, aquela, isto é: a casa que está na praça.

TERCEIRA PARTE

Gramática da lingua dos Boróros Orientais Orarimogodogue

BOE EWADARU

INTRODUÇÃO

JULGAMOS oportuno fazer preceder os ensaios lingüísticos collidos entre os *Orarimogodogue*, de uma breve exposição das principais regras desta língua. Nos primeiros anos, tal estudo apresentou gravíssimas dificuldades; a principal vinha da proibição dos caciques aos meninos e adultos de ensinar a língua aos missionários. Os índios, desconfiados por natureza, no princípio não queriam que nós compreendêssemos a língua deles e o mais que ensinavam eram as frases usuais, de modo a fazer-nos entender sòmente quanto eles queriam de nós. Eles pretendiam poder falar entre si o que entendessem, sem que nós chegássemos a compreender e descobrir suas intenções.

Chegavam a ponto de dar falsas indicações. Interrogados: Como se chama isto? indicando, vamos supor, uma pedra, eles respondiam: *poba*, que quer dizer água...

O chefe, sabendo que um seu filho, amigo nosso, começava a nos ensinar vocábulos e frases indígenas, proibiu-o absolutamente de continuar, e até ameaçou incitar os índios a abandonar a missão.

De modo que, um estudo metódico e gramatical da língua dos *Orarimogodogue* foi possível sòmente depois que o cacique *Ukeirvaguúo*, ganho e vencido pelas boas maneiras, pela caridade cristã dos missionários, mudou o modo de pensar e agir. Só então os índios deixaram a natural desconfiança e animados de melhores sentimentos para com os missionários, prestavam-se a nos ensinar espontaneamente a língua indígena. Assim é que este novo trabalho serve para comprovar a conquista moral que os Missionários Salesianos conseguiram sobre esta indômita tribo selvagem.

Outra fonte que nos forneceu regras gramaticais (de morfologia e sintaxe) é constituída de recortes de lendas, contos e fábulas dos *Ora-rimogodogue*, ditados pelo mesmo *Ukeiwáguuo* e transcrita mais adiante com traduções interlineares. Julgamos que esta última fonte, como nos serviu para aumentar nosso patrimônio gramatical e tirar dúvidas e incertezas, assim poderá servir aos glotólogos para adquirir novos conhecimentos gramaticais e especialmente para instituir confrontos uteis com outras línguas da América Meridional.

O leitor nos perdoará as falhas e enganos em que necessariamente incorre quem tem pouca prática nesses estudos e tenta, por necessidade, escrever uma gramática. Sentimos a obrigação de tributar um público agradecimento aos preclaríssimos Profs. P. Antônio Tonelli e Alfredo Trombetti, que pacientemente e com insuperável perícia dirigiram nosso trabalho e reviram a gramática diversas vezes.

FONÉTICA

Os sons

1.º - AS CONSOANTES

§ 1.º — A língua do *Orarimogodogue* tem as seguintes consoantes :

	GUTURAIS	PALATAIS	DENTAIS	LABIAIS
explosivas { fortes surdas	<i>k</i>	<i>x (=t:h)</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
{ brandas sonóras	<i>g</i>	<i>g (=d:j)</i>	<i>d</i>	<i>b</i>
aspiradas	—	—	—	<i>v (w)</i>
nasais	—	—	<i>n</i>	<i>m</i>
líquidas	—	—	<i>r</i>	—

O som das consoantes é :

K = corresponde ao *c* antes de *a - o - u* ; como em casa, coco, culto.

X = soa como em português : xácara, ximarrão; ou melhor, como o *c* italiano antes *e - i* : cenacolo, ciborio.

G = Antes de *e - i* corresponde ao som que tem em português, como : gelo, gente, gigante.

Antes de *a - o - u* corresponde ao som gutural *ga - go - gu*, como em : gaivota, garganta, gótico.

(*Gue - Gui* soa como em português : guerra, guiso).

J = Antes de *a - o - u* soa como em português : janeiro, joelho, júbilo.

W — corresponde ao som *u - v*.

As vogais *a - e - i - o - u* soam como em português.

§ 2.º — As consoantes *g - t - d - n - m - b*, quando se acham na última sílaba de uma palavra, quasi sempre são duplicadas : *gg - tt - dd - nn - mm - bb*, e se fazem ouvir na pronúncia.

Igual duplicação sofrem todas as palavras monossílabas, contendo uma dessas consoantes, quando se tornam enclíticas. Assim o verbo *tu* "andar", tornando-se enclítico ao pronome pessoal *u* "ele", produz *ú - ttu* "ele vai"; assim *pobo* "água" e *to* "em", dão *pobo-tto* "na água".

§ 3.º — Nesta língua faltam as consoantes *f*, *l*, *s*, *z*. Mas convem notar que o *f* e o *s* podem aparecer nos sons onomatopaicos. *V. g.*: com *F* é imitado o rumor produzido pela água que irrompe n'uma barca por um furo. Com *S* é produzido o rumor de um jaguar que pela selva corre pisando folhas secas e abrindo caminho entre arbustos.

Pelo contrario, o *l* nunca aparece no som emitido pelos índios, que sentem dificuldades de o pronunciar, ao menos em início, e o substituem com o *r*; *v. g.*: *bapera* em vez de *papel*. O *s* é substituído pelo *t*; a palavra *sal* é pronunciada *ta*.

2.º - AS VOGAIS

§ 4.º — As vogais na língua dos *Orarimogodogue* parece serem as seguintes: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*.

§ 5.º — Na *selecção* dos textos, nem sempre foi possível ter em conta as devidas variações das vogais; portanto de ordinário se usará somente *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Note-se que não era possível fazer repetir inúmeras vezes a mesma palavra, sem provocar a impaciência dos índios, já cansados de ditarem lentamente. Quem redigia, preocupado em apanhar o verdadeiro sentido do conto ditado, sem analisar muito, escrevia vogais com o som mais aproximado e mais simples.

As vogais finais não acentuadas estão sujeitas a fortes instabilidades de pronúncia. Resolvemos escrever com o som que foi pronunciado pelo índio no momento que ditava, sem nos preocuparmos se o vocábulo fora pronunciado outras vezes, ainda que pelo mesmo índio, com vogais finais diferentes; p. ex.: achar-se-á alguma vez *aregoddu*, outras *aregoddo*; do mesmo modo encontrar-se-á *koddi* e *kodde*, *moddu* e *modde*; *pobba*, *pobbo* e *poba*.

Mas, em combinação com o sufixo - *ddo* tem-se: *aregoddu - ddo* não *aregoddó-ddo*; em composição com a partícula *-re* tem-se *koddire* e nunca *kodde-re*. *Pobba* é a pronúncia mais comum; em composição com *-re* e com *-tto*, tem-se ordinariamente *pobbó-re*, *pobbo-tto*. Enquanto ordinariamente se usa *modde*, sempre se tem *moddu* se à palavra segue imediatamente a partícula negativa *ka*: portanto *moddu-ka* e não *modde-ka*. O *u*, na língua dos *Orarimogodogue*, é uma das vogais mais usadas.

3.º AS SÍLABAS

§ 6.º — As sílabas constam ou de uma só vogal ou de uma consoante seguida de vogal. Excluindo-se os grupos onde entra a semi-vogal *w*, raramente se encontram sílabas formadas por um grupo de duas consoantes diversas seguidas por vogal. Em tal caso os grupos das consoantes são *tr*, *br*, *dr*, *rd*.

Convém saber que esses grupos são aparentes, pois entre as duas consoantes há na realidade um “*u*”, às vezes “*a*”, pronunciados de passagem e com insensível apoio da voz.

A existência da vogal intermédia apareceu-nos do modo seguinte: 1.º Muitas vezes pronunciadas as palavras que continham esse grupo com insólita lentidão e clareza, percebia-se a vogal que ordinariamente tinha escapado. 2.º — Os jovens instruídos da Missão Salesiana, convidados a escrever as palavras contendo as sílabas sobreditas, introduzem quasi sempre a vogal intermédia. Por isso seria: *tur* em vez de *tr*; *bar*, em vez de *br*; *dur* em vez de *dr*; *rud* em vez de *rd*; *atruaroddo* seria *aturuaroddo*; *brae* seria *barae*; *erdu*, seria *erudu*. O fato porem de os índios, escrevendo essas palavras, nem sempre introduzirem a debilíssima vogal, significa que é uma vogal quasi imperceptível, e por isso neste estudo da língua dos *Orari* encontrar-se-ão os grupos *tr*, *br*, *dr*, *rd*, com ou sem a vogal.

§ 7.º As sílabas são todas abertas, isto é, terminadas em vogal.

Os ditongos são mais ou menos como em português. Essas características das sílabas tornam muito doce e eufônica a língua dos *Orarimogodogue*.

4.º — AS PALAVRAS

§ 8.º — As palavras são de uma ou duas e até mais sílabas. Visto que as sílabas são abertas, as palavras terminam sempre com vogal, salvo quando há elisão da vogal final, no encontro de uma palavra com outra.

§ 9.º — As palavras podem ser simples ou compostas. As palavras compostas apresentam notáveis contrações e muitas vezes, como nas demais línguas da América Meridional, são polissintéticas.

Por ex.: *Orari-mogo-dogue*; *orari* é um nome de um peixe dos nossos rios; *mogo* significa: habitar, morar, permanecer; *dogue* é um dos sufixos que indicam plural. E’ o nome que os índios dão a si mesmos e se deve verter para o português com a perífrase: os habitantes dos lugares onde existe o peixe *orari*. *Aroettawaraare* é o nome que eles dão a uma pessoa que tem o officio de receber as aparições das almas dos mortos, fazer aos índios profecias e comunicações.

Eis a explicação das palavras seguintes :

Aroettawaraare é : *aroe* - almas ; *et* - delas ; *awara* - caminho ; *are* - possuidor, isto é, aquele que possui o caminho das almas.

- *Tugaregue* é : *tuga* - flecha ; *are* - possuidor ; *gue* - sufixo plural.

· *Ukeiwaguo* é : *u* - sua ; *ke* - comida ; *iwagu* - centopéia ; *uo* - seu pai.

· § 10. — Há muitas partículas mono-silábicas, enclíticas a outras palavras e portanto se pronunciam juntamente com a palavra como se fosse uma só.

· Usaremos o sinal - para indicar a composição do vocábulo que dela deriva.

As principais partículas enclíticas são : *-re*, *-u*, *-gi*, *-i*, *-wo*, *-mi*, *-xe*, *-gge*, *-tto*, etc. *V. g.* ; *pobo-tto* pronuncia-se *pobotto*, *u-xe gi-re*, pronuncia-se *uxegire*. Também os substantivos e os verbos monossílabos tornam-se enclíticos aos prefixos pronominais que precedem ; p. ex. : *tu-o* "seu pai", pronuncia-se *tuo*, *u-ttu* (*u tu*) "ele vai", pronuncia-se *uttu*.

Finalmente também os bissílabos *boe* (coisa, povo), *oe* (coisa) podem formar uma só palavra com o nome ou pronome precedente ; ex. ; *jau-boe*, *tago-r'-oe* pronunciam-se *jauboe* e *tagoroe*.

5.º — O ACENTO

§ 11. — Quanto ao acento, as palavras polissilábicas desta língua são sempre suaves ; por esse motivo, quando a palavra é composta de *partículas*, o acento é sempre transportado sobre a penúltima : *kuiadda*, unindo-se com *gi*, forma a palavra *kuiaddá-gi* ; analogamente, *d-i*, *ró-i*, *imo-xe*, *tá-ddu*, *kuri-ré-u*, *u-xe-gí-re*.

Nas palavras como *maeréboe*, *id-boe*, *tó-r-oe*, *oe* átono tem o valor de ditongo.

· Em *jdu-boe*, é ditongo tanto *au* quanto *oe*.

· Excetuam-se :

1.º — As palavras : *akoé*, *ako-ré* "disse" e *egoé* e *egoré* "eles disseram", que são oxítonas quando precedem um discurso direto ;

2.º — Alguns plurais exdrúxulos ;

3.º — As palavras *kóddi-re*, *xár-u-re* e outras.

Xare "então" é muito usado e faz as vezes de conjunção entre dois períodos. Os índios em suas narrações carregam sobre o *a*, *xAre*, como quem parasse para pensar naquilo que deve seguir. Se *xare* faz parte das palavras compostas, *xar-u-re* "então ele", *xar-e-re* "então eles", essas palavras conservam o *A*, ao passo que é pronunciado apressadamente o resto da palavra composta. Portanto de ordinário dizem : *xArure*, *xArere*.

As regras sobreditas valem tão somente nas conversas familiares. Quando os índios falam em público, assumem um tom oratório, que impõe frequentes exceções, porque então associam entre si grupos de palavras mais intimamente e transportam o acento para melhor secundar a entoação da voz. *V. g.*: Um dos chefes, antes de iniciar a caçada, em vez de: *inoki, inojugo, inobuke, inobokodori*, etc. pronuncia *inokí, inojugó, inobuké, inobokodóri*, etc.

Nos cantos, como se verá, os *Orarimogodogue* não observam as sobreditas regras de acentos sobre a última sílaba, que pode indiferentemente achar-se tanto em *arsis*, quanto em *thesis*.

6.º - MUDANÇAS FONÉTICAS

E' frequente nesta língua tanto a mudança de vogais quanto a de consoantes.

§ 12. — *Modificações de vogais*. — Reduzem-se à elisão, que se dá quasi sempre quando se encontram uma vogal final e outra inicial de palavras. Para haver a elisão é necessário que entre as duas palavras não haja nem interrupção de sentido, nem pausa.

Das duas vogais ordinariamente se elide a primeira, p. ex.: em vez de *kare aki abo* (não contigo), pronuncia-se *kar'ak'abo*.

Em vez de *boe aru*, tem-se *b'aru*, com elisão de todos os grupos *oe*.

Com menos frequência se elimina a segunda vogal; *v. g.*: *aki-re inna*, muda-se em *aki-rénna* = tu assim.

Note-se porem que os meninos índios, quando convidados a escrever exemplos que na mesma pronuncia deles tem a elisão, escrevem todas as vogais, não deixando nenhuma. Pelo contrário corrigem os escritos de quem tenha saltado as vogais que na pronuncia parecem omitidas.

§ 13. — *Modificações de consoantes*. — A mudança de consoantes provocada pelo encontro de duas palavras, acontece somente quando esses vocábulos constituem unidade fonética.

1.º *j - i, b - v, w*.

§ 14 1.º) *Essas mudanças são notadas em regra geral em todos os nomes, pronomes, verbos, advérbios e preposições que no estado absoluto começam por b, quando são precedidos de pronomes pessoais e por isso vem encontrar-se entre duas vogais.*

Por ex.: de *bure* "pé", tem-se *i vure*, meu pé. Do mesmo modo: tem-se *joru* "fogo", *u ioru* "seu fogo", *bi* "morrer", *a vi*, tu morres; *jameddo* "tudo, todos", *emmague iameddo* "todos eles"; *joki* "sobre", *a ioguí* "sobre ti".

2.º) Verifica-se também em outros casos onde não existe a presença dos pronomes pessoais. P. ex.: em vez da frase *e bororo jokod-*

duddo, tem-se e *vororo iogodduddo*; igualmente em vez de *kuddu-gudduia bukegge*, tem-se *kuddugudduia vuguegge*.

3.º Nos dois casos precedentes, a consoante se coloca entre duas vogais; também parece que a mudança vem por vezes no início do período: *vabo-re-u*, *vororo*, respectivamente, em vez de *bapo-re-u*, *bororo*.

2.º *k - i*.

§ 15. — E' uma mudança que só se verifica na palavra *kera* (mão)

P. ex.: *koddi bure*, *iera* "por isso o pé, a mão": por *koddi bure*, *kera*,, *iera-re*, *bure-re*, *ora-re tugé* "a mão, o pé, a cabeça somente", por *kerare*; etc.; *au iera metia* "esta mão companheira" (a mão esquerda), por *au kera metia*; *iera meriri-xe* (nome de mulher) "mão de ferro", por *kera-meriri-xe*.

3.º *k - g*, *x - j*, *t - d*, *p - b*.

ou seja as mudanças das explosivas surdas nas sonoras correspondentes: são as mais notáveis e mais frequentes.

§ 16. — Estas mudanças sucedem em três casos distintos, de que trataremos separadamente.

1.º Quando as últimas sílabas de uma palavra contem uma explosiva SURDA e a primeira sílaba da palavra seguinte contem outra explosiva surda, esta última muda-se numa explosiva sonora correspondente (lei de dissimilação: exclue a sucessão de surda + surda em sílabas contíguas; provoca a sucessão de surda + sonora).

As exceções desta regra são raríssimas. Lembramos que do encontro de *tu* com *tabo*, tem-se *du tabo* não *tu dabo*, com abrandamento da primeira surda em vez da segunda.

Exemplos: de *kanna* "braço", enquanto se tem *i kanna* "meu braço", tem-se *xe ganna*, *pa ganna* "nosso braço", *ta ganna* "vosso braço"; de *xodo* "sujar, enegrecer", enquanto há *a xoddo* = tu sujas, tem-se também *ta-joddo*, vós sujais, *xe-joddo*, *pa-joddo*, nós sujamos; de *paguddo*, temer, enquanto se tem *u paguddo* = ele teme, tem-se também *xe-baguddo*, *pa-baguddo* = nós tememos, *ta-baguddo*, vós temeis; de *toriga*, faca, enquanto se tem *e toriga* = suas facas, temos *tu-doriga* = sua faca, *xe doriga*, *pa doriga* = nossa faca.

§ 17. — Esta lei de dissimilação é uma consequência da propriedade desta língua pela qual se exclue também a sucessão de duas surdas tam:em em duas sílabas consecutivas da mesma palavra.

P. ex.: encontra-se *kabi*, enquanto seria contra a índole da língua *kapi*; do mesmo modo: *xeddo*, *xegui*, *tagui*, *tadda*, *paguddo*, *poba*, etc. e não *zetto*, *xeki*, *taki*, *tatta*, *pakuddo*, *popa*.

§ 18. — Quando a última sílaba de uma palavra contém uma consoante sonora *i, v, w*, e a primeira sílaba da palavra seguinte contém uma consoante explosiva surda, esta última se muda na consoante explosiva sonora correspondente (lei de assimilação exclue: a sucessão sonora *i, v, w + explosiva surda* e provoca a sucessão: sonora *i, v, w + explosiva sonora*).

Por ex.: ao encontro de *id*, = boca, com *kegge* = sobre, tem-se *id guegge* e no encontro de *vu* = por, com *kagegge* = ao redor, tem-se: *vu gagegge*, de *ikuie + tu + oro*, tem-se *ikuie-d'oro*.

§ 19. — Esta lei de assimilação é uma consequência da propriedade desta língua, pela qual em duas sílabas consecutivas de uma mesma palavra, a uma das sonoras *i, v, w*, não pode seguir uma explosiva surda, mas deve seguir a explosiva sonora correspondente; isto é: fica excluída a sucessão sonora *i, v, w + surda*, mesmo na composição íntima da palavra.

P. ex.: acha-se *viddo*, enquanto que *vitto* seria contra a índole da língua. Do mesmo modo *vuguegge*, *vagge*, *gegge*, *kuiadda*, e não *vukegge*, *vaxe*, *iexe*, *kuiatta*.

§ 20. — Consequentemente, se nas palavras que no estado absoluto começam por *g* ou *b* e na sílaba seguinte tem uma explosiva surda (por ex.: *joki*, *bapo*), fazem-se sobre a consoante inicial as mudanças *j-i, b-v, w*, já vistas no § 14. Também a explosiva surda da segunda sílaba deverá necessariamente mudar na correspondente sonora.

Por ex.: se a *joki* e a *bapo* se antepõe o pronome *a*, teremos *j-i* na primeira palavra e *b-w* na segunda: necessariamente deverá tornar-se *k-g* na primeira palavra e *p-b* na segunda; assim ter-se-á a *iogui*, a *wabo*. Igualmente de *gettu*, *battaru*, *bitto* com os pronomes *tu, e*, a tem-se *tu ieddu*, *ewaddaru*, a *viddo*.

§ 21. — Por vezes verificam-se as mudanças das consoantes explosivas surdas nas sonoras correspondentes fora das duas leis de dissimilação e assimilação, especialmente se a surda acha-se na segunda sílaba da palavra.

Na maior parte dos casos parece que as mudanças se devem atribuir à influência do pronome pessoal que imediatamente as precede. Em outros casos, porém, não se conhece o motivo.

Exemplos de mudanças atribuídas ao pronome são os seguintes: do adjetivo *maka*, muito, e seus derivados *makaguraga*, muitíssimo, *makaddo*, tornar numeroso, temos: *ta maga* = vós muitos, e *magaguraga* = eles muitíssimos, e *magaddo* = eles tornaram-se numerosos. Dos verbos *ako*, *mako* = dizer, *okwabi* = beijar, *ruttu* = subir, etc., tem-se *in' ago*, *i' mago* = eu digo, *en'ogwabi* = eles beijam, *iruddu* = eu subo. De *apo* = com, tem-se *pudd'abo* = com ele, de *aremmé* e *apo*, temos *aremm'ebo* = mulheres elas com, isto é, com as mulheres.

Não é igualmente conhecida a causa das mudanças nas palavras seguintes :

baadda + xe + epa = baaddageba ; pelo contrário *aroe + xe + epa* faz *aroexeba*. Em *ari d'oro* (de *ari-tu-oro* = dá lua seu filho), que se encontra nos cantos, talvez a surda se muda em sonora para se assimilar aos demais fonemas sonoros que precedem e seguem.

As frequentíssimas mudanças fonéticas que nos esforçamos para reduzir a regras, enquanto demonstram a grande sensibilidade desta língua e contribuem a dar-lhe sonoridade e eufonia, constituem, sem dúvida, a sua principal e mais evidente característica.

MORFOLOGIA

As partes do discurso

CAPÍTULO 1.º - OS PRONOMES

1.º) Pronomes pessoais (subjctivos, objetivos, possessivos).

Todos os pronomes pessoais tem uma só forma que serve igualmente para o feminino e para o masculino.

Os pronomes subjctivos podem-se usar independentemente (absolutos) ou precedendo os verbos (prefixos pessoais subjctivos).

§ 22. — Os pronomes pessoais absolutos são :

Singular	{ 1. ^a pess. <i>i-mi</i> = eu 2. ^a „ <i>a-ki</i> = tu 3. ^a „ <i>u, emma</i> = ele, ela	Plural { 1. ^a pess. <i>xe-gui</i> (exclusivo) <i>pa-gui</i> (inclusivo) = nós 2. ^a „ <i>ta-tagui</i> = vós 3. ^a „ <i>emma-gue</i> = eles, elas
----------	--	---

Por ex. : *a-ki ka-ná a ro ino xe-i? xeu ako-re: boro, imi karega.*
 Tu talvez tu fizeste assim a nós? Ele respondeu: “Não, eu não”.

§ 23. — Os prefixos pessoais subjctivos podem ser reunidos no seguinte quadro :

	SINGULAR			PLURAL			
	1. ^a pess.	2. ^a pess.	3. ^a pess.	1. ^a PESSOA		2. ^a pess.	3. ^a pess.
				inclu- sivo	exclu- sivo		
1. ^a Série	<i>i-</i>	<i>a-</i>	<i>u-</i>	<i>pa-</i>	<i>xe-</i>	<i>ta-</i>	<i>e-</i>
2. ^a „	<i>i-k-</i>	<i>a-k-</i>	—	<i>pa-g</i>	<i>xe-g</i>	<i>ta-g</i>	<i>e-k</i>
3. ^a „	<i>i-tt</i>	—	<i>tu-gi</i>	—	<i>xe-dd</i>	—	<i>e-tt-</i>
4. ^a „	<i>i-nn</i>	—	—	—	<i>xe-nn</i>	—	<i>e-nn</i>
5. ^a „	—	—	<i>emma</i>	—	—	—	<i>emma-gue</i>

Convem notar que os pronomes cujas vogais são *i* ou *e* na primeira série, formam três séries com *k*, *t*, *n*, enquanto aqueles cuja vogal é *a*, formam uma só série com *k*.

Os prefixos que no quadro supra aparecem sob a forma *i-k*, *i-tt*, *i-n*, etc., para indicar a sua composição, de agora em diante serão representados com *ik*, *itt*, *inn*, etc.

§ 24. — Os prefixos subjetivos em regra vem sempre expressos. Podem-se deixar os prefixos da segunda pessoa singular e plural, no imperativo. Por ex. *koguddo!* “amarra! amarra!” E’ deixado com muita frequência o prefixo da terceira pessoa do singular, ou porque subentendido, p. ex. *karo kou* = ele o peixe assou, ou porque é expresso o sujeito do verbo.

Por ex. *jukwo ro ino*, macaco fez assim. Na terceira pessoa do singular pode ser subentendido o sujeito, quer seja nome, quer seja pronome; p. ex.: *koddi xare okwague raru-gi jameddo* = por isso comeu a folha também.

Geralmente os prefixos subjetivos precedem imediatamente o verbo; por ex.: *inn’ogwabi* “eu beijo”; muitas vezes, porem, entre o verbo e os prefixos, podem existir substantivos, advérbios, partículas negativas, etc.; p. ex.: *i moddukare bitto* “eu não matarei”.

§ 25. — Para o uso das diversas formas de prefixos pronominais, quer subjetivos, quer possessivos, note-se o seguinte:

1.º Os pronomes da 1.ª série e *tu* da 3.ª usam-se quando precedem uma palavra que começa por consoante: *i meru* “eu vou à caça”, *i gurae atugoddo* “eu pintei”, *i kera* “minha mão”; usam-se também com os verbos e com os nomes que tem uma forma absoluta que começa por *e*, de que se trata no § 54, 4.º e § 68. Por ex.: *a erdu* “tu vês”, *ta eru* “vosso fogo”, *a e* “tua face”.

2.º Os pronomes da 2.ª, 3.ª (excluídos *tu* e *gi*) e 4.ª série usam-se antes dos nomes, verbos e preposições que começam por vogal. Em tal caso, porem:

a) Os pronomes de 2.ª pessoa singular e plural e da 1.ª pessoa plural *inclusivo*, são tirados sempre da 2.ª série, pois as demais séries carecem de formas correspondentes.

b) O uso das três séries pode-se tirar dos seguintes quadros, onde se acham elencados alguns substantivos, verbos e preposições começadas por vogal, que encontramos unidos aos pronomes.

2.ª SÉRIE

<i>i-k-inogui</i> “minha unha”		<i>i-k-iddogoddu</i> “eu flecho”
<i>i-k-idoru</i> “meu pescoço”		<i>i-k-iwogu</i> “eu roubo”
<i>i-k-eruo</i> “meu nariz”		<i>i-k-ie</i> “meu nome”
<i>i-k-eru</i> “minha lingua”		<i>i-k-imigera</i> “meu chefe capitão”

3.ª SÉRIE

i-tt-oki "eu odeio"
i-tt-aimo "eu tomo banho"
i-tt-araguddo "eu choro"
i-tt-aregoddo "eu chego"
i-tt-aiiddu "eu amo"
i-tt-oeddo "eu mordo"
i-tt-aria "minha panela"
i-tt-addu "minha colher"
i-tt-aiie "minha irmã maior"
i-tt-oro "meu filho"
i-tt-oreddo "meu marido"
i-tt-oreddu-ge "minha mulher"
i-tt-aura "minha cabeça"
i-tt-ao "minha cabeleira"
i-tt-aiia "minha coroa"
i-tt-o "meu dente"

i-tt-ao "eu observo"
i-tt-aiwo "eu vejo"
i-tt-onaregueddu "meu filho"

4.ª SÉRIE

i-nn-ogwabi "eu beijo"
i-nn-ogwa "meu lábio"
i-nn-ogwague "eu como"
inn-ago "meu animal doméstico"
inn-ogwamu "eu assopro"
i-nn-oguddu itt-abo "eu me arrependo"
i-nn-ago "eu digo"
i-nn-oe "as minhas coisas"
i-nn-ai "a mim"
i-nn-oddou "meu cunhado"

Destes elencos, embora incompletos, parece que se possa deduzir que a série *i-k*, *xe-g*, *e-k* se usa com nomes e verbos que começam por *e* e por *i*. A série *i-tt*, *xe-dd*, *e-tt* com as palavras que começam por *a*, *o*, *u*, menos aquelas que principiam por *ag* (*ak*), *og* (*ok*). A série *i-nn*, *xe-nn*, *e-nn*, com nomes e verbos que começam em *ag*, *og*. A exceção *i-nn-oe* "as minhas coisas", talvez seja para evitar alguma homofonia.

O prefixo de 3.ª pessoa singular, quando expresso, é quasi sempre *u*; p. ex.: *u-re ika poroddo* "ele a barca furou".

Usa-se tambem *tu*, por ex.: *tu bagoddu pobbo-xe koddii* "porque ele teve medo da água".

Emma e o seu plural *emma-gue* são ordinariamente pronomes enfáticos (ver *ipse* latino); por ex.: *emma rabodde ro inna* "mesmo ele certamente fez assim".

Sobre o uso de *u* e de *tu*, como possessivos, trataremos no § 34.

§ 26 — O pronome da 1.ª pessoa plural divide-se em *exclusivo* e *inclusivo*. O primeiro é formado pelo elemento *xe*, e significa "nós que falamos", excluindo os outros; o segundo é formado pelo elemento *pa* e significa "todos nós", incluindo aqueles que ouvem, por ex.: Umás pessoas visitam os *boróros*; ao deixá-los dirão: *xed-duo* — nós (visitantes) vamos: porque se dissessem *padduo*, isso indicaria a saída dos visitantes e visitados.

§ 27. — Os pronomes pessoais objetivos podem ser prefixos ou sufixos.

Quando são prefixos, indicam sempre o objeto direto (acusativo), e se precedem verbos que começam por consoante, são os mesmos prefi-

xos subjetivos da 1.^a série, com as formas reflexivas *tu-* (e talvez *tu-i-*), tanto no singular como no plural; isto é:

SINGULAR	PLURAL
1. ^a pessoa <i>i</i> = me, mim	1. ^a pess. exclusivo <i>xe</i> = nos
2. ^a pess. <i>a</i> = te, ti	1. ^a pess. inclusivo <i>pa</i> = nos
3. ^a pess. (não reflexivo) <i>u</i> = ele, lhe	2. ^a pess. <i>ta</i> = vos
	3. ^a pess. não reflexivo <i>e, e-i</i> = lhes, eles
3. ^a pess. reflex. <i>tu (tu-i?)</i> = se	3. ^a pess. reflex. <i>tu (tu-i)</i> = se

P. ex. : *i modde a viddo* = eu te matarei; *xare-re u tuddo* = então eles o fizeram partir; *po-re tu-vu* = água parou; *e tu vu, tu nuddu-wo* = eles se deitaram para dormir.

Antes dos verbos que começam por vogal fazem às vezes de prefixos objetivos os mesmos prefixos subjetivos da 2.^a, 3.^a e 4.^a séries (v. § 25).

§ 28. — Quando são sufixos, de acordo com a regência dos verbos, tomam as formas das quatro primeiras séries dos pronomes subjetivos do § 23, mas seguidas :

- a) do sufix. *i* para o objeto direto (acusativo)
- b) da preposição *ai* "a", objeto indireto (dativo), a mim, a ti, etc.
- c) „ „ *joki* "sobre", objeto indireto, sobre mim, sobre ti, etc.
- d) „ „ *tadda* "dentro" „ „ dentro de mim, dentro de ti.
- e) „ „ *apo* "com" „ „ comigo, contigo, etc.

§ 29. — Os pronomes pessoais objetivos prefixos e sufixos, podem-se resumir na seguinte tabela :

		S I N G U L A R				P L U R A L				
		1. ^a PESSOA	2. ^a PESSOA	3. ^a PESSOA		1. ^a PESSOA		2. ^a PESSOA	3. ^a PESSOA	
				não reflexivo	reflexivo	exclusivo	inclusivo		não reflexivo	reflexivo
Prefixos		<i>i-</i> eu	<i>a-</i> tu	<i>u-</i> ele, ela	<i>tu-</i> , (<i>tu-i</i> ?) se	<i>xe-</i> nós	<i>pa-</i> nós	<i>ta-</i> vós	<i>e-</i> , <i>e-i-</i> eles, elas	<i>tu-</i> , (<i>tu-i</i> ?) se
		<i>i-i</i> <i>-inni-i</i> me, mim	<i>-a-i</i> te, ti	<i>-gi</i> (= <i>gi</i> <i>+i</i> ?), <i>-xe</i> lhe, o, a	<i>-puddu-</i> <i>mi</i> se	<i>-xe-i</i> nos	<i>-pa-i</i> nos	<i>-ta-i</i> vos	<i>-e-i</i> lhes, os, as	<i>-pu-i</i> entre eles
S u b j u n t i v o s		<i>-inn'ai-</i> a mim	<i>-ak'ai</i> a ti	<i>-ai</i> a ele, a ela	<i>-pudd'ai</i> a si	<i>-xenn'ai</i> a nós	<i>-pag'ai</i> a nós	<i>-tag'ai</i> a vós	<i>-ett'ai</i> a eles, a elas	
		<i>-i iogui-</i> sobre mim	<i>-a iogui</i> sobre ti	<i>-joki</i> sobre	<i>-tu io-gui-</i> sobre si	<i>-xe iogui</i> sobre nós	<i>-pa iogui</i> sobre nós	<i>-ta iogui</i> sobre vós	<i>-ei-ogui</i> sobre eles, elas	<i>-pu-iogui</i> sobre eles
		<i>-i tadda-</i> dentro de mim	<i>a-tadda</i> dentro de ti	<i>-tadda</i> dentro <i>-utadda</i> dentro dele	<i>-tu dadda</i> dentro de si	<i>-xe dadda</i> dentro de nós	<i>-pa dadda</i> dentro de nós	<i>-ta dadda</i> dentro de vós	<i>-e tadda</i> dentro deles, delas	
		<i>-itt'abo</i> comigo	<i>-ak'abo</i> contigo	<i>-apo</i> com	<i>-pudd'abo</i> consigo	<i>-xedd'abo</i> conosco	<i>-pag'abo</i> conosco	<i>-tag'abo</i> convosco	<i>-e'bo-ettabo</i> com eles, com elas	<i>pudd'abo</i> consigo

30. — Os pronomes possessivos absolutos são os seguintes :

	SINGULAR		PLURAL
SINGULAR	1. ^a pes. <i>i-nno</i> . . .	“meu”	<i>xe-nno</i> (exclus.), <i>pa-go</i> (inclus.), “nosso”
	2. ^a „ <i>a-ko</i> . . .	“teu”	<i>ta-go</i> “vosso”
	3. ^a „ <i>u, o</i> . . .	“seu”	<i>e-nno</i> “deles, delas”
PLURAL	1. ^a pes. <i>i-nno-gue</i> . . .	“meus”	<i>xe-nno-gue</i> (exclus.), <i>pa-go-gue</i> (inc.) “nossos”
	2. ^a „ <i>a-ko-gue</i> . . .	“teus”	<i>ta-go-gue</i> “vossos”
	3. ^a „ <i>u-gue, o-gue</i> . . .	“seus”	<i>e-nno-gue</i> “deles, delas”

§ 31. — Para indicar a posse de animais, aos pronomes possessivos comuns sobreditos pospõe-se a partícula *ako* :

	SINGULAR		PLURAL
SINGULAR	1. ^a pes. <i>i-nn'ago</i> . . .	“meu”	<i>xe-nn'ago</i> (exclus.), <i>pa-g'ago</i> (inc.) “nosso”
	2. ^a „ <i>a-k'ago</i> . . .	“teu”	<i>ta-g'ago</i> “vosso”
	3. ^a „ <i>ako</i> . . .	“seu”	<i>e-go</i> “o deles”
PLURAL	1. ^a pes. <i>i-nn'ago-gue</i> . . .	“meus”	<i>xe-nn'ago-gue</i> (exc.) <i>pa-g'ago-gue</i> (inc.) “nossos”
	2. ^a „ <i>a-k'ago-gue</i> . . .	“teus”	<i>ta-g'ago-gue</i> “vossos”
	3. ^a „ <i>ako-gue</i> . . .	“seus”	<i>e-go-gue</i> “os deles”

§ 32. — Os prefixos pessoais possessivos tem maior número de formas; podem-se reunir no seguinte quadro :

S I N G U L A R					P L U R A L				
	1.ª PESSOA	2.ª PESSOA	3.ª PESSOA		1.ª PESSOA		2.ª PESSOA	3.ª PESSOA	
			não reflexivo	reflexivo	exclusivo	inclusivo		não reflexivo	reflexivo
1.ª série	<i>i-</i>	<i>a-</i>	<i>u-, a-</i>	—	<i>xe-</i>	<i>pa-</i>	<i>ta-</i>	<i>e-</i>	—
2.ª série	<i>i-k-</i>	<i>a-k-</i>	—	—	<i>xe-g-</i>	<i>pa-g-</i>	<i>ta-g-</i>	<i>e-k-</i>	—
3.ª série	<i>i-tt-</i>	—	—	<i>tu-, gi</i>	<i>xe-dd-</i>	—	—	<i>e-tt-</i>	<i>tu-</i>
4.ª série	<i>i-nn-</i>	—	—	—	<i>xe-nn-</i>	—	—	<i>e-nn-</i>	—
	meu, meus	teu, teus	seu, seus	seu, seus	nosso, nossos	nosso, nossos	vosso, vossos	seu, seus	seu, seus

Prefixos possessivos indicando a posse de animais

1.ª série	—	—	—	—	—	—	—	<i>e-go</i>	—
2.ª série	—	<i>a-k'-ago</i>	—	—	—	<i>pa-g-ago-</i>	<i>ta-g-ago</i>	—	—
3.ª série	—	—	—	—	—	—	—	—	—
4.ª série	<i>i-nn'ago-</i>	—	—	—	<i>xe-nn-ago-</i>	—	—	—	—
5.ª série	—	—	<i>ako-</i>	—	—	—	—	—	—
	meu, meus	teu, teus	seu, seus		nosso, nossos	nosso, nossos	vosso, vossos	seu, seus	

§ 33. — Os prefixos possessivos, em regra, são sempre expressos, especialmente em nomes de partes do corpo humano e em nomes de parentesco. Sòmente o prefixo da 3.^a pess. singular pode ser omitido : em tal caso se pode conhecer o estado absoluto do nome. Precedem imediatamente o nome.

Sobre o uso das várias séries já se tratou no § 25 — Note-se, porém, que a 4.^a série (ao menos a forma da 1.^a pess. sing.) é as vezes usada também com os nomes que começam por consoante.

Parece que sejam formas usadas, talvez, para dar maior força à expressão.

§ 34. — Os prefixos pessoais possessivos de 3.^a pess. singular são *u* (raramente *o*) não reflexivo, correspondente a *eius* ou *ipsius* do latim, e *tu* reflexivo, correspondente a *suus* do latim ; p. ex. :

ia -neguedd'rogo aregoddure tu-o bogai ; a rego u-o bogai.
um menino veio seu pai procurar ; corre tu dele pai procurar.

O prefixo *tu* é muito usado também como possessivo reflexivo de 3.^a pessoa plural, p. ex. :

xare-re tu vure joddo bukegge.
então eles deles pé colocaram sobre

2.º - PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ARTIGO

Os pronomes demonstrativos podem ser absolutos, prefixos e sufixos.

§ 35. — Os pronomes demonstrativos absolutos são os seguintes :

		SINGULAR	PLURAL
SUBJETIVOS	indicam objeto ou pessoa que está perto.	masc. : <i>au</i> = este fem. : <i>auda</i> = esta masc. e fem. : <i>ia</i> = estou- tro, estoutra	masc. e fem. : <i>augue</i> = es- tes, estas
	indicam objeto ou pessoa que está longe.	masc. : <i>zeu, geu</i> = aquele fem. : <i>zeuda, geuda</i> = aquela <i>emma-u, emma</i> = esse, essa	masc. e fem. : <i>zeugue, geu- gue</i> = aqueles, aquelas <i>emmague, emaugue</i> = cses, essas
OBJETIV.	seguem comumente o verbo.	<i>gi</i> = aquele <i>ze, ge</i> = aquele ou aquela	<i>ei</i> = aqueles, aquelas

§ 36. — Os prefixos e sufixos demonstrativos são os seguintes :

	SINGULAR	PLURAL	
SUBJETIVOS	Demonstrativo, relativo, artigo :	masc. : <i>-u, -reu</i> = aquele que, o fem. : <i>-udda, reuda</i> = aquela mulher que, a	masc. e fem. : <i>ugue, reugue</i> = aqueles que, aquelas que, os, as
	Indicando objeto ou pessoa perto :	masc. : <i>au</i> = este fem. : <i>aida</i> = esta (mulher)	idem no plural.
	Indicando objeto ou pessoa longe :	masc. : <i>xeu, geu</i> = aquele fem. : <i>xelda, geuda</i> = aquela (mulher)	
OBJETIVOS	Enclíticos ao complemento (artigos objetivos).	<i>gi</i> = o, a <i>xe, gge</i> = o, a	<i>ei</i> = os, as

1.º) Os sufixos *u, -re-u, u-da, re-u-da, u-gue, re-u-gue* às vezes são verdadeiros artigos subjetivos; por ex.: *roia kurireu* “o grande canto”, *i pare-u-da* “a moça”, *xebequi-ugue* “os inferiores”.

2.º) Outras vezes os mesmos sufixos e, além disso, *xe, gge*, são pronomes demonstrativos e traduzem-se em português pelo pronome demonstrativo seguido do relativo: aqueles que, aquelas que, aquilo que, e entram muitas vezes na composição das palavras; por ex.: *ge-meki-u* (nome próprio de homem) “aquele que tem o resto torto” *aura-tadda-u* “aquilo dentro de que está a cabeça, isto é, o chapéu”. Do mesmo modo *xe, gge* nos nomes próprios de mulher; p. ex.: *ierameriri-xe* “aquela que tem a mão de ferro”.

3.º) Os sufixos *gi, ei, xe, gge* determinam o objeto direto do verbo (acusativo) e se lhe unem encliticamente quando é posposto ao verbo: são verdadeiros artigos objetivos p. ex.: *kurugo okwague kuiadda-gi* = o *kurugo* (nome de um roedor) come o milho; *ime-re e bakredda-re adugodogue-e-i* = os homens eles cercaram as onças; *tu baguddo pobbo-xe* = ele temeu a água.

3.º - OS PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes interrogativos estão sempre no início de proposições, sejam eles subjetivos ou objetivos.

§ 37. — Os pronomes interrogativos subjetivos de coisas (lat. *quis? quae?*) são :

Singular : *ioddu ba? ioguaddu ba?* = quem?

Plural: *ioddu ba mague ba? ioguaddu ba magueba?*; p. ex.: *ioguaddu ba aki ba?* "quem és tu?"; *ioguaddu ba u-re erduaddo a-i bapera atu-goddo dugi?* "quem ensina a ti a desenhar no papel? (a escrever).

Muitas vezes o verbo é também precedido pelo prefixo pessoal subjetivo; p. ex.: *ioguaddu ba u-ttu-re?* lit: quem ele partiu, quem (foi) aquele (que) partiu? quem partiu? E' objetivo (lat. *quem? quam?*) o seguinte: *ioguaddu ba gi ba?*; p. ex.: *ioguaddu ba gi ba ak-aiddu-re?* "quem tu desejas? quem tu amas?"

§ 37. — Os pronomes interrogativos subjetivos de pessoa (lat. *quis? quae?*) são: *kaba boe ba? ka boe ba? ka ba? na ba?* por ex.: *kaba boe ba getture woe?* Que está aqui? Os objetivos são *ka ba gi ba? na ba gi ba? ino ba gi ba?* por ex.: *ka ba gi ba tagaiddu raka-re?* que cousa vós desejais mais?

§ 39. — A partícula *ba* é característica das formas interrogativas.

4.º - PRONOMES INDEFINIDOS

§ 40. — Os mais usados são :

ia, iáboe = um, algum, outro, qualquer; plural *ia-gue*. *Jameddo*, (*ia-meddo* quando precedido de pronome pessoal) = tudo, todos; *ma-kaguraga* = muito, muitos; *boe kare, boe ka, ia karega*, = nenhum, nada.

Ordinariamente são pronomes absolutos e muitas vezes o verbo é também precedido pelo prefixo pessoal subjetivo; p. ex.: *ia-gue-re et-aregoddo, ia-gue e-tu-re* = alguns eles chegam, e outros partem.

ia é frequentemente usado também como prefixo indefinito e então não pode ter a forma *ia-gue*, porque se tornou plural pelo nome que o segue; p. ex.: *ia pare bitto innagu-xe* "mata alguns *pare* (nome de uma ave) meus, isto é, para mim".

CAPÍTULO II. - NUMERAIS

§ 41. — Os numeros desta língua são: *mitto* = 1, *popbe* = 2.

Dada tamanha pobreza de numerais, os *Orarimogo* não se preocupam em indicar o número preciso dos objetos, salvo se for muito pequeno. Ordinariamente mostram os dedos da mão ou das mãos dizendo: *inno, ainna* = "assim" ou: *ainó-tugé* = "assim somente".

Para indicar 5, mostram a mão esquerda aberta dizendo: *i kera auboddure* = "a minha mão toda". Para contar 10, mostram as duas mãos dizendo: *i kera pudduguiddu* = "as minhas mãos juntas".

Para os outros números de 1 a 10, usam o sistema binário : 2 mais 1, 2 mais 2, 2 mais 2 mais 2, 2 + 2 + 2 + 1 etc., usando as frases seguintes :

3 = *augue-re pobbe, ma geu metia bokware.*
estes dois, e aquele que companheiro falta.

4 = *augue-re pobbe, augue-re pobbe.*
estes dois, estes dois.

6 = *augue-re pobbe*, repetindo isto três vezes : 2 + 2 + 2 = 6.

7 = *augue-re pobbe* repetido três vezes e depois : *au metia bokware*, isto é : 2 + 2 + 2 + 1 = 7.

Passando de 10, fazem intervir os dedos de um pé ; além de 15, também os dedos de outro pé.

Quando os objetos a serem contados superam o número que eles conseguem exprimir com facilidade, dizem : *makaguraga* = muitos, ou *makaaguraga* “muitíssimos”.

CAPÍTULO III - O NOME

§ 42. — Esta língua possui poucos nomes abstratos, porque os *Orarimogodogue* tem uma mentalidade ainda primitiva e incapaz de abstrair. Alguns nomes abstratos são : *ittaedae* = meu desejo ou vontade ; *imaagodae* = meu arrependimento ; *akorigodae* = tua ofensa.

Os conceitos abstratos se exprimem com perífrases, p. ex. : a frase “faz calor” é traduzida : *boe e eru* “as coisas elas aquecem” ; a palavra “fome” exprimem-na com : *tu gue boire* “a própria comida de-sejar” :

§ 43. — Pelo contrário, esta língua é riquíssima de nomes concretos.

São numerosos os coletivos, como : *boe* = gente, povo, para indicar, por vezes, coletividade de homens em geral, por vezes a coletividade dos homens *Orarimogodogue* ; *barae* = coletividade dos civilizados.

Não faltam nomes para indicar idéias gerais, por ex. : *i* = árvore, qualquer árvore, *kiogo* = pássaro, *kuru* = líquido.

Pode-se dizer que aos olhos observadores dos *Orarimogodogue*, sempre em contacto com a natureza, não escapou nenhum objeto natural e cada um recebeu seu próprio nome.

Para dar uma idéia da riqueza desta língua, diremos que interrogando os índios sobre o nome dos inúmeros insetos, sabiam distinguir e dar nomes diferentes a coleópteros que diferiam somente em pequenissimas coisas, que certamente teriam escapado a qualquer olhar, que não fosse de naturalista.

1.º - A FORMA DO NOME

§ 44. — Muitos nomes são formados pela união de várias partes do discurso (nomes, pronomes, verbos e preposições), formando perifrases sintéticas, verdadeiras frases descritivas, com ou sem modificação das partes que se unem para formar o nome composto (conf. § 9). Assim há muitos nomes: *a)* de objetos usados pelos índios, como vestidos e ornamentos ou objetos novos ou para eles desconhecidos até então; *b)* de animais; *c)* de pessoas; *d)* de povos; *e)* das subdivisões da tribo, etc.

Em geral tem os seguintes sufixos: = *tadda-u*, *dda-u* = o que está dentro, ou aquilo dentro do qual está; *tto* = em; *kageggeu* = o que está em roda; *u*, *reu* = aquilo que; *uda*, *reu-da* = aquela que... etc., por ex.: *aura tadda-u* = aquilo cabeça dentro, chapéu; *boiga-tto* = aquilo (que se põe) na arma, cartuxo; *kanna kagegge-u* = aquilo (que está) em volta do braço, bracelete; *pogo-ra-gi-u* = aquilo (que cobre) a perna, calça; *biri-kigaddu-re-u* (*biri*, pele, *kigaddu*, branco, branca) = aquele que tem a pele branca.

§ 45. — Outros nomes compostos são formados por simples justaposição, onde a palavra determinada segue em geral a determinante. Assim os nomes:

1.º) de localidades compostos de *paru* "início", *kegge* "sobre", *jari* "morada", *aroc-jari* "das almas sua morada".

2.º) de árvores: o fruto tem ordinariamente um nome simples; tem-se o nome da árvore pospondo-lhe o elemento *i* "árvore"; por ex.: *bokkwaddo* é o nome de um fruto, *bokwadd'i* é o nome da árvore.

3.º) de plantas medicinais, compostos geralmente de *-jorubbo* "seu remédio", *-erubbo* "remédio"; por ex.: *jugo-dogue erubbo* "dos caitetés seu remédio".

4.º) Próprios de pessoas, por ex.: *juko-ra-ki* "de caiteté osso seco" (despolpado). Muitos nomes de mulher terminam em *xe*, *ge*, ou em *xe-u-da*, *ge-u-da*; por ex.: *kie etuge* = mãe das antas.

5.º) Os nomes de líquidos terminam com as palavras *kuru* ou *guru* = líquido, v. g.: *mo-kuru-kuru* "líquido dos peitos (leite)", *todo-guru* "saliva", *iocu-kuru* "lágrimas", *ka-guru* "gordura, azeite, óleo", *kiddo-guru* "resina", *boe-kuru* "cousa líquida".

6.º) Os nomes das partes do corpo contendo ossos terminam em *-ra* "osso"; *moro-ra* "as partes do torax"; *au-ra* (*ao-ra*) "osso da cabeça"; *inogura* "osso do lábio, mento"; *pogo-ra* "perna"; *oborora* "anca"; *bure-ra* "dorso do pé"; *ju-ra* "costela"; *kera* "mão".

7.º) Também os nomes dos corpos consistentes duros são compostos com *ra*: *i-ra*, parte dura das árvores "lenho (lit. da árvore osso)"; *bow-ra* "contas de vidro", etc.

8.º) São compostos de *i* = árvore, *i-tura* = mata, *i-guru* = selva, *irá* = madeira, *ippo* = pau, *ika* = canoa, *ikureddu* = cipó, etc.

9.º) São compostos de *mo*, peito, além de *mororá* já citado, há também *mokuru* = mamas.

10.º — Muitos são compostos de *boe* = coisa, tempo, povo; os *Orarimogo* se chamam *boe*, etc.; *boe-bottu* “coisa que nasce, herva, pasto”; *boe-tugo* “coisa que se põe adiante, que cobre, nuvem, sombra etc.”; *boe-xo* “tempo negro, tempo escuro, noite”; *beturéboe* “coisa doce”; *jau-boe* “antigos índios”, etc.

11.º) De *ao*, *au*, cabelos, além de *aura* = cabeça, também *aga* = cabeleira longa, *ae* = corda feita de cabelos humanos, *aeraga* ou *ao-ra-ga* = cérebro.

Do exame destes nomes compostos, evidencia-se que frequentemente os nomes simples dos quais resultam, são monossilábicos.

§ 46. — Os nomes podem derivar de outros nomes (nomes derivados) com o acréscimo de sufixos. Conhecemos os seguintes sufixos:

1.º) O sufixo *-epa* ou *-eba* “instrumento”, por vezes *-xeba* ou *-geba*, dá ao nome, a que se postpõe, o sentido de agente, causa, instrumento, etc., por ex.:

De *boe* “coisa”. (que se pode comer) tem-se: *boepa*: campo cultivado, roça.

De *akigo* “algodão”, tem-se *akigo-epa*, instrumento usado para comprimir os fios na tecelagem.

Boekiguddo = imundicies, *boekiguddo-epa*: leva imundicies.

Mottu = terra, *mottu-epa* = enxada, arado instrumento para cultivo da terra.

Baiporo = porta de casa, *baiporo-epa* = chave.

Tapiradoque = bois, *tapiradoque-xeba* = aguilhão (lit: instrumento de castigo para os bois).

Aroe = almas, *aroe-xeba* = matador de almas, etc. . . .

2.º) O sufixo *ddo* vai às vezes unido aos substantivos, acrescentando-lhes o sentido de causa; por ex.: de *ore* “filhos” derivam *ore-ddo* “marido” e *ore-ddu-ge* “mulher”.

3.º) O sufixo *roddo*, talvez contração de *are-ddo* “mulher”, serve para formar os nomes próprios de mulher; por ex.: *atirua-roddo*.

4.º) Os sufixos *go*, *ga* em nomes femininos, como: *i marugo* = minha avó, *i mu-ga* = minha mãe, *bari-go* (cujo plural irregular é *baire-re*) = mulher do bari.

Provavelmente são formados com o mesmo sufixo também os nomes masculinos: *oga* = *ogwa* “pai”, *icddo-ga*, “avó”.

5.º) Os sufixos *go*, *ga*, *gwa*: além do nome genérico *baro-go* = animal selvagem e *kio-go* = pássaro, acha-se em grande número de animais, por ex.:

<i>addu-go</i> "jaguar"	<i>orogo</i> "cervo"
<i>ai-go</i> "puma"	<i>orogu-go</i> "uma formiga"
<i>ju-go</i> "caitetú"	<i>metu-go</i> "pombo"
<i>apo-go</i> "tamanduá-mirim"	<i>kuru-go</i> "preá"
<i>exo-go</i> "bem-te-vi"	<i>gere-go</i> "tatú-bola"
<i>parigo-go</i> "jacutinga"	<i>pobo-go</i> "veado"
<i>tago-go</i> "coruja"	<i>buio-go</i> "piranha"
<i>po-go</i> "passarinho"	<i>kea-go</i> "gavião do cerrado"
<i>betá-ga</i> "escolopendra"	<i>kuruguttu-go</i> "borboleta"
<i>kuka-ga</i> "lagartixa"	<i>bakai-ga</i> "aranha"
<i>kurugu-gwa</i> "uma ave rapace" (gavião)	<i>ka-ga</i> "gavião grande"

6.º) Um sufixo *-go* encontra-se também em nomes de frutas: por ex.: *ako-go* "tarumá", *aki-go* "algodão", *nono-go* "urucú" (bixa orellana), *bera-go* "uma resina", *kwo-go* "flor de paratudo", *jatu-go* "cajá", etc.

7.º) É frequentíssimo o sufixo *-re* posposto quer aos pronomes pessoais (*u-re*, *xe-re*, *e-re*...), quer aos substantivos (*pobbó-re*, *jukwó-re*...), ou aos adjetivos (*pega-re*), sem fazer deles parte integrante.

8.º) O mesmo sufixo *-re* unido estavelmente ao nome, como em *bu-re* "pé", e talvez também em *ju-re*, com duplo significado de "suriú" e "arco-íris" são dos pouquíssimos nomes singulares que terminam em *e*.

9.º) O sufixo *-ri* - em *ba-ri* "feiticeiro", *e-ri* "frente", *mi-xo-ri* "raiz de um cipó de casca negra"; talvez também em *me-ri-ri* (cfr. *Meri sol*) "ferro, metal", *biri* "pele", *ba-ri* "pulmão", *koja-ri* "tosse", *ku-ri* "ventre", *bokodori* "tatú", *ora-ri* "peixe pintado", *butu-ia-ri* "coleóptero fosforescente" (elater noctilucus), *ena-ri*, "pica-pau", *paro-ri* "cumbarú", *poa-ri* "cabaça", *aro-ri* "cobra-coral", *to-ri* "pedra", etc.

Certamente existem outros modos de formação de nomes derivados, p. ex.: de *bai* "cabana, casa" deriva certamente *baa* (aldeia); com *bure* "pé" tem relação *búrea* (pegada, rasto); e "face", *e-ri* "frente", *e-ri-ra* "sobrancelhas", *e-ku* "olho", *e-ru* "esplendor, chama, fogo", *e-rubbo* "febre", doença, tem a mesma raiz *e* com vários sufixos.

Alguns nomes derivam do verbo (substantivos verbais) mudando em *a* a vogal final; p. ex.: de *koddu* "caminhar" deriva *kodda* "caminho, estrada, vereda"; de *mugu* "habitar" deriva *muga* "habitação, morada". Outros nomes verbais são: *reru-ia* "baile", de *re-ru* "bailar", *buttu-re-u* "caída, ocaso", de *buttu* "cai", *meri buttu* "por do sol", *poroddo-re-u* "o que fura", de *poroddo* "furar", *i-koddo* "asa", de *koddo* "voar".

§ 47. — A língua dos *Orarimogodogue* não tem terminações especiais para o aumentativo nem para o diminutivo.

Usam pospor ao nome os adjectivos: *kuri*, *kurireu*, tratando-se de masculino; *kuri reudda*, sendo feminino; *kuri* “grande” para o aumentativo; *rogo* “pequeno” para o diminutivo. Por ex.: de *toriga* “faca”, tem-se *toriga kuri-re-u* “facão”, *toriga rogo* “faquinha, canivete”. Para o diminutivo note-se que quando o substantivo termina com sílaba contendo *t* ou *d*, a vogal final se omite diante de *rogo*; por ex.: *imeddo* “homem”, *imedd'rogo* “homenzinho”, menino.

Isso é foneticamente possível, porque os grupos silábicos *tr* e *dr* são dos poucos admitidos nesta língua.

Há diminutivos ainda que se obtêm de outra forma; p. ex.: *pori* “pote”, *porigabo* “potinho”, *porero* “potinho”; *atu* “colher”, *at-urebo* “colherzinha”.

§ 48. — Um mesmo nome pode tomar, em sentido translato, vários significados; p. ex.: *akigo* “algodão” significa também “fio de algodão”, colar feito com fio de algodão e linhada; *jurubo* “doença e remédio”.

2.º - GÊNERO DOS NOMES

§ 49. — 1.º) O gênero é indicado somente em alguns nomes compostos, de animais ou seres a que se atribue um sexo; são masculinos aqueles nomes que terminam em *u*, *reu*; são femininos aqueles que terminam em *uda*, *reuda* (cfr. pronomes demonstrativos), *roddo*, e muitos daqueles que terminam em *xe*, *gge* (cfr. *xe*, *gge* “mãe”).

Também os sufixos *go* e *ge* servem para fazer femininos os nomes masculinos; por ex.: de *bari* (bruxo) tem-se *barigo* “a mulher do *bari*”; de *oreddo* “marido”, tem-se *oreddu-ge* “mulher”.

2.º) O gênero dos nomes de animais ou seres aos quais se atribue um sexo vem indicado pela palavra *imeddo* “homem, macho” para o masculino; e *areddo* “mulher, fêmea” para o feminino; p. ex.: *tapira* é a espécie “*bos taurus*”; *tapira imeddo*, é o “boi” e *tapira areddo* é a “vaca”.

3.º - O NÚMERO DOS NOMES

A língua dos *Orarimogodogue* conhece o singular e o plural.

§ 50. — Há nomes que não tem plural; p. ex.: *boku* “a savana ou cerrado”, *aeraga* “miolo”, *koddo* “carne”, *managaddoddo* “redemoinho”, etc.

§ 51. — Há nomes que tem uma só forma comum para o singular e para o plural, p. ex.: *nonogo* “urucú”, *kuiadda* “milho”, *ruke* “mosca”, *okuréboe* “flor”.

§ 52. — Os outros nomes acrescentam qualquer elemento para indicar o plural.

1.º) A maior parte dos nomes para formar o plural toma o sufixo *-dogue*, sem modificações no nome; por ex.:

SINGULAR	PLURAL
<i>ippo</i> = ramo	<i>ippo-dogue</i>
<i>bakaiga</i> = aranha	<i>bakaiga-dogue</i>
<i>baiporo</i> = porta	<i>baiporo-dogue</i>
<i>ókua</i> = lobinho	<i>ókua-dogue</i>
<i>adugo</i> = onça	<i>adugo-dogue</i>
<i>tapira</i> = boi	<i>tapira-dogue</i>
<i>paga</i> = ribeiro	<i>paga-dogue</i>

2.º) Alguns nomes (especialmente de parentescó) tomam o sufixo *-mague* (cfr. *emma-gue*, pron. pess. da 3.ª pess. plural, V. § 22); p. ex.:

SINGULAR	PLURAL
<i>tagge</i> = vossa mãe	<i>tagge-mague</i> = vossas mães
<i>eddogo</i> = avô	<i>eddogo-mague</i> = os avós
<i>wagueddo</i> = genro	<i>wagueddo-mague</i> = os genros
<i>manna</i> = irmão maior	<i>manna-mague</i> = irmãos maiores

3.º) Outros tomam o sufixo *gue*; p. ex.: *baa-addageba* "chefe", cacique, no plural faz *baaddageba-gue*; seguem esta regra também todos os nomes compostos com os sufixos *-u*, *reu*.

Por ex.: *aipobureu* = jaguatirica = *aipobureugue*. — Todavia *iaborieu* e *iaboreuda* = aquele homem, aquela mulher, além da forma comum *iabo-re-u-gue*, tem também as formas *iabo-re-u-mague*, *iabo-re-uda-mague*.

4.º) Nalguns nomes que no singular terminam em *ko*, *go*, *bo*, *mo*, *ru*, acrescenta-se um *e* final, conservando o acento sobre a vogal acentuada primitivamente. Por ex.:

SINGULAR	PLURAL
<i>roko</i> = um peixe	<i>róko-e</i>
<i>orogo</i> = cervo	<i>orógo-e</i>
<i>metugo</i> = pomba	<i>metúgo-e</i>
<i>kuddobo</i> = quati	<i>kuddóbo-e</i>
<i>apogo</i> = tamanduá-mirim	<i>apógo-e</i>
<i>jomo</i> = lontra	<i>jómo-e</i>
<i>meru</i> = arraia	<i>méru-e</i>

5.º) Outros nomes terminados em *do*, *no*, *ri*, *ro*, mudam a última vogal em *e*, p. ex. :

SINGULAR	PLURAL
<i>kwiddo</i> = papagaio	<i>kwidde</i>
<i>pioduddo</i> = beija-flor	<i>piodudde</i>
<i>apoddo</i> = tucano	<i>apodde</i>
<i>karo</i> = peixe	<i>kare</i>
<i>oro</i> = filho	<i>ore</i>
<i>poari</i> = cabaça	<i>poare</i>

6.º) Outros terminados em *ai*, mudam a vogal final em *e*: por ex.:

pai "uma qualidade de macaco" faz *pae*
wai "jacaré" faz *wae*.

7.º) Outros finalmente formam um plural irregular :

<i>metia</i> = companheiro,	faz <i>medague</i>
<i>kiogo</i> = ave,	faz <i>kiegue</i>
<i>barogo</i> = fera,	faz <i>baregue</i>
<i>areddo</i> = mulher,	faz <i>areme</i>
<i>bari</i> = feiticeiro,	faz <i>baire</i>

Deve-se notar a particularidade destas formas no plural, p. ex. : *kiogo* composto de *kio* + *go* torna cada uma de suas partes plural *kie* + *gue*. Assim *baro* + *go* no plural *bare-gue*.

Pode-se agora observar que todos os nomes plurais terminam em *e*, enquanto são poucos os nomes singulares terminados em *e*, como *kwiegge* = estrela, *jure* = sucuri e arco-iris, *aige* = hipopótamo, *bure* = pé, *buke* = rede e também tamanduá, *butuie* = cana, bambú, e alguns outros.

8.º) Os nomes coletivos terminam ordinariamente com um sufixo do plural : *dogue*, *mague*, *gue*, *e*. Outras vezes se forma o coletivo com o sufixo — *guru* (tratando-se de plantas), significando coleção, agrupamento, amontoamento ; p. ex. : *noakodd'i* "cedro", *noakodd'i-guru* "bosque de cedros", *batoí* "mangabeira", *batoí-guru* "bosque de mangabeiras".

9.º) Coletivos (excluídos os formados com o sufixo *guru*) formam o individual com o sufixo *ddo*, p. ex. :

<i>Kaiamodogue</i> = índios de tribu inimiga	<i>kaiamodogueddo</i> = um dos Kaiamo
<i>barae</i> = civilizados	<i>baraeddo</i> = um dos civilizados
<i>ime</i> = os homens	<i>imeddo</i> = um homem.

§ 53. — Se no discurso houvesse muitos plurais, que exigissem a mesma terminação *dogue* ou *mague*, enumeram-se todos com a forma

singular, dando o sufixo *dogue* ou *mage* só ao último nome; p. ex.: *okwaru, ennokuri, gerego, bokodori-dogue* e *woga-i* = chamaram eles os tatús *okwaru, ennokuri, gerego* e *bokodori*.

A mesma coisa diga-se dos pronomes que precedem e dos adjetivos que seguem um nome, que esteja no plural; os pronomes e os adjetivos ficam na forma singular e recebem o significado plural do sufixo usado pelo nome.

Se notarmos que talvez o sufixo *dogue* = *do* + *gue*, sendo *do* o sufixo do individual, os sufixos do plural seriam *e* "eles" e *gue* (talvez o antigo pronome da 3.^a pessoa plural).

4.º - UNIÃO DO NOME COM OS PREFIXOS PRONOMINAIS POSSESSIVOS

§ 54. — As iniciais dos nomes são frequentemente sujeitas a mudanças, unindo-se a elas os prefixos pronominais possessivos.

1.º) Todos os nomes que começam pelas explosivas: *k, x, t, p*, sofrem as mudanças *k-g, x-g, t-d, p-b*, todas as vezes que são precedidos pelos possessivos *tu, xe, pa, ta* (cfr. § 16); p. ex.: de *kera* = mão, se tem:

SINGULAR	PLURAL
<i>i kera</i> = minha mão	<i>xe guera</i> = nossa mão (exclusivo)
<i>a kera</i> = tua mão	<i>pa guera</i> = nossa mão (inclusivo)
<i>tu guera</i> = mão dele	<i>ta guera</i> = vossa mão
	<i>e kera</i> = mão deles

2.º) Todos os nomes que começam por *b*, sofrem a mudança *b-v*, todas as vezes que são precedidos pelo possessivo (cfr. § 14); p. ex.: de *bure* = pé, tem-se:

SINGULAR	PLURAL
<i>i vure</i> = meu pé	<i>xe vure</i> = nosso pé (exclusivo)
<i>a vure</i> = teu pé	<i>pa vure</i> = nosso pé (inclusivo)
<i>tu vure</i> = pé dele	<i>ta vure</i> = vosso pé
	<i>e vure</i> = pé dele

3.º) Os nomes que começam por *ja*, sofrem a mudança *j-i* (cfr. § 14); p. ex.: de *já* = boca, abertura, tem-se:

<i>i iá</i> = minha boca	<i>xe iá</i> = nossa boca
<i>a iá</i> = tua boca	<i>pa iá</i> = nossa boca
<i>já</i> = sua boca	<i>ta iá</i> = vossa boca
<i>tu iá</i> = boca dele	<i>e iá</i> = boca deles

4.º) Os nomes que começam por *ge* ou *jo*, mudam o *g* ou *j* em *i*, com o possessivo de 1.ª pessoa do singular e com a forma reflexiva da 3.ª pessoa singular e plural; com os outros possessivos, mudam a primeira sílaba *ge*, *jo* em *e*; p. ex.: de *joru* = fogo e de *geri* = face, tem-se:

<i>i ioru</i> = meu fogo	<i>i ieri</i> = minha face
<i>a eru</i> = teu fogo	<i>a eri</i> = tua face
<i>u ioru</i> = seu fogo	<i>tu ieri</i> = sua face
<i>xe eru</i> = nosso fogo	<i>xe eri</i> = nossa face
<i>pa eru</i> = nosso fogo	<i>pa eri</i> = nossa face
<i>ta eru</i> = vosso fogo	<i>ta eri</i> = vossa face
<i>e eru</i> = fogo dele	<i>e eri</i> = face deles

5.º) Os nomes que, como *battaru* “palavra”, tem nas duas primeiras sílabas a sucessão de uma das sonoras *b, g*, na primeira, e de uma surda na segunda, com a mudança *b-v* e *g-i*, considerados nos números 2, 3, 4, tem-se mais a mudança da surda da 2.ª sílaba, na sonora correspondente (cfr. §20); p. ex.: de *battaru* tem-se:

<i>i vaddaru</i> = minha palavra	<i>xe vaddaru</i> = nossa palavra
<i>a vaddaru</i> = tua palavra	<i>pa vaddaru</i> = nossa palavra
<i>tu vaddaru</i> = palavra dele	<i>ta vaddaru</i> = vossa palavra
	<i>e vaddaru</i> = palavra deles

6.º) Alguns nomes com os prefixos pronominais possessivos, sofrem alterações irregulares e inesperadas; por ex.:

<i>i ogwa</i> “meu pai”:	<i>i muga</i> “minha mãe”:	<i>i marugo</i> “minha avó”:
<i>i ogwa</i> = meu pai	<i>i muga</i> = minha mãe	<i>i marugo</i> = minha avó
<i>a o</i> = teu pai	<i>a xe</i> = tua mãe	<i>a xarugo</i> = tua avó
<i>u o</i> = seu pai	<i>u xe</i> = sua mãe	<i>u xarugo</i> = sua avó
<i>tu o</i> = pai dele	<i>tugge</i> = mãe dele	<i>tu jarugo</i> = avó dele
<i>xewo</i> = nosso pai	<i>xegge</i> = nossa mãe	<i>xe marugo</i> = nossa avó
<i>pa o</i> = nosso pai	<i>pagge</i> = nossa mãe	<i>pa marugo</i> = nossa avó
<i>ta o</i> = vosso pai	<i>tagge</i> = vossa mãe	<i>ta marugo</i> = vossa avó
<i>ewo</i> = pai deles	<i>exe</i> = mãe deles	<i>ettujarugo</i> = avó deles
<i>ettuo</i> = pai deles	<i>tugge</i> = mãe deles	

Okwa e *muga* significam também, respectivamente, lábio e morada e neste significado unem-se ao possessivo sem mudança alguma, a não ser as regulares: *innogwa* = meu lábio, *akowga* = teu lábio, etc., *imuga* = minha morada, *a muga* = tua morada, etc.

No nome *imarugo* = minha avó, temos a união do nome *mugo* = mãe e *arugo* = velha, ficando assim:

<i>i muga</i> + <i>arugo</i> = <i>i marugo</i> = minha mãe velha
<i>axe</i> + <i>arugo</i> = <i>axarugo</i> = tua mãe velha
<i>uxe</i> + <i>arugo</i> = <i>uxarugo</i> = sua mãe velha
<i>tugge</i> + <i>arugo</i> = <i>tujarugo</i> = sua mãe velha.

CAPÍTULO IV O ADJETIVO QUALIFICATIVO

§ 55. — Os adjetivos são geralmente pospostos ao nome, e raras são as exceções. Frequentemente o adjetivo toma a enclítica *-re*; p. ex.: *pemega*, *pemega-re* “bom” (vide § 46, 7.º).

Muitas vezes o adjetivo, além do sufixo *re*, assume também o pronome demonstrativo *u* (artigo subjetivo), p. ex.: *pemega-re-u* “o bom, aquele que é bom”, *kuri-re-u* “o grande”, *kujagu-re-u* “o vermelho”; ou então recebe somente o pronome *u*. P. ex.: *xebequiü* “o inferior”. O adjetivo colecciona-se sempre sob uma destas duas formas, quando não acompanha um substantivo, adquirindo o valor de adjetivo substantivado.

Os adjetivos em *re-u* ou em *u* fazem o feminino em *re-u-da* e em *u-da* e o plural masculino e feminino em *re-u-gue* e em *u-gue* (isto é, as formas masculinas, femininas e plurais do pronome demonstrativo).

Os demais adjetivos tem uma única forma invariável, qualquer que seja o número e o gênero; estas qualidades resultam dos substantivos a que se unem, p. ex.: *barae-re epemega-re* = cs brancos (são) bons; *baraeddo pemega-re* = o branco (é) bom; *xo* “negro”, é invariável; *xo-re-u* “o negro”, *xo-re-u-da* “a negra”, *xo-re-u-gue* “cs negros, as negras”.

§ 56. — Os comparativos de igualdade obtêm-se colocando entre os dois termos da comparação a partícula *nonna*, como, p. ex.: *xenn'agu kwaru-dogue e moddu-re nonna tag-agugue e moddu-re* = cs nossos cavalos eles (são) belos como os vossos (são) belos.

O comparativo de diferença é obtido de diversos modos:

Enuncia-se uma qualidade do primeiro termo da comparação, depois segue o segundo termo ao qual se acrescenta uma das frases negativas: *metuia* (cu *metia*) *bokware*, *metuia karega*, *metuia kare* “igual não”; *metuia-r'emma karega*, *metuia-r'emma kare* “igual ele não”; p. ex.:

au. nêquedd'rogo pemega-re, geu metuia-r'emma karega =
este menino é bom, aquele igual porem não. Isto é: este menino é melhor do que aquele.

2.º) Enuncia-se uma qualidade do primeiro termo da comparação; depois o segundo termo, seguido de *karega* ou *kare* “não”:

i ke bettu raka-guragare, ake-r'emma karega =
a minha comida é doce, a tua ela não doce.

i manna jordua raka-re, imi-remmä karega =
meu irmão maior sabe muito, eu não sei.

i iordua raka ka, aki-r'emma karega =
eu sei muito não, tu porem não. Isto é: Eu não sei muito, mas tu sabes.

Estas frases em português ficariam: meu alimento é mais doce que o teu. Meu irmão maior sabe mais do que eu. Eu sei menos que tu.

3.º) São também usadas as frases *koddo . . . kori* "sobressair, passar além": *koddo kare kori* "andou não além"; o verbo *koddo* segue o primeiro termo da comparação, e o segundo termo precede a preposição *kori*. Ex.: *xe-gui-re, xe goddo ta gori* =

nós pois nós andamos vós adiante:

isto é, nós somos mais altos que vós, ou: nós andamos mais do que vós. Notemos que *xe goddo* está em lugar de *xe koddo* e *ta gori* em lugar de *ta kori*.

tag'oro e koddo xenn'oro e kori.

Vossas coisas elas andar nossas coisas sobre,

isto é: vós sois mais ricos do que nós.

emmagui-re e riyo koddo kare xe riyo kori.

Eles seu crescimento andou não nós crescer sobre,

isto é: eles são menores do que nós.

4.º) Finalmente usam também o comparativo de igualdade, no qual a partícula comparativa *nonna* é precedida pela negação *kare* "não".

P. ex.: *e moddu kare nonna xe moddu-re* =

eles belos, não como nós belos.

e pemega kare nonna xe bemegare =

eles bons, não como nós bons,

isto é: eles são menos belos e piores do que nós.

Note-se que *xe-bemega-re* está em vez de *xe pemega-re*.

eju kawarudogue e moddu raká-guraga-re, ma-re e-gu tapira aremmedogue e moddu kare nonna xenn'agugue e moddu-re =

Seus cavalos são belos fortissimamente, mas suas vacas bonitas não como nossas elas bonitas.

Isto é: eles tem belíssimos cavalos, mas suas vacas são menos belas que as nossas.

§ 57. — Não existe uma verdadeira forma de superlativo, mas os *orarimogodogue* obtêm formas equivalentes pospondo (ou às vezes antepondo) ao adjetivo adverbios como *ierika* "muito", *barika* "de mais", *jokoddo* "bastante, assás", *raire* "longo, comprido", *raká* "fortemente", *raká-guraga* "fortissimamente." Usam também os sufixos: *guraga*, *ponure*, *xigó*, *guiri*.

Por ex.: *giri* = amargo

bararu = gordo

kigaddo = branco

jae = longe

pega = mau

pemega = bom

rai = comprido

giri barika = muito amargo

bararu ierika = muito gordo

kigaddo rakaguraga = muito branco

jae guiri = muito longe

pega jokoddo = péssimo

pemegaguraga = ótimo

rai-ponure ou *raixigo* = compridíssimo

Os *orarimogo* tem na pronúncia um outro meio para indicar os superlativos e distinguir varios graus da qualidade expressa por eles. Costumam para isso parar a voz, elevando contemporaneamente a tonalidade sobre uma vogal — ordinariamente a vogal que antecede a antepenúltima — por um tempo que varia desde fração de segundo, até acabar o fôlego, no caso em que se deseja exprimir o máximo grau de superlativo. P. ex. : dado o adjetivo *maka-guraga*, “muito”, “muitos”, tem-se para indicar muitíssimos: *maga a a a a guraga*; quanto mais comprido o *a* tanto maior fica sendo o número. Na mente dos ouvintes o número vai sempre crescendo com o prolongar-se da vogal *a*.

Desse modo os *orarimogo* podem tornar superlativo qualquer adjetivo sem outros acréscimos, como também alguns advérbios e finalmente algumas partículas; p. ex. : *mariguddo* “há tempo”, *mariiiiiguddo* = antiquissimamente, *u-ttu-re giiiii* = foi até muitíssimo longe.

§ 58. — Finalmente o acréscimo de *rika* ou *quirika* a um adjetivo dá-lhe o significado oposto àquele que tem; p. ex. : *jae* “longe”, *jae quirika* = longe não; *raka* “forte”, *raka quirika* “forte não, isto é fraco”.

CAPÍTULO V — VERBOS

§ 59. — Vários verbos desta língua são simples: p. ex. : *bi* “morrer”, *ro* “fazer”, *tu* “andar” etc.

Muitos verbos derivam ou de nomes (verbos nominais) ou de outros verbos com acréscimo de sufixos (verbos adverbiais) ou da fusão de duas palavras numa só (verbos polissintéticos).

§ 60. — Os verbos derivados de substantivos são formados com o acréscimo dos sufixos *go*, *gu*, *ddo* (*tto*), *ddu*, *dduddo*, *ddoddo*, *guddo*, *goddo*.

Estes sufixos indicam que na ação feita pelo sujeito este se utiliza do ser que o nome indica.

Por exemplo: de *oe* “dente”, fizeram *oe-ddo* “morder”; de *riru* “haste de madeira”, (que usam para acender fogo), tiram *riru-do* = usar o *riru*, acender o fogo.

Outras vezes o verbo derivado tem o sentido de fazer, produzir o que é indicado pelo substantivo; por ex. :

de *ja* “abertura” deriva *ja-ddo*, abrir.

de *poro* “furo” deriva *poro-ddo*, furar e também ferir (furar com flechas).

de *joru* “fogo” originou-se *joru-ddo* “fazer o fogo, acender o fogo”.

” ” ” ” *joru-go* “fazer o fogo, acender o fogo”.

” ” ” ” *joru-guddo* “fazer o fogo, acender o fogo”.

” *paru* “princípio” originou-se *paru-ddo* “dar princípio, começar”.

” *rai* “comprido” originou-se *raiddo* “fazer comprido, alongar”.

” *uru* “esplendor” ” *uru-gu* “resplender”, *uru-ddo* “aquecer”.

” *aku* “frio” ” *aku-ddo* “fazer frio”, etc.

Outras vezes indicam significados afins ; p. ex. :

de *bure* “pé” tem *bure-ddo* “parar”.
de *pa* “leito” tiraram *paddu* “deitar”.

Alem desses usam outros sufixos :

de *okwa* “labios” “fizeram *okwague* “comer, fumar”; *okwabi* “beijar”, *okwa-drigui* “bocejar”, *okwa-kori* “altercar”; de *koia* “causa”, fizeram *koia-ru* “conceber, gerar”.

§ 61. — Os verbos que derivam de verbos se obtêm :

a) com o acréscimo dos mesmos sufixos *ko*, *go*, *gu*, *ddo* (*tto*), *ddu*, *dduddo*, *ddoddo*, *guddo*, *goddo*, os quais dão ao verbo composto o significado de fazer a ação indicada pelo verbo simples. De *okwague*, “comer”, formaram *okwague-ddo* “fazer comer”, de *bi* “morrer”, fizeram *bi-tto* “fazer morrer, matar” e *bituddo* “secar, apagar”; por ex. : *joru bituddo* ! apaga o fogo !

Outras vezes porem os verbos assim derivados tem o mesmo sentido dos verbos primitivos ; tais aumentos, todavia, devem indicar reforços e variações que passam completamente despercebidos a quem não é profundo conhecedor da língua. De *re* : *re ko*, *re-ko-ddo*, que traduzimos por “correr”, mas não há dúvida que não são usados indiferentemente ; assim *nu* “dormir”, *nu duddo* “fazer dormir” ; *rago*, *rago-ddo* “cantar e fazer cantar”, *bu*, *bu-tto* “cair”

b) adicionando o sufixo *uge* ; assim de *ta* “puxar para cima” formou-se *ta-uge*, com sentido análogo ; de *to* “fazer, criar, surgir”, fizeram : *to-uge*, com o mesmo significado ; podemos citar *ra*, *ra-uge*, *ko*, *ko-uge*, etc.

c) com prefixos : assim de *re*, *reko* “correr” fizeram : *a-regoddo* “chegar” e *aregodduddo* “fazer chegar”; de *aiddo* e *aidduddo*, “amar fazer amar”, derivaram *er aiddu*, e *er aidduddo* “obedecer”, fazer obedecer ; de *ako* “dizer” certamente formaram *mako* “falar”. O mesmo *ako* deriva certamente de uma forma mais simples *ko* “dizer”, usado somente com o pronome da 3.^a pessoa plural *e go* “eles dizem”, *e-go-re* “eles disseram”. De *erdu* “ver” formaram *erduaddu* “aprender” e tambem *mea-erdu*, ou *ma-erdu* “entender”.

Às vezes o sufixo *-ddo* é desligado do verbo e se junta encliticamente a uma parte que o segue ; por ex. :

xé guera re guiri-ddo em vez de *xé guera reddo guiri*

a nossa mão corre depressa em lugar de : nossa mão correr fazemos depressa.

A mesma coisa se dá com os verbos nominais ; assim : *ewure boe-ddo* “param os índios” em lugar de *boe ewure-ddo*, “os índios eles param”.

§ 62. — Entre os verbos polissintéticos recordaremos o verbo *boeru* “ter calor, suar”. Realmente, esse verbo é formado da frase : *boe e eru*, “as coisas elas queimam”, mas aglutinada numa só palavra.

Há outras: *boezoddo* de *boe* "tempo", *zo* "negro, escuro", *e-ddo* sufixo verbal = anoitecer; *-enno-pagaddo* "echeirar" (seu nariz por); *tu-via-pagaddo* "eseutar com atenção".

.. 2.º - MODOS E TEMPOS ..

O verbo tem o indicativo, o imperativo, gerúndio, particípio passado e infinito.

§ 63. — O verbo apresenta em todos os modos, tempos, números e pessoas a mesma forma invariável (nome verbal); pode, porém, ter sufixos e ser precedido ou seguido de partículas que indicam o tempo, a pessoa, ou dependência de outros verbos.

§ 64. — O indicativo tem três tempos: presente, perfeito e futuro.

Em todos os tempos do indicativo, o verbo é sempre precedido pelo pronome pessoal, excepto na 3.ª pessoa singular em que pode ser subentendido (vide § 24) ou ser substituído pelo nome.

§ 65. — O presente tem três formas: uma para indicar uma acção continuada, outra para indicar uma acção momentânea no tempo presente, e a terceira para indicar uma acção iminente. O nome verbal, sem a crêseimo, constitue a primeira forma; com aumento da partícula *nure* "agora" anteposta ou posposta, constitue a segunda forma; para a terceira acrescenta-se ao verbo o sufixo *wo*, ou *iago*; por ex.:

De *aiddu* "amar, querer" e de *kabi* "lavar" se obtêm:

<i>itt'aiddu</i>	"eu amo, eu quero"	<i>i nure kabi</i>	"eu lavo"
<i>ak'aiddu</i>	"tu amas, tu queres"	<i>a nure kabi</i>	"tu lavas"
<i>aiddu</i>	"ele ama, ele quer"	<i>u nure kabi</i>	"ele lava"
<i>xedd'aiddu</i>	"nós amamos, nós queremos"	<i>xe nure kabi</i>	"nós lavamos"
<i>pag'aiddu</i>	"nós amamos, nós queremos"	<i>pa nure kabi</i>	"nós lavamos"
<i>tag'aiddu</i>	"vós amais, vós quereis"	<i>ta nure kabi</i>	"vós lavais"
<i>et'aiddu</i>	"eles amam, eles querem"	<i>e nure kabi</i>	"eles lavam"

Os verbos *regoddo* "correr" e *tu* "andar", são conjugados assim:

<i>i regoddo nure</i>	eu corro	<i>i-tu-wo</i>	eu estou para andar, vou logo.
<i>a regoddo nure</i>	tu corres	<i>a-ttu-wo</i>	tu estás para andar, vais logo
<i>rekoddo nure</i>	ele corre	<i>u-ttu-wo</i>	ele está para andar, vai logo
<i>xe regoddo nure</i>	nós corremos	<i>xe-dduwo</i>	nós estamos para andar, vamos logo
<i>pa regoddo nure</i>	mós corremos	<i>pa-dduwo</i>	nós estamos para andar, vamos logo
<i>ta regoddo nure</i>	vós correis	<i>ta-ddu-wo</i>	vós estais para andar, ides logo
<i>e rekoddo nure</i>	eles correm	<i>e-ttu-wo</i>	eles estão para andar, vão logo

§ 66. — O perfeito se obtém com sufixo *re*, posposto e às vezes anteposto ao verbo ou a qualquer parte da proposição, como ainda com a partícula *gurae*. Com o verbo *ako* “falar” usa-se também o sufixo - *e*; *it'aiddu-re* “eu ameí”, *i-re kabi* “eu lavei”, *ettu gurae* “eles foram”, *ako-re*, *ako-é* “ele disse”.

§ 67. — A união de prefixos pessoais com o verbo, produz as mesmas mudanças que foram indicadas no § 54, com relação aos substantivos.

Assim, de *ro* “fazer” se terá *ta-rore* “vós fazeis”; de *bi* “morrer”, *bi-wo* “para morrer” e *a vi modde* “morrerás”; de *jaddo* “abrir” teremos: *i addo*, *a iaddo*, *jaddo*, etc. (cfr. § 54 n.º 3).

§ 68. — Daremos dois exemplos de verbos que começam com *ge*, *jo*; por ex.: *jorudu* “ver” e *gemarü* “procurar”.

<i>i iorudu</i> “eu vejo”	<i>i iemaru</i> “eu procuro”
<i>a erudu</i> “tu vês”	<i>a emaru</i> “tu procuras”
<i>jorudu</i> “(ele) vê”	<i>gemarü</i> “(ele) procura”
<i>xe erudu</i> “nós vemos”	<i>xe emaru</i> “nós procuramos”
<i>pa erudu</i> “nós vemos”	<i>pa emaru</i> “nós procuramos”
<i>ta erudu</i> “vós vedes”	<i>ta emaru</i> “vós procurais”
<i>e erudu</i> “eles vêem”	<i>e emaru</i> “eles procuram”

Na forma *jorudu* e *gemarü*, provavelmente ao verbo já se uniu o pronome pessoal *gi*: *jorudu* = *gi* mais *orudu* (por *gi* mais *erudu*) e *gemarü* = *gi* mais *emaru*; é por isso que *gi* foi colocado entre os prefixos pessoais subjetivos. A forma verdadeira desses verbos não seria *gemarü*, *jorudu*, mas sim *emaru*, *erudu*.

Pomos aqui a lista de alguns nomes e verbos que começam com *ge*, *jo*, pois são unidos ao pronome *gi*.

FORMA ABSOLUTA	Em UNIÃO COM <i>gi</i>
<i>eruddu</i> “ver”	<i>gi+eruddü = joruddu</i>
<i>eruduáddu</i> “aprender”	<i>gi+eruduáddu = joruduáddu</i>
<i>eruddu</i> “fazer fogo”	<i>gi+eruddü = joruddu</i>
<i>eru</i> “fogo, esplendor”	<i>gi+eru = joru</i>
<i>erubbo</i> “febre, doença”	<i>gi+erubbo = jorubbo</i>
<i>eku</i> “olho”	<i>gi+eku = joku</i>
<i>e</i> “rosto”	<i>gi+e = ge</i>
<i>eri</i> “frente”	<i>gi+eri = geri</i>
<i>erira</i> “sobrancelhas”	<i>gi+erira = gerira</i>
<i>eltori</i> “ser avarento”	<i>gi+eltori = gettori</i>
<i>ekimo</i> “estar vivo”	<i>gi+ekimo = gekimo</i>
<i>emaru</i> “procurar”	<i>gi+emaru = gemaru</i>

Examinando atentamente o quadro, parece que o *e* inicial da forma primitiva, unindo-se com *gi* se muda em *o* quando na sílaba seguinte há um *u* (assimilação, avizinamento de sons) e se torna imutável quando a sílaba seguinte tem outra vogal.

§ 69. — O imperativo tem duas formas :

1.º) o verbo sem o pronome: *kabi!* “lava! lavai!”; *butuddo* “faze cair”.

2.º) O verbo precedido do pronome da 2.ª pessoa: *a kabi!* “lava!”, *ta gabi!* “lavai!”; *a tuddo* “vai”; *a magoddo* “fala”.

§ 70. — Obtem-se uma forma verbal correspondente ao gerúndio pospondo ao verbo a partícula *tabo*, *apo* “com”: *amagadduddo apo* “fazer tremer - com”, isto é, “fazendo tremer”; *adugo-re buttu*, *tu vi tabo* “a onça cai ela morrer com; isto é, “cai morrendo”; *raguddu tabo* “chorando”; *koddu tabo*, “voando andando”; *boexoddo tabo* “fazendo-se noite”.

O verbo seguido pelos advérbios *kegge* “sobre, depois” e *dukegge* “depois” tem o valor de particípio passado composto: *e nuddu-re dukeggere* “eles tendo adormecido” (lit. eles dormir depois).

§ 71. — O verbo seguido de *re-u*, adquire o valor de particípio passado: *bi-re-u baire* “os mortos baire”; o *u* exprime pluralidade pela influência de *baire* que é plural. (§ 53).

§ 72. — O verbo das proposições dependentes quasi sempre corresponde ao infinito, e se reduz ao puro nome verbal, ás vezes com sufixos para indicar que ele depende de outros verbos: *e tu vu*, *tu nuddu wo* “eles se deitaram adormecer para”; *a rego joru kae*, *pa-wo pa gue karo kou* = tu corres ao fogo, nós para nosso alimento o peixe cozer.

§ 73. — *Verbos reflexivos*. — A conjugação dos verbos reflexivos difere da dos ativos neste particular: traz antes do verbo dois pronomes pessoais; o primeiro é o pronome pessoal sujeito e o segundo objeto, o qual para a 3.ª pessoa tanto no singular como no plural, neste caso, é *tu*. Entre um e outro pronome há geralmente uma palavra, muitas vezes a que indica o tempo do verbo.

O verbo *remo* “entrar” é assim conjugado na voz reflexa :

<i>i-re i remo</i>	eu entrei
<i>a-re a remo</i>	tu entraste
<i>u-re tu remo</i>	ele entrou
<i>xe-re xe remo</i>	nós entramos
<i>pa-re pa remo</i>	nós entramos
<i>ta-re ta remo</i>	vós entrastes
<i>e-re tu remo</i>	eles entraram

CAPÍTULO VI — PALAVRAS INVARIÁVEIS

1.º ADVERBIO

§ 74. — Algumas palavras desta língua se usam com o duplo significado de adjetivo e advérbio; p. ex.: o termo *makaguraga*, significa muito, muita, muitos, muitas e também muito (advérbio); *ja-*

meddo quer dizer todo, toda, todos, todas e também tudo; *avaragoddu* é o mesmo que pouco, pouca, poucos, poucas e também pouco (adv.).

Varia é a posição do adverbio na proposição (antes e depois do verbo). Quando há, porem, um número consideravel de advérbios de lugar, modificando nomes ou pronomes para formar locativos, os outros advérbios são pospostos ao nome ou ao pronome (cfr. § 28).

§ 75. — Adverbios de tempo

<i>xare</i> “então”	<i>kurigé</i> “logo”
<i>au-meri-gi, aúgi</i> “hoje”	<i>nure</i> “agora, já”
<i>jagi</i> “ontem”	<i>boe jameddugi</i> “sempre”
<i>ottadai</i> “antes”	<i>maigoddu</i> “há pouco”
<i>jau ottodaiugi</i> “ante ontem”	<i>mariguddu</i> “antigamente”
<i>barugwatto</i> “de madrugada”	<i>boe modde</i> “daquí a pouco”
<i>dukegge</i> “depois”	<i>kigoddu</i> “muitas vezes, continuamente”
<i>kodomai</i> “falta pouco”	<i>kajá</i> “espera”
<i>boéugi</i> “depois de amanhã”	<i>xakurigé</i> “logo-logo”
<i>butuguddo jau</i> “esperar um pouco”	<i>guru guru</i> “ligeiro”
<i>iakoddiwo</i> “por um tempo”	<i>boíwo</i> “último”
<i>ottogiu</i> “primeiro”	

§ 76. — Adverbios de lugar

<i>voe</i> “aquí”	<i>toro</i> “por lá”
<i>ge</i> , “lá, acolá”	<i>gexe</i> “alem”
<i>mareu</i> “alí”	<i>gettu</i> “daquí”
<i>voige (voge)</i> “por ali”	<i>jaequiri</i> “longe”
<i>pureddo</i> ou <i>pureddogoddu</i> “perto”	<i>ottodai</i> “em frente”
<i>rekoddagi</i> “de trás, atrás”	<i>kudda</i> “em baixo”
<i>gi giíi</i> . . . “até . . . muito longe”	<i>kegge</i> “sobre”
<i>kae</i> “até”	<i>bukegge</i> “em cima”
<i>togui</i> “diante”, <i>i togui</i> “diante de mim, ao meu encontro”	<i>ao geugge</i> “sobre”
<i>joki</i> “sobre”	<i>xobogge</i> “em alto”
<i>ki</i> “de baixo para o alto”	<i>xemorae</i> “em baixo”
<i>tadda</i> “dentro”	<i>boe jameddo boe joki</i> “em toda a parte”
<i>pigi</i> “fora”	<i>boe jameddo kegge</i> “em toda a parte”
<i>kugei</i> “de trás”	

§ 77. — Adverbios de quantidade

<i>ino ba?</i> “quanto?”	<i>kuripo nure</i> “abundante”
<i>makaguraga</i> “muito”	<i>oiakoddu</i> “de mais”
<i>avaragoddu</i> “pouco”	<i>jameddu</i> “tudo, também”
<i>kunure</i> “bastante”	<i>mitto tugé</i> “sòmente”
<i>boekimo</i> “não tem”	

§ 78. — *Adverbios de modo*

<i>inobá?</i> “como?”	<i>boerugadu</i> “justamente”
<i>raka</i> “fortemente”	<i>nonna</i> “como”
<i>kerabôddu</i> “certamente”	<i>maratabo</i> “de pressa”
<i>rakuddu</i> “talvez”	<i>ainnonna</i> “assim mesmo”
<i>butugu</i> “devagar”	<i>inno, ainno</i> “assim”
<i>riki</i> “em verdade”	<i>jokoddo</i> “de fato, mesmo”

2.º — PREPOSIÇÃO

§ 79. — As preposições são partículas que se colocam depois dos pronomes pessoais e dos nomes. As monossilábicas são quasi todas enclíticas aos nomes e pronomes a que se referem, mas não a outras palavras.

- ai* “a” indica o dativo (objeto indireto)
- kae*, “a” usada com os verbos para indicar a meta do movimento.
- pigi* “de” com os verbos para indicar a proveniência.
- tto* (de *tô*) “em”
- xe*, -*gge* “para” (fim, escopo)
- koddi* “porque, para que”.
- ma* “se” (não é enclítica), -*re*, que aparece na composição de muitas conjunções e advérbios.
- na?* -*ba?* partículas não enclíticas que indicam interrogação; poder-se-ia traduzir por *talvez?*
- apo* -*abo*, -*po* “com”, indicam companhia.

Nota sobre o uso de *TABO* e *APO*, com, e *KODDI*, porque.

1.º) *TABO* — Usa-se para indicar companhia de seres inanimados; por ex.: *mata tori tabo, ippo tabo, paru tabo* — vem cá com a pedra, com o pau e com o machado. *Tabo* pode indicar também meio. Por ex.: *i modde a viddo tariga tabo* — eu te matarei com a faca.

2.º) *APO* — Usa-se para indicar companhia de seres animados; por ex.: *mata do apo, nabure apo, arigao apo* — vem com teu pai, com a arara e com o cachorro.

3.º) *KODDI* — vai sempre no fim da proposição; por ex.: *i tu kare i kogóddure koddi* — eu ir não eu doente porque.

3.º — CONJUNÇÃO

§ 80. — As conjunções se unem à proposição de um período ordenado; são sempre a primeira palavra da proposição.

<i>ma, mare</i> “mas, porem, etc.”	<i>nonna, nonno</i> “como”
<i>koddi, koddi-xare, koddire,</i>	<i>kimo, kimo-re</i> “tambem”
<i>kóddirê, dukoddi</i> “por isso”	<i>jameddo</i> “tambem”
<i>xare</i> “então”	

4.º OUTRAS PARTÍCULAS

§ 71. — Além das partículas *nure*, *ere*, *gurae*, *modde*, *wo*, *iago*, que marcam os vários tempos do indicativo, daremos outras afirmativas e negativas:

u “sim”, resposta afirmativa direta.

boro “não”, resposta negativa direta.

boekimo (respondendo a quem pede alguma coisa) “não há o que pedes”.

ka, *ka-re*, *kaba*, *ka-rega*, “não”; são usados nas proposições negativas, ou postostas imediatamente ao verbo ou entre o sujeito e o verbo (mesmo junto de outras palavras); p. ex.: *a koddó kab'ittabo* — tu vens não comigo; *i kare geu pegareu bitto* — eu não aquele mau matei.

Karega serve para reforçar a negação e se encontra, de preferência, nas proposições nominais.

boekimo ka, *boekimo kare* = sim, tenho-o (respondendo a quem pede alguma coisa), tenho o que pedes (literal: as coisas elas faltam não).

kiari-ka “sim, quero” (duas negações: não quero não). Note-se o seguinte uso da afirmação *u* precedendo uma oração negativa: *nou*, *u-o aregoddu kare?* — *u*, *aregoddu kare* “hei! seu pai chegou não? — sim, chegou não”.

Os índios tem também sinal de assentimento da cabeça, como o nosso. Erguem a fronte abrem um pouco mais os olhos e contemporaneamente fazem passar pelos lábios, ligeiramente abertos, uma leve inspiração que de improviso suspendem, produzindo um ténue som gutural.

Há também muitas vozes que representam sons imitativos, dos quais estão cheios os contos e discursos. É frequente o som *t* (consoante quasi muda e fortemente explosiva) que completa e reforça o sentido os muitos verbos.

5.º - INTERJEIÇÕES

§ 82. — São numerosas e quasi sempre acompanhadas de gestos que acentuam o significativo. Eis as principais:

ié, *iai*, *ai*, *u*, *a*, ! = ai! (dor)

ioi! *u*! = oh! ah! (admiração, afirmação)

ema, *eruddo*, *keruddo*! = bem (toma!)

kuiú! = bem!

pogurure = vergonha, acanhamento

ieri boepugugu = bonito!

kirabodde = verdade!

inawó! = ai de mim!

arróu! = } diacho! arre!

axeboere = } diacho! arre!

parare pogugu! = possível!

OBSERVAÇÕES SINTÁTICAS

E' simples a sintaxe desta língua. Ainda que estejamos longe de possuir a língua e não tenhamos abundante material linguístico à disposição, todavia nos esforçamos para dar as principais regras sintáticas tiradas da leitura dos textos que se acham depois desta gramática. E cremos ter feito coisa útil a quem quisesse aprofundar-se neste estudo, fornecendo-lhe um primeiro ponto de apoio para ulteriores e mais profundas pesquisas.

§ 83. — Para evitar repetições, não trataremos da sintaxe dos pronomes, cujo uso e colocação no período já foram indicados no primeiro capítulo da morfologia. Também silenciaremos sobre os verbos. Acrescentaremos somente :

1.º O verbo pode ser usado como substantivo; p. ex. : *adugo aiwo-re ako paru-to* “o *adugo* (onça) olhou falar sobre o princípio”.

2.º Essa língua não usa o verbo na voz passiva : e é sempre mudado para a voz ativa qualquer sentido passivo do verbo.

NOTA. — Parece, porem, existir uma forma aproximativa do passivo, que se poderia chamar impessoal, porque nunca é expresso o complemento do agente ; Por ex. : *baroquato tapira vittoddo modde* — amanhã o boi será matado. — *Boiwugi takureu kaddoddo modde* — depois de amanhã a cana será cortada. — A forma ativa seria : *baroquato ta modde tapira bitto* e *boiwugi ta modde takureu kaddo*.

1.º - NOME

§ 84. — O nome é determinado quando acaba em *u*, *reu*, sendo sujeito ; ou em *gi*, *ei*, sendo objeto (cfr. § 36).

Quando *ia* “um”, “uma”, precede ao nome, este fica indeterminado. Nos outros casos, pelo sentido se deduz se é ou não determinado.

§ 85. — As aposições são pospostas, sem modificação, ao nome, seja este sujeito, seja objeto ; assim : *ia areddo atruaroddo* “uma mulher *Atruaroddo*” ; *makoguddu tu media-gi Akaruio Borogo* “falou ao seu colega *Akaruio Borogo*” ; *tu-gue okogue kou* “o seu alimento o *okogue* (um peixe) cozinhou”, etc.

O genitivo vem sempre anteposto ao nome e muitas vezes com o adjetivo possessivo interposto : *Baitogogo oredduge* “de *Baitogogo* a mulher” ; *Baitogogo u vire-re, pobbe* “de *Baitogogo* as suas mulheres (eram) duas”.

§ 86. — Muitos substantivos se usam no singular como coletivos para indicar todo um gênero : *boe ett aiddu nonnogogi* = “os índios eles amam o urucú, isto é, as plantas de urucú”.

2.º - A PROPOSIÇÃO

§ 87. — Esta língua não tem o verbo *ser*. As proposições nominais podem ter, porem, as partículas que indicam tempo: *itt' oreduge-reu modd'aki* “minha mulher serás tu mesma”.

§ 88. — O sujeito pode ser subentendido somente na 3.ª pessoa do singular de todos os tempos e no imperativo. Na 3.ª pessoa plural é sempre expresso o pronome pessoal; ou sozinho (*e, ek, ett', enn*) ou ao lado do nome ou dos nomes: *boe ett'aregoddu* “os índios eles chegam”; *bo'e erdure* “os índios eles viram”.

§ 89. — Quando o objeto é um nome, pode ter várias posições na oração:

1.º) o objeto é posposto ao verbo (construção direta): então ele ou um seu atributo, toma como sufixos enclíticos qualquer dos pronomes demonstrativos *gi, xe (gge)*, para o singular, *e, -i* para o plural: p. ex.: *okogue-r'ettu reomuguddo jukwo-gi* = os *okogue* eles circundam o *jukwo*; *tu baguddu pobbo-xe* “ele temeu a água”; *u-re tuguerago ia doriga rogu-gi* “ele segurou uma faca pequena”.

NOTA. — Neste último caso, porque o substantivo plural termina em *e* e o pronome da 3.ª pessoa plural é muitas vezes *e*, pode-se pensar que o *e* considerado como pronome, não seja senão a vogal final do substantivo.

Recordamos, porem, que: 1.º) os Bororos dizem: *boe e erdu-re* “os índios eles viram”. 2.º) *boe e mago-re* e não *boe mako-re* (cfr. § 21) “os índios eles falaram”. 3.º) quando o verbo começa com vogal, o pronome é sempre expresso em forma bem reconhecível: *boe ett'aiddu nonnogogi* “os índios feles amam o urucú”.

2.º) o objeto é preposto ao verbo e portanto colocado entre o verbo e o sujeito; então não toma sufixo algum: *a rabodde karo bitto* “tu certamente o peixe mataste”.

3.º) o objeto é colocado antes não só do verbo, mas também do sujeito; toma então o sufixo *gi* se o sujeito for nome; fica sem ele, se o sujeito for pronome; por ex.: *aivore to u-xe-gi-re immeddo ro inno* = “viu (que a) sua mãe um homem fazia assim”; *ta vure-re ta joddo i wuguegge* “o vosso pé calcai vós sobre mim”.

§ 90. — Mais do que um nome, o objeto pode ser um pronome pessoal, objetivo como prefixo ou como sufixo (cfr. § 29): *itt'aiddu nur'a-i* “eu te amo”; *a ro inno xe-i* “tu fizeste assim (a) nós”; *ett'oeddo gi* “eles morderam ele”; *i iordu kare gi* “eu vejo não ele”; *i moddu kare a viddo* “eu não te matarei”; *u-re jameddo ei ko* “eles todos os comeu”; *areddu paguddu-re xe* = “a mulher temeu ele”.

§ 91. — Raramente o objeto é enunciado com nome e pronome de que o primeiro precede e o segundo segue o verbo; por ex.: *boe kabi gi*, “coisa lava aquela”, que quer dizer “lava aquela coisa”.

§ 92. — As posições recíprocas que tomam na proposição o sujeito, verbo e objeto, desprezando o enunciado no § 91, podem ser ilustrados pelo seguinte quadro:

I) SUJEITO	VERBÓ	OBJETO	II) SUJEITO	OBJETO	VERBO	III) OBJETO	SUJEITO	VERBO
xeu	aiddurè	- i	u-re	i	viddo	—	—	—
		a-i		a	"	—	—	—
		gi (gi-i)		tu	"	—	—	—
		—	i media	apoddo	bitto	i metiagi	adugo	bitto
		i mediagi	tr-re	i media	bitto	i media	u-re	bitto
tu	baguddu	poboxe	—	—	—	—	—	—
xeu	aiddure	xei	ure	xe	viddo	—	—	—
		pai		pa	"	—	—	—
		tai		ta	"	—	—	—
		ei		a	"	—	—	—
		tu-medaguei		aigo	bitto	—	—	—

§ 93. — Os verbos que indicam movimento regem o acusativo : *u-ttu-re boku-gi* “ele andou pelo cerrado”.

Nos textos se encontram duas construções : *u-ttu-re pobogi*, *merure pobogi* = ele andou por água ; e *e-ttu-re pobbo-tto* = eles andaram nágua.

Usam o acusativo no primeiro exemplo para exprimir um verdadeiro movimento nágua com meta determinada e a ação pôde executar-se tanto a nado como numa embarcação ; com a segunda construção indicam que o agente entende permanecer em determinado lugar, para banhar-se, para pescar ou para qualquer outro fim. Por isso lançam mão de um locativo.

§ 94. — Nesta língua há verbos que regem o acusativo em uma construção especial, pois em português tais verbos são intransitivos.

Em alguns verbos poli-sintéticos não é difícil conhecer a razão. Tomemos, p. ex., o verbo *boeru* “ter calor, suar” ; os índios o conjugam da seguinte forma :

boe e erure i-i “as coisas me queimam, portanto : estou com calor, suor”.
boe e erure a-i “as coisas te queimam, ,, estás com calor, suas”.
boe e erure gi “as coisas o queimam, ,, está com calor, sua”.
boe e erure xe-i “as coisas nos queimam, ,, estamos com calor, suamos”.

Analogamente *akere* “respirar”, *buiakure* “estar com frio”, *uké-boire* “desejar a comida, ter fome”:

ake re i-i “o respiro percorre-me, eu respiro”.
i ke boire i-i “a minha comida desperta-me a fome”, desejo a comida, tenho fome.
a ke boire a-i “a tua comida desperta-te (a fome), desejas a comida”.

Também *ako* “dizer”, *mako* “falar” são provavelmente verbos poli-sintéticos, cujo modo de composição não é mais visível. Pode-se afirmar isto porque regem o acusativo : *u-re mako-re i-i* “ele falou-me”.

§ 95. — O verbo *ro* “fazer” rege sempre acusativo ; tanto o seu objeto direto como o indireto vão para o acusativo : *e-re ro joru gi* “eles fizeram o fogo”, *a ro inno xe-i* “tu fizeste assim nós” ou “tu fizeste assim a nós”.

§ 96. — Outras partes da proposição formam-se de nome ou pronome mais o adverbio ou preposições : *tu dadda oinno-re akore* “de si dentro assim disse”, isto é, “assim disse de si para si” ; *u-ttu-re pobbo-tto ika tabo*, “ele andou água na barca com, o que seria : andou nágua com a barca, etc.”.

Algumas vezes o nome é subentendido : *makore tadda* “falou de dentro”, em lugar de *mako-re areddo tadda* “falou de dentro à mulher”.

§ 97. — Os verbos de movimento e alguns outros exigem a preposição *-ai* (dativo) : *aregoddo . . . ai* “chegar a uma pessoa”, *aregoddo tu-o ai* “chegou a seu pai”, *koddu . . . ai* “ir a presença de alguém”, *tu quirimmi . . . ai* “virar-se em direção de alguém, etc.”

§ 98. — O verbo *ettu* = andar, requer a preposição *tto* “em, dentro”; ao passo que *mettu* = estar, exige o adverbio *tadda* = dentro; por ex.: *mé upo, mettu karo kuri tadda* “do tabaco uma folha estava do peixe no ventre dentro”.

§ 99. — A conjunção *e* se exprime com *mare*. A expressão *Meri* e seu irmão menor *Ari*, é assim traduzida: *Meri mare u vie Ari; juko mare korugo* “o macaco e o coelho”.

3.º - O PERÍODO

§ 100. — O período nesta língua, as mais das vezes é composto e as várias proposições principais são unidas com a conjunção: *xare* “então”, *ma, mare* “mas”, *koddi, koddire, du koddi, du koddi xare* “por isso” etc.

§ 101. — Quando o período é complexo, ou tem uma só proposição dependente, ou as várias proposições dependentes são todas do mesmo grau e da mesma natureza.

As proposições subordinadas que temos encontrado são finais, hipotéticas, causais, temporais e declarativas.

§ 102. — As proposições dependentes ou se iniciam com conjunção ou terminam com preposições (geralmente adverbiais) ou tomam sufixos unidos ao verbo ou qualquer outra palavra da proposição.

§ 103. As proposições declarativas, que são verdadeiras proposições objetivas, seguem verbos como: *jordu* “ver”, *jorduadda* “aprender”, *aiddo* “amar, desejar, querer”, *mako* “falar”, *ako* “dizer” etc.; são indicadas pelos sufixos *ie, iago, dugi, wo* unidos encliticamente ao verbo ou a qualquer outra parte da proposição dependente. O uso destes sufixos é:

Ie — quando se referem a palavras que indicam ação passada ou futura, não imediata. Por ex.: *akore tuddu modduie* “disse que partirá”. *Inobá akagore? inagore, geu imeddu pegaie* “Que disseste? Falei que aquele homem é ruim”.

Iago — Quando no discurso indireto são citadas palavras que indicam ação imediata. Por ex.: *akore padduiago* “disse que partamos” (logo). *Nabá akore? akore tamarataboiago* “Que disse? Falou que façais de pressa”.

Dugi — Usa-se na proposição objetiva. Por ex.: *itaiddure ta pe-mega modde dugi* “quero que sejais bons”.

Wo — Exprime a nossa proposição infinitiva. Por ex.: *bo erdu kawo* “para a gente não saber”. *Ere tu vu, tu nudduwo* “eles se deitaram para dormir,

§ 104. — Muitas proposições finais terminam com *kodi* “por, porque, para que”; p. ex. : *ta e korire, ta ro pegare koddì* “estais tristes, porque fizestes mal”.

§ 105. — Os verbos que exprimem movimento podem ser seguidos de proposições finais que tomam o sufixo *-wo*.

§ 106. — O verbo *boga* não se encontra senão em certas proposições dependentes de verbos que indicam movimento, na forma de: *boga-i, woga-i* “a procurar, para procurar”; algumas vezes calha bem o gerúndio “procurando”: *e-koddu-re-gi joru boga-i* “eles foram lá (longe) o fogo a procurar” (procurando o fogo).

§ 107. — Outro verbo que só se encontra em proposição que segue a verbos de movimento, é *bagui*. Precede-o sempre o pronome objetivo com o sufixo *i* (que indica dependência): *tu-i bagui, i-i bagui, a-i bagui* etc., significando literalmente “voltar sobre os próprios passos”; portanto *tu-i bagui* pode ser assim expresso: “para-regressar”.

§ 108. — As proposições hipotéticas terminam com a proposição *ma* “se”: *i modde i raugema, a modde i viddo* “eu me descerei se, tu me matarás”.

§ 109. — As proposições causais dependem ou de uma proposição nominal, cujo predicado é o substantivo *koia*, “causa” ou começam com a conjunção *xare*, no sentido de porque: *jukwo koia-r'ure, boe erduadda joru-gi* = o *jukwo* (foi) causa (pela qual) os índios conhecessem o fogo; *xare i kanna koguddugodure, a ia bari kuriddo i togui* = porque o meu braço enfraqueceu, a tua boca abre grande ao meu encontro.

§ 110. — As proposições temporais terminam com os advérbios de tempo, *dukegge* “depois”, *tabo* “enquanto”, *kegge* “depois” e correspondem também ao gerúndio (cfr. § 70).

§ 111. — Também as proposições nominais podem ser dependentes: *boe e goe, yukwo o-ie ika* = os índios contam que o *jukwo* tinha a sua embarcação.

§ 112. — O verbo, em todas as proposições subordinadas, se acha, em regra geral, reduzido à forma primitiva; contudo, algumas vezes, o verbo da proposição dependente aparece no indicativo, tempo correspondente às relações de tempo existentes entre as ações indicadas pelos dois verbos das proposições principal e subordinada: por ex. : *i modde i raugema, a modde i viddo* = se eu descer, tu me matarás; *i-ttu-wo, i-re paro kaddo koddì* = eu estou para ir-me, o meu machado quebrou, porque.

§ 113. — Quasi sempre a proposição principal precede a subordinada; algumas vezes, porem, observa-se a disposição oposta das duas proposições, como no 1.º exemplo citado no § precedente.

ESTUDO SOBRE A LÍNGUA BORÓRO PELO
DR. Pe. ANTONIO TONELLI

NOTA DO AUTOR. — O ilustre cientista Prof. Pe. Antonio Tonelli, Salesiano, no "XII Congresso Internacional dos Americanistas", que se realizou em Roma em setembro de 1926, leu o seguinte estudo sobre a língua dos Boróros, que intitulou: "Algumas observações sobre a sintaxe da língua dos índios Boróros Orari do Mato-Grosso, Brasil".

Julgamos fazer cousa útil à ciência inserindo tal estudo nesta parte do livro que trata da língua dos Boróros. Apresentamo-lo, também, como sincera e fraterna homenagem à saudosa memória do exímio Salesiano, que com tanto amor e tão preclara intuição se dedicou aos estudos da etnografia e glotologia destes índios. Convem notar que a solução de vários quesites relativos às regras gramaticais, já prevista pela intuição do sábio Dr. A. Tonelli, ficou confirmada após estudos e pesquisas que nos foi dado fazer em prolongada convivência com os Boróros; como por ex. aconteceu na forma gramatical: *moddu ka* e *modde ka* (*kae*) e *okuako* e *o' kua ako*.

Na proposição da língua *orari*, o *sujeito*, em geral, precede o *predicado verbal*.

Um exame cuidadoso de todas as proposições dos textos permite fixar duas classes de verbos, observando as diversas colocações das parcelas temporais, subordinativas e negativas.

1.ª CLASSE

INTRANSITIVOS

A primeira classe abrangê verbos com os quais as partes da proposição tomam as seguintes disposições:

- 1.º) *sujeito*, que muitas vezes pode faltar;
- 2.º) *verbo*;
- 3.º) *parcela temporal* (-*wo*, *nure* para o presente, -*re* para o passado, *modde* para o futuro) ou *parcela subordinante* (-*wo* "para", -*i*, -*ia*, -*ie*, -*iago*); enclíticas ao verbo se monossilábicas;
- 4.º) *parcela negativa* (-*ka*, *kare*, *kaba* "não"), nas frases negativas; ela dispensa do uso da partícula temporal -*re*;
- 5.º) *objeto indireto*, quando está expresso, e as *outras determinações adverbiais do verbo* (advérbios, lugar, companhia, meio, etc.)

Portanto normalmente todas as determinações adverbiais do verbo (obtidas por posposições adverbiais) são colocadas depois do verbo e se sucedem em ordem de importância. Se o índio quer fazer sobressair alguma delas, prepõe-na ao mesmo sujeito, dando-lhe quasi sempre um sufixo -*re*. Então ela se acha no início da proposição em *posição enfática*.

Os verbos desta primeira classe podem-se repartir em dois elencos :

1.º *Elenco*

<i>a-ko</i> "dizer, falar"	<i>m-a-ko, mago</i> "falar, dizer"
<i>a-ko-goddu</i> "falar, assobiar"	<i>mako-ddu, mago-ddu</i> "falar, dizer"
<i>a-ra-guddu</i> "chorar"	<i>mako-goddu</i> "falar"
<i>a-re-go-ddu</i> "chegar, vir ao encontro, voltar"	<i>me-ru</i> "ir em busca de comida"
<i>bi</i> "morrer"	<i>me-ttu</i> "estar"
<i>bokwa</i> "faltar, não ser, não existir, não ter, desmaiar"	<i>mu-gu</i> "estar, assentar-se, parar"
<i>buia-ku-re</i> "ter frio"	<i>nu-ddu</i> "dormir"
<i>bu-ttu</i> "cair, descer"	<i>okwa</i> "morrer, acabar, perecer"
<i>ge-to-dda</i> "despertar"	<i>pa-ddu</i> "jazer", "estar", cfr. <i>pa</i>
<i>ge-tta</i> "estar"	"coma"
<i>jo</i> "lançar-se, cair, descer, premer, inclinar-se, poisar-se, etc."	<i>pe-goddu</i> "evacuar", cfr. <i>pe</i> "estercos"
<i>kiari-goddu</i> "estar triste"	<i>ra-goddu</i> "cantar"
<i>ko</i> "dizer, falar"	<i>raki-xarugo</i> "emagrecer"
<i>o-ddu, goddu</i> "ir, vir, voar", cfr. <i>tu</i> "ir"	<i>rako-ge, rago-ge</i> "estar, surgir"
<i>ko-gettu-ru-ddu</i> "correr"	<i>re</i> "correr, bailar"
<i>koguddu-goddu</i> "desmaiar, enfraquecer"	<i>re-ko, rego</i> "correr, fugir"
<i>koiaru</i> "tornar-se grávida"	<i>re-ko-ddu, regoddu</i> "ir, fugir, correr"
<i>kori-goddu</i> "zangar-se", cfr. <i>kori</i> "dor"	<i>re-mo</i> "entrar"
<i>kuddu-goddu</i> "gritar, assobiar", cfr. <i>kuddu</i> "assobio, grito"	<i>rixi-ddu</i> "crescer"
<i>kuru-ddu</i> "urinar"	<i>roiwa</i> "ser capaz, conseguir"
	<i>roiwa-ka-ddo, roiwa-ddo kare</i> "não ser capaz"
	<i>ru, ru-ttu</i> "subir, nascer (do sol)"
	<i>tu</i> "ir, caminhar, vir"

Vê-se que todos os verbos deste primeiro elenco são *intransitivos*.

Exemplos :

pobba aregoddu nure = a água chega agora

xeu imeddu ruttu-re tori ki = aquele homem subiu o monte

iogoddu ba ruttu modde betturêboe kae? = quem subirá à fruta?

i koddu-wo toro ak'abo = eu venho (agora) ali contigo

pa-ddu-wo pa vai kae = nós vamos (agora) à nossa choupana

O sujeito pode ser usado enfaticamente e ser retomado com um pronome ; isto se verifica também na construção dos outros verbos :

exeu ipareddu u nuddu kare = aquele rapaz ele não dorme

boe ett' aregoddu modde tag'ai = os índios eles chegarão a vós

O sujeito raramente (na prosa narrativa da qual me ocupo) pode ter o sufixo *-re*, que em tal caso — segundo o meu parecer — não tem valor de parcela temporal :

mare u o-re mako kare = mas seu pai não falou.

E' ao verbo que são pospostas (enclitivamente se são monossilábicas) as parcelas que indicam o tempo do verbo, as parcelas que indicam a dependência (quando o verbo se acha numa proposição dependente) e as parcelas negativas. A parcela *-re*, que indica o tempo passado, é geralmente omitida (na prosa narrativa) quando ao verbo segue uma parcela negativa ou um advérbio qualquer :

Akaruio mako kare "Akaruio não falou" e não *mako-re kare*.
koddu kuri tu media ai "foi logo ao seu colega" e não *koddu-re kuri*,
 cfr. *kuri* "logo".

E' preciso notar uma vez para sempre uma modificação fonética : *modde*, índice do futuro, quando é seguido por *ka*, *kare*, *kaba* "não", modifica-se em *moddu* ; portanto *modde+ka = moddu-ka*. Mas ao invés é : *modde ka*, quando *ka* não é parcela negativa, mas indica lugar e está por : *kae*.

it'aregoddu moddu kare poguegge = eu não voltarei outra vez.
ruddu modde ka = eu subirei às frutas.

Entre todas as terminações do verbo, que podem seguir, há uma muito especial, que até agora não foi bem interpretada. Obtem-se acrescentando o sufixo *i-* enclítico aos pronomes pessoais (*i-i* "a mim", *a-i* "a ti", *gi* "a ele, àquele", *pu-i* "entre eles, um ao outro", *puddu-i* "a si mesmo, a ele mesmo, a si mesmos", *xe-i*, *pa-i* "a nós", *ta-i* "a vós", *e-i* "a eles, àqueles") ou os sufixos *-gi* "a ele, àquele" enclítico aos nomes no singular e *e-i* aos nomes no plural. Eis os verbos intransitivos do 1.º elenco que nos textos são determinados de tal forma :

rôiwa = ter êxito em (uma empresa), conseguir salvar-se em (um lugar)
bokwa = faltar, não ser, não existir em (um lugar)
buiaku-re = ter frio = o frio ser em (uma pessoa)
gettu, eddu = estar, existir em (um lugar)
tu, ko-ddu = ir por, através (um lugar)
re-koddu = correr, fugir, ir por, através (um lugar)
a-re-goddu = chegar em (um lugar) ou à (uma pessoa)
pureddu-goddu = chegar perto de (um lugar ou pessoa)
ko, a-ko = dizer a (uma pessoa)
a-ko, ma-ko-ddu, ma-ko-goddu = falar, dizer (a uma pessoa ou num instrumento).

São verbos que indicam ou uma ação executada em um lugar, ou o movimento, ou a ação de "falar". Eis os exemplos encontrados nos textos : *a roiwa modducare acabo pobogi* = tu não conseguirás salvar-te contigo (com as tuas forças) nágua.

a roiwa moddu ka boe pega-gi-re = tu não terás êxito na cousa (empresa) má.
ma-re kare bokwa-re pobbo-gi = mas os peixes faltavam (não existiam) nágua, assim (como agora se vê).

kwogu-gi-re ako inno = ao *kwogu* falou assim ; neste exemplo a terminação com *-gi* é posta em posição enfática.

xeu areddu mako-re, tu vurimague-i = aquela mulher falou a seus irmãos maiores.

Baitogogo mako-re, tu oredduge-gi = Baitogogo disse a sua mulher.

tu onaregueddu mako-re tu o-gi = seu filho disse a seu pai.

juko makogoddu-re gi = o *juko* falou-lhe.

makogoddu-re tu media-gi = falou ao seu colega.

makogoddu-re tu onaregueddu-gi = falou ao seu filho.

makogoddu-iago maregue-i = que falasse aos índios de então.

koddu boe-gi = correu pelo atalho.

mare pureddugoddu kare gi = mas não chegou junto dela.

pureddugoddu e-i dukegge = quando junto deles.

(boe e goe) juko u-ttu-ie ika tabo pobbo-gi = (os índios eles dizem) que o macaco ele foi com a barca pela água, através da água.

rekoddu-re xeu areddu rekodda-gi = correu daquela mulher pelo caminho, isto é, correu atrás daquela mulher.

Do verbo *rekoddu* "correr, caminhar" deriva o nome *rekodda* "caminho, atalho"; mas, embora *rekodda-gi* originariamente signifique "pelo caminho", agora, porem, tem valor adverbial "atrás": *anaregueddu oraguddu rekoddagi* = o filho chorou (indo) atrás (dela.)

Destes exemplos vê-se que esta terminação com *-i* e com *-gi* corresponde ao *objeto indireto* dos verbos que significam "falar, dizer"; para os outros verbos ela indica *lugar aonde, lugar onde, por onde, a ação em um lugar*, mas considerando o lugar como termo ou o fim no qual termina o estado ou a ação do verbo, portanto, também com estes verbos, ela, em certo modo, representa o *objeto indireto do verbo*. Ou se pode considerar a ação dos verbos "falar, dizer" como uma espécie de *lugar aonde*, o que corresponde à realidade física da propagação das ondas sonoras de quem fala para quem escuta.

O sufixo *-i* desta terminação é uma posposição adverbial.

Merece no entanto ser notado que se encontra também *imm'ago inno tag'ai* "eu falo assim a vós", em vez de *imm'ago inno ta-i*, isto é, o objeto indireto do verbo *ako* é indicado também pela posposição *ai*.

E também com os verbos de movimento, as determinações do movimento para um lugar podem-se obter com as posposições *-ai* "a" (para as pessoas e os animais e por vezes também para os seres inanimados), *ka, kae* "a" (para os seres inanimados), *-to, -tto* "em, no" (enclítico).

Portanto contemporaneamente às expressões acima referidas, tem-se também as seguintes:

piodduddu koddu gi... aroe e wari kae = o beija-flor voou até... das almas ao seu ninho.

koddu kuri tu jarugo ai = correu logo à sua avó.

e regoddo boe-tto = eles fugiram para a floresta.

e-ttu-re pobbo-tto = eles foram à água, etc.

Citarei enfim exemplos em que as várias terminações adverbiais do verbo são postas em posição enfática :

iru-gĩ-re ako inna = ao *iru* falou assim.

jorigui kaere a-xe u-ttu-re; *noa kae, parori kare a-xe u-ttu-re* = a (em busca de) *noa*, *parori* tua mãe ela foi.

mammori ai a regodduddo, mammori ápo-re a-ttu modde aroe e wuddore kae = ao *mammori* (um gafanhoto) corre, com o *mammori* tu irás das almas ao seu *buttori*.

xibae exera taddaie Baitogogo oredduge mugu-re = com os *xibae exerae* de *Baitogogo* a mulher estava, isto é, a mulher de *Baitogogo* pertencia à família dos *xibae exerae*.

2.º Elenco

ke-ddu “pegar”, cfr. *ke-ra* “mão”

ãi-ddu “amar, desejar”

di-wo “ver, olhar, observar, procurar”

bã “usar”

bãi-koddu, vaigoddu “cavar”

ge-ttu (provavelmente de *gi-e* = *ge* “sua cara”) “segurar” (um instrumento enquanto se toca), talvez ao pé da letra signifique “a sua cara vai (ao instrumento)”

ge-mma-ru provav. de *gi-e-emma-ru* “procurar”, talvez ao pé da letra “a sua cara ela mesma sobre, se levanta”

jõr-du = *gi-erdu* = *gi-eru-ddu* “ver” e também “achar”, talvez ao pé da letra “a sua vista vai (*gi-eru* = sua vista)”

jõr-du-a = *gi-eru-ddu-a* “saber, apreender”

iera-kea-ddu “brinquedo de mão”

itlu-goddu, itlo-goddu (ou *itugoddu* ? cfr. *tujo* “flexa”) “flexar”

maka-ddu, magu-ddu “tornar-se numerosos”, ao pé da letra “muitos ir”

mear-du de *mearu-ddu* “sentir”

mearu-tloru “crer”

okwa-gue, “comer”, cfr. *okwa* “lábio”

okwa-ko “tocar” talvez “os lábios falam (no instrumento)”

pagu-ddu, (tu bagu-ddu) .xe “ter medo de uma pessoa ou cousa”

paguddu-goddu . . .xe, “começar a temer”

ra-re “moechiri”

ro “fazer”, *ro inna* “fazer assim” (acompanhando com um gesto ou som imitativo)

ro-ddu “fazer, executar”

ro-i “fazer, executar”

Os verbos deste segundo elenco são traduzidos com um verbo transitivo e são todos evidentemente, não simples exacto *ba*, traduzido por “usar” e *ro* “fazer”. Só em duas frases interrogativas encontrei o verbo *ro* usado transitivamente, com o sentido de “fazer” e determinado pelo objeto directo :

nu ba pa ro modde gi? que cousa nós faremos a ele (nele) ?

nu ba pega ro-re? que cousa o mau fez ?

Em todos os outros casos, *ro* não tem o significado de “fazer, executar, produzir um efeito com o trabalho das mãos ou da inteligência”, mas é usado em frases como *ro-re* “*xa*”; “fez “*xa*” (som imitativo) ou *ro inno* “fez assim” enquanto o índio faz um gesto, que descreve a ação, e assim dispensa-se de usar um verbo próprio para aquela ação; portanto *ro* é um verbo geralmente usado em modo absoluto ou intransitivamente.

Os verbos deste segundo elenco nunca são determinados pelo objeto direto, mas frequentemente são determinados pelo objeto indireto que toma a forma da terminação com *-i* e com *gi* já analisada; p. ex. : *xeu ro inno tu redduge-gi* = aquele fez assim a sua mulher.

É evidente que *tu redduge-gi* é o objeto indireto.

Com os verbos *paguddu* “temer”, *paguddu-gaddu* “começar a temer”, *ragoddu* “cantar”, *poguru* “envergonhar-se”, *kuddu* “beber”, usa-se uma determinação especial obtida com a parcela causal ou final e também demonstrativa *xe* “por causa dele, por causa daquele, porque isto”, usada sozinha ou unida com sufixo enclítico (*-xe*, *-gge* : “por causa de, por”) aos nomes. Até agora foi erroneamente confundida com a terminação com *-i* e *-gi*. Comparem-se os exemplos referidos na *Gramática* nos §§ 89, 1 e 90. A proposição *i kuddu pobbo-xe* “eu bebo a água” talvez, ao pé da letra deva ser traduzida por uma frase como esta : “a minha sede vai embora por causa da água” ou alguma cousa semelhante (*kuddu* = *ku-ddu* e *-ddu* = *tu* “ir”).

Outros exemplos da terminação com *-i* e *-gi* usada com os verbos do segundo elenco :

imeddu aiwo-re “*to*” *gi* = o homem olhou para ele.
e erdu-ka-wo mé-gi = para que eles não vissem o fumo.
i iordu kare i muga-gi = eu não vi a minha mãe.
i iordu moddu kare boe-i = eu não verei (não encontrarei) mais os índios
okwako-re panna-gi = toca o *panna*.

Exemplos nos quais há as terminações com *-gi* ou *-xe* e outras terminações em posição enfática ;

u-xe-gi-re imeddo ro inno, = a sua mãe um homem fazia assim.
koddoro gire maeregue e maragoddu re = a esteira os índios de então faziam, trabalhavam.
kuiadda xoreu-xe-re e paguddu-re = por causa do milho preto eles temeram
tu vurimague-bo ro inna = com os seus irmãos maiores fez assim.
kurugo apo-re juko ro inna = junto com o *kurugo* o *juko* fez assim.

Aquí deve-se notar que também com estes verbos o objeto indireto pode ser indicado com a preposição *-ai*. Encontram-se duas construções :

imeddu aiwo-re “*to*” *gi* = o homem olhou para ele.
Bakorokuddu aiwo-re toro ett'ai = *Bakorokuddu* olhou para eles.

Como interpretar no verdadeiro significado indígena os verbos não simples deste segundo elenco? pois que é evidente que a tradução portuguesa que se lhes dá, sob a forma de um verbo transitivo, não corresponde ao seu real e primitivo significado. Julgo que o verbo *okwa-ko*, traduzido “tocar”, signifique ao pé da letra “os lábios dizem (no instrumento)”, portanto seria *okwa-ako*; corresponderia a uma frase formada pelo sujeito *okwa* “lábio” e pelo verbo *ako* “dizer, falar”, isto é, seria um vocábulo polissintético.

Com muita probabilidade os sufixos *-ddu*, *-goddu* de muitos outros verbos não são outra coisa senão os verbos *tu*, *koddu*, “ir” e — ao que me parece — a outra parte do vocábulo polissintético é o sujeito dos verbos *tu*, *koddu*.

Em tal suposição, o pronome pessoal e o substantivo, que nós consideramos como sujeito, seriam respectivamente uma determinação atributiva (pronome possessivo) ou especificativa (em português determinação com *de* ou genitivo) do sujeito incluído no verbo polissintético. Por exemplo:

ipareddu okwa-ko-re panna-gi = *ipareddu-okwa panna-gi* “do menino os lábios falam no *panna* (instrumento musical), isto é, o menino toca o *panna*”

(*u*) *ie-ddu-re inno ika-gi* = (*u*) *-ie tu-re inno ika-gi* “(sua) cara ia assim sobre o *ika* (instrumento musical), isto é, ele conservava assim o *ika*”, fazendo o gesto de um que conserve uma flauta na boca para tocá-la.

boe e erdu-re nonnogo-gi dukegge = *boe e eru tu-re nonnogo-gi dukegge* “quando dos índios a sua vista (*eru* = vista?) foi sobre o *nonnogo*; esta frase corresponde a est’outra frase portuguesa: “quando os índios viram o *nonnogo*”.

Ou são verbos como *makaddu* = *maka* + *tu*, em que *tu* é o verbo “ir” e *maka* é o adjetivo “numerosos” destinado a tornar-se atribuição do sujeito. Encontra-se na frase:

ia boe e magaddu rekodda-gi = *ia boe e-māga rekodda-gi* “alguns (uma parte dos) índios (partitivo) eles numerosos foram atrás (dele)”; ou, traduzindo ao pé da letra *rekodda-gi*: “uma parte dos índios eles numerosos foram pelo caminho (dele)”.

Não sei fazer a análise dos outros verbos, mas é provável que sejam do mesmo tipo, isto é, sejam *vocábulos polissintéticos formados por um verbo intransitivo precedido pelo sujeito*.

Concluindo: também os verbos do segundo elenco provavelmente são intransitivos ou usados de modo intransitivo; disto infere-se que a primeira classe é formada pelos verbos intransitivos.

2.^a C L A S S E

TRANSITIVOS

A segunda classe abrange aqueles verbos com os quais as partes da proposição tomam a seguinte disposição, que é diferente da exigida pelos verbos da primeira classe :

- 1.º *sujeito*, que nos textos está quasi sempre expresso.
- 2.º *parcela temporal* (-wo, nure, para o presente, -re, para o passado, modde, para o futuro) ou a *parcela subordinante* (-wo “para”, -ia, -ie, -iago) que quando são monossilábicas unem-se encliticamente ao sujeito.
- 3.º *parcela negativa* (-ka, ka-re, ka-ba “não”) quando a frase é negativa ; ela dispensa o uso do sufixo -re.
- 4.º *objeto direto do verbo* que raras vezes é subentendido ; precede o verbo e portanto está em posição inversa ; pode, porem, tomar a posição enfática e ser preposto ao sujeito assumindo ordinariamente o sufixo -re. A presença do objeto direto indica que todos os verbos desta classe são transitivos: é a *classe dos verbos transitivos*.
- 5.º *verbo* sem nenhum sufixo.
- 6.º *as outras determinações do verbo* sem nenhuma ordem ; o objeto indireto é indicado pela posposição -ai (seja para os seres animados como para os inanimados) ou pelo sufixo -i, -gi; mas a terminação com -i, -gi, enquanto é usada com todos os verbos do 4.º elenco, o é só com poucos do 3.º elenco. Esta terminação pode — como todas as outras — ser posta em posição enfática, isto é, preposta ao sujeito (como primeira parte da proposição), assumindo quasi sempre um sufixo -re, que, portanto tem o officio de índice enfático.

As parcelas temporais subordinantes e negativas, sendo propostas imediatamente ao sujeito, tem a função de *índices do sujeito* e servem para distinguir o sujeito do objeto que segue, para indicar o sujeito, quando o verbo é absoluto. Neste caso, se não houvesse as parcelas, poderia surgir a dúvida se o que é anteposto ao verbo é sujeito ou objeto. Também os verbos da segunda classe podem-se dispor em dois elencos :

3.º elenco

- ake-ddu* "acabar, findar"
ake-ddo-ddu "fazer acabar, destruir"
a-re-ddo (*itt'aredo*, *ak'aredo*, *t'a-reddo* etc.) "pular, lançar-se, levantar (porem *tu ie t'aredo* sua face levantá-la)".
a-re-go "fazer vir"
arego-ddu-ddo "fazer vir"
arü "pegar"
bari-ddu "aliviar"
bari-ddo "abrir, escancarar"
bari-kuri-ddo = *bari-ddo-kuri* "abrir muito"
bari-gu "por, lançar"
bi-tto, *vi-ddo* "matar"
bi-ttu-ddo; *vi-ddo-ddo* "apagar"
bo "rachar"
boga-i, *baga-i* "procurando" dependente sempre de outros verbos.
bokwa-dda "fazer morrer, fazer faltar, fazer diminuir"
bu "por, dispor, construir, deitar", também na forma reflexiva *tu-vure-ddo* "parar", mas poderia também pertencer ao elenco seguinte.
bu-ttu "descer"; na forma reflexiva *tu-vu-ddu* "descer-se"
buttu-ddo "despejar (fazer cair, fazer descer)"
gê-tta "vivificar, acender"
ge-ttu "por"
jo-ddo "endereço, fazer pressão, fincar"
jorduadda = *gi-eru-ddu-a-dda* "fazer saber, instruir"
kabi "lavar"
kagu "esfregar as mãos (espalmadas)"
kaddu "cortar, tirar"
kiari-goddu na forma reflexiva *tu guiarigoddu* "afligir-se, entristecer-se"
ki-ddu-ddo "secar", cfr. *ki*, *ki-ddu* "seco"
kirimmi na forma reflexiva *tu guirimmi* "virar-se, voltar-se"
ko "comer"
kogu-ddo "ligar"
kou "cozinhar, queimar, aquecer"
maga-ddu "enfurecer-se, entregar-se às convulsões"
maku "dar, doar"
mea-ddu "engrandecer" na forma reflexiva *tu meaddu* "engrandecer-se"
mugu-ddu "assentar, estar" na forma reflexiva *tu mugu-ddu* "assentar-se"
oiara-ddu "cortar em fitas"
paraddu-ddu "fazer bailar, fazer balançar"
pegaddu "fazer adoecer"
pemega-pemega-ddo "embelecer, arrumar"; *tu ogwa pemega-pemega-ddo* "experimentar, provar"; ao pé da letra "o próprio lábio tornar bom, gostoso"
poro-ddo "esburaçar, ferir, flêxar"
ra "tirar"
rakoge na forma reflexiva *tu rago-ge* "ficar-se"
rakoge-ddu, *ragoge-ddu* "levantar" usado também na forma reflexiva *tu ragoge-ddu* "levantar-se"
ra-uge "arrancar, tirar, abaixar" e também na forma reflexiva *tu rauge* "abaixar-se, tirar-se".
re-ko "levar"
re-mo na forma reflexiva *tu remo* "introduzir-se".
ro-ddo na forma reflexiva *tu rod-do* "fazer-se".
ruttu-ddu "endireitar, levantar verticalmente"
ta "tirar"

ta-uge "tirar" também na forma reflexiva *tu dauge* "tirar a si mesmo";
to "fazer, criar, estabelecer"; com o mesmo significado pode-se unir encliticamente ao objeto formando verbos polisintéticos.

to-ubo "levantar"
to-uge "fazer, criar"
to-uge "descobrir, achar"
tu-ddu "fazer sair, expulsar"
tu-gu "por, introduzir"

São verbos transitivos ou reflexivos: poucos são simples; na maioria são compostos e muitos derivam de verbos intransitivos: *bi-tto* "matar = fazer morrer", de *bi* "morrer"; *tu-ddu* "expulsar = fazer ir", de *tu* "ir"; *aregoddu-ddo* "fazer chegar", de *aregoddu* "chegar", etc. O sufixo comum *-tto*, *-ddo*, *-ddu* provavelmente é o verbo *to* "fazer".

Pouquíssimos destes verbos são terminados pela determinação com *-i* ou *gi*.

Eis algumas frases que contem verbos do 3.º elenco entre as muitas que se encontram nos textos:

e modde a kouge, eles comer-te-ão.

a modde ika poroddo, tu furarás a barca.

i moddu kare a viddo, eu não te matarei.

u kare bitto (e não *u-re kare bitto*), ele não matou.

mobba-re e edda keddoddo, a água a deles morada destruiu.

tu mé redduddo barigo tu ia bigi, ele do charuto a fumaça para lançar de sua boca.

ixa-re ia tu be rogu barigu "xa" tu-o kannaura-kegge, mas um seu pequeno estérco lançou "xa" de seu pai no hombro (está subentendido o sujeito *u-re* "ele").

u-re barigo pobbo-tto, ele jogou água (está subentendido o objeto *tori* "pedra").

oreddu-re tu voiga iku ta tu voiga pigi, o marido do seu arco a corda tirou do seu arco.

Baitogogo u-re tu oredduge tugu mottu ia-tto, Baitogogo ele a sua mulher pôs da terra na cova.

e-re tugu u iorubaddare-emma-u ao-tto, eles põem do seu *goruboddare*: mesmo na cabeça (subentende-se o objeto *pariko*).

u-re buttori maku xeu ipareddu ai, ele o *buttori* deu àquele moço.

jure u-re tu rauga bie i pigi ae poguegge, a sucuri ela desceu da árvore *bie* à (mulher) outra vez.

u-re ra gettu "i" joru oguae, ele os ossos pôs "i" do fogo à margem.

boe kabi gi, a cousa lava sobre o (hombro); é um imperativo, e no imperativo geralmente o sujeito está subentendido.

Exemplos de proposições que tem o objeto direto ou a determinação com *-gi* em posição enfática:

áu-re a modde barigo kuri xibae e iari-tto, este (bastão) tu enfiarás logo dos *xibae* no seu ninho.

ta vure-re ta ioddo “*t*” *i vuguege*, o vosso pé vós calcai “*t*” assim sobre mim.

ta-re maku tu woge, ta gue bogai, vós dais aí vossa comida para alcançar.

exera-re (*imme, aremmé*) *u-re maku tugaregue etl'ai*; *tugaregue-re u-re magu exerae etl'ai*, os *exerae* (homens e mulheres) ele deu aos *tugaregue*: os *tugaregue* ele deu aos *exerae*.

No segundo exemplo nós esperaríamos *ta jotto* envez de *ta ioddo*, mas se note que o verbo está no imperativo e no imperativo evidentemente não há parcelas temporais.

No terceiro exemplo esperaríamos *ta modde maku* “vós dareis”, mas se observe que o futuro é um exortativo e que o sufixo *-re*, além de ser parcela do tempo passado, tem também outras funções, algumas das quais não estão bem determinadas.

4.º elenco

<i>ar-ogwa-ddo</i> “envolver uma folha”, de uma folha a bainha fazer, trabalhar	<i>oreo-mugu-ddu</i> “rodear”; a 3.ª pessoa singular é <i>tu oreo-muguddu</i>
<i>aru-ddo</i> “enrolar uma folha”, lit. : uma folha trabalhar	<i>otto-getta</i> “a extremidade acender” (fala-se do charuto)
<i>burea-guru-ddu</i> “fazer bailar”, cfr. <i>burea</i> “rasto”	<i>poro-e-makaguraga-ddu</i> “buracos muitíssimos fazer” = <i>poro-ddu makaguraga</i> “furar muitas vezes, ferir muitas vezes”
<i>i-ku-ddu</i> “fiar”, lit. da árvore o o fio fazer	<i>riru-ddu</i> “acender o fogo”, lit. “o <i>riru</i> usar”; o <i>riru</i> é um pedaço de madeira usado para acender o fogo
<i>jo-u-go</i> “acender o fogo”, cfr. <i>joru</i> “fogo”; <i>i-re ioru-go</i> “eu o meu fogo faço”; <i>a-re a eru-go</i> “tu o teu fogo fazes”, etc.	<i>tu-emearuddae-ddo</i> “pensar”, lit. “o próprio pensamento dirigir”, cfr. <i>emearudd-ae</i> “pensamento” nome de <i>emearu-ddu</i> “entender, compreender”
<i>joru-gu-ddo</i> “acender o fogo”	<i>t-ogwa-tto</i> “fumar”, lit. “o próprio lábio por”
<i>joru-kurixigo-ddu</i> “um fogo grande fazer, acender”	<i>tu-addu</i> (provavelmente <i>tu-a-ddu</i>) “olhar, procurar”; <i>i-re itt'ad-du, are ak-addu</i> , etc.
<i>kiogo-ddo</i> “transformar-se em ave”, <i>kiogo-ddo puddu-mi</i> “ave fazer a si mesmo”	<i>tu-aga-ddu</i> , provav. <i>tu-a-ga-ddu</i> “mostrar”
<i>kiogw-aguiri-ddo</i> “embelezar-se com penas de ave”, “as penas de ave fazer ou por”	
<i>kuru-rogu-ddu</i> “produzir, obter um pouquinho de líquido”	
<i>okwague-ddu</i> “fazer comer, pastar”	

<i>tu-ganna-ddo</i> “o próprio braço empurrar, esticar”, cfr. <i>kanna</i> “braço”		<i>a-e-tto gi</i> , “cuida dele = a tua cara vira (aos súditos)”
<i>tu-guera-go</i> “tomar, pegar”, lit. a própria mão aplicar, usar”		<i>tu-via-paga-ddo</i> “escutar”, lit. “os próprios ouvidos atentamente dirigir, por”
<i>tu-ieddo</i> (de <i>tu-ge-tto</i>) “cuidar”, lit. a própria cara virar, por ;		<i>xiemma-gu</i> “bailar” (um baile religioso especial)

De quasi todos estes verbos sabemos fazer a análise: resulta que são formados por um verbo transitivo (geralmente *ddo* = *ddu* = *to*, “fazer, produzir”, mas que em composição adquire um sentido mais amplo: “dirigir, endereçar, aplicar, fazer, trabalhar, etc.) precedido pelo objeto direto; portanto se podem considerar como frases incompletas ou vocábulos polissintéticos. Mas este conjunto na mente do índio forma uma unidade ideal muito reunida, que se apresenta sempre em união para expressar um determinado conceito.

Notáveis são os que indicam o uso de um órgão do corpo ou de uma faculdade mental; eles exprimem uma ação de modo eminentemente concreto; p. ex.: *tu-guera-go* “a própria mão aplicar = pegar”: o nome da parte do corpo humano é precedido pelo possessivo que varia com o variar da pessoa do sujeito:

<i>i-re i-kerã-go</i>	eu a minha mão apliquei, eu peguei
<i>a-re a-kerã-go</i>	tu a tua mão aplicas
<i>u-re tu-guera-go</i>	ele a sua mão aplica
<i>xe-re xe-guera-go</i>	nós a nossa mão aplicamos, etc.

Deste exemplo vê-se que morfologicamente se apresentam como os verbos reflexivos, de forma que é duvidosa a inclusão de alguns verbos em uma das duas categorias. Eis as formas do verbo reflexivo *tu daúge* “tirar-se”:

<i>i-re i-tauge</i>	eu me tiro
<i>a-re a-tauge</i>	tu te tiras
<i>u-re tu-daúge</i>	ele se tira
<i>xe-re xe-daúge</i>	nós nos tiramos, etc.

A diferença está no valor do 2.º pronome, que é possessivo nos polissintéticos e pessoal objetivo nos reflexivos.

Para tornar mais clara e evidente esta análise dos verbos polissintéticos, compararei as seguintes frases:

u-re tu guera bu “*xai*” *emma kagegge*, ele a sua mão pôs ao redor da árvore *piuva*.

u-re tu-guera-go “*xai*” *kwogu-gi*, ele a sua mão aplicou ao paratudo (planta).

E’ evidente a correspondência perfeita entre *tu guera bu* e *tu-guera-go*, com a única diferença que o grupo *tu guera bu* é ocasional com os

elementos livres; enquanto o grupo *tu-guera-go* forma uma unidade ideal e uma frase consagrada pelo uso.

Analogamente *tu-ieddo* "seu rosto por = cuidar, olhar" pode-se comparar com *tù ie toubo* "o seu rosto levantar", que se encontra na frase:

exeu ipareddu-re tu ie toubo baru-tto, aquele menino o seu rosto levanta ao céu.

Pode-se concluir que os verbos do quarto elenco são frases formadas por um verbo transitivo precedido pelo objeto direto; quando o verbo é monossílabo, é enclítico ao objeto.

Todos estes verbos podem ter como objeto indireto a terminação com *-i* e *-gi*, talvez porque para a sua formação concorrem aqueles poucos verbos transitivos do 3.º elenco, com os quais se usa aquela terminação. Eis uns exemplos:

i-re i-kerja-go joru rogu-gi "eu peguei o fogo pequeno", lit. "eu a minha mão pus (apliquei) sobre o fogo pequeno".

juko-re tu-guera-kago riru-gi "o *juko* agitou o *riru*" (bastãozinho para fazer o fogo fazendo-o virar sobre um outro pedaço), lit. "o *juko* as suas mãos fez correr adiante e atrás sobre o *riru*".

e-modde tu-guera-go ia exeraeddu-gi "eles escolherão um *exeraeddu*", lit. "eles a sua mão porão sobre um *exeraeddu*".

e-wo bope dogue, maeréboe doguc, enn-ogwagueddu gi, "para que eles o façam comer aos *bope* e aos *maeréboe*", lit. "porque eles dos *bope* e dos *maeréboe* os seus lábios façam por nele".

Concluindo: as diferentes colocações das parcelas temporais, subordinantes e negativas permitem reunir os verbos em duas classes.

A 1.ª classe abrange os verbos aos quais são pospostas as parcelas acima mencionadas e se verifica que são todos verbos intransitivos ou usados intransitivamente: vários deles são vocábulos polysintéticos formados por um verbo intransitivo precedido pelo sujeito. É portanto a classe dos verbos intransitivos.

A 2.ª classe compreende verbos que nunca são seguidos pelas parcelas acima mencionadas, que ao invés são pospostas ao sujeito. Verifica-se que são todos verbos transitivos (exceto uns verbos reflexivos intransitivos) e que são precedidos pelo objeto direto. Vários deles são vocábulos polissintéticos formados por um verbo transitivo precedido pelo objeto direto. É portanto a classe dos verbos transitivos.

Estes dois modos de construção dos verbos das duas classes parecem ser absolutos; quasi não existem exceções e as pouquíssimas que se encontram se referem aos verbos da 1.ª classe e consistem nisto: que o sufixo *-re* é posposto não só ao verbo, mas também ao sujeito.

Julgo que nestes casos o sufixo *-re* tenha um valor especial sintático de *índice enfático*; com esta hipótese as regras correspondem exa-

tamente aos *Textos* e esta correspondência demonstra que *Ukeiwaguro*, que os ditou, era, no seu falar, impecavel e quem os reuniu foi muito cuidadoso.

Farei enfim uma última observação geral, examinando todos os verbos encontrados nos *Textos*. A maioria deles são verbos não simples de modo evidente ; os simples são pouquíssimos e a maior parte (talvez todos) monossilábicos e entram na formação dos não simples.

Disto se infere uma propriedade peculiar desta língua, a qual, com um estoque muito reduzido de verbos simples, encontra o modo de formar um número notavel de verbos derivados de várias maneiras.

Até aquí o *estudo* do ilustre Dr. Pe. Antonio Tonelli.

QUARTA PARTE

Lendas

NESTA parte trancrevem-se em língua indígena dos *Orarimogo*, com tradução interlinear, algumas lendas, que já se encontram em língua vernácula na segunda parte deste livro.

Após o rápido exame e estudo gramatical, facilmente resulta que a construção desta língua indígena exige que os pronomes demonstrativos, os advérbios e outras partículas, sejam pospostas aos nomes e pronomes, ao contrário da nossa, na qual são sempre antepostos.

Na tradução se conservam, quanto possível, as inversões próprias da língua dos *Orari*, para dar uma idéia mais exata de seu modo de construir a frase. Quando, porém, o sentido for muito obscuro, usar-se-á a construção portuguesa.

No estudo destas lendas nota-se uma relativa falta ou pobreza de verbos. Muitas vezes uma ação é indicada pela frase: *ro inno* — fez assim. Quem narra a lenda acompanha as palavras com gestos e sons imitativos, que não se podem reproduzir por escrito. Usam os *boróros* no falar sons que acompanham imediatamente os verbos e não são onomatopáicos, mas reforçam e valorizam o sentido do verbo; p. ex.: *aiwore to, aiwore to* . . . , quer dizer: ele olhou, observou, procurou atentamente. A repetição unida ao som *to* indica o esforço feito para olhar, observar, procurar. Assim: *ure tu vureddu "t"*, quer dizer: ele parou, mas indica a ação de parar de golpe, improvisamente, estacar.

Os verbos mais frequentemente usados são os verbos nominais ou adverbiais, p. ex.: *bureddu*, parar, fazer parar; vem de *bure*, pé; como também todos os verbos que terminam em *ddu, ddo, duddo, doddo, goddo, guddu, goduddo*. Os verbos em geral tem um significado muito amplo, p. ex.: *koddu*, conforme os casos, quer dizer: andar, correr, voar, etc.

LENDA DE ATURUARODDO

Lenda sobre a origem de um *mé*, “folha para fumar”, de *kuiadda* “milho”, do *kiddoguru* “resina”, e do *nonnogo*, “urucú”.

Esta é a continuação da lenda de *Butoriku*, que se encontra no fim da segunda parte, pag. 240.

Aroe Butoriku bittodure ure kougeu aroe eiameddu morixe.

Aroe Butoriku matado foi ele comeu que mortos todos vingança para.

Ixare areme ererure ao tabo boexoge ba tadda. Aremere
Então mulheres elas dansaram cabeça com noite aldeia na. Mulheres
ia raru onaddo puddui tugogugi, tuiogugu du koia aroe ku modde xereddo
uma folha cobriram d'elas seu cinto temer causa aroe sangue escorrer
tuogui dugi. Mare ixare ia iere Aturuaroddo, inno rakuddu,
sobre si que. Mas então uma nome *Aturuaroddo* assim talvez,
Xibairago, inno rakuddu, xeu areddure ixare u kare boe onaddo puddui;
Xibairago, assim talvez, aquela mulher então ela não cousa pôs a si;
dukoddi ixare aroe ku. butture to, ixare kuiarure ku joki.
por isso então aroe sangue caiu na (nela) então gravidou sangue sobre.

Ixare areddu meru-re, tu guiaru innoaddu tabo, gi.

Então a mulher foi procurar comida, ela estando grávida assim mesmo, longe.

Ixare aregóddu-re bie i paru kae. Xare areddu akoe: ioguddu ba ruttu mo-
Então chegou de um genipapo ao pé. Então a mulher disse: Quem subi-
de bettu-ré-boe kae i kegge? Ixare kuiaru-re joki- boe
rá até a fruta, por minha comida? Então a coisa que gravidou sobre,
mako-re tadda i paru; akore: i muga, imi-re, i
falou dentro (da mulher) ao pé da planta; disse: minha mãe, eu, eu subirei
ruddu modde kae a ke-gge. Ixare boekure tudauge pigi,
até as frutas, por tua comida. Então o sangue ele se tirou fora (da mulher),
boekimo rema, aroe Butoriku ku radde jureddo puddumi exeu
não mais aroe *Butoriku* (seu) sangue deveras sucurí fez a si aquela
areddu tadda.
mulher dentro.

Ixare ruttu i ki, ixare xeu areddo rekoddo pigi tu muga kae.

Então subiu a arvore sobre, então aquela mulher fugiu voltou à sua morada;
tu baguddu koia xe; ma-re re bokwa-re, xare jure re tu raugé
porque ela temia éle; mas o fugir faltou, então o *jure* ele se desceu
bie i pigi, ae poguegge, rekóddu-re “gu” tu-i tu remo
do genipapo até a (mulher) de novo, correu ele para ele entrar
to poguegge dukae. Ixare areddu paguddu-re xe, u kare nonna boe-
na mulher de novo a. Então a mulher temeu o (*jure*), não como a gente
etorere koddi. Ma-re ure tu remo to poguegge.
seu filho porque. Mas o (*jure*) entrou nela de novo.

Ixare areddu kóddu-re toro, tu vai kae, apo poguegge; ixare xeu
Então a mulher foi lá, a sua casa, com (*jure*) de novo; então aquela

areddu mako-re tu vurimague e-i: i vurimague,
mulher falou (aos) seus irmãos maiores: Meus irmãos maiores,
boe joki karega i ro oinno, aroe jokire i ro oinno.
gente sobre não eu fiz assim, sobre um aroe eu fiz assim;

Izare u vurimague e goe u-ttu-iago tu-i bagui poguegge.

Então os seus irmãos maiores eles disseram que ela fosse de volta de novo

Izare u-ttu-re tu-i bagui i kae poguegge; ma-re u kare mitto;
(à planta). Então ela voltou à planta de novo; mas ela não sozinha
tu vurimague e-bore ro inna i kae poguegge: zare areddo
com seus irmãos maiores fez assim à planta de novo: então a mulher
makogoddu-re poguegge i paru; izare jure, mettu tadda-u,
falou de novo da árvore ao pé; então o sucuri que estava dentro (da
makogoddure. Areddo akore: ioguddu ba ruttu modde bettu-ré-boe kae,
mulher) falou. A mulher disse: Quem subirá até a fruta por

i kegge? Izare mettu tadda-u, jure akore:
minha comida? Então o sucuri, que estava dentro (da mulher) sucuri falou:
i muga-imi-re, i ruddu modde kae, a ke-gge.
minha mãe, eu eu subirei até a fruta por tua comida.

Izare tu dauge pigi, izare ruttu-re kae tu-ggè
Então ele se tirou fora (da mulher), então subiu árvore sobre de
u ke-gge, izare u-re okuroddu raugè tu-gge u ke-gge:
sua mãe para comida, então ele o fruto maduro tirou de sua mãe por seu ali-

Izare areddu rekoddu poguegge, tu baguddu koiã ze.
mento. Então a mulher fugiu de novo, porque ela temia ele.
Ma-re u vurimague e regoddure jameddo tu vie rëkoddagì.
Mas os seus irmãos eles correram também de sua irmã menor atrás:

Izare jure u-re tu raugè poguegge i joki: izare rekoddu-re
Então o sucuri ele se desceu de novo de sobre árvore: então correu
zeu areddu rekoddagi poguegge tu-wo tu remo to; ma-re aregoddu
aquela mulher atrás de novo ele por ele entrar nela; mas chegou

kare ae, ma-re pureddugoddu kare gi, ma-re u vurimague e-re
não a (mulher), mas aproximou não ela, mas os seus irmãos maiores eles

bitto, e-re boe bu "ta" aura kagegge; izare bi-re.
o mataram, eles coisa botaram "ta" na cabeça sobre; então morreu.

Izare e-ttu-re jorigui kae, zare. e-re joru kurixigoddu, izare e-re
Então eles foram a lenha, então eles um fogo grande fizeram, então eles o
barigo uru-tto, ere kou, du kuggere e-ttu-re pigi, baa-tto.
lançaram no fogo para queimar, depois eles foram embora, na aldeia.

Izare e-ttu-re ture kou-wo kae, ture barigu joru-tto-

Então eles foram no lugar onde queimaram, no lugar onde eles o jogaram no fo-
wo kae. Dutábo-re izare e erdu-re ia boe-gi; e erdu-re nonnogo ika-gi,
go. Então eles viram uma cousa; eles viram de urucú o ramo,

aregoddu joruguddu pigi du-gi, kiddoguru i-gi, mé-gi, kuiadda-
brotava cinzas, das que da resina a árvore, o fumo, o milho
gi, akigo ika-gi. Kodde boe eimmo-re kiddoguru, nonnogo,
do algodão o ramo. Por isto dos índios enfeite é o *kidoguru* e o urucú,

koddere boe enn'ogwague-re mé-gi, kuiadda-gi; koddere boe e kuie-re
por isto os indios eles comem o fumo e o milho; por isto dos indios os seus

akigo.

enfeites de algodão (são).

Jáu-boe e erdu-re nonnogo-gi dukeggere, e-re awuru
Quando os antigos eles viram o urucú eles da semente a casca

bouge, xare-e-re a tauge: dutábore xare e-re kodduddo,
abriram, então eles a semente tiraram: por isto então eles massa fize-

ixár-e-re tuqu muiawoe e vorí-tto, ixare ere boe kaguru
ram, então eles colocaram das abelhas no seu favo, então os indios azeite

buttuddo kegge. Ixáre-e-re tu gujaguddo, e-re pu bemegadda
derramaram sobre. Então eles se avermelharam eles se enfeitaram

ainna, ainna. Boe ette-aiddure nonnogo-gi.

assim, assim. Os Indios eles amam o urucú.

Jáu-boe e erdu-re mé-gi dukeggere, e-re aru raugé "xa",
Os antigos quando eles viram o fumo, eles a folha apanharam

woge, ixare e-re kidduddo, ixare e-re arogwaddo, ixare e-re
de aquí, então eles a fizeram secar, então eles embrulharam, então eles

rírugo, ixar'e-re otto-getta, ixare enn'ogwágue-re gi;
fizeram o fogo, então eles extremidade acenderam, então eles fumaram

ixár-e-re togwató gi, du e go-re: Mé o kori ia rema-u,
o; então eles fumaram-o, depois disseram: Um fumo forte este mesmo, quando

okori raka boe, okori bokwa-re-u e go-re; boekimo, okori
forte muito a cousa; de aquele não forte eles disseram: Não, forte

bokua.

não.

Jáu-boe e erdu-re akigo-gi dukegge e mago-re pu-i:
Os antigos quando eles viram o algodão eles disseram entre si:

inno 'ba pa ro modde gi? pa modde ikuddo pa guie-xe,
Que cousa nós faremos com ele? Nos o faremos para os nossos amarrados

pa ganna-kageggeu-xe, pa guera-paru-kagegge-u-xe,
para nosso kanná kageggeu, para a nossa mão principio ao redor(bracelete)

pa dugo paru gogu-xe. Koddere boe e kuie-re
da nossa flecha a extremidade para amarrar. Por isto os Indios os proprios en-

o inno.

feites são (assim).

Jáu-boe e erdu-re kuiadda-gi dukegge, ixare e-re kaddo, ma-re
Os antigos quando eles viram o milho, então eles o tiraram, mas

e paguddu-re xe, ma-re e paguddu kare jameddu-xe; kuiadda
eles temeram o, mas eles temeram não todo (o milho); o milho

xo-re-u xe-re e paguddu-re; koddí e-re maku báire ett'ai,
preto aquele eles temeram; por isto eles (o) deram aos baíre a eles, para que

enn-ogwage-wo gi, e-wo bope dogue maéréboe dogue enn'ogwagueddu gi.
eles o comam, para que eles (aos) bope e aos maereboe o façam comer.

Jáu-boe e *erdure kiddoguru-gi dukegge*, e *go-re: matto!*
 Os antigos quando eles viram o *kidoguru*, eles disseram: Aquí!
kiddoguru i rakoge-re, kiddoguru paddu-re i kegge,
 do *kidoguru* a árvore cresce, o *kidoguru* está árvore sobre,
pa-wo kiddoguru ra pagu'immo-xe; du koddire boe eimmore
 nós o *kidoguro* tiramos para nosso enfeite; por isto dos Indios enfeite (é)
kiddoguru.
 agora o *kidoguru*.

LENDA DA INUNDAÇÃO OU LENDA DE JOKURUGWA OU MERIRIPORO

Mariguddu-re boe re kago bu. Ixare ia
 Antigamente os Indios eles o *parí* construíram (no rio). Então um
imeddu Jokurugwa meru-re tuguinnoi; koddu gi kago ka, t'aiwo-wo
 homem *Jokurugwa* foi pescar sozinho; foi até o *parí*, ele para ver os
okogue, raroe, kare e iameddu, e gettu modde kago tadda boga-i;
 okogue, raroe, peixes eles todos, a procurar (se) eles estarão no *parí* dentro;
xare aiwo-re "to", jordu-re aroe jakome-a paddu-i kago tadda dugi (aroe
 então olhou, viu a alma *Jakome* jazia no *parí* dentro que. (almas
jakome ia eku-re, ia kujagu-re, ia xo-re. Imeddu jordu-re ia ekureu-gi).
Jakome uma amarela, uma vermelha, uma preta. O homem viu aquela amarela.
Koddi xare aiwo-re "to", xare ure tu vure bari-ddo gi ixare ure, tu vureddo "i"
 Por isso então olhou então o seu pé tornou leve até perto, parou
bukegge, xare ittugoddu-re gi, tugo akoré: "xuu!", gi. Jakomea koia-
 em cima, então o flechou; a flecha disse (fez) "xu" (em) ele. De *Jakome* cau-
re u-re pobba koddodduddo, imeddu ittugoddui puddu-i dukegge.
 sa ele a agua fez crescer (do rio), o homem flechou ele quando.

Koddi xare pobba akogoddu-re: "pooff!". Xare imeddu rekoddu-re,
 Então a agua falou: "pof" Então o homem fugiu,
ure tuddo boe-gi "pa" pobba ottodai, pobba koddu rekoddagi koddi,
 correu (por) a estrada da agua diante, a agua vinha (lhe) atrás porque,
tu baguddu koia pobbo-xe; koddu "xee" boe e voga-i,
 ele temia a agua porque; foi logo dos Indios eles em busca,
boe e regoddu-wo pobba kodda pigi; xare makogoddu-re,
 os indios eles, porque fugissem da agua do caminho; então falou,
akoré: ta rego! ta rego! ta rego! pobba aregoddu, pobba koddu tag'
 disse: Fugí! fugí! fugí! a agua chega, a agua corre a
ai.
 vós (para vós).

Dutábo-re xare imeddu aregoddure baa-tto; akoré: ta rego! boekimo!
 Então o homem chegou na aldeia; disse: Fugí! de balde!
pobba aregoddu! xeboere! ta rego! ta regodd-iago, pobba aregoddu
 a agua chega! diacho! fugí! que vós fujais, a agua chega
nure, inn' ago-re.
 agora, eu tenho dito.

! *Dutábo-re xare ure tuguerago joru-gi, xare rekoddure joru tabo, xare*
 Então pegou o fogo, então fugiu com o fogo, então subiu
ruttu tori ki, rulture tori ki giii'tori ao kae.
 sobre um monte, subiu sobre monte, até de um monte ao cume.

Mareboe e mearuttoru kare battaru-gi, koddire e regoddu kare,
 Mas os Indios eles creram não a palavra, portanto eles não fugiram,
ma-re e eddu paga-re tu muga kegge; xare pobba aregoddu-re
 mas eles ficaram ociosamente sobre sua morada; então a agua chegou a
ett'ai, ma-re eerdu-re pobba aregoddu-gi joi e vuguegge
 eles, mas quando eles viram que a agua chegava (e se) pousava a eles em
dukegge, xare e regoddu-re, ma-re boeka, po kare e roiwaddo
 cima, então eles fugiram, mas debalde, a agua os tornou incapazes
puddabo; koddi xare pobba-re e iamedu bittu, pobba-re e edda
 consigo mesmos; então a agua eles todos matou, a agua a sua morada
keddoddo, xare e ogwa-re pobbo-tto.
 destruiu, então eles desapareceram na agua.

Xare pobba-re tu maeddu boe e jameddu joki; koddire po-re kiegue
 . . Então a agua se alargou cousas todas sobre; porisso a agua, as aves,
haregue, boe e iameddu bitto. Mare xeu imeddu, ruttu-re tori
 às feras, os seres todos matou. Mas áquele homem, o qual subiu sobre o
ki pobba.ott-o dai-ure, ge kimore, xare koddu giii tori raixiigo-re-u
 monte a agua diante, vivia ainda, porque foi do monte altíssimo
ao kae (ma-re pa er-du-re gi-u tori karega).
 à sumidade (mas não o monte que nós vemos).

Koddi xare mugu-re tori aia ki rogu ao guegge.
 Então sentou do monte em um centro seco pequeno, sobre a sumidade
inno.
 assim.

Koddire u-re tu ioru bu "t" oinna, tu megui; xare aiwo-re "to"
 Porisso ele o seu fogo pôs assim, (a) seu lado; então olhou
ainna, pobba ui tu maeddo itura, boku, tori joki du-gi;
 assim, a agua que se alargou da selva, do cerrado, do monte em cima;
xare akoré: uo! xare barodugoddu-re! are! innavo o o! Um!
 então disse: oh! então a cousa (é) verdadeira! Arre! coitado de mim! oh!
ma-re pobba rulture tori ki: aregoddo giii imeddu mugu
 mas a agua subiu ao monte sobre: chegou até ao homem que estava
kegge-u tori ao kae rekoddagi; ma- xare po-re tu wu. Xare
 sobre do monte a sumidade; mas então a agua parou. Então o
imeddu mugu-re tori ao guegge, u-re tuguerago ia tori rogu-gi,
 homem que estava assim no alto do monte ele tomou uma pedra pequena
xar'u-re kou joru-tto, xar'u-re ta joru pigi, xar'u-re
 então ele aqueceu no fogo, então ele tirou (a) do fogo fora, então ele (a)
barigu pobbo-tto; pobba akoré: "xuu!" inno; xare tu ro innoddu
 atirou na agua; a agua disse: "xu" assim; então ele fez assim
rugaddo, u-re ri kou tugê; u-re ia barigu geze, u-re ia
 propriamente ele pedras aqueceu logo; ele algumas atirou lá, ele outras

barigu woge, woge, woge, pobbba akeddu-wo, pobbba bittu-wo.
 atirou aqui, de cá, de lá, para a agua acabar, para a agua matar (abaixar).

Pobbba ro-re: "guuu! guuu! guu!" tori'paru ka, xare pobbba akeddu-re.
 A agua fez: "guuu, guuu, guu", do monte ao pé, então a agua acabou.

Xare u-re tu raúge, xare aregoddure motto ka, xare koddure -giii!
 Então ele se desceu, então chegou a terra, então foi

boe e vogai, tuiorduans boe-i. Xare kuddugoddure boe
 dos Indios eles em busca, ele para ver os Indios. Então assobiou os indios

e voga-i, ma-re boe e kuddugoddu kare kuddu paru-tto;
 eles procurando, mas os Indios eles não assobiaram do assobio ao fim;

xare akore: Innavó! baikimo! i iordu moddu kare boe-i, pobbba
 então disse: Pobre de mim! é inutil! eu não acharei os Indios, a agua

modde boe e edda akeddoddo!

dos indios sua aldeia será destruida!

Xare gemmaru-re woge, gexe, xure jordu-re pobogo kodda
 Então ele procurou aqui, de lá, então viu do cervo da passagem

burea rogu-gi. Xare kuddugoddu-re, xare pobogo kuddugoddu-re
 o rasto pequeno. Então assobiou, então o pobogo assobiou

kuddu paru-tto; xare koddure gii, xare aregoddu-re kaidaga
 do assobio ao fim; então foi para lá, então chegou do kaidaga (palmeira)

paru kae; xare iordu-re ia-boe paddu-i kaidaga paru du-gi;
 ao pé; então viu uma cousa que jazia do kaidaga : ao pé;

xare aiwo-re "to", akore: aki rabodde ak'ago inna, pobogo aki
 então olhou, disse: Tu certamente tu disseste assim, pobogo tu (és)

rabodde. Xare xeu akore: u, immi-re, inn'ago inno boe e
 certamente. Então ele disse: sim, eu, eu disse assim dos indios com a

waddaru tabo. Xare imeddu aiwo-re "to" gi, ma-re areddu rabodde;
 sua palavra. Então o homem olhou ele, e femea certamente (era);

xare akoré: itt-oredduge-re modd'aki.

então disse: Minha mulher (serás) tu.

Du koddí xare mugu-re apo, oredduge-re emma, rekoddu
 Então (ela) ficou com (ele), mulher ela, fugiu

kare pigí, koddí xare kuáru-re, xare onaregueddo butture, ma-re
 não embora, porisso então (ela) ficou grávida, então um filho nasceu, mas

pobogo-r'emma-u, onaregueddu-re immeddu koddure jau; koddire bure
pobogo mesmo ele, filho macho ele primeiro; porisso o pé,

iera, ge-re re nonna pobogo-re tugé. Xare kuiaru-re
 a mão, o rosto ele (tinha) como o pobogo mesmo. Então ficou grávida

poguegge, xare onaregueddu buttu-re poguegge, areddu-r'emma, ma-re
 de novo, então filho nasceu de novo, femea (era) ela, mas

bu-re tu ge kimo, ma-re bu-re mitto, mitto, mitto, jameddu
 o pelo ele estava ainda, mas pelo um, um, um, todo

jokí; ge-re nonna boe-re. Xare kuiaru-re, xare
 (o corpo) em cima; o rosto (era) como (de) homem. Então ficou grávida, então

onaregueddu buttu poguegge, immedu-r'emma, iera-re, bure-re, aura-re
 um filho nasceu de novo, macho ele, mão, pé, cabeça

nonna pa guera, pa vure, pag' aura-re tugé,
 (eram) como a nossa mão, o nosso pé, a nossa cabeça mesmo,
ma-re bu rogu aiare "t" aiare "t" joki.
 mas de pelo curto um punhado, um punhado, em cima.

Xare kuiaru-re poguegge, onaregueddu buttu-re poguegge, areddu-r'
 Então ficou grávida de novo, um filho nasceu de novo, femea
emma, ma-re akea bu rogu-re, etta bu-re tugé: ma-re
 ela, mas o peito pelo pouco (tinha), as costas (pouco) pelo somente: mas
kanna, bogora, bure birikédde-re. Xare kuiaru-re
 o seu braço, a sua anca, o seu pé eles nós (eram). Então tornou-se grávida
poguegge, xare onaregueddo butture, imeddu-re emma poguegge; dutábo-re
 novamente, então filho nasceu, macho ele de novo; então
xare kannaura, oporora, bu-re mitto tugé.
 braço, espinhaço pé pelos poucos somente.

Xare ia ore-re evirikédde-re, ett'aregoddu, ett'aregod-
 Então os outros filhos (eram) nus, eles chegaram eles chega-
dui kuri pigi dureore. Xare ettuore exeraeddo iague,
 ram do ventre fora iguais. Então o seu pai alguns fez *exerae*, outros
tugaregueddo iague. Xare exeraere imme, aremme u-re emagu tuga-
tugaregue fez. Então os homens e mulheres *exerae* ele deu (em matrimónio)
regue ett'ai: tugaregue-re ure e magu exerae-r'ettai. Dutábo-re xare
 aos *tugagegue*: os *tugaregue* deu aos *exerae*. Porisso então
aremme ettu gogue-re, imme ettu vire-re, tu vie
 as mulheres elas se casaram, os homens eles se casaram, as suas irmãs menores
tu vurimague exe. Du koddí boe e ro inno.
 com os seus irmãos maiores. Porisso os Índios eles fazem assim.

LENDA DA ORIGEM DA ÁGUA OU LENDA DE BAITOGOGO

Boe e erdua kare u-re au boe tauge boe-gi. Boe e
 Os Índios eles sabem não quem este mundo criou e a natureza. Os Índios
erdua kare u-re tu dauge jaugi boe. e go-re
 eles sabem não quem isto criou antigamente. Os Índios. eles disseram que
ikureddu aregoddu-ie motto gagegge jau taobigi;
ikureddu um cipó, brotou sobre a terra antigamente espontaneamente;
du-re bokwadd'i aregoddu-ie, koddí bokwadd'i kurixigo-re
 depois que o *bokwadd'i* (jatobá) brotou, porisso *bokwadd'i* é grande
inno; du-re koddu i, du-re ariguru, ittoguru aregoddu-ie
 assim; depois que o *koddu*, depois o *ariguru*, que o *ittoguru* surgiu
mottu gagegge.
 sobre a terra.

Boe e go-re Baitogogo koia-ie, u-re pobba to-ie.

Os Indios eles contaram que de *Baitogogo* causa, ele a agua criou.

Aroroeddo nur'emma. Boe e go-re kie e rare-re
 Dos *aroroe* certamente ele. Os Indios eles contaram que os *kie* eles violaram

Baitogogo . oredduge-gi.
 de *Baitogogo* a mulher.

Aremme e meru iu-re ; parori kaie

As mulheres elas foram à procura de frutas ; em procura de *parori* as
aremme e-ttu-re. Boe e gore xibae exerae etaddaie
 mulheres foram. Os Indios eles contaram que dos *xibae exerae*

Baitogogo oredduge mugu-re. Onaregueddo araguddu rekoddagi ; akore :
 de *Baitogogo* a mulher era O filho chorou atrás ; disse ;

I muga, ikoddo modde ak'abo. Akoe : a koddu kaba itt'abo.
 Minha mãe, eu irei contigo. Respondeu : Tu em não comigo.

Xare u-xe uttuie kuri parori kae du-re onaregueddu
 Então sua mãe foi logo em procura de *parori*, mas o filho

ƙoddure rekoddagi. Dutábore aregoddu-re ai, xare biapaga-re "t"
 lhe foi atrás. Então alcançou-a, então aplicou o ouvido

parori paru kae.

do *parori* ao pé.

Ixare u-re tu guirimmi, koddu giii baa-tto tuo-o boga-i.

Então ele se voltou, correu até a aldeia seu pai a procurar.

Xare akoé : I ogwa, i ogwa, imeddu urarere i muga-gi. U-o

Então disse : Meu pae, meu pae, um homem viola minha mãe. Seu pai

makogoddu kare ; xare u-o makogoddu-re, akoé : nu ba ak'ago-re?

falou não ; pois seu pai falou, disse : Que cousa tu disseste ?

Akoré : inn'agoie imeddu rare i muga-gi, oinnore inn'ago-re

Respondeu : eu disse que um homem viola minha mãe, eu disse :

U-o akoé : Kirabodde !

Seu pai disse : Está bem !

Xare u-o u-ttu-re, xar'u-re tuguerago tu voiga-gi, akoé :

Etnão seu pae ele andou, então ele tomou o seu arco, disse :

Toro, i iordu-wo. Xare onaregueddo koddu giii tu-i bagui

Vamos lá eu para ver. Então o filho foi de volta com

tu-o apo tu iordure gi-wo kae ; xare akoré : kirabodde !

seu pae no lugar onde ele viu o então disse : E' mesmo verdade.

Xar-u-re tu vureddo "t" bukegge, xar'ittugoddo gi, akoé :

Então ele parou em cima, então frechou o disse :

a xebe-re-u, orea porutto "xa" ma-re a vi moddu ka.
 Tua ferida, no ombro Mas tu morrerás não.

a xebe-re-u, u baru-tto "xa" ma-re a vi moddu ka.
 Tua ferida, no dorso Mas tu morrerás não.

a xebe-re-u, ganna-tto "xa" ma-re a vi moddu ka.
 Tua ferida, no braço Mas tu morrerás não.

a xebe-re-u, bogora-tto "xa" ma-re a vi moddu ka.
 Tua ferida, na coxa Mas tu morrerás não.

a xeba-re-u, opa-tio
Tua ferida, nas nádegas
a xeba-re-u, utorikoddo-tto
Tua ferida, na barriga da perna
a xeba-re-u, getto
Tua ferida, no rosto
a xeba-re-u, u vaijuko-tto
Tua ferida, no coração

“*x*” *ma-re a vi moddu ka.*
Mas tu morrerás não
“*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
Mas tu morrerás não.
“*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
Mas tu morrerás não.
“*xa*” *ma-re a vi modde.*
Agora tu morrerás.

Xare bire.

Então morreu.

: *Ia e goe:*

Outros eles dizem :

• *ak' órea baru epa-re-u, orea baru-tto* “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para teu ombro a ferida, no ombro Mas tu morrerás não.
a poru epa-re-u, u poru-tto “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para teu dorso a ferida, no dorso Mas tu morrerás não.
a kanna epa-re-u, kanna-tto “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para teu braço a ferida, no braço Mas tu morrerás não.
a pogora epa-re-u, pogora-tto “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para tua coxa a ferida, na coxa Mas tu morrerás não.
• *ak' obo epa-re-u, obo-tto* “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para tuas nádegas a ferida, nas nádegas Mas tu morrerás não.
a torikoddo epa-re-u, tori koddo-tto “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para barriga da perna a ferida, na barriga da perna. Mas tu morrerás não.
a e epa-re-u, ge-tto “*xa*” *ma-re a vi moddu ka.*
para teu rosto a ferida, no rosto Mas tu morrerás não.
a vaijuko epa-re-u, u vaijuko-tto “*xa*” *ma-re a vi modde.*
para teu coração a ferida, no coração Agora tu morrerás.

Xare bi-re.

Então morreu.

Xar'-u-re! *tuguerago t'oredduge-gi, akoe:* *pa-ddu-wo pa vai ka.*

Então ele agarrou sua mulher, disse: nós vamos à nossa casa.

Xar'e-re tu guirimmi tu-i bagui tu vai-tto.

Então eles se voltaram atrás para sua choupana.

Boe-xó dukeggere e-re tu vi tu nuddu-wo. Oredduge-

Chegada a noite: eles se deitaram eles para dormir. Quando a esposa

unuddu dukeggere, oréddu-re tu voiga iku ta tu voiga pigi,
dormia, o marido de seu arco a corda tirou do seu arco,

xar'u-re koguddo tu oredduge itoru kagegge, xar'u-re iku kogu
então ele ligou de sua esposa ao pescoço em redor, então ele a corda puxou

rakadda “xa”, tu-wo tu oredduge bitto. Koddí xare oredduge bi-re.
fortemente, ele para sua mulher matar. Portanto sua mulher morreu.

Xare Baitotógogo mako-re baregue e vogai; okwaru, ennokuri, gerego,
Então Baitogogo falou animais eles procurando; os *okwaru*, os *ennokuri*, os *gerego*

bokodoridogue e voga-i; akoe: ta vaigo voe

os *bokodori*, eles procurando; disse: Vós cavai (uma cova) aqui para

itt'oredduge ai. Xare e vaigoddú-re, xare Baitogogo u-re tu oredduge minha esposa. Então eles cavaram, então Baitogogo ele sua esposa *tugu motto ia-tto; xar'u-re motto paddu pemegaddo bukege;* pôs da terra na cova; então ele a terra ajeitou bem sobre; *xar'u-re betta bu tu oredduge pa bukegge, boe e erdu* então ele a esteira poz de sua esposa a cama sobre, porque os Indios *ka-wo, tu ro-i pegare boe-gi tugi.* eles não soubessem que ele tinha feito a má coisa.

Baroguatto tábo-re onaregueddu mako-re tu-o-gi, tu-gge
De manhã seu filho falou a seu pai, sua mãe *boga-i; akoé: I ogwa, i ogwa, inno ba i muga ro-re? Ma-re u-* procurando; disse: Meu pai, meu pai, que cousa minha mãe fez? Mas seu *o mako kare. Onaregueddu makogoddú-re poguegge; akoé: I ogwa, iogwa,* pai falou não. O filho falou de novo; disse: Meu pai, meu pai, *i muga pa? uo akoé: A-xe kuruddu-re.* minha mãe onde? Seu pai disse: Tua mãe foi verter agua.

Xare onaregueddu koddu gi toro boga-i, ma-re jordu kare gi;
Então o filho foi lá procurando, mas viu não a ela; *u-re tu guirimmi tu-o ai; akoé: i iordu kare gi; kae ba kóddú-re?* ele voltou a seu pai; disse: Eu vi não ela; onde foi?

Uo akoé: a-xe pegoddu-re voige. Xare onaregueddo koddu Seu pai disse: Tua mãe foi obrar daquele lado. Então o filho foi *toro boga-i, ma-re u-re tu guirimmi kuri; akoé: I iordu kare gi,* lá procurando, mas ele se voltou logo, dizendo: Eu vi não a ela, *tu araguddu tabo. U-o akoé: jorigui kae axe u-ttu-re, noa* ele chorando. Seu pai disse: Lenha procurar tua mãe ela foi, nozes de *kae, parori kae a-xe u-ttu-re.* palma, a parori tua mãe ela foi.

Xare negueddo-rogu koddu gi tu-gge boga-i boku.kae, noidu-guru
Então o menino foi muito longe, sua mãe procurando no cerrado, de *noa* *paru kae, parori-guru paru kae, tu araguddu tabo; ma-re jordu kare* nos bosques, de parori nos bosques, ele chorando; mas ele viu não *gi. Koddi u-re tu guirimmi tui bagui tu-o ae; akoé: I ogwa, i ogwa,* ela. Portanto ele se voltou atrás para seu pai; disse: Meu pai, meu pai, *i iordu kare i muga-gi: xar' i muga bokwa-re. Innawó!* eu vi não a minha mãe: então minha mãe morreu. Ai de mim!

innawó! Ma-re negueddo-rogu guiari-goddu iure tu-gge boga-i,
Ai de mim! Mas o menino se entristeceu mesmo sua mãe procurando, *kóddi-re okwague kare, koddire rakixarugogoddú-re; tu mago inno: ve, ve,* portanto comia não, portanto emagreceu muito; ele dizia assim: ve, ve *tu-gge boga-i dutabo. Baitogogo u vire-re pobbe: koddi xare* sua mãe procurando.. De Baitogogo suas esposas (eram) duas: portanto *mugu-re xeu, tugare bitto uda apo, boevaddu* sentava aquela, que ele não tinha assassinado, com pateo *kegge, xare negueddo-rogu ako pegagoddu-re. Xar' u-re kiogoddo* no, então a criança gritava debilmente. Então ele transformou

puddu-mi; *akoé*: e e e e. *Xare koddu-re tu-gge boga-i*, em ave a si mesmo; disse: e, e, e. Então voou sua mãe a procurar, *ma-re ure ia tu be rogu barigu "za"* *tu-o kannaura-kegge* mas um seu esterco pequeno jogou do seu pai no ombro *tu bera pigi*. seu anus do.

Xare Baitogogo mako-re tu oredduge-gi; *akoé*: *ak'adda voe i kannaura-kae*: Então Baitogogo falou à sua mulher; disse: Tu olha aqui no meu ombro: *ia-boe buttu-re voe*; *ak'adda boga-i*. *Oredduge-re t' adda kannaura* uma cousa caiu aqui; tu olha procurando. A mulher ela olhou do ombro *kegge*; *akoe*: *Taboe pegoddu-re voe*. *Oreddu akoé*: *boe kabi* sobre; disse: Alguem fez um esterco aqui. O marido disse: A cousa *gi*. *Geuda-re kabi, ma-re u kare tu raugé*: *koddi oreddu* lava-a. Aquela lavou, mas ele esterco não se tirou dai: por isso o marido *akoé*: *boe kabi gi poguegge*. *Geuda-re kabi, ma-re boeka, u kare* disse: A cousa lava-a de novo. Aquela lavou, mas envão, ele não *tu ra, xare oreddu akoé*: *kabi rakadda*. *Ma-re boeka, u kare tu* se tirou, então o marido disse: Lava fortemente. Mas envão, ele não se *ra jokoddo*. tirou absolutamente.

Boe rai kare dukegge ixare, pe rixoddu-re, kóddi-re Baitogogo akoé:

Depois pouco tempo, então o esterco cresceu, por isso *Baitogogo* disse: *innawó!* *xar'i roywa moddu kare boe-bo*. *Um!* *Ma-re pe rixoddure* ai de mim! então eu poderei não com o povo! Mas o esterco cresceu *jokoddu, bokwadd'i nur'emma*. mesmo, *jatobá* ele mesmo.

Baitogogo roywa kare tabo, kóddi-re makogoddu tu media *Baitogogo* aguentou não com a árvore por isso falou ao seu colega *Akaruio borogo*; *akoré*: *A-e-to pa dugareg'u-e-i*; *i tumodde*; *Akaruio borogo*; disse: Olha os nossos súditos; eu partirei; *i roywa modducare bokwadd'i tabo*. *Xare utture xar'ure poba touge*; eu aguentarei não *jatobá* com. Então partiu então água produziu; *uture gu, gu, gu*. *Xar'ure tu mugudda*: *ure tu muguddo wo keggere*, ele andou Então ele se assentou. Ele seu assento lugar no *pobto bari kurire*. *Uttu getorogoddure, poba gettorogoddure*. a água larga muito (fez). Seu caminho direito (quando) água direita (corria). *Ure tuganna wiamugudda, poba uia mugure*. *Ure tuganna giaddo* Seu braço torto fez, da água (rio) volta formou. Seu braço abrindo *puddui, xare poba bure giore pu wuquegge*. *Merure toguea* de si, então da água o pé convergeu uma em frente da outra. Caminhava peito *tabowo keggere, poba bari kuriiiiixigor'oinno*. a frente quando, a água larga muitissimo assim (se fazia).

Pobbo bokwa-re ottodai: *koddi ainno-re*. *Boe e imegera*

A água não havia antes: por isso é assim. Dos Indios o deles chefe *akore Baitogogo koiaie u-re pobbo to*. disse que *Baitogogo* causa ele a água criou.

Xare aregoddu-re ia tu muga kae, xar'-u-re tu muguddu ;
 Então chegou a uma sua morada, então ele se permaneceu ;
boe pemegaguraga-re ragoja kegge woge. Du pigire uttu-re tui
 lugar bonitíssimo era onde ele esteve sobre. Depois ele foi para
bagui, tu dugaregue e voga-i. Pureddugoddu-re e-i
 voltar, os seus súditos dele procurando. Quando pertíssimo foi a
dukeggere, xare u tugaregue eviapagare "p" "p" "p" aregoddu
 eles, então os seu súditos prestarem ouvido da sua chegada
togui ; xare aregoddu-re ett'ai dukegge, ieddu-re ika-gi ; akoé :
 encontro ; então chegando perto deles, agarrou o ika ; tocou :

pupupupupu, popopopopo, pupupupupu, pu, pu, puuu ;

ma-re bokwadd'i bokwa-re, bieagodure gugu ui tu remo pobbo to dukegge.
 mas o bokwaddi não (era mais) ele ficou pequeno, entrou agua na quando.

Bakororo nure emma : koddire ieddu-re oinno ika-gi. Xare u
Bakororo certamente ele ; porisso tinha assim o ika. Então os seus
tugaregue ett'aregoddu-re ai, xare ere taiaddu apo. Xare
 súditos eles vieram a (ele), então eles ficaram assim em redor (dele). Então
makogoddu-re tu media-gi ; akoé : a-e-to pa dugaregue e-i ;
 falou ao seu colega ; (Akaruio borogo) disse : olha os nossos súditos ;

itt' aregoddu moddu kare poguegge. Boe ka ; u vie
 eu voltarei não de novo. Envão ; o seu irmão menor (Akaruio borogo)
akoé : i koddu-wo toro ak'abo. U manna akoré : a koddu kaba itt-
 disse : eu vou lá contigo. O seu irmão maior disse : Tu vzs não co-

abo. U vie akoé : a muga pemega-re ? akoé : nau ! i
 migo. O seu irmão menor perguntou : a tua morada (é) bonita ? Respondeu : minha
muga pemega-re ; nau ! i muga tadda boe pemegaguraga-re.
 morada (é) bonita ; na minha morada dentro coisas belíssimas.

Koddi xare xeu u vie koddure apo ; ia boe e magaguragare
 Porisso aquele seu irmão menor foi com (ele) ; outros Indios eles nu-
rekoddagii, ma-re boe raixigo-re ; dukoddire boe-xo
 merosos atrás, mas o caminho cumpridíssimo ; porisso depois noites (tempo
emakaaaguraga-re e-i dukeggere, xare ett' aregoddu-re.
 preto) elas muitíssimas a eles, então eles chegaram.

Xare e-re tu quirimmi tui bagui ika, panna, ke, jobukeggeu,
 Então eles se foram atrás com o ika, o panna, o ke, o jobokeggeu,
pogueabukeggeu, buttore, tu oroe jameddu tabo, tu medague
 o pogueabukeggeu, o buttore, deles enfeites todos com, aos seus companheiros
ett'ai (enoroe bokwa-re koddi jau).
 a eles (porque antes os seus ornamentos não tinham).

Dutabore xare Bakorokuddu jordure ett' aregoddu-gi dukegge
 Então Bakorokuddu visto o seu chegar quando
koddure bai kuggeaguegge, koddu kuri tu media Akaruio bokodori ai ; akoé :
 á chopana foi logo do seu colega Akaruio bokodori ; disse :
ak' ore ett'aregoddu. Akaruio mako kare, xare Bakorokuddu aiwo-re.
 Os teus filhos eles chegam. Akaruio falou não, então Bakorokuddu olhou

tu ei; koddu kuri Akaruio bokodori ai; akoé: nau ak'
lá para eles; correu logo para Akaruio bokodori; disse: olá, os teus
ore ett' aregoddu. Akoé: ino ba? akoré: inn'agoe ak' ore
filhos eles chegaram. Disse: Que há? Respondeu: Eu digo que os teus fi-
ett' aregoddu-ie.
lhos eles chegaram.

Xar'u-re tu raggeddu, xare koddu toro tu aiwo-wo e
Então ele se levantou, então foi lá ele para ver a eles
togui: tu iorudui e-i dukegge, xare paguddu-re, koddire ure tuiago tu
encontro: tendo-os visto, então teve medo, porisso ele estava para
guirimmi tu vai-tto; ma-re Bakorokuddu akoré: a tu kaba;
voltar á sua choupana; mas Bakorokuddu disse: Tu vás não; mas
a ragoge woe rugaddo.
tu fica aquí mesmo.

Xare mugu-re e togui; xare ett' aregoddu keggere,
Então ficou eles encontrar; então quando eles chegaram
akoé: itt' agaru Bakororo aregodduddo! Xare mako-re e-i; akoé:
disse: O meu nome Bakororo chegou! 'Então falou a eles; disse:
matto; kakodiugue tagui ba? E go-re Bakororodogue,
Aquí; quem vós (sois)? Eles disseram (responderam): Os Bakororo,
Ituboridogue xegui-re-u, innore egoe tu-o-maguei. Ainno-re ia e
os Itubore nós (somos), assim (disseram) aos pais deles. Assim alguns
iere: .
de seus nomes eram:

arigau bororo, arua bororo, exera bororo, uruguddu bororo, baéiari
bororo, kuddoro bororo, ixé bororo, tovuddo bororo, baxeari bororo, ma-
keiari bororo, pogodda bororo, toriguddu bororo, meru bororo.

Xare Akaruio bokodori ragoddu-re; akoé:
Então Akaruio bokodori cantou; disse:

O Buremoddodogue tagaio butuddo puguegge ikaia ako umugu kae
Ó Buremoddodogue, vinde todos juntos meu tambor (a) som está onde
ivororo urua bororo bukorire. O uieddaga inago upageinno aiadugo
meu pateo urua pateo nele. Ó meu avô, (no) meu dizer das onças
dogue exeba bakororo, ogue eigoia aregodduia auguegge. O umana
matador, o bakororo suas onças causa chegaram em vós. Ó seu irmão
inago upageinno parabara exeba bakororo, ogue eigoia aregodduia
(no) meu dizer sou parabara matador o bakororo suas onças causa chegaram
auguege.
em vós.

Aregoddu-re t'oroé kuri tabo ugue, u kare e
: Os que chegaram com seus ornamentos numerosos e não os
viddo e viddo; oróé bokwa-ré-ugueré, u-re, e viddo e viddo.
matou (não) ós matou; dos seus ornamentos os fallios ele os matou os matou.

LENDAS SOBRE A ORIGEM DOS PEIXES OU
LENDAS DO BAIPORO

Ma-re kare bokwa-re pobbo-gi; ma xare ia imeddu-re u-ttu-re kare

Mas os peixes não (existiam) na água; então um homem ele foi os peixes e voga-i, *ma-re pobba keddo rure, kare bokwa-re koddì;* ele a procurar, mas a água (era) vazia de fato, os peixes não (existiam) porque; *xare imeddu kiarigoddu-re kare bokwa-re inno koddì.* então o homem ficou triste peixes não (existiam) assim porque.

Xare u-ttu-re (Baiporo, tu wobe, paiwoe-re emma) kwogu oku Então ele saiu (Baiporo seu clan, dos paiwoe (era) ele) de *kwogu* à flor *kae, emma oku kae, iru, ixegu kae. Xar'-u-re tu guera bu "xa" emma,* de *emma* à flor Então ele a sua mão colocou à *emma,* *kwogu, iru, ixegu ennari kagegge.*

ao *kwogu,* ao *iru,* ao *ixegu* sobre um ramo (florado).

Xare koddu-re tabo pobbo-tto, xar'-u-re tu muguddo pobba

Então saiu com (flores) à água (rio), então ele se assentou da água *okwa-ai tabo; xar' -u-re tuguerago "xa" kwogu-gi, xar' -u-re* à beira com as (flores); então ele agarrou o *kwogu,* então ele *barigo pobbo-tto; akoé: okogueddo, kwogu-gi-re ako inna.* atirou na água; disse: okogo tu sejas, ao *kwogu* disse assim. *Ararudd' aki emma-gi-re ako inna. Tuborexebadd' aki* Araru tu sejas, à *emma* disse assim. *Tubore eba* tu sejas, *iru-gi-re ako inna. Xar' -u-re tugeruago ixegu-gi, u-re barigo pobbo-tto;* ao *iru* disse assim. Então ele agarrou o *ixegu,* ele atirou na água; *akoé: rekodd' aki.* disse: *reko* tu sejas.

Xare aiwo-re "to" pobbo-tto; kare ett'aregoddu-re jokoddu,

Então observou na água; peixes eles chegaram verdadeiramente, *reko, okogue, . . . : kare e iameddu ett'aregoddu-re. Kóddi-re kare e reko, okogue, . . . : peixes* eles todos eles chegaram. Portanto os peixes eles *eddu-re inno pobbo-gi.* estão assim na água.

LENDAS SOBRE A ORIGEM DE UM MÉ,

ISTO É, DE UMA FOLHA QUE SERVE DE FUMO COMO O TABACO

Baitogogo koia-re u-re mé touge tu dugaregue : ett'ai;

Do *Baitogogo* (por) causa ele o fumo descobriu aos seus súditos a (para) eles; *ma-re u tugaregue e erdua bokwa-re; koddì u-re e pegadda,* mas porque os seus súditos eles souberam não (fumar), por isso ele lhes fez mal *enoguaguei me-gi dukegge.* quando eles fumaram o fumo.

U tugaregue e-ttu-re apo, kare ett'ai; e-re
 Os seu súditos eles foram com (*Baitogogo*), aos peixes (a pescar); eles
tu remo pobbo-tto, xare e-re tu dauge pobbo pigi kare-bo. Xare
 entraram na agua, então eles se tiraram da agua com os peixes. Então
e-re jorugo ett'ai, l'ogwague-wo-ei.
 eles fizeram o fogo a eles (peixes) eles para comê-los.

Ia imeddu magu-re "t" tu ioru jai: ure toriga joddo kuddogo
 Um homem sentava do deles fogo à margem: ele faca meteu do *kuddogo*
kuri kegge; xare aiwo-re "to" aroe mé radde mettu-re
 no ventre; então viu da alma o fumo verdadeiramente estava
inno karo kuri tadda. Ainno-re ako-re. Xar'-u-re toriga joddo "xa"
 assim do peixe ao ventre dentro. Assim disse Então ele a faca fincou
karo kuri kegge poguegge, aiwo-re "to" poguegge, akoé: u! mé
 do peixe ao ventre sobre de novo, olhou de novo, disse: Oh! de fumo
upo mettu-re inno karo kuri tadda, tu daddare ainno akore:
 um feixe está assim do peixe (ao) ventre dentro, de si dentro assim disse;
ma-re u kare tauge karo pigi, ma-re ia boere ure bu "t" bukegge.
 mas ele não (o) tirou peixe do mas uma cousa pôs sobre (ao peixe).

Boexoddo tabo, tu medague-re e tu wu tu nuddu-wo,
 De (feita a) noite, os dele colegas eles se deitaram para dormir,
ma-re e nuddu kegge, u-re tu mugudda, akeddu-re karo-gi, xar'-u-re
 mas eles adormecidos, ele se sentou, tomou o peixe, então ele
mé upo tauge karo kuri pigi, xar' -u-re tuguerago ia aru-gi,
 de fumo o feixe tirou do peixe do ventre, então ele tomou uma folha,
xare u ia uiaru kagu pu-i. Xar' -u-re arogwaddo
 então ele uma folha esfregou sobre si mesma. Então ele a encartuchou
xar' -u-re otto getta joru-tto tu medague e paddu
 então ele a ponta acendeu no fogo, quando seus colegas eles jaziam
paga kegge; xar' -u-re togwatto gi, akoré: ppp, pp
 tranquillamente; então ele fumou o (cigarro) disse (fez):

ainna, tu medague e iogui, mé 'o kori tabo.
 assim dos seus companheiros deles sobre, do fumo com o forte cheiro.

Xare e edaddu-re e goe: mé kori-re toro, mé
 Então eles se despertaram e disseram: De fumo cheiro aqui, de fumo
kori-re toro. Ett' aiwo-re "to", ma-re xeu, ure togwatto
 cheiro aqui. Eles olharam mas aquele o qual o fumo fumou
mé gi-u, u-re tu vu kurigé givi; xare e medague e nuddu-re
 ele deitou logo: então os seus companheiros eles dormiram

poguegge, xar' -u-re tu muguddu poguegge, xare mé otto getta,
 de novo, então ele se sentou de novo, então do fumo a ponta acendeu,
xare togwatto gi; akoé: ppp, pfff, tu medague e iogui poguegge.
 então o fumou; disse (fez): dos seus companheiros deles sobre de novo.

Xare ek-enno meardu-re mé kori-gi poguegge.
 Então o seu nariz sentiu do fumo o cheiro de novo.

Koddi tu iedaddu tabo-re, e gore: mé kori-re to-ro,
 Portanto despertando eles disseram: De tabaco cheiro lá
mé kori-re toro; i ke modde ia, i ke modde ia.
 de fumo cheiro lá; minha comida será um (cigarro), minha comida (será) um
Xare xeu mako-goddure, akoé: imi-re, i iordu-re mé-gi,
 cigarro. Então aquele falou; disse: Eu, eu vi o fumo que
kuddogo kuri taddare metture.
 do *kuddogo* ventre no estava.

Xare u-re aruãdo mitto "t", mitto "t" tu medague ett'ai.
 Então ele enrolou uma folha, uma aos seus companheiros a eles.
Xare eret' ogwa to gi ppp; ma-re e go kare pfff inno, e-wo
 Então eles fumaram o (cigarro); mas eles fizeram não assim, eles por
mé redduddo barigo tu ia bigi: koddire mére e pegadda,
 para cigarro a fumaça jogar (da) sua boca fora: portanto o fumo a eles fez mal,
koddire e imegera korigoddu-re e erdua kare mé
 portanto o seu capitão (*Baitogogo*) enraiveceu porque eles sabiam não do
kodda-gi kodde; du-r-u-re tugu kuddogo-tto; xar-u-re tu
 fumo o caminho; portanto ele pôs (o fumo) no *kuddogo*; então ele o deles
e ku tokiwadda eruddu ka-wo mé-gi; koddire au ippie e
 olho fez morrer porque eles vissem não o fumo; porisso destes *ippie* o deles
eku toriquiri kare, e eku biega rogu-re tu-gé.
 olho grande não (é) o deles olho (é) pequeno extremamente pequeno.

LENDA SOBRE A ORIGEM DO FOGO

juko mare kurugo "macaco e preá"

Juko koia-r' -u-re boe erduaddu joru-gi. Boe e
 Do *juko* (por) causa ele aos indios fez conhecer o fogo. Os indios eles
erdu-re juko ro-i joru-gi tu-gi, koddire xare boe e ro
 viram o *juko* fazia o fogo que, portanto os indios eles fizeram
inno mariguaddu. Boe nure juko mariguaddu, koddire
 assim (in)antiquíssimo tempo. Homem na verdade *juko* (era) antigamente, portanto
bu kare mariguaddu, dukóddi-re boe e goe juko
 pelo não (tinha) antigamente, portanto os indios eles dizem que o *juko* (tinha)
o ie ika, dukóddi-re juko-re u ke kuiadda, dukóddi-re
 sua barca, portanto do *juko* seu alimento (era) milho, portanto
u kudda-u re kuga.
 seu leite (era) a rede.

Dukóddi xare boe e goe juko u-ttu-ie ika tabo
 Portanto então os indios eles contam que o *juko* ele foi com a barca
pobbo-gi ma-re juko u kare mitto; kurugo ápo-re, juko
 para a água mas o *juko* ele não sozinho; com o *kurugo* o *juko*
ro inna. Xare kurugo okwague kurixigore kuiadda-gi, du-koddire
 fez assim. Então o *kurugo* comeu muitíssimo milho, porem o milho,

ure ika tadda-u, kuiadda jameddu e-i ko. Koddì xare okwague-re
 que estava na barca dentro, todo o comeu. Portanto, comeu
ika-gì jameddo, tu gue boi koia.
 a barca também da sua comida do desejo por causa.

Koddì xare juko makogoddu-re gi, akoé: kurugo, kurugo, a ro
 Portanto *juko* falou para ele disse: *kurugo,* tu façás
kaba inno, a modde ika poroddo; poba aregoddo modde; a roiwa
 não assim, tu esta barca furarás; a agua chegará; tu
moddu kare ak'abo pobbo-gi, pobb'aregoddo modde ma, amodd' ak'areddu
 poderás não contigo na agua, a agua chegará se te jogares
pobbo-tto ma, a kurugoddu modde ma, okogue emodde t'ore omugud-
 na agua se, tu nadares se, os *okogue* eles cercarão
du ai, dutábo-re e modde a kouge. Dutábore xare u-re ika poroddo,
 te, porisso então. eles te comerão. Então ele a barca furou,
xare pobba aregoddu-re, "fff" oinna, ika-tto. Xare ika okwa-re
 então a agua chegou, assim, na barca. Então a barca desapareceu
pobbo-tto; koddì-re kurugo kurugoddu-re, xare okoguere t'oreomugud-
 na agua; por isso o *kurugo* nadou, então os *okogue* eles cerca-
du gi, koddì xare-re boeddo gi, xar'e-re kouge, xare bi-re.
 ram ele, por isso então eles abocanharam ele, então eles comeram, então morreu.

Juko-re kuru raka-re, koddì kurugoddu-re; xare okogue-re
 O *juko* nadava fortemente, por isso nadou: então os *okogue*
t'oreomuguddu juko-gi, ma-re ro-re oinna tu guera tabo, okogo
 eles cercaram o *juko,* mas fez assim com a sua mão, de um *okogue*
koja poro-tto, xare rulture apo, boe ki kae.
 da fenda branquial no buraco, então subiu com o peixe, em lugar seco (a terra).
Xare u-ttu-re okogo apo du-keggere, adugo aregoddu-re ai; akore:
 Então ele foi com o *okogo,* quando o *adugo* veio ao encontro a (ele); disse:
uuu! i iaddo, i iaddo, a radde karo bitto, pa
 'Oh! meu companheiro, meu companheiro, tu certamente o peixe mataste, para
gue-gge. Akore: u, i iaddo, matto; i-re karo
 nosso alimento. Respondeu: sim, meu companheiro, (vem) aqui; eu o peixe
bitto, pa gue-gge. Xare adugo akoé: a radde karo bitto,
 matei, para nosso alimento. Então o *adugo* disse: Tu em verdade o peixe ma-
ma-re joru pa?
 taste, mas o fogo onde (está)?

Meri-re tu vuddu-iago, xare juko akoré: i iaddo,
 O sol se estava para descambar, então o *juko* disse, meu companheiro:
a rego joru kae, pa-wo pa gue karo kou. Meri-re
 tu corre ao fogo, nós para o nosso alimento o peixe cozer. Sol fazia
urugu joku kujagu-re itura paru kagegge, xare
 resplandecer o seu olhar vermelho da floresta ao limite em redor, então
adugo akoé: joru pa? juko akoé: ak'aiwoddo, emma-re
 o *adugo* disse: o fogo onde (está)? o *juko* respondeu: Olha, ele
uru kujagu-re oinno: ak'adda toro boga-i. Xare adugo
 resplandece vermelho assim: olha para lá procurando-o. Então o *adugo*

u-ttu-re, koddu giii joru boga-i: ma-re u-re tu guirimmi: akoé:
 ele partiu, foi longe o fogo procurar: mas ele voltou: disse:

I iaddo, i iaddo, i iordu kare uru-gi. Juko akoé:
 Meu companheiro, meu companheiro, eu vi não a chama. *O juko* respondeu:
arrooo! ak' aiwoddo; emma-re urugu kujagu-re inno, uru-re padd-
 Ora essa! tu olha; ele resplandece vermelho assim, a chama fez
ur'inno, a rego kae puguegge, ak' aregoddu jokoduddo uru
 assim, tu corre para a (chama) de novo, vai verdadeiramente fogo
kae, pa-wo pa gue karo kou; a rego, a rego. Xare
 ao nos para nosso alimento o peixe cozer; corre, corre. Então
adugo ro-re: grsss; tu-ddu uru ka poguegge.
 o *adugo* fez: grss; ele foi ao fogo de novo.

Dutábo-re xare juko-re tuguerakago riru-gi; xár-u-re
 Por isso então o *juko* esfregou com as mãos o *riru*; então ele
urugo "t", xár-u-re jorigui kou uru-tto, xár-u-re tu gue
 fez fogo então ele madeira queimou na chama, então ele o seu ali-
okogo kou "t" joru-tto, xár' -u-re tauge, xár'-u-re okwaguere
 mento *okogo* cozeu no fogo, então ele tirou, então ele comeu-
gi; xár-u-re ra gettu "t" joru okw' ai.
 o. Então ele os ossos colocou do fogo á margem.

Xare u-re t'areddo iá bokwadd'-i-tto. (ia egoe boko-
 Então ele pulou de um *bokwadi* sobre (outros eles dizem do *bo-*
dogui-tto); koddu gexe, i otto kwae, xár'u-re tu mugu "t,"
kodogui sobre); foi em cima, da árvore até a ponta, então ele se sentou
i otto kegge. 'Dutábore xare u iaddo aregoddu-re: koddu
 da árvore sobre a ponta. Então o seu companheiro chegou: foi
kuri u ioru pa kae; aiwor-e "to"
 logo (aonde) aquele tinha preparado o fogo ao lugar; olhou
aiwore "to", ako-ré um! nu ba pega ro-ré? nu ba pega ro-re
 observou disse: Hu! Que cousa o mau fez? Que cousa o mau fez?
iq pega tarigu kuri i iá-gui; ia inn-ogwa bu
 aquele mau ponho logo na minha boca; o meu labio ponho,
"t", bu kegge. Kae ba pega ro-re? Xár-u-re uke okogo ra
 ponho sobre. Onde o mau está? Então ele seu alimento o *okogo* os ossos
ko, xare gemmaru-re kodda paru boga-i, búrea boga-i,
 comeu, então procurou do caminho o inicio para achar, o rasto para achar,
ma-re jordu kare gi.
 mas viu não o rasto.

Xare juko akogoddu-re, akoé: guá, guá, guá, xare adugo aiwo-re
 Então o *juko* assobiou, disse: guá, guá, guá. Então o *adugo* olhou.
"to", aiwo-re "to" gexe, i-tto gexe, xare jordu-re gi, akoé:
 olhou em cima sobre a árvore em cima. Então viu-o disse:
i iaddo, i iaddo, a rauge matto. Ma-re u kare tu
 Meu companheiro, meu companheiro, desce aquí. Mas ele não fez
rauge. Akoé: i iaddo a rauge matto, inn'ago-re. Boeka!
 desceu. Repetiu: Meu companheiro tu desces aquí, eu disse. Inutil!

u kare tu rauge, akoé: i moddu kare i rauge: i modde i
 ele não se desceu, disse: Eu não (me) descerei; se eu me
rauge ma, a modde i viddo! adugo akoé: boro, i moddu kare a
 . descer tu me matarás! o adugo disse: Não, eu não te
viddo. Ma-re boe-ka, u kare tu rauge.
 matarei. Mas inutil, ele não se desceu.

Xare adugo u-re bakuru aregodduddo tu-wo buttudda gi: xare
 Então o adugo ele o vento fez chegar ele para fazer cair ele; então
bakuru aregoddo, akoré: pppppp, pppppp, pppppp tu-wo juko buttuda
 o vento . chegou, disse: ele para fazer cair

Xare bakuru ure juko paradduddu: "bai, bai, bai, bai", inno
 o juko. Então o vento o juko fez balancear: assim
i amagad-duddo apo; xare juko kuddugoddu-re, akoé: ga, ga, ga, ga!
 a árvore fazendo mexer; então o juko gritou, disse:

i iaddo, xare i kanna koguddugoddu-re; a ia
 meu companheiro, agora o meu braço está desfalecendo; a tua boca
bari kuri-ddo i togui, xare i kanna koguddugoddu-re. xare
 abre muito a meu encontro, porque o meu braço está desfalecendo. Então
au iera metia ro-re "xa". Bure ro-re "xa", metia ro-re
 esta mão companheira fez "tchá". Um pé fez "tchá", o outro (pé) fez
"xa" ippo pigi, xare iera mitto tugé kogu "t" ippo
 "tchá" do ramo, então mão uma só amarrada (apertava) ao ramo
gagegge, xare akoé: i iaddo, a iá bari kuri-ddo i
 em redor, então disse: meu companheiro, a tua boca abre amplamente a mim
togui, xare i kera-re tuiago tu raúge. Ainno-re u
 encontro, porque a minha mão vai se destacar. Assim do seu
iaddo ge-re togui gexe.
 companheiro o rosto (era) para lá.

Xare iera ro-re "xa", ippo bigi, xare makogoddu-re; akoé: i
 Então a mão fez "tchá", do ramo, então falou; disse: Meu
iaddo, a ia bari kuri-ddo i togui. Xare u iaddo
 companheiro, a tua boca escancara a mim encontro. Então o seu companhei-
tu ia bariddo togui; xare jore "xa" tu iad-
 r o a sua boca escancarou encontro; então lançou do seu compa-
do ia-ki. Boeka! U-re t'areddo "grs" inno, tu iaddo-tto;
 nheiro em boca. Inutil! Ele se atirou assim, no seu companheiro;
u iaddo-re tu ogwa pemega pemegadda boga-i.
 o seu companheiro o seu labio bom fazer bom procurando.

Xare adugo ro-re: "grs", tu iaddo apo, boe ka, juko-re
 Então o adugo fez: "grs", com o seu companheiro. Inutil o juko
tu roddo "go go go", tu meru tabo tu iaddo tadda. Adugo
 fazia go go go ele caminhando ao seu companheiro dentro. O adugo
akoré: i iaddo, i iaddo, a meddu buttuguddo;
 disse: Meu companheiro, meu companheiro, fica dentro sossegado,
inn'ago-re. Boeka: juko-re u-re tuguerago tu doriga rogu-gi,
 eu disse. Inutil: o juko ele agarrou com a mão sua faca pequena,

xár' -u-re tu doriga rogu joddo "xa", kuri kegge, tu-wo tu
 então ele a sua faca pequena fincou barriga sobre ele para do seu
iaddo kuri bo, tu-wo tu dauge kuri pigi: xare u-re tu dauge
 colega a barriga abrir ele para se tirar da barriga: então ele se tirou da
kuri pigi, xare adugo buttu tu vi tabo.
 barriga, então o *adugo* caiu morto.

Xare juko-re adugo biri ta, xár' -u-re biri bo, biri
 Então o *juko* do *adugo* a pele tirou, e ele a pele cortou, a pele fez
oiaraddo tug'uimmo-xe, tu oroe-xe, xár'-u-re biri koguddo
 em pedaços para seu enfeite, para seu ornamento, então ele a pele amarrou
woe t'ao kagegge woe; xare meru-re; koddu gi. Xare ia
 aqui aos seus cabelos ao redor aqui; então foi caçar; foi longe. Então um
adugo aregodure togui poguegge; xare adugo aiwo-re gi "to" akoé:
adugo foi ao encontro de novo; então o *adugo* observou ele disse:
i modde a pega bitto. Akoé: u, i viddo; a modde i
 Eu você mau matarei. (O *juko*) respondeu: Sim, me matas, tu me
viddo? a moddu kare i viddo; adugo, ak'aiwoddo woe! Jordu-re
 matará? tu não me matará; um *adugo* olha aqui! Viu que dum
tu media biri kogu t'au gagegge dugi. Xare adugo-
 seu semelhante uma pele estava amarrada sua cabeça ao redor que. Então o *adugo*
paguddugoddu-re xe, xare rekoddu-re, u kare bitto.
 começou a ter medo dele, então fugiu, ele não matou (o *juko*).

LENDA SOBRE A ORIGEM DO VENTO E DA CHUVA OU LENDA DE GERIGUIGIATUGO

Koddoro gire maregue e maragoddure. Korogue utture aremebo
 Esteira ela antepassados eles trabalhavam. *Korogue* foi mulheres
jameddo; xare onaregueddo ipareddo joruddure tuggegi, ierakeaddure
 com também; então seu filho moço viu sua mãe violou
gi. Geriguiguiatugo ipareddo uo-re Boquaddorireu. Xare areddo
 ela. *Geriguiguiatugo* moço seu pai *Boquaddorireu* (era). Então mulher
aregoddure tu vai kae, xare uo aiwore "to" kioguaguiru gettu t'oredduge
 chegou sua casa a, então seu pai viu de ave penas estava sua mulher
u kogutto dugi. Tuioruduwawo roino t'oredduge giboe bogaire ure.
 seu cinto no que. Para descobrir fez assim sua mulher aquele ele (disse)
maregue eiagu reruia taue. Xare maregue ererure, aiwo nure immoreboe
 dos antepassados dança fazer. Então os antepassados dansaram; olha os enfeites
bogai, ipare e kanna akiri modde du bogai, kanna bo modde du bogai.
 (dos) moços seus braços penas procurou braços plumas procurou
Ma xare boekimore; onaregueddo mittoddure kanna akirire.
 Mas inutilmente seu filho somente o braço penas (tinha).



Boróro enfeitado de penas.

i marugo, i ogwa akoe iregoddu-iago aroe ewabo kae
 minha avó, meu pae disse que eu vá das almas ao deles bapo para

tu wabo-xe. Xare u xarugo akoé: a róywa moddu ka boe pega
 ser seu bapo. Então sua avó disse: Tu não poderás cumprir a cousa

gi-re, ako inna, xare akoé: getturuddu piodduddu ai; piodduddu
 difficil, disse assim, então disse: Tu chama ao piodduddu; o piodduddu

apo-re a-ttu modde bogai. Xare ipareddo koddu piodduddu ai; akoé;
 com tu irás a procurar o bapo. Então o jovem foi ao piodduddu disse:

piodduddu, piodduddu, pa-dd-wo aroe e wari kae, bapo boga-i.
piodduddu, piodduddu, nós vamos das almas ao deles ninho, o bapo a procurar.

Xare makogoddu-re gi poguegge;
 Então falou a ele (filho) de novo;

makogoddu-iago maregue e-i puguegge
 que dissesse aos Indios que de novo

e -wo reruia touge puguegge, xare e-re
 eles o baile fizessem de novo, então eles o

reruia to puguegge, xare aiwo
 baile fizeram de novo, então observou dos

ipare-i enn'oroe boga-i,
 jovens os deles ornamentos para conhecer,

kiogw-aguiri boga-i, ma xare
 de ave as penas para achar, mas inutil

boekimo-re, ipare enn'oroe bokwa;
 dos jovens os deles ornamentos faltavam;

tu onaregueddu pemegaddoddu-re, mit-
 seu filho estava enfeitado, ele so-

todure kiogw-aguirire kannagi mitto tugé.
 mente estava com pennas e no braço somente.

Xare u-o korigoddu-re; xare
 Então seu pai se zangou; então

makogoddu-re tu onaregueddu-gi, akoé
 falou ao seu filho disse

rekoddu-iago aroe e wari kae,
 que fosse das almas ao deles ninho o

tu wabo-xe.
 seu bapo para tomar.

Xare xeu ipareddo koddu kuri
 Então aquele jovem correu logo

tu xarugo ai; akoé: i marugo,
 a sua avó; disse: Minha avó,

Xare apo-re u-tture, apo-re, u-ttu aroe e wari
 Então com ele ele foi com, ele foi das almas ao deles
kae, bapo ka: koddu giii geze aroe ett'ai, ma-re pobbò aroe
 ninho, ao bapo: foi até lá as almas, mas a água é das almas
e wai-re emma: koddi xare ipareddo u-re tu muguddu pobbà
 o deles ninho ela porisso então o jovem ele se sentou a água
kugei, piodduddu togui.
 perto do piodduddu à espera.

Xare piodduddu koddu giii aroe e wari kae, u-re bapo
 Então o piodduddu voou lá das almas ao deles ninho, ele do bapo a
iku kaddo "tai", xare bapo ro-re: "joo" xare aroe e go-ré:
 corda cortou então o bapo fez então as almas elas disseram:
um! um! x'iddugoddui gi dutabo, koddu rakA-re,
 Quando eles sentaram flechas a ele, ele voou fortissimamente,
kóddi-re e kare poroddo. Tui metuia iku kaddoddu kegere, xár' u-rè
 porisso elas não o feriram. Ele cortada a segunda corda, então ele
tu quirimmi tu-i bagui bapo tabo ippareddu rogu ai, xare ùre makai
 voltou atrás o bapo com rapaz ao, então deu o bapo a

Xare piodduddu rekoddo kuri pigi.
 ele; então o piodduddu voou logo embora.

Xare ipareddo u-ttu-re tabo giii tu-o ai; akoé: i ogwa,
 Então o jovem ele foi com (bapo) ao seu pai; disse: Meu pai,
a wabo-re-u. Tuo, aroeddo t' onareguèddo bitto, ro
 o teu bapo. Seu pai, porque as almas seu filho matassem, fez
inna, ma-re u xarugo jordua rakAguraga-re, kóddi-re ure tu
 assim, mas a sua avó sabia muitíssimo, porisso o seu
wagueddo jorduadda.
 neto instruiu.

Ma xa-re u-o mako-re gi, akoe koddu-iago
 Mas então seu pai disse a ele, disse que ele fosse
aroe e wabo rogu kae, tu wabo rogu-xe.
 das almas ao deles bapo pequeno seu bapo pequeno para (ser)
Xare xeu ipareddo koddu kuri tu xarugo ai, akoé: i
 Então aquele jovem correu logo a sua avó, disse: Minha
marugo, i marugo, i ogwa akoe i koddu-iago aroe e
 avó, minha avó, meu pai disse que eu fosse das almas ao deles
wabo rogu kae, tu wabo rogu-xe.
 bapo pequeno, seu bapo pequeno para (ser)

Xare u xarugo akoé: a roiwa moddu ka, boe pega, a rego
 Então sua avó disse: Tu sairás não na coisa má. Tu corre
me-tugo ai; metu-go apo-re, a-ttu modde boga-i.
 ao metugo metugo, com tu irás a procurar (o bapo rogu).

Xare koddu metugo ai; akore: metugo, metugo, pa-ddu-wo aroe e
 Então foi ao *metugo*; disse: *metugo, metugo, nós vamos das almas ao dele*
wari kae, bapo rogu boga-i. Xare e koddu-re pu appo kuri aroe
 ninho, o *bapo* pequeno a procurar. Então eles foram junto logo das almas
enn' ogwa kae, emuga kae; xare ipareddo mugu-re toro metugo
 deles ribeira à, a morada; então o jovem sentou lá do *metugos*
togui.
 à espera.

Xare metugo koddu giii bapo rogu kae, xár-u-re bapo rogu iku
 Então o *metugo* voou ao *bapo* pequeno, então ele do *bapo* pequeno a corda
kaddo "tai", xare bapo rogu ro-re "joo", pobbo-tto; xare aroe e
 cortou então o *bapo rogu* fez na agua; então as almas elas
go-re: um! um! um! um! xiddugoddu-i gi dutabo, koddu
 disseram: Elas frechando-o, (o *metugo*) voou
rakA-re, kóddi-re e kare poroddo, xár'-u-re tu guirimmi
 fortissimamente, porisso elas não (o) atingiram, então ele se foi
tu-i bagui bapo rogu tabo; xare koddu kuri ipareddu ai, xar'-u-re
 atrás com *bapo* pequeno; então voou logo ao jovem, então ele
maku ai, xare u-ttu kuri pigi; xare u-ttu tabo tu-o ai;
 deu a (ele), então ele foi logo embora; então ele foi com (*bapo* pequeno) a seu pai;
akoé: i ogwa, a wabo rogu-re-u.
 disse: Meu pai, o teu *bapo* pequeno.

Xare u-o makogoddu-re poguegge t' onaregueddu-gi, akoe
 Então seu pai falou de novo ao seu filho, disse que
rekoddu-iago aroe e wari kae, aroe e vuddore kae, tu
 fosse das almas ao deles ninho, das almas ao deles *buttori* seu
vuddore-xe. Xare xeu ipareddo koddu kuri tu xarugo ai,
butlore para (ser). Então aquele jovem foi logo à sua avó
akoé: i marugo, i marugo, i ogwa akoe i regodiago aroe e vuddore
 disse: Minha avó, minha avó, meu pai disse que das almas o deles *butlore*
kae, tu vuddore-xe. Xare u xarugo akoé: mammori ae a
 eu vá, para seu *butlore* (ser). Então sua avó disse: Ao *mammori* tu
regodduddo, mammori apo-re a-ttu modde aroe e vuddore kae.
 corre, *mammori* com tu irás das almas ao deles *butlore*.

Xare ipareddo rekoddu-re ai; akoé: i ogwa akoe pa
 Então o jovem correu ao (*mammori*) disse: Meu pai disse que nós
regoddu-iago aroe e vuddore kae, tu vuddore-xe. Xare
 vamos das almas ao deles *butlore*, o seu *butlore* para (ser) Então
e koddu-re pu apo aroe e vuddore kae; xare ipareddo
 eles foram junto das almas deles *butlore* ao; então o jovem
mugu-re toro mammori togui, xare mammori koddu GI, butlore
 sentou lá do *mammori* à espera, então o *mammori* voou lá, do *butlore*.

iku kaddu "tai" *xare buttore ro-re "joo"* *pobbo-tto*; *xare aroe*
 a corda cortou; então o *buttore* fez _na agua; então as almas
e goré: um! um! um! um! *Xiddugoddui gi dutabo, mare kodda*
 elas disseram: Elas flexando-o, o vôo
bokwa-re, koddí-re e-re poroddo akeato makaguragadda ma-re
 faltou, porisso elas (o) feriram muitas vezes sobre o peito, mas
bi kare; *koddi xare u-re buttore maku xeu ipareddu ai*,
 morreu não; porisso então ele o *buttore* deu àquele jovem,
xare u-ttu kuri pigi
 então ele foi logo embora.

Xare ipareddo koddu tabo, *tu-o ai*; *akoé: i ogwa*,
 Então o jovem foi com (*buttore*) do seu pae; disse: Meu pae,
a vuddore-re-u. Akoé: e! nabure turoturoddo! aregoddo tu-i
 o teu *buttore*. Disse: Oh! diacho como fez!, chegou de
bagui koddí. Xare makogoddu-re gi poguegge, akoé: imeddo, imeddo,
 volta porque. Então falou a ele de novo, disse: O' homem, ó homem,
pa-ddu-wo xibae e eari ka. Xare onarequeddo koddu
 nós vamos agora dos *xibae* ao deles ninho. Então o filho foi
kuri tu jarugo ai: akoé: i marugo, i marugo, i . ogwa
 logo à sua avó: disse: Minha avó, minha avó, meu pae
akoé tu-ddu-iago xibae e iari kae itt' abo. Xare u xarugo
 disse que ele ia dos *xibae* ao deles ninho comigo. Então sua avó
jordua bokwa; u-re tu magaddo tu....u. Xare u-re tuguerago tu
 sabia não; ela se fez pensativa. Então ela pegou a sua
ioddó-gi, xár'-u-re maku ai; akoé: au-re a modde barigo
 bengala, então ela (a) deu a (ele); disse: Isso tu lanças
kuri xibae e iari-tto.
 logo dos *xibae* no deles ninho.

Xare koddu tu-o apo xibae e jari paru kae, xare u-ore
 Então foi com seu pai dos *xibae* deles ninho ao pé, então seu pai'ele
t'addo ia ippo bogai; *xare ure rakogedda tori okeaqi*,
 procurou um pau: quando (o pau) ele de pedra levantou deante,
xare onarequeddu ruttu-re ki. (1)
 então seu filho subiu em cima.

OUTRO CONTO SOBRE O FOGO

MarIquddu *ippie-re e-i goia-re e tu iorugo.*
 Antiquissimamente os *ippie* eles (foram) causa eles de fazer o fogo.
Joruquddo kegge e-ttu-re pobbo-tto, xare Meri, mare u
 Eles depois ter acendido o fogo, eles foram na agua, então *Meri* com seu

(1) NOTA. — A continuação desta lenda acha-se em língua vernácula na segunda parte do livro, pag. 228.

vie Ari et aregoddu-re e eru kae, e iaguegge. Dukoddi
irmão menor Ari chegaram ao deles fogo, deles antes.

xare e-i guruddu-re e eru-tto, xare e-re e eru bittudo; tu-i
Então eles urinaram no deles fogo, então eles o deles fogo apagaram; eles

e eru bittudoddu keggere, xare e regoddure boe-tto.
deles fogo tendo apagado, então eles fugiram na floresta.

Xare ippie e-ttu-re pobbo pigi, to ioru kae,
Então os ippie eles foram da agua fora ao deles fogo,
buiaku-re e-i koddi, xare ett'aiwo-re "to" aiwo-re "to" tu
tinham frio eles porque, então eles olharam, olharam do deles
ioru pa keddo-gi; e gore: ia boe-re pa eru bittudo; ioguddu
fogo o lugar vasio; eles disseram: gente o nosso fogo apagaram; qual
ba pegaba ro inna? Xare pa eru bokwa-re. Emma pa? kae ba koddu-re?
mau fez assim? Então nosso fogo não existe. Ele onde? Onde foi?

Xare e emaru-re, e gore: pag' aiwowo toro boga-i, pa-wo
Então eles procuraram, eles disseram: Nós olhamos lá procurando, nós para
bitto. Xare e emaru-re inno, boe boga-i, xare e erdu-re
matá-lo. Então eles procuraram assim, procurando, então eles viram
boe gi gire emagore: aki kanna a ro inno
um a ele disseram: talvez tu fizeste assim

xe-i? Mare e goé: immi karega, immi karega. Xare
a nós? E eles respondiam: Eu não, eu não (fiz assim). Então
e erdu ia ru rogu-gi, du-re e go-re: aki kanna a ro
eles viram um sapo pequeno, e eles disseram: Tu não talvez tu fizeste
inno? matto, pa-wo bitto. Xeu ako-re: ta gaba i viddo
assim? Aqui, nós agora matemo (lo). Ele disse: Vós não me mateis;

ta vure-re ta ioddo "t", inno, i vuguegge.
o vosso pé vós calcai assim, a mim sobre.

Xare e-re tu vure ioddo bukegge, xár'-u-re tu ia bariddu,
Então eles o seu pé calcaram sobre, então ele a sua boca abriu,

xare e ioru rogu aregoddure kuri "ta", inna, ja pigi:
então deles fogo pequeno chegou logo, assim, da boca:

koddi e goé: emma rabodde ro inna, emma radde pa eru
porisso eles disseram: Ele certamente fez assim, ele certamente o nosso fo-

bittudo. Xeu ako-ré: boro, immi karega, immi karega i ro inno;
go apagou: Aquele disse: não, eu não, eu não eu fiz assim:

Ia boe koddu kuri woe, eigoiare ere ta eru bittuddu: dutábo-re
Alguns homens foram de pressa por aqui, eles vosso fogo apagaram: então

itt' aiwo-re "to", itt' aiwo-re "to", ia ta eru, ia ta eru
eu olhei eu olhei um vosso fogo, um vosso fogo

bitto ka dugi, xare i-re ikerago joru rogu-gi, xare
que apagado não (fosse), então eu tomei o fogo pequeno, então

i-re uru rogu barigu kuri i ia-gui. Duttbore xare e
eu a brasa pequena pus logo na minha boca. Então eles

gore: pa moddu kare bitto: emma-re, u-re tuguerago pa eru
disseram: Nós não mataremos: (ele) mesmo, ele tomou o nosso fogo

rogu-gi pag'ai.
pequeno para nós.

Koddi xare e kare bitto.
Por isso então eles não (o) mataram.

FRAGMENTO DE UM DISCURSO NOTURNO FEITO POR UKEIWAGUUO

Registramos aqui dois fragmentos de discursos, que *Ukeiwaguuo* fazia à noitinha no páteo da aldeia. Não só mostrarão ao leitor alguns neologismos, mas lhe darão também uma idéia do ambiente.

Koddi inn'ago inna tag'ai, itt'ore tag'ai, i wague tag'ai,
Portanto eu digo assim a vós, meus filhos, a vós, meus netos, a vós,
i tugaregue tag'ai; taviapagaddo i waddaru-gi, ta-ddu-wo. pag'
meus súditos, a vós; vós escutai a minha palavra, vós ide ao nosso
imegera ai, padre ai, ta maragoddu-wo ai.
chefe, ao missionario, vós para trabalhar a ele.

Ta duddo "xa" ai boexo-tto, meriri kuddu kae: ta
Vós ide logo ao (trabalho) na noite, (cedo) do metal ao som Vós
duddo "xa" boexo-tto, ta gue betturé-boe rogu kae;
ide logo de madrugada, vossa comida doce cousa pequena a (procurar-
itt'ore aremme tagui jameddo, i ragomague tagui jameddo,
vos); minhas filhas mulheres, vós também, minha netas, vós também,
ta duddo xa ta-gge ai jameddo.
vós ide logo a vossas mães também (às Irmãs).

Ta maragoddu pemegaddo tuwóige, ta-wo dineru aru "t"
Vós trabalhai bem aí, vós para dinheiro ganhar
tago-xe. ia-re Xa-re maku tu ta gue
para vós. Algum (dinheiro) vós dareis aí vosso alimento para
bogai; ta-wo ia boe aru "t", tag' oroe-xe,
procurar-vos; vós para algumas cousas buscar, vossas cousas (para vós),
ia tag' aiddu-re gi-boe, aru tuwóige; ia aroia
aquela (que) vós desejais a cousa, (para) tomar aí; alguma fazenda
boe, ia toriga boe, ia akigo boe, ia pinnai
coisa, alguma faça coisa, algum fio de algodão coisa, alguma tesoura
boe, ia bogora-gi-u boe, ia ta-i-wu boe aru
coisa, alguns pares de calças coisas, alguma camisa coisa (para) tomar

tuwóge; *ia paritó boe, ia korete boe aru. Toriga*
 aí; algum paletó coisa, algum colete coisa (para) tomar. Facas
bokwa kare, paru bokwa kare, aroia bokwa kare. Maigoddo
 não faltam, machado não falta, fazenda não falta. Desde pouco tempo
karega toriga ro inna, paru, aroia kurireu, akigo,
 não chegou a faca fez assim, o machado, a coberta da cama, o fio de algodão,
lexi, paritó, xapeu, bwoddu, bwoddu iku, bowradogue,
 o lenço, o paletó, o chapéu, o anzol, do anzol a corda, os enfeites,
pinnai, pudduga, kanivexi ro inna uoe.
 as tesouras, o pente, o canivete, fizeram assim (chegaram).

Maigoddo karega i ragoge tag'abo barae tadda, padre
 Desde pouco tempo não eu estou com vós entre os brancos, com o
apo. Boe ett' aregoddo modde pag' ai, dukeggere ta modde
 missionario. Os Indios eles chegarão a nós, vós mostrareis
erdudda gi e modde akiroddo toriga boga-i, paru boga-i,
 as cousas; eles comprarão a faca desejando, o machado desejando,
aroia boga-i; e modde bottora maku tag' ai; ta modde tag'
 a fazenda desejando; eles seriva darão a vós; vós vos
addu ta modde maku ett' ai boe boga-i.
 vereis (que cousa) vós dareis a eles coisas desejando.

Koddi inn'ago inna; ta maragoddu pemegadda tuwóge.
 Porisso eu digo assim: vós trabalhai bem lá.

OUTRO FRAGMENTO

Koddi inn'ago inna tag'ai, ta duddo pobba paru kae, kare
 Por isso eu digo assim a vós, ide da agua à beira, aos peixes
ett'ai, ta-wo kare viddo, i ke-gge jau, ta-wo kare viddo
 a eles, vós para peixes matar, para minha comida logo, vós para peixes ma-
itt'ore e ke-gge, i ragumague e ke-gge
 tar, dos meus filhos para deles comida, dos meus netos para deles comida
jau. Itt'-ore aremme e-ttu modde trabaia ka
 logo. Minhas filhas mulheres elas irão ao trabalho
ta ia guegge, e-wo ia kuiadda parina boe,
 vós voltar antes elas para milho, farinha (de mandioca) coisa,
rapadura boe aru "t" ta gue-gge; tu бага "t", ta
 rapadura coisa tomar para vossa comida; elas esperarão a vós
woga-i; tu via paga tabo "t" ta guddu aregoddu
 esperando; seu ouvido pondó que o vosso grito chegue
modde du boga-i. Ta gaba ta via pagaddo, ta rugoddu-i kare-i dugi:
 esperando. Vós não vosso ouvido pondes, vós que pescais os peixes.
Tag' aregoddu tabo-re, xare ta maragoddu modde poguegge.
 Vós voltando então vós trabalhareis de novo.

QUINTA PARTE

Cantos Religiosos

OS *Orarimogo* tem numerosos cantos, cujo sentido se relaciona com o culto dos *aroe* “espíritos, almas dos mortos”. Realmente nos cantos se encontra uma contínua recordação das almas. Cantam-se durante a agonia de um índio, depois da morte e durante os funerais. Alguns desses cantos são executados antes da caça e da pesca sociais, e durante as representações em que se comemoram os *aroe*.

Cada clan tem os próprios cantos, cuja execução é dirigida por um membro do mesmo clan, podendo tomar parte índios de outro clan.

Eis um elenco :

<i>roia kurireu</i> , canto grande	do clan dos	<i>badogeba xebeguiugue</i>
<i>kiegue baregue</i> , aves e feras	” ” ”	” ” ”
<i>oieigo</i> (dois cantos) um é . . .	” ” ”	” ” ” ;
outro é	” ” ”	” ” <i>xobuguiugue</i>
<i>xibaiu tawadda</i>	” ” ”	” ” ”
<i>jure kia</i>	” ” ”	<i>bokodori exerae</i>
<i>aroe enn’oguari merigiu e boexogiu</i> . diurno e noturno	” ” ”	” ” ”
<i>marenaruie</i>	” ” ”	<i>araroe</i>
<i>jokurega</i> (três cantos) um é . . .	” ” ”	” ” ”
outro é	” ” ”	” ” <i>iwaguddudogue</i>
o terceiro é.	” ” ”	” ” <i>apiburegue</i>
<i>kobiadoddu</i>	” ” ”	” ” ”
<i>aiaieu</i>	” ” ”	” ” <i>iwaguddudogue</i>
<i>xobogeu</i>	” ” ”	” ” <i>pairwoe</i>
<i>tugaregue tawure tamoriddogeba</i> .	” ” ”	” ” <i>kie</i>
<i>enoguduiępa</i>	” ” ”	” ” ”
<i>aroe tuwoiga iroga</i>	” ” ”	” ” <i>bokodori exerae</i>
<i>roia mugureu merigiu</i>	” ” ”	” ” <i>badogeba xobuguiugue</i>
(canto de sentado diurno)		
<i>roia mugureu boexogiu</i>	” ” ”	” ” <i>badogeba xebeguiugue</i>
(canto de sentado noturno)		



Boróro enfeitado de penas e vestido de "toro", feito com palha de palmeira, toca o "bapo".

bure tawadda de todos
tugarexe " "
ieraro " "
roia umannareu, canto maior de todos,
 mas cada *clan* tem ur.a parte própria.

Alguns cantos os índios os executam assentados, outros de pé. Em uns estão imoveis, acompanhando outros com movimento rítmico do corpo, flexões de joelho e batida do calcanhar, se se acham de pé, ou inclinação do tronco, quando assentados. Os índios que dirigem o canto trazem aqueles ornamentos de que já falamos.

Os homens cantam em coro, mais ou menos numerosos, raramente um só e algumas vezes são acompanhados pelas mulheres. Nos cantos não fúnebres, empunhando o chefe do canto o *bapo rogu*, entoa cada verso acompanhado só pelas mulheres; depois os outros repetem. Nos cantos fúnebres, o chefe com *bapo kurireu*, entoa cada verso e os outros todos logo continuam.

Os homens cantam com voz forte baritonal, trêmula com sons destacados e monótonos, quasi em *recto tono*. Por exemplo :

Andante

a... a... o... o ba - co - ro - ro

cabaça dir. *f*

cabaça esq. *f*

Kae - re Kae re a re

Sõmente em poucas frases, das que notamos, a voz repete fórmulas onde há um intervalo de terça menor; eis um exemplos :

Vivo: movimento de valça

ma-re-na ru-ie
cabaça direita
cabaça esquerda

e-i go-ia

ma-i dod-

do get-tu-ia

re-ga ak'a-re e-ki-

ma-mo-mo-ma-re mo

E' frase de um canto muito longo, executado por um índio que traz na cabeça o *pariko*, "leque de penas de arara". Com o rosto triste e olhos semicerrados, agita-se em frente do índio, falecido no mesmo dia ou no dia antecedente.

O canto, no seu conjunto, é de uma tristeza tocante que produz viva comoção, ainda quando - na frase acima indicada - é assás vivo o ritmo do acompanhamento.

Andante. II

o - ie - i - go - ge - ve - do

cabaça dir.
cabaça esq.

ia - na - vo - ia - na - vo

Neste segundo exemplo, as mulheres cantam *legato* a melodia enquanto os homens, repetindo sempre a nota inicial, marcam fortemente o ritmo.

RITMO DOS CANTOS INDÍGENAS

Como se vê pelos exemplos citados, os cantos destes nossos indígenas podem-se comparar aos dos povos primitivos, pois falta-lhes completamente a melodia. Neles não há senão o ritmo binário ou ternário.

Estes dois ritmos muitas vezes são alternados em breve intervalo e mesmo em um só verso, como se nota neste do canto *roia kurireu* :

1º 2º

i - mi-re inn' a-gô kú ri-de-i ba-

Kó-ro-ro-a - ro - e - rod-do-ba. do

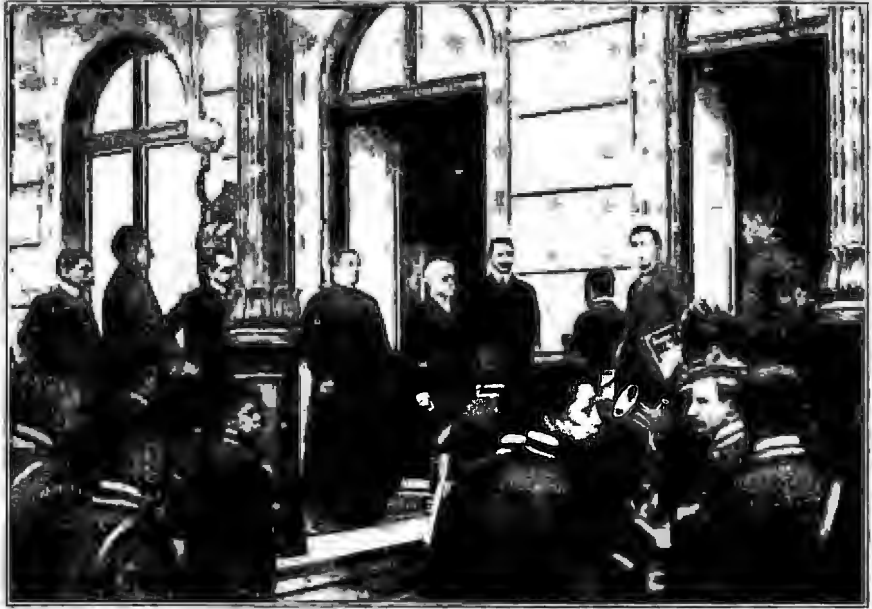
O ritmo dos cantos é notadamente acentuado pelo rumor ensurdecido das *bapo*, cabaças elipsoidais (tendo as dimensões $0,25 \times 0,13$ cm., mais ou menos), vazias, contendo apenas sementes duras e fragmentos de conchas. Virada a cabaça para cima, seguram-na por meio de um cabo de madeira, com 7 ou 10 cms. Sacudindo a cabaça, as sementes produzem um rumor áspero e surdo. Outras cabaças menores são denominadas *bapo-rogo*. Em outras ocasiões o acompanhamento pode ser feito com o *parira* “instrumento que imita a flauta”, com o *ika* do *Bakororo*, com o *panna* “instrumento de *Itubore*”, com o *poari*, cabacinha preparada em ocasião da morte de um parente, com o *ka* “tambor”, que se obtém esticando uma pele sobre um pilão (*kaia*).

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Embora os *boróros* possuam fortemente o senso do ritmo, contudo faltam por completo de instrumentos musicais.

Excluindo os “*bapo*”, de que já se falou, e o “*ka*”, tambor, os demais são de sopro, mas não possuem chaves e por isso se assemelham a businas de várias formas. — Os instrumentos usados são :

- 1.º) “*Bapo kurireu*” e 2.º) “*Bapo rogo*”, cuja descrição acabamos de fazer.
- 3.º) “*Panna*”. — É um instrumento formado de três ou quatro cabacinhas, um pouco achatadas, furadas em cima e em baixo e unidas por meio de cera. — Soprando de uma ou de outra extremidade indiferentemente, obtém-se um som cavernoso. —



Visita da banda de música dos Boróros ao Presidente da República, Cons^o. Afonso Pena, em 1908.

- 4.º) “*Ika*”. — E’ formado de dois canudos de madeira, um menor inserido em outro maior. — Numa extremidade do menor há um orificio lateral em que se sopra produzindo um som semelhante ao do “*panna*”. —
- 5.º) “*Arigao-bari*”. — E’ uma cabacinha furada nas duas extremidades; na superior introduzem um pequeno canudo que serve para assoprar, dando um som que imita o latido do cachorro, e daí o nome de “*arigao*”, i. é., cachorro.
- 6.º) “*Parira*”. — E’ um instrumento feito de bambú, em forma de flauta, mas sem chaves e que produz um leve assobio.
- 7.º) “*Poari*”. — Cabacinha furada nas extremidades, que leva na parte superior uma taquarinha com um corte longitudinal em forma de palheta para obter um som agudo.

NOTA. — Vejam-se os *clichés* dos “instrumentos musicais”, às págs. 136 e 154.

- 8.º) "*Ivoréboe*". — Instrumento feito de taquarinha de uns 15 cms. de comprimento, com um corte longitudinal para obter uma pequena palheta vibrante, que produz, ao soprar, um som agudo semelhante ao do "*poari*", porém mais claro.
- 9.º) "*Ka*". — Tambor. — Esticam um couro de qualquer animal, na ocasião de usá-lo, sobre um pilão e batem-no com duas varetas.

Todos os instrumentos podem levar os enfeites próprios do *clan* ao qual pertencem. — Apesar de tamanha pobreza musical, os *boróros* aprendem facilmente e gostam admiravelmente da nossa música, tanto instrumental como vocal. — Evidente prova disto deu-se com a banda de música composta de 21 meninos *boróros*, que o então Superior da Missão, Pe. Antonio Malan, levou ao Rio de Janeiro e S. Paulo em 1908.

O acompanhamento mais comum com o ritmo ternário é o seguinte :

Andante

ba-ko-ro-ro i-ro-ia to-

cabaça dir. 7/4

cabaça esq. 7/4

o ba-ko-ro-ro o i-ro-ia

to i-ro-ia to Kau

Com o ritmo binário o acompanhamento mais comum é o seguinte :

Andante

ba ko-ro ro o ba-
cabaça dir. $\frac{2}{8}$
cabaça esq. $\frac{2}{8}$

ko-ro-ro o a ak a-go
get-tu-ia a-ak a go get-tu
ia o-ro-a-ri-bo o
kwa-gi o a. a.

O RITMO DAS DANSAS

A cabaça, ou *bapo*, serve também para marcar o ritmo das dansas. Os que dansam, dispostos em uma ala, tem diante de si um índio que, em frente deles indica, com a flexão do corpo, dos braços e da cabeça, a direção que devem seguir no movimento imediato.

Quem dirige a dança sacode uma cabaça com a mão, e produz um ritmo determinado; em conformidade com esse ritmo, os bailarinos movem-se, e contemporaneamente fazem belos movimentos do tronco, da cabeça e dos braços.

Alguns movimentos da dança com o *manno* são executados com este ritmo :

Quasi bolero



EFEITOS DO RITMO SOBRE AS PALAVRAS DO CANTO

O ritmo causa necessariamente diferentes prolongamentos nas sílabas das palavras.

O ritmo causa :

1.º) A eliminação da acentuação tónica das palavras, pois no ritmo que resulta da *arsis* e da *thesis*, o único acento — o acento ritmico — cai sòmente na *thesis*; p. ex. : *bakororo aroe* é cantado como se fosse *bakó roró aroé*, enquanto que no falar comum é *bakoróro aróe*. Por causa disso, as palavras polissílabas parecem divididas em duas palavras.

2.º) Inserção de semi-vogais; p. ex. : *exeraie* em vez de *exerae*; *kaie* por *kae*; *wa*, *wo* em lugar de *a*, *o*,

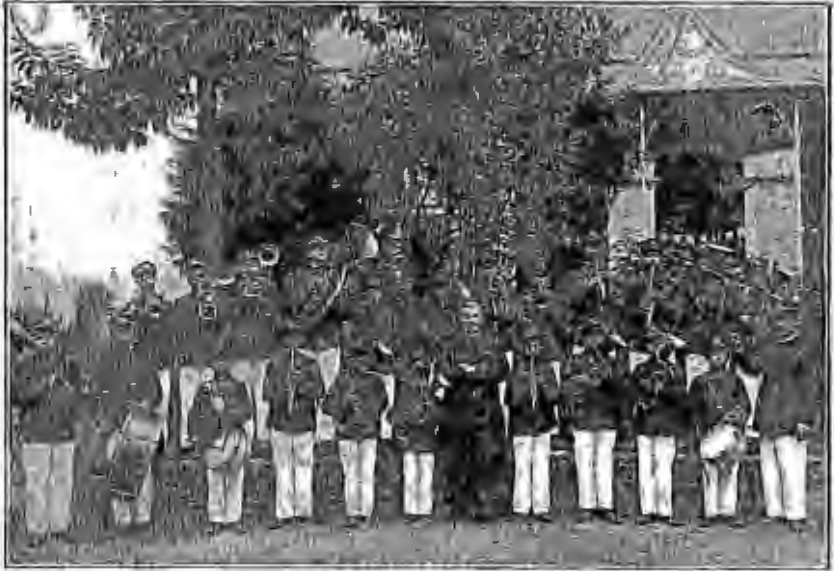
3.º) Repetições de vogais : *oieigo aturua itt'aregoddu* torna-se ; *oieigo-oo atu-u uu - rua-aaa itt'are-eee - goddu- uuu*. Muitas vezes a vogal repetida, está no meio da palavra : *oie - eigo xe gogo-o ddui puia - atoddo xedd'are-goddu* em lugar de *oieigo xe goddui puiatoddo xedd'are-goddu*.

4.º) Acréscimo de uma vogal inicial para igualar o número das sílabas em palavras correspondentes de versos semelhantes : em vez de *mariddoia getture o bakororo mariddoia getture*, dizem :

a-kaiia getture o bakororo a-kaiia getture, onde se ajunta um *a* à palavra *kaiia* para torná-la de quatro sílabas como *mariddoia*.

5.º) Repetições de partés de palavras; por *iku buttuddo riomare* cantam o *iku buttudo rio-rio-oma-oma-oma-re*. (1)

(1) Todas as vezes que nas lendas ou nos cantos em língua boróro, no meio ou no fim da palavra, se encontra uma letra MAIUSCULA, indica que na pronuncia ou no canto, aquela letra é muito prolongada. Por ex. : *koddure gl tori paru kae* = andou até ao pé do morro; aquele *gl* se pronuncia muito prolongado para indicar assim que a distancia era muito grande.



Banda de música Boróro que foi ao Rio de Janeiro em 1908.
No centro, o P. Antonio Malan.

A ESTRUTURA E A LÍNGUA DOS CANTOS

Os cantos são compostos de frases ou versos : são invocações, recordações, descrições, lendas curtas, que lembram a relação da vida do índio com os *aroe* desencarnados e com as várias vidas que os mesmos *aroe* vão percorrendo segundo o sistema de metempsicose destes selvagens.

O *aroe* mais frequentemente lembrado é o *Bakororo* (1) ; é por isso aos cantos dos *Orarimogo* e às representações dos seus *aroe* foi dado pelos civilizados o nome comum de “*bakururú*”, “fazer o *bakururú*”.

Vários versos sucessivos, que somente diferem por uma ou duas palavras, formam as estrofes, que estão ligadas entre si por um nexo lógico muitas vezes evidente, porem às vezes apenas perceptível ou fora do alcance dos nossos conhecimentos.

A língua usada nos cantos não é sempre a ordinária, pois muitas palavras são substituídas por outras, algumas das quais são formas antiquadas e já em desuso no linguajar comum e conservadas por

(1) Deve-se também notar que o nome *Bakororo* tem dois sentidos. Pode significar o lendário herói *Bakororo* ou a grandeza de uma cousa. Por ex. : *marugoddu bakororo*, *ororibo bakororo*, *aroweri bakororo*, nos quais *bakororo* significa “grande”, isto é : lagarta grande, rio grande, morro grande.

tradição nos cantos. Outras são palavras metafóricas por alusões religiosas frequentemente muito ocultas e ininteligíveis. Por isso objetos ordinários, ornamentos, animais, localidades, são indicados com nomes completamente diversos dos da língua comum. Por ex. : o tapir nunca é chamado *ki*, mas *mariddo*, *exerae*, etc. Este é um grave obstáculo que se opõe ao conhecimento perfeito e à tradução segura e exata dos cantos, tanto mais que a sua mentalidade religiosa é de todo diversa da nossa.

PRÁTICAS SUPERSTICIOSAS PARA APRENDER E RETER OS CANTOS

Todos os extensíssimos cantos com as numerosas e caprichosas repetições de versos e de partes de verso são conservados de geração em geração por meio da tradição oral. Os moços se empenham por aprender antes o texto com o seu significado recôndito, em seguida o ritmo e a modulação da voz e enfim o acompanhamento com duas cabaças (*bapo*). Por isso é muito comum o uso supersticioso de plantas consideradas capazes de ajudar a inteligência para aprender e recordar os cantos e tornar forte a voz para cantá-los. Por ex. : para aprender a cantar é suficiente carbonizar a raiz carnosa do *jureu*, um arbusto, e com o carvão sujar as orelhas. Para aprender e lembrar maravilhosamente os cantos e as lendas, basta mastigar as folhas de uma planta chamada *baxe ennoddo-re-u*, ou então introduzir no orifício do lobo auricular um galhinho do *jowe e erubbo*; para ter bela e vibrante a voz durante os cantos, engolem o succo das folhas do *ruo poroddogeba* ou senão do *nabure e jorubbo*.

O *bottobari* é o remedio específico para não cansar. A resina *kidduguru* unida ao pó de carvão da sua raiz, serve para traçar duas linhas pretas desde o conduto auditivo até quasi à metade do lábio superior : com isso os índios podem aprender, reter e cantar com toda a perfeição os seus contos.

Ukeiwaguuo chamava a esta planta *bokodori exerae e erubbo*, *eke roia epa* remedio, porque foram os Índios daquele clan que lhe descobriram as maravilhosas virtudes. Hoje em dia, porem, é usada por todos.

Os índios servem-se de outras hervas para se conservarem acordados durante os extensíssimos cantos que geralmente são cantados de noite.

E' bastante assistir a um canto deles para se compenetrar com que profundo sentimento religioso é executado. O indio que canta toma um semblante sério, fica com os olhos baixos ou fechados e um porte austero e religioso em todo corpo. Parece que o mundo ao seu redor desapareceu : não o afastam do seu ato religioso nem as vozes e os gritos dos que assistem.

A primeira vez que se assiste a tal espetáculo, esquecem-se as vozes desagradáveis, o modo singular de acompanhamento com as duas cabças ensurdecedoras, os requebros do corpo que às vezes são tão ridículos. O sorriso logo desaparece dos lábios e fica-se vivamente convencido da sinceridade e do profundo sentimento religioso que une os índios às suas tradições.

DIVISÃO DOS CANTOS

Dividiremos os cantos em dois grupos :

1.º Grupo - *Cantos para a caça e a pesca social.*

2.º Grupo - *Cantos para os funerais.*

Entretanto também os primeiros são cantados em especiais momentos durante determinadas cerimônias dos funerais. Além disso, tem de comum com os segundos o conteúdo animístico. Contudo justifica-se a divisão pelo assunto que forma a matéria dos primeiros:

1.º GRUPO

OS CANTOS PARA A CAÇA E PARA A PESCA

No dia seguinte ao da morte do índio, ou quando os índios desejam fazer uma caçada coletiva, que tem o fim religioso de matar feras como *mori*, um jovem pede aos dois *baadageba* a permissão para iniciar o canto da caça. O *baadageba xobuguiu* determina a caça e o *xebeguiu* marca a refeição comum segundo as fórmulas tradicionais já em uso no tempo do *Bakorokuddu* e de *Akaruio bokodori*.

Eis a narração do que fazem :

Oe e-ttu-i kie, adugo, aigo,
Os Índios (desejam) eles ir para a anta, (para) o jaguar, para o puma,
kiegue beregue e iameddu ai dukegge, ia ipareddo tu
(para) aves e para feras elas todas quando, um jovem sua
guera bu baaddageba ao bukegge, mako modde: - i ieddoga,
mão põe do *baaddageba* (superior) cabelos sobre, dirá: Meu avó,
aroe e tanago to ki-gi, to jugo-gi, to buke-gi,
as almas elas desejam o seu tapir, o seu caietú, o seu tamanduá,
to bokodori-gi, to adugo-gi, to aigo-gi, to aipobureu-gi, to
o seu tatú grande, sua onça, seu puma, sua jaguatirica, sua
apu-gi to mea-gi, to juko-gi, to pae-gi, to kuddobo-gi,
paca, sua cotia, seu macaco, seu bugio, seu coatí, no
tori-morora pera kegge-u, pa-ga kuri-re-u-tto; tu gue
tori-morora-perakegge-u, e no pa-ga-kuri-re-u dele alimento (seja)

kuiadda toru, kuiadda amire-u, kuiadda kuru paru tabo. Xare baad-
de milho o pão, de milho o bolo, de milho-o líquido ao início. Então o

dageba ako modde:— inno ki, inno jugo, inno buke
baaddageba (superior) dirá: O meu tapir, o meu caitetú, o meu tamandúá,
inno bokodori, inno adugo, inno aigo, inno aipobureu,
o meu tatú grande, a minha onça, o meu puma, a minha jaguatirica,
inno apu, inno mea, inno juko, inno pae, inno kuddobo-gi-re,
a minha paca, a minha cotia, o meu macaco, o meu bugio, o meu coatí,
ta-re aroe e tanago tori-morora pera kegge-u, pa-ga kuri-re-u-tto.
vós as almas eles ganhái no *tori-morora-pera-kegge-u*, e no *paga-kuri-re-u*.

— *u, u, u,* (respondem os homens em coro).

— Sim, sim, sim, (respondem os homens em coro).

— *Ta gue kuiadda toru, kuiadda amireu, kuiadda kuru*

Vossa comida (seja) do milho o pão, do milho o bolo, do milho o líquido no
paru tabo. *Baaddageba mako modde:*
início (da caça). O *baaddageba* dirá:

— *E eddo nonna tori-re; -mattto baa-tto.*

Eles (animais) estão lá (na) colina; (trazei-os) aquí, na aldeia.

— *u, u, u.*

Sim, sim, sim.

Xare ia ipareddo u modde bapo rogo reko aroettawaraare ai; ako

Então um jovem as cabaças levará ao *aroettawaraare*: dirá:

modde: a vabo rogo-re-u.

O teu *bapo* pequeno.

Xare aroettawaraare modde tu gue mé rogo ottogetta, xare u-

Então o *aroettawaraare* seu alimento cigarro pequeno acenderá, então ele
ttu modde tu vabo rogo tabo, ipareddo rekoddagi, baimanagueggeu-
irá com seu *bapo* pequeno, ao jovem atrás, ao *baimanagueggeu*
tto, tu ragoddu-wo kie paru-xe.
para eles cantarem o *kie paru*.

Por este texto se vê que é ofício do *aroettawaraare* dirigir o canto (ao menos o primeiro); durante a noite ele improvisa alguns cantos que os índios repetem.

Os que precedem a caça, ocupam quase toda a noite e são numerosos; podemos apresentar alguns:

1) *Baregue paru* “dos animais início”, isto é, canto no começo da caça dos animais.

2) *Roia baregue paru* — outro canto no começo das caçadas.

3) Fragmento de um canto *kiegue baregue*.

4) *Adugo keggeu* — canto sobre a onça morta.

5) *Kare paru* — canto no começo da pesca.

BAREGUE PARU. — CANTO INICIAL DA CAÇA

Estrofe 1.^a

(orewaka)	(gugu gu)	(xevure aio paddure tabou)
(" ")	(" ")	(xe dori " ")
(" ")	(" ")	(xe bovona " ")
(" ")	(" ")	(xe dugo " ")
(" ")	(" ")	(xe woiga " ")
(" ")	(" ")	(xe guie " ")
(" ")	(" ")	(xe voro " ")

Estrofe 2.^a

(jure roga ottodure)	(oi bakororo,	aro ipare)
(" " ")	(" " ak'adugo	" ")
(" " ")	(" " ak'enau	" ")
(" " ")	(" " a rugu	" ")
(" " ")	(" " ak'aguiriri	" ")
(" " ")	(" " ak'oiaga	" ")
(" " ")	(" " a ika	" ")

Estrofe 3.^a

ii ii (mariddo imire ii)
 ,, ,, (aturua mariddo imire ii)

Estrofe 4.^a

ii ii (ika xeddo	mariddo ill'ae	ii ii (mariddo imire)	ii ii
" " (" " aturua	" " " "	" " (aturua mariddo imi-	re) ii ii
" " (" " kurio	" " " "	" " (kurio mariddo imi-	reu) ii ii
" " (" " ikaiare	" " " "	" " (ikaiare mariddo imi-	re) ii ii
" " (" " ika bororo	" " " "	" " (ika bororo mariddo	imire) ii ii
" " (" " pureaiwu	" " " "	" " (pureaiwu mariddo	imire) ii ii
" " (" " pumegiu	" " " "	" " (pumegiu mariddo	imire) ii ii

NOTA. — Nos cantos o parêntesis (-) indica que a parte do verso deve ser repetida duas vezes.

ii ii (ika xeddo puiatou mariddo itt'aie ii ii (puiatou mariddo
imire) ii ii
„ „ („ „ orokuddu „ „ „ „ (orokuddu mariddo
imire) ii ii
„ „ („ „ iroiare „ „ „ „ (iroiare mariddo imi-
re) ii ii

Estrofe 5.^a

<i>(mariddo imire)</i>	<i>inago</i>	<i>getture</i>	<i>arove</i>	<i>eiga</i>	<i>tadda</i>	<i>(mariddo imire)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>exeraie</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>okogue</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>xibae</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>arove ekuic</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„ evoro</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„ etugo</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>
<i>(„ „)</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>ciaruru</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>(„ „)</i>

Estrofe 6.^a

<i>itagaruddo</i>	<i>ireai</i>	<i>arove</i>	<i>aieie</i>	<i>iture</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>atugo</i>	<i>kaiere iture</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>enawu</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>urugu</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>akiri</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>oiaga</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>ukuie</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>uworo</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>ukiga</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>utugo</i>	<i>„ „</i>
<i>„</i>	<i>„</i>	<i>„</i>	<i>uwoiga</i>	<i>„ „</i>

Estrofe 7.^a

<i>(ta guic ako gettuia)</i>	<i>iturabo</i>	<i>tadda a</i>	<i>(três vezes)</i>
<i>(„ „ „ „)</i>	<i>ivokia</i>	<i>„ „</i>	<i>„</i>
<i>(„ „ „ „)</i>	<i>aroweri</i>	<i>„ „</i>	<i>„</i>
<i>(„ „ „ „)</i>	<i>noaguru</i>	<i>„ „</i>	<i>„</i>
<i>(„ „ „ „)</i>	<i>mariguru</i>	<i>„ „</i>	<i>„</i>
<i>(„ „ „ „)</i>	<i>jureiawo</i>	<i>„ „</i>	<i>„</i>

Estrofe 8.^o

<i>(akeddo okogue</i>	<i>ika peragi i vuguegge)</i>	<i>(iturabo</i>	<i>kaea itture)</i>
<i>(„ meririka</i>	<i>„ „ „ „)</i>	<i>(aroweri</i>	<i>kaea itture)</i>
<i>(„ okogue</i>	<i>ika „ „ „)</i>	<i>(ivokia</i>	<i>kaea itture)</i>

(*akeddo ika enawio ikà pèragi i vuguegge*) (*ottowaia kaeà ittùrè*)
 (" boro ika " " ") (*noaguru kaea ittùrè*)
 (" ikaio kuogùreu " " ") (*mariguru kaea ittùrè*)

Estrofe 9.^a

Xibae xibae iturabo kaieia
 " " *ivokia* " "
 " " *aroweri* " "
 " " *noaguru* " "
 " " *ottowaia* " "
 " " *mariguru* " "

Estrofe 10.^a

exibae eregodduia noa noa aturua mariddore tudduiago kae kae (bis)
 " " " " *kurio* " " " " "
 " " " " *ikaiare* " " " " "
 " " " " *ikabakororo* " " " " "
 " " " " *pureaiwu* " " " " "
 " " " " *pumegiu* " " " " "
 " " " " *puiatou* " " " " "
 " " " " *orokuddu* " " " " "
 " " " " *iroiare* " " " " "

Estrofe 11.^a

(*mariddo tadoguire jure i rakogere tawuru tadda*)
 (" " " " " " *atugo tadda*)
 (" " " " " " *enau* ")
 (" " " " " " *urugu* ")
 (" " " " " " *ekuio* ")

Estrofe 12.^a

(*jurea koddure*) (*aibo parugi*)
 (" ") (" *oiagui*)
 (" ") (" *ottogi*)
 (" ") (" *aiogi*)

Estrofe 13.^a

eeddaro oo akore ere ere xere ai ii (duas vezes)
 " *aroia aa* " " " " " " "
 " *jakomea aa* " " " " " " "
 " *mariddo oo* " " " " " " "
 " *kugibo* " " " " " " "
 " *butore ee* " " " " " " "

Eŝtrofe 14.^a

<i>irori pigire mariddo jaruru (aregoddure)</i>	<i>(gugu gugu gu)</i>
” ” ” <i>ewure jaruru (aregoddure)</i>	<i>(gugu gugu gu)</i>
” ” ” <i>ett'obo reru</i>	(” ” ”)
” ” ” <i>e poru reru</i>	(” ” ”)
” ” ” <i>e ia reru</i>	(” ” ”)
” ” ” <i>e kerā jaruru</i>	(” ” ”)
” ” ” <i>ett'aio reru</i>	(” ” ”)

Estrofe 15.^a

<i>(ika akoddo)</i>	<i>(mariddo ewure meriri)</i>
(” ”)	(” ett'obore ittobo)
(” ”)	(” e porure oiareu)
(” ”)	(” e kerare meriri)
(” ”)	(” e para re toro)
(” ”)	(” e uare bakoro aruio)
(” ”)	(” ennoquare butore)

Estrofe 16.^a

<i>(awodoro ika bure tugu ak'ai)</i>	<i>(panna bakororo)</i>
<i>(kuogureu ika</i>	” ” ”) <i>(butorori)</i>
<i>(boro ika</i>	” ” ”) <i>(utaboio)</i>
<i>(aroweri ika</i>	” ” ”) <i>(aiadugoio)</i>
<i>(iwagudduio ika</i>	” ” ”) <i>(kurio mariddo)</i>
<i>(meriri ika</i>	” ” ”) <i>(mariddo urugureu)</i>
<i>(kuddoro ika</i>	” ” ”) <i>(jure ruko)</i>

Estrofe 17.^a

<i>(panna bakororo</i>	<i>arove)</i>	<i>(atture matto)</i>
<i>(butori</i>	”)	(” ”)
<i>(utaboio</i>	”)	(” ”)
<i>(aiadugoio</i>	”)	(” ”)
<i>(aturaruio</i>	”)	(” ”)
<i>(mariddo urugureu</i>	”)	(” ”)
<i>(baragaduio</i>	”)	(” ”)
<i>(onavuio</i>	”)	(” ”)
<i>(akuruie</i>	”)	(” ”)
<i>(bakoro iabaxoio</i>	”)	(” ”)
<i>(upari kigadduie</i>	”)	(” ”)
<i>(oiaga iru</i>	”)	(” ”)
<i>(bakoro wabo guio</i>	”)	(” ”)
<i>(iga ako</i>	”)	(” ”)

(butorekia	arove)	(atture matto)
(jakomea kuio	„)	(„ „)
(ureaiagairu	„)	(„ „)
(jakomea bari	„)	(„ „)
(boroiare	„)	(„ „)
(kurugugue ettu manna	„)	(„ „)

Estrofe 18.^a

(iturabo otto gagegeu atugore)	(arove evoiga)
(„ „ „ enaure)	(„ „)
(„ „ „ urugure)	(„ „)
(„ „ „ akirire)	(„ „)
(„ „ „ aiagare)	(„ „)
(„ „ „ ukigare)	(„ „)

Estrofe 19.^a

(ako jure koddure matt)	(panna bakororo)
(„ „ „ „)	(buturori)
(„ „ „ „)	(utabio)
(„ „ „ „)	(aiadugio)
(„ „ „ „)	(aturaruio)
(„ „ „ „)	(mariddo urugureu)
(„ „ „ „)	(baragadduio)
(„ „ „ „)	(onavuio)
(„ „ „ „)	(akuruie)
(„ „ „ „)	(bakaxoro iaboio)
(„ „ „ „)	(upari kigadduie)
(„ „ „ „)	(oiaga iru)
(„ „ „ „)	(bakoro waboguo)
(„ „ „ „)	(iak ako)
(„ „ „ „)	(butorekia)
(„ „ „ „)	(jakomea kuio)
(„ „ „ „)	(ureaigairu)
(„ „ „ „)	(jakomea bari)
(„ „ „ „)	(boro iare)
(„ „ „ „)	(kurugugoe ettu manna))

Estrofe 20.^a

iturabo tadda	a kera kuddoro	motture ai	(duas vezes)
„ „	a kuddu kuogo	„ „	„
„ „	a kera kuogo	„ „	„
„ „	a kuddu iwordo	„ „	„

iturabo tadda ak'ogua jaruru motture ai (duas vezes)
 " " *ak'aio goi* " " "
 " " *a ruo kujagu* " " "

Estrofe 21.^a

iturabo tadda aroia motture ai (duas vezes)
 " " *aia roia* " " "
 " " *a vure meriri* " " "
 " " *ak'obo butobo* " " "
 " " *a kera meriri* " " "
 " " *a wuia ruxi* " " "
 " " *ak'ogua xoio* " " "
 " " *a parigogoraio* " " "
 " " *a kuddu iwooro* " " "
 " " *ak'ogua jaruru* " " "
 " " *a ruo kujagu* " " "

Estrofe 22.^a

oieigo mariddo (ittaregoddu u)
 " *aturua* " (" u)
 " *kurio* " (")
 " *ikaiare* " (")
 " *ika bakororo* " (")
 " *pureaiwu* " (")
 " *pumegiu* " (")
 " *puiatou* " (")
 " *orokuddu* " (")
 " *iroiare* " (")

Estrofe 23.^a

i ieddoga bakororo ri mariddo akaie (duas vezes)
 " " *oroaribo* " " " "
 " " *aturua* " " " "
 " " *xibaeari* " " " "
 " " *kurugugari* " " " "

Estrofe 24.^a

(*i kaia atugore*) (*aroiaxeo tabo ia atture*)
 (" " ") (*ke xeo* " " ")
 (" " ") (*itobo xeo* " " ")
 (" " ") (*meriri xeo* " " ")
 (" " ") (*toro xeo* " " ")
 (" " ") (*aiaga xeo* " " ")

Estrofe 25.^a

(mariddoroddo)	(u pogoga	iku	buttore	kuri	okeagi	bure	otto	kaeu
(" "))u kurugugoe	"	"	kuri	okeagi	bure	otto	kaeu
(" ")	(u vagugumoe	"	"	kuri	okeagi	bure	otto	kaeu

Estrofe 26.^a

(mariddoroddo)	(immore	kune	equiri	xeu	mariddoroddo)
(" ")	(" "	ore	equiri	"	")
(" ")	(" "	kidde	equiri	"	")

Estrofe 27.^a

Arovere	okogore	uruguo	parugi	(duas vezes)
"	xibaiera	"	"	"
"	batareu	"	"	"
"	ikuiera	"	"	"
"	merirere	"	"	"
"	butoroere	"	"	"

Estrofe 28.^a

(noa tadda	xenn'ogua	metture)	(noa tadda,	noa tadda)
(" "	xeddaio	")	(" "	" " " ")
(" "	xe via	")	(" "	" " " ")
(" "	xe guera	")	(" "	" " " ")
(" "	xe boru	")	(" "	" " " ")
(" "	xeddo	")	(" "	" " " ")
(" "	xevure	")	(" "	" " " ")

Estrofe 29.^a

(exeraie	ett'aio	roi	roi	noa tadda)	(noa tadda)
(" "	enn'ogua	"	"	" ")	(" ")
(" "	e via	"	"	" ")	(" ")
(" "	e kera	"	"	" ")	(" ")
(" "	eporu	"	"	" ")	(" ")
(" "	ett'obo	"	"	" ")	(" ")
(" "	e vure	"	"	" ")	(" ")

Estrofe 30.^a

(mariddo	okua	tou	noa	noa	noa)	(noa	noa	noa)
(" "	okua	xoio	"	"	" ")	(" "	" "	")
(" "	ett'aio	"	"	" ")	(" "	" "	")	

(<i>mariddo e via</i>	<i>noa noa noa noa</i>)	(<i>noa noa noa</i>)
(„ <i>e kera</i>	„ „ „ „)	(„ „ „)
(„ <i>e poru</i>	„ „ „ „)	(„ „ „)
(„ <i>ett'obo</i>	„ „ „ „)	(„ „ „)
(„ <i>e wure</i>	„ „ „ „)	(„ „ „)

Estrofe 31.^a

<i>ere meriddo</i>	<i>puddumi</i>	(duas vezes)
„ <i>ariddo</i>	„	„
„ <i>aiddo</i>	„	„
„ <i>aiguioddo</i>	„	„
„ <i>awagadoriddo</i>	„	„
„ <i>kurugugaddo</i>	„	„
„ <i>aroexebaddo</i>	„	„
„ <i>birimoddoddo</i>	„	„

Estrofe 32.^a

<i>mariddo</i>	<i>jakomema jakomema</i>
„ <i>enn'ogua</i>	„ „
„ <i>ett'aio</i>	„ „
„ <i>e via</i>	„ „
„ <i>e kera</i>	„ „
„ <i>e poru</i>	„ „
„ <i>ett'obo</i>	„ „
„ <i>e vure</i>	„ „

Estrofe 33.^a

<i>mariddo</i>	<i>oiaga</i>	<i>jakomema jakomema</i>
„ „	<i>kurugugoe</i>	„ „
„ „	<i>wagugumoe</i>	„ „
„ „	<i>parigogo</i>	„ „
„ „	<i>iagomema</i>	„ „
„ „	<i>noagore</i>	„ „
„ „	<i>vudduwure</i>	„ „

Estrofe 34.^a

<i>jureddo</i>	<i>eveo</i>	<i>u iaroia</i>	<i>kaie</i>	(duas vezes)
„ „	„	<i>vure japudduga</i>	„	„
„ „	„	<i>o pobulobo</i>	„	„
„ „	„	<i>u iera japudduga</i>	„	„
„ „	„	<i>paratoro</i>	„	„
„ „	„	<i>uvia rixi</i>	„	„
„ „	„	<i>uaitorito</i>	„	„

Estrofe 35.^a

<i>mariddo</i>	<i>enn'ogiore</i>	<i>jure</i>	<i>kodda</i>	<i>oiaddo</i>	(duas vezes)
„	„	<i>aige</i>	„	„	„
„	„	<i>manno</i>	„	„	„
„	„	<i>tu vure</i>	<i>meriri</i>	<i>bukegge</i>	„
„	„	<i>tu guera</i>	„	„	„
„	„	<i>jakomea</i>	<i>urugu</i>	<i>oiaddo</i>	„

Estrofe 36.^a

<i>Xedoro</i>	<i>re</i>	<i>e</i>	<i>iturabo</i>	<i>o</i>
„	„	„	<i>ivokia</i>	<i>a</i>
„	„	„	<i>aroweri</i>	<i>i</i>
„	„	„	<i>otovaio</i>	<i>o</i>
„	„	„	<i>mariguru</i>	<i>u</i>
„	„	„	<i>jureiavo</i>	<i>o</i>
„	„	„	<i>noaguru</i>	<i>u</i>

Estrofe 37.^a

matto buke itt'aie i paddure manna i paru
matto apogo itaie i mugure tara i tadda
matto geriguigui itaie i paddure kaiddo paru
matto okuaru i mugure koiwo paru
matto jugodogue xeddaie xe icddure mariddoguru gipa bukegge

Estrofe 38.^a

<i>xe</i>	<i>dugo</i>	<i>okogue</i>	<i>reu</i>	<i>exeraie</i>	<i>exeraie</i>
„	„	<i>kuogoreu</i>	„	„	„
„	„	<i>xibaiu</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>kuruguga</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>bakumuga</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>aruxeba</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>aiguio</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>ewagadori</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>birimoddureu</i>	„	„	„
„	„	<i>ewoie</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>kugowara</i>	<i>reu</i>	„	„
„	„	<i>kugowabeo</i>	<i>reu</i>	„	„

Estrofe 39.^a

<i>xewo</i>	<i>bakororo</i>	<i>xe</i>	<i>dugo</i>	<i>kuruguga</i>	<i>rekodduddo</i>	(duas vezes)
"	"	"	"	<i>bakuguma</i>	"	"
"	"	"	"	<i>aruxeba</i>	"	"
"	"	"	"	<i>botoroa</i>	"	"
"	"	"	"	<i>aiguio</i>	"	"
"	"	"	"	<i>awagadori</i>	"	"
"	"	"	"	<i>birimoddo</i>	"	"
"	"	"	"	<i>kugowarare</i>	"	"
"	"	"	"	<i>kugowabeo</i>	"	"

Estrofe 40.^a

<i>iturabore</i>	<i>mariddo</i>	<i>e vororo</i>	<i>emma</i>	<i>emma</i>
<i>ivokiare</i>	<i>aturua</i>	<i>mariddo</i>	<i>e vororo</i>	<i>emma emma</i>
<i>arowerire</i>	<i>kurio</i>	"	"	"
<i>noagurure</i>	<i>ikaiare</i>	"	"	"
<i>otowaiare</i>	<i>orokuddu</i>	"	"	"
<i>jureiavore</i>	<i>panna</i>	<i>bakororo</i>	"	"
<i>iparorore</i>	<i>onavuo</i>	"	"	"
<i>marigurure</i>	<i>jureruko</i>	"	"	"

Estrofe 41.^a

<i>mariddo</i>	<i>itt'aie</i>	(<i>i kuruguga</i>)
"	"	(<i>i vaguguma</i>)
"	"	(<i>i paxigogo</i>)
"	"	(<i>i iagomema</i>)
"	"	(<i>i noagoro</i>)
"	"	(<i>i vodovure</i>)

CANTO INICIAL DA CAÇA

Estrofe 1.^a

Com o pé com o qual iremos alegrai-vos. Com a perna com a qual iremos alegrai-vos. Com nossa coxa, nossa flecha, nosso arco, nosso colar, nosso enfeite com o qual iremos, alegrai-vos.

Estrofe 2.^a

Eis que chega o caminho, ó *bacororo*! Dá tua pintura de preto, de enfeite de penas, de cor vermelha, de tua penugem branca, das caudas de arara e o teu chifre.

Estrofe 3.^a

Sou eu anta, ih! Sou anta grande, ih!

Estrofe 4.^a

Sou anta, trouxe o *ika* para a anta, para mim. Sou anta alta, trouxe o *ika* para anta alta, para mim. Sou anta grande; sou anta comprida; sou anta redonda; somos antas que vão uma atrás de outra; somos antas que andam em fila; somos antas que se encontram; sou anta femea; sou anta filhote, trouxe o *ika* para a anta, para mim.

Estrofe 5.^a

Sou anta que chora nos arcos dos *aroe*. Sou anta que chora nos arcos dos *exerae*; nos arcos dos *okogue*; nos arcos dos *xibae*; nos colares dos *aroe*; nos enfeites dos *aroe*; nas flechas e dentro do seu barulho (dos *aroe*).

Estrofe 6.^a

Gritai atrás de mim porque vou na direção do *aroe*; vou na direção de sua pintura; vou na direção do seu arco (este é o último verso) etc.

Estrofe 7.^a

Tocai vossos *poari* na mata; tocai vossos *poari* no taquaral; nos montes; no lambedor; no capim da mata; na cabeceira; no córrego.

Estrofe 8.^a

Segura no arco *xibae ika* atrás de mim, porque estou indo para a mata. Segura no arco *okogue-ika* atrás de mim porque vou no taquaral. Segura no arco *meriri-ika* atrás de mim porque vou no morro. Segura no arco *ika-enawuio-ika* atrás de mim, porque vou no capim da mata. Segura o arco *boro-ika* atrás de mim porque vou no lambedor. Segura o arco *ika-aiokuogoreu* atrás de mim porque vou na cabeceira.

Estrofe 9.^a

O' araras, é para as matas; é para o taquaral; é para os morros; é para o lambedor; é para o capim da mata; é para a cabeceira!

Estrofe 10.^a

No lambedor das araras já vai a anta por lá ; a anta alta já vai por lá ; anta grande ; anta comprida ; anta redonda ; duas antas uma atrás de outra ; antas que vão de lado ; antas que se encontram ; anta fêmea ; anta filhote, já vai por lá.

Estrofe 11.^a

Adiante das antas há uma árvore dentro de sua fruta (carregada de frutas) ; dentro de sua fruta pintada ; de seu enfeite ; de seu vermelho e de seu amarelo.

Estrofe 12.^a

O caminho passa no principio da mata ; no meio ; na beira e por cima da mata.

Estrofe 13.^a

NOTA. — Esta estrofe é tirada de um jogo do *aroeguboro*, no qual um *iwagudu doguedo* representa o filhote de anta e seguindo atrás do pai e da mãe tocava o *poari* fazendo : *Ere, ere, ere* . . .

O nosso filhote *aróia, jakumea, mariddo, kugibo, butore* diz : *Ere, ere, ere*

Estrofe 14.^a

Do morro vem descendo o barulho da anta, alegrai-vos. Do morro vem descendo o barulho do pé da anta ; a dança da coxa da anta ; a dança das costas da anta ; a dança do seu corpo ; o barulho de sua mão ; a dança de sua cabeça, alegrai-vos.

Estrofe 15.^a

Tocai a busina do *ika*, pois que a anta tem o pé de metal ; pois que a anta tem suas coxas com enfeite de *itobu* ; a anta tem suas costas de *oiareu* ; a anta suas mãos de metal ; tem seu peito com enfeite de *toro* ; tem sua orelhas como folhas ; tem sua boca como *butore* (enfeite).

Estrofe 16.^a

O' tamanduá-bandeira, afirma-te com o arco *avodoro-ika* debaixo de ti ; ó cágado, afirma-te com o arco *kuogoreu-ika*. Canastra (tatú), afirma-te com o arco *boro-ika* ; onça pintada, afirma-te com o arco *aroveri-ika* ; anta maior, afirma-te com o arco *iwagudduio-ika* ; ó veado, afirma-te com o arco de metal *meriri-ika* ; ó queixada, afirmai-vos com o arco *kuddoro-ika*.

Estrofe 17.^a

Vem para cá, tamanduá-bandeira ; vem para cá, cágado ; tatú canastra ; onça pintada ; veado ; lobinho ; ema ; macacos ; bugios ; quatís ; mutum ; jaó ; nam-bú ; cotia ; tatú liso ; tatú peludo ; *tuogu* (grande lagarto do cerrado) . .

Estrofe 18.^a

Dentro da mata está pintada, à espera do arco, das armas. Está enfeitada com seu enfeite de penas, etc.

Estrofe 19.^a

Seu caminho vem para cá, tamanduá-bandeira. Seu caminho vem para cá, cágado. E assim continua com os nomes dos bichos como na estrofe 17.^a

Estrofe 20.^a

Dentro da mata tu tens as patas dianteiras pretas, bonitas ; tens a fronte amarela como a flor do paratudo na mata ; tens as patas amarelas como a flor do paratudo ; tens o pelo levantado na testa ; tens a voz grossa ; tens o cabelo engrovinhado, tens o papo vermelho.

NOTA. — O primeiro se refere ao bandeira, o segundo ao cágado, o terceiro a outro cágado, o quarto ao macaco, o quinto ao bugio, o sexto ao mutum, o setimo ao jacú.

Estrofe 21.^a

O que você faz na mata é bonito ; você tem seu mastigar bonito na mata ; você tem as patas detrás de metal ; você tem trazeiro pelo engrovinhado ; você tem as patas de diante de metal ; tem sua orelha pequena ; tem a boca preta ; tem um enfeite comprido sobre a cabeça. (Até aqui refere-se à anta). Você tem a fronte (pelo) levantada (macaco). Você tem o barulho na boca (mutum) ; você tem o papo vermelho (jacú).

Estrofe 22.^a

Alegrai-vos, anta sou, estou chegando ; alegrai-vos, anta alta sou, estou chegando ; alegrai-vos, anta grande, anta comprida, anta redonda, duas antas, duas antas que vão de lado, antas que se encontram, anta fêmea e anta filhote, estou chegando.

Estrofe 23.^a

Meu avô morro grande, vou caçar anta em ti ; meu avô rio grande do morro, vou caçar anta em ti ; morro grande do morro, morro grande do ninho das araras, morro grande do ninho dos gaviões, vou caçar anta em ti.

Estrofe 24.^a

O teu pilão (a cabeça da anta) está pintado, pois que vais com pano preto ; o teu pilão está pintado, pois que andas com *ke* preto (enfeite) ; andas com metal preto ; andas com o *toro* preto (enfeite) ; andas com penas pretas de cauda das aves.

Estrofe 25.^a

Anta fêmea, o cordão (veia) de tua cuia (boca) vai sobre a tua barriga até nos pés detrás ; o cordão dos teus enfeites de gavião vai na barriga até nos pés detrás, etc.

Estrofe 26.^a

Anta fêmea, tu tens por teu enfeite penugens de papagaios e periquitos.

Estrofe 27.^a

As almas são (belas) como o doirado (peixe) na beira do fogo ; como as araras vermelhas, como o passarinho "joão pinto" (*balarere*) ; como os tucaninhos ; como as marrecas ; como os gaviõesinhos.

Estrofe 28.^a

Nós estamos com a boca no lambedor ;, nossas cabeças no lambedor ; nossas orelhas, nossas patas de diante, nossos lombos, nossos pés no lambedor.

Estrofe 29.^a

Veja como a cabeça dos bichos está mexendo no lambedor ; como suas bocas, suas orelhas, suas mãos, suas costas e seus pés estão mexendo no lambedor.

Estrofe 30.^a

A lama do lambedor que está na boca da anta, na boca preta, na cabeça, na orelha, na mão, nas costas, nos pés.

Estrofe 31.^a

Eles (os *aroe*) se fizeram sol, lua, onça pintada, onça parda, jaguatirica, gavião, aguia do Brasil, de *birimoddo*. (NOTA) quer dizer que os caçadores se fizeram valentes como o sol, a lua, a onça, etc.

Estrofe 32.^a

Anta vermelha, anta de boca vermelha, anta de cabeça vermelha, de orelha vermelha, de mãos vermelhas, de costas vermelhas, de pés vermelhos.

Estrofe 33.^a

Anta de rabo vermelho, anta de enfeite de *kuruguga* vermelho, anta de enfeite de *bacuguma* vermelho, anta de enfeite de *parigogo* vermelho, etc.

Estrofe 34.^a

Vamos para saber onde estão os rastos dos pés anteriores e posteriores em forma de pente ; o pescoço ornado com folha seca, as orelhas grandes, a cabeça com o pelo eriçado.

Estrofe 35.^a

A anta caiu no meio do caminho estreito ; a anta caiu no meio do caminho um pouco mais largo, no seu pé de metal, na sua mão de metal, no meio do seu sangue.

Estrofe 36.^a

Temos por filhote a mata, o taquaral, a pedra, o capim da mata, a cabeceira, o córrego, o lambedor.

Estrofe 37.^a

(Vem) Aquí, ó tamanduá, para mim, eu estou da árvore *manna* aos pés. Aquí, ó tamanduá, eu estou da árvore *tara* dentro. Aquí, ó tartaruga, para mim estou da palmeira caído aos pés. Aquí, ó tatú, estou dum cupim sobre. Aquí, ó caititú, para nós, nos estamos do bosque de burití na margem.

Estrofe 38.^a

Homens, a nossa flecha da forma de *okogue* (peixe doirado), da forma da flor *kuogo* (paratudo), etc.

Estrofe 39.^a

O nosso pai foi com a nossa flecha *kuruguga* ; nosso pai foi com a nossa flecha *bakuguma*, etc.

Estrofe 40.^a

A mata é o patio da anta ; o taquaral é o patio da alta anta ; o grande morro é o patio da grande anta ; o lambedor é o patio da anta comprida ; o capim da mata é o patio da anta fêmea ; o córrego é o patio do tamanduá bandeira ; o campo é o patio da ema ; a cabeceira é o patio do queixada.

Estrofe 41.^a

Venham para a anta, que estou enfeitada de gavião ; venham para a anta, que estou enfeitada de *bakuguma*, etc.

2. — OUTRO CANTO INICIAL DA CAÇA

Roia bareque paru

Quem o ditou pacientemente, foi um velho *aroettawaraare*, que uma conjuntivite crônica cegou. Era guiado e afetuosamente tratado pela sua filha. Atlético, cabelos negros, face magra e máscula, sulcada de rugas profundas e esculturais; onde se delineava uma indefinível expressão de melancolia, habitualmente contraindo por um triste sorriso, despertou em nós intensa comoção, que se renova sempre que nele pensamos. Além de ser um pobre selvagem, tinha a desventura de ser cego.

Então o único fim da sua existência era dirigir os cantos religiosos e evocar as almas, pois tal é o ofício do *aroettawaraare*! Seu passatempo era ir todos os dias à casa dos missionários, onde, vivendo de lembranças, ensinava aos jovens que o circundavam, os cantos tradicionais e contava as proezas dos heróis das lendas e as vicissitudes dos antepassados nas guerras contra os odiados *kaiamodogue*. Ele trazia à imaginação a lendária figura do velho rapsodo Homero, que a tradição grega recordava como cego e errante, através da Grécia.

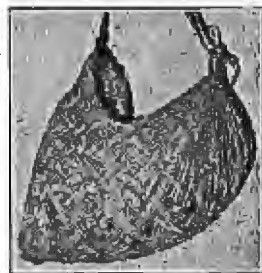
Eis o canto que ele nos ditou :

Estrofe 1.^a

(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo iturabo-gi (bis)
(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo iwokia-gi)
(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo aroweri-gi)
(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo ottowaia-gi)
(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo noaguru-gi)
(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo mariguru-gi)
(bakororo koia)	(aroia maku mariddo ett'ai)	(e-ttu-wo jureiawo-gi)

Estrofe 2.^a

(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo iturabo-gi (bis)
(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo iwokia-gi)
(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo aroweri-gi)
(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo ottawaia-gi)
(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo noaguru-gi)
(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo mariguru-gi)
(bakororo koia)	(aroia tugu mariddo e-i)	(e-ttu-wo jureiawo-gi)



“Koddobo”, cesta trançada com folhas de palmeira.



O “aroettawaraáre” que ditou o canto: “róia barégue páru”.

Estrofe 3.^a

<i>iturabo-re</i>	<i>mariddo</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i> (bis)
<i>iturabo-re</i>	<i>kurio mariddo</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>iturabo-re</i>	<i>aturua mariddo</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>iwokia-re</i>	<i>mariddoroddo</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>aroweri-re</i>	<i>aturuaroddo</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>ottowaia-re</i>	<i>uttaboio</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>noaguru-re</i>	<i>jureruko-re</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>mariguru-re</i>	<i>mariddo rugurureu</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>iparoro-re</i>	<i>panna bakororo</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>jureiawo-re</i>	<i>butorori</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>
<i>barubotori-re</i>	<i>jakome bari</i>	<i>e vororo-re</i>	<i>(emma emma)</i>

Estrofe 4.^a

<i>aroiā-re</i>	<i>mariddo e</i>	<i>virī</i>	<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	<i>(bis)</i>
<i>meriri-re</i>	<i>mariddo e</i>	<i>vure</i>	<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	
<i>itubore</i>	<i>mariddo e</i>	<i>poru</i>	<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	
<i>meriri-re</i>	<i>mariddo e</i>	<i>kera</i>	<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	
<i>buttore-re</i>	<i>mariddo enn'ogwa</i>		<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	
<i>aroe oiaga-re</i>	<i>mariddo e</i>	<i>via</i>	<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	
<i>toworo-re</i>	<i>mariddo e</i>	<i>poru</i>	<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	
<i>iroiā-re</i>	<i>mariddo enn'ogwa</i>		<i>garu-re</i>	<i>(emma emma)</i>	

Estrofe 5.^a

<i>mariddo e viri</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, aroiā</i>	<i>(emma-ia)</i>	<i>(bis)</i>
<i>mariddo e viri</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, aroiā aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e vure</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, meriri</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e vure</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, meriri aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo ett'obo</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, boro</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo ett'obo</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, boroaturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e poru</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, itt'obo</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e poru</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, itt'obo aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e kera</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, meriri</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e kera</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, meriri aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e poru</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, toworo</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo e poru</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, toworo aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo ett'aio</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, aroeoia</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo ett'aio</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, aroeoia aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo enn'ogwa</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, buttore</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo enn'ogwa</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, buttore aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo enn'ogwa</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, iroiā</i>	<i>(emma-ia)</i>	
<i>mariddo enn'ogwa</i>	<i>garu paddu-re kageggeu, iroiā aturua</i>	<i>(emma-ia)</i>	

Estrofe 6.^a

<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e vure</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	<i>(bis)</i>
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue ett'obo</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e poru</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e kera</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue enn'ogwa</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e kuddu</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e iuba</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e via</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	
<i>(noa noa)</i>	<i>(aige-mariddodogue e parigogo</i>	<i>mettu-ia)</i>	<i>(noa noa)</i>	

Estrofe 7.^a

aribugu vororo utta bukegge-re atugo bakororeu aroe e voiga rakogere
aribugu vororo utta bukegge-re ennau bakororeu aroe e voiga rakogere
aribugu vororo utta bukegge-re urugu bakororeu aroe e voiga rakogere
aribugu vororo utta bukegge-re akiri bakororeu aroe e voiga rakogere
aribugu vororo utta bukegge-re oiaga bakororeu aroe e voiga rakogere
aribugu vororo utta bukegge-re ukiga bakororeu aroe e voiga rakogere

Estrofe 8.^a

(ika-xeddo mariddo itt'ai) iii (iii)
(mariddo imi-re iii iii iii)
(ika-xeddo kurio mariddo itt'ai) (iii iii)
(kurio mariddo imi-re iii iii iii)
(ika-xeddo aturua mariddo itt'ai) (iii iii)
(aturua mariddo imi-re iii iii iii)
(ika-xeddo ika bakororo mariddo itt'ai) (iii iii)
(ika bakororo mariddo imi-re iii iii iii)
(ika-xeddo ikaiare mariddo itt'ai) (iii iii)
(ikaiare mariddo imi-re iii iii iii)
(ika-xeddo iroiare itt'ai) (iii iii)
(iroiare imi-re iii iii iii)
(ika-xeddo orokuddu itt'ai) (iii iii)
(orokuddu imi-re iii iii iii)
(ika-xedo xe, guddu-i purei-ddo, mariddo xedd'ai) (iii iii)
(xe, goddu-i purei-ddo, mariddo xegui-re iii iii iii)
(ika-xeddo xe, goddu-i pumegi-tto, mariddo xedd'ai) (iii iii)
(xe, goddu-i pumegi-tto, mariddo xegui-re) (iii iii iii)
(ika-xeddo xe, goddu-i puaiato-ddo, mariddo xedd'ai) (iii iii)
(xe, goddu-i puaiato-ddo, mariddo xeguire) (iii iii iii)

Estrofe 9.^a

(uruia koddure) aibo parugi
(" ") " oiagi
(" ") " ottogi
(" ") " oiogi

Estrofe 10.^a

(xibaie e regoddu-ia noa) mariddo-re tu-ddu-iago (kaie) (bis)
(xibaie e regoddu-ia noa) kurio mariddo-re tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ia noa) aturua mariddo-re tu-ddu-iago (kaie) (bis)

(xibaie e regoddu-ia noa) ika bakororo	tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ia noa) ikaiare mariddo-re	tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ia noa) orokuddu mariddo-re	tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ia noa) iroiare mariddo-re	tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ia noa) pureiwu mariddo-re	tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ia noa) pumegiwu mariddo-re	tu-ddu-iago (kaie)
(xibaie e regoddu-ie noa) puiatou mariddo-re	tu-ddu-iago (kaie)

Estrofe 11.^a

(mariddo-re tu-ddu-iagò)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	(bis)
(kurio mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(aturua mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(ika bakororo mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaje)	
(ikaiare mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(orokuddu mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(iroiare mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(pureiwu mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(pumegiwu mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	
(puiatou mariddo-re tu-ddu-iago)	
(awara paddu-re pobba kagegge-wo kaie)	

Estrofe 12.^a

(mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	(bis)
(kurio mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(aturua mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(ika bakororo mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(ikaiare mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(orokuddu mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(iroiare mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(pureiwu mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(pumegiwu mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	
(puiatou mariddo-re	tu-ddu-iago)	(awara jo-re pobbo-tto-wo kaie)	

Estrofe 13.^a

(mariddo-re	tu-ddu-iago)	(iturabo	kaie)	(bis)
(mariddoroddo-re	tu-ddu-iago)	(ivokia	kaie)	
(aturuaroddo-re	tu-ddu-iago)	(aroweri	kaie)	
(utaboio-re	tu-ddu-iago)	(ottowaia	kaie)	
(jure ruko-re	tu-ddu-iago)	(noaguru	kaie)	
(mariddo urugureu-re	tu-ddu-iago)	(mariguru	kaie)	
(panna bakororo	tu-ddu-iago)	(iparoro	kaie)	
(butturori-re	tu-ddu-iago)	(jureiawo	kaie)	
(baragadduio-re	tu-ddu-iago)	(barubbo	kaie)	
(onnabuio-re	tu-ddu-iago)	(mettorokia	kaie)	
(jakomabari-re	tu-ddu-iago)	(barubotori	kaie)	

Estrofe 14.^a

bakororo	o uaboguio	o ekuddoddo	o xewogai	i (gugu gugu)
akaruié	e eimigera	a	„ „ „ „	(„ „)
akaruié	e ipare	e	„ „ „ „	(„ „)
akaruié	e oiare	e	„ „ „ „	(„ „)
iabaxeio	o eimigera	a	„ „ „ „	(„ „)
„	„ ipare	e	„ „ „ „	(„ „)
„	„ oiare	„	„ „ „ „	(„ „)
upariva	a kigadduie	„	„ „ „ „	(„ „)
„	„ eimigera	a	„ „ „ „	(„ „)
„	„ ipare	e	„ „ „ „	(„ „)
„	„ ipare	e	„ „ „ „	(„ „)
„	„ oiare	„	„ „ „ „	(„ „)
„	„ kigadduie	e emuguia	a okivare e	eporu kae
			xewogai	(gugu gugu)

Estrofe 15.^a

iturubo	otogagegeu	(atugore)	(arove evoiga)
„	„	(enavure)	(„ „ „)
„	„	(urugure)	(„ „ „)
„	„	(akirire)	(„ „ „)
„	„	(oiagare)	(„ „ „)
„	„	(ukigare)	(„ „ „)

Estrofe 16.^a

(xe-wo bakororo)	(xe voiga maku xenn'ai)	(bis)
(xe-wo kudduguiari)	(xe voiga maku xenn'ai)	
(xe-wo aturuu bakororo)	(xe voiga maku xenn'ai)	

<i>(xe-wo tamiguiari</i>	<i>bakororo)</i>	<i>(xe voiga maku xenn'ai)</i>
<i>(xe-wo kurugugari</i>	<i>bakororo)</i>	<i>(xe voiga maku xenn'ai)</i>
<i>(xe-wo kuddoreiari</i>	<i>bakororo)</i>	<i>(xe voiga maku xenn'ai)</i>
<i>(xe-wo birimoddo</i>	<i>bakororo)</i>	<i>(xe voiga maku xenn'ai)</i>
<i>(xeno xibaiari</i>	<i>bakororo)</i>	<i>(xe voiga maku xenn'ai)</i>

Estrofe 17.^a

<i>(bakororo tadda-u)</i>	<i>aroe e voiga</i>	<i>(atugoio-re)</i>	<i>atugoio-re</i>
<i>(bakororo tadda-u)</i>	<i>aroe e voiga</i>	<i>(ennauio-re)</i>	<i>ennauio-re</i>
<i>(bakororo tadda-u)</i>	<i>aroe e voiga</i>	<i>(uruguio-re)</i>	<i>uruguio-re</i>
<i>(bakororo tadda-u)</i>	<i>aroe e voiga</i>	<i>(akirio-re)</i>	<i>akirio-re</i>
<i>(bakororo tadda-u)</i>	<i>aroe e voiga</i>	<i>(oiagaio-re)</i>	<i>oiagaio-re</i>
<i>(bakororo tadda-u)</i>	<i>aroe e voiga</i>	<i>(ukigaiore)</i>	<i>ukigaiore</i>

Estrofe 18.^a

<i>(iturabo</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(ivokia</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(aroweri</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(ottowaia</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(noaguru</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(mariguru</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(taboguru</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>
<i>(jureiawo</i>	<i>otto kagegge</i>	<i>atugo-re)</i>	<i>(aroe e voiga)</i>

Estrofe 19.^a

<i>(jaioreu</i>	<i>mariddo</i>	<i>iwudduie)</i>	<i>arove</i>	<i>toia</i>
<i>(</i>	<i>”</i>	<i>”</i>	<i>) exeraie</i>	<i>”</i>
<i>(</i>	<i>”</i>	<i>”</i>	<i>) okogue</i>	<i>”</i>
<i>(</i>	<i>”</i>	<i>”</i>	<i>) xibaie</i>	<i>”</i>
<i>(</i>	<i>”</i>	<i>”</i>	<i>) ipare</i>	<i>”</i>
<i>(</i>	<i>”</i>	<i>”</i>	<i>) oiare</i>	<i>”</i>

Estrofe 20.^a

<i>upogoga</i>	<i>atugo-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>
<i>upogoga</i>	<i>ennau-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>
<i>upogoga</i>	<i>urugu-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>
<i>upogoga</i>	<i>akiri-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>
<i>upogoga</i>	<i>oiaga-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>
<i>upogoga</i>	<i>kaworu-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>
<i>upogoga</i>	<i>ukiga-re-u</i>	<i>mariddoroddo</i>

Estrofe 21.^a

oieigo mariddo itt'aregoddu
oieigo kurio mariddo itt'aregoddu
oieigo ika bakororo mariddo itt'aregoddu
oieigo ikaiare itt'aregoddu mariddo
oieigo aturua mariddo itt'aregoddu
oieigo mariddorodo itt'aregoddu
oieigo xe goddu-i pureiddu mariddo xedd'aregoddu
oieigo xe goddu-i pumegittu mariddo xedd'aregoddu
oieigo xe goddu-i puatoddu mariddo xedd'aregoddu
oieigo xedd'oro kudduio xe iddu mariddo xedd'aregoddu

O ritmo do 7.º verso é :

O ritmo do 7.º verso

oie-i-go- o-o-o xe-go- o-o-o-ddu-
i- i-i i- pu-re-e-e-e id-du-u-u-
u marid-do xedda re-e-e-e god-du-u-u-

OUTRO CANTO INICIAL DA CAÇA

*Roia. baregue paru*Estrofe 1.^a

Foi o *Bakororo* quem deu o pano à anta, para ela seguir na matta; no taquaral; nos morros; no capim da matta; no lambedor; na cabeceira; no córrego.

Estrofe 2.^a

Foi *Bakororo* quem vestiu a anta de pano, para ela seguir na matta; no taquaral; nos morros... (segue como na primeira estrofe).

Estrofe 3.^a

A mata é o pateo da anta; a mata é o pateo da anta grande; da anta alta; o taquaral é o pateo da anta fêmea; a pedra é o pateo da anta alta fêmea; o capim da

386 A. COLBACCHINI e C. ALBISETTI

mata é o pateo do tatú canastra ; o lambedor é o pateo do queixada ; a cabeceira é o pateo do veado ; a campina é o pateo do tamanduá ; o córrego é pateo do cágado, a cabeceira é o pateo do tatú peludo.

Estrofe 4.^a

O pano é o vestido da pele da anta ; o metal é o vestido do seu pé ; o *itubo* é o vestido de suas costas ; o metal de sua mão ; o *butore* de sua boca ; a cauda das araras é sua orelha ; o *loro* é o vestido de seu peito ; a tinta preta é o vestido de sua boca.

Estrofe 5.^a

Pano no qual suou a anta, (aquele mesmo) ; no pano grande no qual suou a anta (aquele mesmo) etc., etc.

Estrofe 6.^a

As antas grandes tem o pé dentro do lambedor ; tem os peitos no lambedor ; tem as costas ; tem as mãos, a boca, as frentes, as faces da cara, as orelhas, os cabelos no lambedor.

Estrofe 7.^a

Por cima do pateo do *aribugu*, há um arco dos *aroe*, pintado como *bakororo* ; com os enfeites de *bakororo* ; com o vermelho de *bakororo*, etc.

Estrofe 8.^a

Leva o *ika* para anta, arre ! para a grande anta ; para anta alta ; para anta comprida, etc.

Estrofe 9.^a

O fogo vai no principio da mata ; no meio da mata ; no limite da mata ; por cima da mata.

Estrofe 10.^a

No lambedor das araras a anta já se vai nele ; a anta grande, a anta alta, a anta redonda, a anta comprida, a anta fêmea, a anta filhote, antas que vão juntas, antas que vão de lado, antas que vão se encontrar.

Estrofe 11.^a

A anta já vai onde há a passagem do rio ; a grande anta, a anta alta, a anta redonda, a anta comprida, a anta fêmea, a anta filhote.

Estrofe 12.^a

A anta já vai onde o caminho entre na água ; a anta grande, a anta alta, a anta redonda, etc. (como acima).

Estrofe 13.^a

A anta já vai na mata ; a anta fêmea já vai no taquaral, anta alta fêmea no morro ; tatú canastra (já vai) no capim da mata, o queixada no lambedor, o veado na cabeceira, o tamanduá bandeira no campo, o cágado no córrego, o lobinho na campina, a ema no capinzal, o tatú peludo na beira das cabeceiras..

Estrofe 14.^a

(O' almas) fazei que o jaó grite para nós ; que o chefe macaco grite para nós ; o macaco novo, o macaco criança, o chefe bugio, o bugio pequeno, o bugio criança, o coatí, o coatí chefe, o coatí moço, o coatí criança, fazei que gritem para nós.

Estrofe 15.^a

Por dentro da mata (a anta) está pintada para o arco do *aroe*; por dentro da mata está pintada com os enfeites de penugem; está pintada de vermelho, está com penugem branca, está com penas da cauda das araras, está com chifre.

Estrofe 16.^a

Nosso pae, dai-nos o nosso arco, ó *bakororo*, ó *kudduguiari*, dai-nos o nosso arco, ó *bakororo*, etc. (Seguem nomes de morros que são invocados em lugar do pai).

Estrofe 17.^a

Os arcos dos *aroe* que estão no *bakororo* são pintados; os arcos dos *aroe* que estão no *bakororo* estão com enfeites, etc. — (Esta estrofe é improvisada pelo *aroettavaraare*).

Estrofe 18.^a

Dentro da mata está (a anta) pintada para o arco do *aroe*; dentro do taquaral, no morro, no capim da mata, no lambedor, na cabeceira, no caetizal, no córrego está a anta pintada para o arco do *aroe*.

Estrofe 19.^a

Sou anta que cai no meio das almas, no meio da gente, dos *okogue* (peixe), dos *xibae* (araras), dos moços e meninos.

Estrofe 20.^a

Anta fêmea tem a parte debaixo de sua boca pintada; enfeitada de penas, pintada de vermelho, com penugem de aves, com cauda de aves, com chifre.

Estrofe 21.^a

Alegrai-vos, sou anta que está chegando; alegrai-vos, sou anta grande que está chegando; alegrai-vos, sou anta barriguda que está chegando; anta fina comprida, anta alta, somos duas antas que andamos uma atrás da outra, antas que estamos chegando, que andamos de lado, antas que vão se encontrar, anta que sua filha grita para nós; alegrai-vos, está chegando.

3. — KIEGÛE BAREGÛE

(Canta-se na madrugada do dia em que se fura o beijo da criança)

(*Exera*) *bazo* *ukaia akogoddure* (o *baio toguire*)
o *exeraeddo* tuiuí seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada

(*Exera*) *kogio* " " (, " " ")
o *exeraeddo jaburí* seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada

(*Exera*) *kuge* " " (, " " ")
o *exeraeddo mutum* seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

(*Exera*) *parigogo* " " (, " " ")
o *exeraeddo jacú* seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

(*Baxe*) *ukaia akogoddure* (o baio toguire)
a garça seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

(*Krugugua*) " " " "
o gavião seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

(*Aroxebe*) " " " "
a aguiá seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

(*Tamigui*) " " " "
a anhuma seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

(*Tamigui kurireu*) " " " "
a anhuma grande seu pilão (sua voz) cantou ao sol sua chegada.

Exera baxo imire inago kurigo getuiarega oroaribo kugaru iaio
baia bukorire o

ezeraddo tuiuiú eu voz grande (tenho); na beira do rio da areia meu lugar dentro

Exera koioio imire inago kurio getuiarega oroaribo kugaru iaio
baia bukorire o

ezeraddo garça eu voz grande (tenho) na beira do rio da areia meu lugar dentro

Exera turubare imire inodo kuruwara getuiarega oroaribo padaro iaio
baia bukorire o

ezeraddo pato (sou) eu meu bico com o nó; na beira do rio com escuma meu lugar dentro

Exera uwai imire itara akaddu getuiarega oroaribo bataga iaio
iaio baia bukorire

ezeraddo jacaré (sou) eu com minha bochecha pintada; na beira do rio folhas (de água) meu lugar dentro

Da mesma forma pode-se continuar nomeando outras aves ou feras. Os animais nomeados no canto acima, são todos *Exerae*; porque cada *clan* tem seus determinados animais

4. — CANTO SOBRE A ONÇA MORTA

Adugo keggeboe

Este canto é executado pelo *uiaddo*; depois de matar uma onça como *mori* de um defunto. A fera é então levada à aldeia e os índios cantam à noite.

Estrofe 1.^a

(<i>ai-rexe</i>)	<i>ak'uru butuiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)
(<i>awagaddari-rexe</i>)	<i>ak'uru butuiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)
(<i>aiguio-rexe</i>)	<i>ak'uru butuiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)
(<i>kurugugwa-rexe</i>)	<i>ak'uru butuiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)
(<i>aroxebe-rexe</i>)	<i>ak'uru butaiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)
(<i>ennoguxebe-rexe</i>)	<i>ak'uru butaiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)
(<i>joriguiare-rexe</i>)	<i>ak'uru butuiare</i>	(<i>bakororo iaioie ko</i>)

Estrofe 2.^a

(<i>imexeba</i>)	<i>ai</i>	<i>oore</i>
(<i>kiexeba</i>)	''	''
(<i>jugodoguxeba</i>)	''	''
(<i>juiexeba</i>)	''	''
(<i>pobbagudoguxeba</i>)	''	''
(<i>orogoxeba</i>)	''	''
(<i>atuboxeba</i>)	''	''
(<i>okiwexeba</i>)	''	''
(<i>parexeba</i>)	''	''
(<i>jurexeba</i>)	''	''
(<i>bewexeba</i>)	''	''
(<i>uwaxxeba</i>)	''	''
(<i>atamoxeba</i>)	''	''

Estrofe 3.^a

(<i>ime</i>)-xeba <i>ai</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>awagaddari</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>aiguio</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>kurugugua</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>aroxeba</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>ennoguxeba</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>joriguiarexeba</i>	<i>ak'aruddo i vai okwa iare</i>

Estrofe 4.^a

(<i>ime</i>)-xeba <i>ai</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>awagaddari</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>aiguio</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>kurugugua</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>aroxeba</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>ennoguxeba</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>
(<i>ime</i>)-xeba <i>joriguiarexeba</i>	<i>t'aregoddo i vai okwa iare</i>

Estrofe 5.^a

<i>exera ai</i>	<i>ak'aruddo (ter)</i>
<i>exera awagaddari</i>	<i>ak'aruddo</i>
<i>exera aiguio</i>	<i>ak'aruddo</i>
<i>exera kurugugua</i>	<i>ak'aruddo</i>
<i>exera aroxeba</i>	<i>ak'aruddo</i>
<i>exera joriguiarexeba</i>	<i>ak'aruddo</i>
<i>exera ennoguceba</i>	<i>ak'aruddo</i>

Estrofe 6.^a

(xibaie iari urugureu aroe tag'ogwa xireru iaxe iaxe) iaxe iaxe
(xibaie iari urugureu aroe ta guera xireru iaxe iaxe) iaxe iaxe
(xibaie iari urugureu aroe ta vure xireru iaxe iaxe) iaxe iaxe
(xibaie iari urugureu aroe tag'aio xireru iaxe iaxe) iaxe iaxe

CANTO SOBRE A ONÇA MORTA

*Adugo keggeboe*Estrofe 1.^a

O nome da onça pintada vem pousar sobre mim ou sobre o meu colo ; o nome da jaguaritirica, da onça parda, do gavião grande, da aguiá do Brasil, do gavião pequeno, do gavião menor vem pousar sobre de mim.

Estrofe 2.^a

A onça matadora dos homens morreu ; a onça matadora das antas morreu ; a onça matadora das queixadas, dos caetetús, dos veados, dos veados campeiros, dos cervos, das capivaras, das emmas, dos sucufís, das sariemas, dos jacarés, das arraias, morreu.

Estrofe 3.^a

Trouxeram às portas de minha casa o nome da onça pintada matadora dos homens, da jaguaritirica, da onça parda ; ... (segue como na estrofe 2.^a)

Estrofe 4.^a

Chegou às portas de minha casa a matadora dos homens, da jaguaritirica, da onça parda, .. (segue como na estrofe 2.^a).

Estrofe 5.^a

O *exerae* aclamae o nome da onça pintada, da jaguaritirica, da onça parda, (seguem os nomes como na estrofe 2.)

Estrofe 6.^a

O! *almas do xibaieari* vermelho ! chegou o cheiro da vossa boca ; o *almas do zibaieari* vermelho ! chegou o cheiro de vossas mãos, de vossos pes, de vossa cabeça.

5. - CANTO INICIAL DA PESCA

Kare paru

Deste canto não podemos apresentar se não um fragmento. Os cantos da pesca social são precedidos da promulgação, feita pelo *baad-dageba* superior, e de uma refeição social determinada pelo *baaddageba* inferior. Este usa as fórmulas rituais, semelhantes às da caça, sendo que o catálogo dos animais é substituído pelo dos peixes que variam segundo as regiões.

Estrofe 1.^a

(oroaribo	kaie	jure	ia	ia)	(jure	ia	ia)
(„	atugoreu	kaie	jure	ia	ia)	(ia ia)
(„	enatureu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	urugureu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	akirireu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	aiagareu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	porurureu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	pogarereu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	ururureu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	oiakaddu	„	„	„	„)	(„ „)
(„	ukigareu	„	„	„	„)	(„ „)

Estrofe 2.^a

(jure aregoddu)	(aroe	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(okogue	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(mannoxoio	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(mannokurigugue	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(mannotamigüireu	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(jurexoio	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(mariddo atugoe	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(botorie (atugoe)	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(buture (atugoe)	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(akirie (atugoe)	immo aroia)	(aroiá oo) oo
(jure aregoddu)	(manno ekuie	immo aroia)	(aroiá oo) oo

Estrofe 3.^a

oroaribo	otogagegeu	(atugore)	(kurugugoe	etoiaga)
„	„	(enavure)	(bakugumoe	„)
„	„	(akirire)	(botore	„)
„	„	(iroiore)	(barugumoe	„)
„	„	(urugure)	(xibaie	„)
„	„	(ekuiore)	(kuieddoe	„)
„	„	(kaurure)	(kuddore	„)



No alto: dança com os “mariddo”, rodas, durante os funerais.
Em baixo: traje de dança. Três boróros vestidos de penas brancas.
À esquerda: boróros com “pariko” na cabeça. — *À direita:* boróro pronto para a dança do “aroexeba”. Ao redor do “pariko”, tem flechas enfeitadas.

CANTO INICIAL DA PESCA

*Kare paru*Estrofe 1.^a

O caminho é para o rio no caminho mesmo. E' para o rio pintado, rio pintado de penas, pintado de vermelho, de penugem, de caudas de araras, de ondas, de ondas pequenas, de água suja, de cores variegadas, de chifre.

Estrofe 2.^a

A gente está chegando com as redes dos *aroe*, dos doirados, dos pacús, dos pintados, do peixe cachorro, do jaú, dos barbados, dos papalamas, dos matrinhões, dos lambaris, das piabas. (Nomes todos de peixes).

Estrofe 3.^a

O rio está pintado da cauda dos gaviões, enfeitado de penas, da cauda de gaviões, de penugens, da cauda de gaviãozinho, está escuro pelas caudas de gaviões pequenos, está vermelho pelas caudas das araras, das araras amarelas, das araras pretas. (A cauda dos passaros representa as cores varias dos peixes).

II.º GRUPO – CANTO PARA OS FUNERAIS

Como já se disse, durante a agonia, logo após a morte e durante os funerais, até o momento da imersão dos ossos na água, as cerimônias fúnebres são acompanhadas de cantos numerosos e muito longos, executados especialmente à noite.

São todavia cantados também em outras circunstâncias; p. ex.: durante as festas ou representações dos *aroe*.

1.º) *roia kurireu* “o canto grande” do qual, sendo demasiado comprido, daremos somente a primeira parte com a relativa explicação e a última com a tradução.

2.º) *roia umanareu* “o canto maior”.

3.º) *roia guiguddu* “canto menor”.

I – O GRANDE CANTO

roia kuri-re-u baaddogebe xebequigue eke

boe e vi kegge-re (canta-se) “os índios eles mortos quando” isto é, logo após a morte. Mas é cantado muitas outras vezes durante o longo período dos funerais; por exemplo, quando tiram os ossos da sepultura provisoria e quando põem os ossos na cesta para levá-los à lagoa. Di-



Dansa dos “aroe”, almas. — O último boróro da fileira, tocando o “pánna”, dirige o canto e a dança, que mulheres e crianças não podem ver, e por isso o lugar é fechado com panos.

rigem-no três homens postos em fila no pátio da aldeia e voltados para o poente : o do meio é o *baaddageba xebêguiu*, o chefe mais influente da aldeia. Atrás deles está um coro de mulheres e meninas com aparência triste : repetem elas os versos começados e cantados com um pouco de antecedência pelos três homens, pois este é um dos cantos nos quais participam também as mulheres. Os três homens estão enfeitados com o *pariko*, mesmo que estejam em tempo de luto ; com as mãos sacodem os *bapo kurireu* “cabaças” e acompanham a cadência dobrando com ritmo os joelhos para a frente e para os lados.

Precedem ao canto vozes imitando a diversos animais considerados pelos índios como seus antepassados (*e eddoga*, e *xarugo* seus avós, suas avós).

VOZES IMITATIVAS QUE PRECEDEM O CANTO

um, um, um, um ; é a voz dos *aroe* “almas dos ancestrais” ; é executado alternadamente pelos dois cantores laterais e pelo do meio.

E’ um som característico que foi acenado alhures, mas agora pretendo descrevê-lo com maior precisão. E’ um rumor explosivo sonoro, obtido com a boca fechada, fazendo vibrar as cordas vocais, depois de uma oclusão da faringe, com um jacto de ar fortemente comprimido pela pressão abdominal, pois, pela produção deste som, é evidente a contração e tensão dos músculos da parede do abdomen. O ar sai pelas narinas ao princípio contraídas e depois alargadas.

O tom diminue de altura rápida e gradualmente e é muito semelhante ao rumor que se faz acompanhando um esforço dos músculos abdominais. Obtem-se um som semelhante procurando pronunciar *um* com a boca fechada, em um tom muito alto.

Tamigui, tamigui, tamigui, tamigui ; - o *tamigui* “anhuma” (Palamedea cornuta) é uma ave cujas asas estão armadas com um esporão. Estes nomes são repetidos alternadamente pelo cantor do meio e pelos dois laterais.

io, io, io, io, ioioioio : é a voz do macho do *tamigui* : os três cantores entoam-na quatro vezes devagar e outras quatro depressa, e é repetida alternadamente pelos presentes e do mesmo modo.

um, um, um, um, (todos juntos) significa : o macho do *tamigui*, que ordinariamente faz “*io, io, io,*” quando faz “*um, um, um,*” representa um *aroe*.

oi, oi, oi, oi, oiioioio : é a voz da femca do *tamigui* ; e este é cantado como acima.

um, um, um, um, (c. a.)

e, e, e, e, eeee : (em tom baixo e breve) : é a voz dos *nabure* “araras verde-rubras (Sittace cohoptera) (c. a.) *um, um, um, um*, (c. a.).

e, e, e, e, eeee (em tom mais alto e mais demorado): é a voz dos *xibae* "araras auri-rubras" (*Sittace coccinea*) (c. a.) *um, um, um, um,* (c. a.)

kae, kae, kae, kae, kae kae kae kae: é a voz dos *aroe Makágoe* (c.a) *um, um, um, um,* (c. a.)

kogogogae, kogogogae, kogogogae, kogogogae, kogogogae kogogogae kogogogae: é a voz dos *aroe Utobogadogue* (c. a.)

um, um, um, um, (c. s.)

u, uu: é a voz do *aige* "hipopótamo"; assim canta duas vezes o cantor do meio e o grunhido é repetido pelos dois cantores laterais.

um, um, um, um, (c. a.)

Estrofe 1.^a

<i>a-a</i>	<i>o-o</i>	<i>Bakororo</i>	<i>kai re</i>	(três vezes)
	ah! oh!	de <i>Bakororo</i>	à morada vai	(a alma do defunto)
	<i>a-a</i>	<i>o-o aturua</i>	<i>kai re</i>	
	<i>a-a</i>	<i>o-o iparoro</i>	<i>kai re</i>	

Aturua e *Iparoro* representam dois *aroe* junto dos quais vão as almas dos mortos.

Estrofe 2.^a

<i>iro-ia</i>	<i>wawo</i>	(três vezes)	<i>kai-ia.</i>	<i>wawo</i>	(três vezes)
<i>jure-ia</i>	<i>wawo</i>	„	<i>manno-ia</i>	<i>wawo</i>	„

Nesta estrofe catalogam-se os nomes da pintura da pele e de alguns enfeites de *Bakororo*.

Estrofe 3.^a

(<i>bakororo</i>)	(<i>ak'ago gettu-ia</i>)	(<i>oroaribo okwa-gi wawo</i>)	(bis)
(<i>aturua</i>)	(<i>ak'ago gettu-ia</i>)	(<i>oroaribo okwa-gi wawo</i>)	
(<i>iparoro</i>)	(<i>ak'ago gettu-ia</i>)	(<i>oroaribo okwa-gi wawo</i>)	
(<i>jannauiaroddo</i>)	(<i>ak'ago gettu-ia</i>)	(<i>oroaribo okwa-gi wawo</i>)	
(<i>noaiariroddo</i>)	(<i>ak'ago gettu-ia</i>)	(<i>oroaribo okwa-gi wawo</i>)	
(<i>borigaoroddo</i>)	(<i>ak'ago gettu-ia</i>)	(<i>oroaribo okwa-gi wawo</i>)	

Tambem os *aroe Aturua, Iparoro, Jannauiaroddo, Noaiariroddo, Borigaoroddo* representam as almas dos *boróros* que estão chorando nas margens dos rios figurado pelo *Oroaribo*.

Os índics concebem um país imaginário de além mundo, habitado pelas almas; semelhante às imensas planícies matogrossenses onde corre o majestoso rio *Oroaribo*, em cujas margens surgem aldeias, moradas das almas. Os índios chamam *Oroaribo kurireu* o rio *Araguaia*. Note-se que o vocábulo *oroaribo* = *oroari-bo*, em que *bo* = *po*

“água, rio,” e *oroari* “pintado (peixe)” é que dá o nome aos Boróros Orientais. A segunda vogal *o*, que é claríssima nos cantos, porque é tempo forte, no falar comum não é perceptível; por isso se grafa sempre *orari*.

Estrofe 4.^a

(*bakoro iroia to iroia to kau*
 (*aturua iworeru to iworeru to kau*
 (*iparoro iroia to iroia to kau*

“Os índios se dirigem à alma do morto dizendo: “*Bakororo e Iparoro* estão na pintura da erva alta do monte *Aturua*”.

Estrofe 5.^a

(*bakororo kurigoddu-re ta dugo to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re xenn'au to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tu urugu to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re t'aguiri to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re t'oiuga to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tu gaia to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tu manno to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tu guie to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tu woro to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tug'uimmo to-u aroe*
 (*bakororo kurigoddu-re tu guiga to-u aroe*

atugo “pintura da pele”, *au* “enfeite”, *urugu* “vermelho vivo”, *akiri* “pena de pássaro”, *oiaga* “rabo de pássaros”, *kaia* “tambor”, *manno* “feixe de talos”, *kuie* “colares”, *woro* “enfeite”, *immo* “enfeite”, *kiga* “enfeites para ornar a cabeça”.

Palavras dirigidas à alma que vai morar no *atugo*, *xenau*, *urugu*, etc. de *Bakororo*.

Por esta estrofe e pelas antecedentes, pode-se deduzir que os índios crêem serem os seus adornos animados pelo espírito de *Bakororo* e de outros antepassados.

Estrofe 6.^a

(*imi-re inn'ago kuri-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re inn'ago paru-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re i toro kuri-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re i toro paru-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re i voiga kuri-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re i tugo kurire nakororo arove-roddo*
 (*imi-re i kuie kuri-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re i voro kuri-re bakororo arove-roddo*
 (*imi-re ik'immo kuri-re bakororo arove-roddo*

toro “adorno feito com folhas de palmeira (uma espécie de perizoma), *boika* “arco”, *tugo* “flecha”.

O’ *Bakororo*, eu falo alto, eu falo alto por primeiro, o meu filho é grande, o meu enfeite de folhas de palmeira é grande, é o primeiro; e o meu arco, a minha flecha, os meus colares, os ornatos de meus lábios, o meu enfeite são grandes”.

Estrofe 7.^a

imi-re inn'ago gettu-re i vororo bukegge a o (ter)
 Eu, eu choro estando em meu pátio sobre ah! oh!
imi-re inn'ago getture i toro bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re i kuie bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re i voro bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re i voiga bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re i tugo bukegge a o

Eu choro estando em minha praça, sobre meu filho, meus enfeites sobre, meu arco e sobre minhas frechas.

Durante esta estrofe e as seguintes o cantor do meio deixa de bater nas cabaças e cruza as mãos nas costas.

Estrofe 8.^a

imi-re inn'ago gettu-re bakororo aroia bukegge a o (ter)
 Eu, eu choro estando grande esteira sobre ah! oh!
imi-re inn'ago gettu-re bakororo meriri bukegge a o (ter)
imi-re inn'ago gettu-re bakororo diareu bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re bakororo oituwa bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re bakororo pannajure bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re bakororo mariddo bukegge a o
imi-re inn'ago gettu-re bakororo toro bukegge a o

Eu, eu choro (eu digo) estando sobre a esteira, sobre o metal, sobre o ornamento feito com palha, sobre o *panna*, sobre a cabaça, sobre o *mariddo* (feixe de talos, que serve para a representação do *Mariddo*), sobre o *toro* grande. (*Bakororo* = grande).

Estrofe 25.^a

o-o o-o

(*xeire*) (*okwa padar'ogwareu jure akore*) *gugugwA (wo wo)*
 (*xeire*) (*okwa padar'ogwareu kaia akore*) *gugugwA*
 (*xeire*) (*okwa padar'ogwareu manno akore*) *gugugwA (wo wo)*

Estrofe 26.^a

0-0 0-0

bakororo aparuiã xe-re a tugaregue-re (meririddo) (wo wo)
bakororo aparuiã xe-re a tugaregue-re (okogueddo) (wo wo)
bakororo aparuiã xe-re a tugaregue-re (xibaiuddo) (wo wo)

Estrofe 27.^a

0-0 0-0

bakororo aparuiã xe-re a tugaregue-re (meriri meririddo) (wo wo)
bakororo aparuiã xe-re a tugaregue-re (okogue okogueddo)
bakororo aparuiã xe-re a tugaregue-re (xibaiu xibaiuddo) (wo wo)

Estrofe 28.^a

0-0 0-0

exeraie xeu wuduia jure atugoio (woo woo)
 „ „ „ *kaia enawuio*
 „ „ „ *manno oiagaio (woo woo)*

Estrofe 29.^a

0-0 0-0

bakoro kaia (atugo-re) (wo wo)
oroaribo kaia (enavu-re)
meri kaia (urugu-re)
ari kaia (ekuio-re) (wo wo)

Estrofe 30.^a

0-0 0-0

bakoro kaia atugo atugo-re atugo-re wo wo
oroaribo kaia enau anwu-re enavu-re
meri kaia urugu urugu-re urugu-re
ari kaia ekuio ekuio-re ekuio-re wo wo

TRADUÇÃO DA ÚLTIMA PARTE DO CANTO :

*roia kurireu*Estrofe 25.^a

Para nós a boca pintada de sucurf, de *kaia*, de *manno*, nos diz : *guguguaaa*.

Estrofe 26.^a

Para ti *bakororo* os teus súditos fizeram um belo canto.

Estrofe 27.^a

Para ti *bakororo* os teus súditos fizeram um canto ainda mais belo.

Estrofe 28.^a

O lugar da queda dos *exerae* (gente) é o sucufi pintado, é o pilão enfeitado, é o *manno* com penas.

Estrofe 29.^a

O tambor do *bakororo* é pintado, o tambor de *oroaribo* é enfeitado de penas ; o tambor do sol é vermelho ; o tambor da lua é amarelo.

Estrofe 30.^a

O tambor de *bakororo* é pintado de pintado ; o tambor de *oroaribo* é enfeitado de enfeites de penas ; o tambor do sol é vermelho de enfeites vermelhos ; o tambor da lua é amarelo de enfeites amarelos.

II - CANTO MAIOR

roia umanareu

Este é um nome geral que abrange muitos cantos, um de cada *clan*. Podemos apresentar somente um fragmento dos *bolcodori*. Eis a lenda sobre a origem deste canto :

Mariguddo ia exeraeddo pemegareu, Kaigo, bire. Xare boe re
Antigamente um exeraeddo bom (chamado) Kaigo, morreu. Então indos
ra tugo tu iaorotto, mare tu ragoddo akeddo kegere ixare
ossos colocaram sua cesta na, mas seu canto acabado quando então
emagogoddo uzarugo bogai, ixare uzarugo koddo kuri jaro bogai
eles chamaram sua avó procurando ; então sua avó foi logo cesta procurar
baitto koddobie tabo. Ixare ure tu dugo kudda, ixare ure
na cabana faixa con. Então ela se poz de baixo, então ela
gettu'umi. Xare ure tu ie bu tabo bai kagege, boewaddo kae,
poz nas costas. Então ela sua face poz (fora) com, cabana redor, pateo no,
ixare akore :
então disse : (o canto seguinte)

(oroaribo)	<i>uiaiga</i>	(taregoddudo)	<i>puddare aroe bakororo</i>
(, ,)	, ,	(taregoddudo)	<i>aregodudoddu gettuia (awuguege)</i>
(padarobo)	, ,	(taregoddudo)	<i>puddare aroe owoio bakororo</i>
(kugarubo)	, ,	(taregoddudo)	<i>aregodudoddu gettuia (awuguege).</i>
(xibaiari)	, ,	(taregoddudo)	<i>puddare aroe okogue bakororo</i>
			<i>aregodudoddu gettuia (awuguege)</i>
			<i>puddare aroe kuogureu bakororo</i>
			<i>aregodudoddu gettuia (awuguege)</i>

(jewadduieu) uiaiga (taregodduddo)	puddare aroe aioio bakororo aregodudoddu gettuia (awuguege)
(mariguru) uiaiga (taregodduddo)	puddare aroe ukigaiio bakororo aregodudoddo gettuia awuguege)
(mariguru) uiaiga (taregodduddo)	pudd' a-re aroe rekogoddo bakororo aregódudódodo gettuia (awuguege)
(iturabo) uiaiga (taregodduddo)	pudd' are aroe-xeba bakororo aregódudódodo gettuia (awuguege)
(torowari) uiaiga (taregodduddo)	pudd' are aroe joriguiari bakororo aregódudódodo gettuia (awuguege)
(kuddagabo) uiaiga (taregodduddo)	pudd' a-re aroe bokodoriware bakororo aregódudódodo gettuia (awuguege)
(poremoddu) uiaiga (taregodduddo)	pudd' are aroe itubore bakororo aregódudódodo gettuia (awuguege)
(meriruttu) uiaiga (taregodduddo)	pudd' are aroe uiadugoiio bakororo aregodudódodo gettuia (wuguege)
exera kuddoro e iari akaru oiaddo-u	u-kuie ukigaiio kuddu gemmagudduia bakorire na u vororo xibai-bo bororo (bUkOrIrE)
exera kuddoro e iari urugu oiaddo-u	u-kuie ukigaiio kuddu gemmagudduia bakorire na u vororo xibai-bo bororo (bUkOrIrE)

Cheguei a um rio onde havia muita escuma e onde estavam os doirados. Cheguei a uma água sobre areia onde estavam os doirados. Cheguei ao morro dos xibai onde estava aroe kuogo. Cheguei a um abismo onde estava o ipopótamo (aige). Cheguei a uma cabeceira, onde estava um cervo; a uma cabeceira onde estava um cervo fêmea; cheguei a uma mata onde estava um gavião; cheguei a um morro onde estava uma aguia; cheguei no capim da mata onde estava um tatú-canastra; cheguei a uma cachoeira onde estava aroe itubore; cheguei ao nascente onde estava uma onça pintada.

Exera kuddoro eiari, o enfeite de metal com chifre vem pousar no meio do teu nome, o teu pateo xibaibo.

Exera kuddoro eiari, o enfeite de metal com chifre, vem pousar no meio de teu nome vermelho, no pateo xibaibo.

III — CANTO MENOR

roia guiguddo

baaddogebague xebeguiugue boe e vi kegge, paga-tu jameddo “canto dos *baaddageba* inferiores executado depois da morte e também à vontade”.

Estrofe 1.^a

oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare	bakororo)
oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare	oroaribo)
oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare	kugarubo)
oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare	paddarobo)
oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare	kewoguru)

oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare taboguru)
 oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare mariguru)
 oo! oa! oa! (exeraie xe iedduiare marigurubo)

Estrofe 2.^a

oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare bakororo)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare oroaribo)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare kugarubo)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare paddarobo)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare kewoguru)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare taboguru)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare mariguru)
 oo! oa! oa! (exeraie xe muguiare marigurubo)

Estrofe 3.^a

bakororo bakororo iawo iawo iawO
 oroaribo oroaribo iawo iawo iawO
 kugarubo kugarubo iawo iawo iawO
 paddarobo paddarobo iawo iawo iawO
 taboguru taboguru iawo iawo iawO
 kewoguru kewoguru iawo iawo iawO
 mariguru mariguru iawo iawo iawO
 marigurubo marigurubo iawo iawo iawO

Estrofe 4.^a

(bakororo-r'emma) atugo rekoddu-re (ou ou)
 (oroaribo-r'emma) ennau rekoddu-re „ „
 (owoio bakororo-r'emma) u-woro rekoddu-re „ „
 (aturua-r'emma) meriri rekoddu-re „ „
 (xibaieiairi-r'emma) urugu rekoddu-re „ „
 (kurugugwari-r'emma) u-kiga rekoddu-re „ „
 (boro bakororo-r'emma) u-kuie rekoddu-re „ „

Estrofe 5.^a

bokodori rukodddurega taguiria iroiiori ruko kaia tuiari ovotogagege
 „ atugo „ „ „ „ „ „ „ „
 „ enau „ „ „ „ „ „ „ „
 „ urugu „ „ „ „ „ „ „ „
 „ akiri „ „ „ „ „ „ „ „
 „ aiaga „ „ „ „ „ „ „ „
 „ ukiga „ „ „ „ „ „ „ „

CANTO MENOR

roia guiguddo. Estrofe 1.^a

O lugar de nós *exerae* é o *bakororo*, é o rio grande, é a água cristalina, é a água espumosa, é o caetisal, é o pirisal, é a cabeceira, é a cabeceira menor.

Estrofe 2.^a

O assento de nós *exerae* é o *bakororo*, é o rio grande, é a água cristalina. . . . (como acima).

Estrofe 3.^a

Ei-la! *bakororo*, rio grande, água cristalina. . . .
(como acima).

Estrofe 4.^a

Porem a pintura de *bakororo* foi-se ; o enfeite de penas do rio grande foi-se ; o enfeite do socó, foi-se ; o metal do morro *aturua*, o vermelho da pedra das araras, o chifre da pedra dos gaviões se foi ; o colar de *boro* se foi.

Estrofe 5.^a

O tatú canastra *catíngou* de baixo de sua penugem (pelo) por causa de sua catinga dentro de sua casa (buraco) O tatú-canastra pintado *catíngou*. . . .etc.



“Iweotto”, pulseira.

VOCABULARIO DA LINGUA BORÓRO

I M P O R T A N T E

Um vocabulario da lingua boróro?! Não; apenas uma tentativa.

Os que estudam as linguas indígenas bem conhecem as dificuldades que apresenta semelhante trabalho, ainda mais tratando-se de uma lingua não flexiva, mas, com toda probabilidade, monossilábica, na qual, tanto os nomes como os verbos, nunca se encontram na forma absoluta, mas sempre com outros monossílabos que indicam o pronome, o tempo e outras combinações desconhecidas às nossas linguas.

Alem disto, deve-se considerar que somente da viva voz do indio ouvimos esta lingua, aprendemos palavras e tentamos formular a gramática, em plena dependencia da psicologia do indio, da sua mentalidade, volubilidade, a qual se reflete na lingua extremamente eufônica, que por um nada muda vogais e consoantes.

Estas dificuldades mais avultam quando o estudioso se põe a procurar as palavras no vocabulario. — Por exemplo: procurará a palavra “ewure”; não a encontrará, pelo fato de que deverá primeiro tirar o “e”, pronome de terceira pessoa plural; depois trocar o “w” em “b”. Resultará assim a palavra “bure”, à qual o vocabulario dará o significado de “pé”. — Outro exemplo: querendo conhecer o significado de “eiddogodure” (verbo), precisará eliminar o pronome de terceira pessoa plural “e”, como tambem a parte final que indica o tempo; introduzir um “k” que tinha sido eliminado, e assim se encontrará a palavra “kiddogoddo”, flechar.

Portanto, para achar as palavras, deve-se antes eliminar todo prefixo e sufixo e demais alterações e assim obter o vocábulo absoluto, singelo, isto é, na terceira pessoa singular os nomes e adjetivos (que sempre estão unidos ao pronome pessoal) e na terceira pessoa singular do presente indicativo, os verbos. Em algumas palavras mais em uso ou mais irregulares, acrescentamos a conjugação do presente indicativo (às vezes, tambem o pretérito e o futuro nos verbos) e as primeiras três pessoas nos nomes.

Por exemplo: *Aora*, s. cabeça, *ittaora*, minha cabeça, *akkaora*, tua cabeça, *aora*, sua cabeça. . . ; *Aiddu*, v. querer, *itt*, *akk*, *aiddu* nure.

Estas considerações servirão para desculpar imperfeições e lacunas inevitáveis nesta primeira tentativa de vocabulario boróro, que apresentamos, não em forma de simples elenco de palavras Portuguezs-Boróro, mas de um verdadeiro e ponderado estudo deste desconhecido idioma.

Concluindo, diremos mais que, para o uso deste vocabulario, é preciso ter em vista as regras gramaticais relativas à formação da palavra e alterações eufônicas; diversamente o vocabulario seria incompreensível.

ABREVIACÕES

<p>adj. adjetivo.</p> <p>adj. subs.. adjetivo substantivado.</p> <p>adv. advérbio.</p> <p>conj. conjunção.</p> <p>inf.. infinitivo.</p> <p>inter. interjeição.</p> <p>fr. frase.</p> <p>pl.'. plural.</p> <p>prep. preposição.</p> <p>pron. pronome.</p> <p>s. substantivo.</p> <p>s. gen. substantivo genérico.</p>		<p>sing. singular.</p> <p>suf. sufixo.</p> <p>sin.. sinónimo.</p> <p>u. usado.</p> <p>u. p. usado pelo ou pelos.</p> <p>v. verbo.</p> <p>vd.. vide.</p> <p>pres. presente indicativo.</p> <p>pron. pess. pronome pessoal.</p> <p>pron. poss. pronome possessivo.</p> <p>pret. perf. pretérito perfeito.</p> <p>n. pr. nome próprio.</p>
--	--	---

OBSERVAÇÕES SOBRE O SOM DE ALGUMA CONSOANTE

- K** — corresponde sempre ao *c* antes de *a* o *u*, como em *casa*, *coco*, *culto*.
- X** — soa como em português: *chacara*, *ximarrão*; ou melhor, como o *c* italiano antes *e i*; *cenacolo*, *ciborio*.
- G** — antes *a* o *u* corresponde ao som gutural *ga go gu*, como em: *gaivota*, *gótico*, *gula*.
- GUE, GUI** — soa como em português: *guerra*, *guizo*.
- J** — antes de *a* o *u* soa como em português: *janeiro*, *joelho*, *júbilo*.
- W** — corresponde a um som mediano entre *u* e *v*.

NOTA. — As consoantes duplicadas se fazem ouvir ambas claramente.

AS VOGAIS soam como em português.

ACENTUAÇÃO. — Quanto ao acento tónico, convem lembrar que as palavras são geralmente paroxítonas ou graves.

UMA EXPLICAÇÃO. — A muitos verbos, por ex. *koguddo*, seguem duas outras formas verbais: uma indica o lugar da ação, *koguddodda*; outra indica o tempo da ação, *koguddoddu*, que explicamos logo com os seguintes exemplos: *Attuda' arigao koguddodda' kae* = vai ao lugar em que está amarrado o cachorro. — *Arigao koguddoddu kegge, uo aregoddure* = quando se amarrou o cachorro, chegou seu pai.

A

A, - Forma abreviada da segunda pes. sing. do pron. pes.: aki. Forma abreviada da segunda pes. sing. do adj. pos. ako. - s. gen. semente, grão. - adv.: que? que há?

Abara, - adj. separado.

Abaraddo, v. separar. pres.: itt, ak, abaraddo nure; xedd, pag, ett'abaraddo nure. pret. perf.: itt'abaraddo gurae. fut.: itt'abaraddo modde. inf.: itt'abaradduo.

Abareu, - adj. subs. o separado.

Abbo, prep. (vd. appo).

Addagn, s. (vd. ataga).

Addagaddo, v. (vd. attagaddo).

Addara, adj. atrapalhado, que gagueja. - v. falar atrapalhado, gaguejar.

Addaraddo, v. fazer falar atrapalhado, ser atrapalhado por outrem.

Addarareu, adj. subs. masc. quem fala atrapalhado, quem gagueja.

Addugo, (pl. addugo dogue) s. onça pintada; oncinha, formiga grande da família das tocantínguas.

Addugo-buregui, s. enfeite de garras de onça pintada.

Addugoddo, v. fazer-se onça.

Addugo-dogue, s. um jogo dos Aroe.

Addugo-dogue-ci-megera, s. outro jogo dos Aroe.

Addugo-dogue-ett'oreu, s. especie de lambari (peixe).

Addugo-dogue-exeba, s. certo vegetal do qual se servem para que peijando corpo a corpo com a onça, esta não tenha força para vencê-los.

Adugo-ikka, s. certo arco usado pelos Baaddogebague xobuguiugue.

Addugo-meri, s. certo bope. - n. pr. masc. dos Apiboregue.

Addugo-ó, (pl. addugo doguett'ó) s. enfeite de dentes de onça pintada.

Addugo-o-jorubo, s. certo capim, trazendo o qual não serão vistos pelos inimigos nem pelas feras, e nenhum veneno terá poder contra eles.

Addugo-re-boe, s. cousa parecida com onça pintada.

Addugo-xereu, n. pr. masc. (Baaddogeba xebegui).

Addugo-xereuddo, n. pr. fem. (Baaddogeba xebeguiiddo).

Addugo-xoreu, s. onça preta (pl. addugo xoreugue).

Ae, s. corda feita com cabelos; teu rosto.

Aeddaga, s. com o pron, ou adj. pos. teu sogro.

Aedduia, sin. de: amuga, aedda, aragoja, tua morada, teu lugar; u. só nos cantos.

Aeguro-oroddu, v. desejar muito uma cousa.

Aeguro-oroddureu, adj. subs. masc. o que deseja ardentemente uma cousa.

Aeia, s. coroa ou especie de tonsura como a dos eclesiásticos.

Aeiuddo, v. fazer coroa, tonsura; fazer largo.

Aeiaddodda, s. o lugar onde se fez coroa, tonsura.

Aeiaddoddu, s. o tempo em que se fez coroa, tonsura.

Aeiakure, v. ficar calvo, careca, coroadado.

Aeiakureu, adj. subs. masc. o calvo, o careca, o coroadado.

Aekuri-dogue, s. uma tribu de índios inimiga dos boróros, quasi extinta por Akaruio bokodori e Bakoro kuddu.

Aemagudda, s. certo varão dos Baadagebague xobuguiugue.

Aemaguddaga, n. pr. fem. (Baád. Xob.)

Aenno, n. pr. masc. e fem. (Baad. xob.)

Aennoga, sin. de: addugo-okua, beijos de onça pintada, e de: aigo-okua, beijos de onça parda, u. só nos cantos. - s. certo canto usado por toda a tribu.

Aeraga, s. cérebro, miolo. - fr.: era para ele

Aere, s. urutau (pássaro).

Aere-dogue, s. certo jogo no qual dois boróros pintam-se um de branco e preto, e outro de preto e vermelho.

Aetaragiu, s. enfeite de penugens de arara vermelha, que costumam levar sobre a coroa ou tonsura nas festas e dansas.

Aeviri, sin. de: addugo-biri, couro de onça pintada, e de: aigo-biri, couro de onça parda, u. só nos cantos.

Aeviri-okkua, s. certo canto usado pelos Baad. xeb.

Aexeba, s. matador de onça.

Aga, s. cabelo comprido, cabeleira. itt, ak'aga, aga; xedd, pag, ett'aga (vd. aka).

Agaddu, vd. akaddo.

Agareu, s. muago de agua.

Agaru, s. vd. akkaru.

Agaxereu, sin. de jugo, pórcb do mato, usado pelos meduna.

Aieddou, sin. de addugo-o, rabo de onça pintada, aigo-o, rabo de onça parda, u. nos cantos.

Agiagoddo, v. espirrar. pres. itt', ak, agiagoddo nure; xedd, pag, tag, ett'agiagoddo nure. pret. perf. itt'agiagoddu. fut. itt'agiagoddo modde. inf. itt'agiagodduo.

Agoa, v. vd. akko, falar.

Ago-kudda, v. vd. akko kudda.

Ago-okkuiaga, v. vd. akko-okkuiaga.

Agu, adj. vd. akku.

Ague, s. vd. akke.

Agueddu, vd. akkeddu.

Aguemmo, v. vd. akkemmo.

Aguru, adj. molenga. (vd. akkuru).

Agurureu, adj. subs. masc. o molenga.

Ah, inter. ai.

Ahè, inter. olá, oxalá.

Ahi, inter. quasi.

Ai, pron. a ti, para'ti. Ex. imago modd'ai, eu te falarei. - para, a, ao. Ex. ure tu iagu kuddau maku boett'ai, ele quer dar vestido para os boróros. - s. gen. palhas; nos cantos: onças.

Aia, s. centro, meio, circulo.

Aiaddo, v. cercar, fazer circulo, fazer redondo.

Aiaddodda, s. o lugar que se cercou.

Aiaddoddu, s. o tempo em que se cercou.

Aiaddugo-dogue, s. certo canto usado u. p. Bokodori exer. e p. iwaguddu dogué.

- Aiaddugoio**, sin. de addugo, onça pintada, u. nos cantos. - certo canto u. p. Apiboregue e waguddu dogue.
- Aiaddugoioreu**, sin. de addugoreboe, cousa parecida com a onça pintada, u. nos cantos.
- Aiaiewu**, s. um dos principais cantos fúnebres usado por toda a tribo.
- Aibbo**, sin. de ittura, nos cantos.
- Aidda**, adj. querido, amado. - s. vontade: ittaidda, akaidda, aidda.
- Aiddu**, v. querer, gostar, aceitar, amar. pres. itt, akk, aiddu nure; xedd, pag, tag, ett'aiddu nure. pret. perf. itt'aiddu. fut. itt'aiddu modde. inf. itt'aidduo.
- Aidduddo**, v. fazer amar, fazer querer bem, fazer gostar.
- Aidduddu**, s. cogumelo, fedegoso veg.
- Aidduguiri**, adj. bem feito, bem trabalhado.
- Aidduguiriddo**, v. fazer bem, bonito, bem trabalhado.
- Aidduguirireu**, adj. subs. masc. o que é bem feito, bonito.
- Aiddua**, sin. de aiddu, nos cantos.
- Aiddukaddo**, v. fazer que não se queira, não se goste.
- Aiddupega**, v. querer mal.
- Aiddupegaddo**, v. fazer que se queira mal, não tenha vontade.
- Aieraro**, s. canto usado por toda a tribo.
- Aievete-taio**, s. canto u. p. Baad. xob.
- Aiewara**, s. cinturão de folha de indaiã.
- Agia**, s. espirito. It'agia ak'agia, agia, xedd, pag, tag, ett'agia.
- Aigge**, s. animal fabuloso cuja figura é parecida com a do ippopotamo - certo aroe. - instrumento de madeira de forma cônica a cuja extremidade amarram um cordel e fazendo-o girar, o rumor que produz, dizem que imita o urro do ippopotamo. - certo jogo preparado por ocasião dos funerais ou evocação das almas dos antepassados.
- Aigge-akirireu**, s. o instrumento que serve para o jogo do aigge, quando enfeitado de penugem.
- Aigge-are**, s. certo canto da família dos Aroroe. - o que leva o aigge.
- Aigge-areddu**, s. o instrumento usado no jogo do aigge, quando tingido de urucum e carvão.
- Aigge-aredduio**, certo canto u. p. Aroroe.
- Aigge-bakororo**, s. o instrumento usado para o jogo do aigge, quando feito de taboa e tingido de urucum e carvão.
- Aigge-barubaru**, s. o instrumento para o jogo do aigge, quando feito de madeira branca.
- Aigge-bokodori**, s. o instrumento para o jogo do aigge, quando feito de madeira e da forma do casco de tatú canastra, tingido de urucum.
- Aigge-jaiworeu**, s. o instrumento que serve para o jogo do aigge, quando enfeitado com penas de arara.
- Aigge-iare**, s. certo canto u. p. Aroroe.
- Aigge-iare-roddo**, s. certo canto u. p. Aroroe.
- Aigge-kodda**, sin. de awara, estrada, u. nos cantos.
- Aigge-kujagureu**, s. o instrumento que serve para o jogo do aigge, quando tingido de urucum.
- Aigge-kuguri**, e. certo varão dos Aroroe.
- Aigge-marugoddu**, s. certo Aroe.
- Aigge-oro**, n. pr. masc. e fem. dos Aroroe. - o instrumento para o jogo do aigge quando de formato menor.
- Aigge-oro-uorubbo**, e. certo cipó, cujas fibras e raízes amarram às pernas e aos braços das crianças para enrobustecerem os músculos.
- Aigge-paru**, certo canto usado por toda a tribo.
- Aigge-reboe**, s. uma cousa que seja semelhante ao aigge.
- Aiggereu**, s. como aoiã, mas só nos cantos.
- Aiggeri**, s. certo lugar do alto Rio Vermelho u. Pogubbo.
- Aigge-reu**, s. o instrumento para o jogo do aigge, quando feito de taboa e de forma redonda.
- Aigge-roddo**, s. certa mulher dos Aroroe. - adj. fem. molenga.
- Aigge-uorubbo**, s. certo vegetal pelo qual os boróros que são proibidos de ver o jogo do aigge, o poderão ver.
- Aigge-ukigareu**, s. o instrumento para o jogo do aigge, quando feito de taboa e com duas pontas.
- Aigge-upogureu**, s. o instrumento para o jogo do aigge, feito de taboa e pintado de varias cores.
- Aigge-olo**, s. certo canto u. p. Aroroe - sin. de aigge nos cantos.
- Aigo**, (pl. aigo dogue) s. onça parda.
- Aigo-buregui**, s. enfeite de garras de onça parda.
- Aigo-6**, (pl. aigo doguett'6) s. enfeite dos dentes de onça parda.
- Aigo-6**, s. o rabo da onça parda.
- Aigo-o-iorubbo**, s. certo vegetal com cujas folhas esfregam o rosto para encontrar-se com a onça parda.
- Aigo-paru**, s. certo canto dos Paiwoe.
- Aigo-reboe**, s. cousa parecida com a onça parda.
- Aigoreu**, (pl. aigoregue) s. pequeno gambá.
- Aigo-dogu'erubbo**, s. cigarinha (vegetal) cujas raízes carbonizadas e com o pó, misturado com kiddoguru, esfregam o rosto depois de terem matado a onça, para não ser reconhecidos do espírito mau e cair doentes.
- Aiguio**, sin. de aigo, onça parda, u. nos cantos.
- Aikki**, s. gen. folha seca.
- Aikkiddoreu**, s. jaguatirica pequena.
- Aimagaddu**, s. leiteira (vegetal).
- Aimeareu**, s. gato do mato.
- Aimeareu-xoreu**, s. gato preto do mato.
- Aimmo**, v. banhar-se, tomar banho. pres. i nure itt-aimmo, a nure ak-aimmo, u nure t-aimmo; xe nure xedd-aimmo, pa nure pag-aimmo, e nure ett-aimmo.
- Aimmodda**, s. vd. aimmoddodda.
- Aimmoddu**, v. fazer tomar banho.
- Aimmoddodda**, o lugar onde se toma banho.
- Aimmoddoddu**, s. o tempo em que se toma banho.
- Aipo**, s. coque, pituca de cabelos na nuca.
- Aipobureu**, (pl. aipoburegue) s. jaguatirica.
- Aipoburegue-xeba**, e. certo vegetal com cujas raízes e folhas esfregam o corpo para facilmente se encontrarem com a jaguatirica; matador de jaguatirica.
- Aipoburegue-rubbo**, s. velame branco (vegetal).
- Aipo-pogula**, e. cordel com o qual costumam cingir-se a cabeça, feito de cabelos, de palha ou outra materia.
- Airexe-paguddu-okaiare**, s. certo canto u. por toda a tribo.
- Aitorireu**, sin. de aipobureu, jaguatirica macho u. nos cantos.
- Aitorireudo**, sin. de aipobureudo, jaguatirica fêmea, u. nos cantos.
- Aiwo**, v. ver, enxergar, olhar, espia. pres. itt, ak-aiwo nure, aiwo nure; xedd, pag, tag, ett-aiwo nure; pret. perf. itt-aiwo; fut. itt-aiwo modde; inf. itt-aiwowo. - S. certo vegetal; espia.
- Aiwoddo**, v. fazer olhar, fazer ver, fazer espia.
- Aiwoddodda**, s. o lugar onde se olha, se espia.
- Aiwoddoddu**, s. o tempo em que se olha, se espia.
- Aiwoddodd'epa**, s. espiao.
- Aiwomeki**, v. odiar, - sin. de uppe; tartaruga u. nos cantos.
- Ak**, forma abreviada da segunda pess. do pron. pess. aki e do adj. poss. akko.
- Aka**, s. fígado, vísceras, itt, ak'aga, aka; xedd, pag, tag, ett'aga. - gambá... - coco de bocaíva, - forma contrata de akaia, teu pilão, - adj. gordo.

Aka-bere, -s. fermentação, movimento das vísceras.
Akabo, contigo.
Akaddo, adj. pintado de cor escura. - s. carogo de bocaiuva.
Akaddo-ka, prep. olha cá, presta atenção.
Aki, pron. de segunda pess. sing. tu; s. cadeiras (parte do corpo).
Akie, s. teu nome, i mie, akie, emala.
Akigu, (pl. akigu dogue) s. gen. linha.
Akigu-no-pori, s. novelo de fio.
Akigu-boareu, s. cinturão de algodão - faixa larga tecido que usam levar ao pescoço.
Akigu-eppa, s. fiandeiro.
Akigu-ikka, s. algodoeiro.
Akigu-ira-kagegeu, s. carretel.
Akigu-uarara, s. varinha para fazer cordéis.
Akigureu, s. algodãozinho do campo. - certo vegetal de cujas folhas preparam uma decoção usada para se lavarem contra as febres e qualquer doença.
Akikoddo, s. carne das cadeiras.
Akiraddu, fr. talvez é tu mesmo.
Akkadduia, sin. de akaddureu, multicolor, u. nos cantos.
Akkaduie, s. certas feras prehistóricas.
Akkaduio-erubo, s. certo vegetal com cujas folhas esfregam o rosto para serem felizes nas caçadas.
Akkaduio, sin. de akkadduia, u. nos cantos.
Akkaddureu, adj. subs. masc. o que é multicolor, variado.
Akaga-akagaddo, v. escolher.
Akkagu, forma do pron. e adj. poss. segunda pess. sing. a respeito da posse de animais domésticos. Pl. akkagugue.
Akkari, s. parte separada de uma cousa.
Akkaru, s. suor; ittagaru, ak'agaru, akkaru... - notícia.
Akkraddo, v. noticiar, exclaimar, proclamar.
Akkraddodda, s. o lugar onde se noticiou, proclamou.
Akkraddoddu, s. o tempo em que se noticiou, proclamou.
Akkraruio, sin. de akkaru, u. nos cantos.
Akkraruio-bokodori, n. prop. antigo chefe, o mais famoso da tribu.
Akkraruio-bokodori-uttugo, s. certa flecha u. p. Badd. Xob.
Akkaru-padduiare, certo canto dos Aporoe.
Akke, s. respiração, afan, aflição, palpitação. - v. ter pressa, ligeireza.
Akke-aregodda, s. boca do estômago.
Akke-barikare, v. fazer as cousas às pressas, accleradamente.
Akkeddo, v. exaurir, acabar, concluir. pres. i, a, u, nure akeddo; xe, pa ta e nure akeddo. pret. perf. ire akeddo; fut. i modde akeddo; inf. akkedduo.
Akkeddu, adj. exaurido, acabado, concluído.
Akkedduddu v. fazer acabar, concluir.
Akkeddudodda, s. o lugar onde se acabou, concluiu uma cousa.
Akkedduddu, s. o tempo em que se acabou uma cousa.
Akkeddugoddo, fr. prestes a concluir.
Akkeddureu, adj. subs. o que é acabado.
Akke-já, s. boca do estômago.
Akke-geta, s. boca do estômago.
Akke-koia, fr. por causa de cansa, ou da pressa.
Akkiemmo, v. cobiçar. pres. ittaguemmo nure, pret. perf. ittaguemmo. fut. ittaguemmo modde. inf. akkiemmo. - s. fazer uma cousa com cansa.
Akkiemmoddo, v. fazer cobiçar.
Akkiemmo-kaddo, v. fazer não cobiçar.
Akkiemmo-kare, v. não cobiçar nada.
Akkenna, s. a parte do nariz do couro da onça onde prendem uma corda para o esticar.

Akkennau, sin. de pemegaddoddu, enfeitado de penas u. nos cantos.
Akkere, v. respirar, afligir-se.
Akkiri, s. fina penugem de certas aves.
Akkiri-i, s. angico (árvore).
Akkiribbo, s. rio lendario que pertencia ao cacique Bakoro-kuddu.
Akkiri-i-biri, s. casca de angico.
Akkiri-dogue, s. constelação das Pléiadas.
Akkiri-dogue-ekoudda, s. canto u. por toda a tribu.
Akkirie, sin. de kare kigadduregue, peixe voadeira, u. nos cantos.
Akkirio, s. enfeite de penas de mutum, para ornar a cabeça. - capim "rabo de boi".
Akkirio-bororo, s. aldeia dos Bokodori exer.
Akkirio-ikka, s. certo arco usado pelos Bokodori exer.
Akkirio-kurugugoe, s. tribu infmiga dos boróros, quasi extinta por Akkaruio Bokodori e Bakoro kuddu.
Akkirô, s. presente, premio, gorgeta, troca.
Akkiro-bariguddu-iaga, s. certo canto u. p. Baad. xeb.
Akkiroddo, v. presentear, premiar, trocar pres. i, a, u, nure akkiroddo; xe, pa, ta e nure akkiroddo. pret. perf. i re akkiroddo. fut. i modde akkiroddo. inf. iwo akkiroddo.
Akkiroddodda, s. o lugar onde se deu um presente.
Akkiroddoddu, s. o tempo em que se deu um presente.
Akkirôri, s. certo varão dos Aoroe.
Akko, segunda pess. sing. do pron. e do adj. poss. teu, tua. - s. som, voz. - v. falar, dizer, pres. innago nure, akago nure, akko nure. pret. perf. innagore. fut. innago modde. inf. innagowo. - ajuntar, reunir, pres. i nure akko, a nure akko, u nure akko. pret. perf. i re akko.
Akkô, s. bocaiuva (fruto de palm).
Akko... akkoreore, v. imitar a voz, a fala de alguém, remedar. pres. innago nure nonna akkoreore. fut. innago modde nonna akkoreore.
Akkoido, v. refrescar, resfriar.
Akkoddou, s. com o adj. poss. teu eunhado.
Akkoddu, adj. ajuntado, reunido.
Akkoddureu, adj. subs. o que é ajuntado, reunido.
Akkogerimaga, adj. robusto.
Akkogerimagaddo, v. tornar-se forte.
Akkogerimaga-boquaddo, v. tornar-se fraco.
Akkogerimagareu, adj. subs. aquele que é forte.
Akkogo, s. taruman (fruto); verruga.
Akkogo-i, s. tarumeiro. (árvore).
Akkogoddu-laga, sin. de akkore, falou, u. nos cantos.
Akkoiato, v. arremedar.
Akkoiatoddo, v. vd. akkoiato.
Akkoiatoddu, adj. arremedado.
Akkoiatoddureu, adj. subs. masc. aquele que arremeda.
Akkoierika, v. falar muito.
Akkoierikaddo, v. fazer falar muito.
Akkoierikareu, adj. subs. masc. quem fala muito.
Akkoko, v. pedir insistentemente.
Akkokoreu, s. quem pede insistentemente.
Akko-kuddu, v. desprezar a palavra, o conselho.
Akko-meddubbo, v. não guardar as leis, as ordens.
Akko-medduboreu, s. o desprezador das leis.
Akkonnoia, sin. de akkiwu, teu corpo, u. nos cantos.
Akko-okkuiaga, v. vangloriar-se. pres. innago okkuiaga nure, akkago okkuiaga nure, akko okkuiaga nure.
Akko-okkuiagareu, s. quem se vangloria.
Akko-oreu, s. mangabeira brava (árvore). Usada como remedio, fazem infusão e molham-se

- a cabeça. Aplicam também um galhosinho no furo do lóbulo da orelha, a fim de evitar qualquer doença.
- Akkopara**, adj. lerdo, vagaroso.
- Akkopara**, s. bocaiueira que dá pouco fruto.
- Akkoreu**, s. olho de boi (veg.).
- Akkoro**, s. jurumpensem (peixe).
- Akkoro-iao**, s. voadeira (ribirão).
- Akkowo**, sin. de akko, teu u. nos cantos.
- Akku**, segunda forma do pron. e do adj. poss. referente a posse de animais domésticos. — adj. frio, fresco.
- Akkudda**, v. limpar, varrer. — fazer resfriar.
- Akkuddo**, s. bocaiueira (palm.).
- Akkuddo-ni**, s. folhas de bocaiueira.
- Akkuddo-itogua**, s. talo da folha da bocaiueira.
- Akkuddo-itorogoddo**, s. palmito da bocaiueira.
- Akkuddo-kugu**, s. mingau de bocaiueira.
- Akkuddoro**, s. folha nova da bocaiueira.
- Akkugue**, forma do pron. e adj. poss. terceira pess. sing. referente à posse de animais domésticos.
- Akkurara**, s. pacú peba (peixe).
- Akkurara-agureu**, s. outra espécie de pacú peba.
- Akkurarareu**, s. cousa que tem forma de pacú.
- Akkure**, v. fazer frio.
- Akkureu**, s. o que é frio.
- Akkuru**, s. vento. — v. jogar fora, expirar. pres. ittaguru nure, akkaguru nure, akkuru nure.
- Akkuruddo**, v. fazer jogar fora.
- Akkuruddodda**, s. lugar onde se joga fora uma cousa.
- Akkuruddoddu**, s. o tempo em que se joga uma cousa.
- Akkurue**, s. certas feras fúbulosas. — sin. de ju-koe, macaco, u. nos cantos.
- Amagaddo**, v. tremer, sacudir, mexer.
- Amagadduddo**, v. fazer tremer, abalar, sacudir.
- Amagadduddoddu**, s. o tempo em que tremeu, sacudiu.
- Amago**, s. certo peixe.
- Amemma**, s. lagarto grande.
- Amemmareu**, s. uma árvore da mata.
- Amigui**, s. variedade de peixe cachorro.
- Amireu**, s. quitanda.
- Amma**, adj. muito.
- Ammagoe**, s. um peixe pequeno.
- Ammu**, adj. bem mastigado, amassado.
- Ammuddo**, v. mastigar, amassar.
- Ammureu**, s. o que é bem mastigado, amassado.
- Amo**, (pl. amoe) s. coelho, lebre.
- Amo-erabo**, s. certo vegetal cuja raiz carbonizam esfregando com o pó o corpo para afugentar doenças.
- Amu**, adj. descansado.
- Amuddo**, v. descansar. pres. i nure ittamuddo, a nure akkamuddo, u nure tamuddo.
- Amuddodda**, s. lugar onde se descansa.
- Amuddoddu**, s. o tempo em que se descansa.
- Anago**, s. uma árvore da mata. — v. querer muito.
- Ao**, s. cabelo, ittao, akao, ao. — cimo, cume.
- Ex. i ruddu modde tori ao kae-eu subirei ao cume do morro.**
- Ao-baru**, s. toutipo.
- Ao-baru-keggeu**, s. enfeite de penugem de arara vermelha.
- Aobigi**, adv. espontaneamente. ittaobigi, akkaobigi, aobigi. — s. ponta da mata. **Ex. ki aregoddurc ittura nobigi-a anta veio da ponta da mata.**
- Ao-bona**, sin. de bozona, coxa u. nos cantos.
- Aogageu**, s. cordel de palha ou de cabelos, etc. que enrolam na cabeça.
- Aoguege**, adv. sobre, em cima.
- Aogugui**, s. cabelo crespo, encarapizado.
- Aoguguirireu**, s. aquele de cabelo crespo.
- Aogua**, s. nome de um pássaro.
- Aogua-urugu**, s. flexa dos Bok. exerae.
- Aokobbo-dogue**, s. boróros de costumes depravados.
- Aokoroço**, v. pentear-se pres. i nure ittao kororogo, a nure akao kororogo, u nure tao kororogo.
- Ao-korogoddo**, adj. cabelo liso, penteado.
- Ao-korogoddoreu**, s. quem é de cabelo penteado, liso.
- Ao-kororogu**, v. fazer-se pentear.
- Aokureu**, s. formiga carregadora.
- Aomogoregue**, s. boróros de costumes depravados.
- Aomixigu**, s. cabelo liso.
- Aomixigureu**, s. que tem cabelo liso.
- Ao-otto**, s. montão de qualquer cousa, ponta de cabelo.
- Ao-pega**, nome com pron. poss. teu avô. v. s. atadura de cordel de cabelos na cabeça.
- Áora**, s. cabeça, itáora, akkáora, áora.
- Aora-rai**, s. eraneo.
- Aorareu**, s. mentiroso, maléfico, caluniador.
- Aora-tugu**, v. mergulhar, por a cabeça.
- Aoro**, s. cabeça de piabassú (peixe).
- Aoriborareu**, s. enfeite nas flexas.
- Aroroe**, s. nome de uma família do clan dos Tugaregue.
- Aroroe-xoregue**, s. uma divisão da família dos Aroroe.
- Aroroddo**, s. membro da família dos Aroroe.
- Ao-taddao**, s. chapéu.
- Apa**, s. forquilha, vão das pernas.
- Apaddo**, v. fazer forquilha.
- Apaddodda**, adv. na forquilha.
- Apagao**, adv. entre duas cousas.
- Apara**, s. interstício, vão.
- Aparaddo**, v. vd. abaraddo.
- Ápara**, s. cousa que tem forquilha.
- Apariddoro**, s. canto dos Bokod.
- Apedago**, s. batutira.
- Apiabbo**, s. urú (pássaro).
- Apibbo-boróro**, s. patio dos Apibboregue.
- Apibboregue**, s. nome de uma família do clan dos Tugaregue.
- Apibboregue-xoregue**, s. divisão da família dos Apibboregue.
- Apibboregueddo**, s. membro da família dos Apibboregue.
- Apiddo**, s. uacorí. (palm.) — totem dos Apibboregue.
- Apidd'ni**, s. folha de uacorí.
- Apiddo-amireu**, s. bolo de uacorí.
- Apidd'ogua**, s. talo seco de folha de uacorí.
- Apidd'oiá**, s. palmito da uacorí.
- Apiddo-koi**, s. bagaço de uacorí.
- Apiddo-kugu**, s. mingau de uacorí.
- Apiddo-kugureu**, s. uacorí pequeno.
- Apiddoro**, s. folha nova de uacorí.
- Apiddorogoddo**, s. broto que sai ao pé das folhas de uacorí.
- Apiddo-toro**, s. palmito assado de uacorí.
- Apoddo**, s. tucano. (ave).
- Apoddo-bari**, s. certo apito u. p. Kie.
- Apomio**, s. herói legendário.
- Apocvureareu**, s. arbusto cujas folhas tem a forma de pata de paca. (daí o nome).
- Apparegue**, s. pequeno lamabarí. (peixe).
- Appeguire**, s. grande número de cocos maduros de uacorí.
- Appeguireu**, s. pau terra (árvore).
- Appegurare**, s. pequena tocangura.
- Appekku**, s. enfeite de penas de arara. — Cacho de cocos de uacorí.
- Appoo**, s. coco de uacorí.
- App'i**, s. succupira (árvore).
- App'i-ekuroddu**, s. fruto da succupira.
- Appo**, prep. com.

Appoe-exeba, s. rede que usam para apanhar as pacas.
Appogo, (pl. appogoe) s. tamanduá mirim.
o-evuregodda, s. pequeno cará do mato.
Appu, (pl. appoe) s. paca.
Appu, adj. areado do corpo, baixo de estatura.
Appuddo, v. abaixar o corpo. pres. inure i puddo. a nure a puddo, u nure tu puddo. pret. perf. i re i puddo. fut. i modde i puddo. inf. iwo i puddo.
Appureu, s. quem é baixo de estatura.
Appuie, s. piquira (peixe).
Appuie-teba, s. quantidade de piquiras.
Apuddoda, s. o lugar onde se baixou o corpo.
Apuddodu, s. o tempo em que se baixou o corpo.
Apu-ô, s. dente de paca com carne.
Araga, s. medula espinhal do peixe. — mocotó.
 — adj. ser forte, ter paciência.
Araga, s. tua nota.
Arago, s. cacete de forma cônica u. p. boróros.
 — v. imperativo de cantar.
Aragoreu, s. uma especie de peixe cachorro.
Araguddo, v. chorar. pres. ittaraguddo nure, akaraguddo nure, araguddo nure.
Araguiforo, s. arapúá. (abelha).
Araguiforo-doguerubbo, s. pau doce. — usado como remedio, carbonizam a raiz e, misturada com kiddoguru, usam-na nas fraturas e contusões.
Ararebbo, s. certo rio legendario.
Ararebbo-boróro, s. certa aldeia dos Bokodori exer.
Arareiaio, s. afluente do Pogubbo.
Ararereu, s. um vegetal.
Araro, s. piraputanga menor (peixe).
Araro-immoreu, s. piraputanga maior.
Araruboe-ekureu, s. certo varão dos Iwaguddo dogue.
Araruga-boróro, s. um patio dos Bokod. exer.
Ararureu, s. brinco de concha que dependuram no labio inferior.
Arauwe, s. peixe de lagoa.
Are, s. pulo, companheiro, semelhante, igual, possuidor. pl. aregue. fem. aredda.
Areddo, v. pular.
Areddoddoda, s. o lugar onde se pula.
Areddu, s. femea. pl. areme.
Aredduddo, v. transformar-se em mulher.
Areddurogo, s. menina.
Arego, v. forma imperativa; corre, de pressa.
Aregoddiare, sin. de aregoddo, chegar, u. nos cantos.
Aregoddo, v. chëgar, regressar, pres. itt, ak, aregoddo nure. pret. perf. ittaregoddure. fut. ittaregoddo modde. inf. ittaregodduo.
Aregoddoda, s. lugar da chegada.
Aregodduddo, v. fazer chegar, regressar.
Arem'erubo s. vegetal usado como remedio nas doenças das mulheres.
Arereu, s. pulador, possuidor.
Ari, s. lua, mês lunar, marmelada de espinho (fruto), — adj. ser forte.
A-ri, s. tuas pontas dos ossos das cadeiras.
Ar'i, s. figueira (árvore).
Aria, s. panela de barro.
Aria-meriri, s. panela de metal.
Ariareu, s. redemoinho, sorvedouro.
Ariajorubbo, s. vegetal u. como remedio.
Ari-baroguddoddo, s. quando ao amanhecer, é visível a lua.
Aribbo, s. rio legendario.
Aribi, s. eclipse lunar.
Ari-buttu, s. lua minguante.
Ari-dogue, s. espirito mau. — um jogó dos espiritos.
Ariguo, s. cachorro.
Ariguo-bari, s. instrumento musical u. p. Iwaguddo-dogue.

Ariguo-boróro, s. patio dos Iwaguddo dogue que se achava no rio Cuiabá abaixo da barra do rio Coxipó.
Arika, s. marmelada espinho.
Arireu, s. enfeite da cabeça. — sin. de bokodori-inogui, enfeite de unhas de tatú, u. nos cantos.
Arirugu, s. luar.
Arirugureu, s. doença da pele que dá manchas brancas no corpo.
Ari-ruttu, s. lua crescente.
Arixe, s. um canto dos Apibboregue e dos iwa-guddo dogue.
Aro, s. penugem das aves.
A-ro, s. — caco de caroço de coco.
Aroo, inter. olá.
Arobi, adv. depois.
Arobiu, s. que vem depois, último.
Aroddo, s. sombra, imagem refletida na agua.
Aroddureu, s. ladrão, malfeitor.
Aroddukainná, inter. que lindo, bonito!
Aroo, s. alma, espirito.
Aroeba, s. canto u. p. Iwaguddo dogue.
Aroebae, s. grande gavião branco.
Aroeburugoddo, s. birro (passarinho).
Aroeiugaiio, s. uma morada das almas.
Aroe-e-po, s. agua das almas, u. nos cantos.
Aroe-ekke-iorubbo, s. vegetal do qual fazem poção contra dor de barriga.
Aroe-ekke-roia, s. canto do evocador das almas.
Aroe-ennoguani, s. canto depois da cerimonia dos aigge dos Bokod. exer.
Aroe-epoddoddu-kegeboe, s. canto fúnebre logo depois da morte. u. p. toda tribu.
Aroe-ereru-paru, s. canto u. p. toda a tribu.
Aroe-erubo, s. vegetal cujas raizes carbonizam e misturam com kiddoguru, para tingir o rosto e o corpo; assim recebem o poder de ver as almas.
Aroe-ettuwarn-are, s. evocador das almas.
Aroe-ettugu, s. flecha u. p. Bokod. exer.
Aroe-ewari, s. apito.
Aroe-jaro, s. cesta em que depositam os ossos dos falecidos.
Aroe-gubboru, s. canto, jogo das almas.
Aroe-jure, s. canto dos Iwaguddo dogue.
Aroe-ke-jorubbo, s. genciana (árvore).
Aroe-koddu, s. meteoro, estrela cadente.
Aroe-kodduddureu-i, s. paineira (árvore).
Aroe-kuddu-aregoddui-mariddo-kaekidu, um jogo das almas.
Aroe-maiwu, s. um jogo das almas. — representante do morto nos funerais.
Aroe-cimegera, s. chefe dos espiritos.
Aroe-meru, s. grande caçada na occasião dos funerais.
Aroe-noguagueddoddo, s. comida para as almas.
Aroe-ra, s. esqueleto.
Aroe-reru, s. um jogo.
Aroe-tu-woigairaga, s. canto do Bokod.
Aroguaddo, v. fazer estender, fazer cigarro. pres. inure aroguad o, a nure arog.
Aroguaddoda, s. lugar onde se estende.
Aroguaddoddu, s. o tempo em que se estende.
Aroiu, s. tecido. — sin. de buke, rede para pescar, u. nos cantos.
Aroia-attugo, s. tecido colorido.
Aroia-attugo-attugoreu, s. tecido de várias cores.
Aroia-dogue, s. canto dos Iwaguddo dogue.
Aroia-guiguddo, s. trapo.
Aroia-kaddu, s. lagarto de água.
Aroia-kanna-boquareu, s. colete.
Aroia-kannagi, s. camisa.
Aroia-ke, s. guarda-chuva.
Aroia-kujagu, s. lenço.
Aroia-kurireu, s. um dos principais chefes dos boróros.
Aroia-okua-kujagu, s. riscos pretos e vermelhos no rosto.

- Aroia-pogoragiu**, s. calça.
Aroiareu, sin. de meru, arraia, e de aroia, pano, u. nos cantos.
Aroia-wuia, sin. de aroia, pano u. nos cantos.
Aroia-rireu, sin. de baimannagueggu u. nos cantos.
Aro-kurireu, sin. de aroexeba, aguia do Brasil, u. nos cantos.
Arommere, s. pequeno dourado (peixe).
Aro'erubbo, s. certo vegetal cujas raízes carbonizam e o pó misturado com kiddoguru, é aplicado contra qualquer incommodo. - As mulheres costumam colocar as folhas no cinturão para não soffrerem em dar à luz.
Arori, s. cobra coral.
Aroro, s. larva de um lepidoptero cuja cabeça é vermelha e o corpo listado de amarelo e preto, - Totem dos Aroroe.
Aroro-ikka, s. arco enfeitado com listas de penas de arara vermelhas, amarelas e pretas de mutum.
Aroro-ikkaxoreu, s. arco u. p. aroroe.
Aroro-ikka-kujugureu, s. arco u. p. Aroroe.
Aroroe-uttugo, s. certa flexha dos Aroroe.
Aroexeba, s. aguia do Brasil. enfeite de penas da mesma.
Aroexebba-dogue, s. um jogo dos Aroe.
Aroexebba-ikka, s. arco enfeitado com penas do aroexeba.
Aroexedduia, s. canto de toda a tribu.
Aroweia, s. sin. de bireugue eiao, morada das almas, e de mottureboe, beleza, u. nos cantos, - um canto de toda a tribu.
Aroweia-dogue, s. um canto dos Baad. xeb.
Aroweia-jure-puddabo, s. canto dos Baad. xeb.
Aroweri, sin. de tori, pedra u. nos cantos. - nome de um morro no Pogubbo.
Arowetuuoigairoga, s. canto dos Bokod.
Aru, v. tirar, comprar, adquirir, subir, trepar, - s. folha.
Arua, s. nome pr. masc. e fem.
Aruaboropo, s. patio dos Baad. xob. - nome proprio.
Aruakka, s. folha nova.
Aruari, s. morro legendario. - nome de um herói, adj. alto, grosso.
Aru-bararu-kurireboe, s. vegetal cujas folhas reduzidas em pó e misturada com kiddoguru, põem na cabeça contra doenças. Esfregam. tamhem o corpo e o arco quando vão caçar.
Aruddodda, s. lugar onde se compra, se sobe, trepa.
Aruddugoddu, adj. fino, transparente, magro.
Aruddugodduddo, v. fazer fino.
Aruddugoddureu, s. som, voz muito fraca. - aquele que é fino, magro.
Arugu, adj. claro, transparente. - s. folha nova de palmeira.
Arugujagu, s. folha velha.
Arugureu, s. o que é claro, transparente.
Attaga, s. carne recortada - aranhadura.
Attagaddo, v. mantear (recortar carne).
Attagaddodda, s. lugar onde se manteia.
Attagaddoddu, s. tempo em que se manteia.
Attagara, s. antebraço. ittagara, akaddagara, attagara.
Atammo, s. arraia grande, pl. atammoe.
Attara, s. atrapalhação - adj. gago.
Attarareu, s. aquele que é gago.
Attaro, s. espuma.
Atte, s. bicho erjado nas feridas, berne.
Attô, s. indaiá-assú, cágado grands
Attu, s. concha grande, caroço, bala de espingarda, cartucho.
Attubo, s. veado galheiro.
Attugo, adj. pintado.
Attugo-attugoreu, adj. pintado miudinho.
Attugo-attugoreu, s. o que é pintado miudinho.
Attugoddo, v. pintar, escrever.
- Attugododda**, s. lugar onde se escreve.
Attugododdu, s. tempo em que se escreve.
Attugojeragudda, adj. pintado de varias cores.
Attugojeraguddureu, s. o que é pintado de varias cores.
Attugo-kurireu, sin. de addugo imedo, onça pintada macho, u. nos cantos.
Attugo-kurireu-exerae, s. canto dos Bokodori.
Attugoreu, s. o que é pintado.
Attugue, s. pl. marimbondos.
Attugue-bari, s. marimbondo tatú.
Attuguewari, s. casa de marimbondo.
Attuie, tua irmã ou tia mais velha.
Attukigao, s. concha grande pontuda.
Attu-meririreu, s. um cipó.
Atturebo, s. pequena concha.
Atturebo-kigao, s. pequena concha pontuda.
Atturebo-meriri, s. colher de metal.
Atturoro, sin. de rijo, alto, u. nos cantos.
Attu-roenio, sin. de attubo imeddo, cervo galheiro macho, u. nos cantos.
Atturua, s. certo gafanhoto fino e comprido - nome prop. masc. e fem. dos Paiwoe. - certo paredão legendario. - certo aroe. - sin. de rijo, alto, u. nos cantos.
Atturua-ikka, s. certo arco dos Paiwoe.
Atturua-kurireu, s. certo gafanhoto da boca pontuda e antenas pretas.
Atturua-o-jorubbo, s. certo vegetal venenoso, Atturuwari, s. um morrinho legendario.
Attubbo-burea, s. brinquedo que fazem com um cordel trançando-o nos dedos em modo de dar a idéia dos vestígios do cervo.
Attubbo-o-jorubbo, s. certo vegetal cujas folhas e raízes carbonizam e misturam o pó com kiddoguru e passam nos hombros e no peito das crianças para terem longa vida.
Attuboreu, s. certo vegetal de folhas grossas.
Atuddu, s. pus.
Atunabbo, s. concha pequena.
Aturigui, adj. raso. - v. passar levemente uma cousa, falar suavemente.
Aturiguireu, s. o que é raso, o que fala suavemente.
Au, adj. dem. este, isto; esse, isso.
Aubbaru, s. nuca. ittaubbaru, akkaubbaru, ubbaru...
Aubbo, adj. desigual, sem par.
Aubboreu, s. o desigual, o sem par.
Auddu, adj. facil para amassar, esfarelado.
Augi, adv. hoje, por aqui.
Augoire, sin. de auguege u. nos cantos.
Auguege, adv. sobre.
Awaddu, s. solteiro e solteira. - adv. de quantidade; somente.
Awagaddo, v. fazer levantar, suspender. i, a, u nure awagaddo. pret. perf. i re awagaddo. fut. i modde awagaddo.
Awagaddodda, s. lugar onde se levanta alguma cousa.
Awagaddoddu, s. tempo em que se levanta alguma cousa.
Awagaddori, s. pequena onça pintada. pl. awagaddore - certo canto dos Apiburegue.
Awagaddori-ikka, s. certo arco dos Apiburegue.
Awagaddorireu, sin. de awagaddori u. nos cantos.
Awagare, adj. levantado, suspenso.
Awagareu, s. o levantado, o suspenso.
Awagu, s. cobra pl. awagoe.
Awagu-o-jorubbo, s. certo vegetal com cujas folhas esfregam a ponta da flecha para doer mais e a fera atingida, morra mais depressa.
Awara, s. caminho, estrada, rua, trilho.
Awarare, s. passageiro, viajante, visitante. pl. awararegue.
Awarogoddu, adj. e adv. pouco.
Aworeddu, s. mandoguarí riscada. (abelha) pl. aware.

Awore-xoreu, s. mandoaguarf preta (abelha).
Awuddu, adj. fragil, quebradiço.
Awuddureu, s. o que é fragil.
Awuru, s. o fruto do mandobim e do urucum.
 - adj. cousa vermelha.
Awurulo, sin. de kujagu, vermelho e de nonno-
 go, urucum, u. nos cantos.
Axe, s. tua mãe.
Axe-aruga, s. tua sogra.
Axe-mirega, s. canto dos Baadag.
Axe-pega, s. tua avó.

B

Ba, s. ovo, testículo; certo jogo; cartucho de
 palha de burití que os homens costumam levar
 para cobrir o membro viril; enfeite de folha
 nova que costumam levar ornando a cabeça;
 folha nova de palmeiras, exetuada a de burití.
Baa, s. aldeia, vila, povoação.
Baadageba, s. familia do clan dos Exerae que se
 divide em: xebeguiu e xobuguiu. - adj. bom,
 manso.
Baaddo, v. formar aldeia, acampar.
Baaddodda, s. o lugar da aldeia.
Baaddoddu, s. o tempo em que se forma aldeia
 ou o acampamento. - cousa estendida sobre
 outra.
Baagadda, s. tapera.
Baa-kurireu, s. cidade.
Ba-aregoddo, v. amanhecer.
Badadderegure, s. feras prehistóricas.
Bado, v. estender. pres. i nure bado...
Badodda, s. lugar onde se estende uma cousa.
Badoddu, s. tempo em que se estende uma cousa.
Baacia, s. lugar de reunião, centro da aldeia.
Baciari, s. morro lendario, moradia de urubú
 reis.
Baciari-boróro, s. certa aldeia dos Kie.
Baekkorareu, s. caverna, grande furna.
Baekku, s. limpeza. - adj. limpo.
Baekureu, s. o limpo, lugar limpo.
Baera, s. enfeite de folha nova de aguassá, for-
 mando bandeirinhas pintadas de urucum e
 applicadas a um pauzinho. Costumam levá-
 las na cabeça.
Baerareu, s. borboleta pintada de branco, ver-
 melho e preto.
Bai, s. casa, rancho, choupana, iwai, awai, bai...
 pl. bai dogue. - palha. - urubú rei pl. bae.
Bai-baireu, v. rodar, girar como pião. pres. i,
 a, u nure bai-baireu. - s. o pé do ouvido.
Bai-baireuddo, v. fazer rodar, girar.
Bai-baireuddodda, s. lugar onde se faz rodar.
Bai-baireuddoddu, s. tempo em que se faz rodar.
Baibora, s. cerea de folhas de palmeiras.
Baiguigo, s. coelho do cerrado.
Baikka, s. arco dos Kie.
Bai-kobbo, s. vestígios deixados no lugar onde se
 cortou palha.
Baimanaguegeu, s. rancho central da aldeia.
Baimariddogareu, s. casa coberta de telhas.
Baiparu, s. beira da casa.
Baiporo, s. porta, janela. - nome prop. masc. e
 fem. dos Paiwoe.
Baiporoddo, v. fazer um furo na casa, porta,
 janela.
Baiporododda, s. lugar onde se fez a porta
 ou a janela.
Baiporododdu, s. tempo em que se fez a porta
 ou a janela.
Baiporocpa, s. chave.
Baiporo-kegeu, s. folha da porta ou janela.
Bairekeapaddu, s. um passarinho.
Baireu, s. uma ave parecida com o urubú rei.

Baitogogo, s. herói da familia dos Aroroe.
Baitororeu, s. urubú rei branco.
Baingaio, s. canto dos Baad. xob.
Bainguru, s. cacimba.
Baka, s. membro viril.
Bakaiga, s. aranha.
Bakaiga-iorubbo, s. vegetal cujas raizes socam,
 misturam com kiddoguru, esquentam e apli-
 cam nas contusões e luxações.
Bakaiga-o-iorubbo, s. cipó cujas raizes carbo-
 nizam, misturam com kiddoguru, e passam
 nas mãos para fiar ligeiramente.
Bakaiga-etugugareu, s. teia de aranha.
Bakairere, s. certo espirito mau.
Bakarae, s. caruncho do milho.
Bakaraia, s. um enfeite.
Bakaraia-ikka, s. arco dos Bokod.
Bakkaru, s. conto, fábula, lenda, palavra. - nome
 prop. masc. e fem. dos Kie.
Bakko, s. bananas.
Bakko-ekku, s. cacho de bananas.
Bakkoguru, s. bananal.
Bakkoitto, s. bananeira.
Bakkoro-iabbaxoio, sin. de pai, bugio, u. nos
 cantos.
Bakkoro-kaia, sin. de okiwa, capivara, nos cantos,
Bakkoro-kaiaippare, sin. de appu, paca, nos
 cantos.
Bakkorokuddu, s. herói dos Baad. xeb.
Bakkoroparuia, s. um passarinho.
Bakkororo, s. um grande herói da tribu. - um
 espirito.
Bakkororo-bari, s. um apito dos Aroroe
Bakkororo-xemmo-jokiugue, s. um canto dos
 Kie.
Bakkororo-dogue, s. jogo das almas. - um
 canto dos Baad. xeb. e xob.
Bakkororo-ikka, s. arco dos Aroroe. - canto
 dos Baad. xeb.
Bakkororo-ippo, s. certo arbusto das mirtaceas,
Bakkororo-kuddugoddo, s. canto de toda a tribu,
Bakkororo-enare, s. canto dos Baad. xeb.
Bakkororo-okoddauguirí, s. um peixe parecido
 com o botoado.
Bakkororopigiare, s. canto dos Bokkodori.
Bakkorororeu, s. enfeite das orelhas u. p. Iwa-
 guddu dogue. - um peixinho. - cobra coral.
Bakkororo-tugumagaia, s. canto dos Baad. xob.
Bakkororo-waboguio, sin. de kuo, jaó u. nos
 cantos.
Bakkou, s. lado oposto de um rio.
Bakku, s. abanico de folha trançada, leque.
Bakku-jukoddo, v. abanar-se. pres. i nure bak-
 kujukoddo i, a nure bakkujukoddo ai, u nura
 bakkujukoddo gi, pret. perf. i re bakkujukoddo
 i. fut. i modde bakkujukoddo i.
Bakkugu, s. certa fruta vermelha, parecida com
 jaboticaba.
Bakkuguma, s. um grande gavião. pl. bakkugum-
 moe. - sin. de aroxeaba, aguia do Brasil, u.
 nos cantos.
Bakkugumma-baraddo, s. rio afluente do Rio
 das Mortes.
Bakkure, s. um arbusto, ronda, cerco; um ca-
 caco noturno.
Bakkureddo, v. sitiar, cercar.
Bakkureddodda, s. lugar do cerco.
Bakkureddoddu, s. tempo em que se dá o cerco,
Bakureu, s. leque, abanico enfeitado com pe-
 nugem.
Bakuriri, s. vento produzido com leque, sopro
 do Bari em suas funções.
Bakkuririddo, v. fazer soprar, ventilar.
Bakkuririddoddu, s. tempo em que se soprou.
Bakuru, s. vento.
Bakuru-rakareu, s. ventania.
Bakugé-bigiú, s. o que está atrás da casa.
Bapeo-bakureddo, s. canto dos Baad. xob.

- Bapera**, s. papel, livro.
Bapera-attugoddo, v. escrever no papel.
Bapera-attugoddodda, s. escritorio.
Bapera-attugoddoddu, s. tempo em que se escreve.
Bapera-attugoepa, s. caneta, lapis.
Bapera-attugotahoboe, s. tinta.
Baperajá, s. envelope.
Bapo, s. chocalho, iwabo, awabo, wabo, indef, bapo.
Bara, sin. de kanna dogua, braços u. nos cantos.
Bara-bara, s. vão, interstício.
Baraddo, s. ninho.
Baraedd, s. homem civilizado branco pl. barae - fem. barae-areddo.
Barae-eimegera, s. chefe dos civilizados. - fem. barae-eimegera.
Barae-ekkekuruga, s. lagoa lendária.
Barae-ekkerureu, s. cará do mato.
Barae-ettaiaddadda, s. meio dia.
Bara-taetae, s. rã.
Baragadduio, sin. de orogo, cervo, u. nos cantos.
Baragara, s. instrumento com o qual furam o beico do recém nascido. - enfeite da cabeça.
Baragattao, s. araquá (ave).
Baraibo, s. rio lendário dos Bokodori.
Baraguiri, s. certa erva do campo.
Barareddo, v. dependurar, ajudar. pres. i nure bararedd'ai-eu ajudo-te. fut. a modde bararedd'i-tu ajudarás a mim.
Bararedda, s. lugar onde se dependura.
Barareddoddu, s. tempo em que se dependura.
Barareddureu, s. o dependutado.
Bararu, adj. gordo. iwararu, awararu, bararu... s. uma especie de cará.
Bararoddu, v. engordar.
Bararoreu, s. o gordo.
Bare, v. fazer, estar fazendo. - locução verbal: já pôs ovo. - adj. cousa estendida.
Bareddo, v. inflamar.
Baregue-ekkerureu, s. erva de cujas folhas, galhos e raízes, as mulheres põem na cintura como preventivo.
Baregue-pegurureu, s. um cipó.
Bari, s. pulmão. - adj. leve, fofo, fraco, largo. s. feiteiro, medianoeiro dos espíritos. pl. Bairc.
Bariddo, v. alargar, abrir.
Baria-i, s. pau d'oleo (árvore).
Bariga, s. mulher do bari. pl. bairere. s. pedra cristal.
Barigajao, s. um afluente do rio das Garças.
Barigaguru, s. grande estensão de pedra cristal.
Barigui-dogue, s. tribu inimiga dos boróro quasi estinta por Akkaruio Bokodori e Bakkoro-kuddu.
Barigo, v. jogar, atirar fora.
Barigoddo, adj. muito leve.
Barigoddoreu, s. o muito leve.
Barigogo, adj. chocho, murcho, fofo.
Barigogoreu, s. o que é chocho.
Barika, adv. muito, demais.
Barireu, s. o que é leve fraco.
Barogá, s. aurora.
Baroddugoddo, subir á tona.
Baroga-aregoddo, adv. amanhecendo.
Baroga-koddoddu, adv. acabando de amanhecer.
Barogato, adv. amanhã.
Barogo, s. animais da selva. pl. baregue.
Barogododdo, s. gema de ovo.
Barogo-ó, s. instrumento para fabrico das flechas.
Barogo-peguru, s. minhoca.
Barogo-pegurureu, s. lombriga.
Barogora, s. esqueleto de animais.
Baru, s. firmamento, céu, mudança.
Barubaddu, s. barbado (peixe).
Barubar, s. canto dos Baad. xob.
Barubo, sin. de boku, campo, u. nos cantos.
Barubo-bororo, s. um patio dos Bokodori.
Baruboru, s. enfeite da cabeça.
Baruboru-aturua, s. sin. de biri kigaddureu, peixe, u. nos cantos.
Baruddo, s. saída, mudança.
Baruddudo, v. fazer saída, mudar de lugar. pres. iwaruddudo nure, awaruddudo nure, baruddudo nure....
Barudduddodda, s. o lugar de onde se faz a mudança.
Barudduddoddu, s. tempo em que se faz a mudança.
Barugujagoddu, adv. ao romper da manhã.
Barugui, s. certo gaviãozinho.
Barugumma, s. um gavião; enfeite de penas de arara.
Barukobbo, s. louça.
Barukujagu, s. céu avermelhado.
Barukujaguddo, v. avermelhar-se do céu.
Barukugagegeu, s. linha imaginaria que divide o céu entre o horizonte e o zenit.
Barukuruxiri, s. sabiá (pássaro).
Barukuruxiri-ukke-jorubbo, s. vegetal cujas raízes e folhas mastigam contra a rouquidão.
Barummeru, v. vaguear. pres. iwarummeru nure, awarummeru nure, barummeru...
Barummeruddo, s. vagueação.
Barummeruddodda, s. lugar da vagueação.
Barummeruddoddu, s. tempo da vagueação.
Baruoia, s. centro do céu, zenit.
Barukuta, s. horizonte.
Barureai, s. último da turma em viagem.
Barurekoddagiu, s. (vd. acima).
Battaga, s. cisco, folha seca.
Battagage, s. biguá (pássaro), enfeite de penas de biguá.
Battagage-ikka, s. arco dos Aroroc.
Battagage-o-jorubo, s. vegetal cuja raiz carbonizem e reduzem em pó e, misturado com kiddoguru, passam pelo corpo contra as doenças.
Battara, v. mentir.
Battarareu, s. uma lagartixa.
Battaro, s. João pinto (pássaro).
Battaru, s. fala, palavra, idioma, iwadaru, awadaru. battaru...
Battarubiaguiri, s. fala difficil.
Battarubiare, s. (vd. acima).
Battarubokua, adj. mudo.
Battaruddo, v. falar sabiamente, ensinar.
Battaruddodda, s. lugar em que se falou.
Battaruddoddu, s. tempo em que se fala.
Battaruddu, s. falador.
Battarugerimmaga, v. falar alto.
Battarugo, v. zangar.
Battarugoddo, v. fazer zangar.
Battarugoddodda, s. lugar onde zangou.
Battarugoddoddu, s. tempo em que se zangou.
Battaruokeaddo, v. caçar, dizer brincadeiras.
Battaruokeaddureu, s. brincação, pândego.
Battarukirimi, v. retorquir, responder.
Battarukirimiddo, v. fazer responder.
Battarukudda, (vd. akkokudda).
Battaruokkuaiaga, v. vangloriar-se.
Battarupega, s. murmuração, maledicencia, - v. murmurar, falar mal.
Battarupegaddo, v. fazer murmurar, falar mal.
Battaru pegareu, s. murmurador.
Battarupogoddu, adj. gago.
Battarupogodduddu, v. ficar gago.
Battarupogoddureu, s. o gago.
Battaruore, loc. verb. conforme disse. iuadaruore, auadaruore, battaruore....
Battarureu, s. orador.
Battaruroddo, v. mentir.
Battaruroddoreu, s. mentiroso.
Battaruottora, vd. addaraddo.
Batto, v. conhecer. s. mangaba (fruto).
Battoddu, adj. atencioso, cuidadoso.
Battoddureu, s. o atencioso, o cuidadoso.

- Batto-i**, s. mangabeira (árvore).
Battokuru, s. leite de mangabeira.
Bawaddo, adv. do lado de fora. - s. lugar aberto.
Baxe, s. assa-peixe (vegetal), garça (ave).
Baxengareu, s. garça topetuda (ave).
Baxeakorogoreu, s. colhereiro (ave).
Baxeacoragoddoreo, s. cabeça seca (pássaro).
Baxeiorubbo, s. vegetal que carbonizado usam para tingir-se o corpo para não serem vistos pela fera que querem matar.
Baxeika, s. um arbusto.
Baxeiwaraegue, s. constelação das tres marias.
Baxekoguiu, s. tuluíú (ave).
Baxeoreu, s. pequena garça (ave).
Baxemikureu, s. bagueal (ave).
Baxeoddureu-l, s. vegetal cujas raizes mastigam para não esquecer as cousas - guatambú (árv.).
Baxepegagurureu, s. árvore cuja casca curtida fornece o koddobie (vd. koddobie).
Baxerá, s. vegetal usado no fabrico das flechas.
Baxeregue, s. feras lendarias. - alcunha dos fracos e covardes.
Baxiegi, s. cervo galheiro.
Baxeivoi, s. outro vegetal com cuja casca preparam o koddobie.
Bebaru, s. vd. pebbaru.
Bega, adj. vd. pega.
Bejo-bejo, adj. de cor escura.
Bejo-bejoreu, s. o de cor escura.
Bekuru, s. cola, grude, qualquer coisa pegajosa.
Bekuruddo, v. preparar cola, visgo; aplicar cola ou visgo sobre alguma cousa.
Bekuruddoddu, s. lugar onde se prepara cola.
Bekuruddoddu, s. tempo em que se prepara a cola, grude ou se aplica.
Bekurureboe, s. qualquer materia pegajosa. - s. carrapicho (veget.) - pessoa que mora sempre no mesmo lugar.
Beo, s. siriema (ave) pl. bewoe.
Beouiorubbo, s. certo vegetal cujas folhas mastigam e engolem para excitar o vômito.
Beo-o-iurubbo, s. outro vegetal com que esfregam as pernas para resistir na corrida.
Bera, s. vd. pera.
Beraga, s. moleza, fraqueza, vagarosidade; cousa mal feita, mal entendida. - adj. muito vagaroso. - adv. devagar.
Beraguddu, adj. e adv. vd. beraga.
Beraguddureu, s. o vagaroso.
Berago, s. breu.
Berago-i, s. pau de breu.
Bere, s. fervura.
Beregoddo, v. ferver.
Beregoddoddu, v. fazer ferver.
Beregoddoddu, s. tempo em que se fez ferver alguma cousa.
Beri-beri, adj. de cor mouro miudinho.
Beri-berireu, s. o de cor mouro miudinho.
Bettaga, s. escorpião, centopéia; feto macho (vegetal).
Bettagabokugiu, s. feto arborescente do campo (vegetal).
Bettagaiorubbo, s. vegetal cujas raizes carbonizadas e misturadas com kiddoguru, usam contra dores no espinhago.
Betto, s. esteira feita de broto de buriti; um espírito.
Bettojareu, s. esteira dupla e feita em forma de sacco.
Bettowaia, s. cabelo comprido.
Bettu, adj. doce.
Bettudo, v. adoçar.
Bettuddoddu, s. tempo em que se adoçou.
Bettureboe, s. cousa doce.
Bettureu, s. o doce.
Bi, s. pupavento, leguedá (lagartixa) - v. morrer. - adj. triste, melancólico. - v. desmaiar. - adj. desmaiado.
Bia, s. orelha, ouvido. - adj. difficil.
Biaboro, s. furo da orelha, cão da espingarda.
Biaborotaddau, s. enfeite das orelhas, espoleta da espingarda.
Biaddo, v. esconder, pres. i, a, u nure biaddo...; esconder-se, pres. i nure i viaddo, a nure a viaddo, u nure tu viaddo...; espremer, pres. i, a, u nure biaddo...
Biaddodda, s. lugar onde se esconde, se expreme.
Biaddoddu, s. o tempo em que se esconde, espreme.
Biaga, adj. pequeno, miudo.
Biagaddo-biagoddure, v. fazer pequeno.
Biagareu, s. o pequeno, o miudo.
Biagettu, v. lembrar-se.
Biagettuddo, v. fazer lembrar.
Biagettuddoddu, s. tempo em que se lembra.
Biaja, s. conduto do ouvido.
Biaja-boqua, adj. surdo.
Biaja-boquaddo, v. ensurdecer.
Biaja-boquareu, s. o surdo.
Biaja-bori, s. cera do ouvido.
Biaguirire, adj. difficil.
Biaguirireu, s. cousa difficil.
Biagoddo, v. esquecer.
Biagoddu, adj. esquecido.
Biagoddureu, s. o esquecido.
Biagogo, adj. chocho, murcho.
Biagogoreu, s. o chocho, o murcho.
Biapagaddo, v. escutar, prestar atençaõ.
Biareu, s. o difficil.
Biaru, adj. escondido, cauteloso.
Biaruppo, s. pavilhão do ouvido.
Biarupporo, s. coroa de frade (fruta).
Biboquareu, inter. por susto repentino, diacho. - s. o que não morreu.
Bic, s. genipapo (fruta) - v. contar, referir, avisar. pres. i, a, u nure bic. Ex. i modde ta vie: eu vos contarei.
Bieki, v. dar noticia, recado.
Biedogue, s. iranchim (abelha).
Bie-i, s. genipapeiro (árvore).
Bietuddu, fruto verde do genipapeiro.
Bigoddo, v. estar prestes a morrer.
Bigoddu, adj. comprido.
Bigoddoddu, v. encompridar.
Bigoddureu, s. o comprido.
Biora, s. vd. piora.
Bioroddo, v. esvasiar, fazer oco.
Bioroddoddu, s. lugar esvasiado.
Bioroddoddu, s. tempo em que se fez o vazio.
Bioru, adj. vasio, oco.
Biorureu, s. o vazio, o oco.
Biro, v. morrer, desmaiar.
Bireu, s. o falecido, o morto.
Biregue-ciao, s. cemiterio.
Biri, s. pele.
Birigui, adj. de boca aberta.
Birigireu, s. o de boca aberta.
Brigoddu, adj. limpo, aseiado, ordenado. - adv. bem.
Brigoddoddu, v. fazer limpo, aseiado, ordenado.
Brigoddureu, s. o aseiado, o limpo, bom.
Birigori, s. pele escamosa.
Birigoreu, s. o de pele escamosa.
Birikeddo, adj. nu.
Birikigaddureu, s. o branco, o de pele branca, piratinga (peixe).
Birimoddo, s. antigo herói da familia dos Arroe.
Biri-taúge, v. descascar, esfolar.
Britauggeddo, v. fazer descascar, esfolar.
Britauggeddodda, s. lugar onde se descascou, esfolou.
Britauggeddoddu, s. o tempo em que se descascou, esfolou.
Birixó, adj. pele escura, preta, suja.

- Birixoddo**, v. sujar a pele pres. í nure i viri xoddo, a nure biri xoddo; eu sujei a pele, tu sujaste a pele....
- Birixododdoda**, s. lugar onde sujou a pele.
- Birixoreu**, s. o de pele suja, preta.
- Bitto**, v. matar. pres. i, a, u nure bitto, fut. i modde, bitto; apagar-se, embriagar-se.
- Bittododdoda**, s. matadouro.
- Bittododdudu**, s. tempo em que se mata.
- Bittuku**, adv. silencio.
- Bo**, s. casca de cágado, de tartaruga; choradeira, gritaria. - v. quebrar, rachar, partir, dividir.
- Bô**, s. penugem de ave.
- Bó**, s. urutau (pássaro), uma cobra, mandobí do mato (vegetal).
- Boa**, adj. plaino, largo, liso.
- B3a**, s. buraco feito com a mão de pouca fundura.
- Boaddo**, v. brincar, passeiar, caçar, pres. i waddo nure, a waddo nure, boaddo nure...; fazer plaino, largo, liso. pres. i, a, u nure boaddo.
- Boaddoddoda**, lugar para fazer plaino, largo liso.
- Boaddoddu**, s. tempo em que se fez plaino, largo, liso.
- Boadogue**, s. nome que deram a uns civilizados.
- Boara**, s. argolinha do brinco.
- Boareu**, s. lugar ou corpo plaino, liso.
- Boaro**, s. enfeite das orelhas feito com coco de tucum, tendo na ponta um bambolin de pena de araras.
- Boawuru**, s. mandobí do mato (fruta).
- Boddu**, s. rasgo.
- Bododda**, s. o lugar onde se rachou, partiu alguma cousa.
- Bododdu**, s. tempo em que se partiu, rachou alguma cousa.
- Boe**, s. ente, gente, pessoa, tempo, cousa.
- Boeakka**, s. broto novo.
- Boeakkari**, s. pequena mata à beira das cabeceiras.
- Boeakko**, ad. limpo, asseiado. - s. lugar limpo, asseiado.
- Boeakkoddo**, v. limpar, asseiar.
- Boeakkoddoda**, s. lugar que se limpou.
- Boeakkoddoddu**, s. tempo em que se limpou.
- Boeakkureu**, s. o fresco, o frio.
- Boeao**, s. platô, fim da mata.
- Boearugo**, s. minarol, adj. transparente.
- Boebaruga**, s. lugar limpo na mata.
- Boebi**, s. cousa seca.
- Boebiareu**, s. segredo.
- Boebiaru**, s. solidão, lugar silencioso.
- Boeboa**, s. vale, baixada sem agua.
- Boebuttu**, s. capim, pastagem, eco, estrondo.
- Boedda**, s. morada.
- Boeddaukobbo**, s. dor de espinhaço.
- Boeddoguru**, s. gota de chuva.
- Boeddogurupá**, s. chão molhado pela chuva.
- Boeddogurupó**, s. agua de chuva.
- Boe-egaiboe**; coisa conhecida, pública.
- Boe-eiameddo**, adj. todos, toda a gente.
- Boe-eiwuogu**, s. furto.
- Boe-ekojari**, tosses.
- Boe-emmae**, v. povoar. s. lugar sujo - adv. faz tempo.
- Boe-emmaeddo**, v. fazer povoar.
- Boe-enno-guego-epa**, s. vegetal aplicado contra dor das glandulas inguinais.
- Boe-ennuiao-pegae-epae**, s. certo vegetal cujas folhas, carbonizadas ou não, pai e mãe de uma criança recém nascida, aplicam às palpebras, para dormir socegradamente e não ter sonhos maus.
- Boe-ennu-pa**, s: dormitorio.
- Boe-erubbo-boexo-epae**, s. vegetal com cujas folhas esfregam-se o rosto, quando ancitecer na caçada, para evitarem, no caminho, qualquer mal.
- Boe-erubbo-koreu**, s. vegetal usado como remedio contra toda doenca.
- Boe-erubbo-remmau**, s. vegetal usado como acima.
- Boe-ettaiddu**, s. alegria.
- Boe-ettaidduddu**, v. alegrar-se.
- Boe-ettoiakoddu**, s. multidão de gente.
- Boe-ett'or'erubbo**, s. vegetal cuja eficacia é de fazer crescer as crianças.
- Boe-evi**, s. cadaver, defunto.
- Boe-ewuri-kigori**, s. friera.
- Bo-ewure-kobbo**, s. deslocamento do pé, luxação.
- Boe-ewure-para**, s. rachadura da pele nos pés.
- Boega**, s. companheiro, iwoega, awoega, uwoega. terceira pess. indef. boega.
- Boegeraguddo**, s. relâmpago.
- Boegettu**, frase; tem alguma cousa.
- Boegippa**, s. beira da mata ou do campo.
- Boeiguigaddu**, s. parte do cerrado onde há só capim.
- Boeiguigodduri**, s. parte limpa do campo e da mata.
- Boeiguiguddu**, s. lixo, qualquer resto.
- Boeiguiguddu-epa**. - s. vassoura.
- Boeia**, s. vale, baixada com correço.
- Boeia-boa**, s. lugar baixo na mata.
- Boeiaddoddu**, s. enfeite de cordéis que levam cruzados sobre o peito e às costas.
- Boeinga**, s. um enfeite.
- Boejako**, buraco, cova.
- Boiakoddo**, v. fazer cova, buraco.
- Boeiruturu**, s. trovão.
- Boeimegera**, s. cacique, chefe. fem. boeimegeraga.
- Boeimegeradda**, v. fazer-se chefe.
- Boejameddo**, adj. tudo.
- Boejameddo-boe-joki**, adv. sobre todas asco usas.
- Boejameddo-boc-kege**, adv. em toda parte.
- Boe-jameddugi**, adv. sempre.
- Boejari**, s. buraco.
- Boe-jokoddo**, adv. em verdade.
- Boe-jokoddo-kare-kare**, adv. quiçá.
- Boeká**, s. gordura, sebo.
- Boeka**, inter. qual, nada.
- Boekanna-kobo**, s. deslocamento do braço. luxação.
- Boekanna-gagegeu**, s. fita que amarram aos músculos dos braços.
- Boekare**, adv. não tem nada.
- Boekarega**, adv. não.
- Boe-kerá-barareia**, s. corrimão.
- Boe-kerako-taddau**, s. anel, luva.
- Boe-kerá-paru-gagege**, s. fita que amarram ao pulso.
- Boekimo**, adv. não tem.
- Boekimoje**, loc. verb. disse que não tem.
- Boekimokua**, adv. sim, tem.
- Boekkiri-pagaddo**, v. enganar.
- Boekku-pegae-epa**, s. arbusto cujas folhas aquecidas, aplicam contra dor de olhos.
- Boekó**, s. fedor.
- Boekoddo**, v. feder.
- Boekúddodda**, s. lugar do fedor.
- Boekojadda**, s. garganta da montanha.
- Boekori**, s. colera, zanga, adv. muito bem.
- Boekoriguio**, adj. colérico.
- Boekoriguio-reu**, s. o colérico.
- Boe-paddui-boe-kagegeu-epa**, s. raizes de uma erva que, esquentadas, aplicam a parte dorida.
- Boekubari**, s. ponto em que a mata se alarga quasi a formar circulo, e depois retoma primitiva largura.
- Boekuddu**, s. pico de uma serra, grito.
- Boekugu**, s. mingau.
- Boeoguddo**, v. fazer mingau. - adj. mole.
- Boeku-meki**, s. beira das cabeceiras, varzea.
- Boe-kurikuguddu**, s. enjô, vontade de lançar.
- Boe-kuruddo**, v. preparar um liquido, espremer, urinar.

- Boe-kuruddodda**, s. lugar onde se prepara o líquido, mictório.
- Boe-kuruddoddu**, s. tempo em que... (como acima).
- Biemaegoddu**, adv. longo tempo, passado muito tempo.
- Boemaiwo**, s. cousa nova, recente.
- Boemakoddo**, s. tempo abafado. adj. triste, aborrecido.
- Boe-moriddo-geba**, s. matador de onça.
- Boemuga**, s. assento, cadeira.
- Boennogu**, s. broto de qualquer semente.
- Boe-notturo**, s. pronombramento estreito de uma mata.
- Boeoiá**, s. ferida, cicatriz.
- Boeoiaddo**, v. ferir.
- Boeoiaddoddu**, s. tempo em que se feriu.
- Boe-okori-puddui-boe-kagege**, s. dor de pontada.
- Boe-okua-biri**, s. colina. outeiro, horizonte.
- Boe-okuri-eppac**, s. vegetal usado contra dor de barriga.
- Boepá**, v. lembrar.
- Boepa**, s. roça.
- Boepaddo**, fazer roça.
- Boepaddodda**, s. tempo em que se faz roça.
- Boepegaguru**, s. diarreia.
- Boepegagurudda**, s. purgante.
- Boe-pogora-koho**, s. deslocamento da perna, luxação.
- Boeraguddu**, s. relâmpago.
- Boerai**, adv. muito tempo. - adj. comprido.
- Boeredduddo**, s. fumaça.
- Boeremago**, v. medir.
- Boeremaguddu**, s. tempo marcado.
- Boerikiddo**, loc. verb. é assim mesmo.
- Boeru**, s. calor, suor, clarear do sol.
- Boerueppa**, s. vegetal que as mulheres usam exteriormente como preventivo.
- Boerugaddo**, s. verdade - adv. em verdade.
- Boerukiari-dogue**, s. um jogo.
- Boe-taddau**, s. cousa da mata.
- Boe't'o-kori**, s. dor de dente.
- Boe't'o-rareu**, s. vegetal cuja flor e casca mastigam contra dor de dente, e o pó da raiz carbonizada, usam contra dor de olhos.
- Boe'tt'ao-jakkiri**, s. garoa.
- Boe'tt'nora-okkori**, s. dor de cabeça.
- Boe'tt'nora-okkori-eppa**, s. vegetal cujas folhas esfregam nas fontes contra dor de cabeça.
- Boe-to**, v. bater, espancar; * fazer, criar.
- Boetto**, adv. no mato.
- Boetto-bari**, s. fuma, cova de animal.
- Boetto-kagegeu**, s. vegetação intensa na encosta de um outeiro.
- Boe-to-giboe**, adj. cousa antiga, passada.
- Boe-to-giu**, s. o primeiro em ordem de tempo, antepassado. boe-to-giugue, os antepassados.
- Boetto-pagoddo**, s. azedinha (vegetal).
- Boe'tt'or'erubbo**, s. vegetal usado contra toda doença de criança.
- Boe'ett'oreu**, s. vegetal usado, em decoção, contra qualquer doença. Aplicam aos olhos doentes a raiz aquecida.
- Boe-tugo**, s. sombra, nuvem. - adj. nublado.
- Boe-tugu-koguddu**, s. tempo fechado.
- Boe'virigiu**, s. camisa de meia.
- Boe-viagia-okkori**, s. dor de ouvido.
- Boe-viri-gori**, s. doença da pele.
- Boe-waddaru**, s. linguagem, idioma.
- Boe-waruri**, s. meio nublado.
- Boe-wure-kea-kegeu**, s. chinelo, alpercata.
- Boe-wure-kigori-eppa**, s. vegetal cuja infusão usam contra as frieiras.
- Boe-wure-mega**, s. rachadura da sola do pé.
- Boe-wure-taddau**, s. calçado.
- Boe-xo**, s. noite, escuridão. - adj. negro; sujo.
- Boe-xoddo**, v. anoitecer, escurecer; sujar.
- Boe-xoddogoddo**, adv. está para anoitecer.
- Boe-xoge**, adv. de noite.
- Boe-xo-oia**, adv. meia noite.
- Boe-xo-oiagi**, adv. na meia noite.
- Boe-xo-okua**, adv. no começo da noite.
- Bogai**, v. ver, buscar, procurar. se conjuga sempre em dependencia de outro verbo, ex.: i tu modde bogai, eu irei busca-lo.
- Boi**, adj. último em ordem de tempo, pl. boiboe.
- Boia**, s. centro do patio.
- Boiuddo**, v. fazer o centro do patio.
- Boiga**, s. arco, as quatro últimas estrelas da cauda da constelação do Escorpião.
- Boiga-akkoreu**, s. espingarda.
- Boiga-are**, s. cacique eleito por valentia.
- Boiga-attu-ruguddu**, s. polvora.
- Boigabbe**, s. raio, pequena tartaruga.
- Boigabbe-iorubbo**, s. vegetal que, carbonizado, esfregam no corpo para não serem atingidos pelo raio.
- Boiga-ikko**, s. cordel do arco.
- Boiga-ittorugu**, s. cordel enrolado na parte superior do arco.
- Boiga-iogua**, s. arco em preparação.
- Boiga-kujagu**, guariroba do mato.
- Boig'ao-kegeu**, s. enfeite de penas que costumam por na ponta do arco.
- Boiga-ottogiu**, s. vd. boig'ao-kegeu.
- Boigara**, s. pequeno arco das crianças.
- Boigara-ikkure-pobeu**, s. bodoque.
- Boigareu**, s. uma lagartixa.
- Boioguiu**, s. chovisco, garoa.
- Boire**, v. apeteer, desejar. pres. boinur'i, boi nur'ai, boi nure gi... - ex. poba boi nur'i, desejo agua.
- Boiro**, cabeçuda (palmeira).
- Boio**, s. coco de tucum.
- Boio-itu**, s. tucum (palmeira).
- Boiu-giu**, adv. do dia passado.
- Boiwu**, adj. último em ordem de tempo.
- Boko**, s. marmelo preto (fruto).
- Bokoddo**, v. inchar.
- Bokodduddo**, v. fazer inchar.
- Bokokua**, s. grilo.
- Bokodaga**, s. resina.
- Bokodaga-i**, s. uma árvore da mata.
- Bokodore**, s. um jogo das almas.
- Bokodore-akiri**, s. um herói da familia dos Bokodori.
- Bokodore-eimegera**, s. um jogo das almas.
- Bokodori**, s. tatú canastra, totem da familia dos Bokodori - um espírito.
- Bokodori-bo**, s. pinturas, no rosto, de linhas pretas e vermelhas u. p. Bokodori.
- Bokodori jorubbo**, s. vegetal cujas raízes carbonizadas e misturadas com kiddoguru, usam contra dor de espinhaço.
- Bokodori-reu**, s. tatú grande peludo.
- Bokodori-ware**, sin. de bokodori, tatú canastra u. nos cantos. - canto dos bokod.
- Bokodori-uirubbo**, s. cipó que, com o preparo de costume, usam passar no rosto quando trocam de aldeamento.
- Boko-goreu**, s. marmelinho (frut.)
- Boko-ikka**, s. marmeleiro.
- Boko-mu-dogue**, s. certo jogo.
- Boko-tuddu**, s. fruto verde do marmeleiro.
- Boku**, s. campo.
- Boku-aiá**, s. campo redondo.
- Boku-bigoddu**, s. campo estreito e comprido.
- Bokugue**, s. isca.
- Bokugueddo**, v. preparar a isca.
- Boku-moddu-dogue**, s. boróros que moravam no campo.
- Boku-mogoregu**, s. vd. acima.
- Bokuoddu**, s. pavor, medo, susto.
- Bokuogeba**, s. certo espírito.
- Bokuo'geba-dogue**, s. certo jogo.

- Bokuruoddu**, s. um passarinho.
Bokuu, adv. fo tem.
Bokuadda, s. fruto de jatobá. - v. fazer morrer.
Bokuadd'i, s. jatobazeiro (árvore).
Bokuaddo, v. cair, machucar-se, ferir-se; pres. inure iuoguaddo, a nure auoguaddo, u nure tuoguaddo indef. bokuaddo.
Bokuaddobhe, s. resina de jatobá.
Bokuaddodda, s. lugar onde um caiu, se machucou, se feriu.
Bokuaddoddu, s. tempo em que um caiu, se feriu.
Bokunre, v. morrer.
Bokuareu, s. o morto.
Bokuari, s. uma espécie de lontra.
Bokuare, cerração.
Bokuareboe, s. flegmão, inchado.
Bokureu, s. s. o inchado, inflamado.
Bopagudduia, adj. bom, bonito, lindo u. nos cantos.
Boparuddoddu, s. canto dos Kie.
Boppe, s. espírito mau, demónio, cousa ruim.
Boppe-meri, s. um espírito mau.
Boppo, s. moita.
Boppona, s. coxa.
Boppona-ra, s. femur.
Bopporira, s. saraiva.
Bora, s. parte inferior do corpo.
Bora-paru, s. tibia.
Boreu, s. besouro, barata, caruncho. sin. de jorubbo, doença, u. nos cantos.
Bori, s. ferida próxima a sarar; favo de mel.
Boro, s. brinco que dependuram ao labio inferior; caramujinho. - adv. não.
Borobari, s. apito dos Baadag.
Boro-bo, s. caramujo riscado.
Boro-bo-jaacareu, s. certa fruta em vagem.
Boroddogoddure, v. acalmar, sossegar.
Boroddu, s. calma que segue ao barulho.
Boroga, s. parte comestível do croatá.
Borogo, s. bichinho roedor dos coqueiros.
Borogoreu, s. pessoa que não presta.
Boroiare, sin. de: tuogo, lagarto, u. nos cantos.
Boroibe, s. um pássaro.
Boroito, sin. de kuroddureboe, fruta, u. nos cantos.
Boroiorireu, sin. de brinco u. nos cantos.
Boro-ikka, s. arco enfeitado com caramujo u. p. Aroroe..
Borokaia, s. gato do mato.
Borókea, s. vão das pernas.
Bororo, s. patio.
Boru, s. vd. poru.
Botto, s. escama de peixe, espinho.
Botto-geriguigareu, um arbusto espinhoso.
Botto-guru, s. espinharal.
Botto-ikureu, s. salsaparrilha (vegetal).
Bottokuru-ekkureu e **Botto-mororareu**. - dois arbustos espinhosos.
Bottora, s. seriva (palmeira).
Bottora-o, s. coco de seriva.
Bottora-attu, s. caroço de coco de seriva.
Bottorie, sin. de roko, curimbatá, u. nos cantos.
Bottoroa, s. um gavião.
Bottou, s. tatú bola.
Bottu, v. germinar, brotar. - adj. novo, filhote.
Bóttu, s. as primeiras três linhas de uma rede de pescar.
Bottuddo, fazer germinar, brotar.
Boáge, v. rachar, fender, partir.
Boura, contas, enfeite de contas.
Boxe-kaganna, adv. e boxe-kodde. - adv. quasi quasi.
Bu, s. pena, pelo, chuva, v. por.
Bu-buttu, v. chover.
Bu-goddurêu, s. arrepio do pelo do corpo.
Bugu, adv. como.
Buiakku, s. frio, friagem. - v. ter frio.
- Bulogo**, s. piranha preta (peixe).
Bulogobbo, s. enfeite de penas com aculeos de ouriço; um rio.
Bulogo-o-ujorubbo, s. vegetal esfregam na boca para falar depressa.
Bukke, s. tamandú bandeira, rede para pescar.
Bukkêa-koroddo-gebbague, s. espécie de marimbondo branco.
Bukke-boigareu, s. rede para pescar própria dos Aroroe.
Bukke-enna-kogurireu, s. rede de trança fina dos iwaguddu dogue.
Bukke-enna-kurireu, s. rede de trança grossa dos Pajwoe.
Bukke-immorireu, s. certo capim.
Bukke-ira, s. s. lançadeira para trançar rede de pescar.
Bukke-iwoga, s. medida da trança da rede de pescar.
Bukke-iwori, s. vara para trança da rede de pescar.
Bukkeo, s. vara para rede de pescar.
Bukke-ora, s. começo da trança da rede de pescar.
Bukke-pegareu, s. vegetal que esfregam no corpo contra mordedura de cobra.
Bukkidaga, s. tucum do mato (vegetal).
Bukiddaguru, s. fibra extraída do tucum.
Bukigu, s. corda, linhaada.
Buoddo, s. anzol.
Buoddo-ikka, s. linhaada para pesca.
Buoddoreu, s. certo cogumelo salpicado de espinhos como anzóis.
Bure, s. pé. i wure, a wure, bure...; barbatana caudal do peixe.
Burea, s. rasto, vestigio.
Bureaddo, s. calcanhar.
Bureaguruddo, v. fazer girar em redor de...
Bureakkea, s. casco de animais.
Bureddo, v. parar, descer, por pé no chão.
Buregoddoreugue, s. certo jogo.
Buregui, s. unha do pé, garras.
Buregulu, s. canto dos Aroroe.
Burêja, nome dos primeiros dois cordéis da beirada da rede de pescar.
Bureikka-beo-dogue, s. um brinquito.
Bure-kabeo-dogue, s. outro jogo.
Burekoibe, s. certo espírito mau. - borboleta grande azul.
Bure-koibo-jorubbo, s. paratudinho (vegetal).
Bure-koibo-wuogiga, s. certa palmeira pequena.
Bureko, s. dedo do pé.
Burêko-hape, s. dedinho do pé.
Bureko-boiaddaddau, s. dedo medio do pé.
Bureko-boiaddaddau-mekiu, s. penúltimo dedo do pé.
Bure-kogoddo, s. machucadura do pé.
Bureko-kurireu, s. dedo polegar do pé.
Bureko-kurireu-mekiu, s. segundo dedo do pé.
Bureku-pio, s. tornozelo.
Bure-mega, s. rachadura do pé.
Bure-mo, peito do pé.
Bure-pudduga, s. uma ave.
Burera, s. canela da perna.
Burera-paru, s. osso do calcanhar.
Burerure, s. jatí (abelha); vegetal de cujas folhas enfeitam o arco para serem felizes na caçada da anta.
Buretawoddu, s. um dos principais cantos funebres de toda a tribo.
Burudduddu, adj. amargo.
Buredduddureu, s. o amargo.
Buruddu-i, s. aroeira (árvore).
Burue, s. água (peixe).
Bururl, adj. amargoso.
Bururireu, s. o amargoso.
Buttau, chuva.
Buttau-dogue, s. chuva prolongada. - espíritos.

Buttiari, s. pirlampo.
Buttobo, s. burbulho d'agua; um cipó.
Buttore, s. chocalho de unha de queixadas.
Buttorékia, sin. de riwoddo, nambú-assú, u. nos cantos.
Buttorikku, s. um dragão.
Buttourubbo-bororo, s. antiga aldeia dos Kie.
Buttu, v. cair, nascer, dar à luz.
Buttuaddu, v. derrubar, fazer cair.
Buttugu, adv. devagar. s. bemteví (pássaro).
Buttuguddu, v. fazer devagar, ir devagar, aguardar, esperar.
Buttugugo, v. amansar, calmar-se, perdoar.
Buttugogoddo, v. fazer amansar, fazer calmar, perdoar.
Buttuguraddu, s. canto dos Aroroe.
Buttuie, uma flecha, taquarinha.
Butturori, s. um brinquedo feito com uma pedra enfeitada; sin. de geriguigui, kágado u. nos cantos.
Butturugu, s. um rio lendario.
Buubutu-giu-giu, s. chuvisco.

D

Da, sufixo, que aglutinado com o verbo, indica o lugar da ação. Ex. inoguagueddodda, lugar onde como.
Daka, adv. parar de repente.
Do, sufixo para formar o feminino dos adjetivos substantivados. Ex. pemegareu, pemegareudo. - v. fazer, e neste caso é aglutinado com outra palavra que assim se torna verbo.
Dogo-dogo, adv. sepadamente. fr. andar devagar quebrando alguma cousa.
Dogui, adv. vd. togui.
Doi-doi, v. fazer correr um objeto esférico.
Domi-domi, v. fazer andar cambaleando.
Doro-doro, indica o barulho produzido pelo chocar-se das cabças.
Du, sufixo que aglutinado com o verbo, indica o tempo da ação. Ex. inoguagueddoddu, o tempo em que eu como.
Dudu, sufixo aglutinado ao verbo para dar mais força.
Du-du-du-du, indica o tremer de uma pessoa ou cousa.
Dugi, prep. corresponde ao "que" nas prop. objetivas.
Dukege, adv. depois, então.
Dukodde, conj. pelo que, por isso.
Dukoddia, inter. por isso mesmo.
Dukoddixare, então, por isso.
Duku, adv. mais ou menos.
Dutábore, adv. então.
Dutaborexare, adv. então depois, logo depois.

E

E, pron. de terceira pessoa plural. s. face, rosto i-e, a-e, je; meu, teu, seu rosto; v. viver, existir.
Ebba, vd. eppa.
Ebbo, vd. appo.
Edda, s. morada de seres animados.
Eddo, v. morar, estar.
Edduia, sin. de íao, morada, u. nos cantos.
Eh-mure, inter. deixa d'isto, não faças assim.
Eiogo-koddoddu, s. um canto dos Bok.
Eire, s. trilha de formiga.
Ekka, s. fruto de chico magro (vegetal).
Ekka-i, s. chico magro (árvore).
Ekko, s. piquí (fruto).

Ekko-i, s. piquizero (árvore).
Ekku, adj. amarelo.
Ekkuddo, v. estar apaixonado.
Ekkuie-xibbae, sin. de kuide, arara azul, u. nos cantos.
Ekkura, s. coco de qualquer palmeira.
Ekkure, s. percevejo do mato.
Ekkureu, s. o amarelo.
Ekkuregue, s. um canto dos Baad. xeb e xob.
Ekkuruguddu, adj. opilado.
Ekkuruguddurêu, s. o opilado.
Eku, s. fel. ixegu, axegu, eku.
Emma, s. flor de piuva. - pron. de terceira pess. sing.
Emma, inter. sim, é verdade, muito bem.
Emma-i, s. piuva (árvore).
Emmaíá, inter. assim mesmo.
Enna, s. qualquer trança, parte do nariz por cima das fossas nasais, cabo da cabça.
Enna-battaru-rekoddu, s. um canto dos Bokodori.
Ennaddo, s. semana (vegetal), voltear de pássaros.
Ennaddu-i, uma árvore do cerrado.
Ennaga, s. qualquer cousa miuda.
Ennaia, sin. de enno, nariz, u. nos cantos.
Enna-makkarêu, s. trança de cesto, de esteira.
Enna-para, s. crista do pássaro.
Ennari, s. ramalhete de flores, pica-pau (pássaro).
Ennari-ao-kujugureu-uttugu, s. uma flecha dos Baad. xeb.
Enna-taddau, s. rolha.
Ennau, s. um enfeite.
Enno, s. nariz. - pron. pl. posses.
Enno-akko, s. ronco.
Enno-akkoddo, v. roncar.
Enno-bori, s. mucos.
Ennoguireu, s. um parasita.
Enno-ja, s. fossa nasal.
Ennogui, s. filhote de abelha.
Ennogu, s. germinação.
Enno-kuri, s. tatú bola.
Enno-kuru, s. corrimento do nariz.
Enno-pera, s. ponta do nariz, ponto culminante de um morro.
Enno-poro, s. venta do nariz, furo do septo nasal.
Enno-luru, s. ponta de uma mata.
Eppa, sufixo para indicar o fim de uma cousa. Ex. bai poro eppa, chave.
Era-kujagu-i-éppa, s. um vegetal usado como feitiço, certo espírito comedor de gente.
Ere, pron. pess. junto com a partícula re, eles, elas.
Ereddo, v. despejar, derramar.
Ereddodda, s. lugar onde se despeja, ou derrama uma cousa.
Ereddoddu, s. tempo em que se derrama ou despeja.
Erwakkauio, s. canto funebre de toda a tribu.
Eru, s. lingua, i eru, a eru, eru...
Eru-baru, s. papo.
Eru-borakea, s. céu da boca.
Eru-kigaddo, s. sapinho (doença da lingua das crianças).
Eruo, s. esplendor, beleza.
Eru-koddo, s. carne da lingua.
Eru-paru, s. ponta da lingua.
Etta, s. costa de um monte, quina de uma taboa.
Etta-boa, s. planchão.
Ettari, s. uma cobra.
Euo, s. cascavel (cobra).
Euo-o-jorubbo, vegetal com cujas folhas esfregam a ponta das flechas, para que a caça morra mais depressa.
Ewori-reu, s. jaraoussú (cobra).
Ewureguio, sin. de adugo buregui e aigo buregui, garras de onças, u. nos cantos.
Exe, prep. para eles.

Exera-bokodori-puddabore-roga, s. um canto dos Bokodori.

Exera-hororo, aldeia dos Baad. xeb.

Exerae, s. uma das duas grandes divisões em que se dividem os boróros.

Exeraeddo, s. membro dos exerae.

Exerae-xeddaguru-rekodduia, s. um canto dos Bokodori.

G

Ga, por motivos eufônicos substitue muitas vezes o ka. (vd. gram.)

Garai, adj. muito torto.

Garaireu, s. o muito torto.

Ge, s. rosto. i e, a e, ge, meu rosto, teu rosto, seu rosto. . . . - v. viver = adv. lá, lá por lá.

Geba, vd. xeba.

Gebirigui, s. rosto rugoso, i e birigui, a e birigui, ge birigui.

Gebiriguiddo, v. fazer caretas, fazer sinal com o rosto.

Ge-bu, v. por fora, sair. pres. i nure i e bu, a nure a e bu, u nure gebu. . .

Ge-gaga, v. ter vontade de fazer uma cousa.

Ge-goga, s. amarrilho com que se fecha a boca de qualquer cousa.

Ge-joddo, v. baixar o rosto, pres. i nure i e joddo, a nure a e joddo, u nure ge joddo. . . .

Ge-kegeu, s. tampa, viseira.

Ge-kiriddo, v. agradar.

Ge-kirimmi, v. vingar-se, cobrar.

Ge-kirimidda, s. vingança, recompensa.

Ge-kirimmiddu, s. tempo da vingança, da recompensa.

Ge-kiri-pagaddo, v. enganar.

Ge-kiri-pagaddoddureu, s. enganador.

Ge-kori, adj. triste, zangado.

Ge-koriddo, v. entristecer-se, zangar.

Ge-koriddoddu, s. tempo em que se está triste, zangado.

Ge-korireu s. o triste, o zangado.

Ge-kuddo, v. admirar-se, apaixonar-se.

Ge-kuddoddu, s. tempo em que se admira, apaixona.

Ge-kuddureu, s. o apaixonado.

Ge-kujagureu, s. piabassú (peixe).

Ge-mago, v. provar, apalpar, abrir.

Ge-magudda, s. abertura.

Ge-mettuddu, s. pedúnculo de uma fruta.

Gemmaru, v. procurar.

Gemmaruddo, v. fazer procurar.

Gemmaruddoddu, s. tempo em que se procura alguma cousa.

Ge-pagaddo, v. enganar, atraiçoar.

Ge-pagaddoddeppa, s. o traiçoero.

Ge-pagaddoddureu, s. o traiçoero.

Ge-pagaddoddu, s. tempo em que se atraiçoou.

Ge-parari, v. desejar, cobigar.

Gepeddobbo, s. falange dos dedos, gomo de cana ou de taquara. - v. amarrar em roda.

Ge-pegá, adj. cara feia, zangada.

Ge-pégage, inter. malandro.

Ge-pegareu, s. o zangado, carrancudo.

Ge-poro, s. ariticum. (fruto e árvore). Dependuram as folhas desta árvore à porta da choupana, para afastar as doenças.

Gera-gerareu, s. tecido riscado.

Geraguddu, s. relâmpago. - adj. cor viva.

Gerebari, v. namorar, galantear.

Gerebariddo, v. fazer namorar.

Gerebariddoddu, s. tempo em que namora.

Gerebarireu, s. o namorador, galanteador.

Geredduddu, s. fumaça.

Gerego, tatú pequeno.

Gerego-biri-uru, s. fera pré-histórica.

Gereru, v. errar, embriagar-se. - adj. errado.

Gereruddo, v. fazer errar, embriagar.

Gererureu, s. o perdido, avariado.

Geri, s. testa, fronte. i eri, a eri, geri.

Gerigui, s. lenha seca para o fogo, cetro enfeitado usado nas cerimônias pelos caciques.

Geriguia, s. um chefe dos Korogoe.

Gerigiare, sin. de kurogoe, gaviões u. nos cantos.

Geriguia-rogo, s. carcoma.

Gerigui-bia, s. cogumelo de lenha podre.

Geriguiga, s. enfeite de penas de gavião, cerne seco de árvore.

Geriguigui, s. cágado, constelação do corvo.

Gerigui-guru, s. lenha que se encontra nos rios.

Gerigui-paru, s. um afluente do rio Vermelho, Pogubbo.

Gerigui-pobbo-toddau, adj. pobre, abando nado.

Gerigui-pobbo-toddareu, s. o abandonado, o pobre.

Gerigui-kuriruegue, s. mambuca (abelha).

Gerimmaga, s. cheiro, catinga. - adj. cheiroso. - v. morrer.

Gerimmagareu, s. o cheiroso.

Geri-ra, s. osso frontal.

Gerira-otto-bu, s. sobranceiras.

Geriri, s. quentura.

Ge-ró, adj. esperto.

Geroreu, s. o esperto.

Ge-taddau, s. tampa.

Getta, s. lugar onde se guardam as cousas, cabide.

Gettaddu, adj. acordado. - v. acordar.

Gettadduddu, v. acordar.

Gettadduddoddu, s. tempo em que se acorda, Gettaddureu, s. o acordado.

Gettara, s. muda de cana. ou de taquara.

Gettau, s. parte inferior da espinha dorsal.

Getto-ami, v. carregar, por alguma coisa as costas.

Gettodda, s. lugar onde se possuiu, ou se deixou alguma cousa.

Gettoddu, s. tempo em que se possuiu alguma cousa.

Gettori, adj. avarento.

Gettorireu, s. o avarento.

Gettoro, adj. direito, alinhado. - s. um peixe.

Gettoroddo e **gettorogoddodda**, v. endireitar, alinhar.

Gettorogoddoreu, s. o direito, alinhado.

Gettororeu, s. como acima.

Gettu, adv. cá para cá. - v. está. ex. caebà getture, onde está?

Gettu-kimmo, fr. ainda tem, ainda está, ainda vive.

Gett'umi, v. carregar às costas. pres. i nure gett'umi, a nure gett'ami, u nure gettu t'umi. . .

Gettu-pugunno, v. possuir e não dar.

Getture, v. existir, estar.

Getturu, s. ponta de uma mata. - adj. carancudo.

Getturuddo, v. chamar, mandar recado.

Getturreu, s. o carrancudo.

Geu, pron. aquele.

Geugue-tabhoreu, s. certa flor amarela do cerrado.

Gewadduiewo, sin. de boiakko raireu, abismo, u. nos cantos.

Gewoddo, v. ressuscitar.

Gewodddoddu, s. o tempo em que um ressuscitou.

Gewoddu, adj. ressuscitado.

Gewodduddo, v. fazer ressuscitar.

Gewodduireu, s. o ressuscitado.

Gi, (pl. giugue) artigo masc. e fem. o, a aglutinado com o complemento direto ex. akerago baperagi, toma o livro. - pron. ex. ittaiddu re gi, eu quero ele. - adv. lá, até lá.

Gi-ge, adv. sempre.
Gippa, s. beira, margem, lado. — parte dos cabelos que descem sobre as orelhas.
Gippá, s. lugar de reunião antes das caçadas.
Gippago, s. o mal feito.
Gippagogo, s. cabelos amarrados acima das fontes.
Gippaguege, v. encostar-se a outro, pres. i nure iwu gippaguege, a nure awu gippaguege, u nure tu wu gippaguege.
Gippagui, s. resposta, réplica. — fr. andar um ao contrário do outro.
Giri, adj. amargo, desagradavel, dolorido.
Giriddo, v. fazer amargo, etc.
Giriddoddu, s. tempo em que se estiagou, etc. uma cousa.
Girie, s. uma abelha, certo canto u. por toda a tribu.
Giri-dogue, s. certo jogo.
Girigo, v. renovar uma ferida, uma machucadura.
Girirebboe, s. cará do mato muito amargo, cousa amarga.
Girireu, s. o amargo.
Gi, pron. aquele — s. um vegetal que, com kiddoguru, usam aplicar aos ouvidos para bem aprender os cantos.
Giwae, s. sofrimento, paixão.
Giwo, v. sofrer.
Goddo, s. ferida cicatrizada — adv. certamente, mesmo. — sufixo que posposto ao verbo ou adjetivo, muitas vezes indica ação iminente.
Gogaddo, v. julgar.
Goi, s. o convalescente, o murelho.
Gori, s. cheiro de cousa queimada.
Coriddo, v. assar, tostar
Coriddodda, s. lugar onde se assa.
Coriddoddu, s. tempo em que se assa.
Corireu, s. o assado.
Coro-goro, fr. andar devagar, compassado.
Coroxi, vd. kororo. — v. não remover uma cousa do seu lugar.
Cue, sufixo para formação do plural.
Gui em muitas palavras substitue o **ki**, conforme regras gramaticais. O mesmo diga-se de **gu** que substitue, em muitas palavras, o **ku** inicial.
Guigui, s. ruga. — adj. ondulado.
Guiguirireu, s. o ondulado, o crespo.
Guigo-dogue, s. tequia (abelha).
Gubboro, s. cheiro de carne em putrefação.
Gubbororeu, s. vd. gubboro.
Guddu, sin. de geri, frente, u, nos cantos.
Gugguddu, s. o fundo da rede para pesca.
Gugugu, interjeição de alegria — adv. faz pouco tempo — sin. de aiddo, querer, u. nos cantos.
Guguxo, sangue coagulado debaixo da epiderme ou das unhas. — s. filamento eseuo na columna vertebral dos peixes. — adv. de madrugada.
Guiri, adv. muito, usado sempre com "re" e o "ka".
Gumme, v. falar indiretamente.
Gunnara, s. pergunta. — adj. duvidoso.
Guraa, sufixo que posposto ao verbo forma o pret. perf. ex. uttu guraa, ele foi. adv. mesmo; ex. imi guraa, eu mesmo.
Guru, sufixo que forma o plural de certos vegetais; ex. nonogo ikka guru, urucuzal.
Guru, adv. depressa.

I

I, pron. primeira pess. eu; s. árvore.
Ia, pron. um, uma, algum, alguma. — adj. oco, vazio.
Iá, inter. de surpresa.

Iabba, s. forquilha, encurzilhada.
Iabboe, pron. algum, alguma.
Iabboreu, fulano.
Iaddo, v. acabar, concluir.
Iaddu, s. companheiro, amigo.
Iagagae; fr. falar bem, fazer bem.
Iagai-guru, s. pequena mata na beira do rio.
Iagu, sufixo posposto ao verbo para indicar ação iminente. ex. i nudiago, estou para dormir. em outros casos, corresponde a: "disse que, ..." ex. aiagu a kera kabi, disse que tu laves as tuas mãos. — a tu iagu, disse que tu partas.
Iaguege, adv. depois, iaguege, a iaguege, u iaguege.
Iaki, fr. é brincadeira.
Iaru, s. um canto.
Iareu, pron. algum, alguma, outro, outra. — s. o ouco, o vazio.
Iborn, s. cerca de paus.
Iborado, v. fazer cerca de paus.
Iattoro-iattoro, adv. em alguma parte.
Ie, s. nome ikkie-akie-ie sufixo posposto a qualquer palavra para indicar disurso indireto. ex. acore aregoddoddu, ele disse que virá.
Ieido, v. nomear, dar nome; segurar.
Ieiddoga-kuoga, s. canto dos Paiwoe.
Ieh, inter. de dor, susto.
Iera, s. mão i kera, a kera, tu guera; indef. iera.
Iera-kemmo, v. desejo de bater, de brigar, de vingar.
Iera-aura, s. articulação dos dedos.
Iera-happe, dedo mûndinho da mão.
Iera-gadda, s. certa aranha.
Iera-ge-peddo-bo, s. articulação dos dedos.
Ierago, v. apanhar. pres. i nure ikkerago, a nure akkerago, u nure tu guerago...
Ieraiddo, v. amar, querer. pres. ikkeraiddo nure akkeraiddo nure, tugeraiddo nure.... indef. ieraiddo nure.
Iera-kago, v. esfregar as mãos.
Iera-keaddo, v. brinear de mão de mau gosto.
Ierakkea, s. palma da mão.
Ierakko, s. dedo da mão.
Ierakko-bo'eiaddodau-mekkiu, s. dedo anular.
Ierakko-kurireu, s. polegar da mão.
Ierakko-kurireu-mekkiu, s. dedo indicador.
Ierakko-oiaddodau, s. dedo medio.
Iera-peddobboro, s. veia, nervo.
Iera-raiddo, v. apanhar. pres. i nure ikkera raiddo, a nure akkera raiddo, u nure tuguera raiddo...
Iera-ra-paru, s. munheca.
Iera-rekko, v. esfregar, alisar com a mão.
Iera-u-poru, s. costa da mão.
Iere, v. chamar-se, nomear-se ex. oinnore ikkie-re, assim me chamo.
Ieri, s. calma, delicadeza. — adv. com calma, delicadeza.
Ieri-hoe-pugugu, inter. que lindo!
Ierido, v. fazer pequeno.
Ierigo, v. diminuir, acalmar.
Ierikka, adv. muito, demais.
Ieri-parare, s. fala calma, vagarosa.
Ieripa karega, adv. muito, demais, grandemenfe.
Ikare, v. ter dúvida.
Ikari, s. carne que fica pregada no couro.
Ikk, forma do pron. primeira pess. sing.
Ikka, s. canoa, intestino. — um instrumento musical-rama de certos vegetais como mandioca, urucú.
Ikka-akko, sin. de parigogo, jacutinga e de kuge, mutum, u. nos cantos.
Ikkabbe, s. estrondo do raio, — v. ralar.
Ikkaiare-mariddo, sin. de ki, anta, u. nos cantos.
Ikka-kurireu, lancha, batelão.
Ikkaporo, s. um peixinho.
Ikkaxoio, sin. de uai, jaearé u. nos cantos.

- Ikkinnoguiddo**, v. espreguiçar-se.
Ikkinnoguiddoddu, s. o tempo em que um se espreguiçou.
- Ikkoddo**, s. asa, penas das asas.
Ikkoddogoddu, s. desejo veemente, ansia. - adj. desejoso, ansiado.
- Ikkoddogoddureu**, s. o desejoso, o ansiado.
Ikku, s. linhada, barbante.
Ikku-akkuruddo-inguí, v. tecer.
Ikku-i, capitão (árvore).
Ikkuia, s. figa para pescar, flecha de cana brava.
Ikkuia-pa, s. lugar onde deixou a ikkuia.
Ikkuio, sin. de kuiege dogue, estrelas u. nos cantos.
- Ikku-kurireu**, s. corda.
Ikkureddo, s. cipó "tripa de galinha", qualquer cipó.
Ikkuru, s. boipeba (cobra), urina.
Ikkuruddo, v. urinar, verter água.
Ikkuruddodda, s. lugar onde se urina.
Ikkuru-já, urinol, bexiga.
Ima, s. dúvida, temor, susto.
- Imareddo**, v. ter ciúme. pres. ikkimareddo nure
 akkimareddo nure, tuguimareddo nure, idef. imareddo nure.
- Imareddu**, adj. ciumento, cioso.
Imareddureu, s. o ciumento, o cioso.
Imariddo, s. carro de boi, carroça.
Imaridd'eppa, s. carreiro, boi de carro.
Imeddu, s. homem, animal macho. pl. imme. certo espírito.
- Imme-ekkoddu-pareu-i**, mulata (árvore).
Immeraro, canto fúnebre de toda a tribu.
Immi, pron. eu.
- Immo**, s. enfeite em geral.
- Imuga**, s. minha mãe. i muga, axe, uxe, xege, page, tage, exe, minha mãe, tua mãe, sua mãe, nossa...
- Imuga-pegá**, s. minha avó.
- Innagu**, pron. poss. para posse de animais. - meu escravo, quando, ainda antes da chegada dos brancos, faziam escravos os inimigos.
- Innagu-arooe**, s. duas famílias cujos membros podem casar entre si.
- Innawób**, inter. coitado!
- Inno**, pron. poss. meu, minha. - s. um passarinho.
Innobá, pron. interr. qual?, que? - adv. como?
Innoba-boere-dukege-bá, conj. temp. quando?
Innoboere, pron. e adj. quantos? quantas?
Innoddu, adv. como, assim.
Innoge, fr. não presta.
- Innogui**, s. unha da mão.
- Innoguiddo**, v. arranhar, coçar, pres. i nure ikkinoguiddo, a nure akkinoguiddo, u nure tuguinnoguiddo... espichar, pres. i nure innoguiddo, a nure innoguiddo, unure innoguiddo...
- Innokoddiba**, porque?
Innoruddo, v. livrar, fugir, remir, salvar.
- Iogo**, v. curar, dar remédio, pres. i kiogo nure, a kiogo nure, iogo nure...
- Iogui**, vd. Jokki.
- Ioguddubá**, pron. quem? qual? pl. iogud-dubá-mague-bá?
- Iogua**, s. meu pai, iogua, ao, uo, pau, xeo, tao, eo, meu pae, teu pae...
- Iohi**, iter. de admiração e espanto.
- Iorubbaddare**, s. padrinho.
Iorubbo, vd. jorubbo.
- Ippareddo**, s. moço. pl. ippare.
- Ipparei-hagogu**, s. andorinha pequena.
Ipparei-kigareu, um vegetal do campo.
Ipparei-pogorareu, s. um vegetal, comendo o qual, poderão também comer o milho antes que seja apresentado ao bari.
- Ipparereu-i**, s. árvore da qual as mulheres extraem a embira para o kogu.
- Ipparereu-iwoi**, a embira extraída da árvore.
- Ippareri**, s. morro lendário.
Ippare-wure-joiareu, s. um cipó.
Ipparoro, s. um espírito, - sin. de boku, campo u. nos cantos.
- Ippie**, s. ariranha, um bichinho que fica a flor d'água.
- Ippie-bari**, s. um apito dos Aroroe.
- Ippie-anno-jorubbo**, s. vegetal, que carbonizado passam no corpo contra qualquer doença. Serve também para ter força no nado.
- Ipie-eiao**, s. afluente do rio Garça.
- Ippo**, s. pau.
Ippo-apareu, a forquilha.
Ippo-bigoddo, s. pau direito, caibro.
Ippo-bure-tuguddu, s. pau fincado no chão.
Ippoioddo, v. ajoelhar-se, adorar, venerar, pres. inure ippoioddo, a nure appoioddo, u nure.
- Ippoxereu**, irara.
- Ira**, s. espiga de milho, sabugo, talinho de folha de palmeira.
Irá, s. taboa.
Irá-eppa, s. carpinteiro.
- Iraga**, s. parte lenhosa da raiz das euforbiaceas, e das palmeiras. - minha nora, neta.
- Ireado**, v. procurar meios para arranjar, obter uma couca.
- Ireadoddo**, v. contar, narrar.
- Irogoddo**, s. pó de carvão.
- Iroia**, s. indica a cor do espírito Bakkororo. nos cantos.
- Iroiare**, sin. de ki-oro, filhote de anta, u. nos cantos.
- Iroio**, sin. de kuiadda kuru, cangica, u. nos cantos.
- Irori**, sin. de tori, u. nos cantos.
- Iru**, s. flor de piuva amarela.
- Iru-i**, s. piuva amarela (árvore).
Iruí, s. camaleão, sinimbú.
- Irugui**, s. extrenidade estragada de pena de aves, ponta de um cabelo, de um fio qualquer.
- Iruí-o-jorubbo**, s. vegetal usado para criança ficar coegada.
- Itt**, forma de primeira pess. sing. ex. ittaiddu-e, eu quero; ittoe, meus filhos.
- Itto**, s. talo verde, o braço todo, músculo perto ombro.
- Ittobbo**, s. ponto em que começam as folhas de palmeiras. - um enfeite.
- Ittobori**, s. talo seco ainda pregado na palmeira.
- Ittoga**, s. um enfeite, talo seco das palmeiras.
- Ittogaa**, s. piteira.
- Ittorakka**, s. uma especie de croatá.
- Ittoru**, s. nuca, cangote. ikkidoru, akkidoru, ittoru.
- Ittoru-koddo**, s. carne do peçoço.
- Ittoru-ra**, s. osso do peçoço.
- Ittowuia**, s. parte do braço logo após do cotovelo.
- Ittubore**, s. um dos maiores heróis da tribu. -lugar onde vão as almas depois da morte.
- Ittuboro-dogue**, s. um jogo dos espíritos.
- Ittuddu**, s. tinta preta.
- Itrudduio**, s. nome com que chamam os pretos.
- Ittuguru**, s. cabeceira de rio.
- Ittuguru-i**, s. uma árvore das cabeceiras.
- Ittuie**, s. minha irmã maior, ittuie, attuie, uttuie, uttuie...
- Ittura**, s. mata. galho.
- Itturabbo**, s. sin. de ittura, mata, u. nos cantos.
- Ittura-kari**, s. pequena mata isolada.
- Ittura-otto**, s. ponta de uma mata.
- Itturawore**, s. tatú grande da mata.
- Iubba**, sin. de bia, orelha, u. nos cantos.
- Iuga**, sin. de jokku, seu olho, u. nos cantos.
- Ive**, s. ouriço.
- Ive-otto**, s. seculo de ouriço.
- Ive-otto-paddoguiu-tugo**, s. uma flecha dos Baad. xob.
- Ivie**, s. meu irmão menor.

Ivo-jorubbo, s. um vegetal venenoso.
Iwa, v. ralar, exprobar, ensinar. — adj. bom, bem sucedido.
Iwabbe, s. dedo mínimo seja da mão como do pé.
Iwabbareu, s. canhoto.
Iwagu, s. sanguessuga.
Iwaguddo, s. um pássaro, totem dos Iwaguddo dogue.
Iwaguddo-dogue, s. uma das famílias dos Tugaregue.
Iwaguddo-dogueddo, s. membro dos Iwaguddo dogue.
Iwaguddoreu, s. samambaia (vegetal).
Iwaguddo-u-tugo, s. uma flecha dos Iwaguddo dogue.
Iwagudduio, sin. de boeia, precipício, u. nos cantos.
Iwai, adv. logo.
Iwaire, v. começar logo.
Iwara, s. varinha.
Iwara-pagao, s. pauzinhos trançados e amarrados na ponta da flecha para atordoar e não matar os passarinhos.
Iwarappa, s. uma esumadeira feita de pauzinhos trançados.
Iwara-raga, s. um arbusto do cerrado.
Iwara-regue, s. constelação das três marias-um aroe.
Iwareu, s. o bem sucedido.
Iwo, s. meu corpo. iwo, awo, eiwu; meu corpo, teu corpo, seu corpo... — meu vestido.
Iwo-barugogo, s. parte da rede para pesca, presa às duas varas.
Iwo-biri-kujugurehoe, s. uma árvore da mata.
Iwoddirigui, s. marinheiro (árvore).
Iwoddo, v. preparar pres. ikkiwoddo nure, akkiwoddo nure, iwoddo nure...
Iwoddude, sin. de pioddudo porereu, beija-flor, u. nos cantos.
Iwodu-paraddu, s. um canto de toda a tribo.
Iwo-ekkuo, sin. de tugo, taquarilha, u. nos cantos.
Iwogera, s. um peixe.
Iwoga, s. taboinha usada para tecer.
Iwogo, v. roubar.
Iwoi-kore-boe-i, s. uma árvore.
Iwokia, sin. de kaddo guru, taquaral, u. nos cantos.
Iworehoe, um instrumento musical; capim jaraguá.
Iwore-kummago, s. um canto de toda a tribo.
Iworo, s. bebida extraída da palmeira uacorf.
Iworo-dogue, s. um espírito mau.
Iwu, adj. inteiro. — v. deitar-se. pres. i nure iwu, a nure iwu, u nure iwu...
Iwureu, s. o inteiro.
Iwuri, s. meu irmão maior (assim as mulheres).
Ixá, inter. eis.
Ixai, adv. quando, na ora.
Ixare ou xare, conj. e, então.
Ixegu, s. flor amarela de uma árvore do cerrado.

J

Ja, s. boca. i a, a ia, ja, xe ia, pa ia, ta ia. e ia: mina boca, tua boca, sua boca...; qualquer abertura.
Jakkoceu, boto (peixe).
Jakkaregue-iao, s. Rio das Garças.
Ja-bari, s. boca aberta.
Ja-bariddo, v. abrir a boca de qualquer cousa, aumentar uma abertura.
Ja-baridloddu, s. tempo em que se fez a abertura.

Jaddorigui, s. bocejo.
Jaddori-guigoddo, v. bocejar.
Jaddo, v. abrir.
Jaddodda, lugar em que se fez a abertura.
Jaddoddu, s. tempo em que se fez a abertura.
Jae, adv. longe.
Jneguiri, adv. muito longe.
Jaeru, s. distancia comprida.
Jagu-jaga, adj. ondulado.
Jaguio, s. trunça da palha.
Jairu, adj. guloso.
Jaireu, s. o guloso.
Jaiwo, s. casulo de lagarto.
Jakkai, adv. em presença. iegai, aegai, jakkai.
Jakkama-ittudduio, s. canto dos Baad. xeb.
Jakkare, s. alegria. — adj. alegre.
Jakkareddo, v. consolar, alegrar.
Jakkareddoddu; s. tempo em que se consou.
Jakkiri, s. mofo, garoa.
Jakkomea, sin. de meri, u. nos cantos, um aroe.
Jakkomea-dogue, s. um canto.
Jakkomea-uttugo-kujagureu, s. uma flecha dos Iwaguddo dog.
Jakkomea-kuiio, sin. de mea, cotia u. nos cantos.
Jakkuru, s. lama.
Ja-kuddu, adj. malcriado, grialhão, barulhento.
Ja-kuddureu, s. o malcriado, o grialhão, o barulhento.
Ja-kuri, adj. boca ou abertura larga.
Jameddu, adv. também = adj. tudo.
Jo, s. morada, estadia. — adv. já faz tempo, antigamente. — adj. primeiro.
Jo-boc, adv. tempos idos.
Joaguai, adv. ao lado.
Jo-ottodda-iwugi, adv. ante ontem.
Joare, adv. antes, antigamente.
Joareu, s. o primeiro.
Ja-peri, adj. serio, de voz bonita.
Ja-perireu, s. o serio, o de voz bonita.
Jappara, s. foice.
Jare, v. abrir. pres. iare, aiare, jare. ja ka, não está aberto.
Jari, s. buraco = ninho na pedra.
Jaruddo, s. bagre (peixe).
Jaruddo-attogoreu, s. bagre grande.
Jaruddo-maga, s. um rio.
Jaruddori, s. um paredão no rio Vermelho, Pogubbo.
Jaruru, sin. de kudururu, barulho, u. nos cantos — s. Batuvi, afluente do rio das Garças.
Jattugo, s. cajá (fruto).
Jattugo-i, s. cajazeiro (árvore).
Jattugugo, s. piaba assú (peixe).
Jattugogoc-ett'aorireu, s. uma árvore da mata.
Jatugugu, s. acaí. (vegetal).
Jaúgi, adv. ontem.
Jauare, adj. grialhão.
Jauarereu, s. o grialhão.
Jo-bu-kegeu, s. enfeite de penas.
Joddo, v. dobrar, curvar, inclinar, encostar, empurrar; obrigar.
Jodo-kege, v. calcar, pisar.
Joe, s. tatá (abelha).
Jocrubbo, s. vegetal com cuja raiz carbonizada e misturada com kiddoguru, usam pintar os braços e as pernas das crianças para se desenvolverem mais depressa.
Jo'erubboreu, s. sucupira preta (árvore), com a raiz, preparada como acima, pintam o rosto e as costas do caçador que precede a turma na caçada da anta, e o mesmo espalha folhas, para serem felizes na caçada. — Um galhozinho do mesmo vegetal, no lobulo da orelha, ajuda a a bem aprender os cantos da tribo.
Jogo, v. pedir.
Jogna, s. trabalho começado e não acabado.
Joia, s. impressão.

Jokki, adv. sobre iogui, aiogui, jokki.
Jokkodo, adv. propriamente, deveras.
Jokkore, s. osso malar.
Jokko-rogo, cai-cai (passarinho).
Jokku, s. olho. i oku, a eku, jokku.
Jokku-akemmo, v. vivo desejo de ver uma pes-
 goa ou cousa.
Jokku-biri, s. pálpabras.
Jokku-bu, s. pestana.
Jokku-bugé, inter. de desprezo.
Jokkuddo, v. fazer pedir.
Jokku-gé, exclamação ocasional intraduzível.
Jokku-jokkureu, s. olho de gordura no caldo.
Jokkugoddudo, v. ameaçar, incutir medo.
Jokku-iro, v. reparar os defeitos alheios.
Jokku-iru, adj. invejoso.
Jokku-irureu, s. o invejoso.
Jokku-kiddo, adj. curioso. - v. curiosar, olhar
 com interesse.
Jokku-kiddureu, s. o curioso.
Jokku-kigaddo, fr. não vês? estás cego?
Jokku-kujagu, olho vermelho (por doença).
Jokku-kuii-tai, s. guavira, vegetal cuja infusão
 usam contra toda doença como também as
 raízes carbonizadas e misturadas com kiddo-
 guru.
Jokku-kurireu, s. peixe cachorro.
Jokku-mekki, adj. veggo.
Jokku-mekkiddo, v. piscar os olhos com raiva.
Jokku-mekkireu, s. o veggo.
Jokku-meriti, s. óculo.
Jokku-pega, adj. olho doente, vista ruim.
Jokku-pegage, inter. de desprezo, de raiva.
Jokku-pegareu, s. o de vista ruim.
Jokku-pemega, adj. vista boa.
Jokku-pemegareu, s. o de vista boa.
Jokku-pigi-pigi, s. pequeno pirilampo.
Jokkure, adj. limpo, aseado.
Jokkurea, s. risco na cara da arara.
Jokkurega, s um canto funebre de toda a
 tribo.
Jokkuru, s. lágrima. jeguro, seguro, jokkuro.
Jokkurugareu, s. chorão.
Jokkurugaddo, adj. limpo, transparente.
Jokkurugaddureu, s. o limpo, o transparente.
Jokku-toddau, s. botão.
Jokku-toddau-tugo, v. abotoar.
Jokku-toddau-tugoddod, v. fazer abotoar.
Jokku-toddau-tugoddodda, s. casa do botão.
Jommo, s. lontra.
Jommo-erubbo, s. vegetal com cujas folhas es-
 fregam o corpo, para ter resistencia em nadar.
Jommo-o-jorubbo, s. vegetal cujas raízes car-
 bonizadas e misturadas com kiddoguru, es-
 fregam no corpo contra qualquer doença.
Jommori, ponta estragada de qualquer objeto.
Jonna, fr. cousa feita mal.
Jonnareu, a cousa feita mal.
Jo-rakkaddo, v. espremer.
Joraddu, s. carvão.
Joradd'uru, s. braza.
Joruduare, v. vd. jorudduare.
Joroddoddu, adj. convalescente.
Joroddodureu, s. o convalescente.
Joroppa, s. um gavião.
Joru, s. fogo; ioru, a eru, u ioru; int. joru.
Joru-dogue, s. ano - os boróros computam o
 tempo com a época da queimada (joru) e da
 chuva (butao).
Joru-bea-paru, s. tição.
Joru-beri, s. crepitar do fogo.
Joru-bittuddo, v. apagar o fogo.
Joru-bittuddoddu, s tempo em que se apagou
 o fogo.
Jorubbo, s. doença, remedio, bezouro (coleóptero),
 estrepe; um vegetal cuja infusão serve contra
 qualquer doença.
Jorubbo-amagaddureu, s febre intermitente.

Jorubbo-bo'ekku-pega-epae, s. folhas de um
 vegetal que, esquentadas, aplicam contra dor
 de olhos.
Jorubboddo, v. envenenar.
Jorubbododdu, s. envenamento.
Jorubbo-jao, s. Caiapó, um afluente do Araguaia.
Jorubbokuru, s. remedio para tomar.
Jorubbo-okua-barigoddo, s. vegetal cuja infu-
 são tomam ou despejam sobre o corpo, contra
 toda doença.
Jorubbo-rakkareu, s. vegetal, que na forma de
 costume, é usado contra qualquer doença.
Jorubbo-uperireu, s. vegetal usado como fei-
 tiço, que excita a tosse até morrer.
Jorubutu, s. tempo das queimadas.
Jorudduaddo, ensinar, pres. i nure joruddoado,
 a nure a erduaddo, u nure joruddoado...
Jorudduaddodda, s lugar onde se ensina, aula.
Jorudduaddoddu, v. aprender.
Jorudduare, v. saber, conhecer.
Joruddo, v. achar, enxergar.
Jorugo, v. fazer fogo, acender a luz.
Jorugo-bittuddo, v. apagar a luz.
Joru-godda, s. queimada.
Joru-godda-gori, s. queimada nova.
Joru-gori, s. cheiro de fumaça.
Jorugu, s. lume, luz, chama, labareda.
Joruguddu, s. cinza.
Joru-ira-reu, s. fósforo.
Joru-tó, v. acender fogo.
Joru-tauge, v. vd. joru-tó.
Joru-taugeddu, s. um jogo dos espíritos.
Joru-tugo, v. vd. joru-tó.
Jotto, s bengala.
Jou, s. um peixe.
Joware, s. um jogo dos espíritos.
Joware-tugo, s. uma flecha dos Baad.
Ju, s. mandioca.
Jugo, s. porco do mato.
Jugo-dogu'erubbo, um arbusto.
Jugo-o-jorubbo, s. um vegetal cujo uso é re-
 servado aos caciques, para terem muitos sú-
 ditos.
Jug'oreu, s porco doméstico.
Jugu-jugu, s. chovisco, mosquito pólvora.
Jui, s. caçetê.
Juikka, s. rama de mandioca.
Juikka-guru, s. mandioca.
Juireu, s. peixe abotoado.
Jukka, s ângulo, corte na parte superior da
 flecha.
Jukko, s. macaco.
Jukko-ci-jurureu, pitomba (fruto).
Jukko-gurureu-i, s. pitomba (árvore).
Jukko-ettó, s. enfeite de dentes de macaco.
Jukko-o-jorubbo, s. vegetal venenoso.
Jukkoreu, s uma formiga.
Jukkoddo, v. abanar.
Jukkoddodda, s. lugar onde se abana.
Jukkoddoddu, s. tempo em que se abana.
Ju-kuddu, farinha de mandioca.
Ju-kugu, s. mingão de farinha de mandioca.
Jura, s. costela.
Jura-kaddureu, s. um peixe.
Jurattou, adv. de lado, ao lado.
Jure, s. sucuri, arco-iris.
Jurea, s orelha de burro (vegetal).
Jureia, sin. de awara, caminho, u. nos cantos.
Jure-bari, s. um apito dos Kie.
Jure-bororo, s. uma aldeia dos Kie.
Jureddo, sin. de marigo, vamos, u. nos cantos.
Jure-dogue, s. um canto fúnebre u p toda
 a tribo.
Jure-goddureu, s uma doença da pele.
Jure-ikka-akko, s. um canto dos Kie.
Jureiawo, sin. de paga rogo, u. nos cantos.
Jurekia, sin. de korawe, kurittaga, manoppa,
 papagaíos, u. nos cantos.

Jure-kodda, sin. de estrada, awara, u. nos cantos.
Jure-maregue, s. feras legendarias - certa tri-
 bu inimiga quasi extinta por Akkaruio bok.
 e Bakkororo-kuddu.
Jureojorubbo, s. vegetal, que usado como de
 costume, entrobusteeo o corpo.
Jureri, sin. de ja tugo-i, cajazeiro, u. nos cantos.
Jurereu, sin. de koe, enfeite, u. nos cantos.
Jureriwawuru, sin. de jatugu o kuroddu,
 cajá u. nos cantos.
Jure-rukko, sin. de jugo dogue, porco, u. nos
 cantos.
Jureu, s. mandioca do mato.
Juruxe-dogue, s. canto dos Paivoe.
Joruxe-wuio, sin. de pioddodu, beija-flor, u.
 nos cantos.

K

Ka, s. tamboril, gordura. - adv. negativo sempre
 posposto à palavra, com a qual se aglutina.
Kaaboreu, s. um antigo herói.
Kaba, adv. negativo que acompanha um verbo.
Kabi, v. lavar.
Kabidda, s. lavatorio, toalha de rosto.
Kabiddu, v. lavar, fazer lavar.
Kabiddu, s. tempo em que se lava.
Kaddagare, s. pequeno martim pescador (ave).
Kaddagare-o-iorubbo, s. vegetal, que na for-
 ma de costume, usam contra qualquer doença.
Kaddagu, s. saracura (ave); uma fruta.
Kaddamo, s. martim pescador grande.
Kaddamo-guaregue, s. uma especie de formiga.
Kaddarabo, s. cisterna.
Kaddara-bokkora-ra, s. clavícula.
Kaddo, v. cortar, quebrar. - s. taquara. - forma
 verbal: fazer que não.
Kaddo-bora, s. cerca de taquara.
Kaddo-boraddo, v. fazer cerca de taquara.
Kaddodda, s. lugar em que se cortou.
Kaddoddu, s. tempo em que se cortou.
Kaddogua, s. sin. de tugo, u. p. bari nas evo-
 cações.
Kaddoguaieu, s. cobra cipó.
Kaddoguru, s. taquara.
Kaddoki, s. taquara seca.
Kaddo-mogua, s. taquara imperial.
Kaddo-puiatto, v. dividir em partes iguais,
 partir ao meio.
Kaddo-raireu, s. um jogo.
Kaddo-gubo-hororo, s. uma aldeia dos Boko-
 dori.
Kadduru, s. cheiro, perfume.
Kaddurureu, s. o cheiroso.
Kae, prep. a, até. - adv. espera um pouco. -
 contração de kare, no discurso indireto.
Kaebá, adv. que? que cousa?
Kae-boe-há, adv. vd. kaebá.
Kaere, prep. kae com o sufixo re.
Kaga, s. caracará; um espírito.
Kagae-kagae-dog'erubo, s. vegetal com cujas
 folhas esfregam arco e rosto, para serem felizes
 na caçada.
Kagae-kagae-dog'ewari, s. um apito dos Baad-
 xeb.
Kagege, adv. ao redor.
Kagegeu, s. o que está ao redor.
Kagtika, s. cangica.
Kago, s. pari. - v. - abanar, estar com ansia, es-
 fregar.
Kago-paguddu-magua, s. um canto dos Api-
 buregue.
Kaguiriddo, v. esquarterar, mantear, raagar,
 estragar.
Kaguru, s. azeite, banha.

Kaguruddo, v. engraxar, azeitar.
Kaia, s. pilão.
Kainia, s. um enfeite.
Kaiamo, s. tribu inimiga.
Kaibá, adv. aonde? de onde? onde?
Kaihozi, s. mão de pilão.
Kaiboriddo, v. seocar.
Kaidaga, s. uma palmeirinha.
Kaiddo, s. acumã. (palmeira), coco de uma
 palmeira.
Kaiddoga, s. cabegudo. (palmeira), coco de
 uma palmeira.
Kaiddoitto, s. outra palmeira.
Kaigoddu, adj. acabrunhado, triste, morto.
Kaigoddureu, s. o acabrunhado, o triste.
Kaigo-paruia, s. um canto dos Bok. exer.
Kai-kai, s. coruja branca.
Kaiwara, s. vareta para tocar o ká.
Kaiwo, s. um jogo.
Kaiwo, s. um canto dos Aroroe - sin. de
 kaidaga, nos cantos.
Kajao, adv. ainda não, espera.
Kako-dogue, s. correção (formiga).
Kakoddiubá, pron. qual deles?
Kami, v. costurar.
Kamidda, s. lugar onde corre a costura.
Kamiddo, s. costura.
Kamidodda, s. lugar onde se costura, alfai-
 taria.
Kamiddu, s. o tempo em que se costurou.
Kamo, s. girau para chameusar carne ou peixe.
Kamorétu, s. girau para dormir.
Kanna, s. braço, barbatana peitoral do peixe.
Kanná, adv. talvez ex. imi kanna?, eu talvez?
Kannaddo, lavar; erguer o braço.
Kannaddo-pigiu, s. breve curso d'água.
Kannaddodda, s. lugar onde se trabalha.
Kanna-gagegeu, s. fita que amarram ao braço.
Kanna-kobbo, s. canhoto.
Kanna-kobboreu, s. braço esquerdo.
Kanna, s. ombro, ângulo.
Kannaodda, v. fazer ângulo.
Kannaora, s. espada.
Kanna-paru, s. antebraço.
Kanna-pemegareu, s. braço direito.
Kanna-piora, s. cotovelo (parte externa).
Kanna-ra, s. osso do antebraço.
Kannau, s. espinho do rosto.
Kanna-uiamugu, s. cotovelo (parte interna).
Kao, adv. entre, no meio.
Karaddega, vd. karega.
Karae, adv. negativo de dúvida: talvez não.
Karaega, adv: talvez?
Karaiwa, palavra ofensiva.
Karaiwa-dogue, s. espíritos maus.
Karao, s. uma ave.
Karawoe, s. um jogo.
Kare, adv. não; ex. pemega kare, bom não; are-
 goddo kare, veio não.
Karega, adv. não. ex. imi karega, eu não; i
 muga karega, minha mãe não. Parece que
 kare acompanha o verbo e o adjetivo e
 karega acompanha o nome e pronome.
Karegure, adv. não - i korigoddo karegure, eu
 zangado não mesmo; boe pegareu karegure
 imi, cousa ruim não mesmo eu.
Kar'ewa, s. ova de peixe.
Karo, s. peixe; pl. kare.
Karo-bure, s. barbatana caudal do peixe.
Karoddo, adj. suado. - v. snar.
Karo-kigaddu, s. peixe voador.
Karore-maregue, s. antiga tribu de índios.
Karori, s. libélula.
Karu, s. suor, ikkaru, akkaru, ukaru.
Kaworure, adj. azul forte, luzido, brilhante.
Kaworureu, s. o que é azul, luzido.
Ke, s. comida, enfeite, morcego.
Keago, s. gavião do cerrado.

- Keako-rogo**, s. maracanã (papagaio).
Keako-rogo-otto-xoreu, s. maracanã de bico preto.
Kodo, adj. vazio.
Ke-já, s. qualquer recipiente para guardar comida, estômago, bucho.
Kegu, s. lingua; innoguegu, akoguegu, kegu.
Ke-marugoddu, s. grande lagarto lendário.
Koo-kora, s. talo de pirl.
Kera-au-boddure, adj. cinco.
Kera-kere, s. maitaca (papagaio).
Keruddo, adv. bem feito, toma.
Ki, s. anta. - adj. seco, enxuto. - v. vd. kiuge.
Kin, s. chocalho, som do chocalho.
Kiaddo, v. tocar o chocalho.
Kiaddoddu, s. tempo em que tocou o chocalho.
Kiagori-bororo, s. uma aldeia dos Aroroe.
Kiari, v. não querer, não gostar.
Kiarigoddu, v. estar com tristeza, com saudade.
Kiarigoddu, adj. triste.
Kiarigoddureu, s. o triste.
Kiari-kare, v. querer.
Kibiritou, s. carrapato rodoleiro.
Kibitto, s. um gafanhoto.
Kidde, s. periquito, certa árvore da mata. adj. seco.
Kiddogoddo, v. flechar.
Kiddoia, s. alvo.
Kiddogure, s. borá (abelha).
Kiddogureugue, s. outra especie de abelha.
Kiddoguru, s. resina de almecegueira.
Kiddoguru-i, s. almecegueira.
Kiddoguru-jaiworeu, s. vegetal do qual mastigam as folhas para terem voz forte e aplicam nos furúnculos as raízes carbonizadas.
Kiddoguru-girireu, s. vegetal usado na forma de costume, contra qualquer doença.
Kiddoguru-u-manna, s. uma especie de almecegueira.
Kiddokia, s. pirarara (peixe).
Kiddoreu-xoreu, s. um passarinho, um enfeite.
Kiddoreu-kujagureu, s. vd. supra.
Kiddu, s. favo sem mel. - adj. seco, magro. - sem sorte; adv. faz tempo.
Kidduddo, v. secar, enxugar.
Kidureu, s. o seco, o enxuto.
Kie, s. uma das famílias dos Exerae.
Kiedo, s. membro dos Kie.
Ki-eviareu, s. moriel (fruta).
Ki-eviareu-i, s. arvore de moriel.
Kieguo-baregue, s. canto para caçadas e funerais.
Kieguo-ettaiaiga, s. um enfeite.
Kiegu'ettaro, s. vegetal cujas folhas mastigam e lançam a saliva contra um companheiro que queiram enfraquecer. O mesmo fazem contra a onça.
Kiegu'ettore, s. um enfeite.
Kiegueri-bororo, s. uma aldeia dos Iwaguddo dogue.
Kieguewa, s. um enfeite.
Kiemogureu-i, s. uma árvore da mata.
Kie-peguru-guiguirireu, s. vegetal com cuja casca preparam uma infusão que passam sobre o corpo todo, contra a mordedura de cascavel.
Kieruorareu-i, s. vegetal do cerrado.
Kiga, s. chifre, cerne.
Kigaddu, adj. branco.
Kigaddureu, s. o branco.
Kigo, s. cheiro de mofa.
Kigoddu, adv. a miudo, continuamente.
Kigori, v. coçar.
Kigiri-dogue, mosquito pólvora.
Kigori-dogu'erubbo, s. carobinha (vegetal).
Kigoriebbœ, s. coceira.
Kigowuia, adj. catiguento, fedorento.
Kigowuiareu, s. o catiguento, o fedorento.
Kiguddu, s. cisco, lixo, qualquer resto.
Ki-iorubbo, s. grãdeira (vegetal).
Kimagoddu, adj. sem gosto.
Kimagoddureu, s. o sem gosto.
Kimau, s. uma fruta do cerrado.
Kimixira, s. peneira.
Kimixira-meriri, s. peneira de arame.
Kimmo, adv. ainda.
Kimmoe, s. pl. objetos, bens, riquezas.
Kimna, adv. sim ou não? é verdade?
Kinnoruddo, v. fugir, escapar, salvar. pres. i nure i kinnoruddo, a nure a kinnoruddo, u nure tu guinnoruddo; inf. kinnoruddo.
Kinnoruddoddu, s. tempo em que fugiu.
Ki-o-jorubbo, s. vegetal com cujas folhas esfregam o rosto para que, anoitecendo durante uma caçada, possam regressar sem mal algum.
Kioga, adj. bom. - inter. muito bem.
Kiogareu, s. o bom.
Kiogo, s. ave, pássaro. - pl. kiegue.
Kiogoddo, s. pauzinho usado para atçar o fogo; um enfeite.
Kiogo-rogu-o-jorubbo, s. um vegetal que na forma de costume, usam para evitar acidentes desagostosos.
Kiogo-warô, sin. de makao, macaú, u. nos cantos.
Kioguaguiri, s. penugem de ave.
Kioguaro, s. enfeite.
Kioroddo, v. consolidar, parar, sossegar; pres. i nure ikioroddo, a nure akioroddo, u nure tuguikioroddo, inf. kioroddo.
Kioroddoddu, s. tempo em que se parou, sossegou.
Kiorogoddo, v. entristecer, ficar aborrecido, avexado. adj. sossegado, quieto; v. arrepen-der-se.
Kiorogoddureu, s. o triste, o aborrecido, o sossegado, o quieto.
Ki-ra-aoboareu, s. coxa da anta.
Kiraboddo, inter. é verdade, assim mesmo, certamente.
Kiraddo, inter. como acima.
Kirakuddo, inter. pode ser.
Kiraru, s. morte, falecimento, catanga de peixe. - v. catingar.
Kireu, s. o seco, o enxuto.
Kirimmi, v. voltar, regressar, virar. pres. i nure i kirimmi, a nure a kirimmi, u nure ti guirimmi...
Kirimmpai, adv. voltar logo.
Kiroddu, adj. sujo.
Kiroddureu, s. o sujo.
Kittoriga, s. gafanhoto grande.
Kitui, adj. magro.
Kituireu, s. o magro.
Kiuge, v. desamarar, desatar. pres. i nure kiuge, a nure kiuge, u nure kiuge.
Kiwarapa, s. uma escumadeira.
Kiwaroc, s. rato.
Kiwoc-ennogurareu, s. trança final do cordel koe.
Ko, s. mau cheiro, fedor. - v. cheirar mal. pres. i ko nure, a ko nure, ko nure; comer, alimentar-se. pres. i nure ko, a nure ko, u nure ko.
Kô, adj. fundo.
Koadduia, s. um canto dos Bokodori.
Koaru-dogue, s. feras lendárias.
Kobbo, s. pedaço.
Kobboreu, s. esquerdo.
Kobboriddo, v. encurtar.
Kobborigoddu, adj. curto, breve.
Kobbotoreu, s. cor escura no pescoço de certos passarinhos.
Kodda, s. batida, caminho.
Koddau, s. enfeite do beijo, inno goddau, ako goddau, koddau...
Koddi ou kodde conj. porque, mas (causal).
Koddibá, conj. porque (interrog.).
Koddi-karega, adv. apesar, embora.

- Koddo**, s. esteira de aguassú, cesta. - v. ir, andar.
Koddo-bie, s. tanga das mulheres.
Koddo, - s. cestinho de folha de buriti.
Koddoddo, v. aumentar, encher; ex. poba kod-doddu, a agua subiu, (falando-se de rio, lagoa).
Koddoddu, s. o cheio (falando-se de rio ou lagoa).
Koddo-kaguirri, s. odio.
Koddo-kaguirire, v. odiar.
Koddo-kaguiriddo, v. fazer odiar.
Koddo-koddo, s. caxinguelé.
Koddo-kora, s. esteira mal feita.
Koddo-kori, adv. mais do que.
Koddomai, adv. ainda falta, mais um pouco.
Koddorabo, s. pequena cesta, bolso, saquinho.
Koddoraka, s. um peixe.
Kododoro, s. broto de palmeiras.
Koddu, s. carne. - adj. cozido. - v. voar.
Kodduddu, s. embira.
Koddugobo, s. rancor, raiva, odio.
Koddu-gobbore, v. odiar. - adj. esperto.
Koddu-gobboreu, s. o esperto.
Koddureu, s. o cozido, o voador, ex. meriri koddureu, o avião.
Kodduri, s. morféia.
Koe, s. cinto feito com rodinhas de casca de caramujo e caroço de coco de tucum.
Koe-kireru-paruia, s. canto dos Bok.
Koja, s. guelra.
Kojappo, s. sangradeira.
Kojari, s. tosse. - v. tossir.
Koga, s. caco, pedaço, sangue coagulado; um vegetal do qual as mulheres tiram embira para o cinturão.
Kogae-kogae-dogue, s. jogo dos espíritos.
Kogipa, s. o lado do peçoço.
Kogoddu, adj. doente.
Kogoddureu, s. o doente.
Kogo-para, s. um peixinho.
Kogo-regue, s. outro peixinho.
Kogoriga-areddu, s. galinha.
Kogoriga-imeddu, galo.
Kogoriga-parareu, s. murungú (vegetal).
Kogu, s. cinturão das mulheres; nó, atadura. v. atar, amarrar.
Koguddo, v. amarrar, atar (fazer).
Koguddodda, s. lugar onde se amarrou.
Koguddoddu, s. tempo em que se amarrou.
Kogue, v. casar. (assim dirá a mulher).
Kogueddo, v. casar, fazer casar (falando de uma mulher).
Koguia, s. atadura.
Koguio, sin. de noiddoia, palmito, e de baxe koguio, tujuiú, u. nos cantos.
Kogure, s. formiga savva.
Kogure-cirireu, s. erva cidreira.
Kogure-enogua, orifício do formigueiro.
Kogur'erubbo, s. limãozinho (vegetal).
Kogua-i, s. árvore da qual as mulheres tiram embira para cinturão.
Kogua-u-manna, s. loureiro.
Koi, s. fibra de palmeiras, bagaço.
Koiwo, s. casa de cupim alta e resistente.
Koiwo-bari, s. casa de cupim das árvores.
Koiwu-xereu, s. casa de cupim preto.
Koia, s. causa, culpa.
Koiaru, v. estar grávida.
Koiaruddo, v. tornar grávida.
Koiarurendo, s. mulher grávida.
Kokoddu, s. carne do peçoço da anta.
Koma, s. geripoca (peixe).
Komemmareu, s. um inseto.
Konnorigui, s. cigarra.
Korao, s. papagaló rsal. v. encher; adj. cheio.
Korao-bari, s. apito dos Aroroe.
Koraj-kuguriregue-ewari, s. apito dos Paiwoe.
Koreddu, s. crosta de comida queimada.
Koreu, s. a cousa funda. ex. po koreu, agua que é funda.
Kori, v. zangar. - s. zanga, inveja, queixa. - adj. zangado, ardido, forte.
Korigo, v. irritar-se, fazer irritar, zangar-se, fazer zangar.
Korigoddu, adj. irritado, zangado.
Korigoddureu, s. o zangado.
Koriwo, um vegetal.
Korobaddu, adj. cheio.
Korobaddureu, o cheio.
Korogue, s. antiga tribo de indjos.
Koro-koro, s. frango d'agua (ave).
Kororo, v. deslizar, escapar de uma cousa da mente ou dos sentidos sempre com o verbo "ro"; exi mearudai "ro" nure kororo pigi; escapou da minha mente; i kera ro nure kororo joki, a minha mão escorregou dele, isto é: quasi o matava.
Kororogo, v. alisar, escorregar.
Kororogeddodda, s. lugar onde se alisou, escorregou.
Kororogeddoddu, s. o tempo em que se alisou ou escorregou.
Kororogeddureu, s. o liso, o escorregadiço.
Korug'erubbo, s. vegetal de cujas folhas fazem infusão contra a tosse.
Koruguirikka, adj. pequeno.
Koruguirire, adj. grande.
Koruguirireu, s. o grande.
Kou, v. queimar - assar.
Kouge, v. comer, alimentar-se.
Kowai-i, s. imbauva (árvore).
Koxaga, s. saracura (ave).
Koxaga-o-jorubbo, s. vegetal cuja raiz comem para ter voz forte.
Koxo, s. cajú.
Koxo-i, s. cajueiro.
Koxo-iwara, s. cajueiro do mato.
Ku, s. sangue, bucho.
Kubaruru, s. ventre.
Kubi, s. collo.
Ku-biri, s. estômago.
Kubo-hororo, s. aldeia dos Bokod.
Kudda, adv. debaixo, em baixo.
Kuddagabo, sin. de ituguru gippa, beira de cabelleira, e de boekku mekki, varzea, u. nos cantos.
Kuddau, s. vestido.
Kuddo, s. cará do mato; um marimbondo timbó (veget.), uma lontra pequena.
Kuddobbo, s. coati.
Kuddobhérubbo, s. vegetal com cujas folhas esfregam o corpo, e a raiz carbonizada usam como preventivo contra mordedura de cobra.
Kuddobbo-o-jorubbo, s. vegetal cujas folhas espalhadas ao redor da aldeia, afugentam a morte.
Kuddogo, s. um peixe.
Kuddora-uttugo, s. uma flecha dos Paiwoe.
Kuddoro, s. arara preta, parte da constelação do pavão.
Kuddoro-hororo, s. uma aldeia dos Baad.
Kuddoroe-ettaigareu, s. raios de luz ao levantar e ao por do sol.
Kuddoro-ikka, s. um arco dos Paiwoe.
Koddorori, um canto dos Aroroe, um morro do rio Vermelho, Pogubbo.
Koddorori-booddu, s. um canto dos Aroroe.
Kuddoro-uwaio, sind. de piodduddu, beija-flor, u. nos cantos.
Kuddorubbo-hororo, uma aldeia dos Baad.
Kuddu, v. beber. - s. farinha, pó, encosta elevada, beira de um buraco; modo de aparar os cabelos na testa; grito, som.
Kudduddo, v. fazer beber, fazer tocar.
Kudduddodda, s. bebedouro.
Kudduddoddu, s. tempo em que se bebeu, se tocou.

Kuddugui, s. cuatá (macaco).
Kuddugui-bari, s. apito dos Aroroe.
Kuddugodda, s. lugar onde se gritou.
Kuddugoddo, v. falar alto, gritar.
Kuddugoddu, s. tempo em que se gritou.
Kudduiworeu, sin. de jukkoe, macacos, u. nos cantos.
Kuddu-kegeu, s. enfeite da testa.
Kuddu-meriri, s. um passarinho.
Kudururu, s. barulho.
Kue, s. intestino dos peixes.
Kue-emmokuddureu, s. parte inferior do lombo da anta.
Kuga, s. rede para dormir.
Ku-gagegeu, s. faixa, cinturão.
Kugaru, s. areia.
Kugarubboreu, s. um rio lendario.
Kugarure, s. um rio lendario; batura (ave).
Kuge, s. mutum (ave).
Kuge-akaddureu, s. mutum escuro.
Kugo-xereu, s. mutum preto.
Kugo-dogue, s. um jogo.
Kugei, adv. atrás.
Kugettorireu, s. um pequeno peixe.
Kugigui, adv. atrás das costas, sobre as costas.
Kugibbo, s. rio Barreiro afl. do Garça, rio Coxipó, afl. do Cuiabá.
Kugibbo-bororo, s. uma aldeia dos Iwaguddu dogue que se achava na barra do Coxipó.
Kugo, s. gavião, um gafanhoto rajado.
Kugoe, s. jogo.
Kugoe-eppureu, cordão que está no meio da rede de pescar.
Kugoe-eimegera, um jogo.
Kugo-kigaddureu, s. gaviãozinho branco.
Kugo-o-jorubbo, s. vegetal cujas folhas aplicam as flechas para serem certeiras.
Kuguddu, adj. mole, frouxo, fofo, aguado. - s. nojo.
Kugudduddo, v. afrouxar.
Kugudduddodda, s. lugar onde se afrouxou.
Kuguddure, v. sentir nojo, ter nojo.
Kuguddureu, s. o molenga.
Kuibbokku, s. boca do estômago.
Kuiddo, s. arara amarela.
Kuiddo-bari, s. um apito dos Paiwoe.
Kuiddo-ikka, s. um arco dos Paiwoe enfeitado com penas de arara amarela.
Kuiddori, s. morro no rio Vermelho.
Kuimmare, s. macauba (palmeira).
Kuimmare-itto, s. talo de macauba.
Kuimmare-o, s. coco de macauba.
Kuiadda, s. milho.
Kuiaddaepa, s. vegetal cujas folhas esfregam na boca para poderem comer o milho antes de apresentá-lo ao bari.
Kuiadd'ao, s. pendão do milho.
Kuiada-aga, s. cabelo do milho.
Kuiadda-immoddo, s. espiga de milho miuda.
Kuaddaira, s. sabugo.
Kuiaddaiworo, palha de milho.
Kuiadda-ki-eppereu, s. pão de milho de forma redonda.
Kuiadda-toru, s. pão de milho novo.
Kuiaddawuio, sin. de milho, u. nos cantos.
Kuiadde, s. um jogo.
Kuiege, s. estrela, bicho de pé.
Kuiege-dog'eruguddu, s. via lactea.
Kuiege-kurireu, estrela Venus; pulga.
Kuiege-kurireu-o-jorubbo, s. vegetal com cuja raiz fazem chá.
Kuiu, inter. bem feito, toma; s. especie de pari.
Kujagu, adj. vermelho.
Kujagureu, s. o vermelho.
Kukkaga, s. lagartixa trepadeira.
Kummara, s. pimenta malagueta.
Kummo-dogue, s. pl. cupim (inseto).
Kunnabbo, s. umbigo.

Kunnaga, s. coco que não chegou ao seu completo desenvolvimento. - adj. baixote, malfeito.
Kunno, s. nhandaia (papagaio). - v. dar de comer.
Kunnonnae, s. feras lendarias.
Kunnure, adv. grandemente, muitíssimo.
Kuo, s. jáé (ave), certa especie de araruta, indaiá (palmeira).
Kuogo, s. flor de para-tudo (árvore).
Kuogo-i, s. para-tudo (árvore).
Kuogori, um paredão.
Kuo-ko-dogue, s. um canto os Paiwoe.
Kuo-kurireu, s. galinha de angola.
Kuo-o-jorubbo, s. vegetal usado como feitiço; posto ao pé de uma árvore ou de uma pessoa, aquela seca e esta morre.
Kuoreu, s. indaiá grande.
Ku-reju-peddohoro, s. veia.
Kureddo, v. fartar-se.
Kureddu, adj. farto.
Kuregu'ewari, s. um apito dos Baad. xob.
Kuri, s. ventre, abdomen. - adj. grande.
Kuri-oinna, adv. agora mesmo.
Kuri-biuro, v. ter fome.
Kuri-bioreu, s. o que tem fome.
Kuri-bi, v. abortar.
Kuri-bitto, v. fazer abortar.
Kuri-buttu, v. dar à luz, nascer.
Kuri-buttoddu, v. fazer dar à luz.
Kuri-buttoreu, s. puérpera.
Kuriddo, v. aumentar, amassar, socar.
Kuriddodda, s. lugar onde se fez a ação do "kuriddo".
Kuriddogueddo, s. jogo dos espíritos. - adj. velho.
Kuriddogueddogoddo, v. envelhecer.
Kuriddogueddoreu, s. o velho.
Kurigé, adv. logo, brevemente.
Kurigui, s. tremere-tremere (peixe), enguia. - inter. ai de mim.
Kurigui-xarugoddugu, inter. vd. kurigui.
Kuri-kuguddu, s. enjão.
Kuri-kureldo, v. fartar-se.
Kuri-matto, adv. vem logo, depressa.
Kurio-mariddo, sin. de ki, anta, u. nos cantos.
Kuri-po, v. por mais, engrandecer aumentar.
Kuri-poddo, v. tornar maior, fazer aumentar.
Kurire, adj. grande.
Kurireu, s. o grande.
Kurittaga, s. um papagaio.
Kurixigo, adj. superlativo de grande.
Kurixigoddo, v. fazer muito grande.
Kurixigoru, s. o muito grande.
Kuro, s. um cipó cujas folhas agitam em direção do sol para que se demore mais no seu curso. Sendo venenoso, o usam para atordoar o peixe nas lagoas.
Kurobbo, s. vegetal cuja casca amarram nas juntas das crianças, para que cresçam fortes.
Kuroddo, v. jogar o "kuro" na agua. - adj. malduro.
Kuro-ikko, s. um cipó venenoso usado tambem para atordoar o peixe.
Kuroro, v. ter fome; pres. i kuroro nure, j, a kuroro nure ai, u kuroro nure puddui.
Kuroroddo, v. derramar lágrimas.
Kuru, v. nadar. - s. líquido, caldo.
Kuruddu, v. preparar líquido, o caldo, fazer nadar.
Kuruga, s. lagoa.
Kurugo, s. coelho, preá.
Kurugoddo, v. nadar.
Kurugoddo-cttugo, s. uma flecha.
Kuruguga, s. um gavião, um enfeite de penas de gavião.
Kuruguga-akurarareu, s. outro gavião.
Kuruguga-aro, s. penas de gavião que se acham debaixo das asas.
Kuruguga-bari, s. apito dos Apiboregue.

Kuruguga-bokadduare, s. um gavião da mata.
Kuruguga-ikka, s. um arco dos Apiboregue.
Kuruguga-ikkawa, s. a primeira pena das asas do gavião.
Kuruguga-o-borugo, s. pena central da cauda do gavião.
Kuruguga-o-jorubbo, s. vegetal do qual o pai entrega ao filhinho um galho antes de ir à caça e ele o guardará certo que o pai será feliz em matar alguma fera.
Kurugugari, um canto dos Paiwoe, morro "das mesas" no Garça e Poxoreu.
Kurugugu-tugu, uma flecha.
Kurugugu-uwariga, s. topete de gavião.
Kurugogoe, s. um jogo, um canto dos Apibhoregue.
Kurugogoe-ewureguireu, s. um cipó.
Kurugogoe-tu-mauna, s. sin. de beo, siriema, u. nos cantos.
Kuruguttugu, s. borboleta.
Kuruguttoreu, s. cobra cigarra.
Kuru-kujagureu, s. uma fruta vermelha do mato.
Kurureu, s. o líquido, o nadador.
Kurututu, s. coriango grande do cerrado.
Kuruxa, s. marca, sinal, distintivo; v. fazer sinal, marca.
Kuruxe, s. jaboticaba do cerrado.
Kuruxe-i, s. jaboticabeira do cerrado.
Kuttur, adj. pequeno, baixote, redondo.
Kutturireu, s. o pequeno, o baixote, o redondo.

M

Ma, conj. se, condicional. Ex. a pemega modema, se tu fores bom. - também quer dizer: em vez, pois, ex. ipemegare, akire-ma karega, eu sou bom tu em vez (pelo contrario) não.
Maé, adv. sempre. - s. deserto. - adj. longo, comprido.
Maeddo, v. alargar, extender, perpetuar.
Maegoddo, adj. coisa sem abertura. Ex. fpora maegoddo, cercado sem porteira.
Maegoddoreu, s. a coisa sem abertura.
Maere, adv. sempre, amiude.
Maerebboe, s. gen. ser imortal (bom ou mau)
Maereu, s. sem fim. ex. pó maereu, agua sem fim (mar).
Magai-mugaddo, adv. assim - como.
Mago, v. vd. makko.
Mago, v. falar, vozear.
Maigoddo, adv. há pouco, neste momento.
Maigoddureu, s. o novo.
Maiwo, adj. novo, recente.
Maiworeu, s. o novo, o recente.
Makka, adv. muito, bastante.
Makkaddo, v. fazer muito, bastante.
Makkago, um espírito.
Makkagoe, s. certos espíritos.
Makkaguraga, adj. muitos, muitas. - adv. summamente.
Makka, s. macauã (ave).
Makka-o-ojorubbo, s. certo vegetal cuja raiz põem na boca, quando querem falar expeditamente....
Makkigoddo, v. empalidecer, descorar.
Makkigoddu, adj. pálido, descorado.
Makkigoddureu, s. o pálido.
Makko, s. fala, voz. - v. dar, entregar-se á sanção. oferecer ao espírito.
Makkoddo, v. entristecer-se, acobrunhar-se. pres. imaagoddo nure, amaagoddo nure, mak-koddo nure.
Makkoddu, adj. triste, acobrunhado.
Makkoddureu, s. o triste.
Makkogoddo, v. falar. dizer.

Makku, s. dádiva, oferta ao espírito. também quer dizer: entregar-se à sanção de uma lei (castigo) Ex. ro pegare, koddire ure tu magu; fez mal, por isso se entregou (ao castigo). Significa também: entregar. Ex. ure t'onareguedó maragodduddá domingo kege, koddire ure makku, fez trabalhar o filho em domingo, por isso o entregou (ao castigo).
Makkuddu, adj. dado, oferecido ao espírito.
Makkuddureu, s. o dado, o oferecido ao espírito.
Mamori, s. um gafanhoto.
Mamuia, s. um canto dos Bokod.
Mamuiou, s. um canto dos Baad. xeb. - adj. bonito, bem feito.
Mamuiatugu'exeba-uttugo, s. uma flecha dos Baad. xob.
Managaddoddu, s. redemoinho de vento.
Manna, s. irmão maior (assim dirão os homens).
Manna-ero, s. folha de lixeira.
Manna-i, s. lixeira; deste pau carbonizam a raiz e esfregam o pó no rosto contra os maus espíritos.
Mannaguru-i, s. arica (árvore).
Manna, s. vento suave.
Manno, s. um jogo dos espíritos, consistente em correr, levando as costas uma pesada roda de talos de caeté (palmeira). - um passarinho. - sin. de okkogue, dourado, u. nos cantos.
Mann'o, s. coco de burití.
Manno-akkurarareu, s. dança em círculo carregando uma pequena roda de talos de caeté, - sin. de akkurara, pacú, u. nos cantos.
Manno-aru, s. folha de caeté.
Manno-xoio, s. sin. de poru, jáú, u. nos cantos.
Manno-daga, s. casca de coco de burití.
Manno-dagareu, s. trança muito miudinha que enfeita as flechas, parecida com a casca de coco de burití.
Manno-geve, s. sin. de jugo dogu'ettore, filhotes de poico, u. nos cantos.
Mannoia, u. nos cantos para indicar certos enfeites de Bakororo.
Manno-kodda, sin. de awara, estrada, u. nos cantos.
Manno-kora, s. talo de caeté.
Manno-kurugogoe, sin. de orari, peixe pintado, u. nos cantos.
Mannori, s. um morro.
Mannopa, s. costas, dorso; um papagaio.
Manno-pá, s. lugar onde se preparou o jogo do "manno".
Maragaddo, s. uma borboleta.
Maragaddo-biagareu, s. outra borboleta.
Maragaddu-o-jorubbo, s. vegetal que, na costumiada forma, usam nos assaltos dos inimigos.
Maratabbo, adv. depressa.
Marau'erubbo, s. vegetal com cujas folhas esfregam os lábios, para ter boa fala.
Mare, conj. mas, porem, e.
Maregue, s. antiga tribu.
Maregu'ettuo-reu, s. araticum grande.
Maregu'ewari, s. um canto fúnebre u. p. toda a tribu.
Mariddo, s. um jogo; burití (palm.), roda de talos de burití usada no jogo: - sin. de ki, anta, u. nos cantos.
Maridd'aiguru, s. folhas de burití.
Maridd'ai-rugu, s. broto de burití, quando já começou a abrir.
Mariddobbo, s. o burití antes que apareça com o tronco liso.
Maridd'ekku, s. cacho de burití.
Maridd'oga, s. pé do talo de burití.
Maridd'ogareu, s. azulão (pássaro), telha.
Mariddo-guru, s. buritizal.
Mariddo-tabo, sin. de mariddo guru, buritizal u. nos cantos.
Marrid'iru, s. fibra de burití.

- Mariddo-kuru**, s. vinho de buritf.
Maridd'oro, s. folha de buritf ainda fechada.
Mariddo-tauge-dogue, s. canto dos Iwag.
Mariddo-urugureu, s. sin. de attubbu, cervo, u. nos cantos.
Maridd'uttugu, s. flecha dos Iwaguddu.
Mariegue, s. feras lendarias.
Marigui, s. uma fruta do mato.
Mariguiddo, s. cabeçuda (palm.), guariroba do cerrado (palm.).
Marigu, inter. depressa, vamos.
Mariguddu, adv. faz tempo, antigamente.
Marigudduren, s. o antigo, o velho.
Mariguregueddo, s. boróro valente. pl. mariguregue.
Mariguru, sin. de ittuguru. cabeceira, u. nos cantos.
Marugo, s. avó.
Marugoddo, s. lagarto. - palavra para assustar as crianças.
Marugodd'ukke-jorubbo, s. vegetal cujas folhas mastigam para ter voz grossa e contra dor de cabeça.
Marugoddo-uppogureu, s. lagarto peludo.
Marugori, s. um morro.
Maruie, s. concha comprida e pontuda.
Mataddo, adj. tolo, estúpido, ignorante.
Mattadureu, s. o tolo, o estúpido.
Matto, adv. aqui, vem cá.
Maxe, s. pernilongo (mosquito).
Maxeiao, s. nome de varios rios.
Maxe-kigaddureu, s. outra especie de pernilongo.
Me, lado, beirada.
Mé, s. fumo.
Mea, s. cotia.
Mea-aro, folha de fumo.
Mosboe, s. uma abelha.
Meabbo, s. um macaco.
Mé-ikka, s. planta de fumo.
Mé-otto-getta, v. acender o cigarro.
Mé-paru, s. cigarro aceso.
Meardu, v. amar.
Mé-riga, s. assim o bari chama o cigarro nas funções.
Mé-roga, s. cigarro não aceso.
Mearuddai, v. pensar. - s. pensamento.
Mearuddu, v. escutar, ouvir, entender.
Mearuttoru, v. acreditar, orer.
Mearuttorureu, s. quem acredita.
Meddugo, s. tatú.
Meddugoddo, v. vd. mettugoddo.
Mega, s. metade, parte.
Megera, s. chefe, cacique, fem. megeraga.
Megeraddo, v. eleger cacique, chefe.
Megi, adv. de lado.
Me-gioddo, v. virar de um lado para outro.
Me-giore, adj. inclinado, caído de lado.
Meibbo, adj. curvo de baixo de um peso.
Meibboreu, s. o curvo de baixo de um peso.
Meippo, s. beira da rede de pescar.
Meio, s. gêmeos, aleijado.
Meioreu, s. o aleijado.
Mekki, adv. de lado, torto.
Mekkido, v. torcer, entortar, virar.
Mekkirc, adj. torto.
Mekkiureu, s. o torto.
Mekku, vd. meio.
Mekku, s. uma especie de marimondo.
Mekkgue-eppewa-kaddureu, s. uma flecha dos Baad. xeb.
Mekkgue-ettugu, s. varias flechas dos Baad. xeb.
Meraga, adj. fino, estreito.
Meragaddo, v. fazer fino, fazer estreito.
Meragaddureu, adj. de corpo hem feito.
Meragaddureu, s. o de corpo bem feito.
Meragareu, s. o fino, o estreito.
- Merekke**, s. coco que não chega ao desenvolvimento natural. - adj. criança, brincalhão.
Mereruginno, s. um canto dos Bokodori.
Meri, s. sol; fio, corte, gume; u. passarinho. - adj. travesso.
Meri-baraiaddodda, s. meio dia.
Meri-barattaiaddodda, s. meio dia.
Meribbo, s. um rio lendario.
Meri-boppe, adj. teimoso, cabeçudo.
Meri-butta, s. o lugar onde se deita o sol.
Meri-butto, s. por do sol.
Meruddabbo, s. um gato selvagem.
Meriddo, v. afiar, amolar.
Meriddogue-enno-jorubbo, s. vegetal usado como contraveneno e conhecido por poucos boróros.
Meridogu'ettuo, s. um espirito mau.
Meri-gettuia-peddu-gittu, fr. quando o sol está para se por.
Merigi, adv. hoje.
Meri-jokkurea. - s. uma flecha dos Baad.
Meri-jokkuregare xoreu, s. uma flecha dos Kie.
Meri-jokk'urugu, s. luz do sol.
Meri-jokki-moia-dogue, um jogo.
Meri-kagege, adv. meio dia.
Meri-kaiare-dogue, s. um canto dos Baad. xeb.
Meri-o-jorubbo, s. agitam diante do sol os galhos deste vegetal para evitar a insolação.
Meri-porira, s. enfeite da cabeça.
Meri-rekodd, adv. à tarde.
Meri-rekoddugoddo-tabo, adv. quando está para entrar o sol.
Merireu, s. o travesso.
Meriri, s. metal. - brinco de metal em forma de mei lua; o belo, bom. adj. resplandecente.
Meriri-jaruru, sin. de boiaruru, trovão, u. nos cantos.
Meriri-geraguddu, sin. de boeraguddu, u. nos cantos.
Meriri-ikka, s. um arco dos Paiwoe.
Meriri-ikkodoreu, s. metal que tem asas, isto é, avião.
Meriri-ikku, s. fio de metal.
Meriri-ikku-bataru, s. telefone.
Meriri-ikku-paru, s. estação telegráfica.
Meriri-ikku-paru-kegeu, s. telegrafista.
Meriri-iwara, s. instrumento para furar.
Meriri-kigao, s. brinco de metal.
Meriri-kuru, s. vidro, espelho, garrafa.
Meriri-makkoreu, s. gramofone, radio.
Meriri-renna-dogue, s. um canto dos Baad. xeb.
Meriri-urugu, sin. de geraguddu, luz do relâmpago, u. nos cantos.
Meri-rugo, s. um espirito mau, certo animal.
Meri-rutto, s. nascer do sol. - adv. de manhã.
Meri-urubbo, s. esfregam no rosto as folhas deste vegetal, para não sentir o calor do sol.
Meri-uppogua-urugo, s. o por do sol quando do astro se vê só uma pequena parte.
Meri-uttugo, s. raio de sol, uma flecha dos Baad. xeb.
Meri-wuororo, s. curruira (passarinho).
Mero-o-jorubbo, s. vegetal, cujas raízes na forma de costume, usam contra as doenças, esfregam as folhas na ponta das flechas, para acertar o alvo.
Meru, s. caçada particular; arraia pequena. - v. caminhar, caçar.
Meru-hororo, s. uma aldeia dos Kie.
Merure-tu-boru-tabo, v. recuar, caminhar de costas. prea. i meru nure i poru tabo, a meru nure a poru tabo, meru nure tu boru tabo.
Meruri, s. um morrinho cônico nas margens do rio Barreiro onde se acha a Colonia Indígena do S. Coração de Jesus. Significa: morro da arraia.
Metterogueddu, s. parente menor de idade seja irmão ou sobrinho.

Mettoro, s. um peixe, um cipó.
Metto-toddau, uma comida que costumavam fazer.
Mettu, adj. firme, seguro.
Mettuddu, tinta preta de genipapo.
Mettuddureu, s. fruta cachorro.
Mettuddureu-ikka, s. planta da fruta cachorro.
Mettugo, s. pomba.
Mettugoddo, v. cansar.
Mettugoddu, adj. cansado.
Mettugoddureu, s. o cansado.
Mettug'ukke-jorubbo, s. vegetal cujas raízes na forma de costume, aplicam ao cocco das crianças para crescerem.
Mettugubbo, um rio lendário.
Mettugu-guiri, s. pomba rolinha.
Mettugu-kobbottoreu, s. pomba rola.
Mettuia, s. companheiro, amigo, igual.
Mettureu, s. o firme, o seguro.
Mi, v. fechar; pres. i nure mi, a nure mi, u nure mi.
Migui-migui, s. lambeolho (mosquito).
Mitto, adj. um, uma.
Mittogoddo, adv. uma só vez; um após outro (caminhar).
Mitto-mitto, adv. um por vez.
Mittotuge, adv. um só.
Mittu, adj. fechado, entupido.
Mixegue, s. uma especie de formiga.
Mixi, s. uma especie de cará amargo.
Mixigui, s. cousa pontuda.
Mixiguiru, s. pequena flecha das crianças.
Mixiguireu, s. o pontudo.
Mixigu, s. cestinho trançado com folhas de buriti.
Mixori, s. cipó imbé.
Mo, s. peito.
Modde, sufixo para formar o futuro do verbo.
Mogo, s. genitais da mulher.
Mogoregueddo, morador pl. mogoregue ou mogo dogue.
Moguddu, v. assentar-se. pres. i nure i moguddo, a nure a moguddu, u nure tu moguddo.
Mokkuiaio, s. carrapatinho.
Mokkurara, s. tesoureiro (passarinho), um vegetal do cerrado.
Mokkureabbo, s. coriango (pássaro).
Mokkureabbo-agareu, s. coriango topetudo.
Mokkureabbo-kareu, s. coriango grande.
Mokkureabbo-o-ovorubbo, s. vegetal usado para que as crianças aprendam logo a caminhar e serem alegres.
Mokkuro, s. seio.
Mokkuro-kuru, s. leite.
Mo-koddo, s. peito.
Mojappo, s. junta das clavículas.
Monno, adj. exquísito.
Monnoreu, s. o exquísito.
Moockoddo, v. ter azia.
Moockoddu, s. azia.
Mo-ottoreu, s. um peixe.
Mori, s. vingança, retribuição, paga; croatá (vegetal).
Moribbo, s. especie de jaguar.
Moribbo-dogue, s. um jogo.
Moriddo, v. vingar-se, retribuir, pagar. pres. i nure moriddo, a nure moriddo, u nure moriddo.
Moriddo-gehba, s. vingador.
Moric-nogureu, s. cipó usado para não serem vencidos nas pelejas com a onça e facilmente encontrá-la.
Morora, s. torax, espinhaço.
Motto, s. terra, chão.
Motto-ao-pori, s. bola de terra.
Motto-ao-to, s. montão de terra.
Motto-boddu-dogue, s. um jogo.
Mottoia, s. cova, buraco.
Mottoinddo, fazer cova, buraco.

Motto-oia, s. centro da terra.
Motto-pé, s. lama.
Motto-poro, s. qualquer buraco no chão.
Mottore, s. bacaiuveira (palm.);
Motto-ri, s. tijolo, adobe.
Motto-tori, s. torrio de terra.
Mottu, adj. belo, bonito. - v. desejar; pres. i moddu nure, a moddu nure, mottu nure.
Mottuddo, v. enfeitar-se.
Mottuddu, adj. pesado. - o verbo "pesar" exprime-se com a frase: mottuddu bogai. Ex. ac'aiuodda mottuddu bogai; olha, procura o peso.
Mottuddureu, s. o pesado.
Mottureu, s. o belo, o bonito.
Moxi, s. lepra, morféa.
Moxie, s. casançã (vegetal).
Mu, adv. uma cousa debaixo da outra, mas não no chão.
Mugu, s. assento, morada, casa.
Mugu, v. estar, morar.
Mugudda, v. assentar-se. pres. i nure i mugudda, a nure a mugudda, u nure tu mugudda.
Mugugoddo, adj. baixo, pequeno.
Mugugoddoreu, s. o baixo, o pequeno.
Muiao, s. uma abelha. pl. muiaue.
Muiao-bori, s. favo de mel.
Muiao-borireu, s. achopé (abelha).
Muiao-motto-taddague, s. abelha que mora no chão.
Muiaue-boriregue-erubbo, s. usam os galhos deste vegetal para fazer fumaça e afugentar as abelhas.
Muiaue-ewori, cera de abelhas.
Miao-kuru, s. mel.
Muiao-xereu, s. pai de mel (abelha).

N

Na, particula usada quando, no falar, não vem logo a palavra. - adv. talvez?
Nabure, s. arara vermelha.
Nabure ao, s. brinco de penas.
Nabur'eke-jorubbo, s. vegetal cujas folhas mastigam para ter boa voz.
Nabure-ikka, s. um arco dos Aroroe.
Nabure-oro-bari, s. apito dos Aroroe.
Nabureri, s. paredão no rio Pogubbo.
Nabure-uttugo, uma flecha dos Aroroe.
Nako, s. rio lendário.
Nanna ou Nonna, adv. ali. - inter: toma.
Naragoddo, v. perguntar.
Nawu, aquele; fem. naudo; pl. naugue.
No, s. coco de aguassú.
Noa, s. semente de aguassú; lamedouro.
Noa-guru, sin. de noa, lamedouro, e roto kuru, atoleado, u. nos cantos.
Noa-guru-bororo, s. antiga aldeia dos Aroroe.
Noa-ireu, s. amendoim.
Noa-kaguru, s. azeite de coco de aguassú.
Noa-koddo-i, s. cedro (árvore).
Noa-kuddu, s. farinha da semente de aguassú.
Noa-kuru, s. um jogo; barro do lamedor; agua suja de barro, hedida dos aroe.
Noareu, s. um peixinho.
Noari, s. barro seco; camada de barro na beira do rio. (barreira).
Noa-rogo, s. caruncho de coco.
Noa-atto, s. caroço de aguassú.
Noa-atto-beguru, s. coco de vez.
Noa-atto-ennogo, s. coco em formação.
Noa-atto-gaguru, s. caroço de coco carcomido.
Noaddaga, s. casca de coco.
Noa-anno-kobbo, s. coco pequeno.
Nogueddo, s. criança. pl. nogue kugure.

Nogua-areddu, s. menina. pl. noguare kogure.
Nogua, s. faixa para carregar criança.
Noiddo, s. aguassú (palm.).
Noidd'ai, s. folha de aguassú.
Noidd'ekku, s. cacho de cocos.
Noidd'ogua, s. talo seco de aguassú.
Noidd'oia, s. palmito de aguassú.
Noidd'oia-onaregueddo, s. envólucro do cacho de aguassú, quando pequeno.
Noiddo-kugu, s. mingau de aguassú.
Noiddo-kugureu, s. aguassú nova.
Noiddo-kurireu, s. coco da Baía.
Noidd'oro, s. folha nova de aguassú.
Noiddo-rogoddu, s. envólucro do cacho já crescido.
No-koddotoro, s. pão de coco.
Nonnogo, s. urucum em geral (vegetal).
Monnogo-awuru, s. fruto de urucum.
Nonnogo-ikka, s. planta de urucum.
Nonnogo-ikka-guru, s. urucuzal.
Nonnogo-kaguru, s. urucum com gordura, ou azeite.
Nonnogo-kuru, s. urucum em massa pura.
Nonnogo-reu, s. um arbusto semelhante ao urucum.
Nonnogo-ri, s. urucum misturado com cera.
Nonnogue-taogoddoreu, s. um cará do mato.
Nori, s. um peixe, sono.
Nori-kori, v. cochilar.
Nuddo, v. dormir.
Nuddo-goddo, v. adormecer.
Nuiaio, v. sonhar.
Nuiaiu, s. sonho.

O

Ó, s. dente, itto, akko, t'ó; broto novo de cana e taquara; socó (pass.); pai, i ogua, ao, uo, xeo, páo tao, eo. -pron. ter. pass. sing. seu, sua, dele, dela.
Ô, s. rabo.
Obado, v. por o "ba".
O-bari, s. um apito dos Baad. xob.
O-baru, s. o pé do cipó de cará.
Obe, s. parente.
O-biri, s. couro das costas dos animais.
Obuddu, vd. opuddu.
O-dogue, s. um jogo.
Oeido, v. morder.
Oeiddoddu, s. tempo em que mordeu.
Oeguddo, v. morder (usado quando se interroga).
Oekku, s. piolho.
Oekku-ba, s. lenda.
Oexereu, s. matrinhão (peixe).
Oexeregue-iao, s. nome de varios córregos.
Ogia-kuri, s. escorpião, caranguejo.
Ogureu, s. o áspero.
Oguari, v. rir.
Oguarigodilo, v. sorrir.
Ogue, pron. poss. seus, suas, deles, delas.
Oialilo, v. fazer centro de qualquer cousa.
Oia, s. centro, sinal, marca, mancha.
Oiadoddao, s. um objeto que ocupa o centro.
Oiaidodilaoreu, s. o que ocupa o centro.
Oiagu, s. cauda de ave.
Oiagairu, sin. de kuge, mutum, u. nos cantos.
Oiakkoddo, adv. demais.
Oiakkoddu, s. âmago (especialmente dos frutos).
Oiara, s. filamento interno das frutas.
Oiaraddo, v. riscar.
Oiego, s. canto fúnebre de toda a tribu; sin. de aiddo, alegria, u. nos cantos.
Oigari, v. gritar, - s. grito, barulho, alteração.
Oiogariddo, v. vd. oiogari.
O-ikka, s. um arco dos Baad. xeb. e xob.
Oinna, adv. assim.

Oinna-kurigé, adv. logo, agora mesmo.
Oinna-kuri-matto, fr. aqui depressa.
Oinnanna, adv. assim mesmo.
Oinnoddo, adv. vd. oinna.
Okke, s. uma especie de araruta (vegetal); curva de uma mata ou de um rio.
Okkea, v. desear uma cousa. - s. parte de frente de todas as cousas.
Okki, v. odiar, alterar.
Okkíro, v. murmurar.
Okkirureu, s. o murmurador.
Okittua, v. avisar, aconselhar, pres. innoguitua nure, akkoguitua nure, okkittua nure.
Okkittuadda, v. vd. okkittua.
Okkiwa, s. capivara.
Okkiwabo, s. um afluente do Pogubbo.
Okkiwa-bure-akkea, s. um brinco dos iwaguddo dogue.
Okkiwa-o-jorubbo, vegetal venenoso.
Okkiwareu, s. rato.
Okko-adduia-ai, s. um canto dos Bok.
Okkodau, enfeito do beço, inn'ogoddau, akk'ogoddau, t'ogoddau. indef. okkodau.
Okkoddu-i, s. figueira.
Okkogue, s. peixe dourado.
Okkogue-aregue, s. dourado pequeno.
Okkogue-bakkororo-dogue, s. um jogo.
Okkoguebbo, s. um rio legendario.
Okkoguebbo-bororo, s. uma antiga aldeia dos Bokkodori.
Okkogue-xoregue, s. um jogo.
Okkogue-xoregue-uttugo, s. uma flecha dos Kie.
Okkogue-iao, s. um afluente do Pogubbo.
Okkogue-eiga, um arco dos Bokkodori.
Okkogu'ekkureu, s. flor de cambará.
Okkogue-ekureu-bokkugiu, s. cambará do cerrado (vegetal).
Okkogu'ekkureu-i, s. cambará.
Okkogu'ekkureu-kaworureu, s. cambará de flor azul.
Okkogu'erubbo, s. vegetal que, na forma de costume, applicam contra qualquer doenca.
Okkoguetoreu, s. um cipó.
Okkori, v. doer. - s. carne ensanguentada que fica pregada na pele de qualquer animal depois de esfolado.
Okkoriddo, ferir, pres. i nure ittogoriddo, a nure akkogoriddo, u nure togoriddo, inf. okkoriddo.
Okku, s. flor, toca (buraco) de paca.
Okkuddo, v. ter compaixão, ter dor. pres. innoguddo nure, akkoguddo nure, okuddo nure; gerner de dor.
Okkuddu, s. pena, compaixão. - adj. compassivo; inutil, atoa.
Okkuddugo, v. ter ou sentir compaixão, perdoar.
Okkuiagu, adj. muito brincalhão.
Okkura, s. queixo, mento; innokkura, akk'ogura, okkura...
Okkura-bu, s. barba.
Okkurebboe, s. flor.
Okkuroddo, v. amadurecer.
Okkuroddu, adj. maduro.
Okkuroddurebboe, s. fruto, espinho (doença).
Okkuroddureu, s. o maduro.
Okkua, s. labio; inn'ogua, akk'ogua, okkua; lobinho; aba do chapéu; orla do vestido; boca de cesta, beira, margem. v. perder-se pres. i ogua nure, a ogua nure.
Okkua-arugureu, s. uma especie de trança.
Okkuabbi, v. beijar. pres. i nure innoguabi, a nure akkoguabi, u nure toguabi, inf. okkuabi; lambar.
Okkuabidda, s. lugar onde se beijou.
Okkuabiddu, s. tempo em que se beijou.
Okkuabú, v. dar quanto se possui, entregar tudo.

- Okkuabbuddu**, s. o tempo em que se entregou tudo.
- Okkua-bagoddu**, adj. um pouco azedo, azedo.
- Okkua-bagoddureu**, s. o azedo.
- Okkua-biaddo**, v. chupar.
- Okkua-biaddoddu**, s. tempo em que se chupou.
- Okkua-bitto**, v. vd. okkuabbi.
- Okkua-boareu**, s. peixe cascudo.
- Okkua-boareu-o-jorubbo**, s. um vegetal venenoso.
- Okkua-boro**, s. orifício do beijo.
- Okkua-bu**, bigodes.
- Okkua-bukkege**, s. diz-se de uma cousa que está adiante de uma outra.
- Okkuabu-kege**, v. acalmar, aconselhar.
- Okkua-bu-kurireu**, adj. barbudo.
- Okkua-ureuio**, s. canto dos Aroroe.
- Okkua-xobbogeu**, s. labio superior.
- Okkuaddo**, v. perder. pres. i nure toriga (faca) okkuaddo, a nure okkuaddo, u nure okkuaddo.
- Okkuaddoddu**, s. tempo em que se perdeu.
- Okkuaddogue**, s. um jogo.
- Okkua-durigui**, v. bocejar, pres inn'ogua durigui nure, akk'ogua durigui nure, t'ogua durigui nure.
- Okkua-gibba**, vd. okkua kege
- Okkuague**, v. comer. pres. inn'oguague nure, akk'oguague nure, okkuague nure...; okkuague megi, fumar.
- Okkuaguaddo**, v. fazer comer, dar de comer. pres. i nure inn'oguaguaddo, a nure akk'oguaguaddo, u nure t'oguaguaddo...
- Okkuaguaddodda**, s. o lugar onde se come, refeitório, sala de jantar.
- Okkuaguaddoddu**, s. tempo em que se come.
- Okkuague-kuri**, s. comilão.
- Okkua-guiguiddo**, v. rir-se
- Okkua-guiri**, v. mamar
- Okkua-guiriddo**, v. vd. okkua-guiri.
- Okkua-guiriddoddu**, s. tempo em que se deu de mamar.
- Okkua-iwararuenge**, s. borá canudo (abelha).
- Okkua-jorubbo**, s. chá de frade (vegetal).
- Okkua-ja-kurireu**, s. mandoguarí (abelha).
- Okkua-jaruru**, sin. de pái, bugio, u. nos cantos.
- Okkua-kemmo**, v. estar com vontade de falar, de experimentar alguma cousa.
- Okkua-kiddo**, v. querer muito bem a uma pessoa ou cousa.
- Okkua-kigaddureugue**, sin. de jugo, porco do mato, u. nos cantos.
- Okkua-kidde**, s. o civilizado.
- Okkua-kori**, v. injuriar, falar mal, gritar.
- Okkua-koriddo**, v. fazer gritar, fazer falar mal.
- Okkua-koriddodda**, s. lugar onde o bari faz suas cerimônias.
- Okkua-koriddoddu**, s. o gritar proprio do bari em função.
- Okkua-kugu**, v. molhar na gordura ou no azeite uma iguaria.
- Okkua-koguo**, v. fazer comer uma iguaria molhada na gordura ou no azeite.
- Okkua-maguddo**, v. pedir.
- Okkua-maguddureu**, s. o pidão.
- Okkuamm³i**, s. jequitibá (árvore).
- Okkuammie**, s. um cinto das mulheres; em-bira em que envolvem a criança recém-nascida.
- Okuammu**, s. fruto de jequitibá soprado.
- Okkuammuddu**, v. soprar.
- Okkuammu-dogue**, s. uma abelha, um jogo.
- Okkua-motto-dogue**, s. uma abelha.
- Okkua-o-jorubbo**, s. vegetal com cujos galhos batem-se as pernas, para ter resistencia nas longas viagens.
- Okkua-pagaddo**, v. provar. pres. i nure inn'ogua pagaddo, a nure akk'ogua pagaddo, u nure t'ogua pagaddo...
- Okkua-pagaddoddu**, s. o tempo em que se provou alguma coisa.
- Okkua-pega**, v. xingar.
- Okkua-pegaddo**, v. fazer xingar.
- Okkua-pegaddoddu**, s. o xingador.
- Okkua-pu**, s. baihna, orla.
- Okkua-puddo**, v. embaihar, por orla. pres. i nure okkua-puddo, a nure okkua-puddo, u nure okkua puddo...
- Okkua-rere**, s. um canto de toda a tribu.
- Okkuariguddu**, s. malfeitor.
- Okkuaro**, s. evaporação, cerração.
- Okkuaru**, s. tatú peludo.
- Okkuarugareu**, s. certa trança.
- Okkuarugureu-manna**, sin. de jatugugo, piabassá, u. nos cantos.
- Okkuaru-o-jorubbo**, s. vegetal cujas folhas, jogadas adiante de si, afastam o perigo das cobras.
- Okkua-tabo**, adv. um pouco antes de.
- Okkua-toddau**, s. botão.
- Okkuatugu**, v. abotoar; referir, aguardar e nestes últimos dois casos, é seguido por "bo-gai".
- Okkuantou**, s. união de duas cousas.
- Okkua-ukke-jorubbo**, s. vegetal com cujas folhas preparam um chá contra a tosse.
- Okua**, v. perder, exprimindo sempre o nome do objeto ao qual se pospõe. ex. itariga okkuare, perdi minha faca. — perder-se, pres. i ogua nure, a ogua nure, okua nure...
- Okuaddo**, v. fazer perder. pres. i nure i oguaddo, a nure a oguaddo, u nure t'oguaddo...
- Okuaddodda**, s. lugar onde se perdeu.
- Okuaddoddu**, s. tempo em que se perdeu.
- Omea**, s. oferta, presente.
- Omeareu**, adj. e s. generoso.
- O-meri**, s. corte, fio de qualquer ferro.
- O-meriddo**, v. afiar.
- O-meri-rakka**, vd. moxi.
- O-muwu**, s. dente incisivo.
- Onna**, adv. atoa, por nada. — s. parte do corpo umano debaixo do braço até ao cotovelo; espina do abdomen no peixe. v. ganhar, ajudar.
- Onnaboe**, s. cousa atoa.
- Onnaddo**, v. proteger.
- Onnagoddo**, v. estar pronto para qualquer coisa; ser destinado — it'onagoddo nure, akkonagoddo nure, onnagoddo nure.
- Onnagoddu**, adj. pronto para qualquer cousa.
- Onnagoddu-reu**, s. o pronto para qualquer cousa.
- Onnaguin**, s. um caço de folhas que as mulheres põem entre o cesto e as costas.
- Onnaguru**, s. ventre do peixe + carne das ancas dos animais.
- Onna-onnare**, adv. atoa mesmo.
- Onnareguaddo**, s. criança, filho, filha.
- Onnatugé**, adv. atoa.
- Opo**, s. nádega.
- Opori**, adj. enrolado.
- Oporiddo**, v. enrolar.
- Oporora**, s. cadeiras.
- Oppuddo**, v. agonizar, soluçar.
- Oppuddu**, s. soluço.
- Opuddureu**, s. o agonizante.
- O-ra**, s. dente molar; uma erva aquática; varzea de grande extensão.
- Orari**, s. peixe pintado.
- Orarige**, s. variedade de pintado.
- Orari-mogo-dogue**, s. denominação de uma parte da grande tribu boróro.
- Ore**, s. pl. filhos, filhotes; tocanguira; um piriquito.
- Orea**, s. rolo.
- Orea-gugoddo**, s. penas novas das asas dos pássaros.
- Oreddo**, s. esposo, homem casado.
- Oredduge**, s. esposa, casada.
- Ore-iuri**, s. ninho de nhandaia.

Ore-maregue, s. antiga tribo.
Ore-nogua, s. orifício das casas das formigas tocanguiras.
Oreere, s. nome que os boróros dão aos brancos.
Orexereu, s. tocanguira preta grande.
Orewadda, sin. de boennoroe e boe einnoe. enfeite em geral, u. nos cantos.
Ori, anhum preto.
Oro, s. filhote.
Oroaribbo, sin. de paga dogue, rios, u. nos cantos.
Oroaribbo-kurireu, s. Rio Araguaia.
Oroaribbo-uaiga, s. canto dos Bokod.
Oroe, s. trastes.
Oroe-kurixigoddo, v. fazer-se rico. pres. i nure inn'oroe kurixigoddo, a nure akk'oroe kurixigoddo, u nure l'oroe kurixigoddo...
Oroereu, s. o rico.
Orogoe-erubbo, s. vegetal cujas folhas as mulheres usam para facilitar o parto. Os moços, para ter resistencia em correr.
Orogu, s. veado campeiro.
Orogugo, s. içá formiga carregadora no tempo de desovar.
Orogu-ukke-jorubbo, s. vegetal cujas folhas mastigam para correr como veado.
Orokkuddu-mariddo, sin. de ki areddo, anta femea, u. nos cantos.
Ororiddo-jokki, v. cobrir abafando.
Otta-gagegeu, sin. de tadda, dentro, u. nos cantos.
Ottaku s. cisco que tiram do âmago da palmeira "acori" para recolher a seiva.
Ottara, s. escuma, carne do sovaco.
Otto, s. bico, focinho de tamanduá, qualquer extremidade pontuda; espinho; especie de batata, e neste último caso se escreve: ottó.
Ottobaro, s. uma ave da familia do colheiroiro.
Ottobora, s. fim da trança.
Ottoboraddo, v. rematar a trança.
Ottoboro, o fechar dos olhos para se defender de uma forte luz.
Ottoddai, adv. adiante.
Ottoddaiwu, s. predecessor.
Ottoddaiwugi, adv. ante hontem.
Ottoe, s. carazinho do pantanal.
Ottoei, fr. carregar ou sustentar nos braços tambem no sentido figurado de proteção.
Ottogaiwu, s. parte próxima a ponta de qualquer cousa.
Ottoguege, adv. em frente, de frente.
Ottogeto, v. acender um tição, uma palha, um cigarro (não o fogo).
Otto-gi-gi-gi, s. caruncho do milho.
Otto-guru, s. saliva, gotta de agua.
Ottoibbo, adj. côncavo.
Otto-koddu, s. polpa da fruta.
Otto-kugurigoddo, s. uma palmeira.
Ottomu, v. abraçar. pres. i nure ittoddomu, a nure akkoddomu, u nure toddomu.
Ottomuddo, s. abraço.
Ottoreu, peixe bicudo; couça que tem espinho.
Ottoria, s. concavidade na terra ou na pedra.
Ottori-dobbo, vd. ottoibbo.
Ottorobbaru, s. gancho para colher fruta.
Otto-tori, s. uma passarinho.
Ottou, s. cunhado, innodou, akkoddou.
Otto-waia, sin. de pipi, musgo, u. nos cantos.
Otturo, s. uma batata.
Owearigo, v. lançar, vomitar. - s. vômito.
Owearigoddo, v. vd. owearigo.
Owo, inter. obrigado, agradecido. - palavra usada pelo esposo e pela esposa entre si, para dizer: meu esposo, minha esposa.
Oxa, s. assobio - inoja-akoja-oxa; assobio articulado.
Oxagoddo, v. assobiar assobiar articulando a palavra.
Oxe, s. croatá do cerrado (vegetal).

P

Pa, s. lugar onde jaz alguma cousa; pouso; cama de animais. - pron. de primeira pess. pl.
Paddagu, s. uma fruta.
Paddagu-i, s. uma árvore da mata.
Paddarobbo, sin. de paddaro kuru, escuma d'agua, u. nos cantos.
Paddarogareu, sin. de attugo, pintura, u. nos cantos.
Paddaro-gareugareu, s. o de cor pintada.
Paddaro-kuru, s. escuma d'agua.
Paddo, v. estar deitado.
Paddu-pagunno, adj. avarento.
Paegue, s. um marimondo preto.
Paeroreu, um vegetal.
Paettaoreu, s. fruta de jangada.
Paettaoreu-i, jangada (vegetal).
Paga, s. córrgo, riacho; mentira. - adv. atoa; sem recompensa; sem proveito; v. esperar.
Pagagi, s. um cará do mato.
Pagagi-ikkureu, s. um cipó.
Pagoddo, v. azedar.
Pagoddu, adj. ácido; azedo.
Pagoddureu, s. o ácido, o azedo.
Pagudda, s. pessoa ou cousa que dá medo.
Paguddo, v. ter medo; pres. i paguddo nure, a paguddo nure, paguddo nure...
Paguddu, s. medo, receio, temor. - adj. medroso, receioso.
Pagudduddoddu, s. tempo em que se teve medo.
Pai, s. bugio. - pron. a nós, para nós.
Pai-ikka, s. um arco dos Paiwoe.
Pai-meriti, s. uma coruja.
Pai-ukke-jorubbo, carvão branco (árvore) cuja folha mastigam para ter voz grossa.
Paiviareu, s. fruta de tamboril.
Paiviareu-i, s. tamboril (grande árvore).
Paiwoe, s. s. um macaco, totem da familia dos Paiwoe.
Paiwoe, s. um das principais familias dos tugaregue.
Paiwoeddo, s. membro da familia dos Paiwoe.
Panna, s. instrumento musical.
Panna-bakkororo, sin. de bukke, tamanduá bandeira, u. nos cantos.
Panna-dogue, s. espíritos bons.
Pa-pa-gi, expressão que usam as mães para ameaçar palmadas.
Para, v. esperar, sossegar, pacientar.
Para-bara, s. um jogo; marreea (ave); um parasita; um canto dos Baad.
Para-bara-dogue, s. um jogo.
Paradda, s. a cousa que balanceia.
Paraddo, v. fazer sossegar, esperar.
Paraddu, v. balançar. pres. i paraddu nure, a paraddu nure, paraddu nure. s. ninho.
Paradduddo, v. fazer balançar. pres. i nure i paradduddo, a nure a paradduddo, u nure tu baradduddo...
Paradduddoddu, s. lugar onde se balanceia.
Paraddureu, s. vagabundo, inconstante.
Paragoreu, s. fruto de araticum.
Paragoreu-i, s. árvore de araticum.
Parai, s. saquinho estreito e comprido de trança.
Para-para, intervalo, vão.
Parareboe-pogugu, inter. possível?!
Para-repo, adj. suficiente, chega.
Parreddo-gurureu, s. uma fruta.
Parreddogurureu-i, s. uma árvore.
Par'ekkerureu, s. uma flecha dos Kie.
Par'ettoboreu, s. um peixe.
Parereu, s. rede para apanhar pacas.
Pari, s. ema (ave).
Pari-ba, s. um enfeite.
Pari-bureagueu, s. cruzeiro do sul.

- Parigogo**, s. jacutinga (ave); sin. de pariko, u. nos cantos.
- Parigogo-xereu**, s. jacú (ave).
- Parikkibotto**, s. leque, abanico de folha trançada.
- Pari-kiogoddo**, s. perdid.
- Pari-kiogoddo-o-jorubbo**, s. vegetal cujas folhas esfregam nos olhos contra o sono.
- Parikko**, s. o grande enfeite da cabeça.
- Pari-o-jorubbo**, s. vegetal com cujas folhas esfregam as pernas para correr muito.
- Parira**, s. instrumento musical.
- Pari-ra**, s. osso da perna de ema u. como enfeite e como arma.
- Parireu**, s. tucum do cerrado.
- Pariri**, s. lage.
- Paritorireu**, s. uma parasita que dá cola.
- Pari-ukke-jorubbo**, s. veget. cujas folhas chupam para correr como ema.
- Pariva**, s. açoita cavalo (árvore).
- Paro-i**, s. faveiro (árvore).
- Paro-ippo**, s. suçupira branca (árvore).
- Paro-meriri**, s. machado de ferro.
- Paro-meriri-i**, s. uma árvore da mata.
- Parori**, fruta de cumbarú.
- Parori-i**, s. cumbarú (árvore).
- Paro-tori**, machado de pedra.
- Paru**, s. principio, começo, cabo, pe de uma cousa; foz, embocadura. - paru kege, em favor.
- Paru-gagege**, adv. ao pé, ao redor do pé.
- Pe**, s. excremento, adj. novo, fresco.
- Peá**, s. peido. - adj. pequenino.
- Pegoddo**, v. peidar.
- Pegugaddo**, v. esmigalhar-se, esmiuçar-se.
- Pearoddo**, s. o sujo.
- Pebbaru**, s. abdomen.
- Pebbo**, s. penugem do abdomen dos pássaros.
- Peddo**, v. repartir, dividir, distribuir.
- Peddobboru**, s. nervo, veia.
- Pega**, adj. ruim, mau, doente, feio, malvado.
- Péga-se**, inter. mau, feio, ruim!
- Pegagoddo**, v. estar próximo a arruinar-se, estragar-se.
- Pegaguru**, s. diarreia.
- Pegareu**, s. o ruim, o mau, o doente, o feio.
- Pego**, adj. molhado.
- Pegoddo**, v. molhar; evacuar, obrar. - no primeiro sentido o pres. é: i nure pegoddo, a nure pegoddo, u nure pegoddo - no segundo sentido o pres. é: i pegoddo nure, a pegoddo nure, pegoddo nure. . . .
- Pegoddu**, s. evacuação.
- Pegoreu**, s. o molhado.
- Pegurara**, s. diz-se de toda raiz fina.
- Peguru**, s. barriga, intestino, tripa.
- Peguru-koddoboreu**, s. livro do bucho dos animais.
- Peguru-kuri**, adj. barrigudo, pançudo.
- Pemmega**, adj. bom, bonito, saboroso.
- Pemmegareu**, s. o bom, o bonito, o saboroso.
- Pemmegaddo**, v. fazer bonito, fazer lindo.
- Pemmegaddoddo**, v. enfeitar-se, asseiar-se.
- Pemegaddodda**, s. o lugar onde se enfeita.
- Pemegaddoddu**, s. o tempo em que se enfeita.
- Pemegareboe**, s. o bem, a bondade, a beleza.
- Pemmo**, s. vareta mágica.
- Pennoria**, s. traga-bosta (coleóptero).
- Pennowo**, s. uma especie de abelha.
- Pera**, s. bunda, nádega.
- Pera-pigi**, adv. do lado oposto, andar do lado contrario um do outro.
- Pera-poro**, s. anus.
- Peretto**, s. barbatana anal dos peixes.
- Peretu**, s. o novo, o fresco.
- Periddo**, s. uma palmeira.
- Peri-nure**, adv. demais.
- Peri-peri**, adj. de varias cores.
- Peri-perireu**, s. o de varias cores.
- Peroddu**, adj. sujo, s. desmentida.
- Perodduddo**, v. desmentir, fazer pouco caso.
- Perodduddure**, s. a cousa desmentida.
- Perodduddureu**, s. desmentidor; o sujo.
- Pia**, s. um gaviãozinho.
- Pigi**, inter. deixa, não mexas af; prep. da, de.
- Piitukku**, inter. silencio, calada.
- Pinnai**, s. tegoura.
- Pio**, s. cera de abelhas purificada.
- Pioddudd'erubbo**, vegetal cujas folhas esfregam na cabeça contra dor da mesma.
- Piodduddo**, s. beija-flor.
- Pioddudd-erubbo**, s. vegetal, que preparado na forma de costume, a mulheres passam sobre o ventre quando grávidas, para que a criança, próxima a nascer, seja bonita.
- Pioddudd'uttugo**, s. uma flecha dos Iwaguddu dogue.
- Piora**, s. cotovelo
- Pippi**, s. piolho; especie de usgo.
- Pippi-ba**, s. lenda.
- Pirire**, s. um macaco.
- Piroge**, s. andorinha.
- Pirogeri**, s. um morro do Pogubbo.
- Piroi**, s. um passarinho.
- Po**, s. agua (sempre usado em união com um substantivo).
- Poari**, s. cabaga, apito usado nas caçadas.
- Poari-borareu**, s. trança.
- Poari-i-reu**, s. coité. (árvore).
- Poari-iwo**, s. taquarinha, que colocada na cabacinha, completa o apito.
- Poarireu**, s. um cipó cujas folhas usam contra dor de barriga; um peixinho.
- Poarireu-i**, s. paineira (árvore).
- Pobbe**, adj. dois.
- Pobbe-ma-geu-metia-boquare**, adj. três.
- Pobbe-pui**, bigi, adj. quatro.
- Pobbe-tu-ge**, adv. só dois.
- Pobbo**, s. agua.
- Pobbo-atturigi**, s. vau, rio raso.
- Pobbo-bitto**, v. secar; abaixar ao nivel normal
- Pobbo-bittogoddo**, v. estar secando, estar abaixando de nivel.
- Pobbo-bittudda**, v. fazer secar, fazer esvaziar
- Pobbo-buttogoddu**, s. agua parada.
- Pobbo-eppa**, s. nadador.
- Pobbogo**, s. veado campeiro.
- Pobbogoreu**, s. saquirana (lagarto).
- Pobboguge**, s. um inseto parecido com o percevejo.
- Pobbo-ja-kuru**, s. poça de agua suja.
- Pobbo-jari**, s. olho d'agua.
- Pobbo-jokki**, adv. rio acima.
- Pobbo-ki**, adv. rio abaixo.
- Pobbo-kô**, adj. agua funda.
- Pobbo-koddoddo**, v. crescer, subir de nivel a agua.
- Pobbo-magaddu**, adj. agua enrespada.
- Pobbo-pagaddu**, s. movimento da agua produzido na superficie por um animal nela mergulhado, sem porem chegar á tona.
- Pobbo-re**, s. s. cachoeira.
- Pobborea**, s. rego d'agua.
- Pobbore-buttu**, s. salto d'agua.
- Pobbore-guiguri**, s. correnteza fraca.
- Pobbo-tu-begaddoddu**, s. ilha.
- Pobbo-utto**, s. ondas.
- Pobbu**, s. pacú (peixe).
- Pobbureu**, s. urubú (ave).
- Pobbureu-o-jorubbo**, s. vegetal, que na forma de costume, usam contra qualquer doenca.
- Poddo**, v. encher de agua uma vasilha.
- Poddodda**, s. lugar onde se vai buscar agua.
- Poddo-ettugoreu**, uma fruta.
- Poddo-ettugoreu-i**, s. um arbusto.
- Poddoe**, s. um peixinho da lagoa.
- Poddoe-tugoreu**, s. uma planta espinhosa.

Poddog-uege, v. por uma cousa por cima da outra, emendar.
Poddogia, s. cipó urumbamba.
Poddu, adj. escondido.
Poddureu, s. o escondido.
Po-akkureu, s. rio S. Marcos, afluente do rio das Mortes.
Poguea-bukegeu, s. um enfeite.
Pogo, s. anhumã (ave).
Pogobbo, s. aboborinha do mato.
Pogoddau, s. joelho; um cará d'água.
Pogoddo, s. gibioia do brejo; um vegetal do brejo.
Pogoddubbo, s. um rio legendario.
Pogoddori, s. um vegetal.
Pogoga, s. cuia.
Pogora, s. perna.
Pogoragiu, s. calça.
Pogoreu, s. um passarinho.
Pogoriwo, s. andorinha do mato.
Pogubbo, s. rio S. Lourenço.
Poguru, s. vergonha, pejo, — v. ter vergonha.
Poguruddo, v. invergonhar, i nure a pogorud-da, eu te envergonho.
Po-jokureo, s. Passavinte, afluente do rio Barreiro.
Pojoddo, v. vd. ippojoddo.
Poiwo, s. canudinho de taquara usado para absorver líquidos.
Pora, s. um vegetal de lagoa.
Pore, s. correnteza.
Porelan, s. um cipó que usam comer.
Pore-guru, s. borbulo d'água.
Porekkuddu, s. enchada.
Porekkudureu, s. vd. porekkuddu.
Pore-kujagureugue, s. mandoguarí vermelha (abelha).
Porero, s. moringue menor.
Pore-xoreugue, s. uma especie de abelha.
Pori, s. pote.
Porigabo, s. moringue.
Poro, s. furo, buraco, abertura, porta.
Porobbo, s. gato do mato.
Poroddo, v. furar, fazer buraco.
Poroddodda, s. lugar onde se fez o buraco.
Poroddoddu, s. tempo em que fez o buraco.
Porogi-i, s. mulata (árvore). — uma aldeia do Pogubbo.
Poroba, s. parte inferior do espinhaço.
Poroto, s. corcunda.
Poru, s. peixe jaú; costas.
Poru-dohbo, s. um rio.
Poruru, s. barulho feito batendo as mãos na água.
Poruruddo, v. fazer barulho com as mãos na água.
Po-uru, s. água quente, nome de um afluente do rio das Garças.
Poxereu, s. água preta. — nome de uma vila na zona garimpeira do rio Poxereu afluente do Pogubbo.
Puddo, v. abaixar-se, curvar-se.
Puddogui, adv. de frente.
Puddoguiddo, v. chegar um em frente do outro.
Pudduga, s. pente.
Pudumi, pron. refrex. ae.
Puga, s. vegetal cujas folhas usavam fumar.
Puguege, adv. ainda, de novo, mais.
Pui, adv. reciprocamente.
Puiatto, adv. encontrar-se cruzando.
Pui-baguege, diz-se de duas pessoas ou cousas uma ao lado da outra.
Puibaguegeddo, v. por um ao lado do outro.
Puibagui, s. desentontro.
Pumegi, adv. paralelamente (com verbo indicando movimento).
Pumegui, adv. estar um ao lado do outro.
Pureni, adv. um atrás do outro.

Pureddo, adv. perto, próximo.
Pureddogoddo, adv. mais perto.
Puredduddo, v. fazer chegar perto.
Purcore, adv. iguais entre si.

R

Ra, s. coluna vertebral do peixe; osso; perna das aves; canto.
Rabodde, vd. radde.
Radde, adv. de veras, em verdade.
Raga, s. nota.
Ragoddo, v. cantar.
Ragodedda, v. levantar-se, fazer levantar. pres. i nure i ragodedda, a nure a ragodedda, u nure tu ragodedda...
Rai, adv. comprido, longo.
Raiddo, v. encompridar.
Raippo, adj. por muito tempo.
Raireu, s. o comprido, o longo.
Raixigo, adj. alto, comprido.
Raixigoreu, s. o alto, o comprido.
Raixigoddo, v. fazer alto, encompridar.
Rakka, adj. forte, duro, consistente.
Rakkaddu, v. fazer forte, fazer duro.
Rakkaguraga, adj. muito forte, muito duro.
Rakkappo, adj. muito forte, muito duro.
Rakki, adj. magro.
Rakkigoddo, v. emagrecer.
Rakkireu, s. o magro.
Rakkittui, adj. muito magro.
Rakkittuireu, s. o muito magro.
Rakkixaru, vd. rakki.
Rakkixarugoddo, vd. rakkigoddo.
Rakkixarugogo, vd. rakkittui.
Rakkixarugoreu, vd. rakkittuireu.
Rakkoja, s. lugar da morada.
Rakkoge, v. estar de pé (pessoa ou cousa).
Rakudila, adv. talvez.
Rammu, v. ferir, machucar gravemente; ferir-se, machucar-se gravemente; mendigar; procurar meio para viver. pres. i nure i rammu, a nure a rammu, u nure tu rammu.
Raporo, s. batuíra (passaro).
Ra-rai-dogue, s. antiga tribu extinta.
Rare, v. "mochari".
Raro, s. folha.
Raru-dogue, s. um canto de toda a tribu.
Rarureu, s. vegetal cujas folhas mastigadas usam contra mordedura de cobra.
Rattiguero, s. raposa.
Rauge, v. tirar, arrancar, descer.
Raugeddo, fazer tirar, fazer descer, fazer arrancar. pres. i nure i raugeddo, a nure a raugeddo, u nure tu raugeddo.
Raugedda, s. lugar onde se tirou, recolheu alguma cousa.
Re, v. correr. — sufixo que acompanha o verbo para formar o tempo passado — serve para formar o substantivo das palavras juntamente com "u". — em outros casos serve como particula de reforço.
Rea, s. tatú liso.
Rea-dogue, s. flegmão; pl. de rea.
Rea-dogue-erubbo, s. vegetal, que na forma de costume, aplicam contra os tumores.
Reai, adv. depois, atrás.
Reaiwu, s. o que vem depois, atrás.
Rean, s. um peixe.
Reao-puddogiu-boiga, s. um arco dos Baad.
Rea-reareugue, s. um marimbondo.
Rebbo, adj. malformado, maltrajado.
Reboreu, s. o mal formado, o maltrajado.
Reddo, v. fazer correr, fazer andar.
Reddodda, s. lugar onde se fez correr, rodar.

Redduddo, v. fazer rolar.
Regugurireu, s. uma formiga.
Reia-reiareu, s. um brinquedo para as crianças.
Rekko, v. levar uma cousa. — s. traira (peixe).
 sin. de korao, papagaio, u. nos cantos.
Rekkobbo, s. lagoa lendaria tambem u. nos cantos.
Rekkoddagi, adv. atrás.
Rekkoddagi, s. o que vem atrás.
Rekkoddo, v. correr, fugir, escapar, desaparecer.
Rekkodda, s. lugar para onde escapou.
Rekkogoddo, sin. de attubo areddo, cervo fema, u. nos cantos.
Rekko-ô, s. dente de traira usado como arma.
Rekko-o-jorubbo, s. vegetal que, na forma de costume, usam contra qualquer doença das crianças.
Rekkuddo, s. um peixe.
Rekkuddos-iao, s. um ribeirão afluente do Garça.
Rekkuddo-kurireu, s. bargado (peixe).
Remmago, v. medir, contar.
Remmagudda, s. lugar onde se mediu ou contou uma cousa | a medida.
Remmaguddu, s. tempo em que se mediu ou contou.
Remmo, v. entrar. — pres. i nure i remmo, a nure a remmo, u nure tu remmo...
Remmo-tô, v. fazer entrar, fincar.
Reo, s. luta. — v. lutar.
Reo-dogue, s. bando de peixe.
Reomoguddo, v. rodear de peixe.
Re-rakkareu, s. corredor.
Rerugoddo, v. dansar.
Rerugodda, s. lugar da dansa.
Reruguddu, s. tempo da dansa.
Reuia, s. dansa.
Ri, adj. forte, duro.
Ria, s. ângulo, canto.
Ribboareu, s. abóbora.
Ri-baa, s. a parte da perna debaixo do quadril.
Riddobbo, adj. côncavo.
Riddu, s. recado.
Riddureu, s. palavra ou cousa enviada como recado.
Rie, s. lobo grande · fruta de lobo.
Rie-ittura-toddu, s. meimendo (veget.)
Rie-o-jorubbo, s. vegetal cujas raizes, mastigam para viverem muito tempo.
Rie-tuddu, s. fruta de lobo ainda verde.
Rikka, s. parte dura na polpa de um fruto.
Rikkagure, sin. de boróro, patio, u. nos cantos
Rikki, adv. em verdade.
Rikkoddu, s. carne da região iliaca.
Rimmao, s. vegetal cuja cascá amarram ao pé contra mordedura de cobra.
Rio-rio, s. uma cigarra; um passarinho.
Ririgo, v. espalhar.
Ririgoddo, v. fazer espalhar.
Ririgoddoida, s. lugar onde se espalhou.
Riru, s. pauzinhos para produzir o fogo.
Riruddo, v. fazer o fogo com o riru.
Ritto, s. tucum (palm.).
Ritto-ikku, s. corda de fibra de tucum.
Riwoddo, s. nhambú (ave).
Riwodd'erubbo, s. vegetal cujo leite usam para cicatrizar feridas.
Riwuddu, s. faixa que usam para carregar pesos nas costas.
Rixo, adj. crescido.
Rixoddo, v. crescer.
Rixoreu, s. o crescido.
Ro, v. fazer.
Rô, cheirar.
Robugo, adj. pequeno.
Robugoreu, s. o pequeno.
Rôddo, fazer cheirar, perfumar.
Roga, adv. ainda (posposto a "kare")

Rogo, adj. pequeno.
Rogoreu, s. o pequeno.
Roia, s. canto.
Roia-eppa, s. cantor; vegetal cuja raiz carbonizada aplicam aos ouvidos para aprender a cantar.
Roia-innoro, s. um canto de toda a tribu.
Roia-kurireu, s. solene canto fúnebre.
Roiao, s. um canto para caçada e pesca; o fim de certos cantos. — v. caluniar.
Roiaoddu, adj. caluniado.
Roiaoddodderer, s. caluniador.
Roiaa, poder, ter possibilidade.
Roiwaddo, v. esforçar-se; ensinar a fazer, auxiliar. pre. i nure i roiwaddo, a nure a roiwaddo, u nure tu roiwaddo...
Roiwaddu, s. quem ensina.
Rokko, s. curimbatá. (peixe); arrote. — adj. pidão. — v. arrotar.
Rokkoc-iao, s. rio dos curimbatás (nome de varios rios).
Rokkoc-nogurareu, s. taquarinha para apito de poari.
Rokkoc-ewoddoreu, s. vegetal que dão às crianças que comem terra.
Rokkowodda, s. lugar onde se brincou.
Rokkowoddo, v. brincar.
Rokkowoddureu, s. o brincahão.
Rokkuddu, v. não conseguir o fim de uma ação.
Rokkuiaa, v. vangloriar-se, — adj. vanglorioso.
Ro-okkuiaa, s. o vanglorioso.
Ro-paga, v. enganar.
Ro-pagaddo, v. fazer enganar.
Ro-pagareu, s. enganador.
Ro-peroddu, s. desmentida das ações (não das palavras).
Ro-perodduddo, — v. fazer desmentir as ações.
Rorebboc, s. perfume.
Roreore, fr. fazer como; ex. a ro modde i roreore. tu farás como eu fiz.
Roreu, adj. cheiroso.
Rorogoddo, s. sujeira.
Rotto, s. barro.
Rotto-kuru, s. lama.
Ru, s. sapo.
Rubbegoo, s. um enfeite.
Rubbrogia, s. fundo da rede para pescar.
Rugaddo, adv. chega, basta.
Rugo, v. desafiar, provocar. ex. arugo-i = avança em mim.
Rugoddo, v. brigar, bater.
Rugodda, s. lugar da briga.
Rugoddu, s. tempo da briga.
Rugoddureu, s. o briguento.
Ruguddu, s. pó, poeira; pólvora.
Ruguddoc, s. cupim (formiga) quando sai da terra voando.
Ruguddu, adj. cinzento, poeirento.
Ruguddureu, s. o cinzento, o poeirento.
Rukke, (pl.) s. moscas.
Rukto, s. catinga das feras.
Rukkowuia, adj. catinguento, fedorento (ofensivo).
Rummaga-i, s. jatobazeiro do campo.
Ruo, s. garganta; caramujo; enfeite.
Ruobbo, s. panelinha de barro.
Ruo-kujagu, sin. de parigogo, jacutinga u. nos cantos.
Ruo-otto, s. nó da garganta.
Ruo-poro, s. laringe, guela.
Ruraa, s. trabalho, obra.
Rureu, s. bargado (peixe).
Ruru, s. trabalho, obra. — v. trabalhar.
Ruruddu, v. fazer trabalhar.
Rurugo, v. afugentar.
Rurureu, adj. meio vesgo; meio sujo (falando de um líquido).

Rutta, s. lugar onde nasce o sol, lug. onde se subiu.

Rutto, v. nascer, subir.

Ruxa, s. caranguejo, um pequeno caramujo de agua.

Ruxexeba, s. um gaviãozinho.

T

Ta, pron. pess. de segunda pl.

Tabbaeddo, s. negro.

Tabbaereu, adj. semelhante a negro.

Tabbó, s. um espirito.

Tabbo-guru, sin. de manno, caeté, u. nos cantos.

Tabo, prep. com

Taddari, s. um cará do mato.

Taddari-manna, s. rio afluente do Pogubbo; cará maior do mato.

Taennagoddo, s. fruta da quina.

Taennagoddo-i, s. quina (árvore).

Tagae, s. anhuema do pantanal (ave).

Tagae-ewari, s. um apito dos Paiwoe.

Tago, pron. poss. segunda pl.

Tagogiu, adj. bom falador.

Tagogo, s. coruja pequena.

Tagui, pron. pess. segunda pl.

Tai, pron. a vós, para vós.

Taibbo, s. cavadeira de pau.

Tai-bokkugiu, s. jacarandá do campo.

Tai-ittura-toddau, s. jacarandá da mata.

Tai-meriri, s. cavadeira de ferro.

Takko, s. cana de açúcar.

Takko-pa, canavial.

Tama, v. ser mau, tapado, preguiçoso. pres. itama nure, akkama nure, tama nure....

Tamigui, s. anhuema do mato.

Tanna, s. uma árvore.

Tannagi, adv. juntamente.

Tanne, s. quero-quero (ave).

Tapira, s. gado vacum.

Tapira-dogue-vidodda, s. lugar onde se mata.

Tapira-dogue-exeba, s. vaqueiro.

Tara, s. uma lagartixa.

Tarae, s. um pássaro.

Tarai, s. um peixe.

Tara-i, s. angelim (árvore).

Taruria, s. espírito mau, urubú rei.

Táuge, v. tirar, apanhar, arrancar. pres. i nure tauge, a nure tauge, u nure tauge.

Taugedda, s. lugar onde se tira.

Taugeddu, v. tempo em que se tira ou apanha.

Tavie-kurireu, s. gaiivota (ave).

Terenna, s. uma fruta do cerrado..

Tettaragiu, s. um enfeite.

To, v. vd. touge, = prep. em, no, nos, nas.

Todda, adv. dentro de.

Toddau, s. um objeto dentro de um outro.

Toddo, s. curicaca (ave).

Toddbbare, s. flecha embotada.

Toddugoddu, s. um canto dos Baad. xeb.

Toe-bitto, adv. logo, imediatamente.

Togui, adv. ao encontro de.

Toguio, s. um cipó espinhoso.

Toguru, s. saliva, cuspo, inno doguru, akko doguru, o toguru....

T'ogua-guiri-kaddo, v. desmamam.

T'ogua-guiri-kaddoddu, s. tempo em que se desmamam.

Toguaré, s. motuca.

To-toi, v. bater levemente, tocar levemente.

Toinou, s. amigo, companheiro, fem. toidda.

Tommugu, s. borraçudo.

Toraiga, s. remo.

Tore-notturu, s. falda de uma serra coberta de grande vegetação.

Tori, s. pedra, morro; barriga da perna; i tori-a tori, utoro...

Tori-akkari, s. morrinho isolado.

Tori-a-rororeu, s. pedra canga.

Toribbe, s. especie de araruta.

Tori-bugu, s. um antigo herói.

Toriga, s. faca.

Toriga-ja, s. baihna da faca.

Torigara, s. braço do Pogubbo no encontro com o rio Cuiabá.

Toriguddu, s. pedregulho.

Toriguru, s. lugar de pedra.

Tori-joru, s. pedra de fogo.

Tori-meri, s. pedra para afiar.

Tori-mo, s. encosta do morro.

Tori-morora, s. nome de um salto d'agua no rio Kogibbo (Barreiro).

Tori-kororogoddu, s. picarra escorregadiça; carrapato quando bem cheio de sangue.

Tori-kuddu, s. ponta, cume de um monte horizonte.

Tori-kuiege, s. diamante.

Tori-kurireu, s. nome proprio de um morro chamado Paredão Grande.

Tori-okua-biri, s. horizonte.

Tori-pega, s. pedra canga.

Tori-wudu, s. pedra usada para quebrar coco; rins.

Toro, adv. para lá. = s. jogo; enfeite de aguassú.

Toroa, s. um gavião grande.

Toroari, s. morro S. Antonio perto de Cuiabá; s. um passarinho.

Toroari-taio, s. canto dos Kie.

Toroddo, inter. olha lá, cuidado.

Toro-paru, s. canto de toda a tribu.

Toru, adj. mosqueado; bem fechado, bem tampado de folhas.

Toruddo, v. mosquear, tampar com folhas.

Toruddodda, s. lugar onde mosqueou, que se fechou, tampou com folhas.

Touge, v. criar, fazer.

Tougedda, s. lugar onde se fez uma cousa.

Touaibbo, s. um canto dos Baad. xeb.

Tu, v. andar. pres. i tu nure, a tu nure, u tu nure; pron. poss. seu, sua, dele, dela.

Tubore-dogue, s. um jogo.

Tubore-iao, s. nome de varios córregos.

Tubore-enno-jorubbo, s. vegetal venenoso.

Tubor'ewari, s. um apito dos Apiboreg.

Tubore-tubore, s. uma borboleta grande; um jogo das crianças.

Tuborexeba, s. tempo em que há abundancia de lambari.

Tuborireu, s. um modo de trançar.

Tuddaru, v. mudar de lugar. pres. i nure ittaru, a nure akkaru, u nure tuddaru....

Tuddo, s. fruta verde.

Tuddoe, s. um jogo.

Tuddorebboc, s. vd. tuddo.

Tuddu, s. um passarinho.

Tugaddo, v. impessoal. quebrar-se; ure tugaddo; u modde tugaddo.

Tugaguri, s. enfeite.

Tugaregue, s. uma das duas grandes divisões da tribu boróro.

Tugaregueddo, s. membro dos Tugaregue.

Tagaregu'tettaio, s. um canto dos Baad.

Tugarexe, s. canto fúnebre de toda a tribu.

Tuguero, s. uma flecha.

Tuguimmo, s. cacete.

Tuguinnoi, adv. sozinho, sem igual.

Tugo, s. flecha, taquarinha.

Tugo-daga, s. as penas da flecha.

Tugo-eppa-boiga-eppa, s. guerreiro.

Tugo-ekkureu, s. uma flecha dos Bok.

Tugo-ko-mugureu, s. uma flecha dos Iwaguddu.

Tugo-ennagogu, s. linha que assegura as asas da flecha. (parte de cima).

Tugo-eppa, s. vegetal cujas folhas esfregam na corda do arco para acertar.
Tugo-girie-dogue, s. um jogo.
Tugogo, s. uma palmeira.
Tugu-iwo, s. a taquarinha da flecha.
Tugo-jukka, s. corte da flecha onde se introduz a corda do arco.
Tugo-kora, s. pé de taquarinha
Tugo-kujagureu, s. uma flecha de varias familias.
Tugo-o-gogo, s. amarradilho que assegura a ponta da flecha na taquarinha.
Tugo-otto-toddau, s. flecha com ponta de osso.
Tugó-paru, s. lugar da colonia Teresa Cristina no Pogubbo.
Tugo-paru-gogu, s. linha que a segura as asas da flecha (parte de baixo).
Tugo-pera-ekkureu, s. uma flecha dos Bokodori.
Tugo-pera-urugureu, uma flecha dos Bokodori.
Tugora, s. flecha com ponta de madeira.
Tugora-bureu, s. flecha dos Baad, xeb.
Tugora-joga, s. ponta da flecha em preparação.
Tugora-ottoreu, s. uma flecha de varias familias.
Tugora-toddobare, s. uma flecha dos Baad. xob.
Tugoreu, s. sapé. (vegetal).
Tugoriwo, s. cana brava. (vegetal).
Tugo-upugogu, s. flecha enfeitada com casca de cipó imbé.
Tugu, v. por (no sentido mais amplo possivel); introduzir, semear, plantar; pensar; neste último sentido se diz: i mearudai tugo (eu ponho o meu pensamento). — adj. nublado, cor escura.
Tuguge, s. casanção (vegetal).
Tugugu, adj. sujo; pronto em executar uma ordem.
Tuguri, s. uma palmeira.
Tuguribbo, s. rio lendario.
Tuiwu-torogo, s. um passarinho.
Tuo, v. impessoal. rasgar-se, partir-se.
Tuogu, s. um lagarto grande.
Tupa, s. um espirito bom; alienigena em sentido ofensivo.
Turo, inter. passa, sai!
Turubbare, s. pato.
Turubbare-kannareu, s. pequena ilha.
Turugaddu, adv. pronto, bem.
Turuguri-turuguri, s. um passarinho.
Turuu, s. coriango avermelhado. (pássaro).

U

U, pron. pess. terceira sing. ele.
Uabbo, s. coração.
Uabbo-xiugugu, s. um gafanhoto.
Uaguru, adj. viajante.
Uagurureu, s. passageiro.
Uariga, s. topete das aves.
Uh, inter. sim.
Ui, s. um peixe. — pron. pessoal.
Uia, s. curva de um caminho, de um rio; curva de uma corda.
Uiaiga, s. um canto de varias familias.
Uia-rega-tuguo, s. um canto dos Baad. xob.
Uia-relu, s. um movimento do corpo na dança durante o canto.
Uiaru, s. vegetal que na forma de costume, usam contra qualquer doenca.
Uieddaga-akku, s. um canto dos Baad.
Uiereu, s. um vegetal.
Uigaga, s. um peixe de lagoa.
Uinna, s. uma pomba.
Ui-o-jorubbo, s. um vegetal venenoso.
Ui-tugo, s. uma flecha dos Bokod.

Ukkigaio, s. um canto dos Baad.; sin. de attubo, cervo, u. nos cantos.
Ukkuie-manna-dogue, s. um jogo.
Ukua, s. raiz.
Ummaguigao, adj. de peçoço grosso.
Unnori, s. e **unnorubo**, dois peixes.
Unnu, adj. desacoçoado, sem brio, sem entusiasmo.
Uobe, s. parente, da mesma familia.
Uppara-koddu, s. carne da parte superior do peito.
Upparo, s. pena da extremidade das asas.
Uppe, s. tartaruga.
Uppetto, s. segunda barbatana dorsal.
Uppou, adj. flexivel.
Uppuiddo, s. raizame.
Uppo, s. fundo; feixe.
Uppoddo, v. enfeixar; agasalhar-se.
Uppoddodda, s. lugar onde enfeixou, agasalhou.
Uppoddogia, s. carne da perna da capivara.
Uppoga, s. carne do vão das pernas.
Uppogoga, s. bico inferior das aves.
Uppogu, s. felpa.
Upporu-bigi, adv. atrás de...
Upporu-gogo, s. um peixe.
Upporu-iuoreu, s. primeira barbatana dorsal dos peixes.
Uppuddo, v. dobrar, pres. i nure coberta u puddo, a nure coberta uppuiddo, u nure coberta uppuiddo...
Ure, pron. terceira pess. junto com a partícula re, ele, ela.
Ureboe, s. usos, costume, regras da tribu.
Uriri, s. calor do fogo.
Uro, vd. nonnogo kuru.
Uru, adj. quente, ardidio.
Urubá, s. lugar onde se queimou alguma coisa.
Uruberi, s. centelha, faísca. — adj. impaciente, irroso. — sin. de tugo boigare, valente, u. nos cantos.
Urubexe, sin. de mé roga, cigarro, u. nos cantos.
Uruddo, v. aquecer.
Uruddodda, s. lugar onde se aqueceu.
Uruddoddu, s. tempo em que se aqueceu.
Urugo, v. ativar o fogo.
Urugu, s. luz, claro.
Uruguddo, v. acender.
Uruguo, sin. de joru, fogo, u. nos cantos.
Uruguro, s. ferrugem.
Urureu, s. o quente.
Ururi, s. endoeirpo.
Utta, s. cabeceira.
Uttabora, s. osso ilíaco.
Uttaboio, sin. de bokkodori, tatú canastra, u. nos cantos.
Uttaenna, s. carne dos animais, perto do osso ilíaco.
Uttoriga, s. barbatana dorsal posterior.
Uttugo, s. bexiga natatória.
Uttugo-koddu, s. carne da perna anter.
Uttuie, s. sua irmã ou prima mais velha. i tuie, a tuie, uttuie.
Uvie, s. sua irmã ou prima menor, seu irmão ou primo menor. ivie, avie, uvie.
Uwaddoddo, v. ensinar; dar ordens, admoestar.
Uwaddodda, s. lugar onde se ensina; aula, escola.
Uwaddoddu, s. tempo em que se ensina.
Uwaddoddo-pega, v. ensinar, dar ordens com mau modo, com arrogancia.
Uwae-ciddoru-borireu, s. jacarandá (zarvore).
Uwaetoreu, s. nome de varios vegetais; serra, serrote.
Uwagueddo, s. genro dele. iwagueddo, awagueddo, uwagueddo...
Uwaiguro, s. barbatana abdominal dos peixes.
Uwai, s. jacaré.
Uwaigu, s. cordão usado pela mulher enlutada.

Uwai-jukko, s. conjunção do omoplata com o ombro.
Uwai-kuru, s. um espírito muito mau.
Uwai-pogureu, s. certa chaga na sola do pé.
Uwoddo, s. as folhas mais novas da planta do fumo; ninho de tatú liso.
Uwoe, adv. aqui.
Uwoge, adv. por aqui.
Uwogo, v. pescar pres. i uwogo nure, a wogo nure, uwogo nure...
Uwoddo-pa, s. lugar da pescaria.
Uwob, inter. que exprime surpresa e alegria.
Uxebae, s. ferida. Ixebae, minha ferida; axebae, tua ferida; uxebae, ferida dele.

V

Vereddu, adj. denso, grande, espesso, corado. ex. boeru vereddu nure, o calor é grande; geu imeddu vereddu nure, aquele homem é corado.
Via-buttu, v. lembrar.
Via-buttodo, lembra-se, fazer lembrar; pres. i nure i via buttodo, a nure a via buttodo, u nure tu via buttodo...
Vigiaddo, v. bradar, gritar.
Vire, v. casar (assim dirá o homem).
Viredo, v. casar, fazer casar (assim dirá o homem).
Vireddoddu, s. tempo em que se casou.
Viridda, v. fazer fileira.
Vonna, sin. de boponna, coxa, u. nos cantos.
Vururi, adj. agri-doce.

W

Wo, conj. para; sempre aglutinado com outra palavra. Ex. a pemegawo, inago oinno, tu para ser bom, falo assim.
Nota. — às vezes se encontrará escrito: "uo", "tuo" ou "tuwo", mas com o mesmo sentido e uso.
Woo, inter. de admiração, de espanto.

X

Xa-ge, adv. logo, cedo.
Xa-guigui, adj. bem amassado, bem socado.
Xa-guiguiereu, s. o bem amassado, o bem socado.
Xai-ge, adv. depressa.
Xuru, adj. fragil, debil, quebradiço.
Xaru-gogo, adj. muito fragil.
Xarureu, s. o fragil, o debil.
Xe, pron. pess. nós. — prep. para, e neste caso é aglutinado a uma outra palavra. Ex. pagoxe, para nós.
Xebba, sufixo para indicar um fim determinado de uma pessoa ou cousa. Ex. adugo dogue xebba, matador de onça.
Xebbegui, adv. rio abaixo.
Xebboere, inter. diacho.
Xeddo, v. levar. — s. poder — mando.
Xeddo-matto, v. trazer.
Xereu, adj. preto.
Xibbae, s. arara vermelha.
Xibbaeciari, s. nome de um morro no Pogubbo; ninho de arara vermelha; sin. de baimannagugegu, rancho central da aldeia, u. nos cantos.
Xibaettawaddu, s. um canto dos Apibbor.
Xibbae-wari, s. um apito dos Bokod.
Xibbaibbo, um rio lendario.
Xiemagu, v. indigitar. s. uma dança.
Xigigi, s. alma de gato (pássaro).
Xinoruddo, v. livrar, salvar — pres. inure iki-noruddo a nure akinoruddó. u nure xinoruddo.
Xio-xio, s. uma fruta.
Xiwabbo, s. japuira (pássaro).
Xiwabboe-ettaiaiga, s. um enfeite.
Xiwage, s. urubú de cabeça vermelha.
Xo, adj. preto, sujo.
Xobboge, adv. em cima.
Xobbogeu, s. o que está em cima.
Xobbugui, rio acima.
Xoddo, v. sujar, fazer preto.
Xoddu, adj. velho.
Xoddureu, s. o velho.
Xomoroi, adv. em baixo.
Xoreu, s. o preto, o sujo.
Xukku, s. golpe de instrumento cortante.
Xugui, s. tucaninho.
Xugui-uttugo, s. uma flecha dos Apibboregue.
Xurui, s. um papagaio.

Nomes próprios dos Orarimogodogue

No corpo do vocabulário, encontram-se poucos nomes próprios dos Orarimogodogue, cujo elenco, embora incompleto, damos a seguir. Eles tem não pequena importância etnográfica, porque os nomes são estritamente hereditários entre os membros do mesmo clan ou família.

Por isso vão catalogados conforme o clan ao qual pertencem. Por quanto possível, os acompanha o significado.

Quando um nome masculino tem o correspondente feminino, encontra-se entre parêntesis o sufixo para o formar. — Ex. Adugo enau (do) quer dizer que o feminino é Adugo enaudo. Bakoro burekia (reudo) quer dizer que o feminino é Bakoro burekiareudo. Maro (roddo) indica que o feminino é Maroroddo.

NOMES DOS EXERAE

Família dos *Baadageba Xebeguiugue*

A

Addugo enau, mas. (fem. do) couro de onça enfeitada de penas.
Addugo xereu, mas. (fem. do) onça preta.
Aroe kurireu, mas. (fem. do) espírito grande.
Attubo ukiga kori, mas. (não tem fem.) cervo galheiro macho.
Atturua ribugu, mas. e fem.

B

Babixo, mas. (não tem fem.)
Baadageba, mas. (fem. do) dispositor da aldeia.
Bakkoro akkaru, mas. (não tem fem.) seu nome Bakkoro.
Bakkoro burekia, mas. (fem. reudo) Bakkoro com enfeite de butore ao pé.
Bakkoro kuddu, mas. (não tem fem.) Bakkoro que grita.
Boiaddou, mas. (fem. do) aquele do centro.
Bokodori ikauwa, mas. e fem. enfeite de tatú.
Bokuaddorireu, mas. (fem. do).
Bokuja, mas. e fem.
Boppe joku, mas. e fem. olho de boppe.
Boro bugu, mas. e fem. como enfeite de boro.
Boro bukegeu, mas. (fem. do) morto quando fazia o enfeite boro.
Boro eruddu, mas. e fem. o enfeite boro que se levanta.
Boro kagegeu, mas. (fem. do) o enfeite boro que está no meio.
Bukiga kuri, mas. (fem. reudo).
Burekia, mas. (fem. reudo) enfeite buttore no pé.

E

Eviriga, mas. (fem. do).
Exerae ekennau, mas. (fem. do) flor dos exerae.

I

Ipparexebba, mas. (fem. do) vencedor dos moços.
Itturare, mas. (fem. do) da floresta.

J

Jakorowari, mas. e fem.
Joware eruddu, mas. e fem. o bichinho joware que se levanta.
Joware ettaga, mas. e fem. cabeleira do bichinho joware.
Joware kiogo, mas. e fem. joware ave.
Joware kuri, mas. (fem. reudo) joware grande.

K

Kaiaxebba, mas. (fem. do) tocador de tambor.
Kiangadare, mas. (fem. do).
Ko kujagu, mas. (fem. reudo) pescoço vermelho.
Kuddoropa, mas. (fem. do) matador de arara preta.
Kuiaori pigiu, mas. (fem. do) que vem do morro kuiaori.
Kuira, mas. e fem.
Kurugugoo ettoigare, mas. (fem. do) possuidor do enfeite do gavião kuruguga.

M

Meri bugu, mas. (não tem fem.) como o sol.
Meri enau, mas. (fem. do) flor do sol.
Meri jokurea, mas. (fem. do) raio do sol.
Meri kuri, mas. (fem. reudo) sol grande.
Meri kuja, mas. e fem.
Meritribbo, mas. e fem. rio do metal.
Meri tawara, mas. (fem. reudo) caminho do sol.

N

Noua pai eppa, mas. (fem. do).

O

O attugo, mas. e fem. pintura do socó.
O gugaru, mas. e fem. socó da arcia.
O ikkare, mas. (fem. do) arco do socó.
Okkogue ewuddore, mas. (fem. do) enfeite de buttore dos doirados.
Okkugue kurireu, mas. (fem. do) doirado grande.
Okkoguere, mas. (fem. do).
O kuadda, mas. (fem. go) proprio do socó.
O meru, mas. e fem. caminho do socó.
O mugu, mas. (fem. reudo) socó assentado.
Ora jokkiu, mas. (fem. do) que desce do rio ora.
O tadda, mas. (fem. go) dentro do socó.
O xereu, mas. (fem. do) socó preto.

R

Rekko kujagu, mas. (fem. reudo) traira vermelha (peixe).

T

Taipu rai, mas. e fem. amarralho comprido de cabelos na nuca.
Toriga are, mas. (fem. do) possuidor da faca.

U

Uaboreu, mas. (fem. do) possuidor do bapo.
Uwai eppa, mas. (fem. do) matador de jacaré.
Uwuddoreu, mas. (fem. do) possuidor do enfeite buttore.

X

Xibbae ettoiaddou, mas. (fem. do) do meio das araras xibae.

Familia dos *Baadageba Xobuguiugue*

A

Akkaruio, mas. (fem. roddo) afamado.
Akkaruio bokkodori, mas. e fem. afamado com enfeite de bokodori.
Akkiri koddureu, mas. (fem. do) penugem que voa.
Arua bororo, mas. e fem. patio arua

B

Bakkoro ekureu, mas. (fem. do) bakkoro (nome de um berói) amarelo.
Bakkoro paraddu, mas. (fem. reudo) bakkoro dansante.
Bakkoro uwuruia, mas. e fem.

Bokkodori erugo, mas. e fem. beleza do tatú canastra.
Bokkodori kurireu, mas. (fem. do) tatú canastra grande.
Bokkodori paraddu, mas. (reudo) tatú canastra dansante.
Bokkuarebo, mas. e fem. agua do bicho bokkuare.

E

Eigoware, mas. (fem. do).

I

Ikuxereu, mas. (fem. do) cordel preto.
Itubbore toguiu, mas. (fem. do) smelhante ao berói Itubbore.

J

Jerigui ottogiu, mas. (fem. do) ponta de lenba.

K

Kaiware enau, mas. (fem. do) flor da vareta do tambor.
Ka okkoguc, mas. e fem. beleza do tambor.
Kiddoe xebba, mas. (fem. do) matador de periquitos.
Kie xebba, mas. (fem. do) matador de anta.

M

Mamuiague xebba, mas. (fem. do) matador dos Mamuiague.

O

O kurireu, mas. (fem. do) socó grande.

P

Pariko are, mas. (fem. do) possuidor de pariko.
Paiwoe xebba, mas. (fem. do) matador de peixe paiwoe.
Pegagoe xebba, mas. (fem. do) matador de pegagoe (marimbondo).
Poareppa, mas. (fem. do) matador de indios poare.
Poddoja tou, mas. (fem. do) no cipó urumbamba.

T

Tabo xereu, mas. (fem. do) especie de paca preta.
Toro kiareu, mas. (fem. do) enfeite toro barulbento.
Tuguika, mas. (fem. reddo).
Turuguddu pigiu, mas. (fem. do) que vem da cinza.

X

Xibbae xebba, mas. (fem. do) matador de araras xibae.

Familia dos *Kiè*

A

Aigo ennu, mas. (fem. do) flor de onça parda.

B

Bai bugu, mas. e fem. como casa.
Ba ikkare, mas. (fem. do) arco com enfeite de ba.
Bai kurireu, mas. (fem. do) urubú rei grande.
Bapo attugo, mas. e fem. chocalho pintado.
Bapo kurireu, mas. (fem. do) chocalho grande.
Bapo xereu, mas. (fem. do) chocalho preto.
Bokkodori xereu, mas. (fem. do) tatú canastra preto.
Bokuaddo-i kuddau, mas. (fem. do) debaixo do jatobá.

E

Eko gebba, mas. (fem. do) matador de gente.
Ero kuri, mas. (fem. reudo).

J

Jure atugo, mas. (fem. reudo) pintura de sucurí.
Jure kuri, mas. (fem. reudo) sucurí grande.
Jure xereu, mas. (fem. do) sucurí preto.

K

Ka xereu, mas. (fem. do) tambor preto.
Ki bakkororo, mas. e fem. anta grande.
Kieddu, mas. (fem. oroddo) anta.
Kieddu mereddu, mas. e fem.
Kie ettuge, fem. mãi das antas.
Ki kigaddu, mas. (fem. reudo) anta branca.
Ki kurireu, mas. (fem. do) anta grande.
Ki xereu, mas. (fem. do) anta preta.
Kurugugari pigiu, mas. (fem. do) que vem do morro do gavião.

M

Maro, mas. (fem. roddo).

O

Oieigo paru, mas. e fem. principio do canto oieigo.
Okkogue xereu, mas. (fem. do) dourado preto.
Orarimogodogue exebba, (fem. do) matador de boróro.

T

Toro akkiri, mas. e fem. toro (enfeite) com penugem.
Toro kia, mas. (fem. reudo) toro (enfeite) barulhento.
Toro paruddu, mas. e fem. toro (enfeite). balancante.
Toro tadda, mas. (fem. go) dentro do toro.

Familia dos *Bokkodori*

A

Akkigu iepa, mas. (fem. do) fiador.
Akkirio bororo, mas. e fem. patio enfeitado de penugem.
Akkirio ikkare, mas. (fem. do) arco enfeitado de penugem.
Akkirio kuri, mas. (fem. reudo) grande enfeite de penugem.
Akkirókagegeu, mas. (fem. do).
Araruga paru, mas. e fem. barra do rio araruga.
Arigáo kigaddureu, mas. (fem. do) cachorro branco.
Aroe ettugo, mas. e fem. flecha das almas.
Aroe ewagu, mas. e fem. abanico das almas.
Aroguia, mas. (fem. reudo) enfeite de penas que chia.
Aromere, mas. (fem. do) doirado pequeno.

B

Bakkujatou, mas. (fem. do) dentro do abanico.
Barame, mas. e fem. um rio.
Barameri pigiu, mas. (fem. do) que vem do barame maior.
Bari ieppu, mas. (fem. do) matador de bari.
Barubo oiagiu, mas. (fem. do) do centro da vargem.
Battaro ekkureu, mas. (fem. do) João pinto (passaro) amarelo.
Battaro xereu, mas. (fem. do) João pinto preto.
Bokkodori akiri, mas. e fem. enfeite bokodori com penugem.
Bokkodori attugo, mas. e fem. cor de tatú canastra.
Bokkodori baru, mas. e fem. principio do tatú canastra.
Bokkodori ekkureu, mas. (fem. do) tatú canastra.
Bokkodori kuddu, mas. e fem. grito de tatú.
Bokkodori cimegera, mas. (fem. go) chefe dos tatús canastra.
Buttugu kuddu, mas. e fem. canto de bemterí (passaro).

E

Ekkureu, mas. (fem. do) amarelo.
Ennaureu, mas. (fem. do) embelezado de penas.
Ennu guiareu, mas. (fem. do) enfeitado de penas que cham.
Ettoiaga, mas. (fem. redo) penas da cauda.
Exerae ekoudda, mas. (fem. go) exerae que se queimaram.
Exerae ettuvie, mas. e fem. menor dos exerae.

I

Ikka akko gemmaru, mas. e fem. som do ikka que procura.
Ikka kuadda, mas. (fem. go) proprio do ikka.
Inno kuri, mas. (fem. innoroddo) nome de um passarinho.
Ikkureru, mas. e fem. corda que balanceia.

J

Jorubbo, mas. e fem. veneno.

K

Kaigu, mas. (fem. roddo).
Kiogo birikkeddo, mas. e fem. pássaro sem penas.
Koe kuadda, mas. (fem. go) proprio do koe (enfeite).
Kogoriga xereu, mas. (fem. do) galo preto.
Koiwo ao kegeu, mas. (fem. do) morador do cupim.
Koiwo kuri, mas. (fem. koiwo roddo) cupim grande.
Koxa, mas. e fem.
Kuddureu, mas. (fem. do) gritador.
Kuogori pigiu, mas. (fem. do) que vem do morro kuogori.
Kunnowuio, mas. e fem. buliçoso como kunno.

M

Merire ekkureu, mas. (fem. do) marreca amarela.
Meriribo, mas. e fem. agua do rio meriribo.

O

Okkogue edugo, mas. e fem. pintura de doirado.
Okkogue eimegera, mas. (fem. go) chefe dos doirados.
Okkogue eiwo, mas. e fem. taquarinha dos doirados.
Okkogue eriguiga, mas. e fem. lenha dos doirados.
Okkogue erugo, mas. e fem. beleza dos doirados.
Okkogue ettuge, fem. mãe dos doirados.
Okkogue ewaguro, mas. e fem. barbatana dos doirados.
Okkogue kigaddureu, mas. (fem. do) doirado branco.
Okkogue kuguri, mas. e fem. doirado pequeno.
Okkogue woddo, mas. e fem. escama dos doirados.

P

Paddaro toguiu, mas. (fem. do) espera da escuma.
Porireu, mas. (fem. do).

T

Taguie reaiwu, mas. (fem. do) que acompanha os súditos.
Taguie ettoguiu, mas. (fem. do) que espera os súditos.
Tobaro eimegera, mas. (fem. go).
Toiaga kuri, mas. (fem. toiaga rodda) cauda grande.
Tugamo ao kegeu, mas. (fem. do) aquele que esta sobre a cana.
Tugo kiareu, mas. (fem. do) flecha que chia.
Tuo utu kuri, mas. só que manda ao pai.

U

Uagu rereu, mas. (fem. do) sitiador.
Uiago meareu, mas. (fem. do) enfeite vermelho.
Ukuie mottuddureu, mas. (fem. do) enfeite pesado.
Upogagareu, mas. (fem. do) possuidor da cuia.
Uruberireu, mas. (fem. do) muito raivoso.
Xennuare, mas. (fem. do) proprio do enfeite bonito.

X

Xibbae eriguiga, mas. e fem. lenha das araras.
Xibbae ewugu, mas. e fem. abanico das araras.
Xibbae iari, mas. e fem. ninho das araras.
Xibbae ikkare, mas. (fem. do) arco das araras.
Xibbaibo, mas. e fem. rio das araras.

NOMES DOS TUGAREGUE

Familia dos *Iwaguddudogue*

A

Ararubo kuri, mas. (fem. ararubo roddo).
Arigao bororo, mas. e fem. patio do cachorro.
Aroia buroro, mas. e fem. pano do cachorro.
Aroia kigaddu, mas. e fem. pano branco.
Aroia kiogo, mas. e fem. pano pássaro.
Aroia kuadda, mas. (fem. go) proprio do pano.
Aroia kujagu, mas. e fem. pano vermelho.
Aroia kurireu, mas. (fem. do) pano grande.
Aroia rutu, mas. e fem. pano que sobe.

B

Barureu, mas. (fem. do) um pássaro.
Buttoreagaddu, mas. (fem. reudo) enfeite huttore pintado.
Buttore akkiri, mas. e fem. buttore com penugem.
Buttorekia, mas. e fem. barulho ds buttore.
Buttore kurireu, mas. (fem. do) buttore grande.

E

Eubagiu, mas. (fem. do)

I

Ittuga kuadda, mas. (fem. go).
Itto kigaddu, mas. (fem. reudo) hombro branco.
Iwaguddu akiri, mas. e fem. penugem de iwaguddu (pássaro).
Iwaguddu attugo, mas. e fem. pintura de iwaguddu (pássaro).
Iwauldu paraddu, mas. e fem. enfeite de folha que balanceia.
Iwoddu reru, mas. e fem. enfeite de folha que dansa.

J

Jakkómea ewoiga, mas. e fem. arco do jakkómea (animal fabuloso).

Jakkómea kago, mas. e fem. jak. do parí.
Jakkómea kiogo, mas. e fem. pássaro jak.
Jakkómea hurireu, mas. (fem. do) jak. grande.
Jakkómea pobo, mas. e fem. rio jak.
Jakkómea tugo, mas. e fem. flecha do jak.
Jakkómea ururgu, mas. e fem. beleza do jak.
Jaruddo attugo, mas. e fem. pintura de bagre (peixe).

K

Karawoe epori, mas. e fem. pote dos karawoe (passarinho).
Kuddurriddureu, mas. (fem. do).
Kugibbo kuri, mas. (fem. kugibo roddo). rio kugibo grande.
Kugibbo mugu, fem. só, morada do kugib.
Kugibbo paru, mas. e fem. barra do kug.

O

Okogue ebou, mas. (fem. do) portador de doirados.
Okogue ennogua, mas. e fem. frente dos doirados.
Okogue ennogua tabou, mas. (fem. do) que vai na frente dos doirados.

P

Paddarogiu, mas. (fem. do) que vai na escuma.
Panna akko, mas. e fem. som do panna.

T

Taddugo kuri, mas. (fem. tadugo rodda) de pintas grandes.
Tugo iwabbe, mas. e fem. flecha canhota.
Tugó kujagureu, mas. (fem. do) um pássaro vermelho.

X

Xibbaeia, mas. e fem.
Xege kurireu, mas. (fem. do) gavião grande (do cerrado).
Xege xereu, mas. (fem. do) gavião preto.

Familia dos *Aroroe*

A

Akko mugureu, mas. (fem. do) o que berra.
Akkiró riddureu, mas. (fem. do) portador de presentes.
Aige akkiri, mas. e fem. aige com penugem.
Aige kuddu, mas. e fem. grito do aige.
Aige kuguri, mas. e fem. aige pequeno.
Aige kurireu, mas. (fem. do) aige grande.

B

Bakkoro mugu, mas. (fem. reudo) assento de bakkoro
Bakkoro uttu, mas. só - bakkoro que foi.
Bakkoro dogue ettuge, fem. só - mãe dos bakkoro.

Bakkororo ikkare, mas. (fem. do) arcos de bakkororo.
Bakugé gagegu, mas. (fem. do) o que vai atrás da casa.
Bakugetu, mas. (fem. do) que vem de trás da casa.
Bakuro, mas. só.
Birimoddo, mas. e fem. pele bonita.

I

Ippare eimegerago, fem. só - a chefe dos moços.

K

Ka aboreu, mas. (fem. do).
Kiogaro kurireu, mas. (fem. do) grande chumaço de penas.
Kittaria, mas. só.
Korao kurireu, mas. (fem. do) korao (papagaio) grande.
Kuiddori pigiu, mas. (fem. do) que vem do morro das araras amarelas.
Kuddugui ekkureu, mas. (fem. do) kuddugui (um macaco) amarelo.
Kuddugui kuri, (fem. kuddugui roddo) kuddugui (um macaco) grande.

M

Manno kurireu, mas. (fem. do) caeté grande (talo de uma folha aquática).
Manno oka kiri, mas. e fem. caeté com ponta enfeitada de penugem.
Mottogeba, mas. (fem. do) trabalhador de terra.

N

Nabure eimegera, mas. (fem. go) chefe das araras vermelhas.
Nabure ikkare, mas. (fem. do) arco das araras vermelhas.
Nabure kuguri, mas. e fem. pequenas araras vermelhas.
Nabure kurireu, mas. (fem. do) arara verm. grande.
Nabure paraddu, mas. e fem. arara verm. dânsante.
Nabureri, mas. e fem. morro das araras vermelhas.

T

Tamigui kurireu, mas. (fem. do) anhuuma grande.
Tarigo ekkureu, mas. (fem. do) queixada amarela.
Tarigo kuri, mas. (fem. tarigo rodda) queixada grande.
Tugaregue exebba, mas. (fem. do) matador de tugaregue.
Tuiare kuri, mas. (fem. tuiare roddo) ariranha grande.

U

Uinna ekkureu, mas. (fem. do) pomba amarela.
Uinna kuddu, mas. e fem. canto de pomba.
Uttagare makkareu, mas. (fem. do) possuidor de muitos súditos.

Familia dos *Apiboregue*

A

- Addugo meri**, mas. só onça sol.
Aedoe ekkureu, mas. (fem. do) rabo (de onça) amarelo
Akkuruio borogue, mas. só.
Ao kugogu kurireu, mas. (fem. do) atadura grande da cabeça (enfeite).
Aroexebba kurireu, mas. (fem. do) aguia grande do Brasil.

B

- Bakkororo pigiu**, mas. (fem. do) que vem de bakkororo.
Borogue, mas. e fem.

E

- Exera ennogua tabou**, mas. (fem. do) que vem na frente dos exerae.

I

- Ikuiebo**, mas. e fem. rio estrela, que parece seja o rio Cuiabá.
Ikuieguiri, mas. e fem. penugem das estrelas.
Ikuie erugu, mas. e fem. esplendor das estrelas.
Ikuie eru, mas. só.
Ikuie ettaga, mas. e fem. cabeleira das estrelas
Ippare eguiri, mas. e fem. penugem dos moços.
Ippare ekiga, mas. e fem. chifre dos moços (enfeite).
Itubore makudda, mas. (fem. go) aquele que deu Itubore (o herói).

K

- Kuruguga**, mas. e fem. gavião.

M

- Meriri akkiró**, mas. e fem. presente de metal.
Meri rutu pigiu, mas. (fem. do) que vem do oriente.

O

- Oka kiareu**, mas. (fem. do) beira que chia.

P

- Panna makudda**, mas. (fem. go) aquele que deu o panna (instrum. music.).
Parabara ekkureu, mas. (fem. do) marreca amarela (ave).
Parabara kuddu, mas. e fem. canto de marreca.
Parabara oro, mas. e fem. filhote de marreca.

T

- Toroa meru**, mas. e fem. toroa (gavião) que caminha.
Toroa xereu, mas. (fem. do) toroa (gavião) preto.
Torowari ekkureu, mas. (fem. do) morro amarelo de (pássaro) torowa.

- Tubore eguguri**, mas. e fem. lambarí pequeno.
Tubore ekkureu, mas. (fem. do) lambarí amarelo.
Tubore ewari, - mas. e fem. apito do lambarí.

Familia dos *Paiwoe*

A

- Aro ekkureu**, mas. (fem. do) pena amarela.
Atturua, mas. (fem. aturua roddo) morro atturua.
Atturua ettuge, fem. só - mãe de atturua.
Atturua paru, mas. e fem. o pé do morro atturua.
Atturua xereu, mas. (fem. do) atturua preto.

B

- Baku paraddu**, mas. (fem. ago) ábanico que balanceia.
Bukke akkiri, mas. e fem. penugem de tamandua.
Butturori, mas. e fem. pedra "butturori".
Butturori atugo, mas. e fem. pintura do butturori.
Butturori kurireu, mas. (fem. do). butturori grande.

E

- Exerae epagudda**, mas. (fem. go) medo os exerae.

J

- Jokkurea xereu**, as. (fem. do) olho riscado de preto.

K

- Kiogo ekkureu**, mas. (fem. do) pássaro amarelo.
Kuiddo kigaddu, mas. e fem. arara branca.
Kuogureu, mas. (fem. do) parecido com flor de "paratudo".
Kuogori, mas. e fem. morro do "paratudo".
Kugo jokurea, mas. e fem. olho riscado de gavião.
Kugo kigaddureu, mas. (fem. do) gavião branco
Meriri baru, mas. e fem. principio do metal.

M

- Meriri ekkureu**, mas. (fem. do) metal amarelo.
Meriri kigaddu, mas. e fem. metal branco.
Meriri kiogo, mas. e fem. pássaro metal.
Meriri kuguddu, mas. e fem. metal mole.
Meriri kurireu, mas. (fem. do) metal grande.
Meriri otoduia, mas. e fem. metal que chegou.
Meriri poro, mas. e fem. metal furado.

T

- Tori bugu**, mas. e fem. como pedra.

U

- Uttoboga ettuge**, fem. só - mãe do espírito uttoboga.
Uttoboga kuddu, mas. e fem. canto do espírito uttoboga.
Uttoboga kuri, mas. (fem. uttoboga roddo) grande espírito uttoboga.
Uttoboga xereu, mas. (fem. do) espírito uttoboga preto.
Uwoigarareu, mas. (fem. do) possuidor do arco pequeno.

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatórias	5
Prefácio	11
Introdução	19
Advertências	23
“Discurso” do boróro <i>Akirio Boróro Keggeu</i>	25
Tradução do “discurso”	27

PARTE PRIMEIRA

NOTÍCIAS ETNOGRÁFICAS

De pág. 29 até pág. 184

PARTE SEGUNDA

LENDAS DOS ORARIMOGODOGUE, EM PORTUGUÊS

De pág. 185 até pág. 262

NOTA : - Para a matéria destas DUAS PARTES, veja-se o
ÍNDICE ALFABÉTICO.

PARTE TERCEIRA

GRAMÁTICA DA LINGUA DOS ORARIMOGODOGUE

Introdução	263
------------------	-----

FONÉTICA

Os sons :

1.º — As consoantes	265
2.º — As vogais	266
3.º — As sílabas	267
4.º — As palavras	267
5.º — O acento	268
6.º — Mudanças fonéticas	269

MORFOLOGIA

As partes do discurso

CAPÍTULO I — *Os pronomes:*

1.º — Pronomes pessoais	273
2.º — Pronomes demonstrativos e artigo	280

	PÁG.
3.º Pronomes interrogativos	281
4.º — Pronomes indefinitos	282
CAPÍTULO II — <i>Os numerais</i>	282
CAPÍTULO III — <i>O nome:</i>	
1.º — A forma do nome	284
2.º — O gênero dos nomes	287
3.º — O número dos nomes	287
4.º — União do nome com os prefixos pronominais possessivos	290
CAPÍTULO IV — <i>O adjetivo qualificativo</i>	292
CAPÍTULO V — <i>Os verbos:</i>	
1.º — A forma do verbo	294
2.º — Modos e tempos	296
CAPÍTULO VI — <i>As palavras invariáveis:</i>	
1.º — O advérbio	298
2.º — A preposição	300
3.º — A conjunção	300
4.º — Outras partículas	301
5.º — As interjeições	301
OBSERVAÇÕES SINTÁTICAS	302
1.º — O nome	302
2.º — A proposição	303
3.º — O período	306
Estudo sobre a lingua ORARI pelo Padre Dr. Antônio Tonelli	308-322

PARTE QUARTA

LENDAS EM LINGUA ORARI COM A TRADUÇÃO INTERLINEAR
EM PORTUGUÊS

Lenda de <i>Aturuaroddo</i>	324
Lenda da inundação (dilúvio)	327
Lenda sobre a origem da água	330
Lenda sobre a origem dos peixes	337
Lenda sobre a origem de um <i>mé</i> , tabaco	337
Lenda sobre a origem do fogo	339
Lenda sobre a origem do vento e da chuva	343
Outra lenda sobre o fogo	347
Fragmento de um “discurso” noturno do cacique <i>Ukeiwaguúo</i>	349
Outro fragmento de “discurso”	350

PARTE QUINTA

CANTOS RELIGIOSOS

Cantos religiosos	351
Ritmo dos cantos	354
Instrumentos musicais	355
O ritmo das dansas	358
O efeito do ritmo sobre as palavras do canto	359

	PÁG.
A estrutura e a lingua dos cantos	360
Práticas supersticiosas para aprender e reter os cantos ..	361
Divisão dos cantos	362

1.º GRUPO

CANTOS PARA A CAÇA E PARA A PESCA

Os cantos para a caça e para a pesca	362
1.º — Canto inicial da caça em lingua <i>Orari</i>	364
Tradução do mesmo	374
2.º — Outro canto inicial da caça em lingua <i>Orari</i>	378
Tradução do mesmo	385
3.º — <i>Kieque bareque</i> com tradução interlinear	387
4.º — Canto sobre a onça morta	388
Tradução do mesmo	390
5.º — Canto inicial da pesca	391
Tradução do mesmo	393

2.º GRUPO

CANTOS PARA OS FUNERAIS

1.º — O grande canto:	
a) Introdução	393
b) Vozes imitativas que precedem o canto	395
Tradução da última parte do canto ..	399
2.º — Canto maior	400
Tradução do mesmo	401
3.º — Canto menor	401
Tradução do mesmo ..	403

VOCABULÁRIO DA LINGUA BORORO

Importante ..	405
Abreviações	406
Observações	406
Texto	407
Nomes próprios dos <i>Orarimogodogue</i> ..	441

ÍNDICE ALFABÉTICO

A		PÁG.
Aborto	45	
<i>Adugo mori</i>	157	
Agonia	153	
Água (criação)	201	
<i>Aige</i> (nota)	52	
<i>Akirio Boróro Keggeu</i> (Tiago <i>Aipobureu</i>)	25, 140, 157, 173, 238	
Aldeamento	34	
Aldeia (construção)	33	
Aldeia (disposição)	35	
Alegria	152	
Algodão (enfeites)	53, 54	
Algodão (tecidos)	55	
Alimentos	66	
Alma (depois da morte)	87, 189	
Alma (imortalidade)	87	
Alma (culto)	120	
Animismo	184	
Anta (repartição)	82	
Antepassados dos clans	31	
<i>Apiburegue</i>	31	
<i>Arago</i>	76	
Arco	68	
Arco (manejo)	75	
<i>Arigau bari</i>	356	
Armas	68	
<i>Aroe eiao</i> (morada das almas) ..	230	
<i>Aroe ennoguagueddodu</i> (refeição das almas)	90	
<i>Aroe kuddu aregodui</i> (dansa do <i>aroe</i> , alma)	92	
<i>Aroe maiwu</i> (nos funerais)	120, 162	
<i>Aroe poari</i>	120, 156	
<i>Aroe</i> (representação)	89	
<i>Aroettawaraare</i> (significado)	268	
<i>Aroettawaraare</i> e o <i>bari</i> (diferenças) ..	133	
<i>Aroettawaraare</i> e o <i>bari</i> (semelhanças) ..	132	
<i>Aroettawaraare</i> na aparição das almas	121	
<i>Aroettaw.</i> como se substitue	133	
<i>Aroettaw.</i> e as cores	131	
<i>Aroettaw.</i> e os sonhos	130	
<i>Aroettaw.</i> (iniciação)	88, 130	
<i>Aroettaw.</i> modo de curar	129	
<i>Aroettaw.</i> rito usado para evocar as almas	128	
<i>Aroettaw.</i> na caça social	79, 125	
<i>Aroettaw.</i> quem pode ser	131	
<i>Aroettaw.</i> e as almas	121	
<i>Aroettaw.</i> e seus poderes	128	
<i>Aroettaw.</i> suas transformações	131	
<i>Aroroe</i>	31	
Arraia (ferrão-arma)	76	
Atavismo	117	
Atribuições dos chefes	137	
Assobio articulado	145	
Autoridade moral dos chefes	135	
B		
<i>Ba</i>	171	
<i>Ba</i> (descrição de Tiago)	173	
<i>Baadagebague</i>	31	
<i>Baimannagueggeu</i>	35	
<i>Baimannagueggeu</i> (significação) ..	261	
Banda de música boróro	357, 360	
<i>Bapo kurireu</i> (chocalho)	355	
<i>Bapo rogo</i> (chocalho)	355	
<i>Baragara</i> (para furar o beicho)	47	
<i>Barae</i> (civilizados)	150	
<i>Bari</i> (feiticeiro)	96	
<i>Bari</i> atribuições	99, 100	
<i>Bari</i> castigos em que incorre	121	
<i>Bari</i> conjuros	110	
<i>Bari</i> contro o <i>aroettawaraare</i>	125	
<i>Bari</i> e a cura das doenças	123	
<i>Bari</i> e as doenças	101	
<i>Bari</i> e a vida política	121	
<i>Bari</i> e <i>aroettawaraare</i> (diferenças) ..	133	
<i>Bari</i> e <i>aroettaw.</i> (semelhanças)	132	
<i>Bari</i> e as doenças das mulheres ..	124	
<i>Bari</i> ensinamentos	110, 119	
<i>Bari</i> escolha	111	
<i>Buri</i> exorcismos	100	
<i>Bari</i> prodígios	122	
<i>Bari</i> "forçado a falar"	113	
<i>Bari</i> influencia	112	
<i>Bari</i> instituição	112	
<i>Bari</i> malefícios	122	
<i>Bari</i> na caça social	80, 125	
<i>Bari</i> na vida social	121	
<i>Bari</i> oferta da carne	124	

	Pág.	U	Pág.
Social (pena)	135		
Social (posição da mulher) ..	166, 179	<i>Uiaddo</i> (representação do finado) .	156
Social (trato)	139	<i>Ukeiwaguuo</i> (caçique)	96, 185
Social (refeição)	91	Urucú	61
Sol (movimento)	97	Urucú. (origem)	197
Sonhos e a mulher	169	Usos familiares	183
Sonhos e o <i>bari</i>	120		
Sonhos e o <i>aroettawaraare</i>	130	V	
Superstição	151		
T			
Tabaco (origem)	211	Vegetais (remédios)	105
Tabacos usados	213	Vento	98
Tamanduá (repartição)	82	Vestido (homem)	52
Tamanduá (lenda)	252	Vestido (mulher)	59
Tecelagem	54	Viagem (família)	168
Tempo (divisão)	98	Viagem (exploração)	244
Tiago <i>Aipobureu</i> (vide <i>Akirio Boro- ro Keggeu</i>)	33	Viagem (de <i>Pari ao</i>)	246
Totem dos clans	139	Viagem (de <i>Uaboreu</i>)	245
Trato familiar	139	Vida do homem (lenda)	260
Trato social	139	Vida futura	90
<i>Tugaregue</i>	29	Vista	144
		Viuvez	50
		Vivacidade dos meninos	152